

**José Ricardo Gallina**

**DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma  
Leitura da Imprensa Sobre o Consumo de  
Substâncias Psicoativas na Sociedade Brasileira**

**Volume I**

**Universidade de São Paulo**

**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP**

**Escola de Comunicações e Artes – ECA**

**Departamento de Jornalismo e Editoração – CJE**

**DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma Leitura da  
Imprensa Sobre o Consumo de Substâncias Psicoativas na  
Sociedade Brasileira**

**JOSÉ RICARDO GALLINA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola  
de Comunicações e Artes da Universidade de  
São Paulo como exigência parcial para obtenção do  
Grau de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Jornalismo

Linha de Pesquisa: Ciências da Linguagem e Mídia

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jeanne Marie Machado de  
Freitas

**São Paulo**

**2006**

**DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma Leitura da  
Imprensa Sobre o Consumo de Substâncias Psicoativas na  
Sociedade Brasileira**

**JOSÉ RICARDO GALLINA**

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Firma \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Firma \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Firma \_\_\_\_\_

Dissertação de Mestrado defendida em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2006

## Agradecimentos

A meu Pai [In memoriam] e minha Mãe, que me lançaram com afeto às estradas por onde viajo ...

A Paulo Gallo [In memoriam], por isso tudo que aprendemos a gostar ...

A Márcia, Gabriel e Alice, que animam a vida e cuja presença me faz falta ...

A Rejane e Sérgio, pela força e moral, meus mestres de infância ...

A Alex, Ruy, Marcus, Eizo, Vicente e Tarcísio, por tantos sons e histórias ...

Às minhas lindas sobrinhas e a Justina, Therezinha, Edaci, Günther, Marta e Mara...

A Jeanne Marie, por saber deslocar alguns 'bricks in the wall' ...

Aos mestres e colegas da ECA: Eduardo, Patrícia, Andréa, Jorge, Cris, Mariana, Valmir, Edna, Luz, Rosana, Regina, Tatiana, Paulo César, Socorro, Mayra, Tarcísio, Marco ...

Ao Neip e ao Homero ...

A Beatles, Yes, Pink Floyd, Genesis, Santana, Mutantes, Emerson Lake & Palmer, Jethro Tull, Rick Wakeman, Caetano Veloso, Mike Oldfield, Novos Baianos, Led Zeppelin, Rolling Stones, Walter Carlos, Black Sabbath, Camel, Pat Metheny, Mahavishnu Orchestra, Egberto Gismonti, B.B. King, Deep Purple, Jimmy Hendrix, Doors, Crosby Stills Nash & Young, Elis Regina, Joe Cocker, Allman Brothers, Jeff Beck, Premiata Forneria Marconi, David Bowie, U2, Stevie Ray Vaughan, Frank Zappa, Brian Eno, Queen, Police, Steve Vai, Iron Maiden, Ozric Tentacles, Metallica ... & Sepultura.

A Mick on my head!

### **DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma Leitura da Imprensa Sobre o Consumo de Substâncias Psicoativas na Sociedade Brasileira.**

O presente estudo faz uma análise sobre os discursos veiculados pela mídia impressa em torno do consumo de substâncias psicoativas no âmbito das tendências culturais instituídas na modernidade e na sociedade brasileira. Reúne 110 reportagens que tratam sobre diferentes produtos e medicamentos, personalidades e questões éticas, para desenvolver uma leitura focalizada à luz das ciências da linguagem, principalmente da teoria psicanalítica.

O trabalho é apresentado em três partes que organizam o corpo teórico e sustentam a hipótese da investigação. A primeira parte discorre sobre a *farmacotimia social*, conceito que aglutina a dissertação, verificando os lugares em que se encontra o consumo de substâncias na cultura. Introduce o discurso medicinal como parâmetro disciplinar e consensual em relação à vida saudável e às virtudes morais. Essa parte também desenvolve uma reflexão sobre o estigma da *droga*, onde consumo e dependência aparecem enlaçados à disposição medicatriz.

Na segunda parte, a dissertação situa a questão da temporalidade no universo do consumo e das culturas do corpo e da juventude emergentes nos últimos séculos. Comenta a dimensão do tempo dentro de uma lógica que aproxima o sujeito de que se trata a uma elasticidade do presente. Com isso introduz a noção da atemporalidade no inconsciente para justificar a peculiar disposição *farmacotímica* e efeitos significantes.

A terceira e última parte consiste na leitura sobre a sistematização dos enunciados extraídos das reportagens, que constitui o *corpus* da pesquisa, e sua implicação quanto aos conteúdos teóricos desenvolvidos nas primeiras partes. A análise se sustenta nas marcas significantes e seus efeitos agrupados em tópicos de investigação, e circunscreve o *sujeito farmacotímico* como sintoma de mecanismos sociais, hipótese do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Imprensa; Psicanálise; Drogas; Discurso; Cultura; Tempo; Linguagem; Consumo; Substâncias psicoativas.

**SPEECHES AND FADING EFFECTS: A Reading on Press About Psychoactive Substances in Brazilian Society.**

**José Ricardo Gallina**

The present study makes an analysis about the information conveyed by the press concerning to the consumption of psychoactive substances in an environment of culturally established tendencies in Brazilian society. It aggregates 110 reports that discuss about different products and medicines, individual e ethical matters, to develop a focalized reading in the light of language sciences, especially psychoanalytic theory.

The piece of work is shown in three parts, which organize theoretical points and give support to the hypothesis of the investigation. The first part discusses the *social pharmacothymie*, concept that concerns the dissertation, exploring locations where one can find a cultural consumption of substances. This introduces medical language as consensus and disciplinary paradigm in reference to healthy life and moral virtues. This part develops a reflection on the *drug stigma*, where consumption and dependence are related to a disposition to take medicine.

In the second part, the dissertation states the matter of temporality in the universe of consumption and of youth and body cultures emerging in the last centuries. It comments on the time dimension inside a logical frame that brings the subject concerned to a present elasticity. From this point, the timeless notion in the unconscious justifies peculiar *pharmacotymic* disposition and significant effects.

The third and last part consists in the reading over the excerpts from the reports, systematized in the *corpus* of the research, and their implications regarding the theoretical contents previously developed. The analysis focuses on the significant remarks and effects united in topics of investigation, circumscribing a *pharmacotymic subject* as the symptom of social mechanisms, the hypothesis of the study.

**KEYWORDS:** Media; Press; Psychoanalysis; Drugs; Speech; Culture; Time; Language; Consumption; Psychoactive Substances.

**DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma Leitura da Imprensa**  
**Sobre o Consumo de Substâncias Psicoativas na Sociedade**  
**Brasileira**

**Índice**

**Volume I**

<u>Apresentação</u>	10
Objeto da pesquisa	12
Método	15
Coda	19
<u>Parte I – Farmacotimia Social</u>	
1. O lugar dos psicoativos na cultura	22
1.1 Ciência dos sonhos [ <i>Traumdeutung</i> ]	24
1.2 Revisão de autores	29
1.3 Sintoma moderno	35
1.4 Desenho cultural	37
2. Dependência e saber medicinal	45
2.1 Disciplina e dietética	48
2.2 Síndrome de dependência	53
3. Estigma e percepção	59
3.1 Discriminação e poder	61
3.2 Sujeito do efeito	65
3.3 Corpo erógeno	67



## Parte II – Elasticidade do Tempo

4. Cultura do corpo e da juventude	73
4.1 De corpo e espírito	76
5. Cultura da consciência alterada	80
5.1 Poder da imagem no mercado do gozo	82
5.2 A relação com o Super-eu	85
6. A lógica atemporal	93
6.1 Da repetição	94
6.2 O tempo como lugar	98

## Parte III – Reportagens Significantes

7. Leitura da imprensa	104
7.1 Discurso e produção do sentido	107
8. Falas que marcam/ Marcas que falam	115
8.1 <i>Corpus</i>	116
a. Razão crítica e disciplinar	116
b. Razão da angústia, ameaça e incerteza	130
c. Razão científica e medicinal	136
d. <i>Sujeito do efeito</i> – sentido da experiência	145
e. <i>Sujeito farmacotímico</i> – sentido do gozo	151
f. Brasil e subjetividade do brasileiro	161
g. Estados Unidos e Europa	164
h. Tempo projetivo – função preventiva	166
i. Tempo retroativo – função histórica	169
9. Efeitos evanescentes	171
9.1 Sistemas e efeitos	173
9.2 <i>Sujeito farmacotímico</i> como sintoma	182
10. Conclusão	191
<u>Referências Bibliográficas</u>	195

## Volume II

### Anexos

Anexo a. Ilustrações	201
Anexo b. Reportagens afins	202
Item I.	202
Item II.	203
Item III.	204
Anexo c. Reportagens significantes	205
Revista Veja [Editora Abril]	205
Revista Istoé [Editora Três]	208
Revista Época [Editora Globo]	212
Anexo d. Amostragem	215

## Apresentação

Is this the real life / Is this just fantasy / Caught in a landslide / No  
escape from reality / Open your eyes / Look up to the skies and see / I'm  
just a poor boy, I need no sympathy / Because I'm easy come, easy go /  
A little high, little low / Anyway the wind blows, doesn't really matter to  
me, to me <sup>1</sup>.

*Bohemian Rhapsody* – Queen

Na noite de 20 de março de 1981, em São Paulo, a maior capital do Brasil, realizou-se um grande concerto de rock. No Estádio Cícero Pompeu de Toledo — sede do São Paulo Futebol Clube – Estádio do Morumbi, reuniram-se cerca de 200.000 jovens e adultos para assistir ao espetáculo do grupo britânico Queen, representante tardio da excelente safra de bandas de rock sinfônico e hard rock dos anos 70. Eventos dessa natureza já eram familiares nas grandes cidades brasileiras. O que marcou esse concerto, entretanto, foi o fato de que a performance foi assistida em vários pontos do Brasil, através de transmissão ao vivo pela TV Bandeirantes. Evidentemente, os aficionados pelo gênero deixaram nessa data uma cifra para os índices de audiência. Em diversas residências, espalhadas pelo país, jovens e adultos agruparam-se diante da televisão e celebraram a maturidade dos espetáculos de rock no cenário brasileiro. Toda uma geração que cresceu dobrando a língua, sacudindo a cabeça, batendo os pés e dedilhando uma imaginária guitarra nos braços, assistiu ao competente hard rock do Queen ao vivo, acompanhados por uma surpreendente iluminação de avançada tecnologia para aquele início dos anos 80. Milhares de cigarros de tabaco e de maconha, carreiras de cocaína, ao lado de cervejas, vinhos e destilados, foram consumidos naquela noite. Simultaneamente, milhões de brasileiros nem souberam ou pouco se importaram com essa apresentação. Milhares tomaram o habitual tranqüilizante para dormir, outros tantos buscaram o sossego nas doses de cachaça, vodka ou whisky, enquanto grande parte da população brasileira ainda resolvia suas pendências cotidianas bebendo chocolate, café, chá, guaraná, tomando ginseng ou chimarrão. No dia 21 de março, muito se comentou sobre o maravilhoso show, vários passaram horas em estado de graça, e centenas voltaram ao estádio para a segunda e última apresentação em São Paulo.

---

<sup>1</sup> Tradução livre: É isso a vida real? / É isso apenas fantasia? / Surpreendida num deslizamento / Não há escape da realidade / Abra seus olhos / Olhe para os céus e veja / Sou apenas um pobre rapaz, não preciso de compaixão / Porque eu vou com a onda / Um pouco alto, um pouco baixo / Não importa como o vento sopra, não importa para mim, para mim.

Esse evento, isolado no cenário cultural de uma cidade das dimensões de São Paulo, a princípio, não deveria significar mais do que um momento de expansão dos espetáculos para grandes multidões dentro do circuito internacional. No entanto, ele nos serve para que sejam introduzidas algumas questões pertinentes ao estudo que se inicia. Ao longo das últimas décadas, a sociedade brasileira vem amadurecendo um processo de assimilação cultural consoante aos avanços tecnológicos e transformações sócio-econômicas em nível global. Como um país do bloco ocidental, o Brasil integra o grande grupo das nações de economia capitalista da América Latina, que reproduz tendências e inovações da indústria do entretenimento cultural, veiculados através das mídias, produzidos e distribuídos de modo hegemônico pelos Estados Unidos, Japão e países da Europa.

Impossível ficar indiferente à esfuziante celebração dos quatro músicos ingleses. Desfilando seus maiores sucessos por quase duas horas, eles freqüentemente conseguiram que a platéia dançasse e se transformasse num gigantesco coro, que mostrava conhecer as letras de diversas músicas. Sinal de que o rock, queiram ou não os puristas, está definitivamente incorporado ao repertório cultural da juventude brasileira <sup>2</sup>.

Ao registrar a emergência cultural, em amplo espectro, que compõe a apresentação do grupo Queen em São Paulo, em março de 1981, tal dado nos leva a investigar outros aspectos, que se referem às atitudes grupais, aos valores e posições dos indivíduos na sociedade brasileira dos últimos cinqüenta anos. A indústria do entretenimento cultural, alimentada pelas técnicas de reprodução fonográfica e imagéticas, e veiculada pela imprensa especializada, tomou impulso derradeiro através da televisão, para uma irreversível disseminação de conceitos no panorama internacional. As estratégias publicitárias e as pesquisas de mercado revelaram-se poderosos meios de produzir e arregimentar platéias, além de qualificar a opinião pública sobre os produtos comercializados.

Concertos de rock tornaram-se programa indispensável no repertório de lazer para uma imensa parcela da juventude em diversos países, desde que os consagrados The Beatles e Rolling Stones revelaram para o mundo seu poder, carisma e a faceta potencialmente revolucionária. A partir do Festival de Woodstock [EUA] e da Ilha de Wight [Inglaterra] no final dos anos 60, a insígnia hippie *love and peace* ganhou o planeta e inclusive ares tropicalistas no Brasil, e a política libertária do corpo e do uso de alguns psicoativos – principalmente alucinógenos - passou a refratar qualquer ideologia que fomentasse abusos na política e o armamentismo.

---

<sup>2</sup> VEJA. São Paulo: Abril, n. 655, 25 mar. 1981, p. 42.

Ouvir rock, informar-se sobre as idéias e atitudes de seus músicos e tentar tocar e ser como eles, passa a ser uma forma fácil de sonho, de fuga, um novo objetivo, um ideal. Não era apenas a música – era a carga com que ela era vestida, as possibilidades de ruptura e restauração que ela anunciava. Na esteira do rock, os cabelos crescem, os contornos de uma ‘cultura marginal’, ‘subterrânea’, se anunciam, com jornais (*Flor do Mal, Presença, Rolling Stone*) e poesia <sup>3</sup>.

O concerto apoteótico da banda de rock foi assistido por milhares de pessoas pela televisão, fato inédito na história desse tipo de espetáculo no Brasil, se comparado aos eventos esportivos transmitidos ao vivo semanalmente, ou mesmo a outros concertos e apresentações, mais voltados ao público adulto. Seguramente, valorizou-se a qualidade da produção, a vigorosa musicalidade e performance dos membros do Queen, os fabulosos efeitos de iluminação e a cobertura da TV Bandeirantes. Pode-se afirmar que o apetite já estava sintonizado ao paladar do prato principal que seria servido na tela do jantar, pois já era conhecido *a priori*. E para muitos o prato principal deveria estar *temperado* com substâncias especiais, como psicoativos, pois nesse cardápio cultural incluem-se especiarias ao gosto do telespectador.

### **Objeto da pesquisa**

A evolução dos recursos tecnológicos e dos veículos de comunicação veio facilitar uma certa difusão de conceitos e atitudes no cenário internacional. As sociedades contemporâneas na alta modernidade vêm manifestando consideráveis mudanças em relação aos costumes e padrões comportamentais ao longo das últimas décadas. Por um largo processo industrial de modernização dos mercados e produtos de consumo, que atingiu a maior parte da população do planeta, desde o final da II Guerra Mundial, em meados do século XX, regrados preceitos morais e valores familiares foram questionados ou atualizados em favor de uma tendência ética individualista inerente a esse mesmo processo.

A importância dos signos de prosperidade e sucesso profissional, a maioria deles expressos na língua inglesa e inseridos no hegemônico sistema capitalista ocidental, passou a orientar uma demanda social indiferente às características etárias e culturais das populações. Surpreendentemente, a atenção em torno de elementos representativos da juventude passou a engendrar estratégias de inovação nos produtos de mercado, na atualização e geração de valores,

---

<sup>3</sup> BAHIANA, Ana Maria. “Importação e assimilação: rock, soul e discotheque”. In: *Anos 70. I. Música Popular*. Rio de Janeiro: Europa, 1979, p. 43.

como se houvesse significativa sintonia entre avanços tecnológicos e uma perspectiva de *renascimento* nos vários campos da ciência e da cultura. A economia mundial, em sua amplitude, convocou uma adaptação global das diversas economias individuais. Os processos decorrentes dessa expansão em nível global, ou *globalização*, tenderam à hibridização das identidades culturais para incorporá-las, de algum modo alheio, em uma nova lógica de relações de mercado que caracteriza a doutrina moderna.

Na era da *globalização*, o pragmatismo induzido pela competitividade de mercado redimensionou os hábitos em função de uma cronologia acelerada, onde a razão da urgência sobre trabalho, consumo e satisfação particulares, prevalece no cotidiano eclipsando parcialmente costumes comunitários mais tradicionais, solidários ou gregários. O imediatismo pela busca de satisfação caracteriza as sociedades da alta modernidade a ponto de transformar alguns hábitos também em objetos descartáveis de consumo. Evidentemente, tais transformações não ocorrem sem certa resistência. Ao se estender para o universo dos laços sociais e dos campos discursivos, essa característica moderna encontra a adversidade dos códigos morais e regras de conduta que constituem diferentes grupos e nações.

A absorção dos modos de consumo, tanto para cada população como para cada pessoa, produz efeitos particulares. Para as diferentes sociedades ou grupos humanos, os hábitos socialmente aceitáveis representam fortes alicerces para a coesão interna e estrutura ética. Dentre eles, os hábitos de ingestão e consumo de alimentos, como também de substâncias psicoativas <sup>4</sup>, estabelecem-se ao longo de séculos, ou milênios, segundo identidades e tradições diferentes para cada povo. Mediante disposição historicamente delineada, consideramos que na atualidade as mídias exercem um papel preponderante na reprodução dos fatores de identificação social, valorizando certos hábitos de consumo ou mesmo priorizando determinados fatos em detrimento de outros. As publicações da imprensa e das redes de informação em geral participam ativamente do processo global, traduzindo, atualizando ou definindo conceitos no painel de mudanças da vida moderna.

Observamos que a imprensa, através das revistas semanais, diz-se formadora de opinião, vem adquirindo ao longo das décadas inegável ascendência moral e política sobre as classes de leitores, polemizando ou determinando de modo arbitrário o que deve ser considerado

---

<sup>4</sup> Substância Psicoativa [SPA]. Comumente conhecida por *droga*, entende-se por *substância psicoativa*, ou simplesmente *psicoativo*, substância química ou farmacológica, encontrada em plantas, fungos ou produzida em laboratório, que ao ser administrada por via qualquer, age sobre o sistema nervoso central [SNC], gerando alterações psíquicas e sensoriais significativas do ponto de vista do estado natural.

justo, saudável, ou até mesmo, *politicamente correto*. Movimenta uma infinidade de variáveis idiossincrásicas sobre os mais diversos assuntos. Porém, mantém coerência lógica em suas linhas editoriais para com as motivações históricas que envolvem as publicações. A imprensa integra um movimento que tem origem na Revolução Industrial, passa por duas grandes guerras, diversos conflitos políticos internacionais, uma incomensurável transformação cultural e tecnológica que culmina nos dias de hoje, colocando toda sorte de produtos e idéias no plano da proliferação da demanda.

Nesse sentido, a imprensa e as mídias em geral consistem em forte parâmetro de normalidade para as sociedades modernas. O poder da informação reveste-se de inegável arbitrariedade, construindo e derrubando imagens, modelos, crenças e personalidades, para todos aqueles que dela dependem. Assim, é considerável a implicação da imprensa sobre a definição de conceitos e regras relacionados aos hábitos e atitudes, como que substituindo e atualizando a autoridade dos pais e mestres de antigamente. Quando se observa nos dias de hoje [século XXI] a quantidade de reportagens relacionadas à saúde, por exemplo, compreende-se a dimensão educativa e disciplinar sobre o que a imprensa implica os leitores.

Exatamente sobre esse aspecto, verificamos que diferentes editoras e publicações no Brasil vêm tratando enfaticamente dos hábitos de consumo de substâncias pela sociedade como matéria jornalística ao longo das últimas décadas. Assim, em edições alternadas, observamos grandes reportagens sobre descobertas científicas acerca do corpo humano e avanços da medicina, ou sobre as tendências ideológicas e comportamentais da juventude, demonstrando que seguir as orientações dos especialistas, e na falta desses, das informações contidas nas reportagens, é a atitude mais sensata que o leitor deve assumir. Avaliando essa vertente jornalística, também muito presente nas publicações internacionais, percebemos que distribui noções regradas e pragmáticas de bem viver, repercutindo ao longo do tempo poderoso caráter disciplinar.

Os hábitos alimentares, os modos saudáveis de relacionamento familiar e as práticas de educação corporal parecem estar sujeitos à orientação ou à ordenação de cuidados preventivos vastamente divulgados através das mídias. Sob esse aspecto, a juventude passou a receber maior atenção da imprensa, seja pelo impacto das novas tecnologias, tendências e atitudes, seja por questões de educação e prevenção que suscitam estado de alerta, o que naturalmente reflete sobre os valores familiares. Diante disso, quando se trata de fazer levantamentos diagnósticos sobre práticas juvenis e atitudes dos jovens da atualidade, entre outros enfoques, quase sempre encontramos índices e referências sobre consumo de *drogas* nas reportagens. As pesquisas normalmente alertam pais e responsáveis para a dimensão problemática

que comporta. Justamente, diante de uma tendência universal emergente pela busca do rejuvenescimento e do prolongamento saudável da vida, tanto enfatizada pelas ciências biomédicas como pelas mídias, encontramos seu contraponto no consumo exacerbado de substâncias psicoativas [lícitas e ilícitas] por jovens de diferentes países, faixas etárias e níveis sócio-econômicos.

## **Método**

Tomando como panorama esses aspectos introdutórios, procuramos fomentar uma discussão a respeito do lugar ocupado pelas substâncias psicoativas na cultura brasileira, inclusive na mídia impressa, enquanto objetos de prescrição, satisfação e repúdio no mercado de consumo. As diversas substâncias que circulam como mercadoria, sejam lícitas ou ilícitas, encontram representações distintas, a depender dos grupos e indivíduos que delas fazem uso. Através do presente estudo pretendemos interrogar e discutir alguns aspectos de como a imprensa aborda o uso de psicoativos, buscando delinear campos de valoração ou de definição ética prevalente na construção das reportagens, e que estão sujeitos a equívocos pela movimentação de outros discursos suscitados pela própria articulação da linguagem. Além disso, atentamos para a utilização de expressões verbais no fluxo do tempo e para as reiteraões significantes independentes em parte de suas matérias de origem.

Esclarecemos que a abordagem utilizada em torno das questões de linguagem, discurso e significante, advém de um determinado percurso psicanalítico, cujos efeitos se pronunciam na dissertação. A noção de discurso encontra sustentação e ênfase na formulação de Jacques Lacan [1994], onde por uma disposição de lugares [agente, outro, produção e verdade], como em fórmulas matemáticas, define quatro tipos de discurso<sup>5</sup>. O que caracteriza basicamente as diferenças entre eles [giro dos discursos] se dá pela movimentação de quatro significantes definidos [significante-mestre (S1), saber (S2), sujeito (\$) e objeto mais-gozar (a)] que ocupam esses lugares. Todo discurso pressupõe uma questão sobre o ser e o objeto, e que ao evocar o desejo remete aos sentidos produzidos em diferentes tipos de laço social. Assim, consideramos que modos de discurso revelam posições subjetivas frente ao objeto em questão, e mediante significantes em circulação, produzem-se efeitos e sintomas. Tratando-se de uma leitura sobre significantes no âmbito das publicações semanais, não definimos o sintoma em particular, porém quanto às disposições sintomáticas coletivas. Esses elementos serão desenvolvidos na terceira

---

<sup>5</sup> Cf. LACAN, Jacques [1969-1970]. *O Seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.



parte do trabalho, onde também será apresentado o texto das reportagens fragmentado em significantes e selecionado como *corpus* para fins dessa leitura.

Insistamos em que o recurso à lingüística que propõe Lacan é o recurso a um modelo teórico e não ao exercício da palavra. [...] A questão não está em centrar-se sobre o fenômeno da fala, mas sim, em poder pensar nos enigmas do sentido seguindo um modelo teórico que nos permita confluir ao problema do simbólico e ao do imaginário, ou seja, ao duplo caráter de toda formação do inconsciente. [...] Assim, a lingüística é importante para pensar o problema das relações e posições em função das quais surge o sentido, e não a função do 'suposto conteúdo' que se encerra na palavra <sup>6</sup>.

Em relação à noção de significante, também convém defini-lo segundo abordagem lacaniana, onde o encontramos como presença de uma ausência, sob panorama genérico, mas que essencialmente é conceituado como aquilo que representa um sujeito para outro significante. Significantes, a partir desse conceito, são desprovidos de sentido e nada significam a não ser quando estão em relação a outros significantes, oferecendo suporte a estruturas subjetivas associadas ao seu encadeamento lógico no tempo. Construções significantes movimentam sentidos a partir de diferenças estruturais, em função de representações tanto sincrônicas como diacrônicas, ou seja, por articulações metonímicas e metafóricas. Um sintoma, ainda que coletivo, assim como um sonho, pode transparecer nas construções significantes por seu caráter de repetição, pois sustentado em um tipo descontínuo de discurso no inconsciente produz comportamentos e atos psíquicos que demandam sentido. Sobre essa questão, apresentaremos adiante certa formalização sobre o modo de aparecimento do sujeito no lugar de um sintoma coletivo ao aproximá-lo da cronologia implicada pela série de reportagens selecionadas da imprensa brasileira.

Para essa finalidade, reunimos todas as reportagens de capa [ou de margem de capa] sobre psicoativos, que envolvem direta ou indiretamente seu consumo, de três importantes publicações semanais [revistas] da imprensa brasileira: Veja [Editora Abril], Istoé - Istoé/Senhor [Editora Três] e Época [Editora Globo]. Foram descartadas propositalmente aquelas reportagens que dizem respeito ao tráfico internacional de *drogas*, às organizações criminosas, suas relações com o Brasil e personalidades brasileiras, cujo relato caracteriza em geral um jornalismo sob pauta policial, com intenção voltada para a investigação e denúncia na busca da veracidade dos fatos e suas interpretações jurídicas. A interrogação fundamental da dissertação recobre questões ligadas à transmissão ou às mediações efetuadas pela imprensa no terreno ético dos hábitos, práticas e liberdades culturalmente sustentadas que perpassam o universo da linguagem. Verificamos pontos

---

<sup>6</sup> CABAS, Antônio Godino. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Moraes, 1982, p. 71.

de ancoragem, suspensão e esmaecimento, e fazemos uma revisão das expressões significantes que envolvem as práticas de consumo no Brasil, ao longo do tempo, buscando recuperar um sistema prevalente de valores e oposições.

Para o estabelecimento do *corpus* da pesquisa, então, foram selecionadas reportagens da imprensa brasileira dos últimos trinta anos, que tratam diretamente das substâncias psicoativas [lícitas e ilícitas] ou de efeitos indiretos sobre o psiquismo, como o caso do medicamento Viagra contra a impotência. Também consideramos matérias sobre produtos de livre comércio onde se encontram substâncias potencialmente tóxicas, que fomentam debates em torno de seu consumo, sobre novidades farmacológicas [psicoativas] e personalidades envolvidas com supostas *drogas*. Ao sistematizarmos os elementos significantes das reportagens, fragmentando os textos, circunscrevemos campos ideativos e definimos esferas paradigmáticas de atuação ou representação desses sobre a realidade. Reunindo os dados investigados, buscamos dimensioná-los no tempo, jogando com a diacronia e sincronia dos significantes nas diversas publicações.

Nos capítulos iniciais da dissertação, trabalhamos aspectos teóricos que permitem observar de modo panorâmico algumas questões referentes ao cultural consumo de substâncias psicoativas. Assim, fazemos uma aproximação breve entre a lógica que historicamente se construiu em torno dessas especiarias, que provocam alterações entre a consciência e a percepção, suas implicações nos últimos séculos, e o campo que concerne à valorização simbólica dos sonhos ou de sua interpretação. Nesse ínterim, a psicanálise freudiana fornece uma possível articulação para introduzir o tema que nos interessa: o que os estados de alteração da consciência evocam no âmbito social, e como isso enfim se reproduz através da mídia impressa. Levantamos também uma relação fundamental entre essas alterações socialmente ameaçadoras, do ponto de vista da medicina moderna, e a hipótese de uma construção da insanidade a partir da ciência, seguindo a ótica foucaultiana dos dispositivos disciplinares.

Essas questões introduzem uma idéia essencial para o campo das mídias que consiste em privilegiar certos dizeres ou de fazer prevalecer paradigmas entre outros costumes e modos de satisfação no seio da sociedade, sem que esses entrem necessariamente em conflito. Assim, definimos culturas que ao longo das últimas décadas vêm se destacando no cenário da *globalização*, fazendo com que nossa temática ganhe forma e sentido através de certas atitudes em vigor. Falamos de uma cultura do corpo, de uma cultura da juventude e de uma cultura da consciência alterada [ou mesmo da embriaguez]. Com tal pano de fundo, entendemos que a análise das reportagens encontra o lastro que necessita, pois não se poderia pensar na mediação

desses artigos sem fundamentar as tendências sociais que os produziram no âmbito da modernidade.

O individualismo ético, no seio do liberalismo das relações econômicas contemporâneas, caracteriza uma visão consumista dos grupos humanos na era da *globalização*, levando a crer que existe espaço para a inclusão de uma cultura da consciência alterada nas mais diversas sociedades, inclusive no Brasil. Questionamos e investigamos, então, uma possível construção discursiva que persiste e sustenta o lugar do consumo das substâncias psicoativas na cultura brasileira, constituindo coletiva *farmacotimia*<sup>7</sup>. A partir da leitura dos artigos e sistematização dos significantes referentes a essas práticas, através da mediação da imprensa, estruturamos assim o que entendemos ser os fatores determinantes da persistência desses hábitos na sociedade. Uma interrogação dissertativa que se revela no tempo. Entendemos que as práticas de consumo dos psicoativos estão assentadas em lacunas do campo da linguagem, produzidas por sua própria inconsistência na formulação da realidade psíquica e na reprodução de experiências de satisfação e sofrimento a elas associadas. Em torno dessa falta, movimentam-se discursos, interpretações, estigmas, ações localizadas e particulares.

A título de hipótese, e como decorrência lógica da circunscrição significativa acima evocada, investigamos a emergência de um *sujeito farmacotímico* [cujo afeto e espírito dilui-se ao efeito farmacológico]. Esse sujeito de uma produção coletiva, não exatamente localizável nas construções discursivas, ocupa o lugar do efeito evanescente e recoberto de sentido, tornando-se objeto passível de identificação e de discriminação. O *sujeito farmacotímico* vem a ser um produto de pura lógica que emerge das cadeias significantes deduzido a partir do trabalho de sistematização e leitura das reportagens. Pura representação significativa, ele está absolutamente imerso aos discursos e fragmentado em letras. Indicamos com isso uma elaboração teórica que se fundamenta na perspectiva enigmática das substâncias psicoativas, como produtos da modernidade que provocam efeitos fugazes e antagônicos, que reiteram e exigem contínua circunscrição simbólica por parte das instituições sociais. Por esse motivo, as reportagens da imprensa brasileira muito interferem no campo de valoração e tradução dessa *farmacotimia social*.

---

<sup>7</sup> Farmacotimia [Do grego: *phármakon* – medicamento, veneno; e *thymós* – espírito, ânimo]. Neologismo utilizado por Sandor Rado [1962] que reúne dois significantes de origem grega, associando disposições espirituais e afetivas aos efeitos farmacológicos das substâncias. O conceito leva em consideração um anseio ou desejo por magia que revela a natureza das adições. Assim, caracteriza práticas que envolvem a absorção voluntária de *psicoativos* no intuito de sujeitar-se aos efeitos particulares de seus princípios ativos. Substitui termos como toxicomania, farmacofilia, drogadição e outros.

## Coda <sup>8</sup>

Em 1981, na semana seguinte ao concerto do Queen em São Paulo, as duas revistas semanais de maior circulação no país até então, *Veja* e *Istoé*, deram destaque aos shows no Morumbi. Em janeiro de 1985, o Queen voltou ao Brasil para duas apresentações na primeira edição do *Rock in Rio*, uma programação que reuniu bandas da potência de Yes, Iron Maiden, AC/DC e outros grandes nomes. Evidentemente, a imprensa cobriu esse evento de forma ampla e com muito entusiasmo. Na correnteza da insígnia *sex, drugs e rock'n'roll*, a juventude brasileira também ganhou espaço e virou notícia. O rock nacional passou a ser aceito, além de obter importante impulso das mídias na década de 80.

A matéria sobre o show do Queen na revista *Veja* [Editora Abril] de 25 de março de 1981 trouxe o título *O rock-espetáculo*. Já no primeiro parágrafo lê-se o seguinte:

Finalmente incluído na geografia dos grandes nomes do rock internacional, o país assistiu, ao vivo ou através da TV Bandeirantes, a um dos maiores espetáculos que o mundo da diversão oferece hoje em dia. Enquanto o rock amplificado promovia o delírio entre os jovens, o impacto visual arrebatava mesmo o mais leigo espectador <sup>9</sup>.

A revista *Istoé* [Editora Três], em um artigo de Wagner Carelli denominado *A arte de administrar o delírio*, também datada de 25 de março de 1981, deu ênfase para a vinda do grupo ao Brasil sob o ponto de vista das estratégias de *marketing*. Considera que o *milagre* de apresentar um vocalista de origem turca, Frederick Bulsara [Freddie Mercury], à frente de uma banda de rock inglesa [Brian May, guitarra; Roger Taylor, bateria; e John Deacon, baixo], obedece a um desses fenômenos de comercialização da indústria fonográfica.

O Queen é um fenômeno executivo dos anos 70. Os especialistas americanos o explicam com a *teoria do vácuo* no rock: um bom grupo desaparece de cena, momentaneamente – no caso, o conjunto inglês Led Zeppelin – e outro, em geral menos exigente quanto ao talento – no caso, ainda o Queen – vai *no vácuo*, como um carro de corrida <sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Coda [do it. *coda*, ‘cauda’]. Fragmento musical acrescentado como apêndice conclusivo de uma peça em que há repetições.

<sup>9</sup> VEJA, op. cit., p. 42.

<sup>10</sup> ISTOÉ. Rio de Janeiro: Três, n. 222, 25 mar. 1981, p. 59.

Em quadro destacado pela reportagem da revista Veja, no objetivo de fazer um breve percurso histórico da banda Queen, o texto eleva o grupo em importância, comparando-o aos Beatles e aos Rolling Stones:

Há pelo menos dois anos o Queen tirou dos Rolling Stones o título de maior e mais popular banda de rock do mundo. Mais jovens que seus antecessores, menos saudosistas dos tempos em que o rock era música de protesto, eles possuem hoje a legião de fãs mais eclética da música pop em termos de idade, nacionalidade e cultura. Nesse ecletismo, só os Beatles os superaram <sup>11</sup>.

Certamente, muitos críticos musicais discordariam de afirmações categóricas dessa natureza sobre as clássicas bandas. No entanto, é digno de nota, que o cenário internacional dos concertos de rock mudou, na entrada dos anos 80, caracterizando a maturidade de uma geração, cuja estética eletrônico-musical não teve precedentes na história das culturas. Associados a ela, os psicoativos fizeram um intercâmbio espiritual [visceral, sonoro, energético, dramático, lisérgico, erótico, magnético, onírico, estético, poético], onde os sentidos diversos de seu consumo ainda não encontram tradução unívoca pelos discursos das mídias. Será que *o sonho acabou* ou está adquirindo novas formas de expressão mediante padrões da recém nascida era da informática?

---

<sup>11</sup> VEJA, op. cit., p. 46.

**PARTE I**

**Farmacotimia Social**

## Capítulo 1

### O lugar dos psicoativos na cultura

Esse *phármakon*, essa 'medicina', esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência. Esse encanto, essa virtude de fascinação, essa potência de feitiço podem ser – alternada ou simultaneamente – benéficas e maléficas.

Jacques Derrida

Quantas vezes escutamos, lemos ou simplesmente lembramos, de algum adulto, falando palavras acalentadoras para o filho amargurado, para a menina triste, sem esperanças, ou para o jovem amigo cheio de ideais: *acredite nos seus sonhos; jamais esquece do sonho que levas em teu coração; não abra mão do seu sonho, pois ele pertence somente a você*. Palavras sábias? Perdeu-se no tempo a origem de tal demonstração de apoio, incentivo ou orientação, mas ainda hoje aparece com tanta frequência em livros de histórias infantis, em publicidades, em letras de músicas e em filmes produzidos por Hollywood, que é mesmo impossível desconhecê-lo. Entretanto, de que sonho se trata, quando alguém se dispõe a lembrá-lo? Poderíamos rapidamente interpretá-lo por desejo, o que tornaria bem palpável para quem o reconhece. Ainda que nos vernáculos encontremos a aproximação do termo sonho ao sentido do desejo ou do ideal [*ser pianista era o seu maior sonho*], no que diz respeito ao sonho evocado nos contos e histórias, existe algo de etéreo, certa incógnita, uma ausência de substancialidade. Constitui antes o estímulo ou a esperança de um particular encontro, ou ainda o apaziguamento à angústia da própria existência. Olhar nos olhos, a voz calma, o abraço amigo, o aperto nas mãos, a crença no poder da perseverança, o pensamento no horizonte, representam um quadro ou imagem de apoio, a motivação do espírito.

Insistimos, ainda assim, em indagar: de que sonho se trata? Buscando alguma forma de resposta, poderíamos pensar nas atribuições do termo *sonho* e do verbo *sonhar*, como se pela própria vivência obtivéssemos uma particularidade que nos levasse a algum sentido. E, exatamente por isso, só conseguiríamos chegar a um sentido em particular. Mais além, reconhecemos que tais atribuições não se referem somente aos *sonhos noturnos*, ou aqueles vinculados ao sono, mas também aos *sonhos diurnos*, esses normalmente associados às fantasias, ao devaneio e ao delírio, à distração, à descontinuidade do encadeamento lógico. Nesses intervalos, descompassos da consciência vigilante, surgem brechas para o sonhar. E que importância teria

esse estímulo ao sonhar? Seria voltado para um sonhar planejado, com conteúdo específico e pré-consciente? Ou seria um simples fluxo de imagens, vozes e idéias advindas no lugar e campo apropriado ao inconsciente? Ou ainda, representaria um estímulo à criação delirante? Independente das condições e sentidos que possamos atribuir ao sonhar invocado pelo outro, na medida em que não conseguimos nos afastar dele, existe aqui nessa simples sugestão uma demanda imperativa: *jamais despreze sua capacidade de sonhar.*

Abandonar os próprios sonhos, a princípio, significaria sucumbir às tramas que a ordem social impõe a cada um. Permitir que discursos disciplinares e pressões advindas dos outros ocupem nossos espaços psíquicos e ações, não respeitando a autonomia dos pensamentos, a exemplo dos próprios sonhos, a garantia de privacidade, liberdade, individualidade. Abandonar o último recurso possível de criar um, diferente de todos os outros, pedra fundamental da subjetividade. Enfim, significaria abrir mão de optar por um domínio particular que favorece a regência da própria experiência enquanto humano. E qual a importância desse sonhar? Nas diferentes formulações apresentadas para essa simples sugestão, reconhecemos a face tutorial de uma identificação que empurra no sentido da maturidade, pela busca de satisfação dos desejos mais particulares, através do esforço pessoal e das realizações sublimatórias. Seria apontar para o Ideal de eu <sup>12</sup>[*Ich-Ideal*], instância do aparelho psíquico freudiano que responde pela demanda de inserção social, condição da identificação na passagem pelos complexos infantis. Reconhecemos também a amplitude infinita do desconhecimento particular, cuja única perspectiva é da aventura psíquica. Entretanto, isso nos leva a pensar que neste segundo propósito existiria um campo relacional que o próprio enunciador desconhece. Esse sonhar está necessariamente enlaçado ao Outro <sup>13</sup>[A] das relações sociais e do meio cultural. Ainda que evoque desejos e fantasias pessoais, esse sonho é esperado mediante uma expectativa de satisfação frente ao Outro. Então, de quem é o sonho afinal?

Jamais aquele que enuncia tal recomendação de incentivo sabe o que o sujeito acolhe enquanto sonho. Por quais esferas libidinais ou vicissitudes da vida procura atingir suas metas e satisfações particulares. Existe aqui um sofisma elementar, uma lacuna primordial, que caracteriza a dialética da demanda. Através da fala, o sujeito é implicado, levado a responder de

---

<sup>12</sup> Segundo J. Laplanche & J. B. Pontalis [1967]: Ideal de eu [*Ich-Ideal*]. Sigmund Freud utilizou essa expressão para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo, perdido da infância, e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos na sociedade. A noção de Ideal de eu é um marco essencial na evolução do pensamento freudiano, desde as reformulações iniciais da primeira tópica até a definição do Supereu. No Brasil também se usa 'Ideal de ego'.

<sup>13</sup> Outro. Na teoria psicanalítica de Jacques Lacan, o Outro [*Autre*] em letra maiúscula difere do outro [*autre*], enquanto semelhante, por ser o significante representativo do código universal da linguagem, lugar privilegiado do tecido simbólico e da determinação da letra no inconsciente.



outro lugar. Se alguém evoca o sonho, existe esse apelo ao inconsciente, que faz dissolver aparentemente os grilhões das exigências, desestruturar ou retornar às origens, porém também existe aquilo que permite criar e reconstruir. O sonhar veiculado em palavras é como um ato simbólico, nunca se dá sem efeitos. Mesmo que o enunciado surja de um simples discurso cinematográfico ou radiofônico, movimenta-se algo de essencialmente humano, que é o complexo onírico de cada um e de todos humanos. E por qual razão, então, alguém haveria de acosar no outro o desejo de seguir os próprios sonhos? Talvez aí pudesse se encontrar uma máxima da solidariedade e da essência humana, um reconhecimento de virtude moral sobre a subjetividade alheia, ainda que pouco fale desse alcance.

Trata-se de um engodo, mas também de uma aposta. É preciso que se vislumbre algo, outro lugar, diferente do cotidiano ou do senso comum, para que se possa dar um novo passo. No entanto, o sonho não garante lugar algum, não oferece certezas, é a própria névoa das representações psíquicas, que investidas de paixões e afetos, podem produzir efeitos marcantes, angustiantes ou não. Aquele que diz *jamais esquece teus sonhos* convoca o sujeito a uma certa disposição temporal, que brinda a cronologia da vida aplicada ao futuro, uma forma de olhar para o horizonte, com a sincronia própria dos elementos oníricos atuais. Como paradigma da condição subjetiva, pode ser esse um refrão para a ética do individualismo na alta modernidade.

### 1.1 Ciência dos sonhos [*Traumdeutung*]

Em *A interpretação dos sonhos*<sup>14</sup>, obra que constitui a *carta magna* da psicanálise, Freud [1981] afirma que um eco da primitiva concepção dos sonhos ainda ressoa através da idéia que os povos da antiguidade clássica formavam sobre eles. Os sonhos se encontravam *“em relação com o mundo dos seres sobrenaturais de suas mitologias e traziam, portanto, revelações divinas ou demoníacas, possuindo geralmente algum tipo de desígnio sobre o sujeito, um anúncio sobre o porvir”*. Os antigos autores, anteriores a Aristóteles [384-322 a.C.], não consideravam o sonho como produto da alma sonhadora, mas como uma inspiração dos deuses. Para Freud, eles já naquele período assinalavam uma importante distinção entre duas espécies de sonhos: *“os verdadeiros e valiosos, enviados ao sonhador como advertência ou revelação do porvir, e os enganosos e fúteis, cujo propósito era desorientar o sujeito ou causar sua perdição”*. É digno de observação nesse estudo de Freud, que a partir de Aristóteles os sonhos passaram a constituir objeto da psicologia. Para esse pensador da antiguidade clássica, os sonhos não eram de natureza

---

<sup>14</sup> FREUD, Sigmund [1900]. “La interpretación de los sueños”. In: *Obras Completas. Tomo I*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 350.

divina e não correspondiam a uma revelação sobrenatural, pois obedeciam às leis do espírito humano. O sonho assim passou a ser definido pela atividade anímica do sonhador, e não por revelações e desígnios sobrenaturais que o acometiam durante o estado de repouso.

Essas concepções históricas elementares apresentadas por Freud, antes de ele começar a cotejar com os teóricos contemporâneos, coloca os sonhos na exata dimensão do enigma, da subjetividade intransmissível que a experiência onírica propicia. Suscitam a idéia de que desde sempre foi preciso contemplar alguma teoria para justificar ou aplacar a angústia inerente à vivência dos próprios sonhos. O campo enigmático evocado por eles nos lança às questões mais absolutas da existência: da ascendência das gerações às organizações sociais e familiares; das realizações através dos tempos aos elementos fortuitos e bizarros do cotidiano; dos limiares entre a vida e a morte. Não foi ao acaso que Freud precisou recorrer algumas vezes à mitologia da antiguidade clássica para demonstrar que o fluido simbólico da sua doutrina, a atividade própria do inconsciente, já se manifestava em complexos familiares desde as origens da civilização. O sonho teria sido a *via régia* para justificar a presença determinante das formações do inconsciente em nossas vidas.

Consideramos que sua hipótese sobre as fontes materiais dos sonhos, conforme descrito no texto fundamental, constitui a base para se pensar na materialidade significativa, substância própria das representações psíquicas e suas articulações. Assim, Freud considera que o sonho se organiza principalmente em torno de três fontes materiais à disposição do trabalho inconsciente: os restos diurnos, recordações de falas, percepções e acontecimentos do dia imediatamente anterior ao sonho; as impressões infantis, recordações residuais e atuais de um passado remoto; e os estímulos somáticos, impressões sensoriais provenientes do próprio corpo. Esses elementos convergem na formação onírica, constituindo uma produção alucinatória figurativa ou dramática na esfera das satisfações pulsionais, e resguardando os níveis adequados de excitação do aparelho psíquico.

Por seu caráter de realização de desejos, os sonhos se dividem em três classes: em primeiro lugar, aqueles que mostram francamente um desejo não reprimido. Em segundo, os que exteriorizam disfarçadamente um desejo reprimido; isto é, a maioria daqueles que necessitam de análise. E em terceiro lugar, aqueles outros que, mesmo representando um desejo reprimido, ou o fazem sem disfarce algum ou com um disfarce insuficiente. Estes últimos sonhos geralmente vêm acompanhados de angústia, sensação que termina por interrompê-los, e que funciona como um substitutivo da deformação, sendo evitada pela elaboração nos sonhos da segunda classe. Pode-se demonstrar, sem grande dificuldade, que

o conteúdo ideológico que nos produz angústia ou terror foi um dia um desejo que sucumbiu depois à repressão <sup>15</sup>.

O sonho em Freud, por sua radical vinculação à realização alucinatória do desejo, deveria manifestar o mesmo tipo de sonhar das demonstrações de estímulo e apoio das histórias. Surpreende o fato de que nem sempre seja assim. Através dessa concepção de Freud, percebemos que existem pontos de elasticidade, não somente quanto à satisfação alucinatória pela via do sonho, mas também quanto à vivência da angústia produzida pelos conteúdos latentes ao próprio sonho. É preciso esclarecer que dentro da *ciência dos sonhos*, Freud revelou mecanismos básicos de funcionamento da atividade anímica inconsciente. Tendo no trabalho de decodificação do sonho o suporte das leis de condensação e deslocamento entre significantes lingüísticos carregados de significação libidinal, por meio da associação livre na análise, veio a desvelar pontos complexos de enorme carga sexual e afetiva que favoreceram sua interpretação através da fala <sup>16</sup>.

Todavia, essa estrutura de organização psíquica e verbal não se sustenta apenas na realidade corporal e neurobiológica do ser falante; porém, nela também se enlaça e dela se desprende o circuito das representações de satisfação pulsional. Toda sintomatologia clínica, no cerne da abordagem psicanalítica, deriva das inscrições do sujeito para com os significantes lingüísticos que o marcam, assim como para com os meios de satisfação ou de como se goza no trabalho do inconsciente. Definem-se nebulosas de significação e gratificação, cujos efeitos expressam-se tanto no estado de vigília, através da fala [chistes, atos falhos], dos sintomas, e assim também nos conteúdos latentes das manifestações oníricas. Nessa vertente, Lacan [1998] veio afirmar que *o inconsciente se estrutura como uma linguagem*.

Que o exercício do significante evoca, por si mesmo, tudo que é da ordem do inconsciente, isso é suficientemente apontado ao olhar de Freud pelo fato de que as estruturas que o chiste revela, sua constituição, sua cristalização, seu funcionamento, não são outras senão aquelas que ele descobriu em suas primeiras apreensões do inconsciente, no nível dos sonhos, dos atos falhos, no nível até mesmo dos sintomas, e às quais procuramos dar uma formulação mais rigorosa, nas rubricas da metáfora e da metonímia <sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund [1900]. “Los sueños”. In: *Obras Completas. Tomo I*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 745.

<sup>16</sup> Quanto à função da representatividade e ao sentido em que deve ser considerada, diz Lacan que os mecanismos da metáfora e da metonímia desempenham no trabalho do sonho um papel privilegiado em relação à sua função homóloga no discurso. VALLEJO, A. & MAGALHÃES, L. C. *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p.35.

<sup>17</sup> LACAN, Jacques [1957-1958]. *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 89.

Ao retomarmos o universo onírico a partir da *ciência dos sonhos* apresentada por Freud, propomos desdobrá-lo de uma primeira perspectiva, a das realizações alucinatórias dos desejos, ou da dimensão econômica dos ideais, para introduzir um segundo aspecto enigmático que comporta a produção onírica. Trata-se da vinculação estreita entre a disposição neurobiológica do sonhador e suas manifestações psíquicas reverberadas no sonho. Uma das mais instigantes é a ocorrência de pesadelos associados a reações neurofisiológicas e vegetativas, percepções de angústia ou terror absolutamente desprovidas de sentido. Sensações orgânicas podem se enlaçar a reações de pânico e sofrimento a ponto de despertar alguém do estado de sono.

Em sua organização simbólica, o corpo humano se define por ser essencialmente erógeno, inscrito no âmbito das pulsões, e o que é vivenciado psiquicamente desconhece em grande medida a natureza plena ou a forma integrada do organismo biológico no real. Isso nos envia ao reconhecimento de que a disposição biológica do corpo permanece estranha ao funcionamento psíquico. Jacques Lacan [1985] cunhou o conceito de real para delimitar algo que na experiência do ser falante jamais encontra inscrição significativa ou representação psíquica anelada. Esse real diferencia-se da realidade, ordenada pelo simbólico e pelo imaginário, realidade que seria a das representações e apreensões lógicas sobre o mundo. Define o real como aquilo que, para o sujeito, é expulso da realidade por meio da intervenção do simbólico, o que em última instância diz respeito à realidade sexual, ao gozo pleno ou absoluto do corpo e à morte <sup>18</sup>.

Em algum momento na história, o sonho enquanto revelação divina de uma outra realidade caiu em descrédito. O livre sonhar e a imagem do sonhador passaram a ser estigmatizados e facilmente associados à infantilidade, aos distúrbios comportamentais ou à loucura. São freqüentes as referências literárias a um mundo perdido, a uma era de magia, de gratificações naturais e espontâneas, de uma inocência adulterada e perdida na luta pela sobrevivência. Em virtude da competitividade ou mesmo da brutalidade da vida em sociedade, durante um tempo indefinido, os sonhos foram praticamente proscritos e relegados ao mundo mítico das fantasias e das bruxarias. Foram deixados ao universo fantástico das fábulas, histórias e contos de fadas que se dirigiam aos jovens e às crianças.

O grande sonho da coletividade, no entanto, esteve atrelado ao longo dos séculos às religiões oficiais, ligadas ao poder gregário dos estados, hegemonicamente difundido às populações como ordem divina e verdade absoluta. Isso não se aplica àquelas sociedades ou grupos sociais que mantiveram suas práticas e cultos religiosos independentes dos países

---

<sup>18</sup> Cf. LACAN, Jacques [1972-1973]. *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

colonialistas. No entanto, a partir da revolução cultural, do racionalismo científico, das invenções e novas teorias do conhecimento nos últimos séculos, uma outra forma de valorização do conteúdo dos sonhos, vinculada à filosofia, às artes, à literatura e expressões diversas do sujeito moderno, foi gradualmente incorporada às culturas do bloco ocidental.

A modernidade trouxe consigo a perspectiva de uma vida mais confortável, materialmente satisfatória para todos, cujos princípios hedonistas resultam no parâmetro ético-individualista que a caracteriza. As mudanças que a evolução científica e tecnológica dos últimos séculos propiciou, principalmente para as sociedades de economia capitalista, permitiram valorizar também fantasias e interesses particulares, desde que esses estivessem em sintonia com os ideais modernos de produção e consumo. Assim, eles vincularam-se às artes plásticas, às obras literárias, às iniciativas empresariais e publicitárias, às conquistas esportivas, às realizações científicas e aos projetos pessoais em amplo sentido. Esse ideal socialmente significado constitui um senso comum, um trilhar aceitável para o sonho, enquanto desejo solidário, uma expectativa lançada e absorvida pelo meio social. Integra a cultura segundo uma ética de divisão e realização pelo trabalho, pela união conjugal e pela reprodução da vida saudável. Nesse sentido, *jamaís abandone seu sonho* é um aforismo que funciona, que pode manter gerações atreladas às mesmas esperanças e identificações ligadas ao sucesso, amoroso ou profissional, e à prosperidade do projeto de modernidade no âmbito social.

Entretanto, em *A interpretação dos sonhos*, Freud lançou a pedra fundamental para um novo reconhecimento do sentido dos sonhos, agora desvelado na natureza essencialmente humana do inconsciente. No seio da perspectiva analítica tal ideal cultural trata-se de uma aporia, na medida em que desconhece a real motivação do sonho. E Freud nos ensina que esse se produz em função do recalçamento de tendências agressivas e sexuais, impulsos e idéias rejeitadas, constituindo o campo do inconsciente.

O cerne do problema se encontra no deslocamento, a mais singular das funções de elaboração dos sonhos. Quando se penetra suficientemente na matéria, se vê que a condição essencial do deslocamento é puramente psicológica e da natureza de uma motivação, cujas marcas aparecem enquanto se presta atenção a certos resultados da análise dos sonhos, que não podem passar inadvertidos. [...] Este especial estado é o que conhecemos com o nome de estado de repressão [recalque]. Não posso deixar de admitir uma relação causal entre a obscuridade do conteúdo do sonho e o estado de repressão, ou seja a incapacidade de me tornar consciente de algumas das idéias do sonho, e me vejo obrigado a concluir que o sonho precisa ser obscuro para não revelar as idéias latentes proibidas. Desse modo, chego ao conceito de deformação do sonho, obra da elaboração do

mesmo, posta a serviço da ocultação de ditas idéias; isto é, do propósito de mantê-las secretas <sup>19</sup>.

Encontramos nessas observações de Freud uma inversão do sentido usual do sonho, o que lança uma nova luz para se pensar a *farmacotimia social* na história e na era moderna. O sentido dos sonhos aponta para idéias e conteúdos latentes de significados ocultos proibidos à consciência, relacionados aos objetos libidinais e representações significantes afetivamente investidas. Trata-se de idéias, cujos conteúdos sexuais e agressivos encontram resistência no trabalho de elaboração dos sonhos. A aproximação à consciência desses elementos significativos gera angústia e podem tanto despertar como produzir terror noturno, os chamados pesadelos. Nesse sentido, da mesma forma que os sonhos envolvem nebulosas de representações que se ligam a diferentes níveis de complexidade emocional e de satisfação pulsional, os psicoativos movimentam elementos discretos da consciência supostamente relacionados aos mesmos níveis de complexidade. Agregam representações míticas, experiências corporais, complexos familiares e sociais em toda sua significância, pedra fundamental das noções de individualidade e cultura.

## 1.2 Revisão de autores

A indagação a respeito dos sonhos nos oferece certa apreensão, ainda que difusa acerca do campo enigmático que envolve o uso de substâncias psicoativas ao longo da história. Há milênios, o ser humano utiliza vegetais, fungos, inclusive substâncias de origem animal, tanto para fins medicinais como para alterar a disposição geral e entrar em contato com planos perceptivos diferentes do estado de vigília cotidiano. Seria limitado afirmar que os estados alterados do sistema percepção-consciência e da vida anímica reproduziriam apenas vivências semelhantes ou naturalmente experimentadas no estado de sono. A depender da substância utilizada, de sua dosagem, das contingências de uso e do estado de saúde do usuário, tais experiências revelam universos perceptivos enigmáticos, porém muito distintos das vivências oníricas, ainda que delas se aproximem por suas manifestações bizarras e montagens delirantes.

Essas experiências levaram diferentes povos de todas as regiões do planeta a assimilar em suas culturas a utilização de substâncias naturais psicoativas, segundo interesses diversos. Tais substâncias apresentam um histórico de uso milenar, principalmente em rituais sagrados, na busca dos estados de êxtase religiosos, em receitas medicinais, em atividades laborais

---

<sup>19</sup> FREUD, “Los sueños”, op. cit., p. 743.

e celebrações lúdicas. Podemos distinguir uma grande quantidade de plantas e derivados, cujos usos e aplicação através dos tempos encontram-se sobejamente aculturadas no mundo do século XXI nas mais diversas circunstâncias. Considerando que todos os povos e sociedades tiveram sempre algumas plantas e substâncias derivadas no rol de suas preferências, além de extratos de animais, o questionamento direciona-se a uma certa disposição perene da humanidade para a obtenção de benefícios de ordem psíquica através dos psicoativos. Trata-se de uma forte inserção dessas práticas de administração e consumo nas mais diversas culturas, desde o uso do tabaco por indígenas da América às infusões de papoula na antiga Mesopotâmia. Carneiro [2005] traduz de modo apropriado a implicação das substâncias no universo da civilização.

Drogas psicoativas podem agir como remédios ou venenos, alimentos ou bebidas, analgésicos ou anestésicos, eutanásicos ou instrumentos para sonhar, divindades ou demônios, seus usos abrangem o nascimento e a morte, o prazer e a dor, o desejo e a necessidade, o vício e o hábito. Podem despertar e estimular a vigília ou adormecer e acalmar o ânimo. Abrem o apetite ou tiram a fome. São atçadoras da sexualidade ou anuladoras da excitação. Seus usos múltiplos alimentam e espelham a alma humana <sup>20</sup>.

Que lugar então ocupariam essas substâncias psicoativas na vida anímica ou na economia libidinal das sociedades? Evidentemente, o consumo de psicoativos se modificou ao longo dos séculos, foi aprimorado em suas práticas, e as substâncias foram submetidas às mais variadas formas de análise, categorização e regulamentação, segundo critérios locais e internacionais. No entanto, observa-se que há um grande apelo de ordem cultural para que psicoativos continuem sendo consumidos sob diferentes formas. A *farmacotimia social* revela-se como um paradoxo, onde a busca de manutenção do estado de equilíbrio saudável entre os diversos segmentos da sociedade passa por uma disposição medicatriz, cujo desdobramento inclui a auto-medicação e o consumo descontrolado de substâncias. Diferentes autores buscam interpretar essa relação específica entre os seres humanos e as substâncias psicoativas, naturais ou desenvolvidas em laboratório, e sua peculiar difusão no mundo moderno, pois a utilização e modos culturais de consumo em grande parte ultrapassam a razão medicinal e divergem essencialmente da finalidade de manutenção da sobrevivência.

Trabalhando em torno de questões que envolvem o consumo de substâncias na modernidade, encontramos em Santiago [2001] um aporte esclarecedor para situarmos seu devido lugar na cultura. Para o autor, as substâncias na atualidade estão na ordem de um saber produzido

---

<sup>20</sup> CARNEIRO, Henrique. *Pequena enciclopédia da história da drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p. 6.

pelo discurso da ciência, que se caracteriza por ser predominantemente efetuado pelo cálculo. Com a evolução da química moderna e das ciências biomédicas, afirma que houve um movimento de ruptura para com a antiga alquimia, e a ciência passou a fixar algoritmos capazes de cifrar as substâncias, deixando à margem fatores imaginários que estão associados à significação do desejo inconsciente.

Pode-se afirmar que a *literalização* da ciência opera pela evacuação do elemento imaginário, como é o caso do que ocorre nas substâncias da natureza. No âmbito da ciência, trata-se, exatamente, de uma neutralização de todo gozo de sentido que orienta essas formas de saberes pré-científicos, saberes marcados por uma espécie de tropismo da proporção sexual. É por intermédio dessa neutralização do gozo do sentido, operado por seu formalismo simbólico, que a ciência se apropria da droga, tornando-a um objeto do tipo gadget. A hipótese que se pode formular é a de que a toxicomania se constitui como uma forma de retorno desses efeitos de significação que a *literalização* da ciência abole ou foraclui<sup>21</sup>.

Para Santiago, o único sujeito admissível na ciência é o que produz o esvaziamento de todo o saber enquanto representação ou significação. Isso implica na escritura do discurso científico que se caracteriza pela expulsão de tudo que possa personalizar a dimensão da causa. A subjetividade da experiência não encontra legitimação por meio de disposições narrativas, mas por um reconhecimento dos métodos formais e pragmáticos na obtenção de resultados. Sobre esse aspecto, adverte no início de seu trabalho que a psicanálise atual encontra-se em condições de introduzir no campo clínico e teórico de sua práxis o que permanece propositalmente excluído das considerações científicas sobre as substâncias. A saber, que existe uma necessária distinção entre a *droga* do toxicômano e o elemento de toxicidade inerente a essas substâncias. Esse sujeito que particulariza significações e sentidos sobre os efeitos da substância, para fins dessa dissertação, é denominado *sujeito do efeito*.

Nogueira F<sup>o</sup> [1999] também aborda o consumo de substâncias psicoativas sob ponto de vista clínico e psicanalítico, partindo de uma teoria sobre a fantasmática que envolve o sujeito e seu efeito psicoativo no âmbito da pulsão. Apresenta o mesmo diferencial do ponto de vista discursivo entre uma leitura das ciências em função da suplantação de considerações sobre o gozo do corpo e do sentido. Considera que a ciência repete-se em afirmar que não há que se recorrer ao sujeito para saber da toxicomania em amplo sentido, e que apenas valoriza os métodos

---

<sup>21</sup> SANTIAGO, Jesús. *A droga do toxicômano. Uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.186.



que garantem que a particularidade e suas repercussões imaginárias não interfiram nos resultados das pesquisas e tratamentos.

E a ciência, de mãos dadas com a tecnologia, proporcionou que esta não precisasse de outra legitimação além da oferecida pela sua própria eficiência. [...] Estas referências vêm apontar as mudanças que podem advir de uma crescente 'cientificização' e 'tecnologização' do cotidiano, alterando as relações que os sujeitos têm com o simbólico. Nesta mesma via caminham as referências ao uso de drogas ministradas, respeitando certos ritos, pelos médicos que prometem sanar as angústias, as inibições, os sintomas sem recorrer a uma orientação no campo interpessoal <sup>22</sup>.

Essa fundamental distinção entre discurso científico e analítico transparece na prática e na interpretação dos sintomas desenvolvida pela medicina. Clavreul [1983] aproxima-se desse aspecto a partir das articulações desenvolvidas por Lacan na teoria dos quatro discursos. Existe um 'desejo de saber' bem distinto entre as práticas ditas científicas, incluindo a medicina, e a prática analítica. Esclarece que a psicanálise não é uma ciência, uma vez que não visa evitar o erro e o engano, mas constituir os como objeto na medida da ruptura manifesta do inconsciente. Os grupos científicos se reconhecem em torno de paradigmas e de sua utilização, o que constitui modelo para o prosseguimento de suas pesquisas. Assim, para ele, a medicina está mais próxima do discurso do mestre, que oferece a medida da determinação e do indubitável poder adquirido ao longo da sua história sobre a manutenção da vida e o adiamento da morte.

O que assina o êxito do discurso do mestre é que ele advém da subjetividade do autor. A pretensa objetividade do cientista é a retirada da subjetividade do autor. O que significa não que a subjetividade não esteja aí, mas que *ela não tem nenhuma importância para a inteligibilidade do texto*, que não deve ter seu alcance significativo senão de sua própria coerência. [...] O discurso do mestre retira sua força do fato de se sustentar independentemente da subjetividade daquele que o escuta <sup>23</sup>.

Introduzimos primeiramente essas referências bibliográficas por levarem em consideração aspectos discursivos que recobrem o consumo das substâncias. Notoriamente, mediante a concepção de *farmacotimia social* com que estamos trabalhando, diversas abordagens sobre essa mesma questão passam ao largo de qualquer enunciação analítica. Entretanto, essa dissertação introduz alguns conceitos da práxis analítica por valorizar o sentido operacional que

---

<sup>22</sup> NOGUEIRA Fº, Durval Mazzei. *Toxicomanias*. São Paulo: Pulsional, 1999, p.82.

<sup>23</sup> CLAVREUL, Jean. *A ordem médica. Poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 169.

lhes concerne. Na medida em que concebemos que a realidade se constrói sobre patamares discursivos, desde já situamos a importância dos lugares da verdade e da produção ou dos efeitos apresentados pelos discursos na teoria de Lacan. Os discursos sustentam e manifestam relações diferentes para com o sujeito, em sua limitação e divisão fundamental encadeada ao fato de falar e ser falado, e implicam modos de gozar referentes ao saber no inconsciente. Evidentemente, a ciência exclui esse saber, simplesmente por não incluir o sujeito no âmbito de suas produções. Se a ciência e a tecnologia avançam deixando a humanidade aquém de sua evolução, é precisamente por manter uma ruptura formal entre o saber científico e os relatos históricos ou experimentais da humanidade.

Lyotard [1989] formula a mesma disposição frente aos discursos sob o prisma de uma transmissão de saberes. Para o autor, o saber em geral não se reduz à ciência e nem mesmo ao conhecimento, que seria *“o conjunto dos enunciados suscetíveis de serem declarados verdadeiros ou falsos, que denotam ou descrevem objetos, com exclusão de todos os outros enunciados”*. Assim, distingue duas pragmáticas do saber, narrativo e científico, com características próprias de transmissão, o que nos interessa em grande medida pelo que destacamos em relação à legitimidade dos discursos nas mídias. É preciso afirmar que o modo de saber narrativo transmitido e legitimado pela imprensa encontra sua abrangência e pertinência no seio da cultura precisamente pela movimentação dos discursos que empreende. No entanto, pensamos que essa mobilidade dos discursos veiculada pelas mídias, que também inclui os saberes da ciência e medicina, ainda assim não se inscreve da mesma forma que o discurso analítico, o que define uma distinção fundamental na operatória dos discursos. O saber transmitido pelas narrativas encontra facilmente uma razão popular e construtiva no âmbito dos costumes.

Pelo termo saber não se entende somente, longe disso, um conjunto de enunciados denotativos, misturando-se nele as idéias de saber fazer, de saber viver, de saber escutar, etc. Trata-se, deste modo, de uma competência que excede a determinação e a aplicação do mero critério da verdade e que se alarga às dos critérios de eficiência [qualificação técnica], de justiça ou de felicidade [sabedoria ética], de beleza sonora, cromática [sensibilidade auditiva, visual], etc. [...] O consenso que permite circunscrever um determinado saber e discriminar aquele que sabe daquele que não sabe [o estrangeiro, a criança] é o que constitui a cultura de um povo <sup>24</sup>.

Gomes [2000] faz referências a essa concepção de Lyotard ao se debruçar sobre o jornalismo e sua implicação social como fato de linguagem. Para a autora, o jornalismo apresenta a

---

<sup>24</sup> LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989, p. 47.

função primordial de organizar discursivamente os fatos de realidade, ressaltando que esses são constituídos a partir de uma peculiar narrativa. A função testemunhal e prioritária do jornalismo é apontada com características próprias à sua prática. A saber, a de confirmação ou de atualização da aliança social instituída pelo compartilhar da língua ou das palavras que concernem ao campo social; a de vigilância, como um quarto poder sobre as ações públicas e estatais, onde se dão as operações de investigação e denúncia de cunho jornalístico; e a característica de desenhar e hierarquizar o espaço social, estabelecendo valores, metas, priorizando temáticas, e inserindo a amplitude da curiosidade no cotidiano social, o que vem de encontro ao tema que estamos abordando.

Falávamos que o jornalismo como fato de língua trabalha sempre numa função testemunhal. Agora podemos avançar e dizer, ancorados na exploração dos trabalhos de Foucault e Lyotard, que essa função testemunhal é o equivalente dos processos de legitimação que fundam a legitimidade. O verdadeiro evoca os termos pelos quais nossa contemporaneidade se tem dimensionado ante à impotência das metanarrativas e à impossibilidade da 'Verdade'. Trata-se da oscilação entre verificabilidade, efetividade ou sucesso visando consenso. É por isso que para o jornalismo a função referencial é de tanta relevância para dar o aval de que seu testemunho é verdadeiro, podendo, portanto, ser argumento pró-consenso <sup>25</sup>.

Por esse viés apresentado em Lyotard e Gomes, refletimos sobre o lugar ocupado pelos psicoativos no âmbito das mídias, da imprensa, e da cultura. Através de elementos em prisma veiculados podemos identificar uma transmissão de valores e costumes no seio da sociedade brasileira. Alguns trabalhos em nível de pós-graduação também vêm revelando atenção especial para a questão do consumo de substâncias na sociedade brasileira, caracterizando pauta acadêmica nas últimas décadas. Relacionamos, para fins dessa breve revisão, apenas os que indiretamente auxiliaram no projeto e idealização da atual pesquisa e que foram produzidos em duas grandes universidades da cidade de São Paulo: Pontifícia Universidade Católica [PUC] e Universidade de São Paulo [USP].

- a) Publicidade e remédios no Brasil: aspectos e considerações sobre a atuação da publicidade no mercado consumidor de remédios [José Crippa: Ciências da Comunicação – USP - 1985].
- b) Publicidade farmacêutica: lógica e discurso. [Maria Teresa Santoro: Comunicação e Semiótica – PUC – 1989].
- c) A teoria das pulsões em Freud e a questão da toxicomania. [Décio Gurfinkel: Psicologia – USP – 1992].

---

<sup>25</sup> GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo: Edusp/Hacker, 2000, p. 53.

- d) A vertigem dos venenos elegantes [Beatriz Helena Scigliano Carneiro: Ciências Sociais – PUC – 1993].
- e) Diamba, prazer e poder: um estudo sobre o canabismo. [Adriana Rangel Amazonas: Psicologia – PUC – 1993].
- f) Análise da propaganda de bebidas alcoólicas na televisão brasileira [Ilana Pinsky: Psicologia – USP – 1994].
- g) Um vício deselegante: o preconceito racial e a transformação da maconha em problema público no Brasil. [Ygor Diego Delgado Alves: Ciências Sociais – PUC – 1998].
- h) A propaganda da Parceria Contra as Drogas e exemplos da participação de substâncias psicoativas na publicidade. [Daniel Bicudo Veras: Comunicação e Semiótica – PUC – 2000].
- i) Primeiro perfil do usuário de *ecstasy* (MDMA) em São Paulo. [Stella Pereira de Almeida: Psicologia – USP – 2000].
- j) O farmacodependente como elo para a co-construção familiar. [Jair Lourenço Silva: Psicologia – PUC – 2001].
- k) Análise discursiva de uma campanha publicitária de prevenção ao uso de drogas. [Eduardo Afonso Furtado Leite: Comunicação e Semiótica – PUC – 2002].
- l) Controvérsias médicas e a questão do uso de drogas [Maurício Fiore: Antropologia Social – USP – 2004].

### 1.3 Sintoma moderno

Em geral, as experiências promovidas pelo uso de psicoativos são prazerosas e paradoxais pelos mais diversos motivos, segundo nos mostra as observações de Carneiro [2005]. Uma primeira aproximação à realidade dos sonhos, assim, surge com a idéia de que os estados alterados promovidos pelas substâncias psicoativas anelam-se ao campo das manifestações oníricas, através de uma das características que os sonhos apresentam, de que podem desagregar, enrijecer e até suprimir os laços do tecido simbólico ou da organização lógica típica do estado de vigília. Podem tornar relativas, desse modo, as construções verbais e correlações imagéticas que sustentam os diferentes tipos de raciocínio [numérico, espacial, verbal, temporal], promovendo certa aleatoriedade nas associações entre estímulo, percepção e suas interpretações. Isso se traduziria por uma alteração das disposições gerais do psiquismo e do corpo sem que esteja necessariamente condicionada ao estado de sono. Por fazer do sentido uma contingência, realiza função compensatória aos sofrimentos e perdas derivados dos esforços de manutenção das responsabilidades sociais e dos estados emocionais cotidianos.

Algumas substâncias [*psicolépticos* <sup>26</sup>] apresentam a capacidade de induzir ou reproduzir o estado de sono, interferindo quimicamente nas conexões sinápticas, inibindo a atividade do sistema nervoso central [SNC] e levando facilmente à experiência de embriaguez oníróide. Outras substâncias [*psicoanalépticos*], pelo fato de excitarem o SNC, facilitam as atividades intelectuais ou cognitivas, podendo gerar ao longo do tempo um excedente fantástico similar às produções delirantes encontradas nos quadros de paranóia. Há psicoativos poderosos [*psicodislépticos*] que alteram de tal modo disposições psíquicas e atividade do SNC que todas as relações entre estímulos, percepção, interpretação da vivência e dos acontecimentos, estruturas de identidade, tornam-se obscuros e aleatórios. Produzem estados em que podem ocorrer fenômenos alucinatórios, juízos delirantes e composições aleatórias, muitas vezes similares às manifestações oníricas e quadros psicóticos. Sem estabelecer uma classificação dos diferentes tipos de substâncias existentes e seus efeitos, o que não constitui objeto dessa pesquisa, considera-se também que alguns produtos farmacológicos produzidos em laboratório hoje em dia exercem indubitável atração ao consumo. Pelo que representam no sentido de suprimir determinadas carências orgânicas e afetivas, certos medicamentos com alto poder de sedução e resolução vendidos nas drogarias induzem de certa forma estados psicoativos.

Além dos efeitos característicos das substâncias sobre o sistema percepção-consciência, podemos também considerar as vinculações que elas mantêm junto ao universo afetivo dos usuários, tornando-se por esse motivo objeto privilegiado de consumo e hábito para as pessoas. As respostas afetivas daqueles que utilizam um psicoativo qualquer são pouco previsíveis, segundo a qualidade do produto consumido e uma série de outros fatores determinantes relacionados à disposição psíquica. Podem precipitar estímulos heterogêneos, por razões emocionais, tendências anti-sociais, identidades de grupo, incluindo desde uma curiosidade pela experimentação até quadros de habituação, tolerância e dependência química. Entre os profissionais que trabalham em institutos de psiquiatria, considera-se muitas vezes que não é possível realizar um diagnóstico clínico de personalidade ou do quadro nosológico enquanto o indivíduo internado está sob efeito da substância. Primeiramente realiza-se o processo de desintoxicação para depois elaborar as hipóteses diagnósticas, através de entrevistas e outros procedimentos. Isso demonstra em que ponto o uso de determinados psicoativos pode alterar, acossar, ou até mesmo suprimir, a estrutura ou organização simbólica, a afetividade e a capacidade de verbalização. Demonstra também como podem interferir na concepção particular de

---

<sup>26</sup> Os termos *psicolépticos*, *psicoanalépticos* e *psicodislépticos* designam a classificação farmacológica das substâncias quanto às ações específicas sobre o sistema nervoso central [SNC]. Correspondem, respectivamente, aos efeitos depressores, estimulantes e perturbadores do SNC.

relacionamento humano, referências de identidade e reações passionais, predispondo a manifestações sentimentais, amorosas e agressivas, e formas diversas de isolamento. Essas seriam outras vinculações possíveis entre psicoativos e trabalho de deformação do sonho, na medida em que podem encobrir idéias e respostas latentes ou manifestá-las de modo inapropriado, a serviço do recalçamento.

Sabemos que o uso de substâncias que alteram a consciência encontra rejeição ou resistência por parte de indivíduos e grupos. O fato de que interfere nas disposições emocionais e orgânicas provoca desconfiança e medo em grande número de pessoas, fomentando a criação de dispositivos de controle no âmbito das sociedades. Algumas substâncias são proscritas, e seu consumo está subordinado a severas penalidades nos códigos civis. São rapidamente associadas à criminalidade, à violência, à degradação física e moral, e também à insanidade mental. Por outro lado, determinadas substâncias psicoativas ganharam status social ao longo de séculos, são fabricadas e consumidas livremente, sujeitas apenas às regras de mercado internacionais e às receitas tributárias das nações. Ainda que se reconheça no seu consumo os mesmos riscos das primeiras, são largamente utilizadas, encontram apoio nas estruturas governamentais e legislativas, e garantem franca distribuição e difusão através de publicidade nos meios de comunicação. Apesar dos riscos relacionados à saúde, o consumo de substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas, tornou-se historicamente um hábito polêmico e desejado nas mais diversas sociedades. Respondendo a um apelo diretamente vinculado ao universo da fantasia e do gozo sem sentido, os psicoativos garantem satisfação compensatória aos moldes da gratificação alucinatória manifesta através dos sonhos. Justamente por proporcionar prazer ao usuário e por se imiscuir nos vários discursos condizentes com as transformações culturais dos últimos tempos, qualificamos a *farmacotimia social* como um dos sintomas típicos da modernidade.

#### **1.4 Desenho cultural**

A prosperidade científica e tecnológica da era moderna provocou consideráveis revoluções nas estruturas sociais e familiares em âmbito global, e atingiu a alta modernidade com características próprias. O imperativo consumo de produtos industrializados e tecnicamente avançados, principalmente após a II Guerra Mundial, determinou novas regras de relacionamento e conduta entre adultos e jovens. É possível traçar linhas diretas de relação entre o processo industrial de modernização das sociedades e a atualização dos hábitos familiares de consumo, onde se incluem também diferentes tipos de psicoativos. A proliferação do uso de substâncias psicoativas, em sua variedade e difusão, é uma dessas manifestações emergentes que se produziu

como efeito de uma rede de fatores histórico-culturais. Por uma difusão expansiva dos mercados e da informação na atualidade, ou dos acessos, segundo Lyotard [1990], os hábitos de consumo adquiriram uma configuração *deslocalizada e destemporalizada*.

As culturas, no sentido do *culturalismo*, podem ser consideradas como nebulosas de hábitos cuja ação persistente sobre os indivíduos, os quais são seus elementos, é assegurada por esses dispositivos energéticos estáveis que a antropologia contemporânea chama estruturas. As leis de estrutura que asseguram a circulação (o acesso), para as palavras, os bens e as mulheres (retomo a trilogia de Lévi-Strauss) de forma singular, digamos idiomática, enquanto que outras maneiras são em princípio possíveis, estas leis são normas de acesso. [...] Este desancorar começou com a primeira revolução tecnológica que permitiu à indústria (carvão, vapor e/ou eletricidade) a possibilidade de espalhar sobre todas as culturas (mais ou menos rapidamente, mais ou menos profundamente) objetos que exigiam modos (hábitos) de produção, de intercâmbio e de consumo possíveis e válidos fora do território e fora do momento <sup>27</sup>.

As substâncias sempre estiveram presentes nos rituais religiosos, nos processos de cura, nas celebrações grupais, nas ocasiões de lazer e divertimento, desde os primórdios da civilização. Fizeram parte também da experimentação científica, nos procedimentos laboratoriais de análise, síntese e fabricação de medicamentos mais eficazes. Porém, se ao longo da era moderna havia a prevalência desses interesses no ato de administrar e ingerir *drogas*, isso não estava ainda associado à indústria da recreação e do entretenimento, que se desenvolveu ao longo do século XX. O entretenimento entrou no rol do informal, porém imperativo, *estatuto das liberdades individuais*, onde paradoxalmente a ordem da experimentação, através do consumo de produtos manufaturados e industrializados, levou à padronização mercadológica da experiência na cultura ocidental.

As vivências associadas aos psicoativos durante os séculos XIX e XX ganharam respaldo teórico e interesse social a partir de obras literárias, cuja valorização estética se extrapola nos dias de hoje [século XXI] nas mais diversas formas de produção artística e nas mídias. Nomes como os de Thomas de Quincey, Théophile Gautier, Gérard de Nerval, Charles-Pierre Baudelaire, Arthur Rimbaud e Marcel Proust ganharam notoriedade, em meados do século XIX, por suas descrições excitantes e sedutoras de experiências pessoais com ópio e haxixe. O famoso *Clube do Haxixe* <sup>28</sup>, que ocorria no Hotel Pimodan em Paris, reunia artistas e intelectuais para reuniões semanais em que se consumiam essas substâncias entre outros alimentos e especiarias. O trabalho

---

<sup>27</sup> LYOTARD, Jean-François. *O inumano: considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa, 1990, p. 57.

<sup>28</sup> Cf. HAINING, Peter. *El Club Del Haschisch. La droga en la literatura*. Madrid: Taurus, 1976, p. 77.

literário produzido por vários autores que participaram desses encontros revelou-se no tempo como momento primordial de elaboração e difusão da experiência psicoativa no seio da cultura romântica ocidental.

Segundo Schivelbusch [1995], a geração do ópio e do haxixe do século XIX foi *“uma geração romântica que proclamou o caráter anti-social do artista, assim como a unidade de vida e obra, em ruptura radical com o mundo burguês, pelo qual sentiam uma crescente repugnância”*. Alguns dos autores desse período e seus colegas de experimentação tiveram problemas de saúde e faleceram muito jovens, tanto por motivos associados à própria dependência química, como pelas decepções amorosas e dificuldades financeiras. Suas obras, entretanto, consolidaram certa atração mórbida para novas e excitantes experiências de fantasia e mistério no âmbito de uma transculturação de hábitos e de mercadorias que vigorava junto à indústria e comércio nas sociedades.

De fato, os escritores do século XIX adictos ao ópio e ao haxixe desempenharam uma função surpreendente e diretamente oposta às suas intenções: providenciaram à sociedade burguesa os argumentos para que as drogas fossem declaradas tema tabu. A imaginação e as propensões anti-burguesas dos poetas, que descreviam o ópio e o haxixe como veículos para a ampliação e a dissolução do eu, escandalizaram a sociedade da época. Foi a publicação das visões oníricas dos poetas o que chamou a atenção sobre os efeitos das drogas, desconhecidos até então pela sociedade <sup>29</sup>.

Concomitante a essa curiosidade estética e intelectual vinculada aos estimulantes, novas formas de divertimento surgiram associadas dessa vez ao aperfeiçoamento técnico de uma série de invenções e ao crescimento das grandes cidades. O advento da eletricidade nas vias públicas e nos ambientes domésticos transformou de modo significativo o aproveitamento da vida noturna por parte das gerações do século XX. O último século do milênio chegou marcado pelas possibilidades de entretenimento e trabalho à luz da eletricidade. A atividade noturna nas grandes cidades estabeleceu novos ritmos e alternativas para a vida cotidiana, garantindo o aumento de ofícios, e reproduzindo-se nos hábitos, seja nos parques de diversões, no prolongamento da jornada nos negócios, ou mesmo junto às tabernas.

O aperfeiçoamento técnico dos meios de transporte e da aeronáutica também trouxe forte impulso à transformação dos costumes em âmbito global. A expansão de uma

---

<sup>29</sup> SCHIVELBUSCH, Wolfgang. *Historia de los estimulantes. El paraíso, el sentido del gusto y la razón*. Barcelona: Anagrama, 1995, p. 246.



concepção atualizada de vida moderna, entre os interstícios das duas grandes guerras, ficou a cargo do cinema, das telecomunicações, do uso de eletrodomésticos e da televisão. Hoje, dando um salto, podemos pensar na implicação social dos computadores e da Internet. Ou seja, os hábitos pessoais e familiares mesclam-se ao recrudescimento da era tecnológica deflagrada a partir do século XIX. Novos modos de consumo foram valorizados em sintonia com a realidade da modernização dos recursos. O poder da informação ganhou abrangência global, e isso modificou as relações entre os países e as diferentes culturas. Das técnicas ágeis de fabricação mecânica aos meios de difusão global dos conceitos e produtos, o mundo moderno passou a ser consumido com voracidade pelas sociedades capitalistas.

Quando falamos de uma *sociedade de consumo*, temos em mente algo mais que a observação trivial de que todos os membros dessa sociedade consomem; todos os seres humanos, ou melhor, todas as criaturas vivas consomem desde tempos imemoriais. O que temos em mente é que a nossa é uma *sociedade de consumo* no sentido, similarmente profundo e fundamental, de que a sociedade dos nossos predecessores, a sociedade moderna nas suas camadas fundadoras, na sua fase industrial, era uma *sociedade de produtores*. [...] A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor. A norma que nossa sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade de desempenhar esse papel <sup>30</sup>.

Em se tratando de uma proliferação de objetos e elementos novos produzidos para consumo, ou *gadgets* de utilidade duvidosa, as demandas se adaptaram à realidade imposta pela economia mundial. A *globalização* na forma de uma transculturação dos costumes provocou uma enxurrada de referências híbridas, mesmo distantes das regiões de origem, direcionada a uma sutil padronização dos interesses. Voltando-se para a realidade dos sonhos, no campo do conhecimento, a apropriação do universo onírico em sua riqueza própria fez com que fosse transformado em fonte de infinita criação. Cabe-nos aqui indagar, se o racionalismo e espírito técnico-científico do início do século XX não teria empurrado para escanteio essa fertilidade onírica, para mais tarde ter de reconhecer nas suas manifestações espontâneas a criatividade necessária utilizada como *combustível* de sua atualização conceitual.

O cinema, ao longo de sua curta história, demonstra isso. Obras literárias clássicas, mitos, ficções científicas, romances, contos fantásticos e histórias de terror, todos os gêneros e narrativas que remetem ao campo limítrofe entre realidade e fantasia, foram assimilados e

---

<sup>30</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 87.

aplicados às técnicas cada vez mais surpreendentes de construção das imagens. Poder-se-ia dizer que os sonhos foram *enlatados* ou *encaixotados* para o consumo universal. Dentro desse panorama em que um *vende-se sonhos* passou a ser valorizado, como não conceber que o uso de substâncias psicoativas encontrasse aí uma justificativa moderna? Afinal, a motivação para promover estados alterados da consciência vem literalmente de encontro à iniciativa da *realização dos sonhos*, seja através das técnicas de construção ou reconstrução das imagens ou por meio das substâncias.

A dimensão estética dos alucinógenos, por exemplo, foi inteiramente absorvida pelos mais diversos veículos de comunicação, através das artes gráficas, da música pop, das publicidades, da edição de imagens e outros, fazendo da experiência lisérgica, ou do LSD-25, um elemento exponencial de vanguarda na cultura mundial. Muito do que foi apresentado ao mundo sobre o ácido lisérgico serve-nos como exemplo da força discursiva das mídias na construção de uma idiossincrasia; porém, também nos revela que algo absolutamente inefável como tal experiência produz uma variedade de tentativas de apropriação ou simbolização, cujo extremo desliza para as manifestações artísticas.

A idéia de que existe uma *produção simbólica* e um *sistema de símbolos* que dão as indicações e contornos de grupos sociais e sociedades específicas parece que pode ser bastante reveladora e eficaz. Entender cultura como código, como sistema de comunicação, permite retomá-la enquanto conceito sociológico propriamente dito. Não mais um repositório estático de hábitos e costumes, ou uma coleção de objetos e tradições, mas o próprio elemento através do qual a vida social se processa – a simbolização <sup>31</sup>.

Toda atualização conceitual referente ao processo de modernização no campo dos costumes veio acompanhada de uma incorporação paralela de psicoativos úteis a essas transformações. Uma vez que a tecnologia abriu espaços no cotidiano para novos estilos de vida e formas de entretenimento, os períodos de lazer e descanso, de diversão, e até mesmo os de prática esportiva, tornaram-se sinônimo de consumo de algumas substâncias. Assim, a exemplo das bebidas alcoólicas, geralmente associadas ao relaxamento, ao prazer sexual, ao término da jornada de trabalho, às celebrações, podemos citar outras *drogas* e substâncias que se relacionam facilmente às idéias de festividade e de excitação. O gozo proveniente da participação espontânea de grande número de pessoas nos eventos festivos constitui legitimação para seu consumo. Não somente nos períodos de Carnaval, mas nos concertos de rock, nas baladas noturnas e nas festas *raves* do século XXI, várias substâncias estão incorporadas a esses eventos.

---

<sup>31</sup> VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 105.

Assim também se caracterizam os estimulantes, como o café e o tabaco, na ordem das atividades intelectuais e sob prisma da produtividade. Os tranqüilizantes modernos, produtos da alta tecnologia nas indústrias farmacêuticas, resguardam a privacidade afetiva da angústia e falta de sentido nos afazeres cotidianos. Podemos citar, ainda, uma grande quantidade de substâncias alucinógenas, alucinógenos <sup>32</sup> [enteógenos <sup>33</sup>] que estão vinculados comumente à busca por estados perceptivos absolutamente alterados, às práticas de devoção espiritual, à contemplação mística do presente e do universo. Na medida em que estamos realizando uma leitura sobre diferentes reportagens que tratam de psicoativos, delas podemos obter exemplos de como cada substância se insere no cotidiano da sociedade brasileira. Portanto, questionamos se as experiências particulares ligadas às substâncias psicoativas na modernidade não conquistaram o mesmo crédito que os sonhos adquiriram nos últimos séculos, enquanto reprodutores visionários de páginas milenares das expressões culturais da humanidade.

As invenções e atualizações promovidas pela revolução tecnológica justamente respondem aos anseios de conquista material, distribuição e segurança equânime no panorama dos ideais da modernidade. Porém, as relações comerciais desiguais entre países, guerras e injustiças contra populações, divergências ideológicas entre segmentos sociais, problemas históricos relacionados à distribuição dos recursos naturais, tecnológicos e financeiros, fatores de poluição ambiental, todos esses aspectos deturparam e frustraram absolutamente os ideais humanitários estabelecidos na magna carta dos direitos humanos, revelando a manutenção de interesses capitalistas de grupo e estabelecendo a ética individualista como paradigma universal. Se havia um projeto moderno, científico e cultural, de um melhoramento tecnocrático das condições básicas da humanidade, esse entrou em processo de deterioração ao longo do século XX, conforme os fatos foram trazendo à tona a inconsistência do discurso ideológico, cujos efeitos apontam os pensadores da pós-modernidade.

A modernidade começou onde o começou o capitalismo, onde começaram a filosofia e a ciência modernas, quando a pintura se tornou portátil e a música saiu da igreja. A crise da modernidade, que coincidiu com a crise do império da razão, foi um processo lento, tendo se

---

<sup>32</sup> Segundo Henrique Carneiro [2005]: Alucinógenos. O termo foi cunhado na década de 1950 por um grupo de pesquisadores em psicofarmacologia para referir-se a um tipo específico de plantas e drogas sintéticas, que incluíam cactos, cogumelos, sementes e flores, o LSD, a mescalina, a psilocibina, a DMT, a harmina e harmalina, entre outras. O THC, princípio ativo da maconha, também pode ser classificado como um alucinógeno.

<sup>33</sup> Segundo Henrique Carneiro [2005]: Enteógenos. Termo proposto, em 1976, por R. Gordon Wasson, J. Ott, C. Ruck e J. Bigwood, em substituição a 'alucinógenos' ou 'psicodélicos', para referir-se a plantas sagradas de uso tradicional em diversas regiões e culturas, cujos efeitos [...] possuem características comuns: êxtase, contemplação, introspecção profunda, sensações inefáveis. A palavra resulta de dois radicais gregos que significam 'ter Deus em si' [*entheos*, Deus, *gen*, gerar], a mesma raiz para o termo entusiasmo.

acelerado no final do século XIX, com Nietzsche, para terminar sua derrocada em Freud. Aquilo que é chamado de modernismo nas artes funciona como uma passagem intermediária entre a modernidade e a pós-modernidade, passagem marcada pela desconstrução implacável dos códigos e valores do moderno. [...] A única e nítida diferença, que marca a passagem para o pós-moderno, está na crescente incredulidade, a partir dos anos 60, em relação aos ideais heróicos, aos sonhos utópicos que o modernismo acalentou. A perda irremediável de valores, crenças e sonhos que essa incredulidade provocou, trouxe consigo uma tendência para a exacerbação das facetas diametralmente opostas àquelas que foram prescritas pela razão na era moderna <sup>34</sup>.

Avaliando o percurso do pensamento moderno, nesse sentido, convém destacar a posição de Lyotard [1987] ao se pronunciar sobre essa mesma *desconstrução* citada em Santaella. O autor coloca a humanidade e seus interesses coletivos ao largo dos processos científicos e tecnológicos. Haveria, então, uma fenda entre os dois processos, do que resulta um desfalecimento dos discursos ético-humanitários, voltados para a satisfação e conforto da maioria, em razão da concepção particularista de viver essa crescente tecnologia.

Meu argumento é que o projeto moderno (de realização da universalidade) não foi abandonado, nem esquecido, e sim destruído, liquidado. Há muitos modos de destruição, e muitos nomes servem como símbolos disso. 'Auschwitz' pode ser tomado como um nome paradigmático para a 'não realização' trágica da modernidade. Entretanto, a vitória da tecnociência capitalista sobre os demais candidatos à finalidade universal da história humana é outra maneira de destruir o projeto moderno que, por sua vez, simula que tem de realizá-lo. O domínio por parte do sujeito sobre os objetos pelas ciências e tecnologias contemporâneas não vem acompanhado de maior liberdade, e tampouco traz mais educação pública ou um caudal de riqueza maior e melhor distribuída. Vem acompanhado de uma maior segurança a respeito dos fatos. Mas esse domínio só reconhece o êxito como critério de juízo <sup>35</sup>.

Nesse sentido, podemos conceber que os processos de modernização em âmbito global trouxeram em seu cerne a expressiva definição de uma ética individualista, tanto em virtude da funcionalidade e do ritmo acelerado promovido pela revolução tecnológica, como também por sua implicação no espírito de competição e êxito fomentado pelo capitalismo. Segundo Outhwaite & Bottomore [1996], o individualismo ético encara a moralidade como essencialmente orientada para o indivíduo – seja na forma do egoísmo ético, de acordo com o qual o único objeto moral da ação

---

<sup>34</sup> SANTAELLA, Lúcia. "O debate pós-moderno". In: *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996, p. 130.

<sup>35</sup> LYOTARD, Jean-François. "Apostilla a los relatos". In: *La posmodernidad (explicada a los niños)*. Barcelona: Gedisa, 1987, p.30.

de um indivíduo é o seu próprio benefício, ou na de um outro e mais radical conjunto de idéias, de que descende o existencialismo, de acordo com o qual o indivíduo é a própria fonte dos princípios morais, o arbítrio supremo dos valores morais e outros.

Ao lado das constantes transformações históricas promovidas no século XX e das atualizações nos conceitos modernos – até onde se denomina *pós-moderno* – a vivência particular do sujeito em sua originalidade natural tornou-se um mito narcisista fundamental e ordenador da experiência. A aparente facilidade com que são consumidas substâncias psicoativas, na atualidade, serve como exemplo dessa forte tendência social, a que chamamos de *farmacotimia*. Transparece enquanto resíduo sintomático, portanto, o consumo exacerbado de produtos que trazem efeitos psicoativos, fronteira moral e auto-erótica das liberdades individuais em relação aos discursos científicos e disfunções sociais.

Muitos observadores afirmam que o narcisismo é hoje em dia o modo hegemônico do pensamento e da ação nas sociedades mais desenvolvidas. Receio que se trata tão somente da repetição cega (compulsiva) de um luto anterior, o luto de Deus, que cedeu lugar justamente ao modo moderno e ao seu projeto de conquista. Na atualidade, esta conquista só conseguiria perpetuar a dos modernos, com a diferença de que renunciaria conseguir a unanimidade. Já não exerceremos mais o terror em nome da liberdade, e sim em nome de ‘nossa’ satisfação, a satisfação de um nós definitivamente limitado a sua própria particularidade <sup>36</sup>.

Por esse viés, as práticas de consumo de substâncias que reportam os indivíduos à alteração do sistema percepção-consciência, em sua relatividade individual e coletiva, vislumbradas a partir da perspectiva universal dos sonhos, lançam uma indagação sobre o espaço e função que ocupam nas sociedades modernas. A *farmacotimia social* representa uma opção coletiva de satisfação adequada às contingências do capitalismo tardio, cujo tecido discursivo sobre os valores e identificações fragmenta-se em elementos difusos e simbolicamente desagregados. Ao lado do sonho, enquanto motivação inconsciente, e não como ideal de unanimidade social, o uso cultural dos psicoativos demonstra que a economia, a ciência e a técnica não são as únicas garantias de satisfação substitutiva. Isso provoca o questionamento pregresso sobre como se propagou através das mídias – no caso desse estudo, a mídia impressa – a revisão das possíveis mudanças e as disposições gerais em torno da *farmacotimia*.

---

<sup>36</sup> LYOTARD, “Misiva sobre la historia universal”. In: *La posmodernidad (explicada a los niños)*. Barcelona: Gedisa, 1987, p. 38.

## Capítulo 2

### Dependência e saber medicinal

Mas talvez se trate de pessoas do tipo das que não cuidam de precaver-se; mesmo estas, todavia, são responsáveis em consequência da vida descuidada que levam, por seu procedimento injusto e por sua concupiscência, pois elas praticam más ações ou passam o tempo entregues à embriaguez ou a desregramentos da mesma natureza; estas pessoas adquirem um determinado caráter por agirem constantemente de determinada maneira.

Aristóteles

A medicina da era tecnológica ultrapassa qualquer nível de compreensão dos problemas de saúde fora de seu hegemônico saber sustentado nas ciências biomédicas. Atualmente o que é considerado bom-senso em termos de sanidade física e psíquica não somente decorre das consultas clínicas junto aos especialistas da medicina, mas também em grande medida da opinião difundida da categoria. O quadro da saúde se compõe através dos resultados de pesquisas laboratoriais, recursos de diagnóstico e tratamento cada vez mais avançados pelo auxílio das tecnologias e da informática. Isso se reflete nos artigos publicados, em periódicos científicos, e também em reportagens de publicações semanais sobre saúde e comportamento. A medicina e as mídias atualmente têm andado de braços dados, revelando uma parceria inabalável na divulgação de questões gerais de saúde, dilemas médicos, pesquisas científicas, tratamento e prevenção de doenças, assim como de medicamentos de última geração <sup>37</sup>.

É incontestável que a palavra dos médicos especialistas soa como sinônimo de confiança e segurança no que tange aos resguardos do corpo, porque também está amplamente referendada nos resultados de pesquisas científicas. Através de uma lógica imperativa que associa assepsia, competência técnica, retidão moral e adequação à hierarquia científica, a categoria dos médicos se destaca como semblante do saber sobre o grande e complexo domínio da vida e da morte, envolvendo todos os segmentos sociais e campos de atividade. As famílias modernas, via de regra, se apropriam desse saber medicinal, incorporam parte de seu arsenal bioquímico, e retransmitem um conhecimento *domesticado* de modo particular. Ao partilhar desse domínio, o familiar encontra um modo próprio de satisfação e resolução de problemas relacionados à sua

---

<sup>37</sup> Cf. Anexo b. Reportagens afins – item I.

higiene e saúde, fazendo disso uma experiência da ordem do consumo, o indivíduo tornando-se portador e intérprete de uma verdade científica.

Através de entrevistas com especialistas, coberturas de eventos internacionais sobre temas de saúde, divulgação de medidas e iniciativas governamentais voltadas para a saúde, além de descobertas e avanços técnicos, as mídias difundem concepções de vida sobejamente determinadas pelo saber medicinal. Todo artigo ou reportagem relacionado com o corpo ou com o cérebro traz a informação amplamente difundida pelas comunicações de que *antes de qualquer atividade devemos consultar um médico*. A consulta ao médico é imperativa em diversos setores da sociedade, tornando-se um controle vigilante do bem-estar dos indivíduos e uma obrigação moral. Empresas e escolas enfatizam a necessidade das referências médicas, e equipes para-médicas estão sempre de plantão para ensinar valores condizentes com o saber medicinal. Ainda que seja inegável sua importância para as sociedades modernas, que a medicina ofereça estabilidade e tranquilidade para todos, o domínio medicinal extrapola os parâmetros da saúde e ganha cunho moral. Na medida em que disciplina e demanda hábitos de conduta, a partir de doutrinas sanitaristas, somos levados a reconhecer nos procedimentos científicos medicinais referências e parâmetros de virtude humana, o que traz conseqüências de ordem ética, política e judicial, no que tange ao plano da sanidade mental. A medicina moderna, nesse sentido, produz internalizada e soberana vigilância sobre os modos de vida social, moralizando práticas ou ações individuais e coletivas.

O domínio da vida e da morte exercido pela medicina é normalmente interpretado por estado de saúde. A abordagem medicinal clínica e metodológica se expande dos corredores das universidades e hospitais, do íntimo dos consultórios e laboratórios, ganha domínio público, e engloba a opinião de balconistas, farmacêuticos e particulares. O poder derivado desse saber medicinal, poder que corresponde a um domínio sobre o exercício cotidiano de medidas sanitárias, carrega consigo efeitos iatrogênicos<sup>38</sup>, efeitos de um saber medicinal como prescrição. Associada à auto-medicação, a iniciativa livre sobre esse saber encontra-se presente na prática de balconistas e farmacêuticos, de modo que distribuição e consumo dos medicamentos excede em grande parte o controle das associações de medicina. É compreensível que a auto-medicação constitua um efeito iatrogênico das práticas medicinais e assuma gigantesco vulto na modernidade, suscitando a *farmacotimia* e chegando aos extremos da dependência química. Logicamente, não é esta a única razão para que as substâncias psicoativas sejam utilizadas; porém, este motivo aponta para uma disposição medicatriz da sociedade, onde se trata de buscar o alívio de qualquer tipo de sofrimento,

---

<sup>38</sup> Iatro- [do grego *iatrós*] ‘medicina’, ‘remédio’. Iatrogenia. Alteração patológica provocada no paciente por tratamento médico errôneo ou inadvertido.

seja orgânico ou psíquico. Ao se apropriar relativamente do saber medicinal, as famílias garantem um rol de recursos medicamentosos práticos para casos de emergência, ou mesmo como medida preventiva. A ansiedade associada ao sentimento de urgência, bastante freqüente na resolução dos problemas atuais, corrobora para a versão medicinal do *stress* no cotidiano. E a resposta das neurociências para esse tipo de sofrimento normalmente vem acompanhada de tranqüilizantes e anti-depressivos. O domínio da vida e da morte passa pela disposição de se medicar, quando avaliado pelo prisma da atual medicina.

Dos costumes e hábitos sanitários, transmitidos através de gerações, passamos por um verdadeiro catálogo de prudentes informações disciplinares sobre os resguardos do corpo e promessas de vida longa. Isso pode adquirir um vulto tão imperativo que se assemelha ao universo dos credos e rituais de magia. Afinal, a medicina embasada na metodologia científica pode ser considerada uma poderosa prática de cura que substitui os rituais de magia na era moderna. O semblante medicinal oferece confiança às populações ao manipular e partilhar de um saber hegemônico elevado e sustentado pelas ciências biomédicas, pela farmacologia e novas tecnologias. Em parte, como critério de adequação da conduta na atualidade, o olhar medicinal substitui o olhar do curandeiro, criando uma particular moralidade sanitária sob o eixo da saúde coletiva. A diferença é que o poder que envolve esse saber advém de disposições corporais, orgânicas e neurofisiológicas, cientificamente analisadas e reproduzidas, enquanto que o dos rituais supõe subjetiva transcendência e misticismo. Não poderíamos compará-las por seu sentido oculto; porém, ambas se equiparam quanto à função social. Lévi-Strauss [1974] adverte que a saúde individual implica a participação na vida social, assim como sua recusa redundaria em sistemas deslocados que reproduzem perturbações de ordem mental.

Uma sociedade qualquer é, pois, comparável a um universo em que só massas discretas seriam altamente estruturadas. Em toda sociedade, portanto, seria inevitável que uma porcentagem (aliás variável) de indivíduos se encontrasse colocada, se se pode assim dizer, fora do sistema ou entre dois ou diversos sistemas irredutíveis. A estes indivíduos, o grupo pede e até mesmo impõe que figurem certas formas de compromissos irrealizáveis no plano coletivo, que finjam transições imaginárias, que encarnem sínteses incompatíveis. [...]

Vemos claramente como e porque um feiticeiro é um elemento do equilíbrio social; a mesma constatação impõe-se para as danças ou cerimônias de possessão. Mas se nossa hipótese é exata, seguir-se-ia que as formas de perturbações mentais características de cada sociedade



e a porcentagem de indivíduos por elas afetados são um elemento constitutivo do tipo particular de equilíbrio que lhe é próprio <sup>39</sup>.

A medicina apregoa que podemos partilhar desse domínio física e psiquicamente, sendo a própria experiência a prova de que seus métodos clínicos são eficazes. A adequação dos organismos aos elementos materiais que o compõem, materialidade bioquímica que se reorganiza ao longo da vida, serve como premissa aos cuidados e procedimentos básicos. Atualmente, dessa premissa derivam minuciosos mapeamentos do funcionamento orgânico, chegando aos detalhados estudos neurológicos em torno do cérebro, sistema nervoso central [SNC] e suas funções, culminando na engenharia genética. Isso se ordena, enfim, e pode ser diagnosticado, necessitando somente prescrever a particular intervenção ou dosagem de cada procedimento. Trata-se de verificar qualidade e frequência das ações e definir o uso apropriado da intervenção terapêutica e das diferentes substâncias farmacológicas. Envolve aquilo que desde a antiguidade se denomina dietética, doutrina normativa de ações e substâncias que necessitam de controle sobre sua absorção e eliminação para a conservação da vida.

## 2.1 Disciplina e dietética

Foucault [1988], em sua trilogia *História da sexualidade*, dedica capítulo à importante questão da dietética, reportando-se à Grécia antiga, e discute a compreensão dos regimes dietéticos segundo duas narrativas, a de Hipócrates [460-377 a.C.] e a de Platão [428-347 a.C.]. Para o primeiro, a medicina surgiu a partir de uma preocupação essencial para com o regime. No processo de diferenciação do regime alimentar, a humanidade teria se separado da vida animal e procurado uma dieta mais adaptada à sua natureza. Da mesma forma, a dieta passou a ser diferenciada entre aquela voltada às pessoas em bom estado de saúde e outra voltada aos doentes, de onde deriva a medicina. Ela teria se formado, então, a partir da evolução da dieta própria aos doentes e de uma interrogação fundamental sobre o regime específico que lhes convém. Platão, pelo contrário, pensava que a preocupação com o regime surgiu de uma modificação das práticas medicinais. A dietética tornou-se um prolongamento da arte de curar no momento em que o regime, como maneira de viver pela qual os homens se alimentavam e se exercitavam, separou-se da natureza.

Em todo caso, quer se faça da dietética uma arte primitiva ou se veja nela uma derivação

---

<sup>39</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Vol 1. São Paulo: EPU/Edusp, 1974, p. 10.

ulterior, é claro que a própria 'dieta', o regime, é uma categoria fundamental através da qual pode-se pensar a conduta humana; ela caracteriza a maneira pela qual se conduz a própria existência, e permite fixar um conjunto de regras para a conduta; um modo de problematização do comportamento que se faz em função de uma natureza que é preciso preservar e à qual convém conformar-se. O regime é toda uma arte de viver. [...] Em suma, a prática do regime enquanto arte de viver é bem outra coisa do que um conjunto de precauções destinadas a evitar as doenças ou terminar de curá-las. É toda uma maneira de se constituir como um sujeito que tem por seu corpo o cuidado justo, necessário e suficiente. Cuidado que atravessa a vida cotidiana; que faz das atividades maiores ou rotineiras da existência uma questão ao mesmo tempo de saúde e de moral; que define entre o corpo e os elementos que o envolvem uma estratégia circunstancial; e que, enfim, visa armar o próprio indivíduo com uma conduta racional <sup>40</sup>.

Depreende-se dessas observações de Foucault que a dietética, em suas relações com a prática da medicina, corresponde aos princípios aristotélicos da doutrina do meio-termo como forma de aperfeiçoamento das virtudes no homem. Para Aristóteles [384-322 a.C] a excelência moral é produto do hábito, e em se tratando da dietética como arte de viver, os hábitos a conformam e manifestam. Em tese, podemos conceber que a medicina que vigora até nossos dias ideologicamente respeita as mesmas premissas dos pensadores da antiguidade. Todo critério de valor que concerne às práticas de boa medida ou de bom senso na formação dos médicos e na aplicação da medicina moderna está fundamentado nos mesmos princípios, que logicamente condenam as ações extremas e excessos. Os cuidados que aproximam saúde e moral, como bem salienta Foucault, observam-se até nossos dias, quando os especialistas ostentam um saber sobre a dietética dos pacientes que adquire caráter autoritário e imperativo.

Entretanto, não é somente pelo viés das disposições nobres produzidas pelos hábitos e cuidados sanitários que se reveste o saber medicinal. As relações que desde cedo se estabeleceram entre a medicina e o uso de plantas, em infusões e extratos, as conseqüentes pesquisas da alquimia, da química e da farmacologia, colocam em jogo a dicotomia da vida e da morte na perspectiva das substâncias e da sua utilização clínica. As substâncias adquiriram interesse ao longo do tempo por seus efeitos e viraram objetos de domínio privilegiado. O saber decorrente do uso adequado dos fármacos passou a ser a chave para a inteligência nas questões dietéticas, no tratamento de doenças e no alívio do sofrimento para diferentes casos. Sem adentrar no campo da história da medicina, é digno de nota que, a partir da revolução científica, com o

---

<sup>40</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, pp. 91-99 (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).

recrudescimento das análises químicas nos séculos XVIII e XIX, a civilização foi introduzida à era moderna da farmacologia e das ciências biológicas.

Conseqüente aos avanços tecnológicos que caracterizam as análises clínicas e aos recursos químico-farmacológicos na atualidade, houve um aumento considerável de descobertas científicas relacionadas à complexidade do organismo e de sua constituição neurológica, além dos modos de prevenção e tratamento. Encontra-se extensa variedade de fórmulas e marcas registradas de substâncias para todo o tipo de doença que esteja sob o abrigo do saber medicinal, além daquelas que estão sob constante pesquisa relacionadas a doenças epidemiológicas e de difícil remissão. Agrega-se, com pertinência, que as substâncias químicas e a indústria farmacêutica conquistaram vastos territórios por sua aplicação à esfera da higiene, da indústria de cosméticos, da estética e dietética, e por extensão, na mais recente medicina esportiva. Basta que lembremos do grande número de produtos ligados à assepsia dos poros, orifícios e cavidades corporais, cremes de hidratação e rejuvenescimento da pele, dos cabelos, além de compostos vitamínicos, pomadas, hormônios sintéticos e anabolizantes.

O conhecimento que concerne à medicina e que é divulgado como paradigma universal nos dias de hoje está fundamentado em procedimentos metodológicos incontestáveis do ponto de vista do discurso científico. Deriva disso que o saber medicinal fundamenta e alimenta a dimensão de poder que lhe convém. Na imbricação do racionalismo científico ao pragmatismo da atualidade, pesquisas relacionadas às substâncias diversas da natureza e dos corpos circunscreveram novas realidades no domínio da saúde, dotando os recursos médicos sob medida das tecnologias informatizadas e do esquadro bioquímico. Cada vez mais é possível experimentar bem-estar induzido pelo uso racional de fármacos, através da moderna farmacologia e da medicina, associando dietética e prevenção, adequando princípios higiênicos e morais às culturas *globalizadas*. Não estaria exposto o principal efeito iatrogênico do saber medicinal? Ao estimular a ordenação do bem-estar segundo critérios absolutamente científicos de legitimação, sua doutrina sugere que podemos adquirir homogêneo poder sobre qualidade de vida e consciência, vislumbrando o aperfeiçoamento da espécie.

Em vista do empenho levado às últimas conseqüências para aplacar sofrimentos diversos e para garantir ideais sanitaristas, cria-se difusa expectativa de que a neuroquímica do SNC responde pelo estatuto da felicidade. Essa contingência, permeada por diferentes modos de consumo, introduz como efeito certa disposição ou interesse por viver *medicado* de modo adaptativo, *drogado* de modo transgressivo - estase da existência - ou por resistir parcialmente aos impulsos *farmacotímicos*. Logicamente, sem levar a conclusões absolutas, essa indagação também

introduz questões éticas, na medida em que determinadas categorias da sociedade detêm o domínio sobre a síntese laboratorial, produção industrial, prescrição e divulgação das substâncias. A disposição medicatriz, então, desse ponto de vista deveria estar subordinada ao controle das categorias e dos dispositivos legais de cada governo, o que remete a uma discussão mais ampla sobre a ética e o domínio da sanidade mental nas sociedades.

Os procedimentos consolidados pela medicina de modo geral respondem bem à demanda pela contenção da insanidade mental e das manifestações delirantes na modernidade. Diversas condutas buscam estabilizar esses traços de *desregramento* social, seja pelas intervenções clínicas no seio das crises familiares ou através de estratégias preventivas, como métodos de disciplina e controle. Essa doutrina de contenção das formas de loucura, entretanto, se revelou através da história a partir de grandes mudanças ocorridas há alguns séculos atrás, quando do advento da medicina moderna. Foucault [1978] trabalha extensivamente em *A história da loucura na Idade Clássica* sobre os efeitos de uma ampla transformação ideológica e ética em relação à questão da saúde mental, ocorrida após o Renascimento nas sociedades européias, que culminou na delimitação irreversível entre razão e desatino para a concepção moderna de normalidade.

Segundo Foucault, essa grande mudança representou o momento em que a loucura foi percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo. Para o autor, as novas significações atribuídas à pobreza, a importância dada à obrigação de trabalho e todos os valores éticos a ele associados determinaram e modificaram o sentido da experiência da loucura. A grande internação dos insanos, doentes, libertinos, mendigos e outros *párias* excluídos da ascendente razão social burguesa, ocorrida a partir do século XVII em vários pontos da Europa, estruturou o que o autor chama de *mundo correcional*. A partir disso, a observação dos valores morais, preceitos higiênicos e estratégias disciplinares, muito associadas às práticas sexuais e religiosas e às novas formas de organização no trabalho, adquiriram dimensão coercitiva no universo das relações humanas.

Esse desatino do qual o pensamento do século XVI tinha feito o ponto dialético de inversão da razão, no itinerário de seu discurso, recebe com isso um conteúdo secreto. Esse desatino se vê ligado a todo um reajustamento ético onde o que está em jogo é o sentido da sexualidade, a divisão do amor, a profanação e os limites do sagrado, da pertinência da verdade à moral <sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 105.

Esse estudo de Foucault revela afinidades com o tema aqui proposto, e é digno de nota que ele nos apresenta importantes dados históricos referentes aos critérios de exclusão e às terapêuticas adotadas para com os excluídos. Coloca-nos a par de uma estreita cumplicidade da medicina para com as medidas de correção moral, ou punitivas, orientadas a princípio por um sentido de purificação religiosa. A internação, contenção e medicação da loucura nos fazem supor que existia outra ordem de ruptura, fundamentalmente associada aos paradigmas da moralidade, onde os indivíduos sob tratamento carregavam o estigma de um sentido oculto como nos é apontado por Foucault. As motivações e regras que amplamente deram fundamento ao *mundo correccional* sustentavam-se em mecanismos sociais diretamente ligados à nova ordem econômica da burguesia. Dentro do mercantilismo vigente, a exclusão dos elementos nocivos, inativos ou inoportunos, veio organizar e imputar normas privilegiadas de integração social. A medicina teve importante participação na definição dos excluídos ou dos *a-sociais* [designação do autor].

Este parentesco entre as penas da loucura e a punição da devassidão não é um vestígio de arcaísmo na consciência europeia. Pelo contrário, ele se definiu no limiar do mundo moderno, dado que foi o século XVII que praticamente o descobriu. Ao inventar, na geometria imaginária de sua moral, o espaço do internamento, a época clássica acabava de encontrar ao mesmo tempo uma pátria e um lugar de redenção comum aos pecados contra a carne e às faltas contra a razão. A loucura começa a avizinhar-se com o pecado, e é talvez aí que se estabelecerá, por séculos, esse parentesco entre o desatino e a culpabilidade que o alienado experimenta hoje, como sendo um destino, e que o médico descobre como verdade da natureza. [...] É estranho que tenha sido justamente o racionalismo quem autorizou essa confusão entre o castigo e remédio, esta quase-identidade entre o gesto que pune e o gesto que cura. Ele supõe um certo tratamento que, na articulação precisa entre a medicina e a moral, será ao mesmo tempo uma antecipação sobre os castigos eternos e um esforço na direção do restabelecimento da saúde. [...] A repressão adquire assim uma dupla eficácia, na cura dos corpos e na purificação das almas <sup>42</sup>.

Por esse viés, entendemos que a significação da loucura e do seu tratamento nos dias de hoje [século XXI] se mantém permeada por critérios de valor e de exclusão que construíram a história da internação e que aproximam toda forma de desatino [loucura] ou delírio aos estigmas sociais. A responsabilidade sobre os atos insanos, segundo autoridade clínica disciplinar, recai nos ombros das famílias e do indivíduo, em suas diferenças constitutivas para com um sentido consensual de normalidade e moderação no âmbito da sociedade produtiva. Ao tratarmos dos modos como o discurso orientador da medicina se transmite na atualidade, precisamos levar em consideração também essa ambigüidade, que a noção de doença se expandiu

---

<sup>42</sup> Ibid, p. 87.

a ponto de introduzir vários distúrbios comportamentais no plano das categorias nosológicas dos manuais de psiquiatria. Sob viés científico, então, as famílias e os indivíduos não são mais considerados responsáveis perante suas *doenças*, e são convidados a confiar seus próprios saberes aos cuidados medicinais. Porém, ainda restam na dimensão temporal os resíduos históricos recalçados, sentidos obscuros e valores morais apontados por Foucault.

São essas servidões que, sem dúvida, explicam a estranha fidelidade temporal da loucura. Há gestos obsessivos que soam hoje como velhos rituais mágicos, conjuntos delirantes que são colocados sob a mesma luz das antigas iluminuras religiosas; numa cultura da qual desapareceu há muito tempo a presença do sagrado, encontra-se por vezes um apego mórbido à profanação. Esta persistência parece interrogar-nos sobre a obscura memória que acompanha a loucura, condena suas invenções a serem apenas retornos e designa-a freqüentemente como a arqueologia espontânea das culturas <sup>43</sup>.

## 2.2 Síndrome de dependência

Diante desse panorama, onde se fundem fatores históricos, científicos e morais na prática da medicina, buscamos os parâmetros intelectivos que caracterizam a dependência de substâncias psicoativas. Consideramos que o consumo de psicoativos e seus efeitos aleatórios jogam e provocam com questões semelhantes a essas apontadas por Foucault, não somente no âmbito da saúde, mas também na esfera da sexualidade e da ética vigente entre grupos sociais. A indústria farmacêutica na atualidade encontra-se subordinada às regras de economia e mercado mundiais, conformando fabricação e distribuição de substâncias sob monopólio de grandes laboratórios. A relação que estes têm com o universo da publicidade e das mídias repercute em diferentes esferas de prescrição e consumo via medicina. Bermudez [1995] estudou a política de medicamentos no processo histórico brasileiro e destacou a importância dos interesses empresariais sobre a população carente do país.

Na conjuntura dramática que é a realidade do país, com enormes contingentes populacionais discriminados e marginalizados, o desempenho da indústria farmacêutica opõe a ela interesses conflitantes e antagônicos, permeando uma polarização entre situar a política de medicamentos como política de saúde ou considerá-la apenas uma política industrial. É importante assinalar que um segmento industrial altamente diferenciado como é o farmacêutico, dependente de capital transnacional e que abrange em sua verticalização, tanto a produção de matérias-primas como a sua transformação, encontra um campo

---

<sup>43</sup> Ibid, p. 106.

propício para o florescimento de seus interesses econômico-financeiros em um país como o Brasil <sup>44</sup>.

Por outro lado, laboratórios clandestinos sintetizam e fabricam várias outras substâncias que, a rigor, funcionam como *medicamentos* para determinados indivíduos, mas que por serem ilícitas, caracterizam o grupo das chamadas *drogas*. O complexo efeito iatrogênico do consumo desregrado de medicamentos e de substâncias psicoativas, por extensão, revela que não existe conformidade social às determinações sanitárias. Algo escapa à ordenação dos deveres e prescrições medicinais. O que a sabedoria medicinal da vida moderna traz de insólito é que os indivíduos não se adaptam a qualquer normalidade asséptica, em virtude de suas satisfações no panorama dos consumos, o que os leva em várias situações a sofrer diferentes formas de exclusão.

O corpo como micro-laboratório é suposto estar em sintonia com as orientações equilibradas dos profissionais da saúde; porém, também, carrega o amargo traço da subordinação às regras que regem esses saberes. Pacientes se rebelam em relação a várias ordenações clínicas, como se observam normalmente em hospitais, exigindo a manutenção de hábitos pessoais, como fumar, ou recusando procedimentos técnicos imprescindíveis. O controle sobre os medicamentos e suas doses específicas recebe necessariamente atenção redobrada por parte dos auxiliares de enfermagem, especialmente nas clínicas psiquiátricas, pois lidam com vários psicoativos. Alguns remédios que produzem efeitos prazerosos são roubados das enfermarias, nesses lugares, tanto por pacientes como por funcionários. De fato, as substâncias exercem poder de atração e criam fortes hábitos de difícil superação. No limite, levam às dependências químicas, tomadas aqui com referência aos manuais de medicina. A síndrome de dependência [dependência química] é caracterizada por uma soma de fatores a serem observados nos pacientes, segundo a Classificação Internacional de Doenças [CID].

F10-F19.2 Síndrome de dependência.

Conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após repetido consumo de uma substância psicoativa, tipicamente associado ao forte desejo de tomar a droga, à dificuldade de controlar o consumo, à utilização persistente apesar de suas conseqüências nefastas, a uma maior prioridade dada ao uso da droga em detrimento de outras atividades e obrigações, a um aumento da tolerância à droga e por vezes a um estado de abstinência física. A síndrome de dependência pode dizer respeito a uma substância psicoativa específica [por exemplo, o fumo, o álcool ou o diazepam], a uma

---

<sup>44</sup> BERMUDEZ, Jorge Antônio Zepeda. *Indústria farmacêutica, estado e sociedade*. São Paulo: Hucitec/Sobravime, 1995, p.39.

categoria de substâncias psicoativas [por exemplo, substâncias opiáceas] ou a um conjunto mais vasto de substâncias farmacologicamente diferentes <sup>45</sup>.

Para o diagnóstico da síndrome de dependência, existem várias definições igualmente orientadas por um saber fundamentado na clínica médica. Schuckit [1991] apresenta outros aspectos de interesse clínico, mas procura isolar a subjetividade ou elementos de motivação psíquica do ponto de vista de sua utilização como componentes intrínsecos aos quadros de dependência.

A *dependência*, também chamada *habituação* ou *uso compulsivo*, implica uma 'necessidade' psicológica e/ou física à droga.

1. A *dependência psicológica* é uma característica de todas as drogas de abuso e centra-se na necessidade da droga pelo usuário, de modo a atingir um nível máximo de funcionamento ou sentimento de bem-estar. Este é um item subjetivo quase impossível de quantificar objetivamente, sendo assim de utilidade limitada para chegar ao diagnóstico.

2. A *dependência física* indica que o corpo se adaptou fisiologicamente ao uso crônico da substância, com desenvolvimento de sintomas quando a droga é interrompida ou retirada. Embora inicialmente este conceito pareça ser relativamente simples, há evidências de que o condicionamento comportamental e os fatores psicológicos são importantes no que usualmente é sentido como uma síndrome física de abstinência <sup>46</sup>.

Pelo simples fato de produzirem efeitos que alteram o sistema percepção-consciência e decorrentes ações daqueles que as consomem, sejam esses prazerosos, excitantes, anestésiantes, irritantes ou perturbadores, os psicoativos induzem uma reordenação nos meios em que atuam. Podemos entender esses meios tanto no plano do indivíduo sob efeito, isto é, uma alteração endógena do sistema em particular, incidindo sobre a atividade do psiquismo, como no plano da interação com o meio ambiente e suas implicações sociais. Nesse aspecto dos produtos, não tão claramente alocados em suas relações com os meios, é que se introduz a dimensão enigmática de seu consumo. As substâncias psicoativas não somente subvertem o funcionamento orgânico das sociedades, na medida em que aparecem como representativas de uma reordenação causal suscetível de intervenção, como também apontam para a impossibilidade de controlar a particularidade dos que se interessam por seu consumo. Por esse motivo, elas provocam atitudes

---

<sup>45</sup> Organização Mundial de Saúde [OMS]. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde [CID-10]. Volume I*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo [Edusp], 1996, p. 313.

<sup>46</sup> SCHUCKIT, Marc. *Abuso de álcool e drogas: uma orientação clínica ao diagnóstico e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 24.



paradoxais e reações discriminatórias, ocupando lugar privilegiado dentre os desvios de conduta e estigmas sociais.

Sublinhamos desde já a dubiedade implícita que consiste introduzir qualquer substância em um organismo. Os próprios alimentos usualmente são questionáveis do ponto de vista de seus benefícios, o que se conhece através da discussão sobre as dietas nutricionais, alguns deles muitas vezes sendo contra-indicados por suas propriedades bioquímicas. Também observamos que a grande maioria dos medicamentos vendidos em farmácias e drogarias é indicada somente a partir de prescrições, não devendo ser administrados sem qualquer orientação médica. Isso demonstra que o mesmo potencial que uma substância pode ter no sentido de seus benefícios terapêuticos e nutritivos, quando de sua má aplicação, pode redundar em malefícios, o que caracteriza o risco que comporta todo o tipo de auto-medicação ou administração voluntária. Assim, podemos ampliar essa versão para toda e qualquer substância, desde que ela não esteja incluída no grupo daquelas altamente tóxicas ou letais para os seres vivos, como seria o caso dos combustíveis e agro-tóxicos.

Do que se trata, então, quando se incrimina ou se questiona o consumo de uma substância, não é senão sobre o prisma delicado da dosagem, da relação entre qualidade e quantidade; dos parâmetros do excesso, do abuso e de suas conseqüências. Há alguns anos, por exemplo, apareceu nos Estados Unidos e no Brasil o modismo das dietas de vitaminas, fazendo surgir no mercado grande quantidade de complexos polivitamínicos e produtos voltados para o rejuvenescimento e equilíbrio geral do organismo. Recentemente, através de pesquisas no campo da medicina, descobriu-se que houve um razoável exagero no que diz respeito ao benefício dessas dietas, devendo algumas vitaminas simplesmente prejudicar a saúde se tomadas em excesso ou sem o controle dosado entre outros elementos da alimentação <sup>47</sup>. Esse episódio é paradigmático de como facilmente se podem construir crenças satisfatórias que se divulgam através das mídias e que vêm de encontro ao ímpeto pelo bem-estar e saúde da população. No entanto, isso não ocorre da mesma forma para todas as substâncias que têm certa aceitação e mercado de consumo, e é quando as diferenças entre elas se tornam motivo de indagação.

As mídias refletem o saber medicinal, mas também refratam-no de diferentes perspectivas, deixando transparecer o que opera em relação ao gozo nos hábitos de consumo. A exemplo da indústria cultural da moda e do estilo, verdadeiros ideais de beleza e sucesso para muitos apaixonados, o uso de substâncias anorexígenas [inibidores de apetite] extrapola o domínio

---

<sup>47</sup> Cf. Em busca do equilíbrio. *Istoé*, São Paulo, n.1655, p. 84-92, 20 junho 2001.

do bom-senso medicinal. Que essa escolha particular por ideais manifeste-se poderosa quanto às atitudes e disposições, isso indica como há outro domínio, onde ordenações opostas fogem ou excedem o campo da *adestração* bioquímica. Para introduzir e trabalhar sobre esse campo faz-se necessário reconhecer outras práticas diferentes da medicina. As mídias desorganizam essa lógica medicinal ao valorizar tendências de opinião e comportamento. Encontram-se diferentes ideais de expressão e formas que potencialmente apontam para uma inadequação dos desejos aos preceitos moderados. A exemplo das academias de ginástica aeróbica e musculação, o fisiculturismo atualmente dispõe de ampla gama de produtos químicos e sintéticos voltados para sua prática que foram desenvolvidos a partir de histórica efervescência estética, o que envolve modelos e ideais heróicos representados pela indústria cinematográfica. Melman [1992] faz importante relação entre o abuso das substâncias e produtos farmacêuticos, aproximando as estratégias de mercado a este que chamamos de efeito iatrogênico do saber medicinal.

O marketing antecipa a produção de modismos: televisão, *walkman*, *jogging*, fundados sobre uma incitação ao auto-erotismo. [...] Podemos notar ainda que a indução a uma dependência em relação a um produto manufaturado é um ideal para toda empresa. Assim, quanto mais o valor do patronímico é abolido, mais um indivíduo se vestirá com estas *griffes* que exalta como para afirmar uma identidade melhor assegurada. [...] A glória desta incitação à dependência reverte incontestavelmente para os laboratórios farmacêuticos. Os produtos de síntese, tais como os benzodiazepínicos, revelam-se perfeitamente eficazes contra a dor de existir. As reações salubres de um sujeito contra um real que não lhe deixava mais lugar: a revolta e a indignação, o desgosto ou a piedade, a depressão e a insônia podem ser assim tratados como sintomas mórbidos. A passividade assim obtida se fará ao preço de uma adição, desta vez legal e tida como um elemento favorável do prognóstico na medida em que ele toma regularmente seus medicamentos. A suspeição ordinária do toxicômano, em relação à medicina, pode-se apoiar sobre o fato de que se o fantasma desta última supõe a panacéia, ele a encontrou e serve-se dela sem falsos constrangimentos <sup>48</sup>.

Como critério de validação dos hábitos e dos modos particulares, normalizando regimes e dietas medicamentosas, além de introduzir medidas comportamentais, as prescrições médicas deixam marcas na história das sociedades. Apesar de diversos aspectos disciplinares que envolvem o saber medicinal ser suscetível de interpretação pelos profissionais das mídias, com referência ao consumo de substâncias e dependências químicas, a discussão se desenha sobre o

---

<sup>48</sup> MELMAN, Charles. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania. Uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992, p. 119.

plano da ética. É no âmbito das condutas morais que a interpretação das mídias se faz presente, operando como baliza para os excessos da medicina ao deixar vislumbrar determinados pontos alheios à razão científico medicinal. Trata-se de um contraponto produzido pelo próprio discurso hegemônico, onde a aparente parceria de poder no seio de um sistema sanitarista revela fendas e incertezas sobre os parâmetros atuais de sanidade.

## Capítulo 3

### Estigma e percepção

A enigmática noção de mácula implica no registro de uma transmissão através da qual o corpo maculado é silenciosamente invadido por um processo de progressão contínua que desconhece os limites do corpo. A mácula abole aos poucos a descontinuidade de tais limites para substituí-la pelo reino mortífero de uma continuidade caótica. [...] É assim que ela pode invadir o sujeito reduzindo-o a esse puro real, puro 'grão de trigo' despojado de qualquer alteridade significativa.

Alain Didier-Weill

Desde suas origens, descobertas e aplicações, sua evolução histórica e técnicas de utilização, seja através das práticas rituais, usos terapêuticos e recreativos, análises laboratoriais, sínteses e aperfeiçoamento, as substâncias psicoativas provaram sua inserção nos mais diversos meios sociais. Podem hoje em dia ser categorizadas ou classificadas de acordo com seus componentes químicos e moleculares, no âmbito da farmacologia, ou conforme seu potencial de influência sobre os diferentes tipos de tecidos e organismos de um ponto de vista clínico-medicinal, como ainda podem ser analisadas em relação aos seus efeitos perceptivos e variantes culturais. Podemos indagar, então, se os psicoativos ocupam um lugar deslocado no regular funcionamento das sociedades. Logicamente, estas não se organizam de forma homogênea em relação aos hábitos de consumo e nem tampouco em relação aos usuários. Dentro desse raciocínio, encontramos tanto indivíduos obsessivos hipocondríacos, quanto perversos dependentes de anfetamina, em suas diferenças estruturais, assim como outras formas diversas de integração e interesses referentes às substâncias. Hipoteticamente, o que sustenta então o modo de tratamento sobre a questão é a disposição discursiva que os envolve. Diante de discursos hegemônicos identificamos balizas ideológicas e morais que levam as sociedades a rejeitarem tanto o consumo de certas substâncias como aqueles que delas fazem uso, situando-os igualmente no registro dos estigmas sociais.

O modo como as sociedades, ou mesmo certas comunidades, lidam com determinadas substâncias está estritamente relacionado a fatores culturais historicamente delineados. Podemos citar, como exemplo, a tradição de beber vinho diariamente às refeições nas regiões vinícolas mediterrâneas da Europa, ou o consumo regular de vários preparados de cânhamo em países do médio-orientes, posicionando essas práticas sob parâmetros da normalidade. Porém, a modernidade aproximou as mais diversas culturas no cenário internacional, estabelecendo critérios

mais complexos de valoração quanto ao consumo de substâncias psicoativas. Concebemos, entretanto, que esses critérios ficaram mais delimitados em razão de definições políticas produzidas no processo de *globalização* e estabelecidos a partir de uma ética liberal preponderante no último século. A delicada questão das identidades culturais no cenário globalizado das sociedades modernas, o que Hall [2003] trata sob o prisma do *multiculturalismo*, de certo modo diluiu conceitos e hábitos sob configurações políticas e econômicas regionalizadas. Isso afeta de vários modos nos dias de hoje questões como individualismo e domínio privado no cotidiano.

O universalismo pós-iluminista, racional e humanista da cultura ocidental parece não menos significativa historicamente, mas se torna menos *universal* a cada momento. Muitas grandes idéias – liberdade, igualdade, autonomia, democracia – foram aperfeiçoadas na tradição liberal. Entretanto, é evidente que o liberalismo hoje não é ‘a cultura além das culturas’, mas a cultura que prevaleceu: aquele particularismo que se universalizou com êxito e se tornou hegemônico em todo o globo. [...] Acredita-se que a ‘neutralidade’ do Estado liberal (isto é, o fato de que este é representado como se não buscasse na esfera *pública* nenhuma noção particular do ‘bem’) garante a autonomia pessoal e a liberdade do indivíduo de buscar sua própria concepção do ‘bem’, contanto que isso seja feito no domínio *privado*. A ordem legal eticamente neutra do Estado liberal depende, assim, da estreita separação entre as esferas pública e privada <sup>49</sup>.

Hall deduz que isso está cada vez mais difícil de se cumprir, a lei e a política intervindo no domínio privado de modo significativo. O que se inscreve como particularismo adquire tanto uma abrangência social quanto individual. Assim considera que domínios como a família, a sexualidade, a saúde, a alimentação e o vestuário, que antes pertenciam fundamentalmente ao domínio privado, fazem parte de amplo campo público e político de contestação. Podemos inferir diante disso que as práticas de consumo das substâncias ilícitas passam necessariamente pelo campo de contestação acima designado, e estão enlaçadas aos discursos que vigoram na esfera pública.

Esse tipo de ação vigiada, vinculada à substância ilícita, pela particularidade que a caracteriza, encontra-se numa encruzilhada ética para com outros tipos de costumes. Pela própria característica de substância que altera estados de ânimo e funções no sistema percepção-consciência, presta-se à cuidadosa avaliação dos motivos ocultos de sua procura. A opção individual por consumir substâncias, mesmo aquelas sob prescrição médica, surte efeitos indiscutíveis sobre o meio, para além daqueles próprios de cada organismo. É no âmbito dos meios, das estratégias de

---

<sup>49</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG/Unesco, 2003, p. 77.

jogos, da encruzilhada dos interesses individuais com os valores sociais, que se produzem representações morais e ações discriminatórias, situando o consumo das diferentes substâncias no domínio da ética.

Os cruzamentos conceituais que se podem relacionar ao consumo das substâncias psicoativas variam de acordo com a leitura ou com o enfoque dos grupos estudados. Observamos novamente que as diferentes culturas lidam de forma particular com o uso de cada substância, sendo que para todas elas os excessos são motivos de condenação, discriminação e isolamento. O cruzamento de fatores *multiculturais* nas sociedades contemporâneas nos revela divergências, onde o que é aceitável para determinado grupo étnico, religioso ou racial, pode não ser para outro, respeitando assim critérios de filosofia, credo, tradição, momento histórico, grau de adaptação dos grupos investigados. O que pode representar, por exemplo, um cidadão jamaicano fumando um cigarro de maconha em uma praia qualquer do Caribe ou fazendo o mesmo ato nas ruas de um grande centro urbano europeu? Temos, então, que a divisão entre substâncias encontra flexível desígnio moral a depender da sociedade, do histórico coletivo e particular, e inclusive do meio ambiente a ser analisado. Essas variáveis mostram que os critérios de legalidade constituem campos de circunscrição no sistema de valores para cada situação ou grupo social. Toda e qualquer apropriação desse campo, ou domínio idiossincrásico, torna-se discursivamente arbitrária e normalmente serve para legitimar posições extremas nas diferentes esferas de saber.

### 3.1 Discriminação e poder

Agregando-se a isso, pensamos no fator que talvez seja o mais importante em relação às preocupações sobre substâncias psicoativas, que é o fato inquestionável de que elas produzem efeitos perceptivos, para além das reações neurofisiológicas, agindo sobre estados de ânimo e manifestações psíquicas de quem as consome. A depender da substância utilizada, o indivíduo ou o grupo de usuários pode constituir uma ameaça localizada ao bem-estar social e familiar, pode caracterizar uma emergência clínica particular, ou ainda, simplesmente, representar uma dissidência ideológica no terreno dos conflitos de ordem moral ou de identidade grupal. Por esses aspectos, a abordagem de Elias [2000] sobre a *figuração estabelecidos-outsiders*<sup>50</sup> é pertinente para analisar as diferentes situações que envolvem a aceitação ou a rejeição de usuários

---

<sup>50</sup> A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. [...] Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído.  
ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

de substâncias psicoativas. Reportemo-nos aos espetáculos de rock e música *pop* realizados em estádios e casas noturnas, e os *baseados*<sup>51</sup> podem fazer parte dos hábitos cotidianos de grupos estabelecidos; porém, em qualquer estádio brasileiro, durante um jogo de futebol, os mesmos cigarros de maconha estarão do lado dos *outsiders*.

Em dias de jogos de futebol, grande parte do público esportivo bebe considerável quantidade de cerveja nos bares, restaurantes e arredores, além do consumo de bebidas destiladas, configurando uma prática cultural legítima e amplamente difundida no Brasil. Ainda que a embriaguez alcoólica seja determinante em um número excessivo de casos de violência, em conflitos domésticos e em acidentes automobilísticos, esse hábito se reproduz como uma regra cultural aceitável. Podemos identificar aqui um tipo específico de *figuração estabelecidos-outsiders*, onde o cruzamento de elementos histórico-culturais em torno da legalidade do cânhamo e da cerveja se sobrepõe parcialmente aos interesses de grupo, principalmente em situações específicas de entretenimento e lazer. Nessas ocasiões, de um modo geral, o meio social tolera parcialmente a maconha e absolve totalmente a bebida alcoólica por razões não muito explícitas. Isso não ocorre em qualquer situação, como seria de se esperar, pois nas escolas e setores produtivos da sociedade, o repúdio ao consumo de maconha ou de bebida alcoólica é extremamente rigoroso.

Notavelmente, podemos situar esses hábitos de consumo, então, um pouco à margem dos mecanismos produtivos e dos valores intelectuais de organização dos grupos. As substâncias psicoativas anelam-se a uma dimensão que provoca estranheza junto ao regular funcionamento social, cujos cuidados e parâmetros nos remetem à sanidade ou higiene mental da população. Entretanto, não são totalmente menosprezadas por isso, pois se conjugam com disposições afetivas, propósitos estéticos, interesses espirituais e divertimento. Em vista dessa característica plural, podem ocupar um lugar privilegiado na identidade de grupos heterogêneos. Seu paradoxo reside nas construções interpretativas, nos estereótipos que se criam em torno de sua utilização, promovendo certa equivalência entre sujeitos usuários que consomem e a substância consumida, cristalizando estigmas sobre determinadas práticas ou provocando atitudes desafiadoras.

A estigmatização, como um aspecto da relação entre *estabelecidos* e *outsiders*, associa-se muitas vezes a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo *estabelecido*. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo *outsider*. [...] Isso ilustra muito vividamente a operação e a função das crenças do *establishment* a respeito de seus grupos *outsiders*: o estigma social

---

<sup>51</sup> Baseado. Gíria popular brasileira para cigarros de maconha [*Cannabis sativa*] ou cânhamo.

que seus membros atribuem ao grupo dos *outsiders* transforma-se, em sua imaginação, num estigma material – é coisificado <sup>52</sup>.

O uso das substâncias ilícitas, assim como o abuso das substâncias lícitas, nas sociedades modernas, está basicamente associado à marginalidade, à doença, à falta de higiene e disciplina, e remete os distribuidores e usuários à degradação moral do ponto de vista do *establishment*. Elas tomam forma de estigmas no imaginário coletivo de um modo geral e constituem critério para exclusão em diferentes situações de grupo, sendo nomeadas como *droga*, um termo que adquiriu caráter nebuloso e pejorativo. De uma instigante designação para as substâncias que apresentam dupla face, seu aspecto de remédio ou de medicamento inevitavelmente associado ao de veneno ou de tóxico, o termo *droga* na atualidade é utilizado para apontar coisas ruins ou maléficas, ganhando com isso uma *tarja preta* de produto tóxico e proibido, sob o prisma da justiça, das disposições morais e medicinais. Os ditos *drogados* são equiparados às *drogas*, caindo rapidamente no descrédito dos grupos sociais, e submetendo-se a todo tipo de exclusão ou isolamento, seja por opção ou por diferentes graus de dependência às substâncias. Em outras palavras, o estigma passa tanto por um nível ideológico e moral, relacionado aos modos de consumo e seus meios, independentes da noção de inclusão e produtividade, quanto por um enquadre mórbido, que ganha forma na doença e está sujeito às várias possibilidades de tratamento clínico e disciplinar.

As substâncias são produto e objeto de consumo como qualquer outro do ponto de vista das regras de mercado. No entanto, a partir das atribuições deletérias sobre seus efeitos, prestam-se para gerar repugnância e *coisificar* os sujeitos e grupos que delas fazem uso. É bem evidente que aquela parcela da população que faz uso de medicamentos psicotrópicos, ainda que sob prescrição médica, pelo estigma próprio às doenças de ordem mental, sofre quase o mesmo tipo de rejeição social que os usuários de cocaína. A questão da higiene mental e do senso comum sobre os hábitos cotidianos prevalece acima de tudo como forma de manutenção do *status* social. Sobrepõe-se a isso outra forma de exclusão, nos casos em que ocorre cruzamento de elementos étnicos e raciais junto aos hábitos, como se observa nas comunidades hispânicas ou de origem africana em certos países da América, quando de suas associações arbitrárias com a produção e consumo de cocaína e maconha.

Ao compararmos aspectos econômicos e políticos de organização social, desde os primórdios da era moderna até a atualidade, observamos que muitas das condições elementares de

---

<sup>52</sup> ELIAS & SCOTSON, *Os estabelecidos e os outsiders*, op. cit, p. 35.



distribuição de riquezas e poder entre os povos permanecem as mesmas, assim como os problemas de discriminação entre grupos étnicos e raciais, apesar dos esforços no sentido do estabelecimento de regimes democráticos e das magnas cartas pela igualdade dos direitos humanos. Bauman [1998] expõe a faceta perversa da desigualdade social na pós-modernidade, tocando justamente em um dos possíveis lugares que o consumo das substâncias psicoativas pode ocupar.

Convertidos nos proscritos de uma florescente sociedade de consumidores seduzidos, transformados em uma classe baixa sem um lugar atual ou em perspectiva na sociedade, e privados dos meios legalmente reconhecidos de acesso aos bens saudados como os valores supremos da vida agradável, os pobres tendem a lançar mão das drogas, esses sucedâneos (ilegais) do pobre para os instrumentos do êxtase consumidor do rico <sup>53</sup>.

Localizamos um consumo marginal ou libertino nessa afirmação, associado normalmente à criminalidade e à organização de estados paralelos, porque ainda hoje podemos escutar o efeito da exclusão da *loucura* atrelada à miséria e à discriminação de grupos humanos. De certo modo, as sociedades pagam o preço pelo abandono dos menos favorecidos, ainda que procurem novas formas de inclusão. Porém, será que não lhes é destinado precisamente satisfazer-se dessa maneira, como forma de manter a *figuração estabelecidos-outsiders*, observada por Elias, por um tempo não determinado? Na atual conjuntura, grandes corporações, grupos hegemônicos e países que apresentam maior tradição e coesão interna administram a economia e a política internacional, monopolizando recursos e veículos de comunicação, e destinando aos demais algumas regras e crenças que zelam pela ordem estabelecida.

Se o comércio e o consumo de substâncias psicoativas ilícitas, ou *drogas*, estão inseridos mais comumente no âmbito da miséria e precariedade de grupos *outsiders* [guetos, favelas, subúrbios], fica reforçada a tese de que essa forma de *loucura* não deve ter, a princípio, relação nenhuma com as classes dominantes. Por essa razão, as substâncias ilícitas e as políticas proibicionistas que as recobrem estão imbuídas de uma utilidade moralista dentro dos sistemas econômicos no panorama mundial. Além disso, ocupam o lugar das *substâncias maléficas ou vilãs* dentre as diferentes psicoativas, uma vez que a hegemonia do saber sobre os medicamentos e similares pertence a categorias solventes ao sistema capitalista.

---

<sup>53</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.80.

### 3.2 *Sujeito do efeito*

A questão relacionada às dependências químicas, dessa forma, volta a insistir, sendo que agora pode ser retomada a partir de um ponto de vista analítico, ou seja, a partir das diferenças. Vislumbrando como cenário social os dispositivos disciplinares que envolvem os modos de consumo de psicoativos, convém situá-los no texto de um jogo de estratégias interpretativas. O conceito de dependência apontado pela visão medicinal tende a vincular o organismo e seu funcionamento neurofisiológico às concepções fundamentais de saúde. Caracteriza a incidência regular das substâncias e seus efeitos em acordo com critérios diagnósticos organizados positivamente pela observação clínica. A implicação de um sujeito suscetível, ordenador da experiência, fica praticamente excluída dos tratamentos, que se restringem a princípio em desintoxicar os indivíduos e readaptá-lo à vida social produtiva.

A dependência pode ser assimilada, entretanto, a campos mais vastos que a própria palavra distende, cuja amplitude atinge disposições coletivas em sua irredutibilidade, com relação às experiências perceptivas e seus efeitos. A noção de dependência pode assim adquirir caráter difuso ou plural conforme sua leitura, onde a representação ideativa pode estar associada à inter-dependência entre grupos rivais, a idolatrias diversas, ao consumo compulsivo de mercadorias, a neuroses afetivas, a sintomas macro e micro-familiares, e inclusive ao consumo abusivo de psicoativos. Além disso, uma leitura não exclui necessariamente a outra, podendo apresentar complementaridade. Por esse viés, a relação que procuramos apresentar entre o sujeito que experimenta regularmente uma substância e a noção de dependência nesta primeira parte, responde a um apelo discriminatório que faz sentido no seio de sua inserção no campo do Outro, ou seja, no tecido da linguagem.

Há alguns anos atrás, uma campanha de prevenção ao uso de *drogas* no Brasil foi veiculada através das mídias, utilizando o seguinte lema ou *slogan*: “*Drogas. Nem morto!*”<sup>54</sup>. Independente da estratégia preventiva e seus efeitos de impacto, dizemos que para o sujeito que abusa de substâncias psicoativas, o lema poderia ser outro: “*Drogas. Só morto!*”. A relação que o *sujeito do efeito* psicoativo mantém com sua substância é rigorosa quanto à própria virtualidade da experiência em questão, quanto à insubordinação ao universo simbólico [*Só morto!*], e possivelmente esse é o ponto de interesse para aqueles que trabalham com a questão das dependências ou da *toxicomania*. Fala-se de dependência ou *vício*, outro termo que adquiriu

---

<sup>54</sup> *Slogan* utilizado pela campanha de prevenção ao uso de drogas da Associação Parceria Contra Drogas [APCD], agremiação de grandes empresas brasileiras, amplamente divulgado pela mídia e associado a fortes imagens de dependência química, desde 1996.

sentido pejorativo, mas o consumo das substâncias, mesmo ilícitas, nem sempre caracteriza quadros de dependência química, mesmo quando tomados do ponto de vista dos critérios medicinais e das estatísticas de internação. A dependência associada às substâncias configura um possível fantasma, uma sombra de degradação física e moral, notoriamente vinculada ao estigma das *drogas*, e amplamente utilizada para fins profiláticos.

Essencialmente, a vivência associada aos psicoativos não gera saber em si; no entanto, está sujeita a interpretações múltiplas, não raro circunscritas à idiosincrasia do usuário, do grupo terapêutico, do arbítrio judicial e de outros. Que haja dependência física ou psíquica, isso não dispõe contra a *farmacotimia* inerente às práticas diversas, e sim consiste numa relação observável em uma porcentagem de casos, em que fica evidente o desequilíbrio entre o abuso da substância e a interação social junto aos semelhantes. Assim, a questão da proibição sobre o consumo de psicoativos ilícitos, por exemplo, pode estar subordinada a interesses de grupos econômicos, ideologicamente coesos, e de grande poder de influência, inclusive sobre os veículos de comunicação. Observamos que isso lança as bases para um tipo de discurso [proibicionismo] que condena radicalmente determinadas plantas e substâncias derivadas, pejorativamente designadas *drogas*, como cocaína [*Erythroxylum coca*], maconha [*Cannabis sativa*], ecstasy [MDMA<sup>55</sup>] e outras, desconsiderando comparações evidentes ou práticas equilibradas de consumo que são menos perniciosas. O hábito de mascar as folhas de coca, por exemplo, é absolutamente integrado à rotina de trabalho nos países andinos.

Apesar de manifestar o traço de conservação dos valores familiares e de interesse social *soberano* através dos séculos, essa visão hegemônica, que tolera apenas bebidas alcoólicas, substâncias medicamentosas e tabaco, não inibe a procura incessante por diferentes produtos psicoativos e inclusive contribui para uma atitude contestatória e realmente transgressiva fundada na *farmacotimia*. A visão proibicionista é apenas uma tradução, uma tradição, uma definição narrativa sobre a variedade das motivações humanas, segundo o modelo de estigma apresentado por Elias e Scotson, ignorando outros modos possíveis de relação com as substâncias e plantas, como encontramos nos hábitos particulares culturalmente integrados e nas práticas rituais coletivas.

Por havermos considerado a característica de estigma que envolve diferentes estados perceptivos, refletimos então sobre a relação específica de um suposto *sujeito do efeito*, que comparece a partir do encontro do usuário com a substância de absorção. Antes de qualquer

---

<sup>55</sup> MDMA. Metileno-Dióxido-Meta-Anfetamina – *Ecstasy* ou ‘Pílula do Amor’ – substância alucinógena.

consideração, isso constitui um sistema estruturado em torno de experiências perceptivas, seja quanto ao meio ambiente, ou quanto à percepção da alteração psíquica, do corpo orgânico e erógeno, e sua complexa vinculação com a linguagem. O quadro do uso voluntário de um psicoativo fornece justamente o terreno móvel para a indagação psicanalítica sobre as vivências de satisfação associada à esfera da pulsão. Por mais diversas que tenham sido as tentativas de apropriação, captura ou redução dos efeitos das substâncias, seja através de classificações, descrições, nomeações, produções literárias, essas esbarram na insubordinação da realidade perceptiva ao universo simbólico da razão. Em suma, sobre os efeitos das substâncias e seus sujeitos vorazes recobrem-se discursos e metáforas que narrativamente constroem, desordenam e reproduzem o complexo imaginário dos sentidos.

### 3.3 Corpo erógeno

Em capítulo sobre a desmontagem da pulsão, Lacan [1985] nos remete a Freud para falar do aspecto diferencial do termo impulso, um dos quatro componentes da pulsão [*Trieb*]: fonte, impulso, objeto e alvo. Afirma que Freud dá à noção de impulso um caráter de excitação [*Reiz*], mas que, diferente da estimulação proveniente do mundo exterior, trata-se de uma excitação interna. Em seguida, Lacan recupera a origem do campo freudiano, ou seja, a época em que Freud buscava o entendimento do aparelho psíquico em suas relações com as neurociências, para examinar o que é próprio da pulsão, isto é, "*na sua forma mais indiferenciada que é nesse nível do Eu [Ich], do Eu-real [Real-Ich]*". Aqui há algo de elementar, quando Lacan afirma que o *Real-Ich* é concebido como suportado, não pelo organismo inteiro, mas pelo sistema nervoso, e ainda, que ele tem um caráter de sujeito objetivado. Podemos conectar o *sujeito do efeito*, que se produz a partir do encontro com os psicoativos, a essa concepção freudiana como ponto virtual daquilo que está em jogo no âmbito da satisfação pulsional.

Este é o ponto essencial, o *Triebreiz* é aquilo pelo quê certos elementos desse campo são investidos pulsionalmente. Este investimento nos coloca no terreno de uma energia, de uma energia potencial, pois a característica da pulsão é de ser uma *konstante Kraft*, uma força constante. [...] A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante <sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.156.

A desmontagem da pulsão também é comentada por Jaanus [1997]. Ela retoma a questão da sexualidade no ponto em que Lacan a coloca, em relação aos princípios do prazer e de realidade. "O real é o dessexualizado; porém, não significa que o real seja sem prazer, apenas que o princípio do prazer, em seu estado inalterado e não acossado, é homeostático, mais do que erótico", afirma Jaanus. A partir de Freud sabemos de que homeostase se trata, isto é, daquela que equilibra os níveis de excitação do sistema no princípio de constância, ou no extremo do princípio de *Nirvana*. O erotismo diz das zonas erógenas, do corpo erogeneizado pela gramática pulsional, o que o distingue do organismo biológico. É em relação ao diferencial de excitação das zonas do corpo que se produz o campo acossado pelo erotismo, portanto, não homeostático.

O corpo da necessidade e o corpo da pulsão são ambos reais, na medida em que sua fonte (*Quelle*) está no corpo, mas enquanto a necessidade envolve o interior do corpo, os órgãos internos (estômago, intestinos e outros órgãos vitais), a pulsão envolve as zonas de superfície do corpo e as aberturas erógenas. As aberturas são pontos de evanescência onde o interno encontra o externo. As duas zonas corporais, embora distintas, são interfaciais. Elas são superpostas e conectadas através da figura do *oito interior*. A continuidade e a conexão das zonas torna possível a transgressão. O *oito interior* escreve ou desenha um corpo sobre o outro como num palimpsesto ou pentimento <sup>57</sup>.

A pulsão é uma força constante que força no sentido do prazer e do alívio do sofrimento, o que provoca ondas no suposto equilíbrio homeostático das funções biológicas. A dimensão da angústia e do desejo em relação à satisfação pulsional aparece na medida em que há uma impossibilidade real de a pulsão ser reduzida a uma função de satisfação orgânica, como a necessidade. Isso exatamente nos dá a idéia de que o objeto de satisfação da pulsão só pode ter sua função como causa do desejo. Freud fundamenta isso em uma passagem de *Para além do princípio do prazer*, em 1920.

A pulsão recalcada não cessa nunca de aspirar a sua total satisfação que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Todas as formações substitutivas, ou reativas, e as sublimações são insuficientes para fazer cessar sua permanente tensão. Da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido surge o fator impulsor que não

---

<sup>57</sup> JAANUS, Maire. "A desmontagem da pulsão". In: FELDSTEIN, Richard (org.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.135.

Palimpsesto. Antigo material de escrita, principalmente o pergaminho usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes, mediante raspagem do texto anterior.

Pentimento. Na pintura é assim definido o processo de envelhecimento de uma imagem, que deixa transparecer uma pintura anterior na tela. O termo vem de *arrepentimento*, pois sugere que o pintor mudou de idéia.

permite sua detenção em nenhuma das situações presentes, senão que, como disse o poeta, 'tende, indomado, sempre até adiante' (*Fausto*, Goethe) <sup>58</sup>.

O desejo se esboça nas margens por onde a demanda se desprende da necessidade, uma vez que tal desprendimento introduz a dimensão da impossibilidade de satisfação pelas vias do objeto da necessidade. É neste ponto que o desejo, em sua falta de acomodação, encontra abrigo na ancoragem do fantasma no inconsciente, onde o sujeito se introduz numa dialética de satisfação e insatisfação para com o objeto. Somente poderemos saber da pulsão, apreender algo da esfera pulsional, a partir de suas representações no inconsciente, ou seja, por seus artifícios significantes no campo da linguagem, por suas conexões com a demanda e o gozo, enlaçada ao que se inscreve na linguagem. Por esse motivo, Lacan [1985] afirma, em seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que se o instinto é uma programação, a pulsão é uma montagem surreal.

Em se tratando do *sujeito do efeito* como ponto de visada, podemos observar em certas teorias o que se produz como transgressão da montagem pulsional. Nogueira F<sup>o</sup> [1999] afirma que as substâncias psicoativas, sem especificar quais sejam, promovem uma espécie de subversão na esfera pulsional, onde ocorre "*um abandono da significação, tendendo à indiferença no discurso falado, nas emoções vividas e na experiência*". O que Nogueira aponta é justamente um movimento de prevenção em relação à incidência do Outro, enquanto campo dos significantes que marcam o sujeito na condição finita do ser, ou seja, na via exata do desejo. O desprendimento de algumas identificações e pontos de ancoragem significantes produz o efeito de indiferença mencionado. O significante perde sua função de matizar o desejo, o que incide sobre o que é da ordem sexual na constituição fantasmática. Segundo Nogueira, o *sujeito do efeito* produz uma *fantasmagoria* mantida pela ênfase no enlace dos registros do real e do imaginário em detrimento do simbólico. Isso compõe para o autor uma nova versão da realidade pulsional ou um novo real, um *real imaginarizado*.

A *fantasmagoria* representa a formação que se deduz da experiência toxicomaniaca.

Representa-se assim, a imprudência que começa com a estimulação direta da pulsão por meio de um artefato químico, natural ou não, desencadeando uma balbúrdia pulsional que culmina na fixação ao produto que mais imediatamente associa-se ao prazer obtido. Esse

---

<sup>58</sup> FREUD, Sigmund. "Mas alla del principio del placer". In: *Obras Completas, vol.III*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p.2528.

prazer carrega um discurso que não conta com o semelhante e aproveita-se dos signos providos pelo código para constituir-se <sup>59</sup>.

Fazemos observar que o gozo obtido pelo *sujeito do efeito* remete de fato a uma certa indiferença no nível do discurso, sem que a incidência da linguagem deixe de operar. Talvez seja apropriado dizer que se produz uma aleatoriedade no nível dos significantes, respeitando-se a relativa intensidade dos efeitos psicoativos sobre a organização simbólica do sistema percepção-consciência. Baudelaire [1851], em seu *O poema do haxixe*, descreve de forma peculiar os efeitos sinestésicos desta substância e oferece uma idéia sobre as manifestações que derivam da aleatoriedade significativa e da percepção alterada. A acuidade analítica do poeta, sob certa disposição moral, se revela ao apontar o *sujeito do efeito* em conexão com uma noção de aleatoriedade e de infinito.

De fato, é nesse período da embriaguez que se manifesta uma clarividência nova, uma acuidade superior em todos os sentidos. O olfato, a visão, a audição, o tato participam igualmente desse progresso. Os olhos visam o infinito. O ouvido percebe sons quase imperceptíveis no meio do mais completo tumulto. É aí que começam as alucinações. Os objetos exteriores assumem aos poucos, sucessivamente, aparências singulares; ficam distorcidos e se transformam. Logo, chegam os equívocos, os enganos e a transposição de idéias. Os sons assumem cores, e as cores contêm música. [...] Essas analogias revestem-se então de uma vivacidade insólita; penetram, invadem, atormentam o espírito com seu caráter despótico. [...] Felizmente, essa imaginação interminável só durou um minuto, pois num intervalo de lucidez, às custas de um grande esforço, você conseguiu olhar para o relógio. Mas já outra corrente de idéias o está levando; por mais um minuto o fará rolar no seu redemoinho vivo, e esse outro minuto será uma eternidade. Pois as proporções do tempo e do ser estão totalmente distorcidas pela quantidade e intensidade das sensações e das idéias. Parece que se está vivendo várias vidas de homem no espaço de uma hora <sup>60</sup>.

O tempo cronológico oferece à razão a exata dimensão da mortalidade e de que estamos imersos no ciclo das gerações. O ser finito coloca o sujeito na via do desejo, na medida em que faz suas escolhas em referência aos estatutos sócio-culturais. O que se verifica, a partir das descrições de Baudelaire, é que o *sujeito do efeito* psicoativo goza de uma experiência psíquica plena e sensorial, de êxtase pulsional e de suspensão temporal. Em *Para além do princípio do prazer*, encontramos a seguinte citação de Freud, em que ele explicita o que é da atemporalidade

---

<sup>59</sup> NOGUEIRA Fº, Durval Mazzei. *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta, 1999, p.65.

<sup>60</sup> BAUDELAIRE, Charles-Pierre. *O poema do haxixe*. Rio de Janeiro: Newton Compton, 1996, p.69.

no inconsciente, e de como a consciência encontra na cronologia uma certa satisfação simbólica substitutiva.

O princípio kantiano de que o tempo e o espaço são duas formas necessárias do nosso pensamento, hoje pode ser submetido à discussão como consequência de certas descobertas psicanalíticas. Temos visto que os processos anímicos inconscientes se acham em si *fora do tempo*. Isto quer dizer, em primeiro lugar, que não podem ser ordenados temporalmente, que o tempo não muda nada neles e que não se pode aplicar a eles a idéia de tempo. [...] Nossa abstrata idéia de tempo parece mais baseada no funcionamento do sistema percepção-consciência, e corresponde a uma auto-percepção do mesmo. Neste funcionamento do sistema apareceria outro meio de proteção contra as excitações <sup>61</sup>.

Apesar da vivência evanescente de plenitude psíquica e sensorial, o sujeito na configuração do inconsciente encontra-se constantemente em falta frente ao objeto de gozo ou ao corpo erógeno. Introduzimos aqui que o objeto eternamente faltante, que escapa à razão, que não tem sentido no real e que encontra no imaginário a via de acesso, na ordem do tempo esse objeto é o presente. A experiência do presente é uma das formas de apreender a noção do real em psicanálise, pois se no tempo cronológico isso escapa, na atemporalidade do inconsciente isso significa nada. A experiência do presente nos remete à idéia do universo em suspensão, o que seria a dimensão do absurdo. O estático homeostático da excitação, o silêncio da pulsão de morte, o *Nirvana*, reduz o sistema a um ponto, puro estado de percepção. O *sujeito do efeito* psicoativo visa a experiência do presente, enlaçando o real com o imaginário na supressão do desejo. Porém, na experiência, como afirma Baudelaire, é levado por *“outra corrente de idéias”*.

O acaso do presente nos remete à noção de real, de impacto, de surpresa, do inusitado, por exemplo, que advém na obra de arte. Na perspectiva da transgressão das motivações psíquicas na esfera pulsional, o *sujeito do efeito* lança-se ao acaso como nova disposição de encontro. Entretanto, a experiência perceptiva do presente, que torna equivalente a relação sujeito-objeto, não gera saber em si. Só encontra sentido através da mediação simbólica, das representações *a priori* e *après-coup*, recriando a cronologia do sistema percepção-consciência. Por essa razão, quando se aborda o *sujeito do efeito* psicoativo, em suas diversas experiências perceptivas, é imprescindível que reapareça inserido nas configurações sócio-culturais e ideológicas, seus conceitos e valores, por meio dos nós da linguagem.

---

<sup>61</sup> FREUD, “Mas allá del principio del placer”, op. cit., p. 2520.



## **PARTE II**

### **Elasticidade do Tempo**

## Capítulo 4

### Cultura do corpo e da juventude

And you run and you run to catch up with the sun, but it's sinking  
And racing around to come up behind you again  
The sun is the same in the relative way, but you're older  
And shorter of breathe and one day closer to death<sup>62</sup>.

*Time* – Pink Floyd

Ao longo do século XX, observou-se nos países desenvolvidos do hemisfério norte uma forte tendência ao crescimento industrial, exacerbado pela fabricação de vários produtos domésticos de tecnologia avançada. Automóveis e motos, rádios, telefones, eletro-eletrônicos, produtos químicos e diversos objetos de utilidade doméstica [*gadgets*] invadiram os lares de modo imperativo e passaram a fazer parte do cotidiano das famílias. Com o único propósito de facilitar a vida das pessoas, com relação ao tempo e ao deslocamento sobre novos espaços, estava-se finalmente concretizando o velho sonho de posse e domínio, economia e conforto, sobre bens de primeira necessidade, em torno dos frutos da ciência e da tecnologia. Os anos que seguiram à II Guerra Mundial transformaram o mundo em um grande centro comercial, técnico e cultural, onde o prazer de estar em casa, desfrutar da facilidade das novas tecnologias, ou mesmo viajar para os mais diferentes lugares do planeta, passou a definir interesses e condutas familiares.

As gerações que vivenciaram os grandes conflitos mundiais ficaram levemente eclipsadas pela exuberância de uma visão jovial e inovadora que começou a implementar regras no âmbito dos costumes. Nova consciência estética e intelectual foi introduzida como se um turbilhão de propostas, tipos, acessórios de todos os gêneros e lugares ganhassem ao longo de algumas décadas o direito de aceitação e exclusividade. Uma nova postura comportamental gradualmente passou a se definir a partir de conceitos como espontaneidade, ritmo, fluidez, criatividade, paixão, sensualidade, leveza, agilidade, liberdade de expressão, e principalmente, independência. A proliferação de produtos industrializados veio incrementar sentimentos de independência e originalidade, associados agora a uma suposta garantia revolucionária de libertação individual. Educação nas escolas, instituições familiares, relacionamento matrimonial e homossexual, namoro e

---

<sup>62</sup> Tradução livre: E você corre e corre para alcançar o sol, mas ele está se pondo / E dando a volta para aparecer atrás de você novamente / O sol é o mesmo de um certo modo, mas você está mais velho / E mais fraco de fôlego e um dia mais próximo da morte.

erotismo, uso de substâncias e participação ativa ganharam versões atualizadas e passaram pelo crivo de uma ampla e contemporânea transformação cultural.

O hedonismo e o pragmatismo prevalecem desde então, enquanto composição de uma polaridade almejada, que se reproduz no trabalho e na suas formas de gratificação. Porém, podemos também salientar que nesse processo ficou engendrada uma importante modificação com relação à temporalidade da experiência. Todo mecanismo industrial de modernização das sociedades, por sua organização regular de extração, fabricação, transformação e consumo, não somente assegurou suposta continuidade nas relações produtivas de grupo, mas também determinou o ritmo dessa continuidade. A pressa ou a urgência sobre a realização das tarefas tornou-se premissa essencial ao projeto de vida moderna. Associado ao ritmo da produção industrial e ao espírito do empreendimento comercial capitalista, para todos os segmentos da sociedade, a urgência ganhou ares de obrigatoriedade, instaurando uma noção dúbia de interesses e identificações transitórias ou em estado de passageira aceleração.

Quando aproximamos o ritmo imperativo da produção e consumo às experiências pessoais de trabalho, às tarefas cotidianas, ao universo dos procedimentos técnicos, burocráticos, compromissos sociais e satisfação dos desejos, encontramos rigorosa assimilação desse compasso acelerado ao plano dos hábitos e costumes. Basta que observemos os problemas relacionados ao tráfego nas grandes cidades do planeta. Por mais organizados que estejam as regras voltadas para a circulação de veículos, inexoravelmente a urgência e a pressa seguem sendo a lei subjacente ao trânsito, onde o tempo e o espaço parecem se comprimir à revelia dos motoristas. A rapidez no raciocínio e na resolução de problemas passou a ser amplamente valorizada, tornando-se critério de seleção para as mais diversas profissões. Nesse ínterim, a informação e sua veiculação através das mídias são paradigmáticas, somado ao aspecto da competitividade inerente à busca da melhor notícia ou da melhor apresentação entre as redes de comunicação. Paradoxalmente, então, ao lado dos padrões de conforto e prazer, encontramos uma subjetiva retração do tempo para a realização de projetos e reconhecimento de sua inserção no mundo.

Psiquicamente, a modernidade trata da identidade: da verdade de a existência ainda não se dar aqui, ser uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade. Como o restante dos padrões, a identidade permanece obstinadamente à frente: é preciso correr esbaforidamente para alcançá-la. E, portanto, se corre, puxado pela esperança e impelido pela culpa, embora a corrida, por mais rápida que seja, pareça estranhamente arrastada. Precipitar-se à frente, em direção à identidade perpetuamente tentadora e inconsumada, assemelha-se a recuar da defeituosa e ilegítima realidade do presente. Tanto social quanto psiquicamente, a modernidade é irremediavelmente autocrítica: um exercício infundável e, no fim, sem

perspectivas, de auto-cancelamento e auto-invalidação. Verdadeiramente moderna não é a *presteza* em retardar o contentamento, mas a *impossibilidade* de ficar contente <sup>63</sup>.

A questão sobre o tempo se justapõe absolutamente sobre os temas que estivemos trabalhando até então, intercalando a dimensão onírica da satisfação alucinatória dos desejos com a perspectiva pragmática da razão científica e do saber medicinal. Essa possível intersecção também nos apresenta o recrudescimento do consumo de psicoativos como parte da sintomatologia moderna, na razão da antecipação temporal de sua busca e expectativa, prolongamento e extensão de seu prazer. O tempo se impõe segundo uma cronologia cósmica aproximadamente linear, concerne a exigências de mensuração, segmentação, antecipação e retardamento, determina velocidade e aceleração, dados objetivos e organizados logicamente. Entretanto, no âmbito da subjetividade ou do sistema percepção-consciência, o tempo jamais é linear, sua segmentação é irregular, por vezes anacrônica, e demonstra uma natureza cíclica que muitas vezes sugere a dimensão estática ou mesmo a suspensão temporal. Por esse viés, a temporalidade interpretada pelo psiquismo jamais corresponde, senão por condicionamento ou contingências específicas, àquela mensurada pelos cronômetros.

Como introduzimos essa abordagem temporal às observações ligadas ao mundo moderno, convém aproximá-la ao processo natural de envelhecimento do corpo e ao que se produz enquanto discurso como efeito desse processo.

A idéia mesma de modernidade está estritamente ligada ao princípio de que é possível e necessário romper com a tradição e instaurar uma maneira de viver e pensar absolutamente nova. Suspeitamos que esta ruptura atualmente é mais uma maneira de esquecer ou de reprimir o passado, isto é, de repeti-lo, do que uma maneira de superá-lo. Eu diria que a citação de elementos precedentes de arquiteturas anteriores na 'nova' arquitetura põe de manifesto um procedimento análogo à utilização dos restos diurnos saído das vivências passadas na elaboração do sonho, tal como descreve Freud na *Traumdeutung* <sup>64</sup>.

Pensamos aqui nos parâmetros de experimentação do corpo na atualidade e nas iniciativas medicinais de manutenção e prolongamento da vida. Os modelos da juventude e do jovem-adulto, plenitude de beleza, ousadia, sexo, lucidez, força e prazer, são privilegiados para os propósitos científicos de suspensão temporária do processo natural de envelhecimento. A manutenção do vigor jovial, enquanto possibilidade imaginária, lança uma perspectiva heróica de

---

<sup>63</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 91.

<sup>64</sup> LYOTARD, Jean-François. "Notas sobre los sentidos de post-". In: *La posmodernidad (explicada a los niños)*. Barcelona: Gedisa, 1987, p. 90.

sucesso, vitalidade e gozo sobre o indivíduo no seio de uma sociedade apressada. Não seria essa uma visão onírica e ao mesmo tempo clássica que impulsiona a recriação de um corpo narcisista desnudado e investido para o novo indivíduo? Parafraseando Lyotard, essa construção escultural do corpo e do espírito jovem e sadio seria como uma *nova arquitetura* que conjuga elementos de vivências passadas a serviço de um certo esquecimento ou recalque. Como padrão de sanidade e beleza, essa *arquitetura* brinca com o imaginário, fazendo supor que é possível conviver com a memória da juventude nos dias de hoje por um tempo bem mais prolongado do que no passado. O arrojo da livre iniciativa, o interesse ansioso pela experimentação, o aperfeiçoamento físico e intelectual, a agilidade, a diversidade de ofertas e opções ou acessos, a competitividade dos *egos*, esses elementos entre outros constituem quadro audacioso e provocativo de uma cultura da juventude.

#### 4.1 De corpo e espírito

Através de relatos históricos referentes ao século XX, observamos uma inequívoca dependência da juventude para com os processos políticos e econômico-culturais das nações subordinadas aos grandes conflitos bélicos. A juventude esteve sempre associada às perspectivas e esperanças do futuro; porém, notavelmente vinculada à educação, à força de trabalho, à obediência cívica e militar, à prestação de serviços para a comunidade e resguardo de valores morais, religiosos e familiares. Certamente, no início do século XX, ainda não havia espaço para a livre iniciativa do jovem que não estivesse associada primordialmente aos interesses familiares. Também, a relação que o jovem mantinha com o próprio corpo estava resguardada por uma continência justificada através das vestimentas e dos discursos morais e religiosos.

A transformação na cultura da juventude e na liberação da experiência corporal veio com o tempo, através da evolução do *jazz*, do cinema, das artes-plásticas, da dança, da arte dramática, da psicanálise e do pensamento existencialista, do feminismo, da contestação política e da revolução sexual, dos movimentos *beatnik* e *hippie*, do *rock'n roll*, do tropicalismo no Brasil, e evidentemente, do integrado consumo de substâncias psicoativas. O jovem passou a ser objeto do desejo, no sentido mais amplo, do que evoca a mudança, do que garante a experiência do presente e do que do passado ainda falta realizar, daquilo que preserva a continuidade. Assim, nada mais pertinente que *o sonho da juventude* para a manutenção dos anseios da civilização moderna. A juventude, se antes se caracterizava por ser relativamente cerceada e obediente às normas e valores sociais hegemônicos, tornou-se então insubordinada, conflituosa, militante, angustiada e

até certo ponto global e ativamente organizada. Depois foi respeitada, admirada, copiada, e finalmente virou a principal fonte *pasteurizada* dos produtos de consumo da atualidade.

As suas utopias não são para épocas mais ou menos longínquas, mas para agora mesmo. Porém, se ao homem do passado, face ao futuro, lhe incumbia a disciplina como virtude essencial para se preparar, aos jovens da chamada era pós-industrial, face ao presente, interessa-lhes desenvolver a capacidade de desfrutar. Tal capacidade, além do mais, foi promovida pela propaganda da sociedade de consumo, que também procura os prazeres imediatos, passageiros e constantes <sup>65</sup>.

Evidentemente, o jovem enquanto modelo de espírito e corpo não alterou o comportamento no mundo dissociado dos acontecimentos cruciais do século XX. Foi antes o desenrolar dos fatos e a transmissão de imagens e idéias que culminou em fortes revoluções sociais, trazendo a juventude para as ruas, para o foco das mídias, e levando a uma transbordante disseminação de conceitos identificados com a multifacetada esperança de renovação. Até hoje [século XXI], desvencilhando-se desses fatos e movimentos recentes, jovens e adultos carregam expectativas semelhantes, provavelmente pelo que ainda não foi realizado enquanto projeto humanitário. Se por um lado, infância e adolescência espelham-se na contestação da juventude, nas suas expressões agressivas, artísticas ou fictícias, imagens explosivas, atitudes libertárias e toda a sorte de indumentária, o mundo adulto ganhou um novo compromisso para com sua própria juventude. Também adultos e idosos se reportam, dramática e corporalmente, aos ideais juvenis de outrora na atualidade.

Seja pelo passado recente das vivências adolescentes, seja pela ênfase das mídias sobre preceitos educativos e experiências sexuais, seja pelos índices de violência entre grupos e consumo precoce de psicoativos, seja ainda pela invejável e sensual vitalidade, a juventude, sua atual identidade e seus supostos valores, tornou-se prioridade e motivo de constante atenção <sup>66</sup>. Além disso, novas tecnologias aplicadas às análises laboratoriais e exames clínicos, à indústria farmacêutica, à genética e à medicina, aos métodos e disciplinas de rejuvenescimento e prolongamento da vida, trazem um forte parâmetro juvenil para as vivências na fase adulta e na senectude. Não raro, idosos impelidos pelo ideal de longevidade, competem com jovens no mercado de trabalho, nas decisões e tarefas domésticas, discutem assuntos dirigidos aos jovens, revelam anseios semelhantes a estes, vestem-se como trinta anos antes, procuram novas viagens,

---

<sup>65</sup> CARANDELL, José M<sup>o</sup>. *A contestação juvenil*. Rio de Janeiro: Salvat do Brasil, 1979, p. 91 (col. Biblioteca Salvat de Grandes Temas).

<sup>66</sup> Cf. Anexo b. Reportagens afins – item II.

aventuras e experiências que sustentam o espírito jovial <sup>67</sup>. Nesse sentido é destacável na era da *globalização* uma cultura alicerçada na juventude que atinge fortemente as ações individuais e coletivas.

Como nossos corpos são efeitos dos discursos que dão consistência simbólica à vida social, a ânsia contemporânea pela eterna juventude produziu, de fato, corpos que permanecem jovens por muito mais tempo. A tecnologia, a medicina, a boa alimentação, os manuais de vida saudável, tudo isso contribui para o rejuvenescimento dos corpos; mas o apelo social para que permaneçamos jovens e a difusão de um 'estilo jovem' de vida para todas as faixas etárias têm mais efeito sobre os corpos do que todas as vitaminas e academias de cultura física <sup>68</sup>.

Dessa contínua produção discursiva em torno do universo jovem, enquanto ordenação cultural disciplinar, criou-se uma forte definição de hábitos assépticos, rejuvenescedores e saudáveis, cuja extensão, a rigor, atinge aquelas classes sócio-econômicas que conseguem beneficiar-se dos mesmos. Entretanto, ao largo desses, a consciência crítica sobre diferentes fases da vida passou a considerar ou a estar subordinada a uma temporalidade elástica. Crianças e jovens projetam-se precocemente no mundo adulto, e idosos partilham desejos juvenis, favorecendo em certo grau um desregramento da ordem familiar tradicional. Que a função do sonhar nessas contingências dúbias tenha deixado de ser familiar e consensual, isso se complementa com a perspectiva individualista de prazer no consumo. Assim, conjuga-se cultura do corpo e da juventude com as máximas da satisfação atemporal, de onde se deriva uma incessante corrida pelas fontes imediatas de gratificação. Nesse sentido, consumir uma substância psicoativa qualquer preserva a particularidade da experiência, isenta, em tese, de qualquer subordinação aos discursos vigentes e às medidas cronológicas, o que constitui os limites das manifestações oníricas no inconsciente.

A partir desta suposta disposição para elaborar os lutos do passado e para a recriação de atual *renascimento* no mundo, não causa estranheza, então, a matéria de capa da revista *Veja*, publicada em setembro de 1999: *A idade real* <sup>69</sup>. Que parâmetros nos são dados atualmente para pensar nos atributos de cada idade? Isso implica em aceitarmos a relatividade da experiência corporal a partir de uma idade geneticamente determinada ou culturalmente denominada real? Evidentemente, todas essas questões a respeito do tempo, da temporalidade da

---

<sup>67</sup> Cf. Anexo b. Reportagens afins – item III.

<sup>68</sup> KEHL, Maria Rita. “As máquinas falantes”. In: NOVAES, Aduino (org.). *O homem máquina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 257.

<sup>69</sup> Cf. Anexo b. Reportagens afins – item III.

vida e da experiência atemporal, da urgência e da aceleração pela satisfação e realização cotidiana empurram para o que constitui o campo das identidades no consenso do século XXI.

As novas formas de interação, mediadas por cabos de fibra ótica, por ondas eletromagnéticas, por imagens virtuais ou criadas em computação gráfica, constitui alvo científico e tecnológico ao que estamos impelidos a acompanhar no sentido de uma crescente atualização. Essa não diz respeito somente aos avanços objetivos da alta modernidade, prolongamentos sutis do corpo, mas também à exata definição da pressa [em saber, em ganhar, em recuperar, em salvar, em responder, em encontrar, em experimentar, em falar, etc.]. A juventude revelada como modelo, também consiste na esperança de que essa pressa não redunde em fracasso do projeto moderno, ou que toda a mediação tecnológica permita uma continuidade dos parâmetros morais vigentes, apesar de tudo. É exatamente nesse ponto que os veículos de comunicação, assim como a mídia impressa, recria um tecido discursivo que se sobrepõe aos propósitos prescritivos, educativos e ordenadores dos mestres de outrora. A cultura do corpo e da juventude é manifesta e sedimentada por esses discursos. Porém, isso não representa necessariamente a realidade complexa dos diferentes segmentos sociais e seus meios de acesso, qualificando antes um modelo ideal e desejável de *bem-estar*.



## Capítulo 5

### Cultura da consciência alterada

Sei de muita gente por aí que ainda não sentiu as vibrações  
Mas do jeito que as coisas andam não vou me preocupar  
Eles que tratem de se tratar.  
Que tal um chá (chá, chá) pra gente se achar?  
Que tal um chá (chá, chá) pra gente se achar?  
Vamos tratar bem da nossa saúde.

*Vamos tratar da saúde – Mutantes*

As questões relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas, até aqui desenvolvidas, em grande medida estiveram associadas a aspectos e pontos de vista em interação. Na atribuição de valores sanitaristas, disciplinares e morais, de fatores que geram exclusão, nos hábitos particulares e coletivos em integração cultural, no potencial insurgente frente aos designios da ordem simbólica, as experiências perceptivas e os discursos que as recobrem constituem parte orgânica da sociedade. Há pelo menos dois séculos, com o advento da moderna farmacologia e através de estudos sobre os efeitos de substâncias isoladas de plantas, ocorreu um aumento significativo no interesse pelos psicoativos. Eles foram incorporados aos hábitos do indivíduo moderno por seus relativos benefícios, aliviando a dor, amenizando sofrimentos de ordem psiquiátrica, garantindo transitória satisfação, e sua difusão muito se deve aos meios de comunicação. Seja através do consumo de bebidas e cigarros, em festas e bares; seja através de substâncias analgésicas, alucinógenas, tranqüilizantes ou excitantes, é inegável que hoje existe forte apelo em torno desses produtos, transmitido através de gerações por um saber narrativo [literatura, jornais, revistas, filmes, contos, folclore, etc.] e por um saber científico resultante das pesquisas e prescrições medicamentosas.

Muito do que aparece nas comunicações sobre substâncias psicoativas, seus efeitos deletérios e estéticos, é parte integrante e responsável de sua demanda coletiva. Consideramos que a apresentação de certos temas e produtos pelos veículos de informação, evidentemente funciona como peça na engrenagem social, publicidade e elemento de impulso para questões éticas. Assim, das várias substâncias que circulam como mercadoria nas sociedades capitalistas, algumas se tornam notícia e são rapidamente absorvidas em diferentes segmentos. Como exemplo disso, podemos identificar o incremento na procura pelo pó de cocaína, ao final da década de 70 e

ao longo dos anos 80 [século XX], e o concomitante número de reportagens relacionadas à invasão do produto em território nacional, tanto pelas rotas de tráfico como por seu consumo em camadas economicamente privilegiadas da sociedade brasileira. Evidentemente, nas transmissões televisivas e na mídia impressa, prevalecem interesses de grupos econômicos e de países hegemônicos na história mundial, através das agências de notícias e das estratégias publicitárias de alcance global. No entanto, as comunicações revelam a dupla faceta de informar e de chamar a atenção para o objeto em foco. Se tomarmos outro exemplo, como a cultura do rock dos anos 60 e 70, difundida pelas mídias e representada pelos movimentos de *contra-cultura* contemporâneos ao governo ditatorial militar no Brasil, vislumbramos o alcance dessa significação coletiva.

A adoção da significação libertária do rock identificado com a modernidade e a marginalidade serve de encomenda para a crítica pós-tropicalista que visa diretamente o sistema, agredido aqui pela subversão da linguagem e do comportamento. [...] Estremecidas as sólidas e antigas referências, sob o signo da mudança, o empenho na procura de uma forma nova de pensar o mundo, a loucura passa a ser vista como uma perspectiva capaz de romper com a lógica racionalizante da direita e da esquerda. E a experiência da loucura não é apenas uma atitude 'literária' como foi por tanto tempo na nossa história da literatura. Nesse momento, a partir da radicalização do uso dos tóxicos e da exacerbação das experiências sensoriais e emocionais, vimos um sem número de casos de internamento, desintegrações e até suicídios, bem pouco literários <sup>70</sup>.

Na atualidade [século XXI], as transmissões ganharam maturidade, lançando uma malha de controle sobre os acontecimentos, teleguiado via satélite, pelo padrão narrativo e corporativo das grandes redes. As mídias carregam consigo o privilégio de interferir diretamente sobre as concepções de realidade, que para qualquer definição sobre o caráter da sua natureza, trata-se de uma realidade discursiva. Mesmo as imagens veiculadas acabam se subordinando aos discursos e às narrativas que as circunscrevem. Evidentemente, esse é o poder de construção e organização das mídias, enaltecido na imprensa e nos telejornais, na forma como oferece significação às relações econômicas e políticas, de como disciplina hábitos e condutas dentro de uma perspectiva científica e quase sempre medicinal, de como dá sentido a interesses transitórios que acabam por adquirir importância. Por outro ângulo, a divulgação sobre os psicoativos através das mídias se dá também justamente por sua equivalência com os aspectos estéticos da experiência perceptiva. A realidade dos fatos construída através das mídias, sob o ponto de vista dos grupos políticos empresariais e dos discursos dominantes, produz em seu próprio jogo metonímico um excedente de estímulos que funciona como contraponto. Se a construção simbólica

---

<sup>70</sup> HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem. CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 69.

da vida social, através dos recursos de mediação, sugere informal regulação dos preceitos morais e identidades culturais, por aspectos imprecisos, impulsos, delírios e contingências corporais diversas também se transmitem pelas mídias.

### 5.1 Poder da imagem no mercado do gozo

As culturas da alta modernidade, através dos recursos de captação e reprodução de imagens, oferecem enorme quantidade de cenas, fotos, visões e performances de qualidade para deleite do consumidor. Pode-se afirmar que existe sutil primazia na valoração de expressões imagéticas na atualidade e que a legitimação imediata dos acontecimentos ocorre em grande medida através de suas imagens. Além disso, as técnicas de criação de imagens, efeitos visuais, edições fotográficas, reconstituição de épocas, visões futuristas para televisão ou cinema, extrapolaram há muito tempo o campo de intersecção entre sonho [ficção, fantasia] e realidade. Os computadores e suas aplicações nas mídias [na Internet] vêm consolidar essa tendência ao *scanear* e reconstruir virtualmente os objetos. Santaella [1996] dedica atenção ao que define como consciência do duplo, consideração milenar do ser humano pela reprodução imagética da realidade, desde as pinturas rupestres às experiências originadas em ilhas de edição de vídeo. Para ela, a consciência do duplo revela uma fragmentação do olhar sobre o mundo, sua limitação ao ângulo de visão, nível de aproximação e arbitrariedade dos registros.

A consciência do duplo abre e intensifica a consciência da brecha, fenda, hiato entre o mundo e sua imagem. Desabamento do sonho idílico da unidade. Quanto mais um aparelho ou máquina se aperfeiçoa no registro mimético do mundo, mais evidente se torna sua impossibilidade de ser igual àquilo que registra. Há um descompasso, defasagem entre o ritmo do mundo, matéria vertente do vivido, e a capacidade do registro. A febre da vida não cabe em imagens. Sob as vestes da imagem, algo cai. Esse algo é o real que resiste na sua irredutibilidade <sup>71</sup>.

Os quadrinhos [HQs] e animações, em desenho ou computação gráfica, diante de crianças e adultos, satirizam as motivações e condições humanas na modernidade. As publicidades nas revistas, nos *out-doors*, na TV, excitam e subestimam desejos, independentes da condição de carência dos consumidores. As telenovelas, performances teatrais, espetáculos musicais e filmes transbordam sedução, carisma, erotismo e violência, suscitando desde idolatria sob critérios até realização de fantasias sexuais e agressivas. Atitudes comportamentais se cristalizam em

---

<sup>71</sup> SANTAELLA, “Ilhas eletrônicas”, op. cit., p.180.

tendências de estilo, moda, esportes, festas e shows, e o consumo de psicoativos diversos é amplamente difundido e nomeado através de imagens e de reportagens. O cotidiano das cidades em sua febre libidinal se consome no âmbito das mídias, como numa antropofagia cultural, e essas reincorporam o cotidiano. Como se não bastasse o potencial de difusão, uma poderosa rede de televisão brasileira consome *autofagicamente* seus próprios programas. Programas de rádio incorporam linguagens, aderem a sons, veiculam gírias, sintonizam estilos. As mídias abusam das artes, por sua inefável presença, e a superposição de elementos bizarros, esteticamente originários de sonhos e experiências alucinógenas, é parte integrante de suas montagens. Não oferecem sentidos necessariamente; além do mais, gozam do *non-sense*.

Os elementos se impõem inadvertidamente entre as brechas discursivas, às vezes como poesia, como metáfora, como moldura, outras vezes como indiferença e loucura, fomentando justamente questões sobre os lugares da consciência crítica, da normalidade vigilante, da libertinagem, da consciência alterada e do ato criativo no mundo moderno. Sob esse enfoque, podemos aventar a hipótese de que se existe grande poder de influência ideológica através das mídias, há também o viés da fragmentação dos discursos gerada por suas mediações. Como então situar essas vertentes senão integrando-as no âmbito das manifestações culturais? Por esse motivo, dispõem a sociedade não a favor de uma suposta irracionalidade, mas sim de uma insolvência típica dos estados de consciência alterada. De fato, produzem interesses coletivos e anseios aleatórios, por vezes dissociados do ideário veiculado, principalmente do ponto de vista da satisfação pulsional. Assim, entre as lacunas das referências simbólicas difunde-se *erogenamente* material significativo que tende a ser reincorporado aos mecanismos sociais, por vezes remediando a falta e o mal-estar, alimentando inclusive certa *farmacotimia* em sintonia com propósitos de consumo. Santiago [2001] também coloca o consumo de psicoativos na direção das vicissitudes do mercado moderno.

Enquanto objeto suscetível de tornar-se alvo do uso toxicomaniaco por certos sujeitos, a *droga* aparece como uma derivação do encontro entre a ciência e as substâncias que, de uma forma ou de outra, manifestam o efeito *phármakon*. Como produto desse trabalho de literalização realizado pelo sujeito da ciência sobre o *phármakon*, advém a queda de um efeito de sentido. O fenômeno da droga, tal como é conhecido hoje, encarna o retorno desse efeito de sentido sob a forma enigmática do gozo, resto da operação de cálculo do sujeito da ciência. [...] Nesse processo, há no *mercado do gozo*, a circulação de um outro tipo de bem: a *droga*. Esse novo bem de consumo surge não apenas das trocas operadas no mercado capitalista, mas também do valor paradoxal do gozo – paradoxal no que, por sua própria natureza, este encarna do atributo singular da inutilidade, ou seja, 'o que não serve para

nada'. [...] Mais precisamente, pode-se atribuir à *droga*, na modernidade, o estatuto de um mais-de-gozar particular, que se mantém ligado a um produto do mercado capitalista <sup>72</sup>.

Os sentidos produzidos pela mídia são sempre indefinidos tanto no plano da linguagem como na dimensão sensorial. A produção de sentido e seus efeitos ocorrem no ato interpretativo, onde se revelam pela circunscrição da linguagem os contornos simbólico e imaginário atribuídos à experiência. Sob certa disposição subjetiva, a opção por consumir substâncias psicoativas vem de encontro às mediações, pois muitas de suas manifestações se incorporam às idiossincrasias da sociedade, como já foi suficientemente apresentado. Soma-se à cultura do corpo e da juventude uma outra cultura bastante instigante que favorece a alteração voluntária do sistema percepção-consciência. O que chamamos de cultura da consciência alterada envolve tanto as substâncias lícitas como ilícitas. Pelo prisma da disposição a consumir, segundo a leitura psicanalítica da economia libidinal e dos vínculos de dependência, podemos afirmar que existe espaço reservado nas sociedades para a alteração da consciência. Justamente esse é o motivo que gera polêmicas insolúveis em torno do proibicionismo e da descriminação de algumas *drogas*, controle e consumo autônomo, independente da legislação vigente. A sociedade tolera em parte a alteração da consciência sob determinadas condições.

Por esse aspecto, então, o hábito de beber cerveja no Brasil é um caso paradigmático do consumo de psicoativos, costume vastamente reproduzido através das mídias. A cerveja se encontra em todos os lugares do país, aparece em inúmeros comerciais, filmes e seriados, é vendida em pilhas nos supermercados. Tomada como causa, aguça paladares, embala festas, afoga dores e mágoas, envolve amantes, provoca acidentes, resgata estimas, ativa torcidas e campeonatos, embriaga os sentidos, dissolve censuras, solta a violência, interna alcoolistas, destrói casamentos, acumula garrafas nas mesas dos bares, geralmente cercadas por jovens; enfim, é produto de exportação. Não há dúvidas quanto a sua função social, assim como pão e café, mas a faceta psicoativa transparece nos quadros de embriaguez contínua e dependência. Diante de indivíduos que supostamente passam a não controlar o próprio consumo, é reconhecido o lado tóxico da cerveja, mas nem por isso ela é designada *droga*. Na cultura da consciência alterada, a cerveja tem lugar privilegiado [normalmente tratada por *cervejinha*], mesmo entre as bebidas alcoólicas, pois apesar do potencial alcoólico é vendida como produto inofensivo e indispensável em diversas ocasiões.

---

<sup>72</sup> SANTIAGO, *A droga do toxicômano*, op. cit., p. 59.

O caso da cerveja parece simplificar a idéia de que os dispositivos de controle e disciplina sociais toleram em parte a alteração da consciência. No entanto, ela não é o único produto psicoativo no mercado, dividindo motivações recreativas e medicatrizes com outros, sejam farmacológicos, estimulantes e até alucinógenos. O fato de alguns produtos gerarem sérios quadros de dependência e terem ampla aceitação traz o estigma para o campo das formações do inconsciente, onde optar pela transgressão na loucura, buscar com freqüência a embriaguez ou estar dependente, integra o sintoma à configuração sócio-cultural. Não é incoerente afirmar que uma certa disposição social para a *farmacotimia* também depende dos quadros de dependência. Analisamos isso sob o prisma das tensões entre elementos disciplinares, exigências sociais, familiares e libidinais, em que se integram os sintomas a serviço da repetição gozosa e do recalçamento das expressões do desejo. Necessário se faz apontar a justa relação dessa equação com a sexualidade, manifesta em diversas contingências. A tolerância em relação a alguns psicoativos se enlaça às questões sexuais exatamente como parâmetro de *normalidade*.

## 5.2 A relação com o Super-eu

Consideramos que diferentes modos de abordagem das substâncias psicoativas, pela informação e discursos morais contingentes, pela incitação à experiência perceptiva ou pela rejeição desta, passam ao largo da questão sexual ou da agressividade envolvida nessas práticas. É importante, então, salientar os modos de tensão e prazer, sob prisma da erogeneidade corporal, que define níveis de excitação, satisfação e graus de dependência para com as substâncias, onde as significações se intercalam *a priori* e ganham sentido ao depois [*après coup*]. A versão do saber medicinal, sobre o que desenvolvemos o segundo capítulo, lança um olhar sobre as manifestações humanas dentro do próprio cientificismo, cuja objetividade na identificação e tratamento dos males oblitera em grande medida a capacidade de verbalização do sujeito em questão. Clavreul [1983] nos adverte sobre a dimensão discursiva hegemônica que o saber medicinal institui, precisamente sob panorama funcional e disciplinar para a sociedade, o que evidentemente repercute nas concepções consensuais de adição e dependência às substâncias.

Falar da medicina como de um discurso nos permite não depender tão estreitamente da idéia de cientificidade que ela faz de si mesma. É porque a medicina invoca – com justa razão – a ciência, e porque ciência tornou-se sinônimo de verdade, que a medicina constitui um bastião resistente, tanto aos mais vigorosos ataques quanto aos elogios mais desajeitados, e que seu próprio totalitarismo é suportado como um mal do qual é preciso esperar um bem. [...] Por outro lado, a exatidão do saber médico não é a verdade. Ela é o

contrário desta: constituindo o que faz seu objeto (a doença) como sujeito de seu discurso, a medicina apaga a posição do enunciador do discurso que é a do próprio doente no enunciado do sofrimento, e a do médico na retomada desse enunciado no discurso médico. É aí que teremos de fazer ressurgir a verdade, enquanto ela está mascarada pela própria objetividade científica <sup>73</sup>.

Quando Freud [1981] publicou *O Mal-Estar na Cultura* em 1930, um de seus ensaios mais comentados em todo o mundo, fez uma advertência incisiva a respeito da condição humana. Afirmou que o plano da *Criação* não inclui o propósito de que o homem seja feliz, e que aquilo que no sentido mais estrito se chama felicidade, surge da satisfação quase sempre instantânea de necessidades acumuladas que alcançam ou adquirem elevada tensão. Portanto, segundo Freud, a felicidade dos homens não passa de um fenômeno episódico que está intrinsecamente relacionado à supressão dos estados de sofrimento provenientes do próprio corpo, do mundo exterior e dos relacionamentos pessoais. Afirmou ainda que dentre os diferentes e eficazes métodos que os seres humanos empreendem para modificar tal determinação, ou condição natural, inclui-se a *intoxicação* ou método químico; ou seja, a utilização de certas substâncias, cuja presença no sangue ou nos tecidos proporcionam diretamente sensações prazerosas, modificando condições de sensibilidade de maneira que intervêm no modo de perceber estímulos desagradáveis.

Atribui-se tal caráter benéfico à ação dos estupefacientes na luta pela felicidade e na fuga da miséria, que tanto os indivíduos como os povos têm reservado a eles um lugar permanente em sua economia libidinal. Não somente fornecem o prazer imediato, como também uma importante medida de independência frente ao mundo exterior. Os homens sabem que com isso sempre poderão escapar ao peso da realidade, refugiando-se em um mundo próprio que ofereça melhores condições para sua sensibilidade. Entretanto, sabe-se que é precisamente esta qualidade dos estupefacientes que entranha seu perigo e sua nocividade. Em certas circunstâncias ainda levam a culpa de que dissipam de modo estéril grande quantidade de energia que poderia ser aplicada para melhorar a sorte humana <sup>74</sup>.

A função primordial do recurso aos psicoativos com relação à economia libidinal vem sendo apontada desde então. Trata-se absolutamente do fator diferencial entre as versões de dependência sustentadas pelo saber medicinal e aquelas definidas no âmbito da clínica psicanalítica. A consideração pelas pulsões sexuais e agressivas oferece suporte às referências analíticas na questão do consumo de psicoativos. Como já apresentado no terceiro capítulo, sobre

---

<sup>73</sup> CLAVREUL, *A ordem médica*, op. cit. p. 49.

<sup>74</sup> FREUD, Sigmund. “El malestar en la cultura”. In: *Obras Completas, vol.III*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p.3026.

estigma e percepção, a noção de objeto de satisfação no que diz respeito à pulsão assume o lugar de causa do desejo, independente da materialidade do objeto ou da expectativa de complemento e redução a uma necessidade orgânica que lhe seria próxima. Do ponto de vista das funções corporais, as pulsões não estão vinculadas às demandas de satisfação metabólicas ou fisiológicas, e sim àquelas subordinadas ao corpo erógeno e às representações significantes que imprime. Isso implica em que, se por um lado o uso de substâncias evoca o princípio do prazer freudiano e os estados homeostáticos de satisfação, por outro remete à clínica do gozo mórbido imbricado nos sintomas e quadros patológicos, a exemplo dos abusos e excessos ou da morte pela incontinência.

Justamente, esse recorte teórico-clínico diferencial é o que permite a investigação sobre uma cultura da consciência alterada, relacionando tanto sexualidade quanto agressividade na dinâmica inconsciente às ordenações morais e disciplinares apresentadas sob prisma sociológico. Ao falar de corpo erógeno, a concepção biológica de corpo fica transfigurada para dar lugar ao enigma do corpo enlaçado ao gozo. Nesse enlace, vislumbramos o corpo na perspectiva sexual e principalmente na sua subordinação à linguagem, o que o caracteriza como corpo radicalmente humano. Em sua acepção mais geral, o gozo está fundido ao corpo sexual, mas no modo peculiar como se inscreve e permite que esse corpo goze. Assim, o gozo não é senão função *energética* inconsciente, produzida e alimentada pela constituição erógena do corpo, quando se exprime, seja pela ação, pela fala e pela fantasia.

A definição de gozo passa por uma leitura atual da clínica psicanalítica e tem diferentes atribuições de acordo com o desenrolar do ensino de Jacques Lacan ao longo de anos <sup>75</sup>. Em princípio, o gozo fora tomado do ponto de vista imaginário, na constituição de um corpo auto-erótico fundamental para estabelecimento da identidade do Eu. Mais tarde passou a vincular-se à função simbólica, ganhando estatuto discursivo. No final de seu seminário, o gozo alcançou o domínio que lhe é absoluto, do corpo atrelado ao real, paradigma do impossível de se inscrever, pois se define pelo que escapa à produção de sentido ou se esquiva a qualquer ordenação significativa. Introduzimos, então, esses diferentes registros de gozo em seu enlace formal dentro da perspectiva do corpo e dos objetos de satisfação, ou da causa do desejo. Ao nos referirmos ao corpo no campo psicanalítico, podemos contemplá-lo sob pontos complementares: o corpo imaginário, identificado a imagens externas e a modos de gozar que desvelam sentidos ao sujeito em questão; do ponto de vista simbólico, temos o corpo estrutural e historicamente recortado pelas demandas pulsionais, conjunto de zonas erógenas diferenciadas e demarcadas por um ser de

---

<sup>75</sup> Cf. MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo, n. 26/27, p. 87-105, abr. 2000.



linguagem; e quanto ao real, temos o corpo enquanto suposto pleno gozar irreduzível à estrutura ou às ordenações da função simbólica.

Quando dizemos que o gozo é delimitado pelos significantes, queremos dizer que, enquanto impulso do desejo, ele é delimitado pelas bordas dos orifícios erógenos. O significante deve ser compreendido em termos de borda corporal. Em suma, a psicanálise não conhece a natureza do gozo, a essência mesma da energia psíquica, seja ela global, 'do Outro', ou local, 'fálica' ou 'residual'; a psicanálise conhece apenas as fronteiras significantes que delimitam as regiões do corpo que são focos de gozo <sup>76</sup>.

Através do viés analítico, as relações que se estabelecem nesse sentido entre consumo de substâncias psicoativas e *farmacotimia* tornam-se evidentes, seja pelas manifestações sintomáticas dos usos rituais e nas doutrinas que envolvem o corpo, enquanto modos de gozar do inconsciente, ou ainda pelos aspectos aleatórios e oníricos associados aos prazeres da experiência perceptiva. Na idéia de uma cultura da consciência alterada, entretanto, consideramos os traços ligados à esfera sexual, sob a égide do auto-erotismo, assim como no plano das manifestações agressivas. Freud [1981], em seu texto *O problema econômico do masoquismo* de 1924, apresenta-nos a tendência masoquista nas produções sintomáticas como um singular enigma. No ímpeto por decifrá-lo lança mão de três abordagens diferentes para o conceito: como condicionante da excitação sexual associado ao sadismo, como manifestação da feminilidade e como norma vital de conduta. É justamente em relação ao terceiro aspecto que ele introduz considerações pertinentes ao nosso tópico, por observar que certas normas de conduta se originam naquilo que chama de masoquismo moral. Freud acentua o caráter singular dessa forma de masoquismo por não manter aparentemente relação com a sexualidade. No entanto, logo deduz a forma como se imbrica à dramaticidade do complexo edipiano, à contingente culpabilidade, mantendo suas raízes em sentimentos sexuais e agressivos inconscientes.

Freud fala de casos clínicos cuja resistência ao trabalho terapêutico resulta em um sentimento inconsciente de culpabilidade. A satisfação derivada do sentimento de culpa denota forte posição de vantagem em relação à própria enfermidade, ou seja, somos surpreendidos por um benefício implícito ao gozo mórbido das patologias. Sobre essa questão, Freud nos remete à função da consciência moral atribuída à instância psíquica do Super-eu, herdeiro do complexo edipiano, e identifica na consciência de culpa manifestação das tensões entre o Eu e o Super-eu. O Super-eu seria tanto representante das demandas internas como do mundo exterior, sendo

---

<sup>76</sup> NASIO, Juan-David. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 30.

originário dos primeiros objetos de identificação e das relações libidinais, os próprios pais ou substitutos. O Super-eu, em Freud, conserva os caracteres essenciais das pessoas *introjetadas*, ou seja, alguns traços e elementos significantes, seu poder, seu rigor e a inclinação aos atos punitivos. A moral e a consciência desta função nascem pela superação e *dessexualização* do Complexo de Édipo. O masoquismo moral teria, então, a característica peculiar de tornar a *sexualizar* e reativar o complexo, em referência a representações libidinais e agressivas censuradas ou recalcadas no inconsciente.

O Complexo de Édipo demonstra ser assim, como já supúnhamos do ponto de vista histórico, a fonte de nossa moral individual. No curso da evolução infantil, que separa o sujeito de seus pais, paulatinamente vai apagando-se a importância pessoal dos mesmos para o *Super-eu*. Às imagens restantes deles agregam-se logo as influências dos mestres do sujeito e das autoridades admiradas, dos heróis eleitos por ele como modelos, pessoas que não necessitam ser introjetadas pelo *Eu* já mais resistente. A última figura dessa série iniciada pelos pais é o Destino, obscuro poder que só uma limitada minoria chega a tratar de modo impessoal <sup>77</sup>.

Existe nessa questão original, vinculada ao Complexo de Édipo a partir de Freud, algo de grande importância para a noção do benefício secundário com a enfermidade, que podemos aproximar minimamente das dependências ou dos excessos relativos aos psicoativos. No masoquismo moral há uma demanda inconsciente de castigo que posiciona o *Eu* frente ao *Super-eu* e seus representantes externos, que na série significativa por similaridade podem incluir o poder de Deus e da Natureza. O masoquismo cria a tentação de cometer atos pecaminosos, que na contingência serão punidos com reprovação da consciência moral sádica e com penas impostas pelo grande poder parental do Destino. Para provocar castigo, o masoquismo inconsciente age contra o próprio bem-estar, destrói oportunidades que se abrem no mundo social e inclusive põe fim à própria existência real. O retorno do sadismo contra si próprio se apresenta regularmente por ocasião da submissão cultural das pulsões sexuais e agressivas. Grande parte dos componentes destrutivos recalcados reaparece na forma imperativa de atos sintomáticos, que se revelam estranhos ao *Eu*, e o sentimento de culpa e a consciência moral associada a esses se fazem tanto mais severos quanto mais amplamente renuncia o sujeito à manifestação e satisfação de seus desejos.

O imperativo superegógico autoritário, sob prisma do masoquismo moral, portanto, impõe ao *Eu* uma determinação de tensão e gozo que foge ao exercício funcional do prazer, ou à

---

<sup>77</sup> FREUD, Sigmund. “El problema económico del masoquismo”. In: *Obras Completas, vol. III*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 2757.

procura pela satisfação dos desejos, instaurando mecanismo narcisista e destrutivo similar ao que se encontra em casos graves de adição às substâncias e psicoses. Freud nos ensina que o perigo que reside no masoquismo moral está na sua procedência da pulsão de morte, de como integra também a significação de um componente erótico em relação dialética com o sadismo, a auto-destruição não deixando de ocorrer sem certa satisfação libidinal. Entretanto, essa disposição moral e mórbida evidenciada pelos estudos analíticos está relacionada a diversos casos clínicos, mas não constitui característica ampla e absoluta dos indivíduos e grupos sociais. No plano da coletividade, sugerimos pensar na hipótese da disposição ao delírio como estrutura do *sujeito farmacotímico* que consiste no propósito da pesquisa.

Não se trata tanto de interpretar como o delírio funciona no sentido de uma inadequação ou desajuste à realidade, posto que, neste sentido, todo sujeito se constitui inadequando-se em relação à realidade, razão fundamental da sexualidade, desde que esta existe enquanto transgressão do real. Esta última tese é fundamental, em que pese a sua simplicidade. É quase a pedra angular da psicanálise. [...] Trata-se da teoria da percepção, que inicialmente Freud categoriza como trauma, mas que, depois de revisar e criticar, descarta-a para colocar em seu lugar a categoria do fantasma. Ao trocar o trauma pelo fantasma, Freud está tentando agregar a esse matiz de exógeno sua característica de transgressivo, já que o fantasma não é mais um correlato unívoco do acontecido <sup>78</sup>.

Podemos pensar, assim, que mediante o hedonismo instituído pela ética individualista das sociedades atuais, a aproximação que fazemos aos quadros clínicos se revela profícua para que se observe a abrangência superegógica das culturas na construção do fantasma e dos dispositivos disciplinares associados a ele. Questionamos, então, se o lugar ocupado pelas substâncias psicoativas na cultura da consciência alterada não vem amenizar em um gozo delirante o tipo de mal-estar, situado a partir de Freud. Este pode estar aqui devidamente relacionado às transformações sociais dos últimos séculos, que fragmentaram valores hierárquicos tradicionais e introduziram atualizadas perspectivas e subjetividades, como a imposição de hábitos às novas tecnologias.

Retomando a questão do estigma que envolve o consumo de alguns psicoativos, podemos pensar, a partir de então, na significação dessas vivências para cada sujeito, na sua implicação auto-erótica como forma de gozar do corpo; ou ainda, na coletividade, como grande campo fantasmático de um suposto gozar que lhe é oferecido, em função de constantes irrupções de erotismo e violência. Isso nos leva a conceber alguma organização lógica, ainda que paradoxal,

---

<sup>78</sup> CABAS, *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*, op. cit., p. 73.

que apresenta tolerância a determinados estados de alteração da consciência, e simultaneamente gera ações proibitivas e exclusões em torno desses. A questão sobre os modos de gozo relacionados ao corpo sexual e falante nos diz de uma subordinação dos investimentos libidinais em acordo com os discursos hegemônicos da atualidade. A experiência *farmacotímica* derivada do uso de alguns psicoativos, que caracterizam situações de prazer ou de gozo mórbido, pode-se inscrever nos discursos de poder, da moral familiar vigente e da higiene mental. Em se tratando dessa inclusão, a cultura da consciência alterada se enlaça a conceitos pré-determinados e reconhecidos na atribuição de um suposto gozar, onde as leituras sobre o consumo e as experiências derivadas se inscrevem no mesmo campo das normas.

Entendemos que a relação entre os efeitos das diferentes substâncias se vincula aos discursos proibitivos na medida em que se apresentam aleatórios, e do ponto de vista moral, jurídico ou medicinal, tornam-se ameaçadores. No entanto, é evidente que esses efeitos dispersos e efêmeros deixam marcas e são recobertos de sentido conforme motivações de grupos e interesses particulares. Através do estigma das *drogas*, da mesma forma que indivíduos são *coisificados*, sob ponto de vista de Elias e Scotson, na relação dos usuários com seus próprios aditivos, as substâncias podem *ganhar vida* e ser sutilmente *animadas*. Exatamente sobre isso, convém salientar que a ruptura para com enunciados ordenadores, que é uma característica dos usuários de psicoativos ilícitos, representa a marca da insubordinação aos modos de vínculo social ou de tratamento do gozo sob parâmetros discursivos. Criam-se siglas, códigos, gírias, gestos, hábitos e rituais que adquirem forma e sentido localizados, e que jamais invocam o saber do Outro, senão para afrontá-lo. A ameaça parte da disposição alucinatória e delirante que advém como antítese do consenso e da moralidade vigente.

Quando levamos essa argumentação ao nível dos exemplos da vida cotidiana brasileira é inevitável que se esbarre em questões ligadas às práticas sexuais e a disposições antagônicas, historicamente referidas a lutas de classes, distribuição de recursos e poder de informação. Conforme apresentamos antes, Holanda [1981] demonstra de forma clara a iniciativa de transgressão dos valores e comportamentos no cenário da cultura pós-tropicalista no Brasil dos anos 70.

A valorização da percepção teórica evidencia um traço básico da atitude pós-tropicalista, cuja riqueza vem de uma ambigüidade básica: a valorização da marginalidade urbana, a liberação erótica, a experiência das drogas, a festa, casam-se de maneira pouco pacífica, com uma constante atenção em relação a certos referenciais do sistema e da cultura, como o rigor técnico, o domínio da técnica, a preocupação com a competência na realização das obras. A

marginalidade é tomada não como saída alternativa, mas no sentido de ameaça ao sistema; ela é valorizada exatamente como opção de violência, em suas possibilidades de agressão e transgressão. A contestação é assumida conscientemente. O uso de tóxicos, a bissexualidade, o comportamento descolonizado são vividos e sentidos como gestos perigosos, ilegais, e portanto, assumidos como contestação de caráter político. A integração do rock, agora mais que um gênero musical, é adotada como ritmo de vida, como uma maneira nova de pensar as coisas, a sociedade, o comportamento <sup>79</sup>.

A cultura da consciência alterada nos instiga a pensar até onde podemos delimitar os campos de gozo sobre o experimentalismo perceptivo e psíquico frente às peculiares limitações e insatisfações que o gozo na vida social impõe. Entretanto, para levar essa leitura ao nível de sua fundamentação é preciso que sejam observados ao longo de certo tempo aspectos discursivos, acontecimentos significativos, falas marcantes e reiterações para que se inscreva no panorama social brasileiro a consciência e a percepção em questão.

---

<sup>79</sup> HOLLANDA, *Impressões de viagem*, op. cit., p. 68.

## Capítulo 6

### A lógica atemporal

Esse tempo-suspensão: como um compartimento estanque, não talvez entre dois mundos (sonho e despertar), mas entre dois corpos. Tempo que está no limite da 'natureza', espécie de tenteio entre o corpo imortal (ou próximo da morte) e o corpo do cuidado, da 'vida', no sentido ativista do termo, que, como tantos poetas disseram, talvez seja vida-sonho.

Roland Barthes

O enfoque sobre a noção de tempo que a partir de agora estaremos desenvolvendo complementa a abordagem apresentada no terceiro capítulo, sobre estigma e percepção. Naquele, o tempo fora tomado na perspectiva analítica da experiência no real, em torno de vicissitudes libidinais reordenadas por um *sujeito do efeito* e da insubordinação à ordem simbólica que transparece no abuso de psicoativos. Nesse, o tempo está vinculado à inscrição significativa, ao modo como advém, não o *sujeito do efeito* em sua vivência particular, mas o *sujeito farmacotímico* que se subtrai de uma leitura ou de uma inscrição que em grande medida o determina. Recuperamos assim a dialética do indivíduo e sociedade sob o prisma da temporalidade elástica que advém das escrituras, leituras e discursos sobre o corpo [saúde e enfermidade] e sistema percepção-consciência. Nada do que falamos até então é evidente por si, senão pelo recobrimento teórico e pela inscrição significativa das ações e fatos de linguagem ao longo e fora do tempo. É justamente por esse viés que procuramos enfatizar a natureza da experiência psíquica e perceptiva, nos meios sócio-culturais, em suas diferenças e leituras, que derivam do uso de psicoativos.

A fundamental diferença entre o *sujeito do efeito* e o *sujeito farmacotímico*, que procuramos sublinhar e definir a partir de agora, consiste na relação de oposição entre registros, vista de um lado pelo encontro real com a substância e seus efeitos, e de outro, sob certa realidade proveniente da determinação literal constituinte das mediações. Em uma primeira vista, estaria aí a dicotomia entre a experiência do indivíduo e sua inserção social, mas inevitavelmente essas delimitações se fundem na constituição subordinada à linguagem do ser humano. Apesar do diferencial utilizado, é apenas diante da categorização dos enunciados que poderemos circunscrever elementos básicos que os caracterizam, suas semelhanças e oposições. Isso implica na pesquisa sobre o material significativo que serve de *corpus* para essa dissertação. As expressões, frases, falas e idéias que circulam nas reportagens sobre substâncias e produtos psicoativos

oferecem base de sustentação para a análise dos valores e preceitos atribuídos a essas práticas, ao menos no território nacional durante um certo período. Consideraremos a diferenciação entre *sujeito do efeito* e *sujeito farmacotímico*, quando levado a termo o procedimento de recorte derivado da sistematização; porém, desde já atribuímos ao *sujeito do efeito* uma condição de falha e fracasso na tentativa de reencontrar ou formular as experiências. É exatamente pela decantação da leitura que se pode tornar evidente a lógica envolvida na construção de um suposto sujeito com relação à organização significativa.

Para fins desse estudo, por tratar desde o princípio das relações entre consumo de substâncias psicoativas e suas implicações psíquicas [oníricas, mnemônicas, corporais e perceptivas], recuperamos a vertente atemporal dos significantes subordinada à realidade inconsciente. Em capítulos anteriores, apontamos para os discursos hegemônicos morais e disciplinares que trabalham basicamente com versões educativas e medicinais no que tange o uso de substâncias. Além disso, buscamos situar a questão do estigma que inscreve usuários sob ponto de vista das dependências e das relações históricas entre grupos sociais. Em se tratando de valores coletivos ou supostamente consensuais, esses enunciados se encontram na esfera das pragmáticas narrativas e científicas que caracterizam a determinação sócio-cultural. A leitura sobre as reportagens desenvolvida por esse estudo manifesta especial atenção à formulação dos imperativos categóricos velada ou explicitamente veiculados pela imprensa. Sobretudo evocamos a dimensão temporal que se enlaça aos imperativos mediante o conceito de repetição, sob parâmetros da psicanálise, ou seja, sob uma lógica que se apresenta como formação atemporal do inconsciente.

## 6.1 Da repetição

A repetição surge como conceito fundamental na teoria psicanalítica a partir de *Para além do princípio do prazer*, em 1920, quando Freud a aproxima dos impulsos que buscam conter certa quantidade de excitação que se tornaria traumática à vida anímica. Desse modo, a repetição está associada à economia libidinal, desde a primeira infância, segundo disposições psicológicas relacionadas à angústia e às tentativas de controle tanto das excitações, impulsos e demandas corporais, como das limitações do mundo externo. Freud observa que existe prazer e júbilo no reencontro de impressões familiares experimentadas pela criança, ou simplesmente na reprodução controlada de uma ação, o que se manifesta especialmente na leitura de histórias e nas brincadeiras, onde situações afetivas ou ameaçadoras configuram representações de domínio sobre as tensões vividas. Essa definição de repetição se apresenta particularmente profícua no texto citado, levando Freud a conceber, em última instância, dialética extensão entre os princípios de

prazer e de realidade. Introduce a questão do jogo e do gozo produzido às bordas do dado significativo como forma de identificação e domínio sobre as imperfeições, falhas ou frustrações experimentadas na realidade.

O econômico remete ao trauma, e este à repetição, que finalmente conduz à pulsão de morte. Pulsão que não se assimila a uma misteriosa tendência à aniquilação total da vida [...], mas sim ao pôr em jogo a lei do significativo que, ao marcar o sujeito que cai sob seu peso no ato mesmo de constituir-se como tal, faz entrar em sua vida a dimensão da morte, abre o lugar de uma ausência em que se organiza a pulsão como efeito da impossibilidade da apreensão total do real pelo simbólico <sup>80</sup>.

A realidade traumática a que Gerber se refere diz da experiência original de encontro enigmático com a diferença sexual, como dilema sobre a plenitude do *falo* [significante primordial] e da sua ausência, que introduz a função da potencialidade de gozo nos corpos, e representa a dimensão ética organizadora da sexualidade na vida familiar pela linguagem. O real da questão sexual e do gozo fálico que o recorta ultrapassa fronteiras étnicas e etárias, constituindo por excelência o substrato do inconsciente freudiano e campo da ordem significativa enquanto função paterna. Exatamente por isso, torna-se *pedra angular* para fins das considerações sobre o tempo. A repetição que se apresenta nas formações do inconsciente, sintomas, equívocos e atos impulsivos se inscreve como modo de gozo mediante ordenação simbólica; porém, remete a uma realidade que está descentralizada das cadeias significantes ou da esfera discursiva, realidade sexual que não se subordina às delimitações e mensurações do tempo cronológico. O que insiste e não cessa de não se inscrever é definido como o real. O gozo sexual, nesse sentido, está associado aos recortes fragmentários e imprecisos que erotismo e sofrimento desenham historicamente sobre os corpos.

Lacan [1985] trabalha com o conceito de repetição em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964, e adverte que o real é da ordem de um encontro essencial. Na aproximação do real ao encontro, afirma que este se diferencia da insistência dos signos, do retorno das idéias, da ordenação simbólica, que o que se repete é sempre algo que se produz como por acaso, que se apresenta como inassimilável, que nos coloca o caráter radical da noção de conflito introduzida pela oposição do princípio do prazer ao princípio de realidade.

---

<sup>80</sup> GERBER, Daniel. “Dis-curso del psicoanálisis: um punto de vista antieconómico”. In: BRAUNSTEIN, Nestor A. [org.]. *El discurso del psicoanálisis*. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1986, p. 120.



O trauma é concebido como devendo ser tamponado pela homeostase subjetivante que orienta todo o funcionamento definido pelo princípio do prazer. Nossa experiência nos põe então um problema, que se atém a que, no seio mesmo dos processos primários, vemos conservada a insistência do trauma a se fazer lembrar a nós. O trauma reaparece ali, com efeito, e muitas vezes com o rosto desvelado. [...] O processo primário – que não é outra coisa senão o que tentei definir em forma de inconsciente – é preciso mesmo, uma vez mais, que o apreendamos em sua experiência de ruptura, entre percepção e consciência, nesse lugar, eu lhes teria dito, intemporal, [...] uma outra localidade, um outro espaço, uma outra cena, o *entre percepção e consciência*<sup>81</sup>.

Desse modo retomamos a concepção freudiana citada no capítulo terceiro, sobre estigma e percepção, onde ele situa a abstrata noção de tempo com relação ao sistema percepção-consciência. O paradigma da ruptura entre percepção e consciência, citada agora em Lacan, fundamenta o processo primário no inconsciente. Podemos, então, pensar na função atemporal como estase libidinal associada ao trauma, assim como dizemos do encontro e do acaso nas experiências com psicoativos, quando esses produzem efeitos de ordem extática sobre o sujeito. Exatamente por esse aspecto, investigamos as articulações ideativas que se fazem na imprensa em torno do consumo de substâncias, pois elas respondem sobre o lugar sintomático que caracteriza a fratura inconsciente, sem necessariamente considerar a esfera libidinal dessas práticas. O que se repete, então, *fala-se* nas tentativas de justaposição ou de recuperação desses campos fendidos, consciência e percepção alterada pelos efeitos de substâncias.

A cultura da consciência alterada nos revela a escrita do sintoma social sobre o uso de psicoativos e seus efeitos evanescentes nos modos psíquicos de gozar do corpo. A expectativa social disciplinar que enfatizamos desde o início pressupõe ordenação desse plano, segundo critérios de medida e equilíbrio, mediante hábitos e costumes, o que envolve também práticas sexuais e esportivas. Sob o ponto de vista dos conceitos analíticos que viemos trabalhando, essas disciplinas se definem pelas construções lingüísticas que as inscrevem, seja pelos discursos hegemônicos, pelas leituras medicinais e preventivas, o que oferece balizas e sentido a um gozar fálico do corpo. Santiago [2001] expõe algumas diretrizes para que pensemos a questão do gozo fálico nos casos de dependência a psicoativos.

Evidentemente, essas variações no próprio desempenho da função paterna acabam por repercutir na transmissão da significação fálica, que ocupa um lugar decisivo nos modos de uso do gozo fálico e, particularmente, no fato de que, em torno dele, se situa o real do corpo, real com que os pacientes toxicômanos estão intimamente envolvidos. Portanto,

---

<sup>81</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11*, op. cit., p. 57.

deve-se ressaltar que o gozo fálico implica sempre a incidência do lastro da linguagem, cuja eficácia remonta, em última instância à função paterna. Na verdade, é por intermédio dela que o sujeito recorta esta parte do corpo como fonte de intensa satisfação. Esses pacientes esbarram com as circunstâncias que envolvem o casamento, que todo sujeito deve um dia contrair do gozo fálico com seu corpo. No centro da consideração lacaniana sobre a droga, encontra-se esse impasse do casamento do homem com o falo. Com efeito, o que o suscita não é tanto o Outro do significante, mas o Outro do outro sexo. O recurso imperioso ao produto só é um pretexto para fazer prevalecer a vontade de infidelidade do toxicômano diante dessa acomodação necessária ao gozo fálico, que o incomoda de modo especial, na medida em que não crê que este possa agir, separando o corpo do gozo <sup>82</sup>.

Levamos adiante essa afirmação de Santiago, sublinhando o aspecto temporal de assimilação dos modos de gozar com o corpo, ou seja, evocando a eficácia simbólica sob incidência da linguagem ou da função paterna por ele citada através de um processo lógico. Se existe um tempo para que essa incidência ocorra em indivíduos de determinada cultura, e se a repetição se refere ao âmago enigmático do gozo sexual, essa é justamente a questão que permeia os discursos e que buscamos delinear reconhecendo nos parâmetros da *farmacotimia* uma outra inscrição ou modalidade de gozo.

A questão sobre o tempo que o conceito de repetição nos coloca favorece a leitura que empreendemos sobre o consumo de psicoativos e as culturas das sociedades modernas. Conforme verificamos, através do impasse criado pelo aspecto humano do gozo sexual, estrutura-se o campo próprio aos sentidos, da intersecção entre elementos discursivos simbólicos e imaginários, sintagmas e paradigmas, que recobre lacunas no sistema percepção-consciência. Encontramos nessa visão estruturalista, alheio em parte à cronologia histórica, o fundamento da organização simbólica que pode ser vislumbrado pelo viés da mitologia, das origens da função paterna, do ato significativo criativo representado na insígnia fálica, oferecendo sentido a uma falta primordial. Entretanto, na intenção de aproximá-lo da repetição que nos concerne, avaliamos escrituras e enunciados sob o ponto de vista da emergência descontínua de uma falta a gozar e de suas sucessivas e reiteradas representações.

---

<sup>82</sup> SANTIAGO, *A droga do toxicômano*, op. cit., p. 190.

## 6.2 O tempo como lugar

A repetição pode ser compreendida enquanto onipresença de uma constância ou de uma tensão elementar que ressurgue como persistência; porém, no que diz respeito à nossa leitura psicanalítica, a repetição sugere a diferença que se estabelece retroativamente entre o dado presente e o passado. Ou seja, não há elemento contínuo, e sim descontinuidade nas reiteradas afirmações que nos expõem às marcas da repetição. Levamos em consideração uma lógica sobre o tempo que permite contemplar a constante característica da pulsão no inconsciente atemporal de Freud. Retroativamente e a partir do recorte sistêmico dos enunciados na imprensa, aproximamos o *sujeito do efeito* e o *sujeito farmacotímico* de um ato inaugural interpretativo derivado da leitura como em uma pulsação temporal, onde o prevenir e o porvir se equivalem por aquilo que insiste como um sintoma.

Lacan [1997] estabeleceu a noção de tempo lógico em seus *Escritos*, publicado em 1966. Através do que designou como um novo sofisma, lançou um problema concreto, envolvendo um fictício diretor de presídio e três prisioneiros, para que fosse decifrado logicamente. O diretor do presídio prometera a liberdade ao prisioneiro de justificasse de modo razoável a solução do problema que lhes propusera. Entre cinco discos [dois pretos e três brancos], fixou um nas costas de cada prisioneiro, permitindo que todos pudessem observar o dos companheiros de cela, porém, sem ver o próprio. A questão era descobrir a própria cor, baseado apenas no raciocínio lógico. Na situação fictícia, o diretor colocou nas costas dos prisioneiros apenas os discos brancos. Em se tratando de uma questão lógica, surge evidentemente uma equivalência inaugural entre as condições dos prisioneiros. Logo, de um primeiro momento equivalente e impessoal, os sujeitos passam para uma situação de interação e indefinida reciprocidade, até chegar a uma conclusão ou à asserção de certeza antecipada sobre si e os outros de que se trata.

O processo de decifração do problema, segundo Lacan, é transpassado por dois movimentos de suspensão que reproduzem os tempos lógicos necessários para sua resolução. Assim, define três modalidades de tempo separadas por escansões: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. O instante de ver é marcado pelo fato de que, estando diante de dois pretos, sabe-se que é branco; o tempo de compreender passa pelo raciocínio lógico de que, se o sujeito fosse preto, os dois brancos que vê não tardariam a se reconhecer como sendo brancos; e o momento de concluir aponta para o sujeito que se apressa na afirmação de ser branco, para que os outros brancos não se antecipem. Na demonstração do sofisma, Lacan atribui o juízo de conclusão ao sujeito que consegue formar uma asserção de certeza sobre si, cuja característica essencial é a antecipação sobre o juízo dos outros, na pressa de concluir e resolver o

problema. A asserção de certeza antecipada apresenta sinonímia com relação à emergência do sujeito no inconsciente, cujo diferencial revela-se mediante os significantes do Outro.

O Eu [*Je*<sup>83</sup>], sujeito da asserção conclusiva, isola-se por uma *pulsção de tempo* lógico a respeito do outro, isto é, da relação de reciprocidade. Esse movimento de gênese lógica do Eu por uma decantação de seu tempo lógico próprio é bem paralelo a seu nascimento psicológico. Do mesmo modo que, para efetivamente recordá-lo, o Eu psicológico se desprende de um transitivismo especular indeterminado, pela contribuição de uma tendência despertada como ciúmes, o Eu de que se trata aqui se define pela subjetivação de uma concorrência com o outro na função do tempo lógico<sup>84</sup>.

Os passos para a resolução lógica do problema são discutidos por Lacan à luz dos movimentos de suspensão, ou moções suspensas entre os prisioneiros. Elas revelam as passagens entre os três tempos lógicos apresentados, e é importante considerar que as chamadas escansões suspensivas de tempo na seqüência do raciocínio tornam-se significantes. Para Lacan, algo se dá através da sincronia do movimento dos prisioneiros que subjetiva os três tempos, modulando a disposição de cada um segundo a mobilização dos outros, o que para fins dessa articulação os homogeneiza e faz produzir apenas um *sujeito de pura lógica*. Toda subjetivação inerente ao instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir, é correspondente a uma transformação, passagem da impessoalidade para a reciprocidade, culminando no ato da enunciação. Porge [1994] trabalha sobre o tempo lógico em *Psicanálise e tempo*, de 1989, e observa que esses tempos de subjetivação se intercalam mediante três modos de falta.

É fundamental notar que a cada vez a subjetivação procede de uma falta: falta-a-ver, para o instante de ver, já que é a partir do fato de que os sujeitos não vêem dois pretos que eles podem subjetivar essa combinação num modo de tempo; falta-a-compreender, para o tempo de compreender, já que este é o tempo de compreender o outro, que se demarca pelo efeito produzido pela não-compreensão de supor um preto e um branco; falta-a-concluir, no momento de concluir, já que é o ato que antecipa a declaração da conclusão<sup>85</sup>.

A função da falta está intrinsecamente ligada à falta-a-ser constitutiva do sujeito. Segundo Miller [2000], o sujeito está subordinado à experiência temporal, e revela uma

---

<sup>83</sup> O Eu [*Je*] é utilizado por Lacan como forma de definição do sujeito do inconsciente, para diferenciá-lo do eu [*moi*] das identificações ou das relações especulares ou imaginárias primordiais.

<sup>84</sup> LACAN, Jacques. “El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. Un nuevo sofisma”. In: *Escritos. Tomo I*. México D.F.: Siglo Veintiuno, 1997, p. 197.

<sup>85</sup> PORGE, Erik. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994, p. 110.

inconsistência lógica em relação ao objeto causa do desejo, que se encontra na dimensão consistente do gozo. O sujeito se define na dimensão do tempo como um ser evasivo, fugaz, evanescente, assim como na experiência do presente. O sujeito encontra-se em relação aos significantes que o antecedem e sucedem, estabelecendo movimentos retroativos, sendo possível localizá-lo, porém, de maneira descontínua. É nisso que a particularidade do sujeito na teoria lacaniana encontra sentido na formulação do significante, onde ele se define como representado por um significante para outro significante, ou seja, absolutamente enlaçado à cadência cíclica da cadeia simbólica. Sua aparência difusa transparece através do ato ou do corte interpretativo, cuja reversão temporal permite situá-lo no intervalo dos significantes. Veiculado pelas sucessivas cadeias que movimentam metafórica e metonimicamente os significantes, o sujeito na dimensão do desejo inconsciente seria como uma fenda que se abre e fecha ao gozo da repetição, ganhando sentido na diferença sincrônica entre elementos discretos.

A reversão temporal, a que precipita incessantemente o presente no passado, é o próprio tecido da experiência corriqueira. A reversão temporal é constitutiva da experiência humana como experiência do tempo. O tempo vai simultaneamente em direção ao futuro e em direção ao passado. [...] O passado em questão é um passado definitivo, o mesmo passado de que se trata no sofisma do futuro contingente: é o instante do tempo que sempre deporta o possível em direção ao necessário, ou seja, o instante do tempo que faz advir a necessidade lógica sob a forma de um 'estava escrito'. É exatamente aí que se insere a descrição do inconsciente atemporal, o inconsciente como necessidade lógica, já escrita, uma pura memória automática <sup>86</sup>.

Afirma-se o sujeito na asserção antecipada, frente ao problema apresentado por Lacan em *O tempo lógico*, e entendemos que através de escansões significantes depura-se a função da pressa em que se faz reconhecer. No âmbito da situação espacial entre os prisioneiros, a problemática gira em torno de um saber sobre si que leva o outro em consideração, outro que toma o sujeito como objeto da própria indagação. Essa relação de reciprocidade, que caracteriza o tempo de compreender, no limite engendra uma diferença temporal na enunciação sobre si pela urgência do ato conclusivo. A pressa que fomenta a decisão em se pronunciar surge deflagrada pela percepção do atraso com relação aos outros na medida em que, na solução do problema, é preciso colocar-se na situação dos outros dois, ou seja, ver-se como objeto. Na hesitação em duas vezes dos movimentos de saída, é marcada a significância implícita às suspensões temporais e antecipada a conclusão. O ato constitui a posição do sujeito numa operação lógica com relação aos

---

<sup>86</sup> MILLER, Jacques-Alain. *A erótica do tempo*. Rio de Janeiro: Latusa, 2000, p. 52.

outros; porém, como na resolução do problema se trata de um *sujeito de pura lógica*, o corte conclusivo revela um modo peculiar de identificação que está na ordem da coletividade.

O sujeito que se afirma, ao termo do tempo lógico, não é um sujeito coletivo da enunciação. Ele o faz de uma maneira ao mesmo tempo particular e universal: afirmando-se, ele cai sob o golpe da definição do sujeito representado por um significante para um outro significante. A unicidade do sujeito que se afirma e a multiplicidade de formas, ou modos de subjetivação, que ele assume estão ligadas pela divisão. Essa multiplicidade é necessária à afirmação do sujeito da certeza. A identificação não é dada de saída; ela é antecipada por um ato que divide o sujeito entre ser e pensar. [...] Para efetuar a afirmação onde particular e universal se reúnem no ato, deve-se formular uma igualdade da divisão do sujeito com a multiplicidade de sujeitos. [...] Nesse sentido, o tempo lógico não é uma lógica do tempo, mas uma lógica do ato <sup>87</sup>.

A representação gráfica da banda de Moebius <sup>88</sup> é apresentada por Lacan como paradigma topológico do sujeito em *A lógica do fantasma*, seminário inédito de 1966. Nessa ocasião, ele evoca o ato como fundador do sujeito, através da ilustração de um recorte pela linha central da banda de Moebius, cuja duplicação remete à divisão e à própria noção de repetição. No ato, o sujeito é equivalente ao significante que atualiza sua falta constitutiva na repetição e é representado por sua própria divisão. A banda de Moebius como superfície planificada apresenta a propriedade de ter apenas um único lado e uma única borda. Exatamente por ligar um lado com seu avesso, representa a relação das formações do inconsciente com os discursos no sistema percepção-consciência. Isso demonstra como as representações literalmente estruturadas no inconsciente transpassam, se enlaçam e emergem em qualquer ponto do discurso corrente.

Justamente, no aspecto que nos concerne, é peculiar que avaliemos tais pontuações temporais significantes ao longo da leitura das reportagens selecionadas sobre substâncias psicoativas. Nessa oportunidade, enfatizamos uma dupla acepção de sujeito, ou seja, *sujeito do efeito* e *sujeito farmacotímico*. Com a noção de repetição em Freud, e tomando os tempos lógicos de Lacan como perspectiva interpretativa, introduzimos uma diferença inerente à produção desses sujeitos. Para o *sujeito do efeito*, trata-se de dimensioná-lo sob o prisma do gozo sexual e das contingências perceptivas referidas à experiência psicoativa em si. Esse sujeito, tomado pela experiência do presente em uma dimensão pontual e evanescente, encontra-se necessariamente subordinado à linguagem; porém, na aleatoriedade que lhe é característica

---

<sup>87</sup> PORGE, *Psicanálise e tempo*, op. cit., p. 194.

<sup>88</sup> A banda de Moebius encontra-se ilustrada pelo holandês Maurits Cornelis Escher na ilustração F, que introduz esse capítulo.

encontra sua organização e sentido posteriormente ou *après-coup* na acepção de Lacan. Sua posição se dá pela fala, única via onde se produz um saber sobre a vivência em sua dimensão simbólica e imaginária. Já para o *sujeito farmacotímico*, trata-se de reconhecê-lo em sua aparição ou derivação a partir dos discursos e narrativas jornalísticas lançadas ao plano da coletividade. Ele está mais próximo dos imperativos de gozo no Super-eu, das ordenações disciplinares e das configurações políticas e sociais que compõem o senso comum.

Sob ponto de vista de Miller <sup>89</sup>, se o *sujeito do efeito* diz de um presente pontual que procura atualizar ou reinscrever, o *sujeito farmacotímico* encontra-se na espessura dos tempos lógicos, cuja enunciação advém da perspectiva em demarcar seu lugar e objeto de satisfação em relação ao Outro, através dos discursos e significantes que o envolvem. Por esse motivo e para fins dessa análise, ao distinguir os sujeitos sublinhamos desde o início a dicotomia entre experiências psicoativas na particularidade do usuário e no âmbito dos discursos veiculado pelas mídias, o que é manifesto através da sistematização que se segue.

Tratamos especialmente de encontrar nas reportagens estudadas a delimitação significativa que envolve o *sujeito farmacotímico* na sociedade brasileira. Uma vez que significante e gozo não se encontram dissociados, pela teorização que aludimos em relação ao gozo sexual fálico e repetição, não podemos deixar de observar que existem discursos contingentes para os modos integrados ou ameaçadores de consumo. As possíveis polarizações e reiterações que se apresentam em relação às substâncias, sujeitos e efeitos, podem assim se integrar à elasticidade do tempo que advém de uma leitura da imprensa que considera décadas de mediação.

---

<sup>89</sup> Cf. MILLER, *A erótica do tempo*, op. cit., p. 64.

**Parte III**

**Reportagens Significantes**



## Capítulo 7

### Leitura da imprensa

Você me abandonou e até agora eu não sei qual foi o perfume (a camisa, o cigarro, o relógio, o carro) que não usei.

Millôr Fernandes

O trabalho de leitura das reportagens, que segue a partir de agora, teve seu início concomitante às primeiras disciplinas do programa de mestrado, e ao longo de seus três anos foi delimitado o *corpus* da pesquisa. A fase inicial da seleção de reportagens para a pesquisa foi realizada na hemeroteca da biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [PUC-SP], onde as publicações semanais encontram-se encadernadas por mês. A cada ano reúnem-se doze volumes nas estantes, de modo que sua disposição acessível facilitou em grande medida o levantamento da *amostragem*. As publicações escolhidas para o estabelecimento de uma *amostragem* consistente para a realização do trabalho foram as seguintes: Realidade [Editora Abril], Veja [Editora Abril], Superinteressante [Editora Abril], Istoé [Editora Três] – incluindo o período da associação Istoé/Senhor – e Época [Editora Globo]. Entretanto, outras reportagens de capa editadas por publicações diferentes destas poderiam ser incluídas de acordo com a pertinência ao tema. As publicações foram revisadas desde os primeiros números até o final do ano de 2002, o que ficou delimitado pelo início do programa de pós-graduação. Evidentemente novos números de interesse para a pesquisa surgiram a partir de 2003, mas foram propositalmente ignorados.

O procedimento inicial consistiu em fazer uma ampla *coleta de dados* através de revisão criteriosa dessas edições que tiveram grande circulação ao longo das últimas décadas. O critério básico de seleção das reportagens levou em consideração a presença de qualquer referência às substâncias psicoativas nas matérias. Assim, elas poderiam tratar das *drogas* de um modo geral, dos medicamentos modernos, do consumo de bebidas alcoólicas e cigarros, de personalidades envolvidas com substâncias, de diferentes ocorrências ligadas ao tráfico internacional dentro do Brasil, entre outras. Depois de alguns meses de levantamento de dados, a *amostragem* e o procedimento de coleta revelaram-se excessivos. O volume das reportagens e artigos reunidos na PUC-SP, originários somente de edições das revistas Veja e Istoé, chegou a alcançar o montante de 1.468 itens, o que forneceu a medida dos limites a que deveríamos nos

ater. Além desses, havia ainda aproximadamente outros trinta retirados das capas da revista Superinteressante e coletados na biblioteca do Instituto de Astronomia e Geofísica da Universidade de São Paulo [IAG-USP]. Posteriormente, já em 2005, as capas da revista Época e os textos correspondentes foram gravados em CD-Rom através do sistema *Adobe.Reader* pelo Centro de Documentação [Cedoc] da Editora Globo.

Em outro momento do desenvolvimento da pesquisa, estabelecemos um recorte sobre as principais publicações investigadas, para fins de coesão e desenvolvimento da análise, visando certo equilíbrio entre elas em termos de tiragem e circulação. Assim, ficaram definidas como *amostragem* da pesquisa apenas as reportagens de capa ou margem de capa das revistas Veja, Istoé e Época, que contivessem referências às substâncias psicoativas, desde suas primeiras edições até o final de 2002. Diante dessa nova premissa, reuniram-se cerca de 177 artigos das três publicações. Foi necessário ainda estipular um novo corte, agora sob critério de adequação ao objeto da pesquisa. Foram, então, excluídas todas as reportagens que focalizassem o tráfico de drogas segundo pauta política ou policial, como a guerra entre traficantes nos morros do Rio de Janeiro, ou o escândalo do tráfico de cocaína em Brasília. Por outro lado, todas aquelas que tratavam diretamente das substâncias, trouxessem ou buscassem razões medicinais, educativas, comportamentais, tendências sócio-culturais de um modo geral, foram mantidas. Assim, através desse recorte, chegamos ao número final de 110 reportagens de capa [ou margem de capa] para cópia, edição e leitura <sup>90</sup>. Procuramos resgatar e investigar justamente as reportagens das mídias impressas que reproduzem saberes constituídos pelas ciências e autoridades, mas que também contribuem para a indagação e acomodação de tendências e hábitos.

É digno de nota que diante da quantidade de exemplares revisados e do volume de reportagens e artigos selecionados, muito se dissipou no que diz respeito ao aproveitamento do tempo de pesquisa. O período dispensado a esse procedimento poderia ter-se reduzido significativamente. A escolha das reportagens que compõem a *amostragem* só ficou restrita às matérias de capa depois de várias reuniões de orientação. Antes disso, de todas as edições que estavam sendo revisadas, incorporava-se à *amostragem* qualquer artigo interno das revistas. Evidentemente, esse aspecto apresenta vantagens e desvantagens. Se por um lado a *amostragem* ficou mais objetiva e reduzida, por outro, perderam-se várias reportagens internas de excelente qualidade e de inestimável valor para os objetivos dessa pesquisa e dissertação.

---

<sup>90</sup> As 110 reportagens apresentam-se em ordem cronológica de publicação no Anexo c. Reportagens significantes, em sua forma sumária, e no Anexo d. Amostragem, onde está exposto em duas cores todo o trabalho de edição sobre o texto original publicado e os depoimentos em destaque.

A partir da definição da *amostragem* da pesquisa, o procedimento seguinte passou a ser o estabelecimento do *corpus*, agrupamento principal do material significativo extraído na leitura das reportagens. A organização do material em um *corpus* selecionado e sistematizado, depois de registrada a amostragem, fundamenta e permite que se faça uma avaliação significativa sobre seus efeitos. Apresentamos uma leitura dos discursos e significantes, segundo critérios de investigação sustentados no corpo teórico desenvolvido nos capítulos anteriores, onde o consumo das substâncias psicoativas na sociedade brasileira se produz e pode-se reproduzir por meio dos enunciados que o marcam. Procuramos destacar as falas que se apresentam como opiniões, comentários e depoimentos, pois essas são as que possibilitam uma fratura do texto, dimensionando a realidade em relação a outros campos discursivos, ou seja, de campos externos ao discurso estruturado pela reportagem.

O princípio metodológico da pesquisa pretende desorganizar em parte as referências diretas oferecidas pelas matérias, tomando delas o que se enquadra e o que não necessariamente se enquadra à lógica intencional ou aos fatos do texto jornalístico. Tratando-se de opiniões, dizeres, comentários, fragmentos de idéias e de entrevistas, contidos na edição, enfatizando, denegando ou qualificando enunciados, reúnem-se expressões que geram efeitos tanto pelo caráter sintático quanto pelo viés metafórico dos sentidos. Mediante essa reordenação das posições editoriais e das expressões personalizadas contidas nas reportagens, categorizadas a partir do *corpus* da pesquisa, chegamos a algumas conclusões sobre o tratamento das diferentes substâncias e de seu consumo na cultura brasileira. Por extensão, vislumbramos a circunscrição significativa que delinea a *farmacotimia social* e o *sujeito farmacotímico*, apresentados nos capítulos anteriores como hipótese fundamental da pesquisa.

A abordagem, nessa fase da análise sobre as reportagens, pretende elucidar alguns questionamentos incessantes que giram em torno desse tema. Em se tratando de uma fragmentação da escrita contingente, apresentamos um prisma de linguagem, cuja única lente é a materialidade dos próprios registros enunciados sobre as substâncias e sobre seu consumo no âmbito da cultura brasileira. Ainda que estejamos trabalhando todo o tempo com juízos de valor, com critérios de saúde e de segurança social, satisfação e sofrimento, a pesquisa avança um pouco além, tratando de analisar sujeitos hipotéticos que transparecem a partir da leitura investigativa sobre o material significativo e seus efeitos. A rigor, a sociedade moderna incentiva todo tipo de consumo, dentro de uma estrutura legal capitalista de produção e mercado, e apesar de vermos alguns produtos sendo discriminados por seus efeitos perniciosos, eles continuam ilegalmente sendo consumidos. Questionamos e investigamos através do *corpus* da pesquisa algumas construções discursivas e reiteraões que são veiculadas pelas mídias e que parecem reservar ou

garantir lugar para esses hábitos na cultura. Estrutturamos assim o que entendemos ser o espaço enigmático de inclusão da *farmacotimia* na sociedade brasileira, uma interrogação persistente que se organiza ao longo do período lógico constitutivo da leitura.

### 7.1 Discurso e produção do sentido

As ciências da linguagem colocam-nos sob o prisma da letra e, na perspectiva da presente pesquisa, a abordagem analítica nos fornece ferramenta adequada para essa leitura, seja por sistematizar elementos discursivos, fraturar o texto ao nível de evanescente perda de sentido, ou mesmo por desvelar subjetividades por entre as fendas da fratura. Exatamente nesse ponto, o trabalho ganha em lançar o *sujeito farmacotímico* como hipótese e permite considerações sobre a subjetividade na era moderna. Além de promover a *desconstrução* literal das reportagens, fomenta a leitura e convida ao trabalho de elaboração sobre os efeitos produzidos pela fragmentação dos enunciados. Evidentemente, isso não se produz da mesma forma pela imagem, o que justifica a escolha das reportagens impressas para fins dessa pesquisa e a abrangência temporal das publicações. Lyotard [1987] lança luzes sobre a questão, cuja pertinência às mídias da atualidade é inegável.

A legitimidade, como temos afirmado, está assegurada pela potência do dispositivo narrativo: cobre a multiplicidade das famílias de frases e de possíveis gêneros de discurso, e compreende todos os nomes; sempre é atualizável e tem sido assim desde sempre. O dispositivo, como é diacrônico e paracrônico, assegura o domínio do tempo, ou seja, da vida e da morte. O relato é a autoridade em si mesma. O relato autoriza um nós indestrutível, acima do qual só existem eles <sup>91</sup>.

Podemos pensar, a partir dessa afirmação sobre a legitimidade do relato, que a noção de consenso se introduz com eficácia no seio das publicações da imprensa, o que não raro cria uma ilusão de necessidade de adequação aos valores veiculados ou inscritos nas reportagens. Sem questionar a qualidade das revistas semanais escolhidas para a *amostragem* da pesquisa, é por essa razão que elas adquirem a confiabilidade dos leitores, tornando-se dignas por promover e reabsorver a opinião pública. Entre os fatores que deram origem ao projeto de pesquisa para essa dissertação, era notável que diferentes pacientes, que foram atendidos ao longo de dez anos no âmbito da clínica com dependentes, reproduziam falas ou idéias genéricas sobre psicoativos que normalmente encontravam-se escritas em matérias jornalísticas e reportagens de revistas,

---

<sup>91</sup> LYOTARD, “Misiva sobre la historia universal”, op. cit., p. 44.

corroborando a noção de senso comum. Desse modo, é importante que Lyotard levante a questão sobre o *nós* da idéia transmitida pelas narrativas em geral e da reflexão sobre a humanidade.

A escrita jornalística em grande medida se aproxima do texto falado, seja pela forma documental, pela prática da entrevista ou do tecido dos depoimentos, ou ainda pelo estilo e pela argumentação dos autores. Essa questão que faz a diferença e que pode aproximar o texto escrito da linguagem falada é pertinente ao trabalho que segue, em vista da leitura analítica a que nos propusemos desde o início. Logicamente, para os objetivos dessa pesquisa, não se trata de fazer uma investigação interpretativa ao modo de uma *psicanálise da imprensa*. Tal aplicação tornaria a elaboração inviável do ponto de vista de uma práxis analítica, que se sustenta pelo vínculo de transferência interpessoal com o analista, como pelo aspecto de linguagem associado à enunciação do sujeito. Isso significa que o discurso analítico só se torna possível a partir do trabalho de livre associação que introduz a questão do sujeito do inconsciente. No entanto, é evidente que as publicações jornalísticas se reportam ao campo da linguagem, referindo-se ao mesmo caldo cultural que define o Outro enquanto lugar e *cornucópia* de representações pulsionais.

Na leitura sobre as reportagens da imprensa, consideramos que o trabalho das mídias movimenta de modo privilegiado diferentes tipos de discurso, atualizando significações e enunciados, assim como lançando significantes que encontram sentido no desenvolvimento do texto, mas que podem delir do mesmo modo que aparecem. Assim, como desconsiderar depoimentos recolhidos pelos repórteres, mesmo que se oponham à tese defendida pela reportagem? Muitas vezes, mediante os impasses criados pela relação do suposto consenso criado pela matéria, com atitudes moralmente reprováveis de jovens entrevistados, somos levados a conceber a equivalência significativa de tais argumentações. Isso se justifica pelo valor equânime dos pontos de amarração da linguagem, e também pelo aspecto discursivo que caracteriza cada fala no texto. Juranville [1987], ao abordar a teoria dos quatro discursos de Lacan, permite que possamos sobrepor ao texto jornalístico o aspecto valorativo dos significantes, quanto à posição de mobilidade do sujeito.

O discurso tem uma consistência que é a mesma da estrutura do inconsciente. E essa consistência é necessariamente experimentada por um sujeito como seu saber. À ilusão de um saber especulativo, que produz o enunciado da 'verdade' do discurso, corresponde a realidade do saber inconsciente. Esse saber, que marca simplesmente que a estrutura [aqui, do discurso] tem sentido para um sujeito que se inscreve nela, baseia-se num significante [o da identificação simbólica] que pode vir a ocupar qualquer lugar da estrutura. Mas esse

significante é inseparável do significante paterno que o sustenta e ao qual faz referência. Desses dois significantes se deduzem os termos sujeito e objeto e se constitui uma nova cadeia significante, que segue a ordem significante da estrutura do discurso e desliza sobre ela com o deslocamento do saber. Surgem então quatro possibilidades estruturais que determinam um número idêntico de discursos <sup>92</sup>.

Estabelecemos que as mídias se encontram em lugar privilegiado no aspecto de gerar oposições ideativas e criar alguns ícones representativos, favorecendo a fixação duradoura de algumas marcas no panorama das identificações consensuais. Por outro lado, propiciam a perda de sentido justamente pela amplitude da própria constelação de informações. Nesse ínterim, a teoria dos quatro discursos de Jacques Lacan tem uma função operatória importante na elucidação dos lugares que o sujeito pode ocupar na cadeia significante ou nesta cinética originária dos discursos. Conforme antecipamos, os quatro lugares estruturais são ocupados por significantes definidos, como os seguintes: o sujeito [\$], o significante-mestre [S1], o significante do saber [S2] e o objeto mais-gozar [a]. Os lugares se apresentam como em fórmulas matemáticas, o que constitui um dos matemas da psicanálise lacaniana, em que a barra garante a função do recalque, ou seja, divisão constituinte de cada discurso em relação à verdade e os efeitos produzidos.

<u>Agente</u>	<u>Outro</u>
Verdade	Produção

Assim, estabelecidos os lugares estruturais, os significantes podem se movimentar em giros por progressão [sentido horário] ou por regressão [anti-horário], definindo os quatro discursos.

<u>Discurso do Mestre:</u>	<u>S1</u>	<u>S2</u>	<u>Discurso da Universidade:</u>	<u>S2</u>	<u>a</u>
	\$	a		S1	\$
 <u>Discurso da Histeria:</u>	 \$	 <u>S1</u>	 <u>Discurso do Analista:</u>	 <u>a</u>	 \$
	a	S2		S2	S1

A implicação de cada significante nos diferentes lugares é o que oferece sentido a essa formalização dos discursos. O discurso do mestre [ou do senhor] é o que institui o significante primordial no lugar do agente e caracteriza o discurso do poder na determinação da lei. É também o que fundamentalmente define o inconsciente. O sujeito encontra-se subordinado à materialidade da cadeia significante e essencialmente se pronuncia em busca do objeto que resta de seus

<sup>92</sup> JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p. 297.

encadeamentos, isto é, o objeto que o implica na ordem do gozo [o mais-gozar] enquanto fantasia de satisfação do desejo. O discurso do mestre sustenta exatamente o estatuto do desejo no inconsciente, na medida em que determina a posição do sujeito representado metonimicamente em função do objeto mais-gozar e da cadeia significante que o institui no desejo do Outro.

No entanto, esses elementos significantes situados nos diferentes lugares permitem leituras que mantêm estrita relação com o trabalho clínico a partir do discurso analítico. Para fins da presente dissertação, que diverge absolutamente de uma abordagem analítica nesse sentido, reconhecemos os tipos de discurso que transparecem ou que se deixam deduzir dos fragmentos sistematizados das reportagens e que mantêm um valor de significação operacional. Podemos afirmar que a imprensa promove o giro dos discursos dentro de um sistema de relações sociais, lançando principalmente o ponto de vista crítico sobre as mais diversas questões, costumes e comportamentos. Como salientamos no primeiro capítulo, sobre a importância das mídias e da informação na atualidade, pensamos que há uma imbricação valorativa produzida no âmbito das mídias que induz inadvertidamente uma leitura consensual sobre a realidade. Porém, e isso implica a hipótese desse trabalho, desvela elementos significantes que permitem supor a transmissão de uma sintomática articulação social.

Por esse motivo, convém investigar a partir dos quatro discursos os significantes que ocupam o lugar da produção ou do efeito de sentido na sistematização dos conteúdos veiculados pelas reportagens. A imprensa basicamente se movimenta e circula por entre os discursos do mestre, do universitário e da histeria. Como observamos, o discurso do analista restringe-se à prática da psicanálise, pois é o único que permite e garante a enunciação do inconsciente como saber, colocando o mais-gozar no lugar do agente e o S1 no lugar da produção. Quanto a esse aspecto diferencial, notamos que o discurso da universidade e o da histeria giram em torno do discurso do mestre. O primeiro situa o significante primordial como verdade absoluta e faz semblante de saber no lugar do agente, produzindo no outro a fratura subjetiva de uma falta-a-ser, de uma adequação a um saber cuja abrangência precipita-se na demanda cultural. Sobre o segundo, é o próprio sujeito que movimenta a busca persistente de um saber sobre o gozo que o invoca, levando a uma incessante produção de sentidos que consistem impossibilitados de atingir a própria causa, que é o objeto mais-gozar. O discurso da histeria é também o discurso que caracteriza a evolução da ciência, que avança incessantemente na produção de novos conhecimentos e saberes independentes da condição subjetiva que a incita.

Portanto, a partir da produção enigmática que envolve a questão do objeto de gozo, ou seja, que marca uma perda ou uma falta no gozo pleno [mais-gozar], encontramos uma

série de enunciados significativos na imprensa, fomentando a idéia de um saber narrativo sobre as substâncias e seu gozar que se reproduz nos textos. Na movimentação dos discursos situamos o desvanecimento de uma suposta ordenação, assim como o efeito evanescente da produção, aquilo que determina o caráter de retorno de certas falas ou de certas marcas no texto. Não podemos deixar de considerar que a particularidade do consumo de substâncias psicoativas não somente provoca uma série de associações que examinaremos adiante, mas também gera o mesmo efeito de desvanecimento nos discursos, na medida em que instaura a falta-a-saber vinculada à atividade psíquica e ao gozo da experiência. A esse fator atribuímos valor de índice da repetição associado ao consumo culturalmente instituído como sintoma no âmbito social, e essa é a razão do título da leitura e dissertação.

Também não podemos deixar de identificar o que oferece sustentação ao movimento significativa nas estruturas do discurso. No seminário sobre as formações do inconsciente, Lacan [1999] situa as trocas simbólicas na articulação dos significantes, baseando-se no trabalho *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* de Roman Jakobson [1977]<sup>93</sup>, onde o autor estabelece o duplo caráter de funcionamento da linguagem.

Como já enunciei várias vezes ao longo dos anos precedentes, as características do significante são as da existência de uma cadeia articulada que tende a formar grupos fechados, isto é, compostos de uma série de anéis que se prendem uns aos outros para constituir cadeias, as quais, por sua vez, prendem-se a outras cadeias à maneira de anéis. [...] A existência dessas cadeias implica que as articulações ou ligações do significante comportam duas dimensões; aquela que podemos chamar de combinação, continuidade, concatenação da cadeia; e a da substituição, cujas possibilidades estão sempre implicadas em cada elemento da cadeia. [...] Em outras palavras, em todo ato de linguagem, embora a dimensão diacrônica seja essencial, há também uma sincronia, implicada, evocada, pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos do significante<sup>94</sup>.

É notável que Lacan tenha vinculado à operação de substituição, ou seja, à dimensão metafórica da linguagem, um aspecto de sincronia que precisamente nos lança novamente à questão da temporalidade no inconsciente. No jogo de intercâmbio significativa, existe uma coexistência de representações e idéias, por vezes opostas e contraditórias, cuja equivalência valorativa permite que se vislumbre a função propriamente dita do recalque ou da censura

---

<sup>93</sup> Cf. JAKOBSON, Roman. “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1977.

<sup>94</sup> LACAN, *O Seminário. Livro 5*, op. cit., p. 34.



superegógica. A seleção ou o funcionamento de substituição remete à noção de sintoma e aos preceitos disciplinares no plano social, cujo imperativo parece balizar modos *civilizados* de gozar, mas que contém na própria enunciação sua antítese idiossincrásica. Assim, pelo critério de seleção, os procedimentos normativos no seio da cultura muitas vezes são paradigmas de idéias que se pretendem recalçadas. Por esse motivo, Freitas [1992] discorre sobre o campo dos discursos em relação às mediações jornalísticas, fomentando o aspecto multifacetado dos vínculos sociais inerentes a ele.

Discurso como o lugar onde, 'em um estranho pacto', defrontam-se: o sexo e a morte, o símbolo e o corpo, o trabalho e o desejo, o sujeito e a história. [...] O discurso, trânsito do *inconsciente*, imbricação da socialidade e da singularidade, o laço social, delinea-se como a possível direção em que recolocar o problema da comunicação. No entanto, o seu campo não é possível de domínio através do espelho, das formalizações e dos modelos: é a dialética a única via para sublinhar o seu caminho <sup>95</sup>.

Assim, temos elementos para pensar no aspecto discursivo que se apresenta ao longo dos anos de publicação dessas reportagens sobre substâncias: emergências, impasses, indagações e oposições. O trabalho de sistematização que segue no próximo capítulo demonstra que na cultura brasileira os psicoativos estão bastante presentes, e toda a escritura significativa que se fez sobre eles ao longo desses 35 anos conduz a uma consistência simbólica e histórica. Trata-se de uma forma de ler o texto escrito e falado por meio das reportagens. A leitura da articulação das palavras oferecida por um texto jornalístico carrega consigo posições diversas do modo como o leitor pode interpretá-las. Todo texto é compreensível no âmbito de uma abrangência que nem sempre corresponde aos sentidos explicitados pelo jornalista. Essa amplitude diz respeito ao universo das representações de quem o lê, um campo de articulações significantes por vezes ambíguo e permeado por atos nem sempre sustentáveis do ponto de vista das manifestações verbais. Barthes [1970] ao trabalhar com a novela *Sarrasine* de Honoré de Balzac introduz essa questão sobre outro enfoque.

[Ler] É um trabalho [razão pela qual seria melhor falar de uma ato *lexiológico* – *lexiográfico* até, já que escrevo minha leitura] cujo método é topológico: não me oculto no texto, simplesmente nele, não me podem localizar: minha tarefa é movimentar, deslocar sistemas cujo percurso não pára no texto nem no 'eu': os sentimentos que encontro são revelados, não pelo 'eu' ou por outros, e sim por sua marca *sistemática*: a única prova de uma leitura é a qualidade e a resistência de sua sistemática; em outras palavras: seu funcionamento. Na verdade, ler é um trabalho de linguagem. Ler é encontrar sentidos, e encontrar sentidos é

---

<sup>95</sup> FREITAS, Jeanne Marie M. de. *Comunicação e psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1992, p. 122.

nomeá-los; mas, esses sentidos nomeados são levados em direção a outros nomes; os nomes mutuamente se atraem, unem-se, e seu agrupamento quer também ser nomeado; nomeio, renomeio: assim passa o texto; é uma nomeação em *devenir*; uma aproximação incansável, um trabalho metonímico <sup>96</sup>.

No trabalho de sistematização dos elementos de discurso extraídos das reportagens evidenciamos uma perda de sentido ocasional, principalmente quanto a certas falas descentralizadas do texto original. Concebemos que alguns enunciados remetem logo a novos sentidos, enquanto outros permanecem como lastro de um discurso. Certas falas sugerem idéias semelhantes que podem ser atribuídas tanto às substâncias lícitas como para as ilícitas, gerando momentaneamente um conflito em relação ao sentido oferecido pela reportagem. Evidentemente, para se ter acesso pleno ao texto original, é necessário que o leitor se reporte ao conteúdo apresentado nos anexos dessa dissertação <sup>97</sup>. Kristeva [1974] adverte que a psicanálise propõe uma alternativa à problemática da produção de sentido e do sujeito da linguagem instaurando o "*primado [sincrônico] do significante sobre o significado*".

O princípio da primazia do significante instaura na linguagem analisada uma *sintaxe* que passa por cima do sentido linear da cadeia falada, e liga unidades significantes localizadas em diversos morfemas do texto, seguindo uma lógica combinatória. [...] Desta fragmentação, ramificação. Deste desbaste da cadeia significante resulta uma rede significante complexa na qual o sujeito evoca a complexidade movediça do real, sem poder fixar aí nenhum *nome* com um sentido preciso [salvo ao nível de conceito] porque "não há nenhuma significação que se mantenha a não ser pelo retorno a uma outra significação" [Lacan] <sup>98</sup>.

Isso se torna paradigmático de como, ao se enganchar o sujeito ao significante, adquire a real dimensão de um *assujeitamento* ao sentido nomeado. Ou seja, na ordem do sintoma, tanto na particularidade do corpo como na amplitude da sociedade, identificamos as marcas que falam do sujeito, no caso, o *sujeito farmacotímico*. Esse nomear do sentido se expressa em função da junção dos planos simbólico e imaginário. Precisamente na consistência criada por esses registros, cuja realidade se introduz discursivamente, reconhecemos a vertente sintomática que se transmite pela imprensa ao longo do tempo. O sintoma se inscreve como uma das formações do inconsciente, o que não está absolutamente alheio às contingências culturais nas quais se manifesta. Ao dizer que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, segundo

---

<sup>96</sup> BARTHES, Roland. *S/Z. Uma análise da novela Sarrazine de Honoré de Balzac*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 44.

<sup>97</sup> Cf. Anexo d. Amostragem.

<sup>98</sup> KRISTEVA, Júlia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1974, p. 384.

Lacan, somos impelidos a averiguar de que linguagem se trata. A linguagem que diz respeito à psicanálise não é a mesma dos lingüistas, pois é em torno dos seus limites ou de sua perda de sentido que se deduz o corpo a partir do que fala o sintoma. O sintoma, mais uma vez, informa sobre o gozo na sua íntima relação e na justa medida dos imperativos sócio-culturais, o que pode incluir modos automáticos de ação, pensamentos recorrentes, delírios, etc.

O conceito de corpo difere do de organismo. O corpo não funciona, mas faz nó, consiste. E todos os seus elementos são parecidos. Assim é nos corpos químicos. Fala-se, da mesma forma, em corpo docente, ou em médicos como corpo médico. Aparece um corpo porque há um nó, o nó do tempo. O tempo é corpo, não cessa de dar nó, de pro-venir, depois re-venir sobre si mesmo, pré-venir [o que equivale a passar por baixo e depois por cima, ou o contrário, 'garantia' única do nó] e então pro-venir novamente. A consistência do nó é a consistência do corpo, sua 'textura', seu 'estofa'.

[Nó do tempo]

Enquanto consistência do significante puro, a consistência se supõe a si mesma, e é como suposto da consistência que o corpo se enlaça. Um 'corpo' verdadeiro tem realmente como constituinte o significante. Por isso mesmo, ele é o sujeito que se dá o gozo. O corpo do homem se posiciona como 'lugar' do gozo [e, como veremos, do sofrimento] <sup>99</sup>.

O corpo é o lugar do gozo e do sintoma, enquanto modo de gozar do inconsciente. Como afirma Juranville, entendemos ser viável falar de um *sujeito farmacotímico* como produção sintomática de um corpo social, apreensível a partir do recorte do texto enunciado nas matérias jornalísticas, ou seja, o *corpus* da pesquisa. Levando a termo a leitura criteriosa que define certas marcas e lugares, estamos propiciando o surgimento de um saber sobre o que transita por entre as falas, um saber que sugere a enunciação de um sujeito e que se precipita dentro da elasticidade temporal, que consiste no nó do tempo. Esse sujeito impessoal torna-se então passível de crítica, de disciplina, de identificação, de interrogação, de incorporação e de gozo.

---

<sup>99</sup> JURANVILLE, *Lacan e a filosofia*, op. cit., p. 335.

## Capítulo 8

### Falas que marcam/ Marcas que falam

Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o 'agora' e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.

Émile Benveniste

Os aspectos teóricos desenvolvidos nos capítulos anteriores salientaram suficientemente a importância do recorte que constitui o *corpus* da pesquisa que se segue. A real motivação da apresentação fragmentada dos textos jornalísticos se introduz no próprio título da dissertação, ou seja, que se trata de discursos e efeitos evanescentes. Por efeitos, como já observamos em capítulo anterior, entendemos que se produzem pelos próprios discursos, assim como pelas substâncias psicoativas que tomamos por catalisadoras deste procedimento. Definimos nove agrupamentos significantes ou sistemas de ideias significantes que se conjugam como paradigmas das falas e dos enunciados encontrados nas matérias. Assim, uma leitura pode se realizar, acompanhando séries de afirmações reunidas por similaridade e extraídas de todas as 110 reportagens sem identificação prévia de sua origem <sup>100</sup>.

Os critérios para o estabelecimento dessa sistematização, que não deixa de ser uma reedição da *amostragem*, estão expressos pelos nomes aplicados aos agrupamentos. Alguns enunciados, ao serem lidos, podem pertencer a mais de uma categoria; porém, o lugar ao que foi destinado na sistematização depende em parte das referências contidas nas reportagens, suas relações com outras falas, ou do intuito da matéria. Cada categoria nomeada revela uma orientação discursiva, ainda que se apresentem ideias contraditórias ou posições indefinidas. Todos os agrupamentos, absolutamente pertinentes às narrativas veiculadas pela imprensa, estão aqui sistematizados com os seguintes títulos: a) Razão crítica e disciplinar; b) Razão da angústia, ameaça e incerteza; c) Razão científica e medicinal; d) *Sujeito do efeito* - sentido da experiência; e)

---

<sup>100</sup> Advertimos que o modo de exposição das categorias sistematizadas não recebeu diagramação diferenciada, por considerarmos que o fator de equivalência entre os enunciados deve prevalecer e gerar sentido próprio.

*Sujeito farmacotímico* – sentido do gozo; f) Brasil e subjetividade do brasileiro; g) Estados Unidos e Europa; h) Tempo projetivo – função preventiva; i) Tempo retroativo – função histórica.

## **8.1 Corpus**

### **a. Razão crítica e disciplinar**

Preço do barato; Perdição virou moda; Moda do tóxico; Solitário ou não aceito pelos colegas; Viciados em São Paulo; Ilusão de participação; Aplicação intransigente de leis; Verdadeiro arsenal; Ingestão de gasolina ou marteladas na cabeça; Boa dose de indolência, de ociosidade, de fuga das responsabilidades; Satisfações prosaicas; Atitude contraditória dos jovens; Martelar nos malefícios; Mundo de malucos; Os remédios, e não o exercício e a boa alimentação, representam os elixires da longa vida; Entupimento mental e cultural de certa (grande) parcela da juventude nativa; Laboratórios minimizam os efeitos nocivos de todos os remédios; Trabalho terapêutico se torna um privilégio dos curandeiros e dos farmacêuticos; Fartas bonificações aos balconistas de farmácias; Medicamentos em veículos de comunicação de massa; Médico é submetido a uma propaganda avassaladora feita pelo fabricante; Sóbrios e belos atores fantasiados de facultativos, engabelando o consumidor; Os médicos sabem cada vez menos sobre as propriedades farmacológicas dos remédios; Antibióticos a título de profilaxia; Remédio não deve ser uma fonte de lucros exorbitantes; Farmácia e hospital dão mais lucro; Cocaína – um pó inodoro, amargo e ilusório; Viciados em cocaína no Rio e em São Paulo; Concentrar suas baterias nos grandes traficantes; Disfarçar o vazio, suscitar a euforia e criar uma ilusão de auto-suficiência; O *beautiful people* local está perdendo o poder; Guarda ciumentamente seu pó no cofre de um banco; Septo nasal de platina; Protegidos por seu próprio poder econômico; Carentes de carinho e atenção, conversas se tornam auto-referentes, como na adolescência; Batalha contra o fumo; Guerra contra o fumo, seus cancerígenos e seus tóxicos; Males da fumaça; Cerco implacável; Três projetos destinados a restringir o consumo de cigarros dormem na Câmara dos Deputados; Advertências e precauções são minimizadas; Grande número de medicamentos poderosos e caros; As bulas procuram apresentar o medicamento como solução rápida e confortável; Baixo nível de atenção médica aos consumidores; Enorme sistema de contra-informações, que envolve fabricante, médico, consumidor e governo, entre culpados e vítimas; Medicamentos de efeito terapêutico nulo, entre os quais os 'populares'; Remédio é uma mercadoria especial, cuja escolha não pode ser deixada ao consumidor; Rede de irresponsabilidades e incompetências que facilita a vida dos fabricantes; A receita é regulamentação e fiscalização; Tornar realidade o controle desse comércio e dessa indústria; Motoristas embriagados em circulação; Trajetória rumo ao vício costuma ser inaugurada

com pretextos singelos; Ilusória sensação de saciedade; Primeiras doses de cachaça na mamadeira; Alcoólatra típico jamais admite o vício; Ignorância também contribui para esvaziar prateleiras de botequins; Atuação nas escolas para aliciar nova clientela; Qualquer campanha de esclarecimento é nociva porque estimula a curiosidade; Diagnósticos mentirosos por causa desse aspecto policial; Ignorar o assunto significa desconhecer a própria escola; A moda do vinho branco; O amargo brilho do pó; Exemplos de uma cabeça desafinada; Houve uma cortina de resistências; Empenho do advogado e de amigos da família em preservar a imagem de Elis; Cocaína faz do preguiçoso um prodígio de energia, do tímido um audaz, do lento um rápido, mas, na essência, não traz nenhuma idéia; Elis, a 'careta' Elis, que condenava a 'alienação pelas drogas' e as 'quadrilhas da fumaça' teve sua morte atribuída à presença de cocaína e álcool etílico em seu sangue; Tabela de teores de 'alcatrão' e nicotina; Não escapam ao assédio dos militantes da guerra ao fumo; Campanhas publicitárias não passam de um crime organizado; Médicos são particularmente severos; Intoxicante publicidade bombardeando o consumidor; A fumaça afinal revela os seus segredos; Tabela vai provocar muita confusão; Batalhões de consumidores procuram nas farmácias as pílulas; Faixas da população mais pobres não têm acesso aos alimentos; Com funções tão minuciosas, nobres para o metabolismo, as vitaminas caíram no gosto popular por motivos mais vulgares; As porções vendidas nas farmácias pesam e medem muito mais; Intolerável exagero; Risco não é para a saúde – é para o bolso do consumidor; Nenhuma classe de medicamentos é alvo de tanto charlatanismo, deturpação e emprego incorreto como as vitaminas; Pesticidas agrícolas contaminam até o leite materno; Poderoso arsenal de produtos químicos; Problema de segurança nacional; É difícil entender que substâncias bem mais perigosas sejam usadas sem um controle rigoroso; Casca [de frutas e legumes] abriga é pesticida; Liberdade vigiada; Meninos abandonados andam pelo fio da navalha que delimita os irrecuperáveis; Sem tempo de ser criança; O 'bode', o delírio do drogado, atingiu-o em plena rua; Recolhemos proles inteiras; Poucas referências trazidas da vida em família; Ruas estão fornecendo o caldo de cultura ideal para que a tarja 'menor abandonado' seja substituída pela de 'delinquente irrecuperável'; Atacar o problema sem enfrentar as causas estruturais; Ociosidade que facilita e o paternalismo das instituições tornam infrutíferas as tentativas de reintegrar o menor na sociedade; Em Manaus, onde a cocaína faz parada obrigatória no seu caminho rumo aos ricos narizes do Sul; Consideram a viagem muito arriscada e com escala provável na penitenciária; Comida se transformou num pesadelo indigesto para as autoridades governamentais; Negligência criminoso; Chance de flagrar um produtor vendendo o boi engordado com hormônio cancerígeno é desprezível; Tráfico do hormônio existe; Arsenal de plantas trazidas especialmente da Amazônia; Ganhar algo em troca de suas curas; Bem-montado esquema de *marketing* promocional; Devaneios poéticos; Droga no mundo dos executivos; Comportamento auto-suficiente, elegantemente agressivo; Executa a pajelança sem se levantar; Cocaína é sempre um passaporte falso: seus donos professam fé em uma identidade que

não é a deles; Provar a si mesmo que podia parar a hora que quisesse, orgulha-se iludido; Grande lambida no ego; Perde as utopias pessoais; Homem é muito vaidoso e é capaz de qualquer coisa para se sair bem, atingir seu máximo, ser o melhor; Trajetória ladeira abaixo; Divide os dependentes de drogas em quatro categorias: usuários eventuais, dependentes, dependentes-trafficantes e traficantes; Condições de fazer uso da droga sem ver a cara da polícia; A própria polícia tem sua ficha corrida de pecados; Nome associado a uma palavra que costuma freqüentar a seção policial dos jornais – tóxicos; Viciados em cocaína, maconha e outros tóxicos; Chegaram o stress, a insônia, as alucinações, e a euforia acabou; Nenhuma droga capaz de dar inteligência e talento; Reação contra as drogas; O mundo começa a se dar conta de um inimigo poderoso e destruidor – a droga; A droga passou a ser o ‘inimigo nº 1’ da sociedade americana; Tripé produção-tráfico-consumo; Legislação parece atender essencialmente aos interesses dos corruptos e criminosos; Apenas uma pobre moça que caíra nas garras de um inescrupuloso traficante; Há interesses econômicos na jogada; Fabricantes de cigarros e de bebidas alcoólicas estão integrados na economia legal da sociedade, pagam impostos; Indústria do narcotráfico se alia inexoravelmente ao tráfico de armas, à prostituição, ao aliciamento de menores, aos crimes de sangue, a quadrilhas de furto de automóveis ou de assaltos a bancos; Sindicato do crime; A droga está comendo o mundo, levando pessoas sem estrutura embora; A droga destrói a família; O consumo de drogas em público pode agredir uma série de outras pessoas; Excesso de advogados de tendência liberal e de médicos psiquiatras que tendem a achar que os drogados são doentes e não devem ser reprimidos; Encontro do crime com a política num nível de cinismo jamais igualado; Adolescentes na rota da cocaína; Transações milionárias e esquemas sofisticados de produção e consumo; Adolescentes e jovens da baixa classe média são levados para o tóxico para se tornarem passadores; Seduzidos pela droga; Opções legais de lazer e cultura estão em pleno regime de escassez; Ousadia de interromper reuniões festivas de jovens de famílias ricas; Poderosas razões para se abster em casa; Inadmissível aceitar a fabricação e a venda; Grande controvérsia legal sobre um direito fundamental do homem; Avanço mais significativo vem da desvalorização social do cigarro; Coloração discriminatória; Agressão aos roqueiros; Missão punitiva – atacar homossexuais, viciados em drogas; Reagir contra uma situação de imoralidade; Vivemos uma época muito permissiva; Idéia de cumprir a lei virou uma coisa censurável; Bom espaço para as pregações moralizadoras; Autoridades são coniventes com o tráfico de drogas; Inestimado arsenal de remédios do futuro; Baterias contra males prosaicos; Obedientes rebanhos, bilhões de bactérias modificadas; Funciona como um míssil; Comparo a importância desse remédio à descoberta da penicilina ou da bomba atômica; Bomba atômica contra colesterol; Derruba o preceito bíblico; Há acesas polêmicas em torno da propriedade das patentes das descobertas; Frutos dessa revolução tecnológica; Química do vício; Deixar de fumar através da violência; Pesquisadores colocam sobre eles o carimbo de viciados; Comparar um fumante a um viciado em heroína que chega até a roubar

e matar para satisfazer seu vício; Obsoleto, fora de moda; Receita do atraso; Indústria de remédios vai para a UTI; Ausência no mercado de poderosos e modernos medicamentos; Estratégia de limitar a produção; Esconde a incompetência atrás de arbitrariedade; Grita da classe médica foi geral, porque eram remédios de qualidade; Balanços negativos de vários laboratórios; Palavra lucro é considerada obscena pelas autoridades; Distorções do critério de fixação de preços; Laboratórios pleiteiam proteção de patentes; Tempo gasto aparando as arestas criadas pelos controles do governo; Governo descuida inteiramente das moléstias endêmicas; Oportunidade para jogar a culpa em alguém; Investigar 'irregularidades e abusos' da indústria; Bateria de produtos; Contra todo tipo de refrigerante, por serem produtos artificiais; Maioria não pode ser ingerida indiscriminadamente; Agitação do mercado de refrigerantes e produtos dietéticos; Doping: o homem químico; Alucinante coquetel; Botou fumaça no ventilador; Substâncias químicas hoje fazem parte do apetrecho dos atletas; Expedientes usados nos últimos tempos atravessam quaisquer limites éticos; Enviado do mal infiltrado nas celestiais paragens olímpicas; Rapaz de hábitos e modos condizentes com os padrões da nossa civilização; Atletas dos países subdesenvolvidos usam hormônios sintéticos sem controle; Carnes parecem ser nossa maior fonte de venenos; Vida de desastres; Rapaz rico e bem-educado que se transformou num marginal; Queixa muito comum aos adolescentes; Cocaína que consumia de forma obsessiva; Bares tradicionais de homossexuais e viciados em drogas; Encerrada com uma saraivada de tiros; Todo esse sucesso foi interrompido de maneira brusca; Alegre farra que acabou mal; Doses de uísque e de cerveja que bebeu durante a festa; Não tomou o leite por acreditar que continha micróbios; Durante todo esse tempo, os três não tiveram a idéia de carregar Adriana para dentro de casa; Cheiravam a álcool e estavam com os olhos vermelhos; Anfetamina, utilizada em remédios para a contenção de apetite, e a cocaína; Pó, fumo e bola; Adolescência interrompida; Destruída por um coquetel de quatro palavras malditas: pó, cana, fumo e bola; Sucessão de mentiras; Acusação de envolvimento com drogas; Lorotas inventadas para esconder as circunstâncias exatas da tragédia; Misturada explosiva; Ter ingerido a droga junto com a bebida alcoólica; Ponto dos maconheiros, onde traficantes, usuários, curiosos e desinformados se reúnem; Noitadas barulhentas; Colocar alguém importante na cadeia pode atrasar nossa vida por muitos anos; Moça tão bonita que todo rapaz solteiro gostaria de ter como namorada e tão bem-sucedida; Sintomas mais freqüentes entre os jovens; Viciados que querem fazer economia de dinheiro, retirando sua parte em espécie, de graça; Corrente da felicidade; Linha direta entre as favelas e os colégios; Situação de convivência e de parceria entre uma fatia corrompida do aparato policial e o tráfico de drogas; Certamente existe muita gente da classe alta ligada ao tráfico; O craque virou pó; Armadilha montada pela polícia argentina; Maradona é preso com estardalhaço, autuado por porte e consumo de cocaína; Aspecto soturno; Refazer a imagem do ídolo caído; Problema de implicações políticas; Consulta a alguma instância superior; Forma de dourar a pílula; Vício de Maradona vem de longe, com a benção da



máfia de Nápoles; Derrocada na carreira do craque argentino e a sua decadência moral; Envolvimento com tráfico de drogas e a prostituição; Governo Menem pareceu enterrar-se ainda mais no charco do narcotráfico; Argentina ingressou na rota internacional do tráfico de drogas; Maradona foi o símbolo falso do governo Menem que se queria eficiente; Meninos de rua vivem numa cadeia de violências; Pais destruídos pela falta de emprego fixo e pelo alcoolismo; Com toda sua brutalidade, a rua é menos violenta que suas casas; Miséria e desenraizamento de migrantes; Desestruturação das famílias; Novo ministério é uma máquina feita sob medida para não funcionar; O fim do glamour; Fim da apologia às drogas; Quem usava cocaína como droga de status está perdendo a motivação; Ar de cumplicidade que era a delícia de muita gente anos atrás; É profundamente deselegante usar drogas na casa de outra pessoa; O LSD, uma espécie de bandeira das hordas hippies, é visto hoje com o mesmo estranhamento; Juventude inquieta, rebelde, preocupada com a paz de todos e o relaxamento para a própria carcaça; Maconha é apenas um tóxico, um agente de escapismo; Curiosa convivência despreocupada com as drogas; Repressão alimenta o crime e penaliza os consumidores; Risco de um caixote de pólvora; Propostas são polêmicas e passam ao largo das questões éticas e sanitárias que envolvem as drogas; Cheiram crack e transam livremente; Aids pelo uso de drogas injetáveis; Fui criada na violência e gente como a gente se mata com as próprias mãos; No limite do que é possível a um marginal fazer o bem a um miserável; Criou as suas próprias regras no jogo de violência; Vivem fugindo da instituição; Espécie de esconderijo; Remédios fajutos; Caça aos remédios ineficazes; Ministério da Saúde avisa aos consumidores incautos que parte dos medicamentos não serve para nada; Não há controle nem fiscalização sobre as drogas fabricadas e vendidas no país; Ação do Ministério acabou criando muito mal-estar e insegurança; Sob suspeita toda a indústria farmacêutica e os médicos; Não se está tratando de preferências de consumo; A falta de ética também está presente nas farmácias; Colocar no mesmo saco um monte de porcarias com remédios bons que não são aceitos por uma corrente da medicina; Ação que se fazia necessária há muito tempo; Pequenas modificações no produto sem nenhuma justificativa farmacêutica ou médica, mas apenas para aumentar o preço; Livre concorrência, muito saudável, não pode ultrapassar os limites éticos; Governo prejudicou a credibilidade da indústria farmacêutica como um todo; Remédio é um produto social diferenciado que deve ser regulado pelo poder público; Sexo, drogas e brigas na Dinda; Ex-presidente consumia cocaína no governo; Drogas, homossexualismo e caráter fraco; Collor ganhou o apelido de 'Fernandinho do Pó'; Consumira cocaína e LSD na adolescência; Esconder alguns sintomas do uso de cocaína; Trincheira de combate a laboratórios fraudulentos e à mania brasileira de auto-medicação; Radicais livres, substâncias que, à semelhança de seus homônimos na política, destroem o tecido celular; Laboratórios já perceberam o mercado explosivo que se está abrindo para eles com a terapia das megadoses; Não existe ainda a cápsula da beleza, da inteligência ou da vida eterna; Não se trata, ainda, de uma droga mágica; As perversas pedras

do pó; Chegara ao mercado uma nova droga, muito mais poderosa que a cocaína; O advogado não fica mais inteligente, nem o artista, mais seguro; Há crack em São Paulo e o perfil do viciado é o de um pobre; Farinha para fazer pedra; Melhor entender esses novos tempos sem o recurso a alucinações sociais; Operação Limpeza; Ação ostensiva para pegar traficante é coisa para a imprensa; Condomínio de policiais e jornalistas anunciando que a droga invade e assola as cidades; Crack da classe média é uma alucinação; É um pesquisador obsessivo, é um anti-alucinógeno; Tirar a aura de dramaticidade em torno desse assunto; Quando se começa a falar em 'guerra contra as drogas', o que vai embutido no slogan é a sugestão de rompimento da legalidade, do desrespeito aos direitos humanos; Faltam verbas federais para a repressão, para a prevenção falta até mesmo interesse; Campanha agressiva que testa os limites da publicidade; Técnica da emboscada contra os concorrentes e da cooptação da torcida brasileira; Do ponto de vista ético, a estratégia é discutível; Suprema heresia; Explica como um general explicaria a estratégia para ocupar o campo de batalha; Apropriar-se da torcida e de seu ânimo, o que, de certa forma, é apropriar-se do país; Deliberada confusão entre os territórios da Brahma e da pátria; Força os limites da propaganda e invade territórios que são de outros domínios; Ministro da Justiça causa polêmica ao defender a discriminação da maconha; Luta na defesa dos brasileiros que buscam na maconha um alívio para o stress cotidiano; Absurdo que se tratem traficante e consumidor como se ambos fossem igualmente criminosos; Ideal é desqualificar como crime o porte e uso de drogas; Acabar com a violência do tráfico; Contraditório discriminar o uso e punir o comércio; Estado não deve interferir no porte privado de drogas; Monocórdio dos juristas ou o 'papo-cabeça' daqueles que já aprenderam a enrolar um baseado; Muita gente inocente morre e se endivida por causa de droga; Limite entre o uso da droga por prazer e a dependência que pode levar a problemas no convívio social e até a morte; Ardoroso adepto da liberação dos tóxicos; Política de drogas inclui necessariamente um programa de educação e de recuperação; Drogas devem ser legalizadas?; Política de reprimir as drogas pela força policial e judiciária só tem fracassos a contabilizar; Órfãos do movimento 'paz e amor', dos anos 60, e de retirantes da esquerda; Droga em si mesma, não é moral nem imoral; Sofrimento extra que as sanções legais impõem ao usuário e sua família; São apenas isso: teses; Mercado de drogas é provavelmente o negócio mais rentável do mundo; Combater o tumor; Tiraria das hordas de bandidos o osso pelo qual guerreiam; Acabar, em primeiro lugar, com a criminalidade; No tráfico, o risco é pequeno, a recompensa, sempre milionária; Inúmeros os argumentos dos defensores da legalização; Complicado imaginar de que forma uma mudança desse porte poderia deixar o mundo das abstrações; Regular o comércio e o uso das drogas; Aprender a não achar que a maconha é uma coisa diabólica; Teme-se que a descriminalização estimule o consumo; É pena demais para crime de menos; Alguma coisa está errada, da legislação à política de combate às drogas; Os coquetéis de cocaína, álcool e remédios entre os homens de negócios; Combustível de empresários e profissionais; Coquetéis de

álcool, cocaína e explosivas combinações de calmantes, anfetaminas e maconha invadem o mundo dos negócios; Ser aceito no time dos mais poderosos; Álcool, fumo e drogas são responsáveis pela terceira maior causa de faltas ao serviço; Casos graves tanto entre operários quanto na alta chefia; Admitir o uso de drogas; Profissional brilhante e promissor, já era dependente de cocaína, maconha e álcool desde os 20 anos; Testes que medem a concentração de drogas no organismo; Crack: A droga chega à classe média; Relógio do vício; Coquetel explosivo; Crack rompeu as barreiras sociais; Droga com maior poder viciante; Praga paulistana; Nenhuma droga se multiplica por acaso; Pessoas têm sido mortas em razão das dívidas acumuladas por causa do crack; Universitárias se prostituem em troca do crack; Remédios que matam; A legislação brasileira determina que os remédios produzidos com anfetaminas tenham sua comercialização controlada; Clínicas psiquiátricas estão entupidas de dependentes de anfetaminas; Coquetel de fracassos; Propagandas vendem ilusões; Drogas com anfetaminas são como uma faca; Medicamentos viram apenas fonte de lucro; O fim da arbitrariedade; Moda do apito no posto 9, em Ipanema (Rio), é apenas um sinal da mudança de comportamento; Classe média agora apita em sentido contrário; Linha tênue que separa o indiciamento por tráfico ou porte de maconha para consumo próprio se presta a injustiças; Adaptar a lei aos hábitos mais recentes; Democracia não é só política; Os temíveis maconheiros eram os próprios filhos; Maconha movimenta US\$ 32 bilhões por ano; *Hippies* de comunidades papo-cabeça; Mutantes são resultado de misturas de espécies desenvolvidas dentro de estufas; Indústria mistura amônia no tabaco para aumentar a dependência dos fumantes; Fumaça da riqueza; Ondas que vêm e vão; Cigarro está sofrendo manipulação química; Tornar ainda mais difícil que o fumante abandone o seu vício; Folha do tabaco produz naturalmente a amônia; Cigarro é o único produto existente no mundo que faz com que o cliente morra consumindo-o exatamente de acordo com as regras definidas pelo fabricante; Esperar o engajamento da indústria bélica numa campanha pelo desarmamento; Legislação mais radical e pesada contra o fumante; Para quem deseja abandonar o cigarro, o mundo está girando a favor; Guerrilheiros da maconha; ONU revela que o tráfico movimenta US\$ 300 bilhões a cada ano; Região que abastece o mercado brasileiro não quer a legalização de droga; Maconha é o barato do pedaço, a erva que faz ferver este território; Maior parte do lucro está justamente na sua ilegalidade; Proprietários rurais não têm como fugir da maconha; Produtores mantêm pequenas vilas onde os 'guerrilheiros da maconha' podem se esconder; Presença do tráfico organizado do Rio de Janeiro nos cultivos clandestinos do Nordeste; Erva é prensada e acondicionada no meio das cargas de caminhões; Pode ser uma boa alternativa econômica; Linha de crédito especial para o plantio; Narcotráfico hoje é uma indústria sintonizada com as tendências do mercado e extremamente globalizada; Investir em políticas anti-drogas; Alto custo social e econômico do tráfico de entorpecentes; Indústria mundial de drogas ilícitas movimenta anualmente cerca de US\$ 500 bilhões; Poder de fogo tão expressivo; Explosão do consumo de entorpecentes; Os pais usam

todas as armas de que dispõem; Gurus psicoquímicos; Depósitos humanos onde a gordura se acumula por preguiça ou gula; Gordura não é pecado; Adolescência coloca os pais diante de situações cruciais; Vícios da mulher; Mulheres lotam clínicas para tratar da dependência ao álcool, drogas e comprimidos; Pressão social para ser calminhas e magrinhas; Mulheres não têm medo de falar de suas dificuldades e sentimentos; Donas de casa que perderam seu papel social no momento em que os filhos foram morar fora de casa; Mergulho no mundo da dependência; Beber socialmente e ir perdendo o controle da vida; Solidão oculta; Todos eram alcoólatras e sobreviventes; Não cedeu ao primeiro gole da recaída; Cristianismo e álcool são os nossos dois maiores narcóticos; Álcool no seu poder de dar ao homem a ilusão de criar; Na vida real, o que sobra para o alcoólatra é o deprimente papel de bobo da corte; Mais da metade dos acidentes de trânsito está ligada ao consumo de álcool; Produtividade é 20% menor e o índice de erro, bem maior; Para a ciência, não foi fácil admitir a taxa de sucesso de uma organização que se intitula “irmandade”; No AA, a palavra do alcoólatra conta, e isso vale ouro para ele; Homogeneidade social, cultural ou financeira; Fumar pode ser prejudicial à indústria do cigarro; Família de homem que morreu devido ao vício; Corpo minado; Cerco contra o fumo; Médico registrou no atestado de óbito que uma das causas da morte foi o tabagismo; Usou o cigarro como uma espécie de muleta; Publicidade de cigarro é abusiva, porque incita o público a consumir algo que faz mal; Interminável bate-boca; Dúvida quanto à liberdade que o consumidor tem para decidir sobre o que fazer com seu pulmão; Restringir ainda mais o espaço do cigarro, tornando mais agressivos os anúncios anti-fumo; Fortuna que as empresas de cigarro têm a perder; Nessa questão existem de antemão milhões de pessoas contra e a favor; A luta de Vera Fischer; A guerra da estrela; Em vez das noitadas movidas a cocaína e outros estimulantes, ela se levanta às 7 horas da manhã; Última temporada de escândalos de Vera; Noites varridas a álcool e cocaína; Turbulências têm prejudicado a sua carreira; Todo mundo deve se lembrar que ele bebia e se drogava; Fotos nos jornais em que Vera Fischer está tomando álcool; Motivação foi real; Empenhada apenas em dar uma satisfação à Justiça; Chance de efetivamente ficar curada da dependência química; Conforto é total e a agenda intensa, para não dar tempo às pessoas de pensar no que não devem; Colecionando sucessos na luta contra o alcoolismo; Mais uma arma no arsenal contra o problema; Tratar é fundamental, mas seria importante tomar medidas mais sérias; Aposto somente na reestruturação espiritual de cada alcoólatra para a superação do vício; Alcoólatra aprende a enfrentar a realidade sóbrio; Organização Mundial da Saúde adverte: maconha é menos prejudicial do que álcool e tabaco; Relatório censurado pela OMS; Consumo da maconha divide opiniões; Texto não levava a nada, era tendencioso e ia embolar o meio de campo; Empresas constituídas, são aceitas porque fazem prevalecer seus interesses, ditam as regras; Maconha costuma ser malvista pela sociedade; Consumo de drogas é muito influenciado pela moda; Lei diz que o uso e a apologia à maconha são ilegais; Pílula milagrosa; Único quesito para uma deliciosa noite de sexo passa a ser o desejo pela

mulher amada; Indústria farmacêutica comemora a escalada dos lucros; Revolução sexual tão importante como foi a pílula anticoncepcional; Exige que amar seja um verbo transitivo; Jovens perdem a luta contra as drogas; Parentes rompem o silêncio e relatam seus dramas; Dependentes não lutam contra um inimigo visível ou facilmente identificável; Lutam consigo mesmos, contra a pulsão irresistível de seguir numa rota de autodestruição; Pura estatística; Imenso arsenal químico para preencher o vazio da vida ou como lenitivo para a dor e o sofrimento; Fraco de caráter, sem-vergonha ou ovelha negra da família; Histórias de derrotas no decorrer do tratamento; Boa dose de paciência e compreensão; Pobres ficam a descoberto porque, na guerra contra as drogas, o Brasil ainda luta com estilingues; Pode ser uma nova revolução sexual; Moda era o tranqüilizante Lexotan; Obrigação do desempenho é um tormento que tem resistido às mudanças mais radicais do comportamento neste século; Mulheres passaram a exigir mais e intimidaram os parceiros; Valor que os homens atribuem à ereção tem a ver com a relação que mantêm consigo mesmos e não só com as mulheres; Homens perderam para as feministas a guerra dos sexos trazida pela revolução sexual; Prazer feminino é uma conquista recente; Não existe química que possa salvar a pátria; Reuniões sociais movidas a Viagra; Um mercado e tanto; Boatos sobre mortes não alteram os planos; Aumento das relações extra-conjugais; Criar uma expectativa irreal que o torne desacreditado; Nem todas comemoram o desempenho dos companheiros; Droga nas escolas; Primeiros sinais do envolvimento com tóxicos; Tóxicos rondam seus domínios e partem para a briga; Fingir que não está acontecendo nada; Sociedade cobra essa posição da escola; Entorpecentes já chegaram às salas de aula mais equipadas, limpas e caras; Entrar no circuito errado; Explosão do consumo de bebidas entre os adolescentes; Drogas legalizadas, como o álcool e o tabaco, encontra-se nos lares; Tendência dos pais de se sentirem culpados; Jovens de classe média já se acostumaram a subir o morro em busca de maconha e cocaína; Fragilidade da fiscalização; Prática da 'empurroterapia' em farmácias do país; Sobe-e-desce dos preços; Saúde financeira da indústria farmacêutica do Brasil segue firme e forte; Círculo de omissão que envolve a avidez do comércio, a imprudência da população e a omissão do poder público; Laboratórios oferecem prêmios aos balconistas para estimular a promoção; Estranhar os rumos seguidos pelas novas gerações; Imposição da realidade; Sexo, drogas e rock'n'roll ainda são as questões cruciais; Marco na história da humanidade que jovens japoneses, dos Estados Unidos ou do interior de Sergipe formem uma geração quase homogênea; Bate-se numa única tecla; Jovens precisam aprender que eles têm sorte de ter informação; Geração engravatada, de mini-executivos norteados pela competição; Período frenético, mas frustrante; Mundo ficou muito exigente com eles; Grande facilidade com que se consegue comprar uma arma de fogo; De ídolo popular e namorado de mulheres famosas ao vício do crack; Do sucesso ao fundo do poço; Pai se culpa por ausência; Corpo que cai; Montanha-russa de tentativas e recaídas; Displícite com o grupo; Dependência começou pela cocaína, que circulava fácil pela televisão; Mulher e Viagra: mais prazer

e medo da infidelidade; Linguagem politicamente correta; Viagra pode estimular o adultério; Infidelidade está na mente, não no pênis; Crítica feminina: o rombo no orçamento doméstico; Veneno servido à mesa tem antídoto; Agricultura ancorada nos pesticidas atravessa um mau pedaço; Sinal de comportamento politicamente incorreto; Outra porta tecnológica foi aberta pelos fabricantes com os transgênicos; Pressão da sociedade por produtos agrícolas sem resíduos; Sem beber e longe das drogas, atriz reencontra o passado; Verinha de Blumenau é outra; Receita da deusa; Todo mundo faz questão de acompanhar só para ver a batida; Percebendo a importância de dar um exemplo, Vera foi obrigada a responder; Verdades e mentiras construíram o mito Vera Fischer; Misto de amor e competição – como é comum entre mães e filhas – tudo em paz; Inimigo da gordura; Nova promessa da indústria farmacêutica para quem vive de dieta; Combate a obesidade sem afetar o sistema nervoso central; Preço pode inibir o entusiasmo de muita gente; Remédio exige mudança de comportamento; Remédios que atuam no sistema nervoso central; Tiquinho de culpa a menos por usar Xenical; Tormento a caminho do fim; Legião de clínicos, neurologistas, acupunturistas, homeopatas e, às vezes, até a pais-de-santo, numa peregrinação tão inútil quanto desesperada; Fama de irritadiças e mal-humoradas; Laboratórios farmacêuticos aproveitam as novidades; Luta de milhões de brasileiros para se livrar da dependência; Sucesso do divã coletivo; Superar vícios ou comportamentos compulsivos; AA passou a servir como modelo para o combate a outros tipos de dependência; Doze passos que o dependente deve seguir em busca da recuperação; Luta contra o vício assume proporções epidêmicas; Entidades dão uma rede de apoio para pessoas; Preocupados com dívidas; Ritmo das apostas não deixa tempo para que o jogador calcule o quanto já perdeu; Cuidar de uma vasta gama de problemas humanos; Doença emocional não tem alta médica; Luta contra a doença da alma; Ela ataca mais mulheres do que homens; Confundida com um traço de fraqueza de caráter pela sociedade; Vítimas de todas as idades, classes sociais e raças; Depressão deixou de ser um flagelo cercado de preconceitos; Parte mais nobre do corpo, o cérebro; Um dos mais rentáveis ramos da indústria farmacêutica; Relação entre criação e depressão não passa de um mito; Novos medicamentos, terapias alternativas, cirurgias e equipamentos sofisticados são as armas; Novo e poderoso arsenal para acabar com o sofrimento do corpo; Medicina costumava ignorar o fato de o paciente sentir dor; Rótulo de hipocondríacos ou doentes psicológicos; Combate à dor não pode ser feito com apenas uma arma; Verdadeiro arsenal contra a dor; Dor que castiga e limita; Reverter o quadro de isolamento e pessimismo que a dor criou; Tanto tempo contraindo a musculatura para se defender do sofrimento; Moralismo absurdo em relação a essa droga [morfina]; Sentir dor é castigo divino e contra o qual ninguém deve se rebelar; Hora de parar; Novos remédios contra o vício; Colocar a indústria do tabaco contra a parede e complicar a vida de quem fuma; Fumantes, preparem-se; Dificultar a vida de quem não consegue viver sem a fumaça de cigarro; Substituir mensagens sutis e genéricas por frases duras e diretas; Ataque direto é a melhor estratégia nessa guerra;

Propaganda de cigarro é enganosa e abusiva porque omite que o cigarro causa dependência; Fumo vicia da mesma forma que o álcool e a cocaína; Droga que contra-ataca a nicotina no cérebro; Envolvidos com drogas e brigas de gangues, estudantes vivem uma explosão de violência; Guerra, mentiras e videogame; Violência da sociedade e a falta de perspectivas de futuro para a maioria dos jovens brasileiros; Jovens marginais também freqüentam escolas; Professores têm que compreender seu papel formador; Confusão acontece quando vem galera de fora ou quando se encontram turmas inimigas; Proximidade de algumas escolas com favelas cria situações delicadas; Fumam crack dentro da escola, nos banheiros e na quadra; Incentivar os pais a atuar e afastar os traficantes; Divergências se resolvem com palavras e não com armas; Cultura da competição, que divide o mundo em vencedores e perdedores; Alto preço do progresso; Há muito a ser vigiado; Ética e transparência; Fazer com que as empresas sejam mais responsáveis; Um século de rivalidades e se preparam para brigar no exterior; Poder de fogo; Casamento de duas marcas separadas por 100 anos de rivalidade gerou um filho muito mais musculoso que os pais; Se a gente não se internacionalizar, alguém internacionaliza a gente; Clima de disputa existente no mercado; Ganhar mais musculatura; Concorrência vai observar atentamente o processo; Ela se modernizou, tornou-se uma empresa das mais eficientes do país, adotou práticas avançadas de gestão e se preparou para o mundo globalizado; A vida vence a velhice; Saudáveis e dispostos, os idosos do ano 2000 derrubam mitos; Da medicina à propaganda, o conceito de 'terceira idade' revigorou-se e rejuvenesceu; Velhice comporta sonhos, projetos e realizações; Substitui-se a agilidade do jovem pelas facilidades do velho; Com o aumento do desemprego, netos, filhos e avós competem pelos mesmos postos de trabalho; Verdades e mentiras do losango azul; Tema ainda é tabu; Garotões apelam para o remédio, melhoram a performance e levam a fama; Associado ao Ecstasy, vira uma bomba; Euforia masculina nem sempre é partilhada com as parceiras; Valorizar exageradamente a ereção, em detrimento da sedução e do afeto; Esquenta o debate entre a repressão e a prevenção; Passar do campo da polícia para o do tratamento médico; É possível um discurso sobre droga que não seja o da condenação sumária; Território paralisante da moral e da repressão; Profissionais de saúde não sabem lidar com a dependência; Reduzido o pânico diante da maconha; Pais e professores pedem mais policiamento; Relação de confiança entre o adulto e o adolescente; Ninguém é obrigado a produzir provas contra si mesmo; Ouvir a sociedade; Decisão libertária; Sociedades preferem elegê-la como bode expiatório; Ex-viciados mostram como deixar a cocaína; Reaprender a viver como todas as outras pessoas não é fácil; Expressões de reprovação no rosto dos pais, dos cônjuges ou dos filhos; Chafurdou-se no pó e foi parar no hospital num princípio de overdose; Encarada como uma fraqueza ou um desvio de comportamento; Consciência forte de que está num mundo melhor que o anterior; Remédios: fabricantes no banco dos réus; Indústria de medicamentos conspirou, especulou e manipulou custos de produção para justificar aumentos; Condenação de um cartel mundial; Perda de controle da sociedade sobre os preços dos

medicamentos; Fazenda tem se desdobrado em esforços para tentar justificar o comportamento das indústrias; Performance abusiva; Em tese os mecanismos de proteção dos direitos do consumidor funcionam; Remédio mais eficiente é o mais caro; Vício de branco; Na prática diária da medicina, médico não denuncia médico; Garantia contra falsos diagnósticos e erros médicos; Diagnóstico não é sentença irrecorrível; Ética médica recomenda; Debater históricos clínicos com colegas; Trilha da ressurreição; Condenado a viver no fio da navalha; Explodiu para a vida nos embalos do movimento hippie; Pai biológico, sem profissão definida nem endereço fixo, é suspeito de traficar drogas; Admite que a mãe fumava maconha em casa; Amparado por namoradas anônimas como uma garota de programa; Relato da negociação de bebês é apenas uma parte da história dessas crianças; Carrega a culpa pela morte da filha logo depois do parto; Aumento do uso do crack é um problema social; Informações sobre os perigos da droga; Julgar o dependente e abandoná-lo à sua própria sorte não resolve; Com vontade e sem preconceito, tem solução; Filhos do crack são gerados pela desestruturação da sociedade; Censura ameaça a publicidade; Guerra contra o vilão nacional; Projeto de lei proíbe anúncios de cigarro nos meios de comunicação; Estratégia é afastar os jovens do vício; Ataque oficial usa as armas do inimigo; Campanha publicitária agressiva; Compara as indústrias de tabaco aos traficantes de drogas; Intolerante e autoritário; atentado à liberdade de expressão; Impedir que futuras gerações sintam-se atraídas; Criaria um conluio entre polícia, traficantes, legisladores, juizes, prefeitos e todos os demais homens honrados; Tom do discurso baixa a auto-estima dos 30 milhões de fumantes; Grupo de fumantes e ex-fumantes pede indenização proporcional aos anos de vício; Polícia, Justiça e escola têm punido menos o usuário; Tráfico da erva foi uma etapa anterior à da cocaína; Preconceito explícito contra quem fazia uso de maconha; Primeira experiência se dá no colégio; Visto como uma pessoa que precisa de ajuda e não como criminoso; Mudança significativa para quem sempre tratou essa questão a bordoada; Orientar ajuda mais do que repreender de forma enérgica; Adotar uma política de prevenção e orientação; Maus hábitos da vida moderna são a maior causa de mortes; O estilo faz o homem; Processo de industrialização e urbanização verificado nos últimos quarenta anos fez com que a modernidade exibisse sua face sombria; Movimentar-se é uma arma e tanto no combate às doenças da modernidade; Culpa dos eletrodomésticos com controle remoto, dos telefones sem fio, dos acessórios que induzem ao sedentarismo; Bomba de estrogênio e de stress; Abandonar-se ao pecado da carne; Mulheres enfrentam as mesmas pressões profissionais e sociais do sexo masculino e andam fumando como chaminés; Afirmar-se num mundo ainda dominado pelos homens; Preço e eficácia dos medicamentos sem marca melhoram a vida do consumidor; Chegaram às prateleiras das farmácias e desencadearam uma formidável mudança de comportamento; Enfrentou a oposição das multinacionais farmacêuticas; Apoio maciço das farmácias; Reações dos gigantes da indústria farmacêutica; Genéricos acirraram a batalha; Na ofensiva, empresas lançam a campo exércitos de propagandistas; Sobre os genéricos pesa o



desafio de conquistar a confiança da classe médica; 'Similares', uma terceira categoria de medicamentos, cuja qualidade é contestada; Indicar um medicamento produzido por uma empresa confiável; Apertar o cerco aos similares; Com o reconhecimento e o registro das patentes, ganham exclusividade de fabricação por 20 anos; Ecstasy: droga da moda avança na noite; Ecstasy deixa de ser uma droga de descolados para se popularizar entre jovens da classe média; Não há quadrilhas ou boca-de-fumo, os passadores são pessoas comuns; Grandes laboratórios farmacêuticos estão obcecados pela busca da 'pílula do orgasmo'; Desvendar os meandros do complexo processo da sexualidade da mulher; Revolução de costumes que liberou a porteira do prazer sexual para a mulher; Mulheres estão destinadas a conviver com uma sexualidade mais oculta sob uma conformação que esconde e dissimula; É raríssimo que as meninas sejam estimuladas à experimentação sexual; Imaginação delirante dos especialistas em biologia evolutiva; Mais uma questão de interesse econômico do que de saúde pública; O arsenal de 11 pílulas diárias serve para manter a saúde em dia e retardar o envelhecimento; Batalha bioquímica que o organismo trava a cada segundo para aumentar suas defesas imunológicas; Maior bronca do médico é ver que as camadas mais populares estão embarcando nessa onda; Arsenal do prazer; Batalha para vencer a impotência; Evita momentos de intimidade com a mulher, foge das rodas de chope com os amigos, baixa a produtividade no trabalho e vai ficando com o pavio cada vez mais curto; Nova corrida aos consultórios; Mais uma arma dentro do rico mercado de drogas facilitadoras da ereção; Grande revolução sexual; Questão está se humanizando; Maioria hesita em tocar no assunto; A depressão, a baixa estima, o stress, o tabagismo, o alcoolismo e a falta de atividade física jogam no time que derruba a performance sexual; No futuro, os especialistas poderão indicar um coquetel contra a impotência; Encarar o sexo com mais erotismo e menos pressão; Despertar o erotismo latente; Sexualidade é uma importante forma de contato, presente nas relações entre as pessoas o tempo todo; Mistura explosiva; Usar remédios sem prescrição médica é um hábito muito frequente; Substâncias potentes sem necessidade; Prática da empurroterapia, venda comissionada de medicamentos; 22% da população toma comprimidos para facilitar o sono; É grande o número de receitas indevidas de drogas psicoativas; Ausência de farmacêuticos durante o expediente e falta de formação dos balconistas é um incentivo à venda de remédios; Volume de remédios é indecente; Nova personagem da automedicação é a Internet; Denúncia de pesquisa universitária; Cerco ao fumante; Cigarros trarão estampados imagens e alertas aterradores; Fogo contra fogo; Ação mais agressiva do governo contra o cigarro; Armas contra o vício; Combater o hábito e não discriminar o fumante; Ciência se armou para vencer a batalha; Há várias alternativas contra o cigarro; Muleta psicológica; Briga contra dependência química; Luta para amenizar os efeitos do cigarro; Fumante é tratado como caso de polícia; Empresários, médicos, advogados, profissionais e artistas assumem o uso de maconha; Mudanças que saltam diante dos olhos com a força da luz do sol; Retirar o uso da maconha da esfera das liberdades individuais e tratá-lo como questão de

saúde e segurança pública; Mudança não significa uma postura mais liberal; Cabe aos delegados decidir se enquadram alguém como traficante ou usuário; Dependem do histórico da pessoa presa, da circunstância em que ela foi pega e dos humores gerais; Reportagens do gênero traziam personagens não-identificados, envoltos em luzes escuras; Tentações inevitáveis da juventude; Liberação de um direito individual como forma de resolver tragédias coletivas; Financiadores do tráfico internacional de drogas; Moldura cor-de-rosa pintada ao redor do uso da maconha; Espécie de liberação controlada; Reeditar erros cometidos décadas atrás com o tabaco; Maconha, como uísque, é droga cujos efeitos se conhecem no mesmo dia; Marijuana sem perdão; Afastamento da apresentadora transformou-se em escândalo nacional; Varrida do programa de debates destinado ao público jovem, sem direito de defesa, sem debates internos; Quiseram apagar meu nome da emissora; Publicidade de práticas ilegais; Manter um debate sério sobre o uso de drogas; Punir uma apresentadora que tem a coragem de falar a verdade; Combativa, espontânea e bem articulada, enfiou-se em uma maratona de entrevistas; Romper uma política internacional; Empresas podem escolher entre a tolerância zero e a política tolerante; Enquadrar os que participaram da reportagem; Uma liberdade se choca com outra, o direito de expressão; Batalha para se livrar das drogas; Discussão misturada com cerveja tinha detonado mais uma crise; Apreensivos enquanto ela consumiu três latas de cerveja; Luta para se livrar da dependência de cocaína; Mercado poderoso; Quadro sugestivo do uso de drogas; Hipocrisia de mascarar o vício com a vitimização da condição do artista; Sucesso repentino a deixava assustada; Sentia-se culpada com o sucesso financeiro; Debate sobre o envolvimento de jovens com bebida e maconha; Decifre as pistas; Maconha na lancheira; Na casa de campo real, promoveu dezenas de festinhas para os amigos; Culpou as companhias e encaminhou o garoto para uma visita forçada ao centro de reabilitação; Maneira responsável e muito compreensiva; Assustar o jovem com a imagem da clínica para viciados é uma atitude condenável; Ignorância da sociedade em relação às drogas; A sociedade tem reações malucas quando se fala em maconha; Repare se seu filho está se desligando das atividades que antes lhe davam prazer; A repressão pura e simples não funciona; Como os tintos ganharam a guerra dos vinhos; Luta pela preferência dos consumidores; Competição lembra uma partida de War; Não existe nada que não se possa corrigir; Tanta tecnologia gera justas reclamações dos puristas; A TV contra as drogas; *O Clone* anima jovens dependentes a procurar tratamento; Artistas denunciam os males da cocaína; Guerra sem trégua; Sem sutilezas nem glamourização; Debate favorável a mudanças na legislação; Todos vestindo a mesma camisa, e diante de milhões de telespectadores; Drogas são julgadas por aquilo que são; Quesito básico não é um novo estado mental de liberdade, mas a dependência que escraviza; Mudança de consciência da classe artística brasileira; Conversa de quarentões e cinquentões que tem vantagens e desvantagens; Nestes anos de campanha, descobrimos que o caminho do amedrontamento não é bom; Mensagem deve ser convincente, mas não terrorista; Novela

promoveu um debate sobre o tema, até então considerado tabu; Merchandising social; TV pensa mais em Ibope que em fazer campanhas; Farmácias hoje são palco de uma revolução; Turbinada pelos fantásticos resultados financeiros desses produtos, indústria farmacêutica emprega bilhões de dólares em pesquisas; Fabricação de novas drogas inclui engenheiros, físicos e especialistas em computação; Um único super-remédio pode garantir vendas anuais na casa do bilhão de dólares; Laboratório cria uma molécula e, antes mesmo de saber se ela será útil para um novo remédio, requer a sua patente; Fumaça em discussão; São vigiados em tempo integral por câmeras de vídeo; Consomem placebos; Chá sem fronteiras; Chá em discussão; Jovens urbanos, bem-nascidos e com boa instrução; Dezenas de seguidores da seita foram presos e processados; Preocupação com o aspecto legal do consumo do chá; Problemas de saúde por se acostumar desde cedo a 'encher a lata'; Bebedeiras homéricas costumavam ser associadas à combinação de juventude e testosterona; Meninas também enxugam; Geração que vive a adolescência hoje aprendeu a ficar estressada mais cedo; Pressão pelo desempenho escolar aumentou; Perspectiva do mercado de trabalho é de muita competição.

#### **b. Razão da angústia, ameaça e incerteza**

Razões do medo; "Bocas de fumo"; Terminologia codificada; Substâncias alucinógenas; Remédio tem remédio?; Os médicos se deixam envolver; Hipocondria nacional; Tantos doentes quanto o trânsito, os acidentes de trabalho ou mesmo as operações militares; Saúde nacional se transformou num carrossel abilolado; Incontáveis desperdícios; Churrilho de medicamentos novos; Freneticamente; Anos atrás, eles seriam joviais e lânguidos, hoje, eles estão frenéticos e falantes; Imenso e contínuo reveillon; Consumo de cocaína aumentou assustadoramente nos últimos tempos; Não se conhece o que há nos cigarros brasileiros; Remédios ameaçam; Quadro perturbador; Efeitos colaterais perigosos; Sérios e fatais casos de reações anafiláticas; Balconista da farmácia empurra logo um antibiótico poderoso, 'contra tudo'; Desconfiança generalizada em relação à medicina e seus remédios; A ameaça engarrafada; Presa de terríveis pesadelos, o doente confunde o sono e a vigília; Em busca de jovens fregueses assustam pais, professores e o Ministério da Justiça; Avanço do consumo e tráfico de tóxicos no Brasil é alarmante; Não existem estatísticas precisas sobre o volume de tráfico e consumo no país; Fantástico mercado, que se está expandindo à custa de uma geração; A tragédia da cocaína; Emergiu uma sombria conclusão: Elis Regina morreu pela intoxicação combinada de bebidas e cocaína; A mania das vitaminas alastra-se por todas as camadas sociais; Segundo a impiedosa Associação Médica Americana, a vitamina E é um mistério; A praga dos venenos; O corpo minado pela química; Inquietante rastro de maus efeitos colaterais; O DDT está presente no sangue de cada um dos habitantes do planeta; As

pesquisas do Instituto Biológico servem de frágil indicador do coquetel químico que compromete a alimentação nacional; Dramaticidade desses efeitos; Capaz de provocar mutações genéticas; A aberração cromossômica é um sinal de que pode surgir um câncer; Mais veneno na mesa do brasileiro; Comida contaminada por veneno e hormônio chega ao consumidor; Apuração das responsabilidades segue uma velocidade lerda em comparação com a ação fulminante do veneno; Outros venenos podem também estar chegando às mesas brasileiras; Traíçoira armadilha da própria natureza; Sonhara com Ruschi debatendo-se em uma lagoa cheia de sapos; Faceta temerária; Resultados da impressionante pajelança são tão nebulosos quanto o diagnóstico dos males; Sedução perigosa; Sombria dependência psicológica; Ataque mortal contra um inimigo cada vez mais incontrolável: a droga; Sangria da sociedade através da droga; Idade perdida na rota do pó; Trágico retrato de uma geração; Lixo espiritual jogado por uma sociedade cada vez mais pragmática, insensível e competitiva; Laços comunitários e identidade social esgarçam-se; Mesada acaba entrando no ciclo da coca e do fumo; São vítimas da máfia internacional; A armadilha mais cruel do processo; Uma tribo cercada; Fumante é uma má companhia; Fanatismo na cruzada contra o fumo; Jogam meus maços de cigarro no lixo; Máquina da intolerância; Não pode machucar não, tem de eliminar; Naquele grupo, não há flor que se cheire; As famílias estão em situação humilhante; Artilheiro nessa guerra de preconceitos; Invasão da pornografia em toda parte, especialmente na televisão; Estamos sem governo, ninguém confia mais em ninguém; Dependência e morte; Altíssimas doses de emoção; Problemas dramáticos de abstinência; Tentar tudo para evitar que os jovens comecem a fumar; Animal defumado, com a pele precocemente envelhecida; Nunca atravessamos uma situação tão difícil como a atual; Dissolve na própria urina e mostra a ponta de um iceberg: o doping; Estigmatizada por uma terrível marca; Estatísticas sugerem que o uso de medicamentos ainda é exceção, mas não é exato; Prática deixa seqüelas terríveis; Trajetória desses anabolizantes é rigorosamente trágica; Haverá sempre uma sombra, escurecendo o nosso entusiasmo; Cardápio apetitoso pode esconder doses altas de inseticidas e bactérias; Ninguém sabe qual é a quantidade de veneno que vai à mesa; A tragédia final; Primeiro alerta nacional a informar que as drogas pesadas haviam alcançado os jovens de classe média; Pesadelo sem fim; Passagem dramática; Era uma coisa de orgia e drogas; Ser humano transformado em ruína; Sábado trágico; História nebulosa; Charada da morte de Adriana; Jovens em perigo; Acidente que vem se tornando assustadoramente banal na rotina da juventude das grandes cidades brasileiras; Vítima de uma ruínosa mistura de drogas; Operação de embelezamento da tragédia; O que houve no sítio foi uma festa diabólica; Adriana dava a impressão de ser uma dessas pessoas abençoadas; Pequenas mudanças no comportamento de Adriana; Isso poderia ocorrer por causa da moda, e nunca por razões afetivas; Rosto de uma tragédia que deixa o que pensar; O traficante está na sala de aula; Agora temos problemas com meninos de 12 anos e até 10; Lanchonete vende um pirulito que tem uma pastilha de LSD na ponta; Atividade clandestina que está em todos os lugares; Ex-Deus dos

estádios agora não é mais do que um homem assustado e acuado; Daí ao fundo do poço foi apenas um salto; Mudança muito profunda na personalidade do craque; Visão hipócrita de uma tragédia que envolveu um pobre jogador de futebol; Infância de raiva, dor e sangue; 80.000 meninos e meninas de rua infratores e até bandidos perigosos; Garotos roubam, matam e morrem porque existe uma sociedade adulta que utiliza seus serviços baratos; Roubando, matando, amando e morrendo; Ninguém mais identifica a cocaína com projeção social, com criatividade ou comportamento de vanguarda; Acreditam que, tendo esse cuidado, ficarão livres de estabelecer um vínculo de dependência; Tráfico se expande escandalosamente e a criminalidade se desenvolve à sombra desse comércio venenoso e mortal; O inferno tem três bocas em pleno centro de São Paulo; O inferno é mais embaixo: quase todos têm Aids; Praticamente prisioneiros do próprio medo; Raio X do comércio da doença; Ninguém sabe em quem confiar; Propagandas são vergonhosas; Se o presidente da entidade que reúne cerca de 200 mil médicos em todo o Brasil não sabe, imagine o consumidor de remédios; Campo sempre esteve aberto para os inescrupulosos; Ninguém é perfeito, nem os médicos; Atingiu-se o fundo do pântano; Alimentos estão com muitas toxinas devido à poluição e perdem suas propriedades; Crack alucina quem fuma, quem vê e quem combate pensando em guerra às drogas; Em pouco tempo ele vira marginal; Hordas de miseráveis alucinados pelas pedras barbarizando pela cidade; A última das alucinações leva as pessoas a acreditar que não precisam fazer nada; Invade a casa do consumidor sem pedir licença; Perturbador em sua ideologia; Droga está solta; População marcha menos unida ainda; Primeiro passo para a legalização ou a liberação total; Problema de dimensões preocupantes; É barra pesada; Maconha é a porta de entrada para drogas mais pesadas; Praticaram atos criminosos depois de fumar um baseado; Devastação que as drogas causam no cérebro; Sacrifícios em dinheiro e em vidas; Risco de incentivar a explosão do consumo e a deterioração dos costumes; Usuário nos subterrâneos da sociedade; Convívio com um submundo de marginais e com as agruras da incapacitação física e mental; Criam jovens inertes, vegetalizados; Na seringa pode estar o vírus HIV, perigo dobrado; Aspecto econômico assombroso; Autoridade e Justiça estão nas mãos dos delinquentes; Risco de gerar um gigantesco contingente de viciados compulsivos; Perigo mesmo para uma comunidade educada e responsável como é a dos médicos; Viciados em potencial se transformariam em viciados de fato; Conservar o ritmo alucinante de trabalho; Desempenho profissional desaba; É um círculo vicioso; Superdroga vira epidemia; Velocidade com que o crack se alastra é alarmante; Dependência rápida, intensa, preocupante e cega; Perdido qualquer referencial com a sociedade; Sensação de perseguição e busca por algo que não se sabe o que é; Provocam dependência e levam à loucura; Lista negra; Resultado perverso quando aliado à publicidade enganosa sobre certos produtos químicos; Sempre envenenando os brasileiros; Verdadeiras quadrilhas compostas por médicos e farmacêuticos que ganhavam fortunas com a venda de anfetaminas; Fala desconexa delata a presença de um mal que

insiste em rondar as famílias de bem; Maconha, trampolim para todas as drogas; Maconheiro é sinônimo de decadência e degradação; Suposto viciado é um marginal; Há fantasmas que ainda assombram; Maconha ser a porta de entrada para as demais drogas; Temo que a sociedade se torne permissiva demais; Estamos perdendo esta guerra; Envenenar o fumo para reforçar a dependência; Efeitos químicos são quase criminosos; Terrível é o fato de essa dependência matar; No rastro da erva clandestina; Drama dos pais que descobrem os filhos viciados; Mal que não escolhe idade, raça, sexo, nem classe social para atingir; Equilíbrio familiar degingolou de vez; Aquele que bebe em excesso já está no grupo do mau exemplo; Nem sempre o fato de a criança se sentir amada impede que uma tragédia maior aconteça; O risco das drogas; Popularização dessas promessas químicas pela auto-medicação seria um desastre; Existe uma enorme zona de sombra; Humanidade está se aprimorando geneticamente numa direção um tanto estranha; O que dizer ao seu filho quando ele começa a conviver com os perigos da adolescência; Drogas legais entraram perigosamente no universo feminino; Vulnerabilidades física e emocional em um longo e doloroso processo; Dependência química, um inferno de stress, depressão e euforia; Crua realidade do alcoolismo; Travessia sempre desesperada para a sobriedade; Chamados 'bebedores-problema', que abusam do álcool em vários momentos; Mesmo com hálito alcoólico, dirá que não bebeu nada; Uma vez alcoólatra, sempre alcoólatra; Cria armadilhas para si próprio, e vai-se encurralando; Olhado com suspeição, dúvida e decepção pela família, pelos amigos e pelos médicos; Repetia que era incapaz de parar e fumou até o fim; Maioria dos fumantes se confessa incapaz de largar o cigarro; Muito difícil largar o vício; Largar o inferno das drogas e resgatar o prestígio profissional; Entre o céu e o inferno; Vera quis conhecer o inferno; Não é possível prever como ele vai lidar nos primeiros contatos com as tentações e dificuldades diárias; Munição às organizações que defendem a discriminação da droga; Maconha costuma ser malvista pela sociedade, seria o primeiro degrau na escalada para drogas mais pesadas, como o crack e a cocaína; Problema social ou de polícia; É uma substância alucinógena, portanto imoral, afeta a razão; Um dos mais angustiantes, constrangedores e aterrorizantes problemas masculinos, a impotência; Dez anos de tratamentos fracassados; Tratamentos enganosos; Sexo passou a me causar medo; Procura desesperada dos pacientes; Stress, culpa, depressão, baixa auto-estima ou angústia de falhar na próxima relação sexual; Angústia, terror, vergonha, a auto-estima vai para o ralo; Eles precisavam morrer?; Drogas estão matando os jovens; Passageiros da agonia; Natural que os pais sintam medo; Jovens acabam se envolvendo com a polícia, os traficantes e os tiroteios; Substâncias que antes se ligavam à idéia de 'paz e amor' agora vêm vinculadas às palavras violência, tráfico, morte; Morre prematuramente de overdose, acidentes, suicídio ou por envolvimento com traficantes; Inferno das drogas vivido por seus filhos; Ninguém quer falar das drogas e vamos nos enganando até que acontece com a nossa família; Homens necessitam desesperadamente desta droga; Temor de que se crie um mito em torno do Viagra, o que pode gerar um mau uso do medicamento; Alucinada procura pela pílula azul

em forma de losango; Fatalidades podem ocorrer pelo uso errado do medicamento; A combinação com esses remédios é explosiva; Médicos temem o uso indiscriminado do remédio; Medo de ser traída; Perigo no recreio; A idade crítica; Perigos do uso da maconha e da cocaína; Não há nada que provoque mais pânico em pais de adolescentes que imaginar a possibilidade de seu filho tornar-se viciado; Espalhados como uma teia invisível em todos os escalões sociais; Falta de informação é o centro nervoso da angústia em família; Na ponta do nariz de pais e professores existe uma sombra; Droga passa de mão em mão entre os próprios alunos; Drogas são uma incógnita para a sociedade, os especialistas, o governo e a polícia; Remédios falsos; Jogo perigoso; Idade do perigo: como a violência, as drogas e a AIDS ameaçam os jovens; Geração perigo; Jovens nunca correram tantos riscos; Fatores hostis, do desemprego ao banditismo; Drogas deixaram de ser um problema particular e estão no centro de uma catástrofe social; Mortalidade por causas violentas entre os jovens; Devastação física provocada pelas drogas atuais; Estatística catastrófica; Muita complicação para quem mal sabe administrar a própria libido; Morrer jovem é mais dramático do que aos 60 anos; Tragédia dos jovens que provam a fama e a droga antes de criar defesas; Mundo quase tão sombrio quanto a cadeia; Situações perigosas e assustadoras; Prazeres sob suspeita; Temem que ele escancare as portas da infidelidade masculina; Fantasma da traição generalizou-se; As inseguras acham que a disfunção é a garantia de que ele não terá relações fora de casa; Como saber se ele está excitado por causa dela ou por causa do remédio?; Constrangimento nos consultórios, vergonha nas farmácias, medo da morte associada à droga; Alimentos de nosso cotidiano estão contaminados com agrotóxicos; Os males do campo; Ilha muito charmosa e saudável na vastidão dos campos coalhados de agrotóxicos; Últimas cenas tristes de um outro teatro, dos horrores, uma peça que o destino pregou na maior estrela do Brasil; Comentários sutis, notas venenosas, boatos infundados; Procurada com a mesma ansiedade com que os mais gordinhos costumam avançar sobre a feijoada ou a picanha proibidas; Relatos são dramáticos; São histórias de terror; Não tem idade para atacar; Vício: sexo, drogas, comida, cigarro e bebida; Com o tempo tornou-se uma obsessão; Vida destrutiva e socialmente malvista; Vício era considerado um desvio de personalidade, próprio das pessoas fracas de caráter; Problema é alarmante; Associava o termo neurótico à coisa de maluco; Números da tristeza; Melancolia, desânimo, incapacidade de se concentrar, desinteresse pela vida, sentimento de culpa, sensação de inutilidade; Sensação de que esse torpor nunca mais vai acabar; Melancolia atroz que altera seus hábitos de vida; Planeta mergulhado numa nuvem negra de habitantes depressivos e sem esperança; Metaforicamente falando, tem raízes na própria alma; Será sempre um mistério; Dois outros grupos de especial risco são os adolescentes e os idosos; Temível percurso; Medo da morfina; Resposta é cruel; Nervo pode ser comparado a um fio desencapado; Fumo mata anualmente mais do que a Aids, a cocaína, a heroína, o álcool, o suicídio e os acidentes de trânsito somados; Efeitos do cigarro surpreendem; Cigarro faz mal dos dentes à pele, do coração ao

cérebro; Nicotina, o agente responsável pela dependência, não perdoa; Mecanismos do vício ainda são desconhecidos; Provavelmente terá depressão, irritabilidade, insônia e dificuldade de concentração; Perigo: Escola; Desencantados e sem perspectivas, crianças e jovens unem-se em gangues armadas; Tom assustador de uma guerra; Resultado é explosivo; O negócio está cruel; Vítimas da epidemia; Professores temem por suas vidas e se calam; Medo das balas perdidas; Perigo ronda a mesa; Alimentação moderna vem misturada de ingredientes estranhos; Contaminação da comida pode acontecer em vários momentos; Consumidor diante de um prato de comida tem dúvidas e medo; Poder de fogo da nova companhia assusta; Espécie de intruso nos relacionamentos – para o bem e para o mal; Pode induzir a novos temores, o medo à dependência; Risco imediato de maldição; Risco de dependência; Diante da angústia, muitos indivíduos se drogam; Vencer o horror das drogas; Coquetel sombrio; Roleta-russa da dependência; Processo recheado de dores físicas, sofrimentos e preconceitos; Entupiu-se de quantidades estúpidas de cocaína, maconha e álcool; Viciados se isolam e só pensam na droga; Sabe que o horror pode voltar; Fantasma do vício nunca deixa de ser uma sombra pavorosa; Evidências de conspiração entre executivos de indústrias farmacêuticas; Drama dos médicos viciados em morfina; Médicos que cedem ao apelo das drogas e se tornam dependentes; Drama de quem mergulha no inferno das drogas e tenta escapar da dependência; Subterrâneos da dependência química; Dúvida ou compromisso; Sobrevive na carcaça de um drogado compulsivo; Assustou famílias, afastou admiradores, perdeu contratos, engoliu isqueiros, roubou, foi preso, fugiu de clínicas; Desestruturação da família é um convite ao vício; Quebrou uma vidraça e pôs-se a mastigar cacos de vidro; Filhos de dependentes são abandonados à própria sorte; Herança trágica; Incrustado em todas as classes sociais; Dor e perda exprimem o sentimento dessas mães; Falsa imagem que o cigarro tem; Problema desse avanço da maconha é a banalização do vício; Efeitos colaterais ruinosos; Erva seria uma porta de entrada para outras drogas; Maconha é um problema cotidiano nas escolas; Receita para morrer mais cedo; Cuidado para não se tornar uma vítima; Epidemia global; Enfermidades são a pior tradução do estilo de vida atual; Remédio prescrito muitas vezes é trocado pelo balconista das farmácias; Prazer perigoso; Dados impressionantes sobre a disseminação das drogas sintéticas na última década; Pura ilusão; Ecstasy pode matar; Composição do ecstasy está cada vez mais misteriosa; Registros de uma educação familiar opressiva, que vincula sexo a pecado, dor, sofrimento ou perda do autocontrole; Riscos da gravidez indesejada, perigos das doenças sexualmente transmissíveis e problemas que a troca constante de parceiros pode causar; Cuidado!!; Vitamina C é um doce golpeador; Danos provocados pela superdosagem; Vontade de desaparecer do mundo; Dar partida num círculo vicioso; Tende a se isolar e evitar mais do que trocas de olhares; Sem receita: os perigos da automedicação; Efeitos desastrosos de misturar drogas aparentemente inocentes; Riscos de exagerar nos analgésicos; Atração perigosa; Doente de doenças; Conseqüência assustadora; Grave ameaça da dependência química;



Automedicação é uma praga; Dados alarmantes; Fotos chocantes de estragos causados pelo cigarro; Prejudicial para quem convive com a fumaça, o fumante passivo; Escaparam do precipício onde sempre é possível cair pelo uso da maconha; Explosão dos níveis de THC aumenta a dependência; De forma devastadora; Emissora estaria irremediavelmente comprometida diante do público, dos anunciantes e da concorrência se mantivesse em seus quadros uma usuária eventual de maconha; Reações espantosas de intransigência; Idéia que choca; Morte no auge; Mistura de álcool com tranqüilizantes ou a de álcool com cocaína são as hipóteses; Verdadeira bomba para o coração; Mistura que pode incluir remédios, álcool e cocaína; Drogas: mais uma vítima; Droga e agonia no auge da vida; Morreu sob suspeita de overdose de cocaína, álcool e medicamentos; Indícios de que ela vinha se injetando drogas; Dose letal pegou a cantora; Desde sempre associada com drogas, cultura pop teve alguns de seus maiores talentos ceifados pela estupidez química; Atentar para o mal que isso causa; Destruir a racionalidade de uma pessoa, abreviando com a morte ou a loucura a carreira de vários talentos; Tentativa populista e demagógica de liberar o uso de substâncias que podem causar danos irreversíveis; Álcool e drogas na adolescência; Perigo real; Bebeu cerveja, vodka e tequila e, como se não bastasse, fumou maconha; Saber que toda conversa é importante pouco alivia o drama dos pais; Na maioria das vezes os pais se desesperam; O álcool, lícito e de fácil acesso, acaba sendo a primeira porta para outras drogas, e não a maconha, como se costuma dizer; Turma de amigos é o principal fator de risco; Calejada por ressacas, depressões e mesmo a perda de colegas queridos; Embarcavam sem passaporte para alucinantes viagens cerebrais; Deixar o fundo do poço da dependência; Olhos, mãos e bocas que definem personalidades estraçalhadas; Alerta sobre os perigos da dependência; Grande trunfo é não usar meias palavras, falar de droga olhando no olho da tragédia; Como saber se você está no grupo de risco?; Novela diz que todo mundo que usa droga vira dependente; Famílias vivem sob o medo de que seus filhos se envolvam com drogas; Doenças crônicas que exigem a ingestão contínua de remédios; Ao contrário do que se costuma pregar, a maconha causa dependência; Mais perigosa do que parece; Já cravaram: maconha vicia mesmo; A maconha prejudica a qualidade de vida do usuário; Roleta-russa do vício; Risco de acidentes de trânsito e violência; Álcool também serve de porta de entrada para outras drogas; Bebe-se para perder o controle, alterar a consciência, num exercício de risco; Ninguém faz nada sobre isso; Alcoolismo precoce é um drama quase universal.

### **c. Razão científica e medicinal**

Tóxicos; Quem usa o tóxico não é um delinqüente; Grande foco é a maconha; Agente que serve para afastar as pessoas da realidade; Comprometer seriamente a futura habilidade individual; Uso de drogas ilícitas é consequência de defeitos pessoais ou sociológicos; Pais passaram a viver em

função dos filhos; Drogas são meros instrumentos de fuga de uma moralidade burguesa; Componente de auto-destruição; Antibióticos são consumidos sem necessidade; Vitaminas e proteínas não se compram em farmácias; Tarefa mais urgente será estudar exaustivamente seus verdadeiros efeitos; A maior das causas evitáveis de má saúde no mundo; Degrau para o câncer, distúrbios circulatórios e úlcera; Suicídio em câmara lenta; Modernização do país faz com que problemas de saúde e de costumes sejam discutidos com maior empenho; Poderosos antibióticos que podem provocar efeitos colaterais perigosos; Vendidos apenas mediante receita médica; Alcoolismo é responsável por metade das internações registradas em hospitais psiquiátricos; Ejaculação precoce ou a impotência é a sina de todos os alcoólatras; No centro de tudo, uma mistura fatal de álcool e cocaína, que teria provocado a morte de Elis; O IML divulgaria seu laudo: morte por mistura de álcool e cocaína; Conhecimento acumulado denunciador da inocuidade terapêutica ou mesmo dos riscos de um consumo mal-programado; Vitaminas não são alimentos nem medicamentos; Ao contrário das proteínas, as vitaminas não fornecem nutrientes ao organismo; Difícil é medir as necessidades de cada pessoa; Saúde como 'estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não mera ausência de doenças'; Vitamina E retarda a velhice; Inseticidas são altamente tóxicos porque atuam no sistema nervoso central; Leite materno é a melhor fonte de alimento para a criança; Grupo de biólogos rejeita os pesticidas e sugere o método de controle biológico das pragas; Importante para um controle asséptico; Trabalhar com os menores interferindo o mínimo possível na vida que levam; Se uma criança preserva os valores inatos de interação, apego, afeto, aprendizado e vida, ela pode ser recuperada para a vida social; Unidades de trabalho ocupam e dão formação profissional aos menores; Préstimos de curandeiro para combater os efeitos nocivos do que seria a origem do mal: o veneno dos sapos; Em busca de um antídoto salvador; Tratamento de raízes medicinais; Importantes ensinamentos dos índios, especialmente das plantas medicinais; Garra em defesa da ecologia tem raízes fincadas na infância; Carreira científica sólida e fecunda; Fumaça dos cigarros tem a força de retirar o veneno dos sapos; Suspeita de uma cirrose hepática de origem virótica; Verificar se, no meio de todo aquele ritual, há algum tratamento; Médicos atuais ocupam o mesmo papel dos pajés; Como a cocaína atua no cérebro; Diferença entre o viciado e o consumidor está na qualidade do vínculo da pessoa com a droga; Normalmente a coca vem associada ao alcoolismo; Indivíduo tem a sensação de estar sempre ganhando alguma coisa com a cocaína, e isso o leva a fazer um uso patológico da droga; Além de recorrer à droga como busca de prazer, usa sobretudo como alívio do desprazer; Estado de 'ideação alucinante paranóide', comum aos toxicômanos, sinônimo de alucinações e mania de perseguição; Presença da droga precede sua demanda; Apenas a informação correta poderá dar combate real ao problema; Conscientização da sociedade a respeito dos problemas que derivam do hábito; Método consagrado por respeitáveis vinícolas européias; É na desestruturação familiar que a leitura das causas do problema torna-se mais evidente; A família precisa se preocupar com a

pessoa, não com a droga; Se existe um círculo vicioso de energia, o mundo torna-se insuportavelmente igual; Rigidez do mundo adulto e falta de outros canais que permitam ao corpo e à sua percepção uma saída para o impasse; Não é nos bares ou boates que estão as 'causas' do vício; A velha teoria de que a maconha leva às outras drogas não é propriamente uma lei científica; Responsabilidade por estes jovens anônimos é mais ampla e extrapola as funções da polícia; Ajuda da ciência e do surgimento do conceito do 'fumante involuntário'; Fumantes de cigarro são mais propensos a fumar maconha, tomar bebidas alcoólicas, fazer uso de cocaína; Medicina não cessa de descobrir maneiras novas pelas quais o cigarro faz mal; Família emergente de remédios será gerada por fábricas vivas com bactérias escravizadas para produzir substâncias desenvolvidas por projetos de engenharia genética; Cientistas seguiram por uma trilha da história da medicina; Nova safra de produtos que vão atuar numa das últimas trincheiras do desconhecimento do corpo, o cérebro; Pontaria nos mecanismos do cérebro; Decifrados os segredos dos receptores; Drogas da nova medicina podem ser literalmente milagrosas; Nicotina provoca uma dependência igual à das drogas; Como a droga cria dependência; Terapias que ajudam a largar o vício; Surgiu a mais completa explicação para as atitudes radicais; Nível de dependência provocado pela nicotina é muito diferente do provocado por drogas pesadas; Concordância no fato de que a nicotina tem poder viciante de mesma natureza que a heroína e a cocaína; Dentro dos critérios médicos e farmacológicos do que seja uma substância viciante; Age sobre o sistema nervoso central e gera um efeito conhecido como tolerância; Esclarecer que a nicotina, ao contrário das drogas pesadas, não interfere na condução das atividades normais; Deixar de fumar não é uma questão apenas de força de vontade; Cumprindo uma decisão poderosa, tomada por uma parte do cérebro que ela não pode controlar; Fumante tem que estar decidido a parar; Cérebro dos fumantes desenvolve um mecanismo; Fumante sente desconforto, fadiga, indisposição e irritação; Algumas pessoas são mais suscetíveis; Fator preponderante é o exemplo paterno; Componentes comportamentais, como a desvalorização social do fumante e a informação científica vão pesar mais; Durante muitos anos, os adoçantes foram tema de discussões sobre os efeitos que podem causar; Ideal é que as pessoas utilizem alimentos naturais; Sujeito a problemas de fígado, descontrole psíquico, eventualmente câncer e, surpresa geral, drástica atrofia do seu pênis e dos seus testículos; Musculatura do atleta torna-se dependente da droga; Implantar o controle destes venenos através da conscientização do agricultor; Hipóteses para justificar as causas da convulsão; Uso contínuo da cocaína pode levar à falta de apetite e a um maior risco de convulsões; Exames comprovam que modelo paulista morreu por overdose de cocaína, misturada com álcool, maconha e tranqüilizante; Convulsões ligadas à ingestão de drogas são causadas pelo excesso de substâncias estranhas no cérebro; Cocaína provoca perturbações no mecanismo que comanda os movimentos involuntários do corpo; Procedimentos de socorro são de conhecimento de qualquer estagiário de medicina; Na adolescência é que a pessoa entra em lua-de-mel com a droga; Demolir um dos mitos consagrados

da pedagogia familiar brasileira; Droga aparece em famílias nas quais pais e filhos conversam pouco – ou conversam mal; A solução da droga virá da sociedade ou não virá; Ação mais efetiva é obra daquelas pessoas que são o sal da terra: os voluntários, as entidades religiosas, alguns educadores e juizes de menores; Médicos advertem para o surgimento de problemas de dependência psicológica, alterações cardíacas e neurológicas; Usuários esporádicos comecem a abusar em determinado momento e se tornarem viciados; Droga deforma a personalidade, acaba virando uma muleta, sem a qual o dependente acha que não pode mais enfrentar o mundo e as suas inseguranças; Uso contínuo da erva leva a um estado de relaxamento permanente, quase uma letargia; Prejudicam a saúde e atrapalham a percepção das pessoas; Tendência entre os juizes de fazer cumprir a pena em liberdade; Nome induz à crença de que podem alterar num passe de mágica uma condição de que só a cirurgia seria capaz; Dezenas de laboratórios sem condições técnicas e seriedade; Produtos vendidos nas farmácias, empurrados pelos balconistas ou anunciados na televisão e no rádio; Transmissão cultural, de pai para filho, e os conselhos dos amigos também induzem à auto-medicação; Existem evidências concretas de que as vitaminas A, C e E desaceleram o envelhecimento; Ciência resolveu levar a sério as vitaminas; É imprescindível consultar um médico antes de começar a engolir as cápsulas; Ganhos extraordinariamente significativos que afastam o espectro de doenças fatais; Médicos conseguem fazer uma cesta básica de acordo com as necessidades de cada paciente; Absorvida a dose, falta dopamina nos circuitos e, onde houve luz e movimento, há silêncio e escuridão; Sucedem-se alguns minutos de alucinações (calçadas cravejadas de pedras, policiais entrando pela janela do 10º andar, baratas andando debaixo da pele); Sujeito começa a fumar mantendo os valores e os hábitos da classe média, mas a droga toma conta da vida dele; Adotou-se uma pedagogia do terror em vez de estudar e prevenir; Exagero leva a sociedade a agir histericamente na direção errada; Sociedade caminha para a legalização das drogas porque elas atendem a um apetite do ser humano por novas experiências; Menos de 10% das pessoas que fumam maconha desenvolvem dependência; Risco de incapacitação para o convívio social provocado pela maconha é muito baixo; Efeitos foram sendo mais conhecidos; Incapacitam pessoas para o trabalho e o convívio social; Cria-se um circuito químico no corpo do dependente que começa a pedir doses cada vez maiores e alternadas de estimulantes e relaxantes; Predisposição à dependência, exposta a um esquema de pressão; Vale a pena acreditar na recuperação; Evitar o desprazer da fissura – a compulsão – e não para encontrar alguma satisfação; Quadros de alucinação e paranóia, além de depressão e confusão mental; Sujeito sob efeito do crack fica incontrolável e não respeita nenhum limite social; Atuam no sistema nervoso central, provocam euforia, aumentam a energia e causam crises de abstinência; Não há nenhuma garantia científica de que esses medicamentos funcionem; Remédios consumidos de forma aleatória tendem a trazer problemas sérios; A maconha em princípio não vicia e tampouco provoca dependência física; Expõe-se a substâncias tóxicas e se arrisca a ter problemas

respiratórios, cardiovasculares e até câncer; Pode provocar falhas de memória e intensificar a depressão; Mais nicotina = maior dependência do cigarro = mais prejuízos à saúde; Amônia libera mais nicotina para o fumante; Princípio da acetona utilizada na cocaína; Nicotina é a grande responsável pela sensação de impacto eufórico que se segue a uma tragada; Alcatrão é um coquetel de substâncias tóxicas e cancerígenas; Harmonizar as áreas de prevenção, repressão e tratamento; Como livrar seus filhos das drogas; Campanha nacional de prevenção direcionada aos jovens; Exemplo não é a melhor forma de ensinar alguma coisa a alguém, é a única forma; Se o exemplo for falso, o jovem saca rápido; Drogas interferem muito com a sexualidade; Uma família harmoniosa é sempre um bom caminho; A chave genética; Emagrecimento agora deve ser orientado e acompanhado por profissionais da medicina; Tirar a questão da obesidade das mãos das publicações populares com suas dietas milagrosas, dos curandeiros e seus chás exóticos, e devolvê-la aos consultórios médicos; Mecanismo ancestral de sobrevivência; Funciona, mas não pode ser tomado sem supervisão médica enquanto durar o tratamento; Efeitos colaterais são bastante incômodos: diarreia, boca seca, sonolência e sonhos agitados; Ataque coordenado à gordura com drogas, exercício e dieta de baixas calorias é a terapia mais potente de que dispomos; Chegar de pileque uma, duas vezes consecutivas merece desaprovação; Quando há interesse, é importante ensinar o que é a bebida; Pais podem falar de suas experiências passadas, mas é importante mostrar sua desaprovação com o fato e o interesse em ajudar o jovem, deixando claro que irão ficar de olho no filho; Tratamentos só são bem sucedidos quando a família está integrada ao adolescente; Natureza não favorece a mulher para o uso de drogas; Afirmação é totalmente respaldada por fatores genéticos; Álcool leva 25 anos para destruir o organismo masculino e apenas cinco para afetar perigosamente as mulheres; Dependência é quase sempre uma tentativa de medicar uma depressão; Troca de experiências em grupo é mágica; Alta de um tratamento não é apenas a abstinência, o mais importante é reformular o modo de vida; Dopamina tem relação com o processo de dependência química e já é apontada como a molécula do vício; Com tecnologia é possível ver o funcionamento do cérebro, em uma região que responde pelo comportamento emocional e afetivo; Não importa a quantidade ou a frequência com que a pessoa beba, ela não consegue diminuir o seu patamar; Considera o alcoolismo uma doença, no sentido de ser um distúrbio involuntário; Se escolhermos chamar maus hábitos de doença, não haverá mais limite para definir o que é doença; Alcoolismo reflete um desvio de comportamento que costuma ser mais bem entendido por psicólogos do que por médicos; Maioria dos alcoólatras requer cuidados médicos; Alcoolismo é uma doença primária, crônica, com fatores genéticos, psicossociais e ambientais influenciando em seu desenvolvimento e manifestações; Negação do problema se torna parte integrante da doença e o maior obstáculo para a recuperação do doente; Consumo normal de bebida se funde, imperceptivelmente, ao consumo patológico; Pessoas bebem por questões psicoemocionais e criam dependência por questões fisiológicas; Do ponto de vista do diagnóstico

de alcoolismo, o que conta não é a quantidade de álcool ingerida, e sim o conjunto de sintomas que disso resulta; Qualquer padrão de uso que não pode ser diminuído é sinal vermelho; Sociedade passou a reconhecer com mais segurança que alcoolismo é o problema-causa; Tratamento recomendado é parar de beber, tapar a garrafa, ponto; Recaída ocorre, emocionalmente, muito antes de ela acontecer de fato; Tira a discussão do campo das suposições para tornar a acusação uma constatação científica; Fumo é responsável por 90% dos casos de câncer no pulmão e 30% dos outros tipos da doença; A psiquiatria ensina que a metabolização das substâncias consumidas por um dependente químico é sempre problemática para o organismo; Alcoolismo estigmatiza e corrói a auto-estima quando é visto como uma fraqueza de caráter e não como a doença que é; Não há terapia que se consolide sem que o paciente queira parar de beber; Aspecto social é também muito importante para se desenvolver o problema; Procedimentos tão variados quanto técnicas de relaxamento, terapia familiar e medicação; Construir uma perspectiva de vida; Relatório diz que o consumo pesado de fumo, maconha e bebida pode levar à dependência; São fracas as provas de que o uso crônico de maconha produza alterações no raciocínio, na memória e na capacidade de aprendizado; Maconha não afeta a capacidade respiratória nem provoca enfisema; Cigarro é responsável por problemas como câncer de pulmão, de garganta, de boca, acidentes vasculares e infarto; Muitos usuários de *Cannabis* se tornam apáticos; Usada em excesso, a planta causaria câncer de pulmão, mas não há provas disso; Abstêmios de crack e cocaína quando passavam a fumar maconha; Não é nenhum sacrilégio se colocar uma droga para sair de outra, mais pesada; Medicamentos à base de THC são usados em alguns países; Dificuldade da medicina para entender e explicar a impotência; Problema repetitivo de fundo psicológico; Histórico familiar contendo depressão, tentativas de suicídio ou uso abusivo de álcool e drogas também contribui; Tendência do ser humano é buscar alternativas que o ajudem a escapar de sensações dolorosas e desagradáveis; Aflição das famílias em relação ao problema das drogas é desproporcionalmente maior do que o grau de informação; Segundo a Organização Mundial de Saúde, a dependência pode ser definida como a perda de controle sobre tudo aquilo que envolve o consumo da droga: a quantidade, a qualidade e a frequência; Marcar consultas com psiquiatras mesmo contra a vontade do dependente; Derrubar o muro de silêncio que cerca o assunto; Uso do Viagra requer 'adequado diagnóstico e avaliação médica apropriada'; A relação sexual traz à tona o inconsciente, o repertório e a história de cada parceiro; Desejo é um fenômeno psíquico; Os mecanismos de envelhecimento não têm tanta ligação com impotência; O que determina se o adolescente vai ou não usar drogas é a cultura dos amigos; Seduzem os jovens exatamente porque eles vivem a fase da angústia, da auto-afirmação e das descobertas; Não é possível prever quem vai se tornar o viciado costumaz ou o 'usuário de festa'; Não existe medicamento sem potencial tóxico, e só o médico pode saber se os benefícios superam os malefícios; Raio X do risco; A adolescência é definida em termos culturais; Sua larga duração, sua indeterminação, sua carga de conflitos e a

grosseira falta de sincronia entre a maturidade sexual e a maturidade social; Perceber as diferenças de corpo e manifestar curiosidade; Ideal é sinalizar claramente para os filhos que o canal de comunicação está aberto para qualquer assunto; Efeitos da abstinência, capaz de provocar dor e convulsões; Pessoas assim podem ter tudo na vida – fama, dinheiro, família – mas sempre buscarão motivos de infelicidade; Fungicida em doses elevadas pode produzir diarreia; Produtos sem agrotóxicos são mais saudáveis; Auxiliar de um tratamento que requer empenho e paciência; Influência positiva nos níveis de hipertensão, colesterol e diabetes; Xenical não elimina a gordura do corpo, só a que é ingerida depois que o remédio foi absorvido; Ciência ainda não conseguiu criar um remédio que tenha efeito sobre os obesos compulsivos; Grupo de pacientes tem comportamento semelhante ao dos viciados em drogas; Atenção para os sintomas; Grandes bebedores, quando param de tomar café, têm suas artérias dilatadas e ganham de presente uma tremenda dor de cabeça; Há quem fique doente porque dormiu demais, porque não dormiu, porque o clima mudou, porque está cansado, por causa das mudanças hormonais; Enxaqueca e outros tipos crônicos de dor são o resultado da deficiência de serotonina; É preciso mudar de hábitos e evitar o estresse emocional; Cientistas estão chegando à conclusão de que a raiz do problema é muito mais biológica do que social; É a produção de uma substância natural chamada dopamina que rege todas as formas de compulsão; Alterações abruptas no metabolismo são fatais para criar dependência; Cada tipo de droga age de maneira diferente no cérebro; Não substituímos os médicos, eles continuam a ter papel fundamental no tratamento; Depressão severa é uma doença, um desarranjo na química cerebral; Serotonina é mais abundante no cérebro masculino; Diferença deve ser procurada também nos hormônios femininos; Problema pode ser isolado corretamente como depressão clínica; Manuais de psiquiatria apontam nove sintomas básicos da doença; Receita moderna para o controle da doença combina remédios e sessões de análise; Hereditariedade é, de longe, o fator mais determinante; Sinais de que médicos e cientistas começam a mudar seu olhar sobre a dor; Antiinflamatórios de última geração que não agredem o estômago; Medicina tradicional adotou métodos alternativos para compor o front; Quando o fluxo de energia melhora, o sangue também circula, levando embora as toxinas que deixavam a região dolorida; Tratamento não só da dor física, mas a da alma; Um dos medicamentos mais poderosos para tratar dores crônicas ainda é a morfina; Médicos têm medo de que o analgésico encubra os sintomas da doença, e que o doente se torne dependente da droga; Cientistas somaram 25 doenças comprovadamente causadas pelo cigarro; Causa da crise da juventude é o descompasso entre o desejo de consumo e a falta de meios para satisfazê-lo; Algumas intoxicações alimentares provocam apenas mal-estar, mas outras podem matar; Alimentos geneticamente modificados são objeto de intenso debate em todo o mundo; Relevantes avanços científicos, como a descoberta do antibiótico; Credita-se a fatores genéticos, à alimentação saudável e tratamentos preventivos a chance de envelhecer em estado razoável; Viagra é um paliativo para o desinteresse em relações

prolongadas; Pílula não substitui a capacidade de amar e de formar vínculos; Drogas: uma questão de saúde; Prevenção e educação são cruciais para se enfrentar o problema; Drogas como cocaína e crack não apenas lesam seriamente a saúde do usuário como podem alterar seus valores; Algumas drogas são mais maléficas do que as outras; Combinação de psicoterapia e medicação; Entender os motivos de cada um e mudar sua percepção de que o mundo é uma droga; Devolver o dependente ao convívio social; Plano para tratar os dependentes em suas casas; Consumo de drogas é um dos sintomas de uma doença social mais profunda; Novos métodos de tratamento ajudam um número crescente de viciados; Parece impossível a um dependente químico livrar-se do horror das drogas e retomar a vida normal; Processo de reeducação intensiva; Referências nacionais, mas oferecem um tratamento espartano se comparado ao das clínicas particulares; Tratamento resgata os interesses e valores; Dependência química atualmente é vista como uma doença; Radiografia da cocaína no cérebro da pessoa; Depressão traz de volta a cocaína, como em um círculo vicioso; Dependência não está relacionada à periodicidade com que o viciado se droga; O que leva tantos médicos a usar morfina é o stress típico da profissão e a facilidade de acesso ao medicamento; Comportamento ético seria encaminhar o dependente para tratamento; Por que é importante ouvir mais de um especialista; Protege o doente e qualifica a medicina; Relação médico-paciente mudou muito com a extinção daquele clínico de família; Profissionalização e a especialização na área médica vão induzindo os pacientes a abdicar da relação de dependência com o 'doutor'; Tecnologia e equipamentos de última geração para obter a segunda opinião em tempo real; Desperdício de tempo é evitado recorrendo-se a um manual de consenso médico; Clínica integrada é mais econômica e evita a ida de especialista em especialista; Recaídas são rotineiras e pacientes em situação-limite podem criar falsas emergências para despertar atenção; Feto também corre o risco de ter o fígado muito sobrecarregado e sofrer uma insuficiência hepática; Bebês nascem com problemas respiratórios e síndrome de abstinência; Precisam ser tratados como os adultos, com tranquilizantes; Reflete no comportamento da criança ou em sintomas como a depressão infantil; Embora não tenha efeito alucinógeno, causa dependência química e psicológica; Muitos usuários relatam uma perda da capacidade de memorização e também de aprendizado; As mesmas razões que induzem ao baseado podem arrastar a pessoa para o pó; Desequilíbrio familiar, necessidade de auto-afirmação perante um grupo de amigos e também curiosidade; Crianças agressivas, que têm relacionamento distante com os pais, estão mais predispostas a usar a maconha na adolescência; O grande adversário dos médicos não habita mais o universo microscópico, está personificado no paciente que teima em não mudar a sua forma de viver; Bom estilo de vida, enfatize-se, significa alimentação equilibrada, exercícios físicos regulares, nada de cigarro e tensão controlada; Bebedor de chope é mais preocupado com a carreira e menos conformista do que o consumidor de cerveja; Genéricos são cópias fiéis das marcas tradicionais, como comprovam testes exigidos por lei; Derivado da anfetamina, o MDMA (metilenodioximetanfetamina) tem propriedades de



alucinógeno; Princípio ativo da droga é altamente tóxico e prejudicial ao sistema neurológico; Depressão crônica alcança muito pacientes, abatidos pela queda acentuada na quantidade de serotonina; Ciência desvenda os problemas sexuais femininos; Nova revolução sexual está sendo gestada nos laboratórios; Orquestra hormonal que rege o prazer feminino; Consumo excessivo provoca problemas, como pedras nos rins; Eficácia das vitaminas divide médicos e gera polêmicas; Caminho apontado por dez entre dez médicos: a associação entre dieta equilibrada, atividade física regular e manutenção de hábitos saudáveis, como evitar o cigarro e bebidas alcoólicas; Suplementos não são a mesma coisa que alimentos naturais; Só deve tomar pílulas quem tiver dificuldade para absorver vitaminas; Não é porque a grande maioria das vitaminas não exige receita médica que se deva encará-las sem consultar antes um especialista; Resultado pode ser o excesso de vitaminas, que traz conseqüências danosas; Quando acontece provoca nervosismo, agitação, ansiedade, anorexia e pode até levar ao aumento da pressão interna do crânio; Distúrbios musculares e a alteração nas reservas de cálcio em crianças que receberam vitamina D em demasia; Mães erram ao achar que quanto mais vitamina, melhor; Manchas na pele, dificuldade de adaptação para visão noturna e sangramento nas gengivas ou dificuldade de cicatrização são indícios de que há carência; Novos horizontes para o conhecimento dos mistérios da sexualidade humana; Essas e outras indicações devem ser feitas por um médico; Identificar possíveis problemas para o paciente em razão dos efeitos colaterais das drogas; 70% dos homens apresentam dificuldades sexuais por causas emocionais e psicológicas; Impotência sexual é a ponta do iceberg de uma impotência generalizada de viver; Automedicação deve ser tratada como uma questão de saúde pública; Hemorragia digestiva por causa de automedicação ou dose excessiva; Doença fica maquiada, e adia-se o diagnóstico; Benzodiazepínicos (diminuem a atividade cerebral), derivados de opióides (usados contra a dor) e anfetaminas (em geral, tomadas para emagrecer); Perigo é controlado quando há acompanhamento médico; Precisar do remédio uma vez por semana já pode configurar dependência; A hipocondria, classificada em diversos tipos, é uma doença; Medicina oferece desde terapia e antidepressivos até chicletes e adesivos de nicotina; Ciência aprimorou seu arsenal na luta contra o vício; Descobriu-se que o cérebro possui receptores de nicotina; Relação entre a genética e o fumo ainda não está esclarecida; Aliar ao tratamento farmacológico a terapia cognitiva comportamental; Cérebro da pessoa está modulado a ter esse comportamento; Há mais de 400 substâncias na folha da erva; Como o álcool, produz alteração da coordenação motora e compromete o funcionamento da mente; Algumas pessoas sofrem do chamado efeito rebote ao misturar álcool com tranqüilizantes; Álcool potencializa o efeito dos remédios; Atendimento padrão utilizado nos casos de intoxicação por drogas em doses acima do suportável pelo organismo, a chamada overdose; Diálogo não nascerá de uma hora para outra só por causa da presença das drogas; Se o adolescente é viciado ou faz uso esporádico de alguma droga pode ser a chave para o tratamento; Importante é que não haja nenhuma atitude autoritária

ou policialesca para cima do dependente; Se o paciente não quiser melhorar e se mostrar avesso ao trato com o profissional; Diálogo e família são os melhores instrumentos de prevenção às drogas; Efeitos da campanha começam a ser observados em consultórios e clínicas especializadas em tratamento; Não se tinha consciência de que a dependência é uma doença e tem cura; Existem níveis de dependência diferentes e que para cada pessoa cabe um tratamento; Tremendo avanço médico e mudança radical no terreno do comportamento; Usuários de longa data exibem sintomas como irritabilidade, ansiedade, dificuldade para dormir, falta de apetite, dor de estômago e depressão; Propósito de descobrir um processo capaz de interromper o ciclo de dependência; Em termos médicos, a maconha estaria no mesmo patamar da cocaína e da heroína; Efeitos neurológicos do uso contínuo da *Cannabis sativa* são conhecidos – dificuldade de aprendizado, retardamento de raciocínio, lapsos de memória; A religião despertou interesse devido ao consumo do chá; Pesquisas freqüentes sobre os efeitos da ayahuasca no organismo; Em todo o mundo, uma em cada oito pessoas que bebem regularmente vira alcoólatra; Pais estão mais ausentes, e tentam compensar dando liberdade e dinheiro.

#### **d. *Sujeito do efeito* - sentido da experiência**

Quando cheiramos nos sentimos completos, descomprometidos, acesos, como se compreendêssemos as coisas, e tudo o que temos a dizer se torna essencial e definitivo; O contentamento paranóico de si traz tudo à tona, e os invejosos e ambiciosos revelam que apenas são viciados em si mesmos; Qualquer acontecimento parece se relacionar conosco; Tais sensações de forma nenhuma são teóricas – a coisa toda se parece com uma sanidade definitiva, uma reconciliação completa comigo mesmo; Beber até morrer, dar um tiro na cabeça ou escrever; Abordar o problema só depois de vencida a luta; Vivia cansado, de ressaca e sentia que a coisa estava ficando preta; Com o álcool, a cabeça vai mudando, não há disposição para o trabalho, para a vida; Quase louco com a síndrome de abstinência; O processo estava tão adiantado que não tinha mais ressaca; O vinho enriquece o paladar e enobrece o olfato, e o prazer deve ser sempre dividido com outras pessoas capazes de respeitar um bom vinho; O bom vinho deve ser de um rubi encarnado, o aroma deve lembrar a violeta ou o jasmim; O problema é que você cheira e se sente Deus; Depois, quando o efeito passa, você começa a achar desagradável não ser Deus; Além de proteger a pele, dão uma cor ótima; Não são ácidos e mantêm a mesma qualidade de uma garrafa para outra; É um vinho muito equilibrado, ele fica no limite certo; Cacique disse conhecer de perto o envenenamento por sapos; Surto de irritação quando emparedado por câmaras fotográficas; Produção pode fracassar nesse ponto crítico se não tiver cocaína para reforçar o ânimo; Cheirada antes de uma reunião da diretoria; Conseguia citar dados e discorrer sobre os números com a

mesma desenvoltura de diretores mais velhos e experientes; Estava hiper-ansioso e não conseguia mais ficar sentado; Estava enlouquecido; Cada vez mais arredia, voltada para os seus próprios delírios; O bom vinho é aquele que a gente gosta; O branco é um horror - ácido, agressivo, rascante, não dá pra beber; Só parei aos 15, porque estava emagrecendo; Fiquei doidão, trincado de cerrar os dentes; Depois dá uma depressão, parece que nenhum lugar é bom; Foi de besteira; Meu nariz começou a sangrar; Passei a me distrair com bagulhinhos; Não sei se quero continuar vivendo se não puder fumar meus charutos; Depois de tanto sofrimento, senti que nunca mais poderia fumar um só cigarro em toda a minha vida; Se saísse e encontrasse alguém fumando fraquejaria; Fiquei irritada, minha personalidade mudou, a vida perdeu a graça; Preferi matar o cigarro; Quando você menos espera, o cigarro lhe mete um punhal nas costas; Não gosto de dizer isso porque admito uma fraqueza, mas sou dependente do cigarro; Estava destruindo meu corpo, comecei a sentir dores no fígado e parei; Nós queríamos aproveitar cada minuto; Muitas vezes assisti a aulas completamente bêbada e drogada, mas ninguém percebia; Estou marcado; Mas o pó escraviza e para fugir disso cheguei a passar dois anos em San Diego, nos Estados Unidos; Fiquei amigo desse pessoal e sabia onde encontrar a droga; Espalhamos o pó na carteira e o professor nem percebeu; Quero ficar de cara descoberta, já estou liquidado, não tem drama; Parei radicalmente; Sou uma atriz e tenho que me preocupar com a aparência; Convivi com o submundo, fazendo um trabalho de pesquisa, e as prostitutas me davam cocaína de presente; Decidi parar de usar drogas porque elas estavam afetando minha produção; A droga paralisa; Drogas, francamente, já usei tudo o que você pode imaginar e não tenho a menor saudade; Preciso ter o controle exato dos meus músculos, como uma bailarina, e as drogas atrapalham; Eu cheirei bastante quando era mais jovem, como todo mundo no Rio de Janeiro; Hoje prefiro um bom uísque; A maconha me relaxa; Aqui somos todos viciados; Aprendi a me drogar com meus tios; Há dias em que dá para comprar os nossos bagulhos; Esse remédio é como uma droga; AZT cria dependência e eu não quero morrer por ser viciado em AZT; Ter sido mendigo é o único fato do qual me envergonho na vida; É a nóia; Pedra não tem loucura, só treme o coração; É ruim, leva para o buraco; Minha desgraça são essas malditas e maravilhosas pedrinhas; A pedra é como a heroína, deixa o sujeito pancada; Na nóia, achei que morreria na rua e a família descobriria tudo; Estava com o sistema nervoso devastado; Com a pedra eu ganho e fico esperto de tudo; A cerveja embebeda menos que o uísque e o conhaque; Cerveja boa é a que está no meu copo; Não sou viciada, fumo apenas para relaxar ou me divertir; Meu problema foi cocaína e álcool, mas reconheço hoje que qualquer droga nos impede de ver o lado bom da vida; A cocaína me ajudou muito no mundo dos negócios; Me tornei paranóico, agressivo; Com a cocaína, se você pega pesado, é muito difícil não se dar mal; Dividia o mundo entre os loucos e os caretas; Emagreci 20 quilos, vivia descontrolado; Cheirava, sentia subir aquele *speed*, aquela força louca, aquela inteligência, aquele gigantismo... é um zoom impressionante; Cheguei a me ver morta; Me drogava

mesmo sem vontade; Quem acha que o caminho das drogas facilita se dá mal; Virei ladrão para poder comprar pedras; Saía da sala para fumar no banheiro e quando voltava não tinha nenhum discernimento; Você se desliga do mundo; Enganava não só a minha família como a mim mesmo; Achava que todos queriam me matar; Hoje não tenho mais amigos e não sou capaz de trabalhar; Foi muito difícil abandonar as anfetaminas; Veio uma sensação de moleza e uma vontade de não fazer nada, nem de falar com as pessoas; A gente fica sem ânimo para viver, com o rosto abatido, fraco; Acho que até para dirigir o remédio é eficiente, pois fico mais atento ao trânsito; Dei uma tragada e achei horrível; Em excesso, qualquer coisa pode fazer mal; Um dia, dei um baseado para ela usar com quem e quando quisesse; Sou do tempo em que isso era puro glamour; Usei piteiras longas, como os astros do cinema; O cigarro é meu grande companheiro; O cigarro me tranqüiliza e diminui o stress de um dia exaustivo; Só um fumante entende o grande prazer que o fumo proporciona; Não tinha mais fôlego para dançar as duas horas de espetáculo; O texto que fluiria bem depois de uma tragada não sai da cabeça; Se precisar, vou voltar a plantar maconha; A droga é mais forte do que eu, agora é ela que me usa; Meditei um pouco e pensei: tenho esposa e uma filha que também precisam de mim; A coisa te deixa ansioso para aquilo que você quer fazer; Quando isso acontece não tem quem me segure; Depois de um tempo de uso, passei a perder totalmente a vontade de transar; Quem matou minha filha foi a droga; Alguns sonhos eram tão vivos que eu acordava rindo; Sempre tive consciência do perigo, mas não pensava que os calmantes pudessem afetar o meu cérebro; Inventava mil histórias para conseguir remédios; Misturava 80 comprimidos com álcool e maconha para me afastar da realidade; Somos mais sensíveis e portanto mais sujeitas à dependência química; Custei muito a ver o quanto aquela loucura tinha mudado minha vida; De um copo, saltei para um litro, até perder o controle; Se o seu caso é beber, o problema é seu; Se o seu caso é parar de beber, o problema é nosso; Estava no banheiro de frente para a pia e sem coragem de olhar para o espelho; Ao tentar parar de beber, tive alucinações terríveis com ratos e cobras geladas subindo pelas minhas pernas; O pânico era insuportável; A cabeça piorou, recomecei a beber; Segunda agonia do dia: como agüentar o trajeto de microônibus até o centro sem poder beber; Cheguei a tentar o suicídio, só que era fajuto; Engatinhando no meio do salão, de smoking, tentando morder o cachorro da casa; Cheguei a ponto de comprar a companhia de pessoas da rua, de qualquer classe social, para sentar comigo nos bares; Nossa doença é cruel e traiçoeira; Tem uma consciência que me diz para ir em frente, e outra que não me deixa ir em frente; Você depende daquele que está ingressando, senão esquece como você era ontem; A gente até perde a fisionomia de falar; Identificava-se com as sensuais tragadas de Rita Hayworth no cinema; Penso em parar, mas de fato nunca tentei; Não gosto do que o cigarro causa na saúde, na estética, no hálito, no cheiro da roupa, o dente escuro, a ansiedade; A gente sabe que a cocaína é gostosa, mas é uma coisa muito perigosa; A droga embota, consome seu dinheiro, seu tempo, sua capacidade de trabalhar; Eu não vou deixar de

beber o meu vinho tinto e a minha caipirinha; Se eu não conseguir parar de beber, vai ficar na cara que eu sou alcoolista; Só que o álcool não é remédio, é uma droga destrutiva, e pensar em usá-la como remédio é maluquice; Mais difícil foi mudar o hábito; Meu físico estava dançando, minha relação *emotion* também; Eu tinha tanto THC no corpo que nem barato eu sentia mais; Ela tira o tesão pela vida; Quem toma um uísque com os amigos não tem moral para proibir um baseado; Nunca mais os encontros em família viram um sorriso; Parecia que queria voltar a viver; Durante uma alucinação, achou que estava sendo perseguido e arrombou o apartamento do vizinho; Ele me ligou à meia-noite e ficou falando que não prestava; Conversando com o espelho, pedindo a ajuda de Deus; Oficialmente, foi vítima do acidente, mas ele morreu por causa das drogas; Depois de acabar um namoro, ela procurou alívio através de tragadas num cigarro de maconha; Quando acontece uma tragédia dessas, ou a família se une ou se afasta; Convoquei a imprensa e divulguei o que tinha acontecido, na tentativa de alertar a sociedade e lutar; No segundo dia de ereção contínua procurei o médico; Só de saber que tinha o remédio comigo já me senti mais confiante; Sou muito fogoso e não me contento só com 15, 20 minutinhos; Quando a aula termina, vou fumar com os meus amigos; Ficou rebelde e não queria estudar; Eu pensei que nunca ia ter de contar; De uma hora para outra estava enrolando dez baseados por dia; Por favor, eu quero me tratar; Estou deprimido e sinto falta da droga; Está no fundo do poço e ainda acha que a vida é uma festa; Quando se droga, ele fica horrível, tem convulsões e fica agressivo; O susto veio para o bem; Tenho vontade de jogar os comprimidos no lixo; Encontrar o passado me fez refletir muito; Mergulhou no inferno, inconscientemente quis experimentar sensações; Estou disposto a revogar tudo, desde que ela prove com o tempo e atitudes que se recuperou; Há males que vêm para o bem; Sou chocólatra e às vezes mergulho num sorvete de chocolate; Cheguei a fazer sexo com três mulheres por dia; Não me sinto preparada para um envolvimento afetivo; Acordava no meio da noite só para ir ao bingo; Se eu vender todos os meus bens, só consigo pagar um terço do que estou devendo; Não existe viciado mais fiel que o tabagista; Até consigo paquerar sem ficar nervoso; Hoje levo uma vida igual à de qualquer outro adolescente; O remédio me trouxe a vida de volta, e eu resolvi vivê-la; Nunca pensei que precisaria de um psiquiatra na minha vida; Minha vida se tornou um pandemônio; Uma das minhas loucuras preferidas era torrar dinheiro comprando presentes para as amigas; Parece que estou perdida dentro de um enorme buraco negro; Passava o dia inteiro na cama, chorando e pensando em nada e em tudo ao mesmo tempo; Não posso continuar a estragar suas vidas; Se o que sinto fosse distribuído por igual entre os seres humanos, não haveria face alegre na Terra; Morrer... dormir, nada mais; A dor era uma bola de neve; Cheguei um ponto que não sabia o que doía mais, o corpo ou a alma; Entro em estado de relaxamento profundo [pela hipnose] e consigo dormir; Agora não penso em largar, mas quando quiser, consigo; O vício é mesmo muito forte; Hoje percebo quanto as pessoas que fumam cheiram mal; O problema deles é que estão loucos para fumar e para evitar a tentação querem que você apague o

seu; De vez em quando, pego um apagado e fico rolando na boca; Pegamos um cigarro sem que ninguém visse, experimentei e gostei; A nicotina, na minha experiência clínica, é a droga que mais gera dependência; A melhor sensação é saber que nada me domina; Nunca me passou pela cabeça largar o cigarro; Não acredito em idade; Tomo uma taça de vinho tinto no almoço e outra no jantar; Velhice é um diálogo permanente entre a vida e a morte; Nenhum medicamento substitui uma boa mulher; Já roubei dinheiro do meu pai para comprar cocaína; Não encosta em um copo de álcool, não cheira cocaína, nem toma remédios para dormir; Tudo o que estava à minha volta era um caos; Não tinha mais amigos nem projetos de vida; Achava que tinha o controle da situação, bebia um gole, cheirava e voltava tudo; Cheguei a ficar quinze dias fora de casa, perdida; Já tive vontade de voltar, mas me agarrei às coisas boas que conquistei sem as drogas; Sofria crises de abstinência horríveis; Permanentemente, a droga é um referencial na minha vida; Percebi que acabaria virando um bandido; Afastei-me do grupo e o inferno voltou; No auge de minha euforia quis saltar do alto de um prédio; Estou livre do tormento há onze anos; Sensação de bem-estar nascia no umbigo e se espalhava para o resto do corpo; Ainda sonho com as sensações maravilhosas da droga; Eu era um drogado de luxo; Vivia ansioso para ficar a sós com a droga; Comecei a beber ainda na escola e levei o vício pela carreira afora; Havia muito eu sabia o que era cheirar benzina, quando dei por mim, estava nas drogas injetáveis e no crack; Quando a droga me pegou, andava com uma agenda no bolso com telefones de clínicas; Eu me entreguei às drogas: maconha, cogumelos, bolinha, coca, tudo misturado ao álcool; Comecei a conversar comigo, me tranquei para o mundo; Há quatro anos estou limpo e nem por isso posso interromper meu tratamento; Tive insônias, crises de ansiedade, medos variados e um vazio imenso; Lá embaixo, em vez do asfalto, eu via uma lagoa cristalina, estava ficando completamente paranóico; Cheguei a beber álcool puro para cortar a fissura do pé; Inconscientemente eu a matava; Sou de um tempo em que o cigarro era exaltado pelo cinema e jamais consegui parar; Não cogito largar o cigarro e não admito patrulha; Fumo apenas socialmente, mas defendo as campanhas anti-tabagistas; Sei que faz mal à saúde, mas não consigo parar; Quando você fuma, não segue uma seqüência lógica; Vou continuar usando enquanto me fizer bem; Para mim funciona como um drinque depois do expediente; Eu achava que infarto era coisa de homem; Ganhei o único campeonato oficial de chope realizado no Rio, há uns 15 anos; Levei três horas e tomei 57 chopes duplos; Tomo meu chopinho sim, ninguém é de ferro; Gosto de beber um garoto com colarinho, dá uma relaxada fantástica; A matriz é o chope, o resto são filiais; A paranóia era ser feliz; A gente troca a cervejinha de domingo por uma pílula e passa a tarde no parque jogando conversa fora; Não há nada melhor que dançar sobre efeito do ecstasy; Você fica animado, as preocupações somem e a vida ganha perspectiva muito melhor; O organismo não fica dependente da química da droga, mas do prazer que proporciona; Quando lembro o que senti, tenho vontade de tomar outro comprimido imediatamente; Desconheço viciados em ecstasy, e não vejo problema no uso experimental; Como

o ecstasy é uma droga associada ao clima descontraído das raves, ninguém desconfiou da gente, ali no meio da cidade, dos cachorros, das crianças; Meninas aprendem que sexo dá doença, gravidez e má fama, não podem aproveitar mesmo; Hoje, já consigo ter prazer sozinha, fico com vontade de ver uns filmes e tal; Agora uso uma pomada vaginal também à base de testosterona, só que com uma dosagem bem mais fraca; Desde que comecei a tomar vitamina C, sinto mais disposição; Se desse problema, já tinha morrido, vou continuar tomando; Quem come verduras, frutas frescas, proteína e pouca gordura, não precisa tomar nada; Comecei a me sentir psicologicamente doente por tomar tanto remédio e não ver resultado; Nem sempre consigo, por isso tomo polivitamínicos em dias alternados; Parece religião, é como se estivessem engolindo hóstias; Hoje só fica impotente quem quer; O que era bom, ficou fantástico; É uma turbinação de quatro a cinco horas, uma coisa de louco; Vivemos seduzindo e sendo seduzidos; Fala-se tanto dos poderes da pílula que ficou difícil dizer não; Quando senti que meu rosto e olhos inchavam, corri para o hospital; Fui influenciado por eles e pelos anúncios; Alguns acham que quem fuma cigarros acaba usando drogas; Até quando beija, o fumante ouve reclamação; Fiquei impressionada com o estado dele e a dificuldade de respirar; Toda vez que acendo um cigarro penso no mal que ele faz para a saúde; Não é a nicotina que me faz falta, mas não ter nada para colocar na mão; Comecei porque quis, posso parar quando quiser; As pessoas devem poder fazer o que quiserem com o corpo; Eu fumo maconha; Fumo na frente da minha mãe, que já entende que não é algo do outro mundo; Fumei apenas uma vez com meu pai, na casa de um amigo dele, foi estranho; Fumo desde os 18 anos, nunca parei de trabalhar e jamais escondi isso de meus filhos; Eles nunca me viram chacoalhando um copo de bebida com gelo, caída no sofá; Ela nunca reprimiu, por isso jamais me senti um viciado, um bandido; Espero que para meu filho a maconha não seja uma droga proibida; Fumo todos os dias, em geral em meu ateliê, antes de pintar; Considero muito mais danoso dizer que alguém que fuma é criminoso do que qualquer efeito da droga; Quando bate, a pessoa nem consegue continuar fumando, fica preguiçosa, relaxada; Não consigo concordar que consumir maconha seja um mal para a sociedade; Defendo a legalização não apenas pelo usuário, mas pelos que não usam droga nenhuma e são afetados pela violência do tráfico; O fato de ser neurologista e saber dos efeitos dela no cérebro me leva a filosofar antes de um baseado; Teve um acesso de raiva, chutou móveis e acabou se machucando por causa disso; Chutou móveis, arranhou-se nas pernas, bateu a cabeça nas paredes e chorou muito; Cantava em dois bares, ganhava umas drogas de presente; Voltei a tomar cerveja, aí comecei a pegar pesado; Não achava que precisava cheirar para cantar, mas ia de onda, tinha bastante e sempre mandava uma; Meu problema hoje é que bebo, entorno uma cana, eu gosto de birita; Essa coisa de birita com cocaína é muito ruim, faz mal, deixa a pessoa agressiva; Durante a gravidez parei porque, milagrosamente, enjoiei de cigarro, café, maconha, de tudo; Senti dores, desespero e medo e tive intensas crises de choro; Achava que havia muita hipocrisia no meio musical em relação ao assunto drogas; Eu tinha me conformado

em ser meio maldita; Fiquei três anos e meio internado, fui submetido a 21 sessões de eletrochoque e até hoje tenho seqüelas físicas e psicológicas; Todo dia fumo pelo menos um baseado e bebo uma cerveja; Perdi o ano e o interesse pelos estudos; Não passo mais o dia inteiro chapado, tenho outras prioridades; Com o diálogo, a gente evita atitudes hipócritas como as da família real britânica; Com 14 anos, fumava maconha e tomava lisérgicos para ver o pôr-do-sol; As pessoas que mergulham fundo na experiência percebem que a droga não abre os horizontes; É muito mais fácil lidar com os nossos problemas quando estamos sóbrios; Era só sair de casa que jogavam drogas na minha mão; É a volúpia da transgressão, foi assim que me viciiei em cigarro; Cocaína faz você perder seus sentimentos e, depois, o respeito pela outra pessoa; Usei a palavra merda para desglamourizar a droga; Não sou radicalmente contra a droga, mas pelo livre-arbítrio; Tornar pública minha condição de dependente químico é uma forma de ajudar; Quando estão em abstinência, alguns ficam bastante agitados e chegam a destruir móveis; O Santo Daime me ensina a levar uma vida mais saudável e feliz; O negócio é entrar turbinado, é como o espinafre do Popeye; Fico mais leve, mais tranquilo, chego nas princesas mais fácil; Bebendo me sinto menos tímida e mais sociável.

#### ***e. Sujeito farmacotímico - sentido do gozo***

Notícias provocam o desejo; Modelos da geração jovem usam a *marijuana*; Uso dos tóxicos é apenas um elemento de comunicação; Idéias avançadas; Só a liberdade pode conferir responsabilidade; Insana folia medicamentosa; Germes inofensivos embriagados pelos antibióticos podem virar patogênicos; Auto-medicação, para a alegria e os lucros da indústria farmacêutica; Não consomem nada, nem roupas, nem sapatos, muito menos medicamentos; Receita pão com gorgonzola e uma boa talagada de cerveja preta; Saúde para todos!; Grupos discretos e esparsos de boêmios, grã-finos, artistas e policiais; Grupos mais badalados da crônica social são fãs do pó; Pessoas decidiram afinal cheirar a cocaína na sala; Linha de acessórios para o cerimonial do pó; Uma terra que desconhece o cansaço, a depressão, a fome e o sono; Em busca de consciência, a juventude curte o fumo, que tem uma função existencial; Fumantes de maconha escolheram a introspecção; Bebedeira culmina no grito, a alucinação, no silêncio; O pó veio para ficar, já criou mesmo todo um folclore em grande parte anedótico e especulativo; Muitos serão aqueles que acenderão mais um cigarro; Fica ao critério de cada um fumar ou não; Fumem apenas socialmente, como um ato de elegância; O copo nosso de cada dia; Bebidas alcoólicas são encaradas com naturalidade; Desempenham o papel de 'lubrificante social'; Permanece imprecisa a fronteira que separa um alcoólatra de um bebedor social; Humanidade está duas doses abaixo do normal; Alcoólatras não foram inventados por nós; O aprendizado do vício; Segunda geração de



maconheiros; Na busca de identificação com os universitários, procuram copiar-lhes os hábitos; Jovem costuma chegar aos tóxicos pelo caminho da curiosidade; Paraíso químico que existe dentro das casas; Onde há o que se chama de 'delírio'; Maconha é planta, sai da terra; Vinho nacional conquista finalmente seu lugar ao sol; Bebida de todas as horas; O mercado se diversifica; É um saudável círculo vicioso; Consumidor se acostuma com o que é bom e cobra cada vez melhor qualidade do produto; Hoje temos vinhos honestos; Para os bons vinhos, sugere respeito absoluto; Somos produtores de bons vinhos jovens; Mesmo tipo de prazer não muito especial que nos dão os vinhos franceses não qualificados; Ela só consumia cerveja e vodka; A diferença dos alucinógenos ou da maconha, a cocaína é uma droga de satisfação garantida; Elis brincou muito com a vida, só as grandes pessoas têm essa audácia; Circulando num meio onde o consumo de drogas pode ser tão banal quanto o de garrafas de cerveja; Diminuir os teores sem fazer com que o ato de fumar perca totalmente o gosto; Fascínio inesgotável; As drágeas coloridas ou os comprimidos efervescentes das vitaminas estão sendo devorados; Uma seita de 'vitaminófilos'; Advertências como essa são incapazes de conter o consumidor; Homens continuam a procurar, nas vitaminas, o segredo da saúde e do prolongamento de suas energias; Bebe mais e bebe melhor; Segredo se esconde ao pé do rótulo; Regra, nesse território, é aderir quase incondicionalmente; Resistências estão superadas; Somos mais que amigos do vinho, somos seus amantes; Muitas pessoas estão aprendendo a apreciar vinho; Fazer vista grossa para fatos como esse (cheirar cola); Esse hormônio não faz mal a ninguém; Ruschi gosta de se automedicar e fazer dietas absurdas; Toma qualquer tipo de remédio, basta ser anunciado na televisão; Ferramenta de trabalho do executivo dos anos 80; O café e o açúcar são drogas do trabalho, a cocaína é a da hora extra; Coca é um aliado perigoso, mas que pode ser precioso quando usado com sabedoria; A cocaína reflete com rigor a racionalização, a competitividade e os valores hierárquicos da década de 80; Há uma certa cumplicidade nesse tipo de coisa e só quem está envolvido percebe; Existem agências de publicidade que acham seu uso positivo; Droga é usada essencialmente como aproximador social e tem o mesmo papel do uísque; Insaciável mercado americano; Naturalidade com que se consome álcool ou se fumam cigarros; Bebidas alcoólicas que não são menos nocivas que um baseado ou uma carreira de pó; Vinhos brasileiros: delícia de safra; Mais prazer no cálice; Jovens de muita personalidade; Emoções que fariam estremecer seus ancestrais; Até as mãos de ávidos consumidores; Degustando garrafa por garrafa ao longo dos meses; Benfazeja 'troca' entre elementos da madeira e do vinho; Juntar um cacho de uvas à cabeça do boi que adorna o escudo da cidade; Facilidade com que as drogas despertam sensações ocultas; Círculo fechado do consumo; Grande divertimento são os bares, discotecas e boates; Conheça as suas manias antes de tentar parar; Se comprar e fumar cigarros não é crime, porque seria uma violação anunciá-los?; Convidado a ir para a cama – em companhia de geladeiras, perfumes ou jeans; Garrafa de bebida sempre fez parte dos arsenais de sedução; Armado de um pedaço de pau, o agressor é um dragão

movido a remédio; A geração dos super-remédios; Futuro na prateleira; Investem fundo na vaidade humana; Nas próximas décadas centenas de novos medicamentos para as mais variadas mudanças de humor no ser humano; Tempo e disposição para se concentrar na eliminação das razões que levaram ao hábito de fumar; Cada pessoa busca um substitutivo; A dose do mais forte; Empresas com fôlego financeiro suficiente; O próprio mercado é capaz de ditar suas regras; O boom dos dietéticos; Dietéticos esbanjam saúde; Doçura esbelta; Produto dietético perdeu status de remédio para ganhar uma posição muito mais interessante frente ao público e ao fabricante: agora, ele é alimento; Número muito maior de locais de venda; Loucademia de musculação; Medicamentos produzem bíceps e coxas poderosos em poucas semanas; Hormônio sintético feminino pode ser comprado facilmente em farmácias veterinárias; Podem se drogar à vontade, o único controle é o exercido pelo bom senso; Varia de acordo com a cabeça de cada um; Colhem informações nas revistas Músculos e Força e Vigor, que devoram, colecionam e em cujas 'dicas' crêem piamente; Os venenos de cada dia; Efeitos da modernidade que mata o bicho da fruta e a prazo envenena o cidadão; Grande boca-livre; Como todo mundo em Zurique, Michel consumia drogas; Massageado entre as gengivas e engolido o excesso com saliva; Procura pelas drogas aparece em alguns ramos profissionais que se sofisticaram nos últimos tempos; Nunca foi tão fácil comprar drogas nos colégios; Ninguém vai aceitar droga de quem não conhece; As drogas nunca foram tão baratas; Muitos adolescentes viciados se queixam de que os próprios pais consomem drogas; Fuma-se e cheira-se cada vez mais nas escolas, mas também fuma-se e cheira-se mais ainda nas agências de publicidade, nas redações dos meios de comunicação, nos escritórios de profissionais liberais e nos gabinetes das grandes empresas; Passaporte para um estágio especial de sensibilidade; A expressão 'fazer uma carreira de brilho' podia significar ambas as coisas; Cocaína numa festa, não vou me comportar como um monge; Universo paralelo que elas produzem; A AIDS de cada dia; Overdose de descaso; Desinformada e sem acesso ao serviço médico, boa parte da população se automedica, acreditando em propagandas enganosas ou em conselhos de balconistas de farmácia; Tudo depende do mercado; Podem ser anunciados livremente em jornais, revistas, rádio e televisão; Controvérsia sobre o efeito desses produtos; Temos um estoque em casa; Colocava supositórios com cocaína; O poder das superdoses; Química da vida; Uma terapia que dá gosto; Retardar o aparecimento dos sinais da velhice; Indústria farmacêutica está rindo à toa; Viver melhor e por mais tempo; Metabolismo celular regado por esse coquetel foi algo formidável; Evidências para que os adultos sadios aumentem seu consumo de vitaminas; O melhor a fazer é correr até a farmácia da esquina; Promoção das vitaminas da condição de alimento para a de remédio; Vale a pena obter o conselho de um profissional antes de fazer a lista das vitaminas e sair para a ronda das prateleiras; Hábito complementar à alimentação com cápsulas mastigáveis vitaminadas; Formato imitando bichinhos; Terapia das vitaminas está já ao alcance de quase todo mundo; Sempre tive boa saúde, mas fui convencido pelas evidências de que as vitaminas inibem a

ação dos radicais livres no organismo; Delegado dos sonhos do drogado; Acendeu-se a pedrinha da percepção social; O crack desaponta a noção de prazer que se espera de uma droga; Estado de pura necessidade de ficar drogado; De dez pessoas que eu conheço, sete estão fumando pedra; Tenho saudade desse tempo: era cocaína, álcool e maconha; Em quatro ou cinco meses descabela e larga a resposta; Droga que cai como uma luva nas ansiedades de um miserável desempregado; A cerveja invade a copa; Cerveja põe seu dedo na copa; Disputa gole a gole; Onde se bebe mais cerveja; Empenhados em doses desconhecidas, em busca do coração e do paladar do consumidor; Cerveja é um produto que como nenhum outro, exceto o carro, desperta uma relação de afeto no consumidor; Cerveja também é gregária, mais que gregária, ela é festiva; Barato total; Viagem alucinante; Hábito de fechar um baseado em família é cada vez mais comum entre os adolescentes; Maconha é inofensiva se comparada à cocaína, à heroína e ao álcool; Ex-hippies que popularizaram as drogas e exercitaram o sexo livre; A repressão fracassou; Liberar os entorpecentes seria sensato e humano; Drogar-se seria um direito da pessoa, mesmo que pudesse fazer mal; Grandes vilões estão expostos nas prateleiras do mercado legal – álcool, tabaco, acetona, remédio para emagrecer, xarope contra a tosse e colírio; Espécie de aval ao consumo; Cigarro, por mais mal que faça, não destroça a personalidade; Combustível de empresários e profissionais; Sedutora e arriscada ferramenta de trabalho; Como se o prazer de ganhar dinheiro não fosse mais suficiente; Tranquilizantes e moderadores de apetite fazem parte do cardápio; Esfuziante sensação de ganho de energia; Executivos de hoje são os *hippies* dos anos 70; Velho e bom *happy-hour* costuma ser uma porta de entrada; Popular lexotanzinho; Fácil deslizar porque o álcool é uma droga liberada; Pessoas se isolam e o diálogo passa a existir apenas com a própria droga; Nos bares de Pinheiros e da Vila Madalena, em São Paulo, pode-se comprar crack com facilidade; Drogas legais; Compro na beira da estrada, sem receita; Farmacêutico me vendia algumas caixas; Ocupam lugar privilegiado na escala das drogas mais utilizadas pelos estudantes; É comum a vizinha sempre receitar uma fórmula mágica; Cultuam o corpo acima de tudo; Hábito de tomar e indicar remédios como quem diz bom-dia; Só podemos mostrar na tevê os remédios não controlados; Consumo de anfetaminas tem os mesmos efeitos e conseqüências do que o uso de cocaína; Até que é bom os remédios causarem dependência; O melhor das viagens são os rebites; Não existe coisa melhor que o rebite; A erva não é mais maldita; Cannabis do futuro; Adesão ao fumo; Baseado saiu da clandestinidade e parece não causar mais tanto temor na sociedade; Usuário não representa perigo para a sociedade; Acabo fumando um para saber o que é; Afastaram o fantasma de que um mero baseado é um vício sem volta; A vida desmentiu que o destino de quem fuma maconha é a sarjeta; Temos que calibrar a paranóia; Sensação de bem-estar, seguida de acessos de risos e euforia; Transformar a erva no principal produto agrícola americano; As explosões de consumo, produção e qualidade da maconha americana são frutos de dois pilares dos anos 90: a cibernética e a engenharia genética; Material de montagem da estufa

quanto os programas de controle informatizados podem ser comprados por reembolso postal; Segredo do cigarro turbinado; O direito à intoxicação; Aditivo químico usado e abusado pela indústria; Amônia é usada na fabricação de cerveja, pão, chocolate e refrigerantes; Fumantes aprendem a extrair do cigarro o efeito desejado; Tem todos os benefícios de uma droga socialmente aceita e fácil de ser adquirida; Sacrifício tão grande, tão doloroso, que a maioria das pessoas fracassa; Pessoal acaba indo trabalhar no maconhais; Maconha pode dar até quatro safras por ano; O cigarro de maconha, o pó da cocaína e as pedras de crack estão nas favelas, mas também nas escolas, nas festinhas de classe média, nos condomínios de luxo e nos bares badalados; Atrativo é o sabor da aventura; Gordura tem remédio; Medicamento assume o posto de maior aliado do gordo na hora da dieta; Esperança real para os gordos derrotados pelas dietas mais exóticas; Doses mínimas nos casos estéticos; Bares estão sempre lotados; Sentar para conversar sobre os efeitos nocivos da bebida e até tomar umas e outras com eles; Aceitar o fato naturalmente porque já fizeram isso no passado; O prazer e o vício; Usar o álcool para lidar com diversas situações do dia-a-dia; É no balcão das farmácias que as mulheres vão parar em busca de uma receita milagrosa; Dose cavalgar era repetida; Primeira bebedeira de um adolescente homem é até bem vista pela família; Um mundo à parte; Nada, nos 6.000 anos de convivência da humanidade com a bebida alcoólica, é óbvio e simples; Ponto em que a bebida vira remédio; Não é de hoje que a humanidade bebe – só no Antigo Testamento há mais de cinquenta referências ao uso inadequado da bebida; Quando se analisam vinhetas, comerciais curtos, bebidas alcoólicas lideram o ranking; A sociedade não faz outra coisa senão convidá-lo a beber; Historicamente, a bebida sempre foi usada com três objetivos básicos: alívio de angústias, contato com o sobrenatural e busca do prazer; Talvez tenhamos uma potencialidade à adição; Método de intoxicação mais popular na cultura judaico-cristã; Bêbados consagrados pela literatura, cinema e artes em geral sempre pareceram invejáveis; A natureza deu-nos a embriaguez natural do sono; É preciso estar bêbado de todas as mentiras vitais; O melhor da vida está na intoxicação; Bebedor normal, social ou moderado, é aquele que bebe menos do que o necessário para ter problemas médicos, sociais ou psicológicos; No Brasil, faz-se o pré-julgamento em relação à cerveja – não é ela que faz mal, e sim a cachaça; Na televisão, os anúncios mais sedutores são os de bebida; No momento em que o jovem coloca álcool em seu organismo, ele se sente mais tranquilo, mais solto, mais enturmado; Experimentação com drogas, entre jovens que bebem pesado, passa a ser regra, não exceção; Cada um sabe do seu beber; Sei o que fiz hoje, sei o que fiz ontem e acho que sei o que vou fazer amanhã; Não tenho nada contra ou a favor de quem fuma, nem nada a ver com essa ação; Doenças decorrentes do fumo não passam de acidentes; Transferir para o fumante a responsabilidade sobre o ato de fumar; Propaganda vincula o prazer de fumar ao sucesso; O que dizemos é: já que você fuma, escolha o meu; Sempre com mulheres lindas, cheias de pérolas, em casas e automóveis fantásticos; Cada um é dono do seu nariz e pode decidir se quer fumar ou não;

Mas o mito resiste; Em busca dos dias perdidos; Quem não usasse era careta; Quem transa com moderação, tudo bem; Todo mundo cheira, fuma, todo mundo faz qualquer negócio; Acho que não há limites; Mais comum é o uso de remédios antidepressivos e ansiolíticos; O remédio que corta o prazer da bebida; Álcool no corpo; Droga do bem; Para funcionar depende muito da cabeça da pessoa; Maior sensação de prazer ao beber; Dos males, o menor; Efeito cabeça; Baseado na moda; Como uma substância que é menos nociva que o álcool e o tabaco pode ter um tratamento jurídico mais rigoroso?; Maconha não pode ser mais vista como um demônio; Tudo depende de como e quanto se usa; Muita gente usa e não fica dependente; Experiência é um fator individual; Maconha pode ajudar a fazer o caminho contrário; Uso medicinal da erva é conhecido há milênios; Maconha volta com tudo entre os jovens abastados; Ronaldinho vende cerveja na tevê; Deus criou a natureza e a beleza da vida; Aprovado o remédio que resolve até 80% da impotência sexual; Satisfação garantida; Em busca da potência perdida; Tão simples quanto curar a dor de cabeça com uma aspirina; Ereções poderosas com uma aparência natural; Chás e cremes supostamente milagrosos, além de simpatias curativas; Gastam o que têm; Droga sutil; Depende do mistério que faz um homem desejar uma determinada mulher; Droga amplifica a resposta fisiológica normal; Humanidade sempre correu atrás da fonte da juventude; Como num passe de mágica, tudo ficou para trás; Insuficiente para dar conta dessa fome de um pelo outro; Velho e delicioso mistério que não pode ser entendido apenas pelo ângulo simplificador da biologia; Paixão e obscuridade de desígnios; Substâncias alucinógenas e estupefacientes fazem parte da história da humanidade; Uso eventual não conduz necessariamente à dependência; Rito de passagem para o adolescente; A pílula da potência: Viagra; Medicamento conquista de senadores a atores pornôns; Derruba os medos que o sexo desperta; O Viagra nas bolsas; Pílula da potência, diamante azul ou 'cálice sagrado da medicina' já está sendo consumido por brasileiros; Mais chique, por enquanto, é não ter necessidade do medicamento; Pretendo usar assim que precisar; Viagra elimina o medo de falhar; Uma droga revolucionária até como placebo; Lançamento do Viagra sustenta expectativas conflitantes; Tem remédio para dor de dente, dor de cabeça, porque não pode ter para o sexo?; Idéia de que uma pílula é capaz de dar conta de toda a complexidade do sexo e reduzi-lo à ereção; A mágica da pílula; Sucesso comprovado; Esse remédio é milagroso; Remédio teve o efeito de um foguete; Indústria farmacêutica abriu, com o Viagra, a temporada da busca do prazer; Sabe como é, maconheiro conhece maconheiro; Se fosse desagradável, não tinha tanta gente consumindo; É como oferecer Coca-Cola, todo mundo quer; Bombardeio no intervalo das novelas, nos painéis de ônibus e nas rádios populares favorece o consumo excessivo e descontrolado de remédios; Transformação das farmácias em supermercados; Promoções são o motor do consumo desordenado; Consume-se muito porque é fácil comprar; Juventude é aquela fase única em que tudo parece possível; Experimentar vorazmente o mundo adulto é da natureza dos adolescentes; Curiosos para testar a capacidade de aceleração; Prazer com responsabilidade soa como ladainha;

Horizonte de futuro deles é muito próximo; Droga está muito próxima de todos; Tempo para conversar com amigos e se divertir; Adolescente que saboreava a fama circulando em automóveis zero quilômetro; Promessa de animar a festa; Retomada de uma vida sexual ativa; Difícilmente alguém morrerá envenenado porque ingeriu um morango vermelho, bonito, brilhante, mas repleto de químicos; Difícilmente um leite contaminado será fatal; Surgimento de químicos mais eficientes e menos tóxicos; O que funciona é a forma como as frutas e os legumes são expostos; Agora é uma viagem sem volta; Sucesso da droga que promete emagrecimento sem (muito) esforço; Promete tornar o sacrifício de emagrecer mais leve; Comprar meia dúzia de caixas com a mesma tranquilidade de quem vai atrás de um analgésico; Encarada como uma pílula da felicidade que age sozinha; Atitude é muito rara numa sociedade em que o gordo encontra tentações em cada esquina; Pessoas precisam ajudar o remédio, que não faz tudo sozinho; Novos remédios melhoram a vida; Abuso de analgésicos; Conforto para ter ao alcance da mão; Consumo exagerado de remédios; Sexo para esse grupo já foi um prazer corriqueiro; Festa os aproxima da bebida; Comem muito para preencher algum vazio; Sensação artificial de prazer e bem-estar; Sensação de prazer proporcionada pelo cigarro é incomparável; Mal já pode ser vencido com a ajuda de remédios; Tão próximo e acessível; Que fim poderia ser mais devotadamente desejado?; Tomara que eu desfaleça e não tenha de enfrentar os fatos; É preciso ativá-lo artificialmente; Deveriam ter o remédio à sua disposição; Elas sofrem mais para largar o vício, e o mesmo acontece com as pessoas mais jovens; Primeira sensação é de bem-estar; Recaída deve ser encarada como um tropeço numa longa caminhada; Bom é na Argentina, onde fumar é quase uma religiosidade; Intolerância adicionada aos hormônios; Produtos consumidos no mercado interno não passam por uma fiscalização mais rígida; Empresas só têm a fila como empecilho para colocar produtos nas prateleiras; Aditivos são um mal necessário, sem o qual os alimentos industrializados perderiam no sabor, no aroma e até em seu valor nutritivo; Imperador da cerveja; O superbebê das loiras; Escolhas destinadas a animar e dividir parceiros de mesa; Empresa nasce com apetite para enfrentar os grandes competidores internacionais; Aproveitar todas as oportunidades; Ganhos para o consumidor e para o mercado; Remédios e terapias fortalecem idosos; Velhice erótica; O tempo é um ponto de vista; Propaganda reconhece na população de cabelos brancos um atraente nicho de consumo; Efeito Viagra; Aditivo do prazer; Turma do Viagra; Pílula é consumida por multidões; Prazer na idade madura; Dose de confiança embutida no pequeno losango azul; Viagra conseguiu levar a discussão sobre a impotência para a sala de visita e para a mesa de bar; Hoje só é impotente quem quer; Mil e uma novas utilidades; Devolve a segurança ao homem e provoca felicidade nas mulheres; Homem tomou doze pílulas, e a mulher morreu; Viagra para conhecer os limites emocionais e para entender melhor o próprio desejo; Viagra é um ótimo aditivo, quando o motor e o motorista são bons; Solução do problema na farmácia da esquina; Recair não é o fim; Incêndio está queimando antigas formas de olhar um velho problema: o uso de drogas; Manifestar uma opinião tolerante ou

revelar envolvimento; Nem sempre um baseado é caso de consulta médica; Substância que, embora ilícita, não ameaça a vida; Drogas é assunto na mesa de jantar; Entre ser flagrado e evitar a escola, o jovem escolheria o mais fácil; Consumo da sociedade atual tem uma função psicótica; Drogas permitem uma suspensão temporária da existência; É como se as drogas fossem medicamento da existência; Dependente terá um caminho para trilhar sozinho e só sairá da dependência se realmente quiser; Sexta-feira é o dia da semana apelidado pelos viciados de *sexta-cheira*; Recaída faz parte do processo de recuperação; Década de absoluta liberdade de mercado; Acesso fácil; Trazia alívio num passe de mágica; Versão legal da heroína, a mais devastadora das drogas; Consumo de morfina e substâncias similares entre os médicos só perde para o álcool; Poderoso combustível: um coquetel à base de morfina e dolantina; Viveu oito anos embalado por coquetéis de opiáceos; Doente é livre para decidir sobre caminhos terapêuticos; Mudança de comportamento da clientela é impulsionada pelo sofrimento; Pink Floyd e Coca-Cola; Efeitos de um sucesso estrondoso; Se você quiser, foge, volta para o mundo; É mais do que estimulante, tira a fome, o cansaço, a sede, não existe mal-estar; Maioria é iniciada na droga pelos companheiros; Pai fumava 'pedra' e maconha; Advertir que o fumo faz mal tornou-se uma amenidade; Anúncios de cigarro são bem recebidos pelo público jovem; Adolescentes sentem-se estimulados pelo clima de aventura e excitação trazidos em imagens belíssimas; Jovens começam a fumar por curiosidade; Controla a dependência química com um anti-depressivo; Cinema americano eternizou a aura do cigarro; Publicidade associa o vício a status, heroísmos, sensualidade; Maconha quase liberada; A tolerância aumentou; A polícia prende menos usuários, a Justiça condena pouco e a escola aceita mais; Quilômetros à frente de crack, cocaína, heroína ou ecstasy; Tolerância com o álcool e o cigarro produziu o fenômeno do 'cigarrinho' e da 'cervejinha'; Há quem use a expressão 'baseadinho'; Proporciona sensações compensadoras; Maconha tem sobre as concorrentes a vantagem de ser considerada uma droga leve; Ao contrário da cocaína, a maconha é uma droga mais democrática; Consumidores de hoje não se enquadram em nenhum estereótipo; Maconha resistiu ao avanço de várias outras drogas; Vantagem de não deixar a pessoa mais agressiva ou propensa a algum tipo de ato violento; Maconha é um poderoso relaxante mental e muscular; Cocaína é como uma bateria extra; Fumante de maconha revela certa autoconfiança, determinado tipo de coragem, porque faz algo que é proibido; Mais tolerantes são justamente aqueles que já fumaram; Se a maconha é tolerada largamente, o policial fica influenciado por isso; Termo jurídico: adequação social; Maconha atingiu um patamar que nunca havia alcançado: a aceitação; Principal paliativo para a ansiedade; Cigarro está intimamente associado à idéia de independência, autonomia e *sex appeal*; Loiro irresistível; Os melhores lugares para beber; Desce mais um!!!; Saborear a bebida mais desejada do verão; O caminho da felicidade; Cerveja, a paixão do povão; No gogó, o melhor copo para aquele chopinho; Oito bilhões de litros de chope e cerveja fazem a festa dos brasileiros a cada ano; Refrescante e dourado, o chope é um loiro exigente; À espera do

ávido consumidor nas gôndolas dos supermercados; Graças a sua jovialidade, tem-se a impressão de que o chope é mais leve; Bebida era essencial para a nutrição do povo egípcio; Boêmios, intelectuais e simples – porém, nobres – bebedores; Tintim!; Livro termina com Jesus Cristo, que transformou água em vinho; Os genéricos atraem o consumidor; Marketing dos gigantes da indústria farmacêutica; Conhecido como ‘pílula do amor’, o ecstasy saiu do gueto clubber; Ecstasy ganhou terreno; Comercializado não pelo típico traficante de favela, mas por moças e rapazes de boa estampa, também usuários; Falsa excitação configura a antítese do comportamento das pessoas sob efeito do ecstasy; Luzes ganham brilho especial e os olhos ficam mais sensíveis; Qualquer toque no corpo tem o efeito multiplicado; Razão que faz do ecstasy uma droga social; Adquiriu a imagem de droga ‘benigna’, o que amplia o seu poder de sedução entre a juventude; Sempre mais tolerantes no setor; Entusiasmo dos usuários com as sensações provocadas; Para o bem ou para o mal, já está inserida na cultura do século XXI; Prazer: a vez da mulher; Terapias e drogas que aumentam o desejo e estimulam o orgasmo; Orgasmo em pílulas; Expectativa da tal revolução química do prazer; Mulheres querem algo que as ajude a ter mais desejo e facilite a chegada ao orgasmo; Sonho da indústria farmacêutica; Repetidas cenas de sexo mostradas no cinema e na TV parecem o sonho do ejaculador precoce; Terapeutas sexuais recebem de bom grado as contribuições da indústria farmacêutica; Caminho de auto-conhecimento em todos os sentidos, e de responsabilidade por seu próprio prazer; Poderes dessas substâncias; Em busca do equilíbrio; Salada química; Vitamina de cada dia; Espécie de panacéia para todos os males; Maravilhas das cápsulas; Supostos poderes da substância; Efeitos milagrosos; O próprio corpo pode se encarregar de fazer os reparos; Tal entusiasmo ilustra como os brasileiros estão cada vez mais encantados com as promessas dos suplementos; Se você quer acreditar numa coisa, ela pode acontecer; Limite seguro para consumo; Ideal é que as dosagens sejam equilibradas; Apelo mercadológico é grande; É a dosagem que diferencia o remédio do veneno; Difícil é seguir essa recomendação; Homem quer ter saúde, mas não quer fazer sacrifícios; Pílula mágica que resolve tudo; Nova pílula do amor; Consumo do Viagra explode; Química para o amor; Contamina também os capazes de funcionar sem aditivos; Remédios ajudam a combater as causas orgânicas; Remedinho ‘receitado’ por um amigo; Vendidos sem exigência de prescrição médica; Dizer à criança que xarope é frescor ou docinho; Automedicação responsável; Fumantes nada passivos; Imagem passada pelos fabricantes associa o fumo ao sucesso e à juventude; Fumar deixa o cafezinho mais gostoso; Poder fumar em espaços dignos e arejados; Número cada vez maior de brasileiros ignora a lei e usa a droga; Maconha é a personagem principal; Erva maldita está se transformando em erva de charme; Evidência epidemiológica: nunca se fumou tanta maconha; Usuários estão dispostos a falar sobre suas preferências; Apreciar maconha como quem toma uma cerveja; Erva é tão natural quanto o uísque; Maconha é apenas algo para se sentir bem; Maconha é apenas para relaxar; Cabe a cada um decidir se quer usar; Dar uns tapinhas depois de um dia



estressante; Até o presidente da República já admitiu ter fumado maconha; Elegia ao tetrahydrocannabinol, a popular *Cannabis sativa*; Para quem já usou muita cocaína, beber é fatal, dá uma vontade incontável de cheirar; Transparência na mesma medida da rebeldia; Para além do rock, das baladas românticas, da droga, do álcool e do transbordamento descontrolado, era a expressão cristalina de uma vida nada monótona; Lucidez ajuda, mas tem hora que é um saco; Vender a adolescentes ávidos por contestação e auto-afirmação ícones indestrutíveis, poderosos, rebeldes, a indústria da música pop; Resta a droga como ícone da rebeldia; Glamourização do uso da droga; Artistas glamourizam a droga assim como o cinema glamourizou o cigarro; Procura de algo novo, desconhecido, de uma consciência diferente; Sinais de que fumavam de vez em quando, mas isso não os atrapalhava; Vitória vermelha; Abandonar o vinho branco em favor do tinto; Em todo o mundo o consumidor procura bebidas de qualidade; Avanço da enologia, nos últimos anos, permitiu a produção de boa bebida; Casca das uvas escuras possui substâncias que geram perfumes e sabores únicos; Truques químicos podem resolver diversos problemas; Qualidade da garrafa comprada pelo consumidor médio melhorou; Nunca se bebeu tanto e tão bom vinho quanto se bebe hoje; Insistia na defesa de uma relação íntima entre experimentação alucinógena e criação artística; Pessoas criativas em geral é que normalmente se beneficiam; País onde o consumo de maconha é tão grande que deixa seu aroma característico em locais de concentração de jovens; Vigoravam entre a juventude variações da utopia de auto-conhecimento e libertação espiritual; Trinta anos atrás a droga tinha seu charme e seu uso chiquíssimo; Consumo de maconha era aparentemente tolerado; Drogas libertárias, capazes de ampliar o auto-conhecimento, categoria em que se classificavam a maconha e o LSD; Drogas ligadas ao desempenho, à competição e ao mundo profissional, como a cocaína; Esse tipo de campanha não funciona, estabelecem uma atração ainda maior pela droga; Quem depende da droga sabe que ela não é ruim; Existe uma estética drogada na propaganda, com modelos de olhos fundos, jogadas num canto; Essas substâncias não são problemáticas para todos; A era dos Super-Remédios; Medicamentos de última geração estão devolvendo a esperança a milhões de pessoas; Farmácia de bilhões; Química é dinheiro; Corrida contra o tempo; Viagra é uma mina de ouro; Pai da psicanálise sonhava com a invenção de um comprimido da felicidade; Avançou-se de forma impressionante no campo dos antidepressivos; O círculo é virtuoso; Todos estão atrás de um remédio que acelere o metabolismo dos gordinhos; Potência analgésica equivalente à da morfina, mas não oferece risco de dependência; Tão importante quanto fabricar um super-remédio é anunciá-lo com estrondo; Deu no que deu: um super-hiper-mega-remedião; Maconha é considerada pela literatura médica uma droga leve; Maconha é tolerada pela sociedade e apresenta um certo charme; Não causa dependência química nem síndrome de abstinência; Chá alucinógeno legalizado no Exterior; Cultos baseados no consumo de alucinógeno da Amazônia fincam raízes; Santo Daime, uma religião genuinamente brasileira baseada no consumo da *ayahuasca*; Sincretismo daimista mistura crenças

e símbolos; Fazem uso da *ayahuasca*, a bebida de cor de terra e gosto amargo; A *ayahuasca* induz estados alterados de percepção; Processo de auto-conhecimento e melhor compreensão do mundo; Em busca de mais um barato, encontraram uma religião; Uso da *ayahuasca* é um atalho para entrar em contato com o divino; Poção sagrada foi liberada para fins religiosos; Princípio de liberdade religiosa que assegura o consumo do peiote; Daime ganhou publicidade com a adesão de artistas globais; Porque os jovens bebem tanto; 42% dos jovens de classe média bebem regularmente; Droga da moda é legalizada; Beber pesadamente é um hábito que ganha adeptos; Grupo que freqüenta bons colégios e tem uma mesada significativa para passear e consumir; Bebida não é vista como um perigo; Garrafas de cachaça nas mãos dos rapazes chamam a atenção; Em menos de 20 minutos, eles querem beber o máximo possível; É melhor que consumir drogas; Adolescentes de hoje atacam a garrafa seguindo o mesmo padrão de quem consome drogas ilícitas; O máximo possível, no menor período de tempo; Jovens aprenderam a relaxar segundo o único modelo à vista, dos adultos; Funciona como uma espécie de autorização branca; Como tantas boas coisas da vida, o problema não está na substância em si, mas no exagero e no descontrole.

#### **f. Brasil e subjetividade do brasileiro**

Dolorosamente em nosso país; Brasil tornou-se o oitavo consumidor de remédios do mundo; Pobre nação; No Brasil, onde se vendem livremente medicamentos proibidos em outros países; Este país tropical representa um mercado especialmente fértil; Os grandes laboratórios nacionais foram comprados ou absorvidos pelos estrangeiros; Central de Medicamentos – CEME – deve limitar-se; 20 milhões de brasileiros são economicamente ativos, os outros vegetam; Brasil cobiava de medicamentos; Brasão da República exibe como riqueza nacional uma substância tóxica: um ramo de fumo entrelaçado a outro de café; Brasil é o segundo consumidor de cigarros do mundo; No Brasil, amplia-se o grau de utilização do medicamento, não havendo qualquer advertência quanto à sua toxicidade; Brasil amplia sua legião de alcoólatras e é líder mundial no consumo de bebidas destiladas; Brasil age como se o alcoolismo não o afetasse, um traço de comportamento típico do alcoólatra; Cachaça está acabando com o subnutrido povo brasileiro; No Brasil, pelo menos 60% dos alcoólatras bebem para agüentar a vida que levam; Brasil elege o vinho branco como bebida versátil; Foram as multinacionais instaladas na viticultura brasileira que fizeram subir a qualidade do vinho brasileiro; Paladar do brasileiro está mudando; Brasileiro está convivendo melhor com o vinho; A velha cachaça, as novas sensações da cocaína, a trágica miscelânea do velho e do novo, de repressão e libertação, em que o país sempre viveu; Fumantes nativos afinal podem saber o que efetivamente estão tragando; Decisiva virada de página na história do tabagismo no Brasil; No

Brasil, faltava a debates do gênero um elemento essencial; Riscos e vantagens dessa mania brasileira; Neste animado consumidor, afigura-se o perfil típico do brasileiro que recorre a vitaminas; Acusa os grandes laboratórios de ministrarem excessivas doses aos brasileiros; Coqueluche americana que o brasileiro começa a incorporar a seus hábitos dietéticos; Liberalidade com que se usam no solo brasileiro pesticidas sob suspeita; Brasil precisa racionalizar o uso de defensivos agrícolas; Alguns produtos usados no Brasil são mais perigosos que a morfina usada na prática médica; No Brasil, o DDT só tende a expandir-se; Brasil permite que pesticidas proibidos no exterior sejam vendidos aqui sem nenhum controle; Usados racionalmente, eles são necessários ao Brasil; Brasil melhora o paladar; País volta-se para seus vinhos; Brasileiro ainda engatinha nesse terreno; Brasil está dando passos enormes na qualidade de seus vinhos; Brasil não está em condições de perder um homem da estatura de Ruschi; Medicina indígena é uma das formas de medicina no Brasil e tem fortes raízes culturais; Brasil está passando a maior produtor mundial de cocaína; Brasil é o campeão de figuras jurídicas para proteger o infrator; No Brasil, parte da sociedade ainda se debate com dúvidas francamente elementares; Em matéria de educação enológica o brasileiro ainda tem um bocado de chão a palmilhar; Brasil tornou-se corredor obrigatório não só para o envio das drogas, como acabou virando base fixa dos traficantes; Estado brasileiro tem justamente nos cigarros sua maior fonte de receita fiscal vinda de produtos; Brasil parece mais caminhar para um quadro do estilo alemão; Forças de reação espasmódica que os brasileiros acostumaram-se a observar em ação; País anda muito desequilibrado, as pessoas estão frustradas e insatisfeitas; Brasileiro gosta do progresso, das novas tecnologias; Governantes criaram um país onde a lei só vale para os trouxas; Farmacologia do futuro chega ao Brasil; Dependência do país frente aos laboratórios internacionais é acachapante; Única lei federal que trata do tabagismo no Brasil limitou-se a instituir o dia 29 de agosto como o dedicado à luta contra o fumo; Indústria farmacêutica no Brasil vive de picos e vales; Deixar de vender para o Norte e o Nordeste; Brasil não está hoje nas prioridades do capital mundial; No Brasil, o problema naturalmente se agrava; Único controle sistemático de contaminação de alimentos existente no país é o do Instituto Biológico; Durante dez dias o país foi envolvido por uma farsa; Adolescente brasileiro não é iniciado nas drogas pela maconha e coca, como se pensa, mas por lança-perfumes, anfetaminas e outras substâncias; Brasil possui estrelas com antecedentes criminais; No Brasil, onde o primeiro escalão do tráfico cruza-se com os barões do jogo do bicho e as grandes quadrilhas de contrabandistas, os números econômicos são gigantescos; Se todos os guitarristas brasileiros mergulhassem numa piscina de LSD, não sairia de lá um único Jimi Hendrix; Má-fé, incompetência e ignorância põem em risco a saúde do brasileiro; Grave na indústria farmacêutica brasileira é a fabricação de remédios com princípios ativos associados; No Brasil parece que está tudo de ponta-cabeça quando se fala em medicamentos; Médicos brasileiros também aderiram; No Brasil não existem pesquisas relacionando criminalidade e drogas; Uma das mais agressivas

campanhas publicitárias que o Brasil já conheceu; Brasil está cansado de espertalhões; Campanha de otimismo 'para estimular o povo a acreditar na seleção brasileira'; Você não pode pegar para si o que é o Brasil; Confundir o 'B' de Brahma com o 'B' de Brasil; Categoria do consenso nacional; Brasileiro é o maior consumidor mundial de remédios para emagrecer; Em nosso país, há leis que pegam e outras que não; Motivo que faz do Brasil o maior consumidor de drogas anorexígenas do mundo é o péssimo costume que o brasileiro tem de se automedicar; Laboratórios instalados no Brasil são muito bem fiscalizados; Brasileiros acham que o uso da droga não é crime; Maconha *made in Brazil* é de péssima qualidade para os exigentes padrões atuais dos amantes do barato; Tabagismo no Brasil é um negócio de 7 bilhões de reais; Brasil é um clássico exemplo de país produtor e consumidor, onde o tráfico é interno; Brasil pode virar um importador de drogas sintéticas; Fumantes brasileiros podem cobrar nos tribunais os danos causados à saúde; Brasil é o maior exportador de tabaco do mundo; Doença que pode ter origem genética, social e individual, atinge pelo menos 16 milhões de brasileiros; No Brasil, a bebida alcoólica é muito barata e de fácil acesso; Maconha lidera apreensões em São Paulo e é a segunda entre os adolescentes no Brasil; 20.000 pessoas morreram no Brasil vítimas da dependência química, entre casos de overdose, suicídios e assassinatos; Ameaça das drogas é a quarta maior preocupação do brasileiro; Dez milhões o número de homens com alguma deficiência sexual no Brasil; No Brasil, cerca de 30% da população masculina sofre de ejaculação precoce; Brasileiro vulnerável à auto-medicação; Brasil tem excesso de farmácias, distribuidoras inadequadas e todo tipo de lixo terapêutico; Brasil é considerado um dos principais mercados para a expansão dos laboratórios; Brasileiro é irresponsável e não percebe que tomar medicamento é um ato técnico; Não há país onde a vida se perca tão precocemente quanto no Brasil; Brasileiras estão cheias de dúvidas; Consumidor brasileiro demonstra estar disposto a pagar caro pelos produtos orgânicos; No Brasil o número de licenças médicas no trabalho devido ao alcoolismo é o triplo do causado por outras doenças; Brasil pode alegar que a responsabilidade pela venda no país é dessas empresas; Aumento da escolarização no Brasil incluiu uma população que estava fora da escola; Brasileiros se expõem à ameaça que atinge os europeus; Falta de fiscalização ameaça a saúde dos brasileiros; No Brasil, empresas e consumidores não mantêm uma relação de confiança; A sede do brasileiro; Brasileiros estão vivendo mais e melhor; Importante transição demográfica do Brasil neste século, provocada por três fatores: acelerada queda das taxas de natalidade, aumento da expectativa de vida e inexorável envelhecimento da população; Brasil é o segundo consumidor do mundo; Multidão de brasileiros que se abastecem com cartelas vendidas sem receita; No Brasil, os usuários de maconha deveriam ter tratamento educacional; Brasil ainda não é a Holanda; No Brasil, o álcool é responsável por mais de 90% das internações hospitalares por dependência; Preços proibitivos para a maior parte da classe média brasileira; Centros brasileiros de recuperação seguem os modelos de tratamento americanos; Esmagadora maioria dos brasileiros acha que os preços dos

remédios estão aumentando muito; Estudos sobre drogas no Brasil ainda engatinham; Ofensiva sem precedentes contra a indústria do tabaco no Brasil; Indústria enfrenta turbulências no Brasil; Maconha é a droga ilícita mais tolerada pelos brasileiros; No Brasil, consumir drogas é crime; Estilo de vida atual causa mais mortes no Brasil; Brasileiros estão mais gordos, inativos e estressados do que nunca; Brasil mergulha em 8 bilhões de litros de chope por ano; Genéricos incorporaram-se aos hábitos dos brasileiros; Brasil vai servir de exemplo para outros países da América Latina; Para reunir argumentos, empresas promovem testes clínicos no Brasil; Droga entra no país contrabandeada do exterior; Mercado de vitaminas já movimentava US\$ 150 milhões por ano no Brasil; Impotência atormenta 47% dos brasileiros; Brasil é o segundo mercado em vendas no mundo; No Brasil, metade dos remédios controlados é vendida irregularmente; Vocação do brasileiro para a pajelança; Controlar a automedicação no Brasil é um desafio; Vício compartilhado por mais de 30 milhões de brasileiros; No Brasil há um excesso de regulamentação, maior do que acontece nos Estados Unidos; Chegam ao Brasil políticas liberalizantes adotadas em países como a Inglaterra e o Canadá; Brasil assinou uma convenção da ONU em 1998 em que se compromete a não punir o usuário com expulsão do trabalho ou da escola; Jovens brasileiros começam cedo a usar drogas e álcool; No Brasil o consumo de vinhos com garantia de procedência cresceu 500% em dez anos; No Brasil de hoje, fala-se de droga com preocupação, mas de forma aberta e amadurecida; No Brasil há por volta de 3 mil seguidores espalhados por cidades de todos os estados; Apenas o Brasil, a Espanha, a Holanda e, mais recentemente, os Estados Unidos permitem seu consumo; No Brasil, o uso ritual da bebida é autorizado desde 1987.

#### **g. Estados Unidos e Europa**

Moda que vem principalmente dos Estados Unidos; Moda universal; Consumo mundial; Nos Estados Unidos, a Food and Drug Administration mantém sob rigidíssimo controle a indústria farmacêutica; Medicamentos proibidos em outros países, de tecnologia mais adiantada; Multinacionais da doença não admitem a concorrência; Popularidade do pó virou moda nos Estados Unidos e na Europa; Departamento de Saúde dos Estados Unidos divulgou seu primeiro e estrondoso relatório sobre o fumo; Indústria americana, a causadora da maior epidemia do século; Nos Estados Unidos não pode ser comercializado em farmácias, nem com receita médica; Algo parecido com o Food and Drug Administration dos Estados Unidos; A exemplo do que ocorre nos Estados Unidos e na Europa; Como aconteceu nos EUA na década passada; Cocaína surgiu na sua viagem aos EUA no início de 1981; Aprovados pela Federal Trade Commission dos Estados Unidos; Grandes empresas americanas jogam pesado; Situação semelhante à dos Estados Unidos, país de 75 milhões de consumidores habituais de vitaminas; Temik foi proibido nos Estados Unidos por poluir gravemente

os rios e sob suspeita de ser cancerígeno; Viciados em drogas são responsáveis por dois terços dos acidentes de trabalho nos Estados Unidos; Resposta das empresas americanas tem sido agressiva; Boa parte desses hábitos e costumes é importada da matriz nos Estados Unidos; Nos Estados Unidos, onde 500.000 pessoas rumam atualmente para a morte injetando heroína em suas veias, 5 milhões desagregam suas personalidades cheirando cocaína e 20 milhões se distraem fumando maconha, que está sendo travada a batalha mais decisiva; Consumo de cigarros está em franco declínio nos EUA e no Canadá; Magníficas terras alcalinas de onde brotam os insuperáveis néctares franceses; As melhores uvas, as 'européias' ou 'viníferas', originárias do Mediterrâneo; Os Estados Unidos serão uma sociedade inteiramente livre do cigarro; Os Estados Unidos fornecem atualmente o mais elétrico laboratório de enfrentamentos; Americanos, por um tempero muito próprio de sua sociedade, conseguem esquecer as virtudes da moderação; Organizações como a Ku Klux Klan americana; Não estava ainda aprovada oficialmente nem mesmo nos Estados Unidos; Principal motivo de crítica nos Estados Unidos; Laboratórios americanos estão testando formas ainda mais diretas de inoculação da nicotina sem fumaça; Laboratórios europeus trabalham também num spray nasal de nicotina; Grosso do faturamento total do setor é das multinacionais; Represálias comerciais anunciadas recentemente pelos Estados Unidos; Nos Estados Unidos e na Europa não há o problema dessas doenças; Delegação dos Estados Unidos providenciou o retorno antecipado de seus membros para evitar o vexame da constatação do doping; Por pressão da Comunidade Econômica Européia, governo brasileiro está aumentando o controle sobre a carne exportada; Produtos importados não têm qualquer controle de qualidade; Denúncias da DEA – Drugs Enforcement Administration, um órgão do governo americano; Nos países desenvolvidos já é prática corrente usar o princípio ativo puro; Ao contrário das regras vigentes nos países de Primeiro Mundo; Grande maioria dos laboratórios nacionais simplesmente copia a fórmula desenvolvida nos Estados Unidos ou na Europa; Ao sabor da revolução que está em andamento nas farmácias, principalmente dos Estados Unidos; Há cinquenta anos, toda a cocaína apreendida em um ano nos Estados Unidos (1 quilo) cabia no porta-luvas de um carro; Nos Estados Unidos erva é cultivada por computador; Tetrahydrocannabinol (THC), foi sintetizado em laboratório há quatro anos, nos Estados Unidos; Nova *marijuana* é filha bastarda da política governamental americana de combate às drogas; Governo holandês considera a maconha um problema do Ministério da Saúde; A insuspeita Food and Drug Administration (FDA), agência americana, controla alimentos e remédios com mão de ferro; Oscila de acordo com a ação repressiva dos Estados Unidos; Nos Estados Unidos, estão progredindo os estudos para demonstrar as razões biológicas para a dependência; Comprimido azul que é sucesso nos Estados Unidos chega ao mercado brasileiro; Proibido na Europa; Nos Estados Unidos, os pediatras começam a investigar a má absorção do leite pelas crianças com a presença de sinais de pesticidas; Protagonista de uma carreira tão conturbada que a fez ser chamada de Marilyn Monroe brasileira; Nos Estados Unidos, os próprios cassinos promovem campanhas e

serviços assistenciais contra o jogo compulsivo; Processo nos Estados Unidos contra a indústria multinacional do tabaco; Os Estados Unidos têm dado exemplos perigosos a seus adolescentes; Medo com comida estragada não é privilégio do Primeiro Mundo; Laboratórios sofisticados não são, nem na Europa, garantia de transparência; No Primeiro Mundo os mais velhos estão se organizando em associações ou em ONGs e disputam espaço político; Desde abril de 1998, o Viagra desembarcou nas farmácias dos Estados Unidos; Em Londres, o comprimido é mais um ingrediente dos coquetéis químicos que embalam festas; Nos Estados Unidos, a postura de tolerância zero conseguiu baixar o consumo, mas o combate provocou tantas injustiças que se tornou um trauma social; Prática corriqueira nos Estados Unidos, a consulta a um segundo médico começa a fazer sentido para os brasileiros; Exportadores culpam as campanhas contra o tabaco nos Estados Unidos e na Europa pela queda nas vendas; Nos EUA, a estratégia deu certo; Países de todos os continentes adotaram leis restritivas; Os EUA são o berço da ofensiva mundial; A semelhança com os Estados Unidos está longe de ser uma coincidência; Em países como Estados Unidos e Alemanha os genéricos respondem por 40% das vendas; Embalos de Primeiro Mundo; Autoridades holandesas permitem que as casas noturnas mantenham de plantão uma equipe de químicos para testar, *in loco*, a composição das pílulas que seus clientes consomem; Na Califórnia, cientistas examinam o uso do ecstasy para tratar a depressão e a dor crônica de pacientes terminais de câncer; Nos EUA as medidas restritivas tratam apenas do consumo; Tipos de uva plantados na França foram adaptados com sucesso a outras terras; Avanço vermelho começou nos mais tradicionais bastiões da vinicultura, as regiões de Bordeaux e Borgonha, na França; De acordo com a ONU, existem 144 milhões de usuários de maconha no mundo; Mais recente Euromeeting foi realizado em março em Nunspeet, na Holanda; Nos EUA, a recente liberação do consumo da bebida foi conseguida nos tribunais pela União do Vegetal (UDV).

#### **h. Tempo projetivo – função preventiva**

Agrava progressivamente; Solução não pode ser o cárcere, mas informação, compreensão; Somente com a nacionalização da indústria química de base, com a criação de uma Quimiobrás, o mercado brasileiro de medicamento estará imune; Deixaremos de ingerir medicamentos proibidos no exterior; Investir em saneamento básico e educação; A ascensão da cocaína; Nova máfia latino-americana está em franca progressão; É bem possível que, dentro de algum tempo, a cocaína substitua a heroína; É preciso sanear todo o mercado de remédios; Será inaugurado laboratório de controle de qualidade para drogas, alimentos e medicamentos; Mudança de mentalidade dos fabricantes, consumidores e médicos; Alcoolismo feminino está em plena expansão; Consumo de drogas está se ampliando para faixas etárias de até 11 anos de idade; Maconha vai ganhando

adeptos por diversas razões; Ninguém espera que o vinho do Rio Grande do Sul se iguale um dia aos melhores franceses, italianos e alemães; É previsível que o mercado venha a agredir-se mais violentamente; O avanço da produção; Cada vez mais presentes nas prateleiras dos supermercados; Acionadas por 'delitos contra a saúde pública' e provavelmente vão ser apenas multadas; Indústria da droga é a que mais cresce no mundo; Rastro do crescente culto ao corpo e à saúde; Registrar os diversos micro-climas ali existentes e acompanhar o desenvolvimento das variedades plantadas; Está acabando o preconceito em relação ao vinho brasileiro à medida que ele vai melhorando; Consumo de drogas avança no país; Número cada vez maior de adolescentes; Cresce a segregação aos fumantes no mundo; Animosidade que cresce como uma bola de neve; Ao redor do mundo, a vaga anti-tabagista segue avançando; Confinamento do fumante, de geração em geração, a um grupo de pessoas mais pobres; Avanço de grupos destituídos de qualquer princípio ético, como gays e consumidores de drogas; Aventura futurista ainda inacessível à maioria dos mortais; Novidades vão continuar mesmo chegando do exterior; Brotarão das telas de computadores; Engenharia genética vai ser capaz de produzir qualquer substância de que o organismo necessite; Cresce o bloco das patentes; Cresce o número de consumidores brasileiros que não encontram o que precisam; Drama da juventude com as drogas reside no tamanho do problema, que se torna cada vez maior; Cada vez mais freqüentes nas grandes cidades as intoxicações por drogas; Atual onda de expansão das drogas; O menor abandonado, o menino de rua, o pivete, o trombadinha de olhar ameaçador que, em número cada vez maior, perambula pelas metrópoles; Aparecimento e proliferação das crianças-bandidas nas ruas; O tóxico que mais cresce; Cresce a percepção entre os usuários de que os entorpecentes são incompatíveis com o desempenho profissional; Decreto vai obrigar que os remédios tragam impressa na embalagem, ao lado do nome de fantasia, a substância ou princípio ativo; Discriminação do usuário vai aumentar o consumo; Ninguém mais vai subir o morro, pode plantar em casa; Crescimento do consumo e do tráfico reacende discussão; Crescimento do consumo de crack entre os jovens abastados é recente e avassalador; Aumento do uso de crack entre profissionais liberais e jovens de alto poder aquisitivo; Farmácias de manipulação cresceram 60 vezes mais do que os laboratórios; Apoio à discriminação cresceu e a sociedade convive com os usuários; Nova ótica da sociedade; Senso comum de que o adepto da *Cannabis sativa* com o tempo não se satisfaz só com o efeito da erva; Consumo de cigarro não pára de aumentar mesmo em países como o Brasil; Cultura ilegal da maconha é responsável pelo aumento da violência na região; Brasil entra nesse novo cenário como um dos principais mercados emergentes; Expansão do uso dessas drogas (ecstasy, LSD e anfetaminas) é uma das principais preocupações das autoridades internacionais; O avanço do crack; Cada vez mais comum entre os jovens; A cada geração indivíduos metabolicamente mais eficientes; Uma epidemia pela frente, uma maré gigante de problemas para a saúde pública; Jovens estão bebendo cada vez mais e mais cedo; Ela está cada vez mais dependente das drogas



legais; Número de mulheres dependentes químicas cresceu enormemente no intervalo de uma geração; Saída no futuro será a mistura dessas drogas; Número cada vez maior de pessoas entra no mundo das drogas mais cedo; De olho num mercado 'promissor'; Indústria que se expande sem controle e uma população suscetível; Matança entre iguais é cada vez mais comum; Críticos da indústria química consideram os transgênicos uma ameaça de perpetuação dos agrotóxicos; Cresce em todo o mundo o interesse pela agricultura orgânica; Produção orgânica ainda faz parte de um nicho, mas tudo indica que seu espaço crescerá; O futuro que se desenha é animador; Número de casos se multiplica; Ano a ano cresce o número de alérgicos a conservantes e corantes, principalmente entre crianças; Novos empreendimentos que abrirão espaços interessantes para jovens promissores; A era do envelhecimento, segundo a Organização das Nações Unidas, começou em 1975 e deverá se estender por mais cinco décadas; Estatísticas projetam um país no qual sistemas de previdência e saúde terão de ser reavaliados; Tomar a pílula uma hora antes do ato sexual é um ritual que vai se incorporando à rotina de multidões crescentes de casais; O consumo cresce; Fracasso dessa política e a conseqüente expansão do consumo; Faz parte de um crescente contingente de ex-dependentes químicos; Há cada vez menos pobres freqüentando os balcões das farmácias; Aumento do uso da droga multiplica a tragédia; Consumo cresce de maneira assustadora; Cruzada contra o cigarro avança no Brasil; Cada vez mais jovens; Consumo de maconha cresceu quatro vezes entre os adolescentes; Previsão de crescimento do setor apóia-se em fatos concretos; O futuro é das sintéticas; Ilustra a escalada de uma droga até recentemente restrita a tribos antenadas com as novidades do mundo dos alucinógenos; A cada dia, pesquisadores descobrem novas causas orgânicas para os problemas femininos; Consumo aumenta entre os brasileiros; Setor está se expandindo nas classes A e B; Recursos para combater o mal estão aumentando; Incrementando o arsenal masculino; Aumento no número de queixas de impotência em seu consultório; Cada vez mais difícil manter o vício; Tendência que se difunde cada vez mais diante da iniquidade de tratar o problema do uso de drogas leves com medidas repressivas; Número de fumantes e freqüência com que fumam deve aumentar a olhos vistos; Molecada que se inicia cada vez mais cedo; Consumo começa cada vez mais cedo; Consumo de álcool é o que mais cresce entre os jovens; Consumo de droga diminuiu na classe artística; Iniciação começa mais cedo: aos 10 anos de idade; Crescem os casos de alcoolismo precoce; Isso cada vez mais vale para garotos de 12 anos, ainda em fase de crescimento; Diante do avanço de entorpecentes como maconha, cocaína e ecstasy, muitos pais passaram a ver as bebedeiras dos filhos como um mal menor.

## i. Tempo retroativo – função histórica

Somente a partir de 1968 o porte de substâncias ilegais começou a ser punido no Brasil; A onda de cocaína é simbólica da morte da contracultura dos anos 60; O *underground* acabou; Caras como Mick Jagger encheram-se de dinheiro e foram absorvidos pelo sistema; A maconha foi uma crítica da conversação, da ação e da mudança, grandes valores do Ocidente e de seus herdeiros anglo-americanos; Só nos últimos três anos, triplicou o número de viciados nos colégios paulistas; Artigo 16 ainda prevê pena de seis meses a dois anos de detenção para o viciado; Adição de vitaminas aos alimentos – algo iniciado nos Estados Unidos, como programa oficial, em 1941; O *Papiro de Ebers*, o mais antigo documento médico conhecido, datado de 1500 a.C., continha a notícia de que fígado assado apurava a visão dos desnutridos; A qualidade do vinho brasileiro melhorou muito nos últimos cinco anos; No Itamaraty se abrem garrafas nacionais desde 1970; Maconha, como droga essencialmente coletiva, arrebanhou jovens de todo o mundo para o devaneio, a rebeldia e a busca de impressões interiores; A 21 de outubro de 1976 era sancionada a Lei de Entorpecentes nº 6368, ainda em vigor; Mais da metade da delegacia do Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC) de São Paulo, nos anos 70, funcionava à base de entorpecentes; Ex-beatle Paul McCartney foi flagrado com 187 gramas de maconha, ao desembarcar no aeroporto internacional de Tóquio, em janeiro de 1980; Os dez últimos anos foram sacudidos por uma revolução – desencadeada pelas multinacionais que se instalaram no Rio Grande; Nos anos 70 eram universitários e adultos que se dedicavam à droga; Néelson Rodrigues costumava classificar os Beatles como símbolo da decomposição moral da época; Preso como consumidor de maconha e cocaína, chegando a dar entrevistas em que fazia propaganda do consumo das drogas e debochava da Justiça, Lobão acabou liberado; Primeiros cigarros industrializados vendidos no Brasil eram até receitados para combater algumas doenças; Grandes avanços no combate às doenças, nas últimas décadas, foram alcançados sem a participação do governo; Um Ben Johnson do século III a.C. descobriu o suco de papoula e foi considerado o relâmpago humano da época; O Dicofol é um pesticida da família dos organoclorados que desde 1985 estão proibidos no Brasil por determinação do Ministério da Agricultura; Antigas culturas de café, transformadas em pastos, ainda detêm no solo resíduos destes agrotóxicos; Michel Frank, que em 1977 se envolveu no assassinato da estudante Cláudia Lessin Rodrigues, no Rio de Janeiro; Em 1977, a jovem Cláudia Lessin Rodrigues, então com 21 anos, foi assassinada durante uma festa no Rio de Janeiro onde se consumia cocaína em larga escala; As drogas começaram a circular pelas escolas do país por volta da década de 60, mas a situação de hoje é dramática; A carioca Cláudia Lessin Rodrigues, a primeira vítima célebre de cocaína na classe média brasileira, morreu assassinada em 1977 ao longo de uma festa no apartamento de amigos; Nesse passado poético também estão as lembranças dos mais velhos sobre um país onde se podia andar na rua sem medo de assalto; A cantora Elis Regina morreu de

overdose de cocaína em 1982; Nos anos 80, a cocaína conquistou muita gente pela fama que tinha de aumentar a capacidade de trabalho; Sigmund Freud, o pai da psicanálise, foi fisgado pela sedução da cocaína; De 1989 a 1992 a população brasileira foi submetida a uma impostura chamada Fernando Collor de Mello; A revolução das superdoses chegou graças às pesquisas que começaram a ser feitas no começo da década de 80; Em agosto de 1994, o ministério proibiu a produção e a venda de medicamentos à base de anfetaminas combinadas a tranqüilizantes; ONU revelam que no Brasil o consumo de remédios para emagrecer deu um salto gigantesco a partir de 1988; Até o início do século, a maconha era usada livremente em vários países, inclusive no Brasil, como um medicamento útil para diversos problemas como asma e cólicas menstruais; A maconha foi símbolo da contestação dos costumes e da repressão que marcou o final dos anos 60 e início dos 70; A época era outra, e a maconha tinha um significado especial para a geração que sucedia os entusiastas do amor livre e da contracultura; Co-fundador do AA, Bill Wilson, a quem o escritor Aldous Huxley chamou de “maior arquiteto social de nossos tempos”, só teve o anonimato quebrado após morrer, em 1971; Nos anos 60, defendia-se a tese de que a impotência era um problema puramente psicológico; De 1968 a 1975, período mais violento da repressão política, havia uma associação constante entre o uso de drogas e a rebelião libertária dos jovens; Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison marcaram uma geração com suas mortes trágicas, na década de 70; Quando a jovem Cláudia Lessin Rodrigues morreu, em 1977, numa balada de cocaína e álcool, o Brasil se comoveu; Há 50 anos, o surgimento dos primeiros pesticidas, hoje banidos, foi celebrado pelas organizações humanitárias como uma solução para a fome no mundo; Outro ponto de vista, oposto ao dos médicos, sustentava no passado que toda e qualquer doença mental devia ser tratada pela psicanálise e/ou psicoterapia; Desde o final dos anos 80, houve uma espécie de revolução no tratamento dos viciados; Na década de 70, entre os universitários e intelectuais de esquerda, consumir a erva tinha um significado difuso que poderia traduzir-se em oposição a várias coisas praticadas pelas outras pessoas; A história da medicina registra três saltos num curto espaço de tempo: a revolução sanitária, a imunológica e a dos antibióticos; A mais antiga cervejaria do mundo – com cinco mil anos de idade – foi descoberta por um arqueólogo americano a 750 quilômetros do Cairo, capital do Egito; O chope com composição e sabor semelhantes aos atuais, produzido com malte, água, lúpulo e levedo, se desenvolveu na Idade Média, mais precisamente nas cozinhas dos velhos mosteiros; A bebida desembarcou no território tupiniquim em 1808, trazida pela corte portuguesa; A primeira cerveja engarrafada foi produzida em 1920 pela Brahma, fundada em 1888; Nos anos 20, surgiram os templos até hoje endeusados por boêmios, intelectuais e simples – porém, nobres – bebedores; A psicanálise foi o primeiro ramo da ciência a aventurar-se no tema; No fim dos anos 80 e início dos 90, mochileiros e hippies começaram a ouvir histórias de um povo da Amazônia que tinha por hábito tomar uma bebida alucinógena.

## Capítulo 9

### Efeitos evanescentes

Confesso que diante dos benefícios não tenho coragem de contar os danos. Aliás, já disse que o vinho se assemelhava ao homem e admiti que seus crimes eram iguais às suas virtudes. Se o vinho desaparecesse da produção humana, acho que haveria, na saúde e no intelecto do planeta, um vazio, uma ausência, um defeito muito mais horrível que todos os excessos e deviações pelas quais o vinho é julgado responsável.

Charles Baudelaire

A leitura do capítulo anterior sugere que retomemos a lógica que desenvolvemos na segunda parte da dissertação sobre a elasticidade do tempo. A incidência de um excesso, tomado aqui não no sentido da dosagem das substâncias, mas na dosagem das letras adquire o caráter de impacto como *instante de ver*. Para efeitos metodológicos, isso nos leva então a um exercício lógico definido no *tempo de compreender*, para que se precipite enfim o *momento de concluir*. Evidentemente, a variedade de enunciados e citações não possibilita leitura unívoca, trazendo na *amostragem* de trinta anos a própria ruptura ou descontinuidade entre os lugares da verdade e da produção na teoria dos discursos de Lacan. Por outro lado, dentro da perspectiva de produção científica que motiva o trabalho, desvela-se o lugar do sujeito em sua plena função de agente na movimentação desses discursos. De fato é sobre esse sujeito, aqui tomado na vertente da *farmacotimia social*, que se desdobra a presente leitura.

Em um primeiro momento, enfatizamos a presença maciça da razão crítica, moral e medicinal [itens a, b, c] inerente às práticas de consumo de substâncias, pois ela caracteriza o discurso predominante nas mídias a respeito do tema. Em seguida pensamos na questão do *sujeito farmacotímico*, diferenciando-o daquele que diz da experiência vivida e rearticulada em uma indagação sobre o ser [itens d, e]. Posteriormente isolamos as afirmações que nos levam a construir uma suposta subjetividade brasileira em contrapartida às referências estrangeiras dos Estados Unidos e da Europa [itens f, g]. Finalmente, dedicamos especial atenção aos aspectos projetivos e retroativos extraídos dos textos, tomados respectivamente como perspectiva ou tendência social e como dado histórico, o que oferece algumas diretrizes que servem como ilustração ou reforço para as advertências contidas nas reportagens [itens h, i].

A partir do *corpus* apresentado no capítulo anterior, procuramos integrar marcas simbólicas, cuja reiteração nesse processo da sistematização das falas suscita a insistência de uma presença da ordem do real. Essa pressão no sentido de uma elaboração consistente sobre o uso ou abuso de psicoativos circunscreve campos de significação descontínuos que recuam e retornam por meio de outras falas. São propriamente os efeitos evanescentes dos enunciados que geram um saber de caráter narrativo, onde se pressupõe expectativa de consenso sobre a índole e a estrutura do meio social. Aqui reencontramos o *sujeito farmacotímico* por entre significantes, lançado como produção de um saber sobre seu próprio modo de gozo. Portanto, se a estrutura discursiva que se apresenta nas reportagens manifesta conformidade com o propósito crítico de um consenso cultural e *politicamente correto*, encontramos no giro discursivo que se introduz ao longo do tempo uma lógica que coloca o sujeito na posição de interrogar essa mesma estrutura. Tal sujeito, como o definimos, suscita o gozo da experimentação e do consumo de psicoativos em substituição a algo de estável que se poderia esperar das reportagens. Santaella [1996] também deduz essa questão e a formula dentro de uma concepção própria de discurso.

Em lugar dos princípios universais e generalizáveis, típico dos discursos legitimadores da ciência tradicional, tem-se a pulverização dos discursos na relatividade das redes flexíveis dos jogos de linguagem que encontram sua forma otimizada de produção e difusão nas novas tecnologias de comunicação. Não apenas a ciência, mas todo o tecido social pós-moderno é uma malha multiforme de jogos de linguagem em cuja disseminação o próprio sujeito se dissolve, 'disperso em nuvens de elementos narrativos'<sup>101</sup>.

Tratamos então de apresentar o que encontramos de significante no *corpus* da pesquisa. Para que a hipótese da presente dissertação se verifique em sua amplitude é preciso que se considere a elaboração teórica dos capítulos anteriores, principalmente quanto à noção de significante no âmbito dos lugares privilegiados em Lacan. Justamente, se o sujeito ocupa o lugar do agente e da produção no texto jornalístico é porque entendemos que a imprensa também se produz a partir dos discursos da histeria e da universidade, gerando esporadicamente respostas para sua interrogação enigmática e primordial. Como estamos trabalhando em torno das marcas que falam do sujeito, a leitura estabelece o valor equânime de cada enunciado ou de cada letra quanto aos efeitos produzidos. A rigor, não existe leitura sem sujeito, mas o volume de significantes pode produzir o efeito de desvanecimento dos sentidos previamente estabelecidos. Algumas vezes, por exemplo, não é possível precisar se o enunciado diz de uma substância lícita ou ilícita, o que faria toda a diferença no âmbito da reportagem.

---

<sup>101</sup> SANTAELLA, "O debate pós-moderno", op.cit., p. 119.

## 9.1 Sistemas e efeitos

A título de análise sobre os efeitos produzidos pela sistematização das matérias, observamos em conjunto os três primeiros itens do *corpus*. Conforme afirmamos, esses reúnem fragmentos de texto que compõem a grande maioria dos enunciados veiculados pelas reportagens. São afirmações categóricas que caracterizam um designio social sobre os psicoativos, predominantemente formulado em função da razão crítica, científica e medicinal. Nesse sentido, esse agrupamento expõe a face verdadeiramente ativa da imprensa como parâmetro cultural disciplinar, utilizando manchetes, ilustrações, quadros e legendas como elementos que confirmam a veracidade dos fatos ou das denúncias. Esse dado evidencia a noção de consenso sobre um saber narrativamente articulado que toda reportagem procura levar ao leitor que deseja se informar a respeito do tema. Anelados estão os três itens em torno da razão, seja por demonstrarem a própria razão da matéria, assim como por oferecerem um sentido produzido pela antítese do consumo de substâncias. Isto é, a razão crítica ou científica simbolicamente articulada busca se diferenciar essencialmente dos significantes do gozo desprovidos de sentido. A angústia também encontra sua própria razão por meio dos alertas intermitentes que se introduzem no texto. Não raro a imprensa é acusada de ser alarmista devido a esse modo persistente de induzir à emergência.

Encontramos assim reiteraões que se tornam significantes nos textos jornalísticos ao longo da leitura sobre o *corpus*. Em relação ao primeiro item [a.], observamos que existe um processo de intensa objetivação dos modelos de saúde e justiça consolidados pela sociedade. Desses modelos apresentados nas matérias se deduzem certos pensamentos consensuais a respeito dos usos e abusos de psicoativos. Muitas afirmações, como a idéia de que o consumo de substâncias está intimamente ligado à ilusão, chamam a atenção por seu caráter determinista, fomentando de diferentes formas o estigma sobre essas práticas. Portanto, antes de questionar as afirmações mais freqüentes em seu conjunto, convém apresentar o que verificamos como pontos ou marcas onde essas falas basicamente se reproduzem e se sustentam durante anos.

No primeiro item [a.] há uma concentração de enunciados que remetem à idéia de poder. Esse poder está associado ao exercício da lei pelos órgãos governamentais, revelado em sua eficácia ou pela falta de iniciativa, o que redundando na crítica jornalística. O poder também se encontra associado ao potencial tóxico e de indução ao vício de cada substância, e ainda se manifesta quanto à força de influência da publicidade e das mídias. Assim, percebemos que a ética relacionada com o consumo dos mais diversos psicoativos está amparada por um cenário não somente político, na acepção mais individualista possível que essa análise proporciona, como também por uma versão performática no sentido da mobilidade própria à encenação. Esses

significantes se anelam na avaliação de um ato que pode ser particular ou coletivo e, evidentemente, também nos lançam às questões éticas levantadas nos capítulos anteriores, produzindo um efeito subjetivo de como deveríamos abordar com virtude, levar em consideração ou agir com racionalidade, frente a esses hábitos tão arraigados à população. Notoriamente, estamos diante de uma série de termos que evocam a perplexidade de um dado a ver mediante a ineficácia da ação e a adequação à justa sentença disciplinar. Assim, destacamos alguns exemplos que se encontram no *corpus* para mostrar de que se serve a razão crítica nessas matérias e o sentido de sua denúncia, já que normalmente se inserem no panorama da coletividade e de suas manifestações públicas.

Moda – Solitário - Ilusão – Fantasiados – Viciados – Vazio - Culpados – Vítimas – Ignorância – Curiosidade - Controle – Resistência – Intoxicante – Delírio – Exagero – Ociosidade - Negligência – *Marketing* – Dependentes – Traficantes – Pajelança – Transações – Esquemas – Desvalorização – Atraso – Distorções - Incompetência – Arbitrariedade – Artificiais – Desestruturação - Porcarias – Dramaticidade – Heresia – Polêmica – Reestruturação – Autodestruição – Escapismo – Omissão – Conivência – Manipulação <sup>102</sup>.

A razão crítica exerce uma função disciplinar, também demonstrada nas reportagens, através da ironia ou do sarcasmo principalmente referentes a usuários e traficantes. Esse uso de termos pejorativos na contingência da reportagem produz um efeito de apelo à discriminação e fortalece o estigma em torno das substâncias em geral. Nas matérias que envolvem substâncias utilizadas pela medicina, medicamentos, vitaminas ou dietéticos, o componente de julgamento qualificativo não aparece, exceto quando diz respeito aos abusos. Reunimos, então, os exemplos de outra sorte de motivação que se verifica nas reportagens do gênero.

Barato – Marteladas na cabeça – Satisfações prosaicas – Entupimento mental – Amargo brilho – Cabeça desafinada – Ricos narizes - Devaneios poéticos – Lambida no ego – Obedientes rebanhos – Homem-químico – Pó, cana, fumo e bola – Corrente da felicidade – Dourar a pílula – Profundamente deselegante – Hordas hippies - Carcaça – Sexo, drogas e brigas – Papo-cabeça – Profissional brilhante - Gurus psicoquímicos – Bobo da corte – Pílula milagrosa – Chafurdou-se – Fumando como chaminés – Imaginação delirante – Muleta psicológica – Moldura cor-de-rosa – Bebedeiras homéricas.

Os qualificativos reunidos nessa série não são muito utilizados para compor o quadro paradigmático que sistematizamos nesse item. Representam mais uma tendência de certos jornalistas no momento da redação, e que revelam certa carga de agressividade diante do consumo

---

<sup>102</sup> Cf. *Corpus* – item a.

de substâncias e seus efeitos no âmbito da coletividade. Em se tratando disso, entramos no aspecto que melhor define o caráter político desse agrupamento. Consiste nos termos e expressões verbais significantes de potencial agressivo, cujos enunciados exploram impulsos não somente destrutivos, como também inerentes aos parâmetros de competição da modernidade, como sucesso, atividade e potência. Convém salientar que esse paradigma é o que apresenta o maior número de reiteraões e variaões, o que nos leva a transcrevê-las nesse momento.

Arsenal – Baterias – Batalha – Guerra – Cerco – Militantes – Bombardeando – Batalhões – Poderoso arsenal – Elegantemente agressivo – Reação – Inimigo poderoso – Inimigo nº 1 – Corruptos e criminosos – Crime com política – Inestimado arsenal – Missil – Bomba atômica – Alucinante coquetel – Mistura explosiva – Estardalhaço – Cadeia de violências – Caixote de pólvora – Jogo de violência – Concorrência – Trincheira de combate – Radicais livres – Mercado explosivo – Perversas pedras – Operação Limpeza – Campanha agressiva – Emboscada – Campo de batalha – Invade territórios – Luta na defesa – Violência do tráfico – Força policial e judiciária – Hordas de bandidos – Combustível – Time dos poderosos – Coquetel explosivo – Poder viciante – Coquetel de fracassos – Engajamento – Guerrilheiros – Explosão do consumo – Todas as armas – Corpo minado – Agressivos os anúncios – Guerra da estrela – Sucessos na luta – Arma no arsenal – Lutam contra inimigo – Lutam consigo mesmos – Rota de autodestruição – Imenso arsenal químico – Histórias de derrotas – Luta com estilingues – Obrigação do desempenho – Guerra dos sexos – Salvar a pátria – Partem para a briga – Explosão do consumo – Norteados pela competição – Corpo que cai – Misto de amor e competição – Legião de clínicos – Luta de milhões – Modelo para o combate – Luta contra o vício – Luta contra a doença da alma – Armas – Poderoso arsenal – Combate à dor – Verdadeiro arsenal – Contra-ataca a nicotina – Explosão de violência – Turmas inimigas – Cultura da competição – Poder de fogo – Clima de disputa – Concorrência – Vida vence a velhice – Bomba – Explodiu para a vida – Guerra contra o vilão – Ataque oficial – Armas do inimigo – Conluio – Reações dos gigantes – Batalha – Exércitos de propagandistas – Cerco aos similares – Arsenal de 11 pílulas – Batalha bioquímica – Arsenal do prazer – Mais uma arma – Coquetel contra a impotência – Mistura explosiva – Substâncias potentes – Cerco ao fumante – Fogo contra fogo – Ação mais agressiva – Combater o hábito – Ciência se armou – Briga – Luta para amenizar efeitos – Combativa – Tolerância zero – Guerra dos vinhos – Partida de War – Pressão pelo desempenho – Muita competição.

O paradigma acima apontado traz um dado bastante definido do ponto de vista da enunciação e da motivação que alimenta a relação da imprensa com o tema. Observamos que não somente os termos da agressividade e da violência de impacto estão presentes nas reportagens que tratam de suposta guerra contra a ilegalidade das substâncias e do tráfico, como também revelam uma disposição de confronto diante da própria condição humana. No caso, a utilização de



substâncias ataca ou defende com certo potencial de ódio os organismos, indivíduos e sociedade, a depender da doença, da síndrome ou da situação de dependência em que se encontram. De qualquer modo, isso demonstra o grau de reação ao paradoxo ou ao fator enigmático que os psicoativos carregam na acepção da dicotomia entre remédio e veneno. Tal paradoxo se amplia ao plano de uma disposição agressiva generalizada frente às ameaças possíveis e imaginárias que os envolvem, e assim também quanto à competitividade pelo mercado de consumo.

Em diversas afirmações contidas no primeiro item transparece uma preocupação de cunho moral quanto à proliferação do consumo de psicoativos ilícitos e seus efeitos deletérios, assim como uma tentativa de reflexão sobre a eficácia das políticas de intolerância sobre indivíduos e valores sociais. Nesse sentido também se expressa uma crítica sobre o controle governamental na produção de medicamentos, sua publicidade e distribuição, visando o benefício da população. A preocupação justifica uma posição belicosa; porém, é digno de nota que as questões éticas referentes ao consumo e seu controle social passam atualmente por nova fase de discussão no terreno da imprensa, que leva em conta o direito do indivíduo e sua inserção no sistema público, incluindo nesse tópico todas as substâncias. Não podemos deixar de observar que houve crescente debate nos últimos anos a respeito do consumo de tabaco nos ambientes públicos e da sua divulgação pelas mídias, assim como uma revisão dos instrumentos jurídicos que indiciam o usuário de maconha.

Podemos, então, avaliar o segundo item [b.], mantendo essas questões tão próximas dos aspectos ameaçadores que comportam as diferentes substâncias. Ao pesquisar e sistematizar o que nomeamos a razão da angústia, deparamo-nos com elementos significantes de grande homogeneidade na produção de sentido. Toda a preocupação testemunhal de cunho jornalístico que aparece no primeiro item revela-se desdobrada no segundo. Extraídos das mesmas reportagens, precisamente esses enunciados oferecem suporte e continuidade ao mesmo tipo de discurso, com a diferença de que dão consistência imaginária aos elementos contidos no primeiro item. Sobre esse aspecto, circunscrevemos a seguir uma série de termos ameaçadores, fatores de insegurança, qualificativos e atributos às substâncias, aos consumidores, grupos envolvidos e modos de uso.

Medo – Hipocondria nacional – Imenso e contínuo - Efeitos perigosos – Terríveis pesadelos – Sombria conclusão – Fantástico mercado – Praga dos venenos – Inquietante rastro – Ação fulminante – Impressionante pajelança – Cada vez mais incontrolável – Sangria da sociedade – Lixo espiritual – Ninguém confia mais em ninguém – Rigorosamente trágica – Pesadelo sem fim - Transformado em ruína – Em todos os lugares – Roubando, matando,

amando e morrendo – Expande escandalosamente – Inferno tem três bocas – Fundo do pântano – Hordas de miseráveis alucinados – Dimensões preocupantes – Deterioração dos costumes – Jovens inertes, vegetalizados – Submundo de marginais – Gigantesco contingente de viciados compulsivos – Circulo vicioso – Decadência e degradação – Equilíbrio familiar degringolou – Grupo do mau exemplo – Enorme zona de sombra – Inferno de stress – Armadilhas para si próprio – Incapaz de largar – Inferno das drogas – Munição às organizações – Tratamentos enganosos – Acontece com a nossa família – Alucinada procura – Perigo no recreio – Teia invisível – Centro nervoso da angústia em família – Incógnita para a sociedade – Geração perigo – Fatores hostis – Catástrofe social – Devastação física – Situações assustadoras – Campos coalhados de agrotóxicos – Teatro dos horrores – Problema é alarmante – Melancolia atroz – Resultado é explosivo – Intruso nos relacionamentos – Medo à dependência – Horror das drogas – Quantidades estúpidas – Fantasma do vício – Sombra pavorosa – Subterrâneos da dependência – Desestruturação da família – Herança trágica – Banalização do vício – Epidemia global – Prazer perigoso – Doce golpeador – Conseqüência assustadora – Dados alarmantes – Fotos chocantes – Agonia no auge da vida – Ceifados pela estupidez química – Abreviando com a morte ou a loucura – Danos irreversíveis – Perigo real – Pais se desesperam – Embarcavam sem passaporte – Personalidades estraçalhadas – Roleta-russa do vício – Perder o controle, alterar a consciência – Drama quase universal <sup>103</sup>.

Nas expressões que falam da banalização do vício, de sua proliferação sem limites e da degradação do bom senso e dos bons costumes, reconhecemos a antítese do abuso das substâncias, como duas faces maniqueístas de uma mesma moeda. Toda argumentação aqui sustentada mostra-se como paradigma e justificativa para a intolerância e para as atitudes repressivas e discriminatórias [proibicionismo] que caracterizam as políticas *anti-drogas* na modernidade. Na exacerbação dos problemas relacionados ao consumo de substâncias encontramos uma leitura extremista da questão que é amplamente intensificada pelas mídias e corroborada pela sociedade. Essa vertente discursiva encontra o aval nas produções científicas, que tratam metodológica e estatisticamente das populações e seus hábitos *farmacotímicos*, e na doutrina asséptica da clínica medicinal. Além desses, não podemos deixar de relacionar a importante referência que essa razão da angústia mantém com as pautas policiais e as narrativas da criminalidade ou da violência social associadas ao tráfico internacional.

Passamos ao terceiro item [c.] <sup>104</sup>, então, que se afirma por si próprio, mantendo as características que apontamos para o discurso medicinal e sua fundamentação científica. Observamos que nesse agrupamento reúnem-se várias considerações evidentemente vinculadas ao

---

<sup>103</sup> Cf. *Corpus* – item b.

<sup>104</sup> Cf. *Corpus* – item c.

amplo conceito social de saúde e que também discorrem de um ponto de vista científico sobre os aspectos psicológicos que envolvem a inserção das substâncias na vida moderna. Assim, as falas concernem aos especialistas entrevistados, psiquiatras, neurologistas, psicólogos, educadores e legistas, e aos argumentos derivados de pesquisas em ciências biológicas, incluindo estudos em psicologia social. Percebemos que a disciplina familiar e os valores sanitaristas que lhe dão proteção são aqui significantes fundamentais. A manutenção da vida e dos valores familiares primordiais, pela educação, disciplina e prevenção, constitui a ética e a razão que rege o sistema idiossincrásico de alimentação para esse discurso. Nesse sentido o aproximamos da concepção de Clavreul ao unificar o discurso medicinal ao do mestre. Há o significante primordial [S1] que agencia e garante no lugar do outro a produção de um gozo a ser insuficiente por meio do encadeamento discursivo que se disponibiliza ao sujeito. Entretanto, esse é o que definimos como o modo de gozar que está organizado segundo a lógica da instituição cultural, o que instaura e nos remete à dimensão do desejo no inconsciente, uma vez que localizamos a divisão do sujeito no lugar da verdade, mas subordinado aos objetos de gozo produzidos na relação com o Outro. É o discurso que suporta a lógica do Outro na organização social e que incide na subjetivação individual na forma da inscrição dos ideais e perspectivas aos atributos culturais do gozo fálico.

Assim, retomamos a questão que desde o primeiro capítulo fomentamos quanto ao trabalho dos sonhos, no que se diferenciam e por isso se associam ao desejo do Outro. De quem é o sonho afinal? Justamente traçamos pelo viés dos discursos uma perspectiva que permite resgatar na relação do sujeito ao objeto mais-gozar a real função do recalque instaurado pelas disciplinas instituídas no ambiente social. Apontamos a oposição entre esses modos organizados de razão em trono do discurso do mestre e as relativas posições do sujeito precisamente para destacar que o objeto mais-gozar também encontra mobilidade nos discursos e carrega consigo a real fragmentação do sujeito pela via das representações simbólicas. O sujeito é afetado na dimensão simbólica e imaginária, e reduzido à realidade não discursiva de um enigma fundamental vinculado ao corpo erógeno. Entendemos que nesse encontro pontual e desprovido de sentido, por vezes disponibilizado por meio de substâncias psicoativas e por contingências psíquicas variáveis, orientam-se tendências de satisfação pulsional cujos efeitos são aleatórios e imprevisíveis.

O universo do sujeito é o universo do significante, onde significante quer dizer simplesmente relação, mas onde relação não é pensável senão em sua dupla dimensão: sintagmática e paradigmática, horizontal e vertical, de pé e na cama, no exercício da sexualidade e na prática de sua sublimação. Neste contexto, Lacan não fala de significados, senão de sentido. E o sentido não preexiste aos significantes; é um efeito da combinatória das cadeias. O sentido é produzido, é um produto e, como todo produto, se rege por um processo

produtivo, por um trabalho que implica a colocação em jogo de uma matéria-prima e de uma lei de manejo da mesma. Em nosso caso, trata-se da matéria-prima que é o próprio significante e aqui as leis de manejo não são outras que as leis de combinação que regem o significante <sup>105</sup>.

Introduzimos desse modo questões que implicam a vida sexual e a agressividade humana, enquanto ligadas às representações corporais no inconsciente, e que desorganizam a demanda pela adequação social, quando manifesta em atos ou hábitos aqui tomados como significantes. Falamos então do *sujeito do efeito* como possibilidade de tradução ou inscrição retroativa da experiência aleatória derivada do consumo de psicoativos. O *sujeito do efeito*, no quarto item [d.] <sup>106</sup>, é apontado a partir do depoimento particular do experimentador ou daqueles que acompanharam de perto as vivências descritas no curso de suas vidas. A experiência pontual que identificamos no capítulo sobre estigma e percepção encontra aqui uma versão jornalística e rigorosamente anexada às matérias de origem. Portanto, muitos depoimentos estão direcionados a ilustrar o campo narrativo dos itens anteriores, ou seja, da razão crítica e científica que lhes oferece sentido. Poderíamos recorrer aos autores da literatura internacional que buscaram descrições particulares para seus próprios delírios e alucinações, como fez Haining em *O Clube do Haxixe*, mas a exploração desse tópico não é exatamente o objetivo da pesquisa.

Salientamos, então, a importância significativa de algumas falas nas reportagens que dão diretrizes ao consumo a partir dos experimentadores. Sugerem em sua maioria que os psicoativos realmente degradam física e psiquicamente os indivíduos e as famílias, e representam uma ameaça aos valores nobres da sociedade. Evocam a dimensão da loucura, da perda parcial ou absoluta dos valores familiares, do risco permanente de recaída, da impotência atrelada aos graus de dependência física ou psíquica e vivências próximas da morte. Entretanto, também, revelam experiências de prazer e manifestações de um gozo *farmacotímico* transgressivo e sedutor. Esse agrupamento que sistematizamos com o nome de *sujeito do efeito* introduz a dialética do sujeito com o mais-gozar na teoria dos discursos, pois se por um lado caracteriza uma subordinação aos lugares instituídos pela cultura *farmacotímica* da modernidade, por outro permite fazer uma leitura científica desse objeto mais-gozar a que se engancha o sujeito; e mais ainda, no seu avesso, coloca-lo no lugar do agente para o discurso da psicanálise. Para isso, o *sujeito do efeito* precisaria formular uma demanda de análise. O que produz sentido, entretanto, para fins dessa leitura acadêmica, se dá a partir do discurso da histeria ou da ciência, onde os sujeitos definidos a partir de suas causas levam à produção de um saber sobre sua fragmentação, ou mais exatamente,

---

<sup>105</sup> CABAS, *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*, op. cit., p. 82.

<sup>106</sup> Cf. *Corpus* – item d.

sobre o sintoma em que se encontra designado. Ao falar do lugar que ordena os discursos [agente], Lacan [1994] afirma algo instigante a respeito do discurso da histeria.

A palavra dominante não implica a dominância no sentido de que essa dominância especificaria – o que não é seguro – o discurso do mestre. Digamos que se pode dar, por exemplo, segundo os discursos, diferentes substâncias a essa dominante. [...] No nível do discurso da histeria, é claro que essa dominante, nós a vemos aparecer sob a forma do sintoma. É em torno do sintoma que se situa e se ordena tudo o que é do discurso da histeria. Isto nos dá oportunidade para uma observação. Se esse lugar ainda é o mesmo, e se, em tal discurso, ele é o do sintoma, isso nos levará a perguntar como é que, sendo o lugar do sintoma o mesmo, pode ele servir em um outro discurso. É isto exatamente o que vemos, de fato, em nossa época – a lei questionada como sintoma <sup>107</sup>.

Antes de analisarmos a hipótese do *sujeito farmacotímico*, consideramos os demais itens [f.; g.; h.; i.] <sup>108</sup> por seus aspectos ilustrativos no conjunto da sistematização do *corpus*. Esses também apontam marcas que se afirmam ou falam por si próprias. Surpreendentemente verificamos e reunimos uma série de enunciados sobre o Brasil e a realidade dos brasileiros no quinto item [f.], o que nos levou a considerar esse dado a ver como mais uma marcação significativa na acepção do senso comum produzido pela imprensa. Não existe de fato um sujeito brasileiro que consista de modo experimental e homogêneo na relação com as diferentes substâncias, ou mesmo quanto a uma idiosincrasia nacionalista. Em um Brasil tão heterogêneo e plural, lançar a hipótese de uma subjetividade unificada seria apelativo e nos colocaria no panorama dos discursos políticos. Entretanto, na reunião das matérias essa reiteração suscita uma subjetividade brasileira sobre o que poderíamos justificar como unidade de senso comum gerada a partir dos discursos jornalísticos, de pesquisas estatísticas ou de expectativas de mercado. Na leitura, inclusive, encontramos afirmações categóricas e contraditórias a respeito do suposto brasileiro; porém, refletimos sobre as reais motivações da imprensa ao persistir na unidade nacionalista e reconhecemos aqui também o discurso que coloca o sujeito na perspectiva dos ideais da modernidade e dos interesses mercadológicos no panorama global. Por esse motivo, continuamente o Brasil e o brasileiro é comparado aos dados prevalentes registrados nos países da Europa e nos Estados Unidos que compõem o sexto item [g.].

A questão muda de configuração quando se trata do Brasil enquanto nação. Do ponto de vista das estatísticas internacionais realizadas pela OMS [Organização Mundial de Saúde], levantamentos governamentais ou mesmo dados das fundações de pesquisa locais, o Brasil acaba

---

<sup>107</sup> LACAN, *O Seminário. Livro 17*, op. cit., p. 41.

<sup>108</sup> Cf. *Corpus* – itens f., g., h., i.

por ocupar determinados lugares entre outras nações. Entretanto, ainda desse modo observamos uma certa apropriação do Brasil para enfatizar a suposta subjetividade do brasileiro em algumas matérias, demonstrando uma equiparação equivocada, cuja finalidade permanece dúbia. Para esclarecer esse ponto, utilizamos o seguinte exemplo que demonstra a ambigüidade a que o leitor pode ser levado. Entre as quatro afirmações, duas poderiam ser comprovadas através de dados estatísticos oficiais, mas as outras veiculam apenas uma verdade fundamentada na própria narrativa. Entendemos que afirmações desse gênero buscam efeitos semelhantes aos das denúncias promovidas pela razão crítica, ou funcionam como reforço ao consenso sobre a questão.

Brasil elege o vinho branco como bebida versátil – Brasil é o segundo consumidor de cigarros do mundo – Brasil mergulha em 8 bilhões de litros de chope por ano – Brasil age como se o alcoolismo não o afetasse – Brasil tornou-se corredor obrigatório não só para o envio das drogas, como acabou virando base fixa dos traficantes.

Sobre os dois últimos itens do corpus [h.; i.], fazemos um contraponto entre o que se afirma em relação às tendências sociais de consumo atual, e o que se registra em termos retrospectivos sobre essas mesmas tendências no passado. Assim, destacamos primeiramente os enunciados que revelam pontos de vista em perspectiva e que fomentam por meio dessa previsão o efeito de um alerta preventivo. Normalmente se enlaçam à razão da angústia no sentido de que tratam de algo que se expande e que está intimamente ligado ao consumo de substâncias. A partir dessa disposição narrativa, encontramos a noção de flagelo social que se associa ao consumo de psicoativos, principalmente entre os jovens. No entanto, esse traço projetivo não está somente vinculado à função da angústia, e muitas vezes é utilizado para enfatizar a visão de progresso, melhoria e atualidade, geralmente relacionada às matérias que tratam dos novos medicamentos e tecnologias. A visão perspectiva não se dá senão como recurso narrativo e coloca o sujeito na dimensão da expectativa sobre os fatos, inovações e tendências comportamentais. Assim, destacamos termos e expressões equivalentes que são encontrados abusivamente.

Agrava progressivamente – Ascensão – Franca progressão – Plena expansão – Está se ampliando – Ganhando adeptos – Avanço da produção – Cada vez mais – Mais cresce no mundo – Crescente culto – Consumo avança – Número cada vez maior – Cresce a segregação – Animosidade que cresce – Segue avançando – De geração em geração – Avanço de grupos – Aventura futurista – Brotarão das telas – Cresce o bloco – Cresce o número de consumidores – Cada vez maior – Cada vez mais freqüentes – Onda de expansão – Número cada vez maior – Mais cresce – Cresce a percepção – Aumentar o consumo – Crescimento do consumo – Aumento do uso – Não pára de aumentar – Aumento da violência – Expansão do uso – Avanço – Cada vez mais comum – A cada geração – Epidemia

pela frente – Cada vez mais e mais cedo – Cresce em todo o mundo – Ano a ano - Número se multiplica – Crescente contingente – A cada dia – Previsão de crescimento.

Em outra dimensão do tempo, recorreremos à função histórica dos marcos e informações que se destacam ao longo das reportagens de trinta anos de publicação, excluindo as legendas de linhas históricas que eventualmente foram inseridas. Assim, agrupamos uma série de nomes, datas, eventos e dados históricos significativos para a leitura, na medida em que também revelam uma disposição em ilustrar ou exemplificar a questão com acontecimentos progressos. Normalmente são citados para corroborar o discurso prevalente na reportagem que são os dos primeiros itens no *corpus* sistematizados; porém, aludem com freqüência ao nostálgico período de eclosão do consumo de psicoativos situado nos anos 60, como se contivesse no movimento hippie a pedra fundamental de toda a problemática atual do abuso de substâncias. Esse se apresenta como dado significativo ao lado de alguns nomes contemporâneos que ajudaram as mídias a criar opinião consistente em torno do uso de substâncias pela juventude.

No item acima evocado, os dados não chegam a ser representativos para a análise pela pouca ênfase dirigida aos fatores históricos nas reportagens. No entanto, é digno de nota que o caso do brutal assassinato da jovem Cláudia Lessin Rodrigues cometido por Michel Frank, no Rio de Janeiro em 1977, tornou-se um marco histórico fundamental utilizado pela imprensa, geralmente para exemplificar o grau de degradação moral a que pode chegar o jovem decorrente do uso de *drogas*. Outro marco é a morte da Elis Regina em 1982 por *overdose* de cocaína, recebendo da imprensa abordagem semelhante a dos grandes mitos da música pop internacional que tiveram o mesmo destino.

## **9.2 Sujeito farmacotímico como sintoma**

O trabalho de sistematização do *corpus* introduz uma série de termos e expressões significantes por onde se deduz o *sujeito farmacotímico* em posição socialmente gozosa e privilegiada. Todas as considerações referentes às culturas das sociedades modernas desenvolvidas nos capítulos anteriores convergem nesse tópico, identificado nessa leitura como um registro dos traços da *farmacotimia social*. Nos ditos e enunciados extraídos das reportagens capturamos a essência do que se transmite como uma sombra arraigada às narrativas prevalentes. Por esse motivo, comentamos que a questão da *farmacotimia* está intimamente associada à razão da angústia com que dimensionamos os alertas de prevenção. Tal recorte oferece à leitura uma dupla abordagem para a versão sobre o sintoma social que se delinea a partir de então. A primeira delas

diz respeito ao lugar dominante apontado em Lacan no discurso da histeria, em que se vê a fratura subjetiva como transgressão e ruptura sintomática para com a ordenação do campo do Outro, lançando uma indagação sobre o gozo. Quanto à segunda versão, a aproximamos do trabalho do discurso da universidade que instaura no lugar do outro o sujeito na experiência de uma falta em relação ao saber. Juranville [1987] esclarece a função do ódio enquanto sintoma que se produz a partir desses lugares.

O discurso que dá livre curso ao ódio é o que Lacan chama de discurso da universidade, cuja forma comum é o discurso moral. A tese desse discurso consiste em que é preciso buscar a mestria. [...] Esse saber é plenamente um saber, mas é próprio do discurso universitário que o significante-mestre em que se baseia todo saber funcione aí, ao mesmo tempo, como um modelo identificatório. Daí a aparência de que o universitário não tem um saber verdadeiro, experimentado por ele como tal, e de que é apenas o conservador e transmissor do saber real dos 'grandes autores'. Seu saber é um saber verdadeiro, mas que se reveste de referências aos 'mestres' <sup>109</sup>.

Supomos desse modo uma dupla versão para o sintoma da *farmacotimia* no âmbito social, e que se traduz no trabalho de circunscrição de campo significativo a seguir. Por um aspecto, revela-se como ato transgressivo e motivado por uma vivência gozosa no consumo das substâncias, enquanto enlaçado ao discurso da histeria; e por outro, a partir da inveja ou do ódio vivenciados pela carência, falta ou frustração, enlaçado ao discurso da universidade, fomenta o desejo de saber, de experimentar, ligado ao ato *farmacotímico*. Obviamente, a mestria que Juranville aponta, aqui assume o valor que se deduz dos modelos e tendências culturais; no caso, o conjunto de elementos que integramos nos capítulos sobre as culturas do corpo, da juventude e da consciência alterada. É notório, precisamente, que em várias reportagens são enfatizadas as razões do modismo, dos modelos e celebridades, daquilo que se transmite como a verdade dos significantes-mestres. Nesse sentido, separamos esses dois traços do sintoma social desvelado nos textos reunidos da imprensa, nomeando os agrupamentos em função dos efeitos de discurso sobre a realidade *farmacotímica*.

A vertente moralista do sintoma, função dinâmica do Super-eu, que apontamos ligada ao discurso da universidade, é a que demonstra estar em oposição ativa com a razão da angústia. Se antes marcamos os aspectos imaginários concernentes à exacerbação dos problemas contidos no abuso e no tráfico de psicoativos, aqui equiparamos os enunciados paradigmáticos no mesmo sentido, desta vez para frisar que a generalidade, a banalização, a proliferação do consumo

---

<sup>109</sup> JURANVILLE, *Lacan e a filosofia*, op. cit., p. 300.



na modernidade aparecem como incentivo à experimentação. Observamos que as idéias de que, na experiência, depende de cada consumidor e de cada cabeça satisfazer-se com as substâncias ou encontrar o caminho do aprendizado no hábito, e que os acessos aos objetos de gozo na modernidade estão cada vez mais facilitados, aparece algumas vezes como passe livre para a *farmacotimia*. Instaura desse modo uma moralidade própria ao consumo, deixando ao sujeito a premissa eticamente válida da satisfação pela experimentação. Para esse agrupamento significativo, podemos identificá-lo como paradigma da identificação ao saber transmitido em função dos significantes-mestres que dão corpo ao gozo *farmacotímico*.

Notícias – Modelos – Geração jovem – Elemento de comunicação – Idéias avançadas – Liberdade – Responsabilidade – Lucros – Consumo – Cheirar na sala – Juventude – Veio para ficar – Critério de cada um – Naturalidade – Lubrificante social – Aprendizado – Identificação – Copiar hábitos – Caminho da curiosidade - Respeito absoluto – Prazer não muito especial – Audácia – Consumo banal – Advertências incapazes – Segredo da saúde – Segredo ao pé do rótulo – Resistências superadas – Aprendendo a apreciar – Fazer vista grossa – Não faz mal a ninguém – Anunciado na televisão – Competitividade e valores hierárquicos – Uso positivo – Aproximador social – Naturalidade – Jovens de personalidade – Grande divertimento – Não é crime – Convidado a ir para a cama – Geração dos super-remédios – Futuro na prateleira – Novos medicamentos para mudanças de humor – Esbanjam saúde – Doçura esbelta – Perdeu status de remédio, agora é alimento – Podem se drogar à vontade - Controle varia com a cabeça de cada um – Efeitos da modernidade – Como todo mundo – Ramos profissionais que se sofisticaram – Pais consomem – Nunca foram tão baratas – Passaporte – Fazer carreira de brilho – Overdose de descaso - População se automedica – Propagandas enganosas – Depende do mercado – Anunciados livremente – Retardar a velhice – Viver melhor e por mais tempo - Evidências para que aumentem consumo - Melhor é correr até a farmácia – Promoção de alimento para remédio – Lista das vitaminas e ronda das prateleiras – Ao alcance de todo mundo – Pedrinha da percepção social – Desaponta a noção de prazer - Cai como uma luva – Cerveja invade – Onde se bebe mais – Coração e paladar do consumidor – Desperta relação de afeto – Gregária e festiva – Baseado em família – Popularizaram as drogas e exercitaram o sexo livre – Repressão fracassou – Sensato e humano – Direito da pessoa – Aval ao consumo – Não destroça a personalidade – Mostrar na tevê os remédios – É bom os remédios causarem dependência – Não é mais maldita – Cannabis do futuro – Saiu da clandestinidade – Não representa perigo - Acabo fumando um – Afastaram o fantasma – A vida desmentiu – Explosões de consumo, produção e qualidade – Cibernética e engenharia genética – Direito à intoxicação – Usada na fabricação – Aprendem a extrair o efeito desejado – Socialmente aceita e fácil de ser adquirida – Trabalhar nos maconhais – Gordura tem remédio – Posto de maior aliado do gordo – Conversar sobre os efeitos nocivos e até tomar umas e outras – Aceitar naturalmente – Primeira bebedeira – Bebida vira remédio – Convidá-lo a beber - Potencialidade à adição –

Método de intoxicação popular – Não é ela que faz mal – Anúncios mais sedutores – Experimentação passa a ser regra – Cada um sabe do seu beber – Nada contra ou a favor de quem fuma – Doenças não passam de acidentes – Transferir responsabilidade – Propaganda vincula prazer ao sucesso – Mulheres lindas e automóveis fantásticos – Cada um é dono do seu nariz – Quem transa com moderação, tudo bem – Todo mundo faz qualquer negócio – Comum é o uso de antidepressivos e ansiolíticos – Depende muito da cabeça – Dos males, o menor – Baseado na moda – Menos nociva que o álcool e o tabaco – Não pode ser mais vista como um demônio – Depende de como se usa – Muita gente não fica dependente – Experiência é um fator individual – Uso medicinal – Entre jovens abastados – Simples quanto curar dor de cabeça - Supostamente milagrosos – Fonte da juventude – Parte da história da humanidade – Rito de passagem – Conquista de senadores a atores pornôs – Derruba os medos – Viagra nas bolsas – Pretendo usar – Elimina o medo de falhar – Droga revolucionária – Expectativas conflitantes – Capaz de dar conta de toda a complexidade do sexo – Sucesso comprovado – Temporada da busca do prazer – É como oferecer Coca-Cola, todo mundo quer – Bombardeio favorece o consumo excessivo – Farmácias em supermercados – Curiosos para testar – Responsabilidade soa como ladainha – Tempo para se divertir – Promessa de animar a festa – Vida sexual ativa – Difícilmente alguém morrerá envenenado – Químicos mais eficientes e menos tóxicos – Sucesso da droga – Sacrifício de emagrecer mais leve – Comprar meia dúzia de caixas com a mesma tranquilidade – Tentações em cada esquina – Pessoas precisam ajudar o remédio – Remédios melhoram a vida - Conforto ao alcance da mão – Mal vencido com a ajuda de remédios - Remédio à disposição – Fumar é quase uma religiosidade – Intolerância adicionada – Não passam por fiscalização – Aditivos são um mal necessário – Escolhas destinadas a animar e dividir parceiros de mesa – Apetite para enfrentar grandes competidores – Aproveitar oportunidades – Velhice erótica – Atraente nicho de consumo – Consumida por multidões – Discussão para a sala de visita – É impotente quem quer – Mil e uma novas utilidades – Devolve a segurança ao homem – Limites emocionais – Solução na farmácia da esquina – Recair não é o fim – Incêndio está queimando antigas formas de olhar – Opinião tolerante – Substância não ameaça a vida – Assunto na mesa de jantar – Jovem escolheria o mais fácil – Consumo da sociedade atual tem uma função psicótica – Medicamento da existência – Absoluta liberdade de mercado – Livre para decidir – Clientela impulsionada pelo sofrimento – Sucesso estrondoso – Iniciada pelos companheiros – Advertir tornou-se uma amenidade – Anúncios são bem recebidos – Começam por curiosidade – Controla com anti-depressivo – Cinema eternizou a aura do cigarro – Publicidade associa vício a status – Maconha quase liberada – Tolerância aumentou – Escola aceita mais – Considerada droga leve – Mais democrática – Consumidores não se enquadram em estereótipo – Resistiu ao avanço – Vantagem de não deixar a pessoa agressiva – Autoconfiança, tipo de coragem – Policial fica influenciado – Adequação social – Patamar da aceitação – Independência, autonomia e *sex appeal* – Bebida mais desejada do verão – Oito bilhões de litros de chope e cerveja fazem a festa a cada ano – Graças à jovialidade – Essencial para a nutrição do povo egípcio – Nobres

bebedores – Jesus Cristo transformou água em vinho – Genéricos atraem – Marketing dos gigantes – Ecstasy saiu do gueto clubber – Ganhou terreno – Moças e rapazes de boa estampa – Imagem de droga benigna – Poder de sedução entre a juventude – Inserida na cultura do séc. XXI – Revolução química do prazer – Sonho da indústria farmacêutica – Terapeutas sexuais recebem de bom grado – Caminho de auto-conhecimento – Busca do equilíbrio – Encantados com as promessas dos suplementos – Apelo mercadológico – Homem não quer fazer sacrifícios – Consumo do Viagra explode – Remédios ajudam a combater - Vendidos sem prescrição médica – Automedicação responsável – Imagem associa fumo ao sucesso e à juventude – Espaços dignos e arejados – Número cada vez maior ignora a lei – Erva maldita está se transformando em erva do charme – Evidência epidemiológica: nunca se fumou tanta maconha – Dispostos a falar – Cabe a cada um decidir – Droga como ícone da rebeldia – Artistas glamourizam a droga – Consumidor procura bebidas de qualidade – Produção da boa bebida – Truques químicos – Qualidade da garrafa melhorou – Nunca se bebeu tanto e tão bom vinho – Pessoas criativas se beneficiam – Aroma característico em locais de concentração de jovens – Droga tinha charme e uso chiquíssimo – Drogas libertárias – Campanha não funciona, estabelece uma atração ainda maior – Estética drogada na propaganda – Substâncias não são problemáticas para todos – Era dos super-remédios – Esperança a milhões – Farmácia de bilhões – Química é dinheiro – Avançou-se de forma impressionante – Fabricar um super-remédio e anunciar com estrondo – Maconha é considerada uma droga leve – Tolerada pela sociedade e apresenta certo charme – Chá alucinógeno legalizado no Exterior – Cultos baseados em alucinógeno da Amazônia fincam raízes – Religião genuinamente brasileira – Mistura crenças e símbolos – Poção sagrada foi liberada – Princípio de liberdade religiosa – Publicidade com adesão de artistas globais – Jovens bebem tanto – Droga da moda é legalizada – Bebida não é vista como um perigo - Melhor que consumir drogas – Relaxar segundo o único modelo à vista, dos adultos – Autorização branca – Problema não está na substância em si, mas no exagero e no descontrole <sup>110</sup>.

Retomando o primeiro aspecto do sintoma social, em sua vertente transgressiva na desarticulação dos parâmetros da lei, encontramos na série que segue, a verdadeira essência do *sujeito farmacotímico* que tomamos como hipótese para a presente dissertação. São significantes que se ligam no texto à experiência com as diversas substâncias e que se oferecem como insignias do modo de gozo a elas ligado. Não se trata de identificar uma apologia ao consumo, nem de um suposto e imaginário perfil psicológico do consumidor, mas sim de recolher a medida enigmática e sedutora dos limites imprecisos que esses termos impulsionam pelas mídias. A leitura da imprensa fornece um sentido próprio a esses dizeres, em função do corpo teórico trabalhado nos capítulos anteriores; porém, eles falam de algo que extrapola o próprio objetivo da redação, e que se vincula

---

<sup>110</sup> Cf. *Corpus* – item e.

ao nó do tempo. Não podemos deixar de lembrar que a sistematização foi construída sobre a amostragem de trinta anos, e que a temporalidade que lhe concerne oferece suporte à noção de *sujeito farmacotímico* nos traços da repetição. O que se repete não são os enunciados ou os termos pontuais do ato *farmacotímico*, mas essa tentativa de apreensão de um saber sobre o mais-gozar, viés que nos introduz à própria questão do sintoma.

O aspecto significativo do sintoma é o fato de ele ser um acontecimento involuntário, desprovido de sentido e pronto para se repetir. Em suma, o sintoma é um significante, se o considerarmos como um acontecimento do qual não domino nem a causa, nem o sentido, nem a repetição <sup>111</sup>.

Introduzimos desse modo uma representação que o sintoma pode adquirir, nos termos de uma solução viável para os conflitos psíquicos atualizados pela modernidade, mediante saída apressada ao ato *farmacotímico* ao modo dos tempos lógicos em Lacan. Essa disposição do *sujeito farmacotímico* no inconsciente se mobiliza pelo discurso da histeria na produção de um saber a partir do mais-gozar. A mobilização se dá, entretanto, na ordem de uma presença espessa que se exemplifica pelo nó do tempo, cuja espessura ou dimensão do laço não encontra medida exata, e que sugere a atemporalidade do inconsciente.

Falar de um *sujeito farmacotímico* como efeito e produto sintomático das narrativas culturais significa pesquisar sobre os modos de alteração da consciência na sociedade moderna, pelo uso de psicoativos, e suas limitações na ordem da satisfação pulsional. O gozo implicado no sintoma não é signo de prazer, mas sim de uma função repetitiva que inclui o aumento da tensão libidinal e o sofrimento associado ao desejo do Outro no inconsciente. Quando o sintoma se enlaça à consciência alterada, presta-se a variadas manifestações críticas de repúdio e a ações políticas proibitivas. No entanto, esse mecanismo pode se reverter em prazer efêmero e pontual, individual ou coletivo, a partir do encontro com a substância, como revela o *sujeito farmacotímico*, o que redonda em outra sorte de elaboração ou de indagação sobre o gozo.

Insana folia medicamentosa – Germes embriagados – Alegria – Boa talagada - Saúde [brinde] – Grupos discretos ou badalados – Fãs – Acessórios – Cerimonial – Uma terra - Função existencial – Introspecção – Alucinação – Silêncio – Folclore – Ato de elegância – Copo de cada dia – Fronteira imprecisa – Doses – Paraíso químico – Delírio – Planta da terra – Lugar ao sol – De todas as horas – Saudável círculo vicioso – O que é bom – Vinhos honestos e jovens – Satisfação garantida – Brincar com a vida – Fascínio – Drágeas e

---

<sup>111</sup> NASIO, *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*, op. cit., p. 19.

comprimidos devorados – Seita de vitaminófilos – Bebe mais e melhor – Amigos e amantes – Automedicar-se – Dietas absurdas – Ferramenta de trabalho – Drogas do trabalho e da hora extra – Aliado perigoso e precioso – Cumplicidade – Insaciável mercado – Não são menos nocivas – Delícia de safra – Prazer no cálice – Ávidos consumidores – Garrafa por garrafa – Benfazeja troca – Sensações ocultas – Círculo fechado – Manias – Arsenais de sedução – Movido a remédio – Vaidade humana – Tempo e disposição – Substitutivo – Dose do mais forte – Fôlego financeiro – Boom dos dietéticos – Loucademia de musculação – Bíceps e coxas poderosos – Comprado facilmente – Devoram e crêem piamente - Venenos de cada dia – Boca-livre – Engolir o excesso – Fácil comprar – Estágio especial de sensibilidade – Universo paralelo – AIDS de cada dia – Estoque em casa – Supositórios com coca – Poder das superdoses – Química da vida - Terapia que dá gosto – Metabolismo regado por coquetel – Hábito complementar – Imitando bichinhos – Convencido pelas evidências – Delegado dos sonhos – Estado de pura necessidade – Descabela e larga a resposta – Disputa gole a gole – Doses desconhecidas – Barato total – Viagem alucinante – Maconha é inofensiva – Vilões nas prateleiras do mercado – Combustível de profissionais – Sedutora e arriscada ferramenta – Prazer de ganhar dinheiro – Parte do cardápio – Esfuziante sensação – Velho e bom *happy-hour* – Popular lexotanzinho – Fácil deslizar – Pessoas se isolam – Pode-se comprar com facilidade – Na beira da estrada, sem receita – Farmacêutico vendia – Lugar privilegiado na escala – Fórmula mágica – Corpo acima de tudo – Hábito de tomar e indicar remédios – Mesmos efeitos e conseqüências – O melhor das viagens – Adesão ao fumo – Calibrar a paranóia – Sensação de bem-estar – Risos e euforia – Comprados por reembolso postal – Cigarro turbinado – Aditivo químico usado e abusado - Nas favelas, mas também nas escolas – Sabor da aventura – Doses mínimas - Bares lotados – O prazer e o vício – Receita milagrosa – Dose cavalariço – Mundo à parte - Bebidas alcoólicas lideram – Alívio de angústias, contato com o sobrenatural e busca do prazer – Embriaguez natural do sono – Bêbado de todas as mentiras vitais – O melhor da vida está na intoxicação – Mais tranquilo, solto e enturmado – Já que você fuma, escolha o meu – Não há limites – Droga do bem – Sensação de prazer ao beber – Efeito cabeça – Maconha pode ajudar – Satisfação garantida – Potência perdida – Ereções poderosas – Depende do mistério – Amplifica a resposta fisiológica normal – Passe de mágica – Fome de um pelo outro – Velho e delicioso mistério – Paixão e obscuridade de desígnios – Pilula da potência – Cálice sagrado da medicina – Mágica da pilula – Efeito de um foguete – Maconheiro conhece maconheiro – Motor do consumo desordenado – É fácil comprar - Tudo parece possível – Experimentar vorazmente – Horizonte de futuro próximo – Viagem sem volta – Pilula da felicidade – Abuso de analgésicos – Consumo exagerado – Prazer corriqueiro – Sensação artificial de prazer e bem-estar – Sensação de prazer é incomparável – Próximo e acessível – Devotamente desejado – Tomara que eu desfaleça – Ativar artificialmente – Sofrem para largar o vício – Primeira sensação é de bem-estar – Recaída como um tropeço – Imperador da cerveja - Tempo é um ponto de vista – Efeito Viagra – Aditivo do prazer – Turma do Viagra – Dose de confiança – Ótimo aditivo – Suspensão temporária da existência – Caminho para trilhar

sozinho – Dia da semana apelidado de *sexta-cheira* – Recaída faz parte do processo – Acesso fácil – Alívio num passe de mágica – Versão legal da heroína – Poderoso combustível – Embalado por coquetéis de opiáceos – Mais do que estimulante, não existe mal-estar – Estimulados pelo clima de aventura e excitação – Fenômeno do ‘cigarrinho’ e da ‘cervejinha’ – Expressão ‘baseadinho’ – Sensações compensadoras – Poderoso relaxante mental e muscular – Bateria extra – Paliativo para ansiedade – Loiro irresistível – Desce mais um! – Caminho da felicidade – Paixão do povão – Aquele chopinho – Refrescante e dourado – Ávido consumidor – Tintim! – Luzes ganham brilho especial – Toque tem efeito multiplicado – Entusiasmo com as sensações provocadas – Aumentam o desejo e estimulam o orgasmo – Orgasmo em pílulas – Poderes dessas substâncias – Salada química – Vitamina de cada dia – Maravilhas das cápsulas – Supostos poderes – Efeitos milagrosos – Limite seguro – Dosagens equilibradas – Dosagem diferencia o remédio do veneno – Pílula mágica que resolve tudo – Nova pílula do amor – Química para o amor – Remedinho receitado por um amigo – Xarope é fresco ou docinho – Fumantes nada passivos – Deixa o cafezinho mais gostoso – Apreciar maconha como quem toma uma cerveja – Algo para se sentir bem – Apenas para relaxar – Tapinhas depois de um dia estressante – Elegia ao tetrahydrocannabinol – Vontade incontrolável de cheirar – Medida da rebeldia – Expressão cristalina de uma vida nada monótona – Adolescentes ávidos por contestação – Algo novo, desconhecido, consciência diferente – Vitória vermelha – Em favor do tinto – Perfumes e sabores únicos – Relação íntima entre experimentação alucinógena e criação artística – Variações da utopia de auto-conhecimento e libertação espiritual – Ampliar o auto-conhecimento – Desempenho, competição e mundo profissional – Corrida contra o tempo – Mina de ouro – Comprimido da felicidade – Circulo vituoso – Potência analgésica equivalente à da morfina – Um super-hiper-mega-remedião – *Ayahuasca* induz estados alterados de percepção – Auto-conhecimento e melhor compreensão do mundo – Mais um barato – Atalho para entrar em contato com o divino – Beber pesadamente é um hábito – Garrafas de cachaça nas mãos dos rapazes – Querem beber o máximo possível, no menor período de tempo – Mesmo padrão de quem consome drogas ilícitas <sup>112</sup>.

A indagação agora pode tomar o seguinte rumo. De que modo os significantes do sintoma apontados no texto das reportagens se reduz à hipótese do *sujeito farmacotímico*? Podemos afirmar que esses termos enunciados e registrados pela imprensa circunscrevem o campo enigmático do gozo ligado ao hábito ou ao consumo dos psicoativos, posicionando o sujeito no lugar de um adir aos acessos. Exatamente em função de uma escolha ao modo dos passos lógicos do tempo, o sujeito se precipita na pressa à certeza antecipada de que pode se subordinar à experiência psicoativa, seja prazerosa ou não, o que consiste em mais um parâmetro de identificação no seio da sociedade de consumo. Por muitas vezes, a comparação entre os efeitos

---

<sup>112</sup> Cf. *Corpus* – item e.

nocivos das substâncias gera por si própria uma questão de opção. Observamos, por exemplo, a questão de qual *droga* proporciona menor perigo à saúde, ou ainda, se os dietéticos e as vitaminas funcionam melhor como alimento ou como remédio.

A relação entre o consumo e a experiência potencial ligada à percepção gozosa e ao corpo é evidente nesta leitura. As expressões falam de vivências amplificadas, maravilhas, efeitos milagrosos, alegria, vigor, felicidade, algo irresistível; de alívio, frescor, euforia, sensações; de excitação, libertação, carinho, auto-conhecimento; vinho, lexotanzinho, cervejinha, xaropinho, cigarrinho, baseadinho; até super-hiper-mega-remedião. Por irônico que possa parecer, esses dizeres manifestam o sujeito no caminho de uma curiosidade *farmacotímica*, ou no mínimo, da boa lembrança de que essas vivências estão próximas de todos e bem acessíveis. Enfim, a hipótese do *sujeito farmacotímico* ganha inspiração em uma forma de delírio coletivo que se desenha no nível dos impasses da razão. A disposição ao delírio como sintoma se enquadra aqui como formação substitutiva e organizadora pelo excesso, produzido no mecanismo do inconsciente, semelhante ao trabalho do sonho, mas característica do estado de vigília.

Segundo Freud, o delírio é uma tentativa de cura, de reconstrução do mundo exterior, pela restituição da libido aos objetos, privilegiada na paranóia e tornada possível graças ao mecanismo da projeção, que permite que aquilo que foi abolido dentro retorne ao sujeito de fora. [...] Na concepção freudiana do aparelho psíquico, tal como é articulada na primeira tópica, essa definição dá ao delírio o significado de sintoma, isto é, de uma formação de substituição, cujas condições de aparecimento dependem de um mecanismo geral, comum à neurose e à psicose <sup>113</sup>.

Portanto, entendemos que a *farmacotímia social* se produz ao modo de uma facilitação ao encontro com as substâncias, como articulação delirante e suplência à falta a gozar. O domínio das dosagens e a aproximação aditiva aos limites perceptivos da consciência e do corpo erógeno proporcionam em tese a perspectiva mágica que se fundamenta em uma possível realidade a conhecer gerada no âmbito discursivo. O *sujeito farmacotímico* se inscreve como efeito de pura lógica na marcação das falas significantes e que se esvai na descontinuidade dos discursos. Conduzindo essa questão às origens do trabalho de seleção da *amostragem*, passando pela organização e recorte dos textos, até a fragmentação da fala escrita, podemos reconhecer nesse processo a emergência de um sentido produzido pela enunciação do gozo associado aos psicoativos a que nomeamos *sujeito farmacotímico*.

---

<sup>113</sup> CHEMAMA, Roland (org.). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 38. É importante considerar que dentre as diferentes acepções de delírio podemos encontrar o delírio de perseguição ou de auto-referência, a erotomania, o delírio de ciúme e o delírio de grandeza.

## Capítulo 10

### Conclusão

O Real, enquanto *ex-siste*, quer dizer, o Real como Real, o Real à segunda potência, é tudo que esse *fala-ser* conhece do dois, é a potência. Seja uma aparência pela qual ele se mantém o apenas um. É o que se chama o ser. Isso, de partida, um elevado à segunda potência, igual a um.

Jacques Lacan

A *farmacotimia* não está exatamente localizada no papel impresso das publicações jornalísticas. Ela se encontra difundida em vários grupos e lugares do Brasil. Deduzimos a partir da análise sobre as reportagens da imprensa brasileira que existe uma idiosincrasia significativa em torno da noção do uso de aditivos e que nos fornece o paradigma de um sintoma de ordem social. Desde o princípio aproximamos os efeitos das substâncias psicoativas ao trabalho do sonho, segundo interpretação freudiana, cujos elementos se condensam e se deslocam em formações do inconsciente, construindo uma cena gratificante ao desejo. Demonstramos, porém, que essa vertente satisfatória constitui formação substitutiva que previne o psiquismo da emergência angustiante de impulsos sexuais e agressivos, o que em última instância dá origem aos pesadelos. De modo similar, a proliferação simbólica e imaginária que consiste na produção onírica pode ser também experimentada de forma aleatória no uso de psicoativos, especialmente os *psicodislépticos*. Ainda que as substâncias sejam heterogêneas quanto aos efeitos particulares, entendemos que seu consumo ocupa um lugar definido na estrutura da sociedade atual, cuja suplência se assemelha à função delirante de reconstrução da realidade observada nos quadros de paranóia.

Na leitura que empreendemos sobre as reportagens identificamos um discurso hegemônico coerente com os propósitos culturais da modernidade. O recurso à ciência moderna e à doutrina asséptica medicinal caracteriza plena garantia de satisfação aos anseios de crescimento tecnológico, educação profissional e assistência sanitária, assim como de aperfeiçoamento moral à sociedade. Esses valores são difundidos no âmbito do liberalismo econômico como modelo universal do mundo capitalista, e isso se apresenta de modo claro nas mídias, uma vez que elas são parte integrante do mesmo processo e discurso ideológico que teve seu principal impulso na Revolução Industrial. Entretanto, esses fatores de importância primordial na compreensão da



sociedade moderna promovem por si próprios o movimento de outros tipos de discurso, em que sujeito e causa do desejo tornam-se relativos à produção de outros saberes ou de outras narrativas. Desse modo distinguimos campos de valoração, que se reproduzem em hábitos grupais, criando antagonismos e consolidando estigmas. No panorama teórico trabalhado ao longo da dissertação, o estigma aqui está vinculado à ruptura entre os laços formais da consciência vigilante e simbolicamente estruturada e da percepção no consumo das diferentes substâncias.

Em torno da disposição *farmacotímica*, encontrada em vários ambientes e meios sociais, a função testemunhal da imprensa transparece disponibilizando discursos organizadores e coerentes com pressupostos jurídicos, científicos e medicinais. Produz em sua prática diária a noção coletiva de um consenso sobre o tema, oferecendo diretrizes comportamentais e respostas fundamentadas na apropriação de saberes científicos. Porém, como vimos, essa não é a única abordagem ou o único compromisso da imprensa, pois desvelamos na sistematização do *corpus* um excedente de manifestações de angústia e de agressividade voltados sobre o consumo enigmático de psicoativos e uma forte preocupação preventiva. Em função desse conteúdo exacerbado nas reportagens, verificamos que a antinomia produzida entre ato *farmacotímico* e iniciativas de recalçamento fazem parte do mesmo mecanismo que caracteriza o sintoma. Nomeamos o sintoma, em sua aparição descontínua no seio das manifestações sociais e das reportagens analisadas, chamando-o *sujeito farmacotímico*.

Investigamos o objeto da pesquisa sob as lentes da teoria psicanalítica em Freud e Lacan, e resgatamos os conceitos que ofereceram suporte a essas conclusões. A questão do sintoma situado no lugar dominante do discurso passou a ser fundamental para consolidar o procedimento desenvolvido na dissertação. Salientamos a importância de realizar essa análise mantendo presente a noção da atemporalidade dos processos inconscientes, enlaçando a lógica do tempo a seus diferentes espessamentos ou à sua elasticidade. A identificação concerne aos lugares que podem ser ocupados mediante os enunciados sobre o desejo do Outro, e constitui condição do sintoma na medida em que exerce a função de suplantar uma falta a gozar no real que se inscreve como causa [mais-gozar]. Vislumbramos, então, a emergência de um saber sobre o sujeito que consome substâncias psicoativas, veiculado pelas narrativas da imprensa, e como lugar desejável e acessível. Esse saber, à semelhança do trabalho onírico e dos efeitos psicoativos, pressupõe a aleatoriedade das representações nas formações inconscientes, o que autoriza a reconstrução delirante em torno do consumo de substâncias. Fundamentando a questão sobre o sintoma, enfatizamos que o modo de gozar do inconsciente mantém estrita relação com os suportes imaginários da construção fantasmática que organiza a esfera das pulsões.

Existe, então, uma produção de saber sobre o gozo que deriva da experiência *farmacotímica*, cuja articulação só é permitida ao *sujeito do efeito*, uma vez que a substância não gera saber em si. Isso o distingue da abordagem dispensada a essas questões a partir do saber científico e do saber produzido no campo das narrativas jornalísticas, razão pela qual o método desse trabalho foi precisamente reconstruir por meio da sistematização das reportagens o campo que concerne ao lugar do sujeito e dos efeitos nos discursos. Pensamos que a imprensa de um modo geral poderia privilegiar e documentar a fala do *sujeito do efeito* em busca de outras disposições narrativas, resgatando a tradição documentarista no jornalismo e tornando seu testemunho mais permeável do que o que encontramos nas reportagens. Não temos dúvida de que os efeitos desvanecem, e tornando a aparecer, fomentam a idéia de que mesmo assim algo insiste e repete. Para fins dessa averiguação, o elemento que repete é o sintoma e lugar a ser ocupado pelo *sujeito farmacotímico*.

Concluimos assim que o que caracteriza basicamente o *sujeito farmacotímico* é a acessibilidade imediata e ilimitada de experimentar alterações no sistema percepção-consciência independente de qualquer restrição ética ou legal. Por estar em relação negativa para com os preceitos da razão crítica e disciplinar, sustenta em si a própria ética do individualismo na medida em que se dispõe à transgressão de valores e regras vigentes em função de avaliação particular sobre o produto a consumir. O *sujeito farmacotímico* se reduz ao gozo dos psicoativos pelos traços prospectivos e retrospectivos que envolvem o uso. Mediante os primeiros, garante a satisfação pela antecipação do gozo *farmacotímico* essencialmente vinculado aos ideais de identificação. Mediante os segundos, garante a satisfação pelo encontro libidinal com a substância potencializada no real. A garantia de gozo por meio das substâncias é essencialmente o que traduzimos por *sujeito farmacotímico* no lugar do sintoma, cuja formação substitutiva evoca o delírio. Desse modo reencontramos o sentido da *farmacotimia* atribuído por Rado, ou seja, de dar vazão ao desejo de magia e diluir o espírito aos efeitos das substâncias.

Em conclusão a essa leitura e dissertação de mestrado, posicionamos toda a evolução metodológica do trabalho como um processo atemporal. As referências encontradas nas revistas *Veja*, *Istoé* [*Istoé/Senhor*] e *Época*, são significantes e desenharam marcas no tempo, às quais todos podemos retornar e reavaliar. Constituem falas marcantes de períodos diferentes da história brasileira e se inserem na cronologia das publicações. Entretanto, a questão que investigamos não está necessariamente contida na imprensa, e apenas desenvolvemos a leitura das reportagens por ser esse material rico na mobilidade dos discursos e na disposição das narrativas. O que investigamos absorve as ciências da comunicação e se insere na cultura metaforicamente, ou seja, sob o eixo sincrônico das manifestações sintomáticas. Portanto, com que *régua e compasso*

poderíamos mensurar o tamanho do nó desse sujeito que se inscreve no tempo? A *farmacotimia social* encontra espaço na imprensa por ser um dado a conhecer sobre a potencialidade do real instituída na coletividade pelo uso de aditivos.

---

Rapazes e moças [gurus e gurias] agrupam-se na Usina do Gasômetro às margens do Guaíba <sup>114</sup> para contemplar o pôr-do-sol, e fumam seus baseados sem qualquer programação. Milhares de cabeças esfuziantes pululam pelas avenidas de Salvador, em pleno Carnaval, com chuva, suor e cerveja. Centenas de jovens dançam magnéticos, energéticos, cinéticos e sensuais, na delirante mega-festa *rave* saudada com *ecstasy*. Nos motéis do Rio de Janeiro, casais transpiram, ruborizam, contraem, gozam de prazer sob efeito da pílula azul. Em meio à cortina de fumaça dos cigarros como incensos, jogadores de sinuca e pôquer se concentram na próxima jogada. Em noite de lua cheia no Acre, homens e mulheres cantam e fazem os passos rituais em sincronismo com o transe alucinatório [*mirações*] da *ayahuasca*. Moradores de rua e menores foragidos da Febem se agacham em outro silencioso ritual para *pipar crack* nas ruas da *cracolândia* no centro de São Paulo. Pescadores do Pântano do Sul <sup>115</sup> gargalham no bar do Arante embalados pela cachaça de destilação local, depois de uma bem sucedida pescaria.

---

---

<sup>114</sup> Rio Guaíba. Bacia hidrográfica que banha a cidade de Porto Alegre [RS].

<sup>115</sup> Pântano do Sul. Praia ao sul da Ilha de Santa Catarina – Florianópolis [SC].

## Referências Bibliográficas

- BAHIANA, A. M. "Importação e assimilação: rock, soul e disquete". In: *Anos 70. I. Música Popular*. Rio de Janeiro: Europa, 1979.
- BARTHES, R. *S/Z. Uma análise da novela Sarrazine de Honoré de Balzac*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BAUDELAIRE, C-P. *O poema do haxixe*. Rio de Janeiro: Newton Compton, 1996.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BERMUDEZ, J. A. Z. *Indústria farmacêutica, estado e sociedade*. São Paulo: Hucitec/Sobravime, 1995.
- CABAS, A. G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Moraes, 1982 (Biblioteca Freudiana Brasileira).
- CARANDELL, J. M. *A contestação juvenil*. Rio de Janeiro: Salvat do Brasil, 1979 (Biblioteca Salvat de Grandes Temas).
- CARNEIRO, H. *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- CHEMAMA, R. (org.). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 (Larousse).
- CLAVREUL, J. *A ordem médica. Poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978 (Estudos).
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1988 (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).
- FREITAS, J. M. M. *Comunicação e psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1992.
- FREUD, S. "La interpretación de los sueños". In: *Obras Completas. Tomo I*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- \_\_\_\_\_. "Los sueños". In: *Obras Completas. Tomo I*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- \_\_\_\_\_. "Mas allá del principio del placer". In: *Obras Completas. Tomo III*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- \_\_\_\_\_. "El malestar en la cultura". In: *Obras Completas, vol. III*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

- \_\_\_\_\_. "El problema económico del masoquismo". In: *Obras Completas, vol. III*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- GERBER, D. "Dis-curso del psicoanálisis: um ponto de vista antieconómico". In: BRAUNSTEIN, N. A. (org.). *El discurso del psicoanálisis*. México D.F.: Siglo Veintiuno, 1986.
- GOMES, M. R. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo: Edusp/Hacker, 2000.
- HAINING, P. *El Club del Haschisch. La droga en la literatura*. Madrid: Taurus, 1976.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG/Unesco, 2003.
- HOLLANDA, H. B. de. *Impressões de viagem. CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- JAANUS, M. "A desmontagem da pulsão". In: FELDSTEIN, R. (org.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987 (O Campo Freudiano no Brasil).
- KEHL, M. R. "As máquinas falantes". In: NOVAES, A. (org.). *O homem máquina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1974 (Signos).
- LACAN, J. "El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. Un nuevo sofisma". In *Escritos. Tomo I*. México D.F.: Siglo Veintiuno, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAPLANCHE J. & PONTALIS J-B. (org.). *Vocabulário da psicanálise*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, C. "Introdução à obra de Marcel Mauss". In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Vol 1. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.
- LYOTARD, J-F. *La posmodernidad (explicada a los niños)*. Barcelona: Gedisa, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papyrus, 1996 (Travessia do Século).
- \_\_\_\_\_. *O inumano: considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa, 1990 (Margens).
- MELMAN, C. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania. Uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992.
- MILLER, J-A. *A erótica do tempo*. Rio de Janeiro: Latusa, 2000.

- \_\_\_\_\_. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo, n. 26/27, p. 87-105, abr. 2000.
- NASIO, J-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 (Transmissão da Psicanálise).
- NOGUEIRA Fº, D. M. *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta, 1999.
- OMS [Organização Mundial de Saúde]. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde [CID-10]. Volume I*. São Paulo: Edusp [Editora da Universidade de São Paulo], 1996.
- OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Tradução por Álvaro Cabral e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- PORGE, E. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro: Campo Matémico, 1994.
- SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano. Uma parceria clínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 (Campo Freudiano no Brasil).
- SANTAELLA, L. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- SCHIVELBUSCH, W. *Historia de los estimulantes. El paraíso, el sentido del gusto y la razón*. Barcelona: Anagrama, 1995.
- SCHUCKIT, M. *Abuso de álcool e drogas: uma orientação clínica ao diagnóstico e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- VALLEJO, A. & MAGALHÃES, L. C. *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

**José Ricardo Gallina**

**DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma  
Leitura da Imprensa Sobre o Consumo de  
Substâncias Psicoativas na Sociedade Brasileira**

**Volume II**

**Anexos**

**Universidade de São Paulo**

**2006**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP**  
**Escola de Comunicações e Artes – ECA**  
**Departamento de Jornalismo e Editoração - CJE**

**DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma Leitura da  
Imprensa Sobre o Consumo de Substâncias Psicoativas na  
Sociedade Brasileira**

**Volume II**

**Anexos**

**JOSÉ RICARDO GALLINA**

**São Paulo**  
**2006**



**DISCURSOS E EFEITOS EVANESCENTES: Uma Leitura da  
Imprensa Sobre o Consumo de Substâncias Psicoativas na  
Sociedade Brasileira**

**Índice**

**Anexos**

Anexo a.	Ilustrações	201
Anexo b.	Reportagens afins	202
	Item I.	202
	Item II.	203
	Item III.	204
Anexo c.	Reportagens significantes	205
	Revista Veja [Editora Abril]	205
	Revista Istoé [Editora Três]	208
	Revista Época [Editora Globo]	212
Anexo d.	Amostragem	215

## a. Ilustrações

- A. Rê Bordosa [Arnaldo Angeli Fº]
- B. Mafalda [Joaquín Salvador Lavado - Quino]
- C. Freak Brothers [Gilbert Shelton]
- D. Happy Days [Miguel Paiva]
- E. El Perfecto [Robert Crumb]
- F. Banda de Moebius [Maurits Cornelis Escher]
- G. Sem título [Joaquín Salvador Lavado - Quino]
- H. Tintim em O Loto Azul [Georges Remi - Hergé]
- I. Mercado de escravos com busto invisível de Voltaire [Salvador Dalí]
- J. Astronauta em O Planeta dos Sonhos [Maurício de Souza]
- K. Mania de grandeza [autoria não obtida]

## b. Reportagens afins

I. Destacamos reportagens especiais [de capa] sobre assuntos de saúde, avanços medicinais, novidades terapêuticas e farmacológicas, de publicações semanais que não foram utilizadas para leitura nessa dissertação de mestrado.

Veja: Bebê de laboratório [mar. 70]; INPS e assistência médica [dez. 71]; Meningite: a epidemia da desinformação [out. 72]; Câncer: o diagnóstico no Brasil [abr. 73]; Saúde: o Brasil vulnerável [set. 74]; O médico brasileiro [out. 74]; Meningite: a batalha decisiva [abr. 75]; A ciência do sexo [ago. 75]; Coração: a cura mais fácil [set. 75]; O preço da medicina [out. 75]; Câncer: onde estão as causas [fev. 76]; O parto, hoje [out. 76]; Paralisia infantil [abr. 80]; A defesa do coração [ago. 80]; As crianças e a saúde [nov. 80]; A medicina da beleza [abr. 81]; Genética: a ciência que muda o mundo [set. 81]; Câncer: a cura está mais próxima [nov. 81]; Dor [out. 82]; Os segredos do cérebro [fev. 83]; As promessas da genética [mar. 84]; Medicina: o bisturi perde terreno [ago. 84]; A construção do corpo [set. 84]; A brasileirinha de profeta [out. 84]; Coração artificial [dez. 84]; A popularidade do regime [dez. 84]; AIDS [ago. 85]; O triunfo dos transplantes [set. 85]; Colesterol: as boas notícias [out. 85]; A nova arma contra o câncer [dez. 85]; Câncer: o drama de Funaro [jan. 86]; Vitaminas: as pílulas da saúde [fev. 86]; A falência da saúde pública [maio 86]; A criação da beleza [jul. 86]; AIDS: o que já se sabe [jan. 87]; Medicina: a ética em debate [jul. 87]; Riscos da gravidez [set. 87]; O medo do contágio [out. 87]; Coluna: o combate à dor [fev. 88]; AIDS: os que vão morrer [ago. 88]; Dor de cabeça [out. 88]; Planos de saúde [dez. 88]; Engenharia genética: o século XXI hoje [mar. 89]; Cazuzá: uma vítima da AIDS [abr. 89]; A volta da alegria de comer [jan. 90]; Erros médicos [maio 90]; Inteligência [nov. 90]; AIDS: o vírus pega o Pelé do basquete [nov. 91]; Desejo de matar [fev. 92]; A conquista do sono [jan. 93]; Os médicos pedem socorro [ago. 93]; Mulheres e AIDS [ago. 93]; Morte digna [ago. 94]; Gordura [dez. 94] Homem e mulher: viva a diferença [mar. 95]; UTI: o corredor da morte [maio 95]; A saúde como herança [jun. 95]; A construção da beleza [ago. 95]; Gravidez [set. 95]; Infarto [set. 95] Os segredos da boa forma [out. 95]; Como funciona o cérebro das crianças [mar. 96]; Câncer [abr. 96]; A medicina cara [maio 96]; AIDS: mais perto da cura [jul. 96]; Um milagre chamado comida [out. 96]; Inteligência emocional [jan. 97]; Stress: como conviver com ele [fev. 97]; A revolução de Dolly [mar. 97]; O cérebro contra o computador [mar. 97]; O golpe nos gordos [set. 97]; Planos de saúde [out. 97]; O medo da balança [fev. 98]; Câncer no rumo da cura [maio 98]; Especial: sua criança [maio 98]; Crise nervosa [jul. 98]; O poder da mente [ago. 98]; Enxaqueca [ago. 98]; Comer sem engordar [out. 98]; Peguei AIDS do meu marido [out. 98]; Quando os médicos erram [mar. 99]; A vitória do coração [out. 99]; Bebês pré-fabricados [nov. 99]; A ciência da mulher [mar. 00]; A guerra das dietas [abr. 00]; Check-up [jun. 00]; Genoma [jul. 00]; O laboratório do corpo [set. 00]; De onde viemos: DNA [dez. 00]; De cara nova: plástica [jan. 01]; Câncer: o exemplo dos famosos [jan. 01]; Fobias e pânico [fev. 01]; Dieta sem fome [fev. 01]; Especial: sua saúde [mar. 01]; Tudo por um filho [maio 01]; O poder da mente [jun. 01]; Começou: clone humano [ago. 01]; A ciência da boa forma [nov. 01]; Novas armas contra a dor [fev. 02]; Os exageros da plástica [mar. 02]; Os riscos das terapias alternativas [maio 02]; A nova cartilha do coração [jul. 02]; Em busca do desejo [ago. 02]; Eles escolheram: vida e morte [set. 02]; Especial: saúde [out. 02].

Istoé: O enfarte na faixa dos 30 [out. 80]; Dor de dente, dor de bolso [out. 80]; A opção homeopática [fev. 81]; Médico: profissão em crise [abr. 81]; A cardiomania nacional [out. 81]; A tragédia da desnutrição infantil [dez. 81]; Quando o médico erra [mar. 83]; A ciência descobre as plantas medicinais [maio 83]; Planejamento familiar [jun. 83]; A luta contra a insônia [ago. 83]; A guerra da assistência médica [fev. 84]; A dieta do brasileiro [jul. 84]; Genética: domando a vida [ago. 84]; A oficina do coração [out. 84]; As ratazanas do INPS [fev. 85]; AIDS: 219 casos [mar.

85]; Super-bactérias: morte no hospital [abr. 85]; Tenho AIDS e não quero morrer [maio 85]; Hospitais: a greve cruel [jul. 85]; AIDS: crise nos bancos de sangue [ago. 85]; AIDS: risco geral [set. 85]; Como evitar a AIDS [set. 85]; Como o INAMPS tapou o rombo [dez. 85]; Epidemias: tratamento de choque [maio 86]; AIDS: vem aí uma campanha [dez. 86]; Soldados da AIDS [fev. 87]; AIDS: corrida contra o tempo [abr. 87]; Esperança para os cardíacos [jul. 87]; Stress [jul. 87]; AIDS: o drama dos hemofílicos [jan. 88]; Perigos do esporte infantil [maio 88]; AIDS, pânico e preconceito [set. 88]; Atenção, ser gordo não é ruim [dez. 88]; Novos tratamentos do câncer [jun. 89]; A saúde por um fio [ago. 89]; AIDS: a mulher quase não transmite [maio 90]; Dengue: a epidemia da omissão [jan. 91]; Cólera [abr. 91]; Impotência [jan. 92]; Pânico da AIDS [fev. 92]; Genoma: a chave da vida [jul. 93]; AIDS: o drama de Sandra Bréa [ago. 93]; Planos de saúde [fev. 94]; Abaixo o regime [fev. 94]; Câncer: a vitória da vida [abr. 94]; Indústria da beleza [nov. 94]; Mulher e AIDS [dez. 94]; AIDS: a cobaia [mar. 95]; Saúde: como prolongar a vida [mar. 95]; Vírus: assassinos invisíveis [abr. 95]; Ébola [maio 95]; A cura pelo além [jun. 95]; O doutor errou: e agora? [jul. 95]; Cuidado: o trabalho mata [ago. 95]; Cérebro [nov. 95]; A gravidez do rei [abr. 96]; Coração de mulher [maio 96]; Brasil pratica a eutanásia [jul. 96]; A cura alternativa [out. 96]; Câncer: perto da cura [jan. 97]; Fábrica de gente: clonagem [mar. 97]; Curandeiros [maio 97]; O câncer e a cura [maio 98]; Gordura: o novo padrão [jun. 98]; Perigo: hantavírus [jul. 98]; Eu vi a cara da morte [jul. 98]; Ervas milagrosas [set. 98]; Sexo faz bem à saúde [out. 98]; Coração: não deixe que pare [mar. 99]; Alimentos que curam [abr. 99]; Eu venci o câncer [abr. 99]; A pílula da celulite [maio 99]; Defenda-se da alergia [maio 99]; Não morra pela boca [jul. 99]; Stress [ago. 99]; O novo check-up [set. 99]; Especial: saúde da mulher [set. 99]; Dieta nunca mais [out. 99]; Memória [out. 99]; A fonte da vida: Genoma [out. 99]; As novas pílulas do emagrecimento [dez. 99]; O corpo do futuro [jan. 00]; Vem aí a grande gripe [jan. 00]; Os que venceram a morte [fev. 00]; O homem-biônico [fev. 00]; Fobia [fev. 00]; AIDS [mar. 00]; Mais força para o coração [abr. 00]; AIDS: preconceito [maio 00]; Dor de cabeça [jun. 00]; Planos de saúde [jul. 00]; Insônia [ago. 00]; Cirurgia plástica [set. 00]; Hipertensão [out. 00]; Obesidade [out. 00]; Dores nas costas [nov. 00]; Não frite no verão [dez. 00]; Especial: seu bebê [jan. 01]; Genoma: a revolução da vida [fev. 01]; Malhação cerebral [mar. 01]; Clonagem [mar. 01]; Ansiedade [abr. 01]; Defenda-se dos perigos do inverno [maio 01]; O poder verde [jun. 01]; Diabetes: doce perigo [jul. 01]; Não clonará! [ago. 01]; Pilha nova: cansaço [ago. 01]; Especial: saúde da mulher [set. 01]; Emoções que curam [set. 01]; AIDS: as boas notícias [nov. 01]; Viva bem aos 100 [jan. 02]; Memória [fev. 02]; Dengue [fev. 02]; TPM: como conviver com ela [abr. 02]; Vire a mesa: dietas [abr. 02]; A hora de cuidar do corpo [maio 02]; Corpo sem travas: reumatismo [jun. 02]; Eu amo meu coração [jul. 02]; Câncer: as novas armas [nov. 02].

**II.** Destacamos reportagens especiais [de capa] sobre tendências da juventude brasileira de publicações semanais que não foram utilizadas para leitura nessa dissertação de mestrado.

Veja: Sexo dos anos 60 [nov. 69]; O último verão da contra-cultura [mar. 73]; Musculação: um novo ritual [set. 83]; Retrato do jovem brasileiro [abr. 84]; A moda das danceterias [jul. 84]; Deixem os seus filhos em paz [jul. 88]; Videogames: uma nova geração [dez. 89]; A festa da juventude [jan. 91]; Anjos rebeldes [ago. 92]; Videogame na cabeça [dez. 92]; Hip-hop, rap e funk [jan. 94]; A tribo [abr. 95]; A criança e o sexo na TV [jul. 95]; Prontos para o verão [jan. 97]; Não, não e não! [jun. 99]; Sonho de modelo [jul. 99]; Como salvar nossas crianças [set. 99]; Sexo: a hora de começar [jan. 00]; Especial: Jovens [set. 01].

Istoé: Libelu: o charme da esquerda adolescente [jul. 79]; O amor aos 15 anos [abr. 80]; Adolescentes: como transam [mar. 82]; A violência golpeia as crianças [nov. 83]; A nova turma do vídeo [fev. 84]; Mães meninas [out. 85]; Adolescentes: saúde sexual em perigo [ago. 86]; Os garotos vão às ruas [set. 92]; A era dos tecno-hippies [jun. 93]; A explosão do consumo jovem [jun. 94]; Grávida aos 15 anos [set. 94]; Como educar seus filhos [jul. 95]; Sexo-teen [set. 96];

Baby boom: a geração do real [out. 96]; Crianças adultas: Eros e stress [mar. 97]; Trabalho infantil [abr. 97]; Dramas de pais e filhos [set. 97]; A nova revolução sexual [jun. 98]; Mundo dos manos [out. 98]; Criança inteligente [jun. 99]; Filhos: porque tê-los? [maio 00]; Filhos: bater não educa [nov. 00]; Virgindade [jan. 01]; Tá ligado? [jul. 01]; Namorar ou ficar? [maio 02]; Como cuidar de nossos filhos? [nov. 02].

Época: A época dos jovens [dez. 99].

**III.** Destacamos reportagens especiais [de capa] sobre cuidados com o corpo e perspectiva de longevidade para adultos e idosos de publicações semanais que não foram utilizadas para leitura nessa dissertação de mestrado.

Veja: Os discípulos de Cooper [jul. 72]; A ciência do sexo [ago. 75]; O culto do corpo [out. 79]; Genética: a ciência que muda o mundo [set. 81]; A construção do corpo [set. 84]; A criação da beleza [jul. 86]; Engenharia genética: o séc. XXI hoje [mar. 89]; Em busca da juventude [jul. 90]; A construção da beleza [ago. 95]; Os segredos da boa forma [out. 95]; A idade real [set. 99]; A guerra das dietas [abr. 00]; Sexo depois dos 40 [maio 00]; Genoma [jul. 00]; O laboratório do corpo [set. 00]; De cara nova: cirurgia plástica [jan. 01]; Saúde e vitalidade: dos 8 aos 80 [jul. 01]; A ciência da boa forma [nov. 01]; Os exageros da plástica [mar. 02]; Em busca do desejo [ago. 02].

Istoé: A cardiomania nacional [out. 81]; Genética: domando a vida [ago. 84]; Em busca da eterna juventude [dez. 87]; O segredo da longa vida [nov. 92]; Genoma: a chance da vida [jul. 93]; Indústria da beleza [nov. 94]; Saúde: como prolongar a vida [mar. 95]; Em busca do corpo perfeito [abr. 95]; A busca da qualidade de vida [jan. 96]; Viva melhor [jul. 98]; O novo check-up [set. 99]; A fonte da vida: Genoma [out. 99]; O corpo do futuro [jan. 00]; O homem biônico [fev. 00]; A febre do fitness [maio 00]; Cirurgia plástica [set. 00]; Viva mais... e melhor [nov. 00]; Genoma: a revolução da vida [fev. 01]; A receita da felicidade [abr. 01]; Viva bem aos 100 [jan. 02]; A hora de cuidar do corpo [maio 02]; Eu amo meu coração [jul. 02].

Época: O resgate da juventude [set. 98]; A vida vence a velhice [ago. 99]

## c. Reportagens significantes

### Revista Veja [Editora Abril]

001. Nº 146 – 23 junho 1971 – Tóxicos: As Razões do Medo [Capa]. Pg. 52-60 – O Verdadeiro Preço do Barato [Comportamento].
002. Nº 470 – 07 setembro 1977 – Crime e Drogas. Exclusivo: “Cláudia Foi Morta na Casa de Michel Frank” [Capa]. Pg. 28-31 – O Mistério Vai Acabar? [Especial] Uma inesperada confissão de Michel Frank pode elucidar o “caso Cláudia Rodrigues”. E pode incriminar o próprio Frank. Pg. 32-38 – A Ascensão da Cocaína. Freneticamente, a droga da década de 70 passa do banheiro à sala.
003. Nº 606 – 16 abril 1980 – A Batalha Contra o Fumo [Capa]. Pg. 76-82 – A Epidemia do Século [Medicina] Com vinte anos de atraso, chega ao Brasil, um país de 25 milhões de viciados, a guerra contra o fumo, seus cancerígenos e seus tóxicos.
004. Nº 685 – 21 outubro 1981 – Alcoolismo: Brasil, Campeão do Consumo de Bebida Destilada [Capa]. Pg. 88-96 – A Ameaça Engarrafada [Especial] O Brasil produz 900 milhões de litros de cachaça por ano, amplia sua legião de alcoólatras e é líder mundial no consumo de bebidas destiladas.
005. Nº 690 – 25 novembro 1981 – O Tóxico nas Escolas [Capa]. Pg. 28-34 – O Aprendizado do Vício – Os traficantes de tóxicos que rondam as escolas em busca de jovens fregueses assustam pais, professores e o Ministério da Justiça.
006. Nº 693 – 16 dezembro 1981 – A Moda do Vinho Branco [Margem]. Pg. 54-60 – Com Sabor Brasileiro [Especial] O vinho nacional conquista finalmente seu lugar ao sol entre consumidores que elegem o branco como a bebida de todas as horas.
007. Nº 699 – 27 janeiro 1982 – A Morte de Elis Regina: A Tragédia da Cocaína [Capa]. Pg. 54-63 – O Amargo Brilho do Pó [Memória] Aos 36 anos, Elis Regina, a melhor cantora do Brasil, foi achada morta, trancada em seu quarto, onde tomara a derradeira dose de cocaína. Pg. 60-63 – A Perfeita Alquimista. Misturando técnica e emoção, Elis resistiu às fórmulas fáceis e se tornou a maior cantora do Brasil.
008. Nº 701 – 10 fevereiro 1982 – O Que Há Dentro dos Cigarros: Quebrado o Segredo dos Teores [Capa]. Pg. 70-78 – A Fumaça Afinal Revela os Seus Segredos [Economia e Negócios] A Souza Cruz libera uma lista sigilosa e abre uma nova era na luta por um vasto mercado.
009. Nº 798 – 21 dezembro 1983 – Vinhos Finos Nacionais: O Brasil Melhora o Paladar [Capa]. Pg. 80-86 – O Brasileiro Viu a Uva [Especial] Com o galope no preço dos importados e a evolução do produto gaúcho, o país volta-se para seus vinhos, bebe mais e bebe melhor.
010. Nº 925 – 28 maio 1986 – Cocaína: A Droga no Mundo dos Executivos [Margem]. Pg. 54-61 – A Sedução Perigosa [Especial] A cocaína sai das rodas sociais para se transformar também numa ferramenta de trabalho do executivo dos anos 80.
011. Nº 937 – 20 agosto 1986 – A Reação Contra as Drogas [Capa]. Pg. 92-98 – O Império Sob Ataque [Especial] A sociedade e os governos começam a se arremeter para um ataque mortal contra um inimigo cada vez mais incontrolável: a droga.
012. Nº 976 – 20 maio 1987 – Fumantes: Uma Vida Cada Vez Mais Difícil [Margem]. Pg. 84-88 – Uma Tribo Cercada [Comportamento] Cresce a segregação aos fumantes no mundo, e nos EUA os tabagistas já são tratados como indesejáveis sociais.
013. Nº 1006 – 16 dezembro 1987 – Minas Gerais: Agressão aos Roqueiros [Margem]. Pg. 20-23 – A Voz da Intolerância [Brasil] O espancamento de dois roqueiros da banda do Lobão, em São João Del-Rei, aponta para uma velha doença do país.

014. Nº 21 [XX] – 25 maio 1988 – Por Que o Cigarro Vicia [Capa] Como a nicotina provoca uma dependência igual à das drogas – As pesquisas para quebrar os mecanismos do vício. Pg. 70-77 – A Química do Vício [Saúde] Estudo americano revela que a nicotina tem um poder de gerar dependência tão grande quanto o de drogas como a heroína e a cocaína.
015. Nº 33 [XX] – 17 agosto 1988 – Remédios: A Receita do Atraso [Margem]. Pg. 74-81 – A Indústria de Remédios Vai Para a UTI [Economia e Negócios] Os laboratórios reclamam dos preços, tiram produtos do mercado e congelam investimentos.
016. Nº 38 [XXII] – 27 setembro 1989 – Michel Frank: A Morte a Tiros em Zurique [Margem]. Pg. 58-60 – A Tragédia Final [Crime] O assassinato de Michel Frank encerra uma vida de desastres e sepulta o caso Cláudia Lessin.
017. Nº 05 [XXIII] - 07 fevereiro 1990 – Adriana de Oliveira: A Morte da Modelo [Margem]. Pg. 66-69 – Um Sábado Trágico [Sociedade] Aos 20 anos, a modelo Adriana de Oliveira morre num fim de semana agitado com amigos em um sítio no interior de Minas Gerais.
018. Nº 06 [XXIII] – 14 fevereiro 1990 – Jovens em Perigo [Capa] A morte da modelo Adriana de Oliveira expõe uma nova face da tragédia das drogas. Pg. 64-70 – Pó, Fumo e Bola [Sociedade] Exames comprovam que a modelo paulista Adriana de Oliveira morreu por overdose de cocaína, misturada com álcool, maconha e tranquilizante.
019. Nº 13 [XXIV] – 27 março 1991 – Drogas: O Traficante Está na Sala de Aula [Capa]. Pg. 42-48 – Na Carteira ao Lado [Especial] Os traficantes que vendem drogas nas escolas são estudantes matriculados, que têm boas roupas, comparecem às aulas e até tiram boas notas.
020. Nº 22 [XXIV] - 29 maio 1991 – Meninos de Rua: Os Filhos da Miséria e do Crime [Capa]. Pg. 34-44 – Infância de Raiva, Dor e Sangue [Especial: Mário Simas Filho e Lula Costa Pinto] Os meninos de rua vivem numa cadeia de violências que começa em casa e termina na geladeira do IML. Como é a Família [Eliane Azevedo] A maioria das crianças vem de lares em estado de colapso, com pais destruídos pela falta de emprego fixo e pelo alcoolismo. Como é a Vida na Rua [Mário Simas Filho] As crianças roubam o dia inteiro, cheiram cola de sapateiro, brincam de esconde-esconde, namoram e até visitam os pais de vez em quando. Como Eles Morrem [Lula Costa Pinto] O IML do Recife recebe quinze corpos de crianças mortas por mês, dos quais 8% são brancos e 80% sofreram algum tipo de tortura.
021. Nº 46 [XXV] – 11 novembro 1992 - Drogas: O Fim do Glamour [Margem]. Pg. 78-83 – O Fim da Apologia às Drogas [Comportamento: Fabrício Marques] A cocaína se populariza e ninguém mais identifica o uso do pó com projeção social.
022. Nº 11 [XXVI] – 17 março 1993 - Sexo, Drogas e Brigas na Dinda [Capa] Os novos ataques de Pedro a Fernando Collor. Pg. 16-21 – Última Pá de Lama [Brasil] Pedro Collor revela que o ex-presidente consumia cocaína no governo e aponta dois casos de adultério de Rosane.
023. Nº 26 [XXVI] – 30 junho 1993 - Vitaminas: O Poder das Superdoses [Capa]. Pg. 72-79 – A Química da Vida [Saúde] Os cientistas descobrem que superdoses de algumas vitaminas podem ajudar a evitar o enfarte, certos tipos de câncer e retardar o envelhecimento.
024. Nº 18 [XXVII] – 04 maio 1994 - Crack: As Pedras do Pó [Margem]. Pg. 54-63 – As Perversas Pedras do Pó [Especial: Elio Gaspari e Egberto Nogueira] Em São Paulo o crack alucina quem o fuma, quem o vê e quem o combate pensando em guerra às drogas.
025. Nº 23 [XXVII] – 08 junho 1994 - A Cerveja Invade a Copa [Capa] A Brahma usa a seleção numa campanha agressiva que testa os limites da publicidade. Pg. 94-104 – A Cerveja Põe Seu Dedo na Copa [Consumo] A Brahma aproveita a seleção para lançar a campanha mais abrangente e ambiciosa já vista no país. Pressão de baixo – A Brahma e a Antarctica perdem pontos, mas as cervejarias menores fazem a festa.
026. Nº 05 [XXVIII] – 01 fevereiro 1995 – As Drogas Devem Ser Legalizadas? [Capa] A repressão fracassou. Buscam-se novas formas de combater o problema e este debate está chegando ao Brasil. Pg. 80-88 – A Estratégia Número 2 Contra a Droga [Idéias] Crescimento do consumo e do tráfico reacende discussão sobre legalização de entorpecentes.

027. Nº 22 [XXIX] – 29 maio 1996 – Cigarro [Capa] A indústria mistura amônia no tabaco para aumentar a dependência dos fumantes. Pg. 88-99 – O Segredo do Cigarro Turbinado [Saúde: Virginie Leite] Relatório exclusivo acusa a indústria de envenenar o fumo para reforçar a dependência. A Fumaça da Riqueza [João Fábio Caminoto e Karina Pastore] Da planta de fumo ao cigarro na padaria, o tabagismo no Brasil é um negócio de 7 bilhões de reais. O Direito à Intoxicação [Laura Capriglione] O puritanismo reciclado é o responsável pela conversão do cigarro em grande satã contemporâneo.
028. Nº 48 [XXIX] – 27 novembro 1996 – Gordura Tem Remédio [Capa] As novas drogas que combatem a obesidade. Pg. 70-76 – Gordura Tem Remédio [Medicina: Eurípedes Alcântara] Depois da era das bruxarias, um medicamento assume o posto de maior aliado do gordo na hora da dieta.
029. Nº 21 [XXX] – 28 maio 1997 – Da Cervejinha ao Alcoolismo [Capa] Um mergulho no mundo da dependência. Pg. 62-77 – A Crua Realidade do Alcoolismo [Especial: Dorrit Harazim] A tênue passagem entre beber socialmente e ir perdendo o controle da vida.
030. Nº 13 [XXXI] – 01 abril 1998 – A Pílula Milagrosa [Capa] Foi aprovado o remédio que resolve até 80% da impotência sexual. Pg. 86-91 – Satisfação Garantida [Especial: Karina Pastore e Valéria França] Com até 80% de eficácia está chegando ao país a pílula contra a impotência.
031. Nº 21 [XXXI] – 27 maio 1998 – Eles Precisavam Morrer? [Capa] Como as drogas estão matando os jovens e o que os pais podem fazer. Pg. 118-125 – Passageiros da Agonia [Especial: Alexandre Oltramari, José Edward, Rodrigo Cardoso, Roberta Paixão e Juliana de Mari] No auge da vida, jovens perdem a luta contra as drogas. Parentes rompem o silêncio e relatam seus dramas.
032. Nº 36 [XXXI] – 09 setembro 1998 – Idade do Perigo: Como a Violência, as Drogas e a AIDS Ameaçam os Jovens e o Que os Pais Podem Fazer [Margem]. Pg. 88-97 – Geração Perigo [Sociedade: Glenda Mezarobba e Rodrigo Cardoso] AIDS. Crack. Violência. Os jovens nunca correram tantos riscos.
033. Nº 08 [XXXII] – 24 fevereiro 1999 – Vício: Sexo, Drogas, Comida, Cigarro e Bebida [Capa] A luta de milhões de brasileiros para se livrar da dependência. Pg. 96-103 – A Luta Contra o Vício [Especial: Juliana de Mari, Daniel Hessel Teich, Pablo Nogueira, Daniella Camargos e Márcio Pimentel] Como funcionam os grupos anônimos que ajudam pessoas a se livrar da dependência.
034. Nº 13 [XXXII] – 31 março 1999 – Depressão: A Luta Contra a Doença da Alma [Capa] Ela ataca mais mulheres do que homens, o número de casos se multiplica, mas o mal já pode ser vencido com a ajuda de remédios. Pg. 94-101 – A Doença da Alma [Especial: Maurício Cardoso e Sérgio Ruiz Luz] A depressão é o mal que mais ataca as mulheres e cresce entre os homens, mas já pode ser tratada com sucesso pela medicina.
035. Nº 47 [XXXII] – 24 novembro 1999 – Drogas: Ex-Viciados Mostram Como Deixar a Cocaína [Margem]. Pg. 116-122 – A Volta Por Cima [Drogas: Roberta Paixão] Novos métodos de tratamento ajudam um número crescente de viciados a vencer o horror das drogas.
036. Nº 08 [XXXIII] – 23 fevereiro 2000 – Drogas: O Drama dos Médicos Viciados em Morfina [Margem]. Pg. 76-80 – Vício de Branco [Especial: Cristina Poles e Sandra Boccia] O drama dos médicos que cedem ao apelo das drogas e se tornam dependentes de morfina.
037. Nº 30 [XXXIII] – 26 julho 2000 – Maconha Quase Liberada [Capa] A questão não é mais saber se um jovem vai experimentar a erva. A pergunta é quando ele fará isso. Pg. 114-121 – Cada Vez Mais Jovens [Especial: Mônica Gallewitch] Em dez anos, o consumo de maconha cresceu quatro vezes entre os adolescentes de 16 a 18 anos. E a tolerância aumentou. Polícia, Justiça e escola têm punido menos o usuário.
038. Nº 44 [XXXIII] – 01 novembro 2000 – Receita Para Morrer Mais Cedendo [Capa] Os maus hábitos da vida moderna já são a maior causa de mortes no Brasil. Pg. 104-111 – As Doenças da Modernidade [Saúde: Anna Paula Buchalla e Karina Pastore] O estilo de vida atual causa mais mortes no Brasil do que as infecções associadas à pobreza. Cuidado para não se tornar uma vítima.



039. Nº 21 [XXXIV] – 30 maio 2001 – Prazer: A Vez da Mulher [Capa] A ciência desvenda os problemas sexuais femininos. E já resolve muitos. Pg. 102-109 – Muito Prazer [Especial: Thais Oyama] Com terapias e drogas que aumentam o desejo e estimulam o orgasmo, a ciência avança no campo até recentemente inexplorado da satisfação sexual das mulheres.
040. Nº 01 [XXXV] – 09 janeiro 2002 – Cássia Eller (1962-2001) Drogas: Mais Uma Vítima [Capa] A polícia suspeita que um coquetel de droga, álcool e remédios matou a cantora, que havia dois anos lutava para se livrar da dependência de cocaína. Pg. 74-81 – Droga e Agonia no Auge da Vida [Drogas: Marcelo Carneiro, Ronaldo França e João Gabriel de Lima] Em doze anos de carreira, Cássia Eller tinha, enfim, alcançado fama e dinheiro. Também achava que estava livre do vício. Morreu sob suspeita de overdose de cocaína, álcool e medicamentos.
041. Nº 25 [XXXV] – 26 junho 2002 – Super-Remédios [Capa] Impotência, Diabetes, AIDS, Depressão, Colesterol Alto, Dores: A revolução no tratamento desses males na era dos Super-Remédios. Pg. 94-101 – A Era dos Super-Remédios [Especial: Anna Paula Buchalla] De poderosos analgésicos a drogas contra a impotência, a depressão e o colesterol alto, os medicamentos de última geração estão devolvendo a esperança a milhões de pessoas.

### **Revista Istoé [Editora Três]**

042. Nº 05 – setembro 1976 – Remédio Tem Remédio? [Capa]. Pg. 40-63 – Os Remédios e a Saúde Nacional [Sílvio Lancellotti, Bernardo Kucinski, Armando V. Salem e Tão Gomes Pinto].
043. Nº 190 – 13 agosto 1980 – Remédios: Cuidado! [Capa]. Pg. 28-33 – Remédios Ameaçam [Carlos Alberto Sardenberg] No Brasil os medicamentos são indicados para mais do que servem, enquanto as advertências e precauções são minimizadas. E como se vende!
044. Nº 266 – 27 janeiro 1982 – Adeus Elis [Capa]. Pg. 44-56 – Adeus, Elis [Cultura: Regina Echeverria] Uma comoção nacional mostrou que ela não era apenas a maior cantora – mas um pedaço do país. Mil faces, mil paixões – Ela era difícil, conflitada, atrevida – e maravilhosa.
045. Nº 294 – 11 agosto 1982 – Vitaminas [Capa] Riscos e vantagens dessa mania brasileira. Pg. 42-48 – A Saúde das Vitaminas [Ciência e Saúde] As vendas crescem, mas há riscos para os consumidores.
046. Nº 334 – 18 maio 1983 – Comida: A Praga dos Venenos [Capa] DDT, BHC, Aldrin, Lindane, Toxafeno .... Pg. 32-39 – Os Venenos no Cardápio [Ciência e Saúde] Pesticidas agrícolas retidos pelos alimentos contaminam até o leite materno.
047. Nº 423 – 30 janeiro 1985 – Escola das Ruas [Capa]. Pg. 28-33 – Liberdade Viglada [Sociedade] Nas ruas do Brasil, meninos abandonados andam pelo fio da navalha que delimita os irrecuperáveis.
048. Nº 461 – 23 outubro 1985 – Agrotóxicos: Mais Veneno na Mesa [Margem]. Pg. 30-31 – Mais Veneno na Mesa do Brasileiro [Sociedade] Morosidade dos ministérios deixa comida contaminada por veneno e hormônio chegar ao consumidor.
049. Nº 475 – 29 janeiro 1986 – Augusto Ruschi: O Sábio e o Sapo [Capa]. Pg. 54-60 – Armadilha da Natureza [Ricardo Osman e Flaminio Fantini] Dizendo-se envenenado por um sapo, o naturalista Augusto Ruschi recorre aos pajés para se curar.
050. Nº 515 – 05 novembro 1986 – Vinhos Brasileiros: Delícia de Safra [Capa]. Pg. 35-44 – Mais Prazer no Cálice [Especial: Humberto Werneck] Puxada pelos vinhos brancos, uma safra excepcional está chegando às lojas.
051. Nº 538 – 15 abril 1987 – Adolescentes na Rota da Cocaína [Capa]. Pg. 30-34 – A Idade Perdida na Rota do Pó [Especial: Izilda Alves] O trágico retrato de uma geração atingida pelo tráfico internacional de drogas.

052. Nº 585 – 09 março 1988 – A Geração dos Super-Remédios [Capa] Farmacologia do futuro chega ao Brasil. Pg. 56-64 – Doses de Ataque [Especial: Flávio de Carvalho] Ministério da Saúde rompe recesso de dois anos e libera a primeira amostra de remédios do futuro.

### **Revista Istoé/Senhor [Editora Três]**

053. Nº 990 – 07 setembro 1988 – O Boom dos Dietéticos [Margem]. Pg. 74-77 – Os Dietéticos Esbanjam Saúde [Negócios e Investimentos: Isabel Campos] A indústria de alimentos e bebidas para obesos e diabéticos está em ótima forma: fatura US\$ 50 milhões por ano e não pára de crescer.
054. Nº 994 – 05 outubro 1988 – Doping: O Homem Químico [Capa]. Pg. 38-50 – Olimpíada Química [Sociedade: Carlos José Marques e Tão Gomes Pinto] O mito Ben Johnson se dissolve na sua própria urina e mostra a ponta de um iceberg: o doping.
055. Nº 1024 – 03 maio 1989 – Os Venenos da Comida [Margem]. Pg. 36-39 – O Que Você Está Comendo [Sociedade: Sandra Balbi] Um cardápio apetitoso pode esconder doses altas de inseticidas e bactérias. O controle dos alimentos no País ainda é muito precário.
056. Nº 1128 – 08 maio 1991 – O Ídolo Decaído [Capa] Menem aproveita-se do caso Maradona. Pg. 56-62 – O Craque Virou Pó [Internacional: José Carlos Bardawil] Atraído para uma armadilha montada pela polícia Argentina, Maradona é preso com estardalhaço, autuado por porte e consumo de cocaína e libertado após pagar fiança de US\$ 20 mil. Acossado por suspeitas sobre envolvimento com o tráfico de drogas, o governo Menem mostrou serviço.

### **Revista Istoé [Editora Três]**

057. Nº 1215 – 13 janeiro 1993 – Exclusivo: Meninos da Rua e da AIDS [Margem]. Pg. 28-32 – A AIDS de Cada Dia [Comportamento: Valéria França, Antônio Carlos Prado e Juca Rodrigues] A partir de um arquivo da Febem, ISTOÉ revela o cotidiano e o destino de menores infratores aidéticos.
058. Nº 1221 – 24 fevereiro 1993 – Remédios Fajutos [Capa] Má-fé, incompetência e ignorância põem em risco a saúde do brasileiro. Pg. 46-51 – Overdose de Descaso [Especial: Malu Oliveira] Ao iniciar a caça aos remédios ineficazes, o governo expõe o quadro crítico de uma indústria que não respeita a saúde da população.
059. Nº 1319 – 11 janeiro 1995 – Drogas: Crime ou Não? [Margem]. Pg. 76-80 – A Droga Está Solta [Em Debate: Malu Oliveira] Ministro da Justiça causa polêmica ao defender a descriminação da maconha.
060. Nº 1326 – 01 março 1995 – Executivos Drogados [Capa] Os coquetéis de cocaína, álcool e remédios entre os homens de negócios. Pg. 36-41 – Viagem Classe Executiva [Especial: Álvaro Almeida, Gisele Vitória e Luciana Peluso] Coquetéis de drogas, remédios e álcool viram combustível de empresários e profissionais para fechar negócios milionários.
061. Nº 1347 – 26 julho 1995 – Crack: A Droga Chega à Classe Média [Margem]. Pg. 104-109 – Crack [Especial: Mário Simas Filho e Gleides Pamplona] A superdroga vira epidemia, conquista a classe média e já contabiliza 150 mil viciados em São Paulo.
062. Nº 1355 – 20 setembro 1995 – Remédios Que Matam [Capa] Eles provocam dependência e levam à loucura. O brasileiro é o maior consumidor mundial dessas drogas. Pg. 36-41 – Drogas Legais [Especial: Mário Simas Filho e Gleides Pamplona] O brasileiro é o maior consumidor mundial de remédios para emagrecer, que viciam facilmente e podem até levar à morte.

063. Nº 1375 – 07 fevereiro 1996 – Maconha [Capa] 41% dos brasileiros acham que o uso da droga não é crime – Nos Estados Unidos a erva é cultivada por computador. Pg. 36-41 – A Erva Não é Mais Maldita [Maconha: Carla Gullo e Gisele Vitória] Pesquisa ISTOÉ/Brasmarket mostra que o apoio à descriminação cresceu e que a sociedade convive com os usuários. Cannabis do Futuro [Osmar Freitas Jr.] Americanos desenvolvem um novo tipo de planta. Mais eficiente e que pode ser cultivada em casa.
064. Nº 1395 – 26 junho 1996 – Guerrilheiros da Maconha [Capa] Istoé visita as fazendas da erva, onde trabalham 25 mil pessoas – ONU revela que o tráfico movimentou US\$ 300 bilhões a cada ano – Como a planta produziu guerras entre França, Inglaterra e Rússia. Pg. 38-45 – A Capital da Maconha [Especial: Mário Simas Filho e Max Pinto] ISTOÉ mostra por que a região que abastece o mercado brasileiro não quer a legalização de droga. A Economia da Droga [Eliane Trindade e Patrícia Andrade] Relatório da ONU, obtido por ISTOÉ, revela que o tráfico internacional movimentou US\$ 300 bilhões por ano.
065. Nº 1416 – 20 novembro 1996 – Como Livrar Seus Filhos das Drogas [Capa]. Pg. 44-50 – Difícil Regresso [Drogas: Edna Dantas e Juca Rodrigues] O drama dos pais que descobrem os filhos viciados e o duro caminho para tentar salvá-los.
066. Nº 1427 – 05 fevereiro 1997 – O Que Dizer ao Seu Filho Quando Ele Começa a Conviver Com os Perigos da Adolescência [Margem]. Pg. 62-67 – O Que Dizer ao Seu Filho Quando... [Comportamento: Chantal Brissac] A adolescência coloca os pais diante de situações cruciais, que precisam ser enfrentadas com calma e sabedoria. A seguir, dez questões e algumas idéias para manter a paz da família.
067. Nº 1441 – 14 maio 1997 – Vícios da Mulher [Capa] Álcool, moderadores de apetite, pílulas para dormir, antidepressivos: ela está cada vez mais dependente das drogas legais. Pg. 82-88 – Química Feminina [Especial: Celina Côrtes e Eliane Trindade] Mais vulneráveis ao vício, as mulheres lotam clínicas para tratar da dependência ao álcool, drogas e comprimidos.
068. Nº 1455 – 20 agosto 1997 – A História do Maior Processo Contra a Indústria Tabagista no Brasil [Capa] A família deste homem pode ganhar R\$ 1,5 milhão porque seu filho fumou demais. Pg. 128-133 – Fumar Pode Ser Prejudicial à Indústria do Cigarro [Especial: Celina Côrtes e Francisco Alves Filho] Família de homem que morreu devido ao vício pede R\$ 1,5 milhão de indenização a fabricante.
069. Nº 1460 – 24 setembro 1997 – A Luta de Vera Fischer [Capa] A mulher mais famosa do País tenta recuperar a guarda do filho, largar o inferno das drogas e resgatar o prestígio profissional. Pg. 116-124 – A Guerra da Estrela [Celina Côrtes e Francisco Alves Filho] Atormentada pela cocaína, Vera Fischer perde a saúde e a guarda do filho de 4 anos. Mas o mito resiste.
070. Nº 1481 – 18 fevereiro 1998 – Alcoolismo [Capa] A clínica que já tratou oito mil pacientes – O remédio que corta o prazer da bebida – Como pessoas famosas refizeram suas vidas. Pg. 68-73 – Como Sair da Prisão [Bruno Weis e Carla Gullo] A nova droga, Revia, que reduz o prazer da bebida, e técnicas eficientes ajudam as alcoólatras que conseguem pedir socorro.
071. Nº 1482 – 25 fevereiro 1998 – A Organização Mundial da Saúde Adverte: Maconha é Menos Prejudicial do Que Álcool e Tabaco [Capa]. Pg. 68-74 – Dos Males, o Menor [Carla Gullo e Peter Moon] Relatório censurado pela OMS afirma que a maconha é menos prejudicial do que o tabaco e o álcool.
072. Nº 1495 – 27 maio 1998 – A Pílula da Potência: Viagra [Capa] Viagra chega ao país na próxima semana – Contrabandistas e camelôs vendem 30 comprimidos por R\$ 650 – Medicamento conquista de senadores e atores pornôs. Pg. 126-133 – O Melhor Amigo do Homem [Bruno Weis, Ivan Padilla e Marta Góes] O Viagra, a pílula da potência, derruba os medos que o sexo desperta e sinaliza o que pode ser uma nova revolução sexual.
073. Nº 1512 – 23 setembro 1998 – “Por Favor, Eu Quero me Tratar” [Capa] A trajetória do “polegar” Rafael, de ídolo popular e namorado de mulheres famosas ao vício do crack, à sarjeta dos viadutos e à prisão por roubar um real. Pg. 130-136 – Do Sucesso ao Fundo do Poço [Fred Melo Paiva, Luís Chagas e Rita Moraes] Rafael, que foi ídolo e tornou-se

- assaltante, repete a tragédia dos jovens que provam a fama e a droga antes de criar defesas.
074. Nº 1539 – 31 março 1999 – Chega de Dor [Capa] Novos medicamentos, terapias alternativas, cirurgias e equipamentos sofisticados são as armas para acabar com o sofrimento do corpo. Pg. 90-96 - O Alívio da Dor [Kátia Stringueto] Aparelhos sofisticados, medicamentos, acupuntura e até hipnose compõem um novo e poderoso arsenal para acabar com o sofrimento do corpo.
075. Nº 1544 – 05 maio 1999 – Perigo: Escola [Capa] Sem esperanças, envolvidos com drogas e brigas de gangues, estudantes vivem uma explosão de violência. Pg. 102-107 – Perigo! Escola [Bruno Weis e Ivan Padilla] Desencantados e sem perspectivas, crianças e jovens unem-se em gangues armadas e promovem uma onda inédita de violência escolar.
076. Nº 1562 – 08 setembro 1999 – Drogas: Uma Questão de Saúde [Capa] Esquenta o debate entre a repressão e a prevenção. O problema e a sua solução podem passar do campo da polícia para o do tratamento médico. Pg. 120-125 – Sopro de Mudança [Bruno Weis e Clarisse Meireles] As autoridades começam a tratar o problema das drogas mais como questão de saúde do que como caso de polícia.
077. Nº 1601 – 07 junho 2000 – Filhos do Crack [Capa] O aumento do uso da droga multiplica a tragédia: filhos de dependentes são abandonados à própria sorte, moram em orfanatos e correm o risco de carregar sequelas físicas e emocionais por toda a vida. Pg. 114-120 – Herança Trágica [Carla Gullo e Cilene Pereira] O crack é uma das drogas mais devastadoras e vale tudo para obtê-la.
078. Nº 1634 – 24 janeiro 2001 – O Loiro Irresistível [Capa] O Brasil mergulha em 8 bilhões de litros de chope por ano – Os melhores lugares para beber – Sozinho, ele não aumenta a barriga – No Rio as mulheres bebem mais do que os homens – Nas classes média e alta, a bebida bate a cerveja. Pg. 72-79 – Desce Mais Um!!! [Camilo Vannuchi, Chico Silva e Francisco Alves Filho] A origem, a fabricação, os efeitos sobre a saúde, onde e como saborear a bebida mais desejada do verão.
079. Nº 1655 – 20 junho 2001 – Cuidado!! [Capa] O mercado de vitaminas já movimenta US\$ 150 milhões por ano no Brasil, mas há dúvidas sobre os poderes dessas substâncias. O consumo excessivo provoca problemas, como pedras nos rins, e uma pesquisa contesta a inocência da vitamina C. Pg. 84-92 – Em Busca do Equilíbrio [Darlene Menconi, Lena Castellón, Mônica Tarantino e Valéria Propato] Eficácia das vitaminas divide médicos e gera polêmicas, mas o consumo aumenta entre os brasileiros.
080. Nº 1656 – 27 junho 2001 – A Nova Pílula do Amor [Capa] A impotência atormenta 47% dos brasileiros. Pesquisa revela que 70% dos homens fariam de suas dificuldades sexuais se os médicos tocassem no assunto. Já o consumo do Viagra explode – o Brasil é o segundo mercado em vendas no mundo. Para concorrer com ele, chega em outubro o Uprima. Pg. 78-85 – Arsenal do Prazer [Celina Côrtes e Mônica Tarantino] Na batalha para vencer a impotência, problema que aflige 47% dos homens no Brasil, surge mais um aliado: o Uprima, a pílula vermelha que chega em outubro e promete disputar a preferência com o bem-sucedido Viagra.
081. Nº 1671 – 10 outubro 2001 – Sem Receita: Os Perigos da Automedicação [Capa] No Brasil, metade dos remédios controlados é vendida irregularmente – Só em São Paulo, o hábito de tomar medicamentos por conta própria causa dez casos graves por dia – Conheça os efeitos desastrosos de misturar drogas aparentemente inocentes e os riscos de exagerar nos analgésicos. Pg. 80-85 – Atração Perigosa [Especial: Lia Bock e Mônica Tarantino] O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco.
082. Nº 1675 – 07 novembro 2001 – Cerco ao Fumante [Capa] Está cada vez mais difícil manter o vício. Em 2002, os maços de cigarros trarão estampados imagens e alertas aterradores. Será a maior ofensiva contra os mais de 30 milhões de viciados brasileiros. Para quem quer se livrar da dependência, a medicina oferece desde terapia e antidepressivos até chicletes e adesivos de nicotina. Pg. 84-91 – Fogo Contra Fogo [Francisco Alves Filho e Juliane Zaché]

- Em 2002, o fumante irá se defrontar com a ação mais agressiva do governo contra o cigarro, vício compartilhado por mais de 30 milhões de brasileiros.
083. Nº 1686 - 23 janeiro 2002 – Álcool e Drogas na Adolescência [Capa] O drama do príncipe Harry, da Inglaterra, acirra o debate sobre o envolvimento de jovens com bebida e maconha – No Brasil, o consumo começa cada vez mais cedo – Como lidar com o problema. Pg. 62-67 – Um Perigo Real [Marina Caruso] Assim como o príncipe Harry, jovens brasileiros começam cedo a usar drogas e álcool.

### **Revista Época [Editora Globo]**

084. Nº 02 – 01 junho 1998 – Viagra [Margem] Como usar a pílula do prazer sem risco para a saúde. Pg. 34-38 – Viagra Entre Nós [Ciência e Tecnologia - Saúde] O comprimido azul que é sucesso nos Estados Unidos chega ao mercado brasileiro em meio à controvérsia provocada por supostas mortes de pacientes com problemas cardíacos.
085. Nº 04 – 15 junho 1998 – Droga nas Escolas [Capa] Como os educadores estão reagindo – A resposta da família e a busca da prevenção – Os primeiros sinais do envolvimento com tóxicos. Pg. 36-41 – Perigo no Recreio [Sociedade] Escolas assumem que os tóxicos rondam seus domínios e partem para a briga.
086. Nº 09 – 20 julho 1998 – Remédios Falsos [Margem] A fragilidade da fiscalização – Nossos repórteres flagram a prática da ‘empurroterapia’ em farmácias do país. Pg. 34-38 – Jogo Perigoso [Consumo] Falta de fiscalização e atitude leviana de muitas farmácias tornam o brasileiro vulnerável à automedicação.
087. Nº 21 – 12 outubro 1998 – Mulher e Viagra: Mais Prazer e Medo da Infidelidade [Margem] Pg. 44-47 – Prazeres Sob Suspeita [Sociedade] Pesquisa exclusiva revela que as brasileiras acreditam nos poderes do Viagra, mas temem que ele escancare as portas da infidelidade masculina.
088. Nº 26 – 16 novembro 1998 – Alimentos Contaminados [Margem] O veneno servido à mesa tem antídoto. Pg. 38-43 – Comida em Pratos Limpos [Sociedade] Os alimentos de nosso cotidiano estão contaminados com agrotóxicos, mas o brasileiro começa a se interessar pela agricultura sem produtos químicos.
089. Nº 29 – 07 dezembro 1998 – Vera Gata [Capa] Sem beber e longe das drogas, Vera Fischer se prepara para voltar à TV em grande estilo. Pg. 92-96 – A Escolha de Vera [Cultura] Sem beber e longe das drogas, atriz reencontra o passado em Blumenau e se prepara para voltar com tudo à televisão.
090. Nº 35 – 18 janeiro 1999 – Xenical! [Margem] O sucesso da droga que promete emagrecimento sem (muito) esforço. Pg. 58-62 – O Inimigo da Gordura [Ciência e Tecnologia - Saúde] Chega às farmácias o Xenical, remédio que promete tornar o sacrifício de emagrecer mais leve, mas sem evitar a dieta e os exercícios.
091. Nº 38 – 08 fevereiro 1999 – Dor de Cabeça: Adeus, Enxaqueca [Capa] Novos remédios melhoram a vida de 30 milhões de brasileiros que sofrem desse tormento. Pg. 56-60 - Tormento a Caminho do Fim [Ciência e Tecnologia – Saúde] Novos medicamentos ajudam a tornar mais suportável a vida das muitas pessoas que sofrem de enxaqueca.
092. Nº 46 – 05 abril 1999 – Cigarro: A Hora de Parar [Capa] As doenças ligadas ao fumo – Novos remédios contra o vício – Teste para avaliar a dependência – Os métodos para deixar de fumar. Pg. 54-59 – Cerco ao Cigarro [Ciência e Tecnologia – Saúde] Novas medidas do governo prometem colocar a indústria do tabaco contra a parede e complicar a vida de quem fuma.
093. Nº 57 – 21 junho 1999 – O Perigo Ronda a Mesa [Capa] Alimentos contaminados – Brasileiros se expõem à ameaça que atinge os europeus. Pg. 110-115 – Prato Indigesto

- [Alimentação] Escândalo da dioxina e da Coca-Cola no Primeiro Mundo chama a atenção para a falta de fiscalização que ameaça a saúde dos brasileiros.
094. Nº 59 – 05 julho 1999 – O Imperador da Cerveja [Capa] Jorge Paulo Lemann, articulador da fusão da Brahma com a Antarctica. Pg. 108-114 – O Superbebê das Loiras [Economia e Negócios] A Brahma e a Antarctica deixa de lado um século de rivalidades e se preparam para brigar no exterior.
095. Nº 65 – 16 agosto 1999 - A Vida Vence a Velhice [Capa] Remédios e terapias fortalecem idosos – Brasileiros estão vivendo mais e melhor. Pg. 40-45 – Nós Que Éramos Tão Velhos [Sociedade – Comportamento] Mais saudáveis e dispostos, os idosos do ano 2000 derrubam mitos e provam que os limites da vida se expandiram.
096. Nº 68 – 06 setembro 1999 – O Efeito Viagra [Capa] Casais se divertem com o aditivo do prazer – A impotência sexual deixa de assustar – O Brasil é o segundo consumidor do mundo. Pg. 44-49 – A Turma do Viagra [Sociedade – Comportamento] Um ano depois de lançada, a pílula que mudou o modo de encarar a impotência sexual é consumida por multidões de brasileiros.
097. Nº 89 – 31 janeiro 2000 – Remédios: Fabricantes no Banco dos Réus [Margem]. Pg. 92-97 – Fábricas no Banco dos Réus [CPI – Remédios]. Governo e Legislativo suspeitam de que a indústria de medicamentos conspirou, especulou e manipulou custos de produção para justificar aumentos abusivos nos preços ao consumidor.
098. Nº 102 – 01 maio 2000 – A Segunda Opinião [Capa] Parceria de jalecos – Médicos e pacientes contam por que é importante ouvir mais de um especialista. Pg. 152-157 – Terapia Contra a Dúvida [Sociedade] A segunda opinião dissemina-se nos consultórios do país e confirma ser a melhor garantia contra falsos diagnósticos e erros médicos.
099. Nº 103 – 08 maio 2000 – A Luta Pela Vida [Capa] Rafael Ilha, ex-Polegar, revela o drama de quem mergulha no inferno das drogas e tenta escapar da dependência. Pg. 120-126 – A Trilha da Ressurreição [Saúde – Drama] A história de Rafael Ilha, o ex-Polegar que luta para se livrar das drogas, revela os subterrâneos da dependência química.
100. Nº 108 – 12 junho 2000 – Cruzada Contra o Cigarro Avança no Brasil [Capa] A ofensiva do Ministério da Saúde – Censura ameaça a publicidade – O cerco aos 30 milhões de fumantes. Pg. 116-121 – Guerra Contra o Vilão Nacional [Especial – Saúde] O governo defende um projeto de lei que proíbe anúncios de cigarro nos meios de comunicação. A estratégia é afastar os jovens do vício, num país onde um em cada quatro médicos não vive sem as baforadas de todos os dias.
101. Nº 141 – 29 janeiro 2001 – A Vitória dos Genéricos [Capa] O preço e a eficácia dos medicamentos sem marca melhoram a vida do consumidor. Pg. 84-89 – Receita Que Alivia o Bolso [Saúde – Remédios] Os genéricos atraem o consumidor e fazem despencar o preço dos remédios de grife.
102. Nº 157 – 21 maio 2001 – Ecstasy: Droga da Moda Avança na Noite [Margem]. Pg. 52-58 – Prazer Perigoso [Sociedade – Comportamento] O ecstasy deixa de ser uma droga de descolados para se popularizar entre jovens brasileiros da classe média.
103. Nº 183 – 19 novembro 2001 – Eu Fumo Maconha [Capa] Um número cada vez maior de brasileiros ignora a lei e usa a droga. Pg. 90-97 – Eu Fumo [Comportamento] Empresários, médicos, advogados, profissionais e artistas assumem o uso de maconha.
104. Nº 184 – 26 novembro 2001 – Hipocrisia [Margem] Autor de poesias que falam de maconha, o presidente da TV Cultura demite Soninha depois de ela ter admitido consumir a droga. Pg. 40-44 – Marijuana Sem Perdão [Brasil – Debate] Autor de poema que fala sobre maconha em 1976, Jorgito demite Soninha, que assumiu consumir a droga em 2001.
105. Nº 190 – 07 janeiro 2002 – Exclusivo [Margem] A versão de Lan Lan, testemunha-chave das últimas horas de Cássia Eller. Pg. 102-105 – Morte no Auge [Cultura] Os dramáticos últimos dias da cantora e sua batalha para se livrar das drogas.
106. Nº 200 – 18 março 2002 – Como os Tintos Ganharam a Guerra dos Vinhos [Margem]. Pg. 50-51 – Vitória Vermelha [Sociedade] Uma revolução tecnológica leva consumidores a abandonar o vinho branco em favor do tinto.

107. Nº 207 – 06 maio 2002 – A TV Contra as Drogas [Capa] *O Clone* anima jovens dependentes a procurar tratamento – Artistas denunciam os males da cocaína – Depoimentos de Cissa Guimarães, Felipe Camargo, Ruy Castro, Thunderbird, Paulo César Pereio e Osmar Prado. Pg. 98-103 – Guerra Sem Trégua [Televisão] Sem sutilezas nem glamourização, *O Clone* torna-se um marco histórico na luta contra as drogas. Pg. 104-105 – O Efeito Clone - A sinceridade com que a novela das 8 aborda o problema das drogas fez crescer a procura pelas clínicas de tratamento.
108. Nº 216 – 08 julho 2002 – Maconha [Margem] O maior estudo sobre dependência. Pg. 64-65 – Fumaça em Discussão [Drogas] Estudo constata que, ao contrário do que se costuma pregar, a maconha causa dependência.
109. Nº 225 – 09 setembro 2002 – Daime [Margem] Chá alucinógeno legalizado no Exterior. Pg. 76-79 – Chá Sem Fronteiras [Religião] Cultos baseados no consumo de alucinógeno da Amazônia fincam raízes no Exterior.
110. Nº 241 – 30 dezembro 2002 – Porque os Jovens Bebem Tanto [Capa] 42% dos jovens de classe média bebem regularmente – A iniciação começa mais cedo: aos 10 anos de idade – Crescem os casos de alcoolismo precoce. Pg. 50-54 – Movidos a Álcool [Especial] A droga da moda é legalizada e a idade média da primeira dose já caiu para 10 anos.

## d. Amostragem

**Relação das reportagens [de capa ou margem de capa] sobre substâncias psicoativas e medicamentos utilizadas para *amostragem* da pesquisa e dispostas em ordem cronológica de publicação.**

**VEJA Nº 146 – 23 junho 1971 – Tóxicos: As Razões do Medo [Capa]. Pg. 52-60 – O Verdadeiro Preço do Barato [Comportamento].**

**Quadro:** Os tóxicos.

[Subitamente a perdição virou moda.]

[É a moda do tóxico. Moda que vem de fora, principalmente dos Estados Unidos.]

“Um jovem que vai para uma universidade, hoje em dia, e não desenvolve qualquer interesse pela maconha, deve ter um problema. Será um solitário ou não aceito pelos colegas”. [Alfred Lindesmith – sociólogo dos Estados Unidos]

“Pode haver vinte, como pode haver cinquenta. E há quem diga que são 150.000 os viciados em São Paulo. Fichas não querem dizer nada – algumas delas, inclusive, às vezes somem misteriosamente”. [Luís Carlos da Rocha – delegado do DEIC-SP]

[“Bocas de fumo” - locais onde são negociados todos os tipos de tóxicos, principalmente a maconha.]

[O problema dos tóxicos se agrava progressivamente.]

“Não é mal brasileiro, é moda universal, que como sempre, reflete-se dolorosamente em nosso país. Notícias provocam o desejo, irreprímível na idade verde, de imitar o que se passa no estrangeiro”. [Dom José Newton – arcebispo de Brasília]

“A maioria dos modelos da geração jovem (os Beatles, os Rolling Stones) não apenas usam a *marijuana* como cantam sobre isso”. [John Kaplan – professor da Stanford University]

[Consumo mundial]

“A terminologia usada com referência às drogas é quase sempre suficientemente codificada para estabelecer uma ilusão de participação”. [William Simon e John Gagnon – sociólogos dos Estados Unidos]

[Os dois episódios ilustram uma constatação: quem usa o tóxico não é, por definição, um delinqüente.]

“Houve tempo em que eu pensava que a solução fosse a aplicação intransigente de leis: mais prisões, mais condenações. Mas, diante de jovens de treze, catorze e quinze anos, a solução não pode ser o cárcere. É preciso informação, compreensão”. [Richard Nixon – presidente dos EUA]

[Somente a partir de 1968 o porte de substâncias ilegais começou a ser punido no Brasil.]

[Na verdade, o grande foco de todas as polêmicas é a maconha.]

“O uso persistente de um agente que serve para afastar as pessoas da realidade, durante a fase crítica de seu desenvolvimento, é capaz de comprometer seriamente a futura habilidade individual que a pessoa necessitará para se ajustar a uma sociedade cada vez mais complexa”. [Stanley Yolles – diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental dos EUA]

[Seu fascínio tem levado pessoas a experimentarem drogas e substâncias sobre as quais apenas circularam boatos de serem alucinógenas.]

[Um verdadeiro arsenal que facilmente, e com efeitos igualmente poderosos, poderia incluir a ingestão de gasolina ou marteladas na cabeça.]



“A menos que aceitemos o fato de que o uso de drogas ilícitas é consequência de defeitos pessoais ou sociológicos, será impossível fazer um ataque inteligente às suas causas básicas”. [Donald Louria – presidente de grupo de estudos sobre entorpecentes de Nova York]

“A sociedade evoluiu para uma família em que os pais passaram a viver em função dos filhos. Esta mudança inesperada fez o jovem enfrentar responsabilidades também inesperadas. Ele então sai da família, procurando reunir-se a outros jovens, perdendo o contato com os adultos. Nesses grupos, verdadeiras tribos ou gangues, o uso dos tóxicos é apenas um elemento de comunicação”. [Luís Antônio Meira – presidente da Sociedade de Psicologia do RS]

[O jornal de humor “O Pasquim” é um arauto de idéias avançadas.]

“Na questão do direito das pessoas, sou a favor de liberdades cada vez maiores, porque só a liberdade pode conferir responsabilidade”. [Luís Carlos Maciel – colaborador do jornal ‘O Pasquim’]

“Os pais não se deram conta dos ‘sinais dos tempos’. Preocupados com a própria segurança econômica, preferem admitir simplesmente que as drogas são meros instrumentos de fuga de uma moralidade burguesa, símbolos de um mundo novo, fontes de inspiração e liberdade. Por outro lado, na maior parte dos consumidores de drogas, há uma boa dose de indolência, de ociosidade, de fuga das responsabilidades, ou seja: é por demais evidente a incongruência entre a afirmação de reformadores do mundo e a atitude de irem à cata de satisfações prosaicas que os livram de toda e qualquer forma de compromisso”. [Dom José Newton – arcebispo de Brasília]

[A observação de dom José Newton sobre a atitude contraditória dos jovens pode indicar um caminho eficiente para se enfrentar o problema.]

“O ato de apenas martelar nos malefícios pode se transformar num convite sutil ao uso de tóxicos, já que em todo o usuário há uma componente de auto-destruição. [Luís Antônio Meira – presidente da Sociedade de Psicologia do RS]

**ISTOÉ Nº 05 – setembro 1976 – Remédio Tem Remédio? [Capa]. Pg. 40-63 – Os Remédios e a Saúde Nacional [Sílvio Lancellotti, Bernardo Kucinski, Armando V. Salem e Tão Gomes Pinto].**

**Quadros:** Como envolver um médico, segundo um propagandista; Como os médicos se deixam envolver, segundo os médicos.

[O Brasil tornou-se o oitavo consumidor de remédios do mundo. (...) Deveria existir uma relação entre os remédios e a saúde. Mas não existe.]

[Pelo menos 54 mil cápsulas analgésicas estarão sendo consumidas pela hipocondria nacional. (...) Razoavelmente próximas da realidade, servem elas para demonstrar a intensidade da insana folia medicamentosa que, pior do que as meningites, vai assolando essa pobre nação.]

“A medicina faz, hoje em dia, tantos doentes quanto o trânsito, os acidentes de trabalho ou mesmo as operações militares”. [Ivan Illich – pedagogo]

[Neste mundo de malucos, ninguém acredita estar completamente são, todos preferem pensar que os doutores são incompetentes, que os remédios, e não o exercício e a boa alimentação, representam os elixires da longa vida.]

[A horizontalização da medicina, provocada pela proliferação desordenada de novas escolas e pelo entupimento mental e cultural de certa (grande) parcela da juventude nativa, faz surgirem deformações de inacreditável jaez.]

[Se a saúde nacional se transformou num carrossel abilolado, os antibióticos vão galopando na sela do cavaleiro mais arrepiado. Nos Estados Unidos, onde a Food and Drug Administration mantém sob rigidíssimo controle a indústria farmacêutica, retirando do mercado todos os remédios considerados inócuos ou perniciosos, os dados já são aterradores.]

“Os antibióticos geram, de modo exagerado, incontáveis desperdícios, para não falarmos de reações orgânicas graves e indesejáveis. Nos EUA, 50% dos antibióticos são consumidos sem necessidade, ministrados em doses incorretas e escolhidos de modo inadequado”. [C.M. Kunin – médico e professor dos EUA]

[No Brasil, onde se vendem livremente medicamentos proibidos em outros países, o problema e suas conseqüências parecem seguramente mais graves.]

“Por pressão dos pacientes, que exigem uma medicação qualquer, e dos laboratórios, que minimizam os efeitos nocivos de todos os remédios que produzem, os médicos prescrevem antibióticos mesmo nos casos em que eles não se aplicam”. [Mário Pinto de Miranda – professor da Faculdade de Medicina da Fundação Souza Marques do Rio]

“Numa pesquisa entre doentes do Hospital das Clínicas de São Paulo, num dia escolhido ao acaso, constatou-se que 40% do total dos pacientes estavam sendo medicados com antibióticos a título de profilaxia – ou seja, sem qualquer infecção”. [Valter Teles – professor da Universidade Federal Fluminense]

[Certos germes inofensivos, mas muito oportunistas, os saprófitas, embriagados pelos antibióticos, podem virar patogênicos, causadores de doenças.]

[Em nenhum país do mundo há tantas especialidades farmacêuticas, ou marcas de remédio, como no Brasil. (...) Dos dez remédios mais vendidos no Brasil, os nove primeiros são antibióticos (e o décimo, um analgésico).]

“Apesar do verdadeiro churrilho de medicamentos novos, percebe-se que a terapêutica se estriba, ainda, em cerca de quarenta a cinqüenta remédios básicos”. [José Cimino – diretor de Farmácia Industrial do Hospital das Clínicas de São Paulo]

[Pelo menos dois terços dos quase 6 mil municípios brasileiros não possuem o seu doutor, e o trabalho terapêutico se torna um privilégio dos curandeiros e dos farmacêuticos. E aqui entra em ação o principal vilão desta patética aventura na qual o mocinho, ou o povo, sai sempre perdendo: a automedicação, para a alegria e os lucros desse ente abstrato e cruelmente impessoal que se chama indústria farmacêutica. A indústria farmacêutica nada faz para coibir a automedicação. Pelo contrário, logicamente, até incentiva.]

[Dando fartas bonificações aos balconistas de farmácias para que empurrem seus produtos aos fregueses desavisados. (...) Ou, muito mais grave, anunciando medicamentos em veículos de comunicação de massa, como a televisão, através de comerciais, que jamais apontam as contra-indicações da mercadoria. (...) Todas as redes de TV do país estão prenhes de comerciais de medicamentos oferecidos por sóbrios e belos atores fantasiados de facultativos, engabelando o consumidor, sem que os CRMs tomem posição.]

[Tudo isso não é nada, absolutamente nada, perto de um fato aterrador, fartamente denunciado há cerca de quatro anos, e até agora ignorado por quem deveria coibi-lo: vendem-se no Brasil medicamentos proibidos em outros países, de tecnologia mais adiantada, onde foram considerados inócuos ou perigosos.]

“Se não há leis que protejam o consumidor, continuaremos a vender o produto, como aliás tem ocorrido no Brasil”. [porta-voz do laboratório Parke-Davis dos EUA]

[De fato, este país tropical representa um mercado especialmente fértil para as intenções lucrativas da indústria farmacêutica. (...) Os grandes laboratórios nacionais foram comprados ou absorvidos pelos estrangeiros.]

“Eles fazem toda a espécie de pressão. Contratam meus melhores funcionários e dois meses depois mandam embora. Pagam os farmacêuticos para esconderem meus produtos. E bem no meio da crise aparecem por aqui com o cheque, oferecendo a compra do laboratório. Mas eu não vendo”. [dono de laboratório nacional]

[Em 26 de junho de 1971, o presidente Emílio Garrastazu Médici criou a Central de Medicamentos (CEME) destinada a fabricar uma série de remédios básicos que seriam vendidos a preços populares. (...) As multinacionais da doença não admitem a concorrência sequer do governo dos países que as abrigam.]

“A Central de Medicamentos – CEME – deve limitar-se a fornecer produtos ainda não fabricados pela iniciativa privada”. [porta-voz da Cyanamid do Brasil]

[Cada vez mais os médicos sabem cada vez menos sobre as propriedades farmacológicas dos remédios. Em compensação, só com publicidade, as multinacionais da indústria farmacêutica gastam, no Brasil, o triplo dos dólares despendidos por suas congêneres nos EUA.]

“Só 20 milhões de brasileiros são economicamente ativos. Os outros vegetam, sofrem de doenças do tipo carencial, ou provocadas pelo meio ambiente. Não consomem nada, nem roupa, nem sapatos, muito menos medicamentos”. [Roberto Schneider – diretor-presidente da Pfizer]

[Remédio, permito-me uma humilde opinião, não deve ser uma fonte de lucros exorbitantes como os das multinacionais farmacêuticas. (...) Existem, no Brasil, vários exemplos de medicamentos produzidos em função do fundamental interesse público.]

[Somente com a nacionalização da indústria química de base, com a criação de uma Quimiobrás, o mercado brasileiro de medicamento estará imune aos flagelos de quem quer extrair lucros das doenças.]

“Somente com a Quimiobrás teremos condições de fazer as pesquisas indispensáveis ao combate da esquistossomose, do mal de Chagas, de filariose, do tracoma, e de tantas outras doenças de massa que atingem com grande incidência o povo brasileiro. Somente com a Quimiobrás, deixaremos de ingerir medicamentos proibidos no exterior, mas aqui vendidos por subsidiárias de empresas estrangeiras”. [Mário Victor de Assis Pacheco – médico secretário-geral da Associação Médica do Rio de Janeiro]

[Se tudo isso acontecer, talvez um dia o Brasil deixe de ser cobaia de tantos medicamentos que por aqui são testados antes que seus fabricantes os coloquem à venda nos EUA ou na Europa.]

“Dona Helena é um caso típico de miséria e desnutrição. Um caso de hepatite mal curada, de esquistossomose e outras parasitoses. Chegou aqui com o fígado e o baço dilatados. [...] Era preferível que o governo fechasse todos os hospitais já existentes, e investisse em saneamento básico e educação. No que chamamos de medicina preventiva. Investimentos em obras de infra-estrutura estariam evitando a proliferação de contingentes ainda maiores de enfermos que, no fim, acabarão sendo hospitalizados e tratados a altos custos pelo próprio governo”. [Guilherme Robalinho Cavalcanti – médico professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco]

“Vitaminas e proteínas não se compram em farmácias. Compram-se nas bancas das feiras e mercearias. Só que ali são poucas as chances de propaganda. Farmácia e hospital dão mais lucro”. [Nelson Chaves – diretor do Instituto de Nutrição da UFP]

[É isso aí. Meu bravo amigo matemático, exausto, pede-me que encerre imediatamente esse discurso. Solicitei-lhe que calculasse quantas cápsulas analgésicas foram consumidas, no Brasil, durante as dez horas e onze minutos que gastei perpetrando esse texto (sou vaidoso), queria terminar o artigo com muito charme, o chamado contraponto de que tanto gostam os jornalistas), e ele, após chegar ao número 1.138.942, correspondente a dez horas exatas, perdeu-se nos minutos e fugiu de campo, declarando-se de cuca fundida. “Olha aqui, seu louco, ‘tô morrendo de dor de cabeça. Põe assim mesmo que ninguém vai saber se é verdade ou não”. E eu ponho, enquanto receito pão com gorgonzola e uma boa talagada de cerveja preta para meu amigo matemático. É um remédio infalível para dor de cabeça. Saúde para todos!]

**VEJA Nº 470 – 07 setembro 1977 – Crime e Drogas. Exclusivo: “Cláudia Foi Morta na Casa de Michel Frank” [Capa]. Pg. 28-31 – O Mistério Vai Acabar? [Especial]** Uma inesperada confissão de Michel Frank pode elucidar o “caso Cláudia Rodrigues”. E pode incriminar o próprio Frank. **Pg.32-38 – A Ascensão da Cocaína.** Freneticamente, a droga da década de 70 passa do banheiro à sala.

**Quadros:** Cocaína – um pó inodoro, amargo e ilusório; As rotas da cocaína na América.

[Anos atrás, eles seriam joviais e lânguidos, e estariam acima das alegrias deste mundo. (...) Hoje, eles estão frenéticos e falantes. Seus olhares brilham, suas roupas faiscam, suas cabeças cintilam.]

[Rituais mais íntimos vêm, de resto, transformando num imenso e contínuo reveillon o dia-a-dia de parcelas cada vez menos fechadas da população]

"Existem atualmente 45.000 viciados em cocaína no Rio e em São Paulo". [Lester Wolf e Stephan Neal – deputados do Comitê de Controle de Narcóticos do Congresso dos Estados Unidos]

"É notório que o consumo de cocaína aumentou assustadoramente nos últimos tempos. No ano passado, apreendemos 4,2 quilos, enquanto que este ano, só numa batida, apreendemos 20 quilos em um sítio localizado na Baixada Fluminense". [policia do Rio de Janeiro]

"A polícia carioca praticamente deixou de se preocupar com os viciados ou com os pequenos traficantes, responsáveis pelo 'contrabando-formiga' e conhecidos como 'vapozeiros' ou 'aviões', passando a concentrar suas baterias nos grandes". [delegado do Rio de Janeiro]

[Limitado até há pouco a grupos discretos e esparsos de boêmios, grã-finos, artistas e policiais, o consumo de cocaína hoje se alastrou. (...) Sua principal especialidade é disfarçar o vazio, suscitar a euforia e criar uma ilusão de auto-suficiência]

"Os grupos mais badalados da crônica social são fãs do pó. Uma das mais concorridas festas de reveillon do ano passado só foi terminar no dia 3 de janeiro". [cronista da sociedade carioca]

"A popularidade do pó começou de uns três anos para cá, depois, é claro, que virou moda nos Estados Unidos e na Europa. Atualmente o *beautiful people* local está perdendo o poder, 'cafungando' praticamente em público". [José Carlos de Oliveira – cronista do Jornal do Brasil]

"Tempos atrás, durante as festas, os banheiros estavam sempre ocupados. Agora, esse problema felizmente desapareceu: as pessoas decidiram afinal cheirar a cocaína na sala". [usuário do Rio]

[O ritual é simples e meticuloso. (...) Profundos conhecedores da alma dos ricos, os mais célebres joalheiros do mundo já fabricam uma completa e caprichada linha de acessórios para o cerimonial do pó]

"Trata-se de um vício elitista. Um de meus amigos, um conhecido industrial paulista, guarda ciumentamente seu pó no cofre de um banco não menos reputado. Volta e meia, ele vai lá encher sua caixinha individual". [usuário do Rio]

"Se as cartilagens do nariz caírem? Não tem problema. É só chamar o cirurgião plástico e colocar um septo nasal de platina". [decorador de São Paulo]

[Com tal cobertura legal, e protegidos por seu próprio poder econômico, os adeptos da cocaína criaram então para si uma terra que desconhece o cansaço, a depressão, a fome e o sono.]

"Quando cheiramos nos sentimos completos, descomprometidos, acesos, como se compreendêssemos as coisas; e tudo o que temos a dizer se torna essencial e definitivo. Se as pessoas brilhantes ficam mais brilhantes, os frágeis se tornam mais frágeis. O contentamento paranóico de si traz tudo à tona e os invejosos e ambiciosos revelam que apenas são viciados em si mesmos". [usuário do Rio]

[Subitamente carentes de carinho e atenção, suas conversas se tornam auto-referentes, como na adolescência.]

"Qualquer acontecimento parece se relacionar conosco". [usuário]

"Em 4 segundos, uma onda de calor explode entre meus ouvidos... Meu rosto parece estar aterrissando na pista de algum aeroporto... Sei que meu cérebro não está na torre de controle... Minha consciência então se acelera, coisas importantes surgem à minha frente... É preciso ir lá, realizá-las ou exprimi-las. Minha inteligência, subitamente prodigiosa, pede exercício, por isso começo a alfinetar meus amigos. Sinto vontade de dar

presentes, falar mais do que ouvir. Minhas frases curtas são surpreendentes e cheias de revelações. Tais sensações de forma nenhuma são teóricas – a coisa toda se parece com uma sanidade definitiva, uma reconciliação completa comigo mesmo”. [usuário do Rio]

“A onda de cocaína é simbólica da morte da contracultura dos anos 60, pois nenhum *hippie* teria condições econômicas de comprá-la”. [Grinspoon e Bakalar – escritores estudiosos da Harvard University]

“O *underground* acabou. Caras como Mick Jagger, por exemplo, encheram-se de dinheiro e foram absorvidos pelo sistema. O pó? Não tem contexto cultural, caráter. E ele é um fim em si mesmo, um traço que disfarça o vazio e cria a ilusão de onipotência. Essa história de cabeça odara, meu velho, é um negócio decadente”. [usuário do Rio]

“O jovem, em princípio, dispensa o pó com mais facilidade porque não necessita de revitalizantes, já que é um ser cheio de vida. Em busca de consciência, a juventude curte o fumo, que tem uma função existencial, enquanto que o velho (todos de mais de 30 anos), em busca de juventude, prefere obviamente a cocaína, cuja função é evidentemente mais social. No primeiro caso, trata-se de uma juventude intelectualizada, molenga, mas também sensível e crítica. No segundo, temos uma maturidade retesada e faiscante, elitista e onipotente. A culpa pelo desentendimento é dos velhos, pois se eu entendo o que eles buscam na cocaína, eles não aceitam que, através da maconha, eu possa estar à procura de algo”. [Ana e Carla – jovens usuárias do Rio]

[Muitas das críticas culturais dirigidas ao pó pelos remanescentes da contra-cultura exprimem, na verdade, uma indignação diante do que eles consideram um abandono do espírito de revolta que marcou os anos 60.]

“O país da ação e das bebidas fortes descobriu, de repente, as seduções da contemplação e da imobilidade. O bêbado não é contemplativo, nem passivo, mas discursivo e agressivo. Os fumantes de maconha escolheram a introspecção. A bebedeira culmina no grito; a alucinação, no silêncio. A maconha foi uma crítica da conversação, da ação e da mudança, grandes valores do Ocidente e de seus herdeiros anglo-americanos”. [Octavio Paz – escritor do México]

“Os principais laboratórios transformadores se situam na Colômbia e no Equador”. [Reynaldo Gracias Grado – membro da Direção Nacional de Narcóticos e Tráfico Ilícito do Peru]

“Os ítalo-americanos, que há dez anos controlavam cerca de 90% do tráfico de drogas da cidade, dominam hoje apenas 50%. Uma nova máfia latino-americana está em franca progressão”. [Bruce Jonson – diretor regional da DEA em Nova York]

“É bem possível que, dentro de algum tempo, a cocaína substitua a heroína como a principal droga vendida nas ruas”. [F.A.J. Ianni – professor da Columbia University]

[Os especialistas sustentam, portanto, que o pó veio para ficar. Ele já criou mesmo todo um folclore em grande parte anedótico e especulativo.]

“E se descobrirmos que a bebida mais frequentemente consumida antes do crime é a soda limonada, que conclusão seria possível tirar? A tarefa mais urgente será estudar exaustivamente seus verdadeiros efeitos, e não dedicar recursos preciosos meramente a sua repressão”. [A. Jaffe – ex-diretor do Ofício de Prevenção Contra o Abuso de Drogas]

**VEJA Nº 606 – 16 abril 1980 – A Batalha Contra o Fumo [Capa]. Pg. 76-82 – A Epidemia do Século [Medicina]** Com vinte anos de atraso, chega ao Brasil, um país de 25 milhões de viciados, a guerra contra o fumo, seus cancerígenos e seus tóxicos.

**Quadros:** Os males da fumaça; O que vem numa tragada; O mal de deixar de fumar; Um cerco implacável.

[O brasão da República, um dos poucos no mundo a exibir como riqueza nacional uma substância tóxica: um ramo de fumo que, entrelaçado a outro de café, emoldura o globo com o Cruzeiro do Sul.]

“O fumo é, provavelmente, a maior das causas evitáveis de má saúde no mundo”. [Halfdan Nahler – diretor geral da OMS]

[Pelos mais diversos motivos, depois de amaldiçoar o pequeno cilindro branco ou a própria falta de rigor, muitos serão aqueles que acenderão mais um cigarro.]

[Desde 1964, quando o Departamento de Saúde dos Estados Unidos divulgou seu primeiro e estrondoso relatório sobre o fumo, o cigarro transformou-se num degrau para o câncer, distúrbios circulatórios e úlcera.]

“O fumo é um suicídio em câmara lenta”. [Joseph Califano – secretário de Saúde dos EUA]

[No Brasil, são poucas as medidas e contraditórios os resultados.]

[Por falta de fôlego, três projetos destinados a restringir o consumo de cigarros dormem na Câmara dos Deputados]

“O Brasil é o segundo consumidor de cigarros do mundo e de cada dois cidadãos que ganham menos de dois salários mínimos, um fuma, corroendo seus salários”. [José de Castro Coimbra – médico e deputado do PDS-SP]

[Até hoje, não se conhece o que há nos cigarros brasileiros, e as indústrias não fornecem tais informações.]

[A indústria americana adapta-se aos novos tempos, tentando expiar a acusação de que é a causadora da maior epidemia do século.]

“Fica ao critério de cada um fumar ou não. Penso que não cabe a ninguém cercear o direito que cada indivíduo tem de fazer sua escolha pessoal”. [Alan Charles Long – presidente da Souza Cruz]

“Eu sei que o cigarro faz mal à beleza e à saúde. [...] Fumem apenas socialmente, como um ato de elegância”. [Tônia Carrero – atriz]

“Meu método é deixar de fumar cigarro por cigarro”. [Hélio Pelegrino – psiquiatra]

[A própria modernização do país faz com que problemas de saúde e de costumes sejam discutidos com maior empenho.]

**ISTOÉ Nº 190 – 13 agosto 1980 – Remédios. Cuidado! [Capa]. Pg. 28-33 – Remédios Ameaçam [Carlos Alberto Sardenberg]** No Brasil os medicamentos são indicados para mais do que servem, enquanto as advertências e precauções são minimizadas. E como se vende!

**Quadros:** Os campeões de faturamento; Três histórias de assustar; Governo e indústria: desacordos; Morizono e seu fantástico Vitasay.

[Entre os dez remédios mais vendidos no Brasil, nada menos que seis são poderosos antibióticos que podem provocar efeitos colaterais perigosos. Todos, pela lei, devem ser vendidos apenas mediante receita médica.]

[Essa lista de medicamentos, o tipo dos remédios e sua apresentação, além do modo como são comercializados e utilizados, definem de modo quase perfeito a situação dos remédios no país. Um quadro perturbador, no qual se verifica, entre outras coisas, que o uso de um grande número de medicamentos poderosos e caros não corresponde necessariamente a um povo de boa saúde e bem-tratado.]

[É assim: vendem-se sem receita e sem bula medicamentos que têm contra-indicações e podem gerar efeitos colaterais perigosos.]

“O uso desta droga (Alpen, à base de ampicilina) é contra-indicado a pessoas com registro de reações alérgicas à penicilina... sérios e fatais casos de reações anafiláticas têm sido registrados”. [Bernardo Kucinski – jornalista e escritor]

“As bulas procuram apresentar o medicamento como solução rápida e confortável, minimizando-se e, em alguns casos, omitindo-se os efeitos colaterais”. [Julius Weinberg – clínico-geral do Hospital das Clínicas de São Paulo]

[No Brasil, amplia-se o grau de utilização do medicamento, mas se pode dizer que não está aí o mais grave. O problema maior está certamente na omissão de advertências, precauções e contra-indicações. (...) No Brasil, o mesmo medicamento, do mesmo fabricante, é indicado de forma genérica, não havendo qualquer advertência quanto à sua toxicidade.]

[Tem o caso da Novalgina. (...) É medicamento à base de dipirona, potente analgésico e anti-térmico, que nos Estados Unidos não pode ser comercializado em farmácias, nem com receita médica. Há uma controvérsia em torno desse medicamento, mas entre nós é vendido como medicamento popular.]

[No geral, a lista dos mais vendidos no Brasil sugere o baixo nível de atenção médica aos consumidores. (...) Quer dizer: na falta de diagnóstico, o balconista da farmácia empurra logo um antibiótico poderoso, 'contra tudo', e que, exatamente por ser de amplo espectro, é mais caro. O balconista ganha comissão sobre as vendas.]

[Há por trás de tudo, algo como um enorme sistema de contra-informações, que envolve fabricante, médico, consumidor e governo, entre culpados e vítimas.]

[A única defesa do consumidor, diante da omissão do governo, é o médico, mas este é submetido a uma propaganda avassaladora feita pelo fabricante. A propaganda é eficaz porque apenas uma minoria de médicos está ligada a uma rede universitária de constante atualização científica.]

[Dissemina-se hoje uma desconfiança generalizada em relação à medicina e seus remédios.]

[Entre o normal e o patológico há uma zona intermediária, onde se localiza a maior parte das queixas das pessoas que se julgam doentes. Em geral, tais variações têm um forte conteúdo psicológico e reverterem normalmente ao estado natural, com ou sem remédio. É o que faz a carreira de medicina e medicamentos de efeito terapêutico nulo, entre os quais os 'populares'.]

[Para romper o círculo, é preciso começar por aceitar o conceito de que o remédio é uma mercadoria especial, cuja escolha não pode ser deixada ao consumidor.]

[O órgão encarregado de conceder as licenças (Divisão de Medicamentos da Secretaria de Vigilância Sanitária) não podia dizer quantas licenças concedera. (...) O descaso não é acidental – haveria uma rede de irresponsabilidades e incompetências que, afinal, facilitaria a vida dos fabricantes.]

"A organização e o funcionamento da vigilância sanitária não têm correspondido, de longa data, ao estágio de desenvolvimento do país. [...] No início deste ano, tínhamos 15 mil informações sobre esses produtos [farmacotóxicos] e hoje temos 45 mil informações, vindas de universidades nacionais e estrangeiras, da Organização Mundial de Saúde e de publicações científicas as mais diversas". [Dirceu Arcoverde – ministro da Saúde]

[É preciso sanear todo o mercado de remédios, inclusive pelo alto, pelos produtos considerados nobres.]

[No final deste ano será inaugurado no Instituto Oswaldo Cruz, Rio, um laboratório de controle de qualidade de drogas, alimentos e medicamentos. O objetivo é controlar desde a matéria-prima até o produto acabado. (...) Tudo funcionando, o governo controlaria o medicamento da fabricação ao uso e teria algo parecido com o Food and Drug Administration dos Estados Unidos.]

[Enfim, há tudo por fazer, e nesse tudo deve-se incluir algo como uma mudança de mentalidade dos fabricantes, consumidores e médicos. (...) Quanto aos fabricantes, a receita é regulamentação e fiscalização – coisa nada simples. A regulamentação de qualquer indústria é uma questão política e, portanto, de poder. E não é pequeno o poder da indústria farmacêutica.]

[Cientificamente há como controlar o uso e os efeitos negativos dos medicamentos modernos. Tornar realidade o controle desse comércio e dessa indústria, sem os destruir, é o problema político a resolver.]

**VEJA Nº 685 – 21 outubro 1981 – Alcoolismo: Brasil, Campeão do Consumo de Bebida Destilada [Capa]. Pg. 88-96 – A Ameaça Engarrafada [Especial]** O Brasil produz 900 milhões de litros de cachaça por ano, amplia sua legião de alcoólatras e é líder mundial no consumo de bebidas destiladas.

**Quadros:** O copo nosso de cada dia; As quatro fases do mergulho no alcoolismo; Gim, uísque e literatura.

[Campeão mundial de consumo de bebidas destiladas, o Brasil age como se o alcoolismo não o afetasse – por sinal, um traço de comportamento típico do alcoólatra]

[Como no resto do mundo, quase inteiramente franqueado ao comércio do álcool, também no Brasil as bebidas alcoólicas são encaradas com naturalidade e desempenham mesmo, segundo os psicólogos, o papel de ‘lubrificante social’]

“O alcoolismo é responsável por metade das internações registradas em hospitais psiquiátricos e por 90% dos atendimentos psiquiátricos de urgência”. [Jandira Masur – chefe do Departamento de Psicobiologia da EPM-SP]

[70% dos menores abandonados que perambulam pela capital paulista – uma multidão estimada em 600.000 pequenos brasileiros – são filhos de pais alcoólatras.]

[O número de motoristas embriagados em circulação freqüentemente supera a frota de veículos movidos a álcool em trânsito nas estradas brasileiras.]

[A trajetória rumo ao vício costuma ser inaugurada com pretextos singelos. Ora é preciso esquecer, ou lembrar, ora convém combater o tédio, a solidão ou simplesmente a fome.]

“Naquela época eu tinha três opções: beber até morrer, dar um tiro na cabeça ou escrever”. [José Carlos de Oliveira – escritor]

[Quem conheceu o alcoolismo, aliás, costuma abordar o problema só depois de vencida a luta.]

“Eu vivia cansado, de ressaca e sentia que a coisa estava ficando preta. Decidi deixar o vício de vez. Naquela noite, de fato, me despedi de todas as minhas velhas amigas, as garrafas de cachaça. Com meus amigos acabei todo o estoque de uísque, cachaça, vodka e cerveja da casa. Depois, nunca mais tomei um gole sequer”. [Teotônio Vilela – senador do PMDB-AL]

“Com o álcool, a cabeça vai mudando, não há disposição para o trabalho, para a vida. A gente ri muito, mas é um riso de hiena. Fiquei quase louco com a síndrome de abstinência. Tive taquicardias, suores, pensei que ia morrer”. [Alberto Ruschel – compositor]

“No início, eram apenas duas ou três doses diárias. Pouco depois, o processo estava tão adiantado que não tinha mais ressaca. Tomava dois porres por dia. O segundo era para rebater o primeiro. Num certo dia de 1979, surgiram as conseqüências: sofri uma hemorragia do estômago, vomitei quase 4 litros de sangue e só fui salvo por uma rápida transfusão. Nos dezessete dias que passei no hospital, lembrei muito de um conselho de Vinicius de Moraes: Joelzinho, pára de beber, porque a cachaça está acabando com o subnutrido povo brasileiro”. [Joel Barcelos – ator]

“Em outros países, pode ser diferente, mas no Brasil, pelo menos 60% dos alcoólatras bebem para aguentar a vida que levam. O álcool esquenta o estômago e engana a fome. É esse o motivo que leva as pessoas mais pobres, às vezes até de forma inconsciente, a procurarem a bebida”. [Domingos Coutinho Macedo – psiquiatra professor do Departamento de Neuropsiquiatria da Universidade Federal da Bahia]

[Ilusória sensação de saciedade]

[Ele certamente tomara as primeiras doses de cachaça na mamadeira – um hábito difundido em várias regiões do país.]

[Preso de terríveis pesadelos, o doente confunde o sono e a vigília e sai pelas ruas em completa barafunda mental]

[Raramente o alcoólatra procura por conta própria tratamento médico; um alcoólatra típico jamais admite o vício; quando muito, diz que gosta de beber.]

[Se ajuda a vender beberagens do gênero, e prejudica o tratamento adequado dos alcoólatras, a ignorância também contribui para esvaziar prateleiras de botequins em todo o país]



"A bebida parece facilitar a aproximação sexual pelo desaparecimento da inibição. Mas, a longo prazo, a ejaculação precoce ou a impotência é a sina de todos os alcoólatras". [Heber Soares Vargas – professor da Universidade Estadual de Londrina]

[Permanece imprecisa a fronteira que separa um alcoólatra de um bebedor social.]

"A humanidade está duas doses abaixo do normal". [Humphrey Bogart – ator]

[Hoje, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos e na Europa, o alcoolismo feminino está em plena expansão no Brasil.]

"Os alcoólatras não foram inventados por nós e não seria o nosso fim que iria acabar com eles". [Joel Cândido Carneiro – dono da cachaçaria Pitu]

**VEJA Nº 690 – 25 novembro 1981 – O Tóxico nas Escolas [Capa]. Pg. 28-34 – O Aprendizado do Vício** – Os traficantes de tóxicos que rondam as escolas em busca de jovens fregueses assustam pais, professores e o Ministério da Justiça.

**Quadros:** As "bocas de fumo" rondam as escolas paulistanas; Os estudantes e os tóxicos; Surge a segunda geração de maconheiros.

[O avanço do consumo e tráfico de tóxicos no Brasil é alarmante]

"Os dados que recebo indicam que os traficantes estão concentrando sua atuação nas escolas para aliciar nova clientela". [Ibrahim Abi-Ackel – ministro da Justiça]

[Não existem estatísticas precisas sobre o volume de tráfico e consumo no país, mas pode-se avaliar sua dimensão pela pequena parcela que a polícia consegue apreender.]

"O consumo de drogas entre estudantes é um problema muito sério. Só nos últimos três anos, triplicou o número de viciados nos colégios paulistas. Os cursinhos compõem um mercado particularmente atraente para os traficantes, porque seus alunos, na busca de identificação com os universitários, procuram copiar-lhes os hábitos". [Ademar Magalhães – delegado diretor do Serviço de Operação e Informação da Divisão de Entorpecentes de SP]

[O jovem costuma chegar aos tóxicos pelo caminho da curiosidade.]

"Qualquer campanha de esclarecimento é nociva porque estimula a curiosidade. O problema da experimentação e do uso está ligado ao paraíso químico que existe dentro das casas dos adolescentes. Uma mãe que dá a seu filho um remédio para qualquer dor de cabeça, ou um calmante, está na verdade introduzindo-o no consumo das drogas". [Nélson Teixeira Candelária – psiquiatra superintendente do Instituto de Medicina Social e Criminologia de SP]

[Os melhores negócios são feitos em lugares onde há o que se chama de "delírio", como é o caso de shows com artistas jovens.]

"O consumo de drogas está se ampliando para faixas etárias de até 11 anos de idade. Não podemos pensar apenas em repressão, porque está provado que isso não resolve absolutamente nada". [Oswald Moraes de Andrade – psiquiatra representante da Associação Médica Brasileira no Conselho Federal de Entorpecentes]

[Artigo 16 ainda prevê pena de seis meses a dois anos de detenção para o viciado.]

"Várias clínicas que internam as pessoas com problemas de droga registram os pacientes com diagnósticos mentirosos por causa desse aspecto policial". [Nélson Teixeira Candelária – psiquiatra superintendente do IMESC-SP]

"Calculo que 10% dos alunos do curso noturno consomem drogas. O pessoal do período diurno, por ser menor, não apresentou ainda casos de viciados. Os policiais até passam por aqui, assinam o ponto e vão embora. Na hora da saída e da entrada de alunos, porém, eles nunca aparecem, e é essa a hora decisiva". [Lucy Aparecida de Souza Murbach – diretora da Escola Monsenhor Passalacqua de São Paulo]

[A maconha vai ganhando adeptos por diversas razões. Algumas são de ordem econômica.]

"Maconha é planta, sai da terra. O resto é produto químico, faz mal ao organismo. Farmácia eu não transo". [usuário de São Paulo]

“Acredito que, de cada 100 alunos, pelo menos sessenta já experimentaram tóxicos”. [Neusa Rodrigues Monteiro – assessora especial da Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus do Ministério da Educação e Cultura]

“Há alguns anos, os diretores de escola não tinham interesse em falar nisso. Hoje, ignorar o assunto significa desconhecer a própria escola”. [Dilma Henrique de Assunção – diretora da escola Henrique Lage de Niterói]

[Esse fantástico mercado, que se está expandindo à custa de uma geração, desperta a cobiça dos traficantes, todos interessados na difusão do aprendizado do vício.]

“Devemos trabalhar muito na educação das crianças entre 5 e 11 anos. Afinal, o que se aprende nessa época não se esquece nunca”. [Oswald Moraes de Andrade – psiquiatra representante da AMB no Confen]

**VEJA Nº 693 – 16 dezembro 1981 – A Moda do Vinho Branco [Margem]. Pg. 54-60 – Com Sabor Brasileiro [Especial]** O vinho nacional conquista finalmente seu lugar ao sol entre consumidores que elegem o branco como a bebida de todas as horas.

**Quadros:** Produção de vinhos finos no Brasil [em milhões de litros]; O mercado se diversifica; Um vocabulário reservado para os enófilos.

[Como aconteceu nos EUA na década passada, o Brasil elege o vinho branco como bebida versátil, que de acompanhante de pratos leves à mesa invade rapidamente coquetéis, rodas de aperitivo e festas de fim de semana]

“É um saudável círculo vicioso. Usa-se maior quantidade de uvas nobres, de castas européias, e uma tecnologia mais refinada no preparo do vinho. O consumidor se acostuma com o que é bom e cobra cada vez melhor qualidade do produto que leva para casa”. [Luís Flores – enólogo da Vinícola San Gabriel de Bento Gonçalves-RS]

[Ninguém espera que o vinho do Rio Grande do Sul se iguale um dia aos melhores franceses, italianos e alemães.]

“Até poucos anos, o vinho brasileiro era feito com uva Isabel, variedade americana que só serve para comer. Hoje temos vinhos honestos, o que já é animador”. [Sérgio Paula Santos – médico de São Paulo]

“É preciso ter coragem de assumir. Estamos fadados a ter vinhos nacionais cada vez melhores, embora muitos detestem ouvir essa verdade. [...] Foram as multinacionais instaladas na vinicultura brasileira que fizeram subir a qualidade do vinho brasileiro”. [Heinz Becker – economista do Rio de Janeiro]

[Para os bons vinhos, sugere respeito absoluto: despejá-lo lentamente na taça, erguê-la até a altura do terceiro botão da camisa e finalmente sorver um produto que complexas reações químicas e esmerado controle de qualidade põem à frente do degustador.]

“Fizemos uma pesquisa entre os consumidores e concluímos que um vinho suavemente adocicado, de tipo alemão, agradava em cheio ao paladar brasileiro”. [Dante Calatayud – enólogo vice-presidente de pesquisa da Heublein]

“O paladar do brasileiro está mudando. Se as pessoas querem branco alemão, porque nós deixaríamos de fabricá-lo?”. [Juan Francisco Carrau – dono da Vinícola Château Lacave]

“Eu sabia que há muita gente que gosta de beber vinho, mas não esperava tantos interessados em ler sobre segredos dos vinhos”. [Mauro Corte Real – escritor e diretor do Hotel Lage de Pedra em Canela-RS]

“Nossos vinhos amadurecem depressa, em três ou quatro anos, enquanto os franceses duram três vezes mais. Mas não é um defeito. Somos produtores de bons vinhos jovens e isso já é bastante”. [Maria Regina Ferreto – enóloga da Escola Agrotécnica Federal de Bento Gonçalves-RS]

“Só nos últimos cinco anos, os nacionais melhoraram alguma coisa, mas ainda assim não merecem frequentar a confraria. Esses vinhos agradam ao paladar e podem ser tomados como aperitivo, com o mesmo tipo de prazer não muito especial que nos dão os

vinhos franceses não qualificados”. [Otávio Marques Lisboa – membro fundador da Confraria dos Gastrônomos do Rio de Janeiro]

“O vinho enriquece o paladar e enobrece o olfato, e o prazer deve ser sempre dividido com outras pessoas capazes de respeitar um bom vinho. Os nacionais melhoraram com a importação das melhores cepas de *cabernet*, *merlot* e *riesling*, mas ainda não dá para fazer comparações com os estrangeiros”. [Ivo Pitanguy – cirurgião plástico]

“O bom vinho deve ser de um rubi encarnado, o aroma deve lembrar a violeta ou o jasmim”. [Yan de Almeida Prado – historiador]

“Muita gente que bebia os chilenos passou para os brasileiros nos últimos três anos”. [Otoniel Abilio da Costa – *sommelier* de restaurante do Rio]

[O primeiro passo – e o mais importante – já foi dado: o brasileiro está convivendo melhor com o vinho.]

**VEJA Nº 699 – 27 janeiro 1982 – A Morte de Elis Regina: A Tragédia da Cocaína [Capa]. Pg. 54-63 – O Amargo Brilho do Pó [Memória]** Aos 36 anos, Elis Regina, a melhor cantora do Brasil, foi achada morta, trancada em seu quarto, onde tomara a derradeira dose de cocaína. **Pg. 60-63 – A Perfeita Alquimista.** Misturando técnica e emoção, Elis resistiu às fórmulas fáceis e se tornou a maior cantora do Brasil.

**Quadros:** O mercado fora do palco; Nas contradições, exemplos de uma cabeça desafinada.

[Menos de 48 horas depois de seu desaparecimento, veio o segundo choque, talvez o pior.]

[Feitos os exames, emergiu uma sombria conclusão: Elis Regina, dizia o laudo médico, morreu pela intoxicação combinada de bebidas e cocaína.]

“Na necrópsia procedida nada encontramos digno de especial menção que pudesse explicar a morte. O exame toxicológico, de suma relevância no caso, dada a negatividade dos achados da necropsia, veio nos fornecer a resposta da *causa mortis*. Concluímos que a quantidade de álcool etílico encontrada em nível sanguíneo revelou estar a vítima sob estado de embriaguez, e a presença de cocaína caracterizando o estado tóxico, que em somatória podem responder pelo evento letal”. [José Luiz Lourenço e Chibly Hadad – médicos legistas do IML-SP]

[Antes que se tornasse pública e oficial, houve uma cortina de resistências.]

“Ela não transava drogas e o Shibata tem ressentimentos do Mac Dowell”. [Edu Lobo – compositor]

“Nós sabemos que esse laudo, por si só, não afirma verdades, nem tem uma procedência que leve as pessoas a acreditar nas conclusões que ele apresenta”. [Samuel Mac Dowell de Figueiredo – advogado]

[O fato é que o único elemento encontrado no corpo de Elis capaz de matá-la é a cocaína.]

[Empenho do advogado Mac Dowell e de amigos da família em preservar a imagem de Elis]

“Ela é insubstituível”. [Jair Rodrigues – cantor]

“Essa moça era uma grande dama da música brasileira”. [Tônia Carrero – atriz]

[Seu velório estava enfeitado com uma constelação de astros de cinema, televisão, música e dança, como Lennie Dale, que foi preso em fevereiro de 1971, no Rio, com um enorme pacote de maconha.]

“Mas eu só soube que transportei Elis Regina mais tarde, quando ouvi no rádio que ela tinha morrido. Me deu uma tal tristeza que se eu tivesse dinheiro não trabalharia mais naquele dia”. [Manuel Gouvêa Alves – taxista]

“Evitei ficar até mais tarde porque ela ia ouvir as fitas para o seu novo disco”. [Samuel Mac Dowell de Figueiredo – advogado]

“Não ouvi o telefone porque estava ouvindo as músicas no volume mais alto”. [Elis Regina – cantora]

“Nunca tive conhecimento, nestes seis meses de vida comum, que ela ingerisse tóxico”. [Samuel Mac Dowell de Figueiredo – advogado]

[A cocaína surgiu na sua viagem aos EUA no início de 1981 para acertar a gravação de um disco com o saxofonista Wayne Shorter. Antes disso, ela só consumia cerveja e vodka.]

[À diferença dos alucinógenos ou da maconha, capazes de patrocinar aos seus consumidores momentos de grande alegria ou de profunda depressão, dependendo do estado de espírito de cada um, a cocaína é uma droga de satisfação garantida.]

“O problema é que você cheira e se sente Deus. Depois, quando o efeito passa, você começa a achar desagradável não ser Deus”. [usuário]

[A cocaína faz do preguiçoso um prodígio de energia, do tímido um audaz, do lento um rápido, mas, na essência, não traz nenhuma idéia, como, por exemplo, as que o escritor inglês Aldous Huxley teve ao tomar a mescalina.]

“Eu sou de Peixes, que é simbolizado por um peixe virado para a direita e outro para a esquerda. Tem hora que estou com o peixe de cima e está tudo bem. Mas aí entra o peixe de baixo e complica tudo”. [Elis Regina – cantora]

“Sempre vou viver como *kamikase*. É isso que me faz ficar de pé”. [Elis Regina – cantora]

“Elis vivia sempre com a corda esticada, a mil por hora, e mudava de opinião em fração de segundos”. [Edu Lobo – compositor]

“Se uma pessoa enfrenta conflitos sérios a ponto de se desagregar interiormente, não constrói nada. É necessário que se reconstrua e reformule a sua visão de mundo. E isso só é possível pela psicanálise”. [Elis Regina – cantora]

“Quem procura análise nega a proposta de vida em grupo. É individual demais para minha cabeça de mutirão”. [Elis Regina – cantora]

“Eu conheci o sucesso sem estar preparada para enfrentar a vida”. [Elis Regina – cantora]

“No dia em que alguém for reorganizar o seu fichário na pasta ou no compartimento Elis Regina, vai ter muito trabalho. Eu não tenho a menor intenção de ser simpática a algumas pessoas. Me furtam o direito inclusive de escolher. Sou obrigada a aceitar quem passar pela frente. Me tomam por quem? Uma imbecil? Sou algo que se molda do jeitinho que se quer? Isso é o que todos queriam na realidade. Mas não vão conseguir, porque quando descobrirem que estou verde já estarei amarela. Eu sou do contra. Sou a Elis Regina de Carvalho Costa que poucas pessoas vão morrer conhecendo”. [Elis Regina – cantora]

**ISTOÉ Nº 266 – 27 janeiro 1982 – Adeus Elis [Capa]. Pg. 44-56 – Adeus, Elis [Cultura: Regina Echeverria]** Uma comoção nacional mostrou que ela não era apenas a maior cantora – mas um pedaço do país. **Mil faces, mil paixões** – Ela era difícil, conflitada, atrevida – e maravilhosa.

**Quadro:** Repórter das querelas do Brasil.

[Estava cansada de empresários, esquemas e do papel subalterno que a *intelligentsia* reserva aos que apenas cantam as músicas feitas pelos outros – e anunciava, com a ironia cara aos revolucionários, que pretendia cursar uma faculdade para ser identificada e reconhecida como intelectual. (..) É sintomático que, na sua ironia, ela desnudasse os fantasmas que o elitismo nacional costuma injetar até nas melhores cabeças.]

[No centro de tudo, uma mistura fatal de álcool e cocaína, que teria provocado a morte de Elis. Simbolicamente, essa mistura é também a alma triste do Brasil de que Elis tinha saudade – a velha cachaça, as novas sensações da cocaína, a trágica miscelânea do velho e do novo, de repressão e libertação, em que o país sempre viveu. (...) O povo não cultua em vão os seus mortos queridos.]

[A notícia relampejou. Começou a aglomeração. (...) E a dor de São Paulo, e do Brasil, foi maior do que o mistério que sua morte provocou.]

“Eu liguei às 9h 15m, mais ou menos. Falamos muito, um bom tempo. De repente, a voz dela começou a ficar enrolada, ela começou a falar mole... Ai, houve assim uma interrupção brusca, um branco. Eu comecei a falar alô, alô... e nada. Ela não respondia. Pressenti alguma coisa, não sei direito. Saí correndo do escritório e, quando cheguei, a porta estava trancada. [...] Ela estava na cama, o telefone na mão, parecia desmaiada... Custei a acreditar que já estava morta”. [Samuel McDowell de Figueiredo – advogado]

“Seu Samuel chegou apavorado, bateu na porta, ela não abriu, e ele meteu o pé. Deviam ser 10 para as 11, mais ou menos”. [Maria das Dores – empregada de Elis]

[Elis era de oposição, odiava essas coisas oficiais. O velório foi para o Teatro Bandeirantes, na concorrida avenida Brigadeiro Luís Antônio (...) teatro onde Elis estreou *Falso Brillhante*, seu maior sucesso.]

[Desfilaria diante de Elis, um número de pessoas suficientemente grande para que ninguém jamais volte a dizer que ela não era uma cantora popular. (...) Mais de 1 quilômetro de mansos, compungidos cidadãos, numa democracia de classes e sentimentos, esperando sua vez na calçada friorenta, vigília de horas a fio.]

“Ela era uma filha de Ogum, uma lansã *retada*. Ligou-me no fim do ano passado e pediu para eu jogar os búzios. Eu disse que tinha de fazer um trabalho para despachar Egum, o espírito de uma pessoa morta que estava encostado nela. Não deu tempo”. [Zenildo Dantas – chefe de terreiro de candomblé]

[Bandeira, só mesmo aquela que ela vestia morta, numa camiseta, e que a censura proibira no ano passado. A bandeira do Brasil com o nome Elis Regina em lugar de Ordem e Progresso.]

“Havia muito ressentimento entre nós. Não nos falávamos há três anos, mas a morte apaga tudo. [...] Elis brincou muito com a vida. Só as grandes pessoas têm essa audácia”. [Ronaldo Bôscoli – jornalista ex-marido de Elis]

“A morte não é o fim, não. Minha doce pimenta, pimentinha doce. Ela te amou muito (para Samuel)”. [Rita Lee – cantora e compositora]

“Ô coisa linda! Ô coisa linda! Quem vai cantar, agora, coisa linda? Deus, cadê tu?”. [Lennie Dale – dançarino]

“Quería fazer um show para levantar dinheiro para nosso fundo de greve. Mas a Polícia Federal não deixou”. [Luís Inácio da Silva – Lula – líder do Partido dos Trabalhadores]

“Ela estava numa fase de inspiração. Muito feliz, bonitinha, cortou o cabelo do mesmo jeito que fez, dez anos atrás. Estava iniciando uma retomada do passado. Sem pudor de rever o passado. Essas coisas não podem ser mera coincidência, assim como não é mera coincidência que ela tenha realizado um último show em Porto alegre, cidade que ela detestava e de que morria de medo. Foi lá e superou mais um medo, mais um desafio”. [Nélson Motta – crítico]

“Nada de culpas. Vivi tudo com intensidade. [...] Amar é retornar ao estado de afinação dos primeiros dias... Amar é reafinar. Olho pregado no infinito, ponto perdido nos céus, lugar aspirado por qualquer indivíduo inquieto, pensador, revolucionário, apaixonado”. [Elis Regina]

[Começou a namorar Samuel que era seu advogado. E vivia aparentemente uma explosão de felicidade. (...) Sua felicidade ficou gravada em fita, na sua secretária eletrônica. No recado que deixou, antes do Natal, para os amigos que ligassem para ela.]

“Nem que seja minha mãe ou Deus, o senhor [zelador do prédio] não deixe entrar”. [Elis Regina]

[Três dias depois, o IML divulgaria seu laudo: morte por mistura de álcool e cocaína.]

[Ironia número 1: Elis, a 'careta' Elis, que condenava a 'alienação pelas drogas' e as 'quadrilhas da fumaça', nos idos em que o tropicalismo abalava os alicerces da bossa nova, teve sua morte atribuída à presença de cocaína e álcool etílico em seu sangue.]

[Ironia número 2: o ato final da vida de Elis acabou por se desenvolver num cenário onde se cruzaram o diretor do IML paulista, Harry Shibata, de triste memória – ele foi o autor do laudo que atribuiu a causas naturais a morte do jornalista Wladimir Herzog – e o advogado Samuel McDowell de Figueiredo, há seis meses namorado de Elis – e justamente o homem que foi à Justiça e conseguiu a sentença responsabilizando a União pela morte de Herzog.]

[McDowell reagiu: negou a validade do laudo, e que sua namorada fosse consumidora de cocaína, durante depoimento prestado na delegacia.]

[Ironia, ainda – mais uma – foi o fato de Shibata não ter assinado o laudo. (...) Talvez, justamente, para dar ao documento a credibilidade que McDowell e os amigos de Elis contestavam.]

[Elis Regina vinha ingerindo drogas? Alguns amigos confidenciam que sim. Ela teria contraído o hábito há cerca de um ano e meio, durante uma viagem a Los Angeles – embora, dizem os amigos, jamais desse sinais de dependência. Elis, a 'careta', foi careta até nisso: circulando num meio onde o consumo de drogas pode ser tão banal quanto o de garrafas de cerveja, 'chegou tarde e de forma atabalhoada', segundo expressão de um amigo.]

**VEJA Nº 701 – 10 fevereiro 1982 – O Que Há Dentro dos Cigarros: Quebrado o Segredo dos Teores [Capa]. Pg. 70-78 – A Fumaça Afinal Revela os Seus Segredos [Economia e Negócios]** A Souza Cruz libera uma lista sigilosa e abre uma nova era na luta por um vasto mercado.

**Quadros:** Tabela de teores de "alcatrão" e nicotina; Como se acham os teores.

"Estou surpreso com a decisão da Souza Cruz de divulgar uma tabela com todas as marcas mais consumidas no mercado. [...] É impossível estabelecer qualquer margem de aproximação entre um sistema e outro". [Antônio Teixeira da Silva – vice-presidente da Philip Morris]

[Sustenta que os métodos de análise empregados pela Souza Cruz, recomendados pela Cooperation Centre for Scientific Research Relative to Tobacco, são fundamentalmente diferentes dos métodos adotados pelo Nationwide Consumer Testing Institute, de Nova Jersey, aprovados pela Federal Trade Commission dos Estados Unidos e utilizados pela Philip Morris.]

[Assim, pela primeira vez desde que um cigarro foi aceso em território brasileiro, os fumantes nativos afinal podem saber o que efetivamente estão tragando.]

[Convencidos de que era melhor quebrar o sigilo do que correr tais riscos, a Souza Cruz precipitou uma decisiva virada de página na história do tabagismo no Brasil]

"Creio que a divulgação da lista terá uma repercussão muito grande. A Souza Cruz propõe à Associação Brasileira da Indústria do Fumo (Abifumo) a adoção de uma nova política para o assunto, apoiada em estudos que definam a melhor forma pela qual os consumidores tenham acesso às informações sobre os teores de seus cigarros". [Ciríaco José Pompeo de Siqueira – diretor de Pesquisas e Desenvolvimento da Souza Cruz]

"Essa tabela vai provocar muita confusão, porque as pessoas não saberão diferenciar corretamente um número do outro". [Robert Bull – vice-presidente de Marketing da Reynolds]

"Preferimos aguardar até saber o que o concorrente pretende fazer com essa estratégia. Mas é previsível que o mercado venha a agredir-se mais violentamente daqui para a frente". [Antônio Teixeira da Silva – vice-presidente da Philip Morris]

[Tolhidas por uma severa legislação antitabagista, as grandes empresas americanas jogam pesado, e invariavelmente com números, na disputa das simpatias dos consumidores.]

[O desafio, para a indústria, é diminuir os teores sem fazer com que o ato de fumar perca totalmente o gosto.]

[Na verdade, não existe nenhum cigarro inteiramente inofensivo à saúde – e mesmo os recordistas dos baixos teores não escapam ao assédio dos militantes da guerra ao fumo.]

“As campanhas publicitárias em favor dos chamados cigarros de baixos teores não passam de um crime organizado. Muitos fumantes de cigarros *light*, por serem ‘nicotino-dependentes’, compensam a redução da dose da substância queimando mais unidades”. [José Rosemberg – titular de Tuberculose e Doenças Pulmonares da Faculdade de Medicina da PUC-SP]

[Os médicos são particularmente severos quando discorrem sobre a nicotina.]

[No Brasil, faltava a debates do gênero um elemento essencial – os teores de cada marca.]

**ISTOÉ Nº 294 – 11 agosto 1982 – Vitaminas [Capa]** Riscos e vantagens dessa mania brasileira. **Pg. 42-48 – A Saúde das Vitaminas [Ciência e Saúde]** As vendas crescem, mas há riscos para os consumidores.

**Quadros:** Vitaminas de A a E; Um cardápio sem desperdícios.

[De fascínio inesgotável, as drágeas coloridas ou os comprimidos efervescentes das vitaminas estão sendo devorados por parcelas crescentes de brasileiros como se fossem uma garfada a mais de alimento. (...) Batalhões de consumidores procuram nas farmácias as pílulas que julgam capazes de lhes proporcionar doses extras de crescimento, memória, apetite, bem-estar ou imunização contra males variados, do simples resfriado ao temível câncer.]

[A mania das vitaminas alastra-se por todas as camadas sociais. (...) As vitaminas abocanham ponderáveis parcelas do mercado farmacêutico. (...) E um consumo tão significativo já atrai para o país os debates internacionais.]

[São iniciativas que, se têm o mérito de trazer para o país as últimas novidades na ainda insatisfatória pesquisa científica sobre as vitaminas, não deixam de passar em revista o conhecimento acumulado até aqui – às vezes incômodo, denunciador da inocuidade terapêutica ou mesmo dos riscos de um consumo mal-programado.]

“Vitaminas não são alimentos nem medicamentos. São cofatores nutritivos”. [Waldyr Arcoverde – ministro da Saúde]

[Neste animado consumidor, afigura-se o perfil típico do brasileiro que recorre a vitaminas – alguém que coloca em dúvida a justeza de sua alimentação.]

“É lamentável que retiremos as frutas, legumes e verduras de nossos pratos, para substituí-los por hambúrgueres”. [José Eduardo de Oliveira Dutra – médico vice-presidente da União Internacional de Ciências de Nutrição e diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto]

[Nem sempre, porém, o reforço alimentar é o único objetivo procurado pelo consumidor.]

“Além de proteger a pele, dão uma cor ótima”. [Scarlet Moon – produtora de televisão]

[Mendes fundou no Rio algo como uma seita de ‘vitaminófilos’ – pessoas que se reúnem para consumir juntas e trocar idéias sobre as vantagens do produto.]

“Em três meses consumimos 1 quilo de vitamina C. É caro, porque o produto é importado, mas vale a pena”. [Maria Helena – esposa de Mendes]

[As vitaminas à venda no Brasil têm invariavelmente matéria-prima importada. E, às vezes, não é só a matéria-prima: todo o produto vem de fora, sendo apenas, no máximo, embalado aqui.]

[Com a intoxicante publicidade. (...) Há um batalhão de ofertas, hoje, bombardeando o consumidor – fenômeno que começa a esboçar, aqui, uma situação semelhante à dos Estados Unidos, país de 75 milhões de consumidores habituais de

vitaminas, que se abastecem em supermercados ou lojas especializadas apenas nesses produtos.]

[Um aspecto em que se progrediu muito foi o da adição de vitaminas aos alimentos – algo iniciado nos Estados Unidos, como programa oficial, em 1941, e que prossegue em contínuo aprimoramento. (...) No Brasil, já se fazem contas parecidas]

“As faixas da população mais pobres não têm acesso aos alimentos que são fontes de vitaminas como a carne”. [João Bosco Salomon – diretor técnico do Instituto Nacional de Assistência ao Educando]

[O *Papiro de Ebers*, o mais antigo documento médico conhecido, datado de 1500 a.C., continha a notícia de que fígado assado apurava a visão dos desnutridos. Apesar de ser antiga a percepção do valor das vitaminas, porém, só bem recentemente a ciência conseguiu isolá-las dos corpos onde se encontram.]

[Ao contrário das proteínas, das quais o organismo se alimenta diretamente, as vitaminas não fornecem nutrientes ao organismo. Antes, elas cumprem funções bioquímicas e fisiológicas – como atuar nas enzimas para fazer o ferro associar-se às proteínas, uma das tarefas da vitamina C.]

[Com funções tão minuciosas, nobres para o metabolismo, as vitaminas caíram no gosto popular por motivos mais vulgares.]

“Banana, menina, tem vitamina, banana engorda e faz crescer”. [Lamartine Babo em marcha de carnaval]

“A idéia de que elas engordam não é fora de propósito. O difícil é medir as necessidades de cada pessoa”. [Alberto Carvalho da Silva – chefe do Departamento de Fisiologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP]

[Somadas, as doses diárias necessárias a um adulto não ocupam mais que um oitavo de uma colher de chá. As porções vendidas nas farmácias pesam e medem muito mais.]

“Complexos vitamínicos como o Vitasay – com trinta componentes – são um intolerável exagero. Ninguém necessita de tantas vitaminas e sais minerais ao mesmo tempo. A necessidade de uma ou outra vitamina é uma exceção – e não uma regra”. [Carlos Monteiro – professor da Faculdade de Saúde Pública da USP]

[Do alto do seu posto, ele (Winter) acusa os grandes laboratórios de ministrarem excessivas doses aos brasileiros – perigosas nos casos de vitaminas tóxicas como a A e a D. Já no caso da vitamina C e das do grupo B, o risco não é para a saúde – é para o bolso do consumidor.]

“Nenhuma classe de medicamentos é alvo de tanto charlatanismo, deturpação e emprego incorreto como as vitaminas. [...] A urina do brasileiro é a mais cara do mundo”. [Leonildo A. Winter – farmacêutico e bioquímico presidente da Central de Medicamentos – Ceme]

[Os pesquisadores de Buzina adotaram o conceito de saúde como ‘estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não mera ausência de doenças’, segundo ele relata. A seguir, passaram a medir este padrão de saudabilidade segundo o crescimento físico, a capacidade de trabalho, o comportamento intelectual e as defesas imunológicas.]

“A capacidade imunológica decresce quando há deficiência de vitaminas A, B-2 e C”. [Ratko Buzina – bioquímico da Iugoslávia]

[O fórum de Ribeirão Preto não seria completo se de sua pauta não constasse uma apologética referência à vitamina E – coqueluche americana que o brasileiro começa a incorporar a seus hábitos dietéticos.]

“A vitamina E retarda a velhice”. [Yukio Moriguchi – coordenador do Curso de Pós-Graduação em medicina Geriátrica da PUC-RS]

[Na verdade, segundo a impiedosa Associação Médica Americana, a vitamina E é um mistério. Decididamente, a substância é ineficaz contra males como descamação da pele, doenças cardíacas e infertilidade.]



[O fato é que advertências como essa são incapazes de conter o consumidor. (...) Assim como os alquimistas procuravam o segredo da eterna juventude, os homens continuam a procurar, nas vitaminas, o segredo da saúde e do prolongamento de suas energias. Pena que o façam mesmo sabendo que, nesse caminho, há excessos que podem comprometer seu bem-estar.]

**ISTOÉ Nº 334 – 18 maio 1983 – Comida: A Praga dos Venenos [Capa] DDT, BHC, Aldrin, Lindane, Toxafeno .... Pg. 32-39 – Os Venenos no Cardápio [Ciência e Saúde]**  
Pesticidas agrícolas retidos pelos alimentos contaminam até o leite materno.

**Quadros:** O inseticida no seio materno; O corpo minado pela química; Apenas para exportação.

[Das frutas aos rios, da carne de vaca aos cromossomos humanos, o poderoso arsenal de produtos químicos criado para garantir as colheitas traça um inquietante rastro de maus efeitos colaterais.]

[Critica-se a liberalidade com que se usam no solo brasileiro pesticidas sob suspeita de causar mais danos ao homem que às lagartas.]

“A pulverização não compensaria os riscos de poluição da água e contaminação de animais”. [Crodowaldo Pavan – biólogo presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC]

“Devemos pensar globalmente e agir localmente”. [Magda Renner – Ação Democrática Feminina Gaúcha de Porto Alegre]

“A questão dos pesticidas virou um problema de segurança nacional”. [Paulo Furiatti – deputado do PMDB-PR]

[O Brasil precisa, pelo menos, racionalizar o uso de defensivos agrícolas. Afinal, o país é um dos cinco maiores consumidores mundiais desses produtos.]

“Ao comprar esses produtos, estamos levando problemas para casa”. [Flávio Lewgoy – geneticista do RS]

“Esses inseticidas são altamente tóxicos porque atuam no sistema nervoso central”. [Anthony Wong – diretor do Centro de Intoxicações da Prefeitura de São Paulo]

“Por definição, todos eles são tóxicos. [...] Para matar moscas e baratas, por exemplo, é mais eficaz e menos perigoso fazer uma boa higiene na casa. [...] É difícil entender que substâncias bem mais perigosas sejam usadas sem um controle rigoroso”. [Samuel Schvartsman – toxicologista e professor de pediatria da Faculdade de Medicina da USP]

[Alguns produtos usados no Brasil são mais perigosos, embora tenham uso mais liberado que, por exemplo, a morfina usada na prática médica.]

“O Brasil é um dos países mais exigentes no registro de defensivos”. [Marcus Ferreira – titular da Secretaria de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura]

“O Brasil permite que pesticidas proibidos no exterior sejam vendidos aqui sem nenhum controle”. [José Lutzemberger – ecologista presidente da Associação Gaúcha de Proteção Ambiental – Agapan – de Porto Alegre]

[É verdade. O último produto a figurar nesta lista é o temik, inseticida de alta toxicidade vendido em floriculturas para trato, por exemplo, de samambaias. Há duas semanas, o temik foi proibido nos Estados Unidos por poluir gravemente os rios e sob suspeita de ser cancerígeno.]

“A venda [do DDT], no entanto, é livre – o que leva cada um a fazer o que quiser com o produto. [...] É lenda a noção de que casca [de frutas e legumes] abriga vitaminas. Casca abriga é pesticida”. [Waldemar Ferreira de Almeida – sanitarista professor de medicina preventiva na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp]

[Há muito tempo se sabe que o DDT está presente no sangue de cada um dos habitantes do planeta. No Brasil, a confirmação de sua presença no leite materno, constatada na pesquisa do Instituto Adolfo Lutz, é uma novidade.]

[No Brasil, o DDT só tende a expandir-se – levando em sua fórmula o ácido poluidor e patogênico que penetra no organismo através dos alimentos e se acumula nos tecidos gordurosos.]

“Apesar dos níveis de DDT encontrados, o leite materno é a melhor fonte de alimento para a criança”. [Walkyria Lara – química pesquisadora do Instituto Adolfo Lutz de São Paulo]

[Irregulares, algo secretas, as pesquisas do Instituto Biológico servem de frágil indicador do coquetel químico que compromete a alimentação nacional.]

[Com a dramaticidade desses efeitos, os inseticidas correm o risco de ser considerados vilões mais temíveis que as pragas que combatem. Seria um exagero. (...) Rigorosamente poucos pesquisadores se atreveriam a banir os pesticidas da agricultura em grande escala.]

“Usados racionalmente, eles são necessários ao Brasil”. [Crodowaldo Pavan – presidente da SBPC]

[Indiferente até a essas ponderações, um respeitado grupo de biólogos rejeita os pesticidas e sugere o método de controle biológico das pragas. Ou seja, as pragas devem ser combatidas por outras.]

[Não menos importante para um controle asséptico é o manejo integrado de pragas – conjunto de medidas que incluem a rotação das lavouras, plantação de variedades resistentes, adubação orgânica e mesmo a consociação de duas ou mais culturas agrícolas.]

“Já ficou provado que um grande número desses produtos, como o DDT, é mutagênico, isto é, capaz de provocar mutações genéticas. E sabemos que toda droga com essa propriedade pode ser também cancerígena”. [Hamilton João Targa – geneticista do Departamento de Biologia da USP]

“A aberração cromossômica é um sinal de que pode surgir um câncer, mas até o momento não se comprovou a hipótese de que o DDT seja realmente cancerígeno para o homem”. [Maria Nazareth Rabello Gay – geneticista do Instituto Butantã de São Paulo]

**VEJA Nº 798 – 21 dezembro 1983 – Vinhos Finos Nacionais: O Brasil Melhora o Paladar [Capa]. Pg. 80-86 – O Brasileiro Viu a Uva [Especial]** Com o galope no preço dos importados e a evolução do produto gaúcho, o país volta-se para seus vinhos, bebe mais e bebe melhor.

**Quadros:** O avanço da produção; As preferências de cada um; O segredo se esconde ao pé do rótulo; Os dez mais vendidos em 83.

[O brasileiro ainda engatinha nesse terreno, com seu consumo de 2,4 litros anuais per capita.]

“Estamos fazendo um ensaio. Daqui para a frente, estaremos cada vez mais presentes nas prateleiras dos supermercados”. [Giuseppe Nahaissi – gerente geral da Almadén no Brasil]

[Dentro de cada garrafa de vinho nacional esconde-se um fenômeno talvez mais importante. A verdade é que a qualidade do vinho brasileiro melhorou muito nos últimos cinco anos.]

“Do nacional branco eu já tomo”. [Francisco Buarque de Hollanda – compositor]

“Hoje já dá para beber vinho nacional. Não são ácidos e mantêm a mesma qualidade de uma garrafa para outra”. [Yan de Almeida Prado – historiador]

[A regra, nesse território, é aderir quase incondicionalmente.]

“Com a melhoria da tecnologia estamos elaborando vinhos cada vez melhores. [...] Essa é uma das razões pelas quais nosso vinho é o mesmo de safra para safra”. [João Fernando Kfoury – presidente da Maison Forestier]

“Estamos crescendo sem parar. E nossos vinhos estão melhorando”. [José Alberici Filho – diretor comercial da Aurora]

“É um vinho muito equilibrado. O Velho do Museu não é muito adstringente nem pouco adstringente, não é muito ácido nem é pouco ácido - ele fica no limite certo”. [Maurice Bibas – enófilo]

[No Itamaraty se abrem garrafas nacionais desde 1970. À época, isso pareceu um absurdo nacionalista e um atentado ao paladar. Hoje, as resistências estão superadas.]

“Estamos fazendo um rodizio com as novidades, para ver quais devemos incluir regularmente em nossas recepções”. [Paulo Pires – embaixador chefe do Cerimonial do Itamaraty]

“Somos mais que amigos do vinho. Somos seus amantes”. [José Osvaldo Albano do Amarante – diretor técnico da Sociedade Brasileira dos Amigos do Vinho de São Paulo]

“O Brasil está dando passos enormes na qualidade de seus vinhos. Com mais dez anos, poderemos ter vinhos tão bons quanto os europeus”. [Fernando Pique – vice-presidente da Martini & Rossi]

[Através de vinhos assim, adocicados, muitas pessoas estão aprendendo a apreciar vinho. Outros, de paladar menos conformista, migrarão para os vinhos secos, depois de esgotarem todas as possibilidades mais suaves à vista no mercado.]

**ISTOÉ Nº 423 – 30 janeiro 1985 – Escola das Ruas [Capa]. Pg. 28-33 – Liberdade Viglada [Sociedade]** Nas ruas do Brasil, meninos abandonados andam pelo fio da navalha que delimita os irrecuperáveis.

**Quadro:** Sem tempo de ser criança.

[P.G. está, literalmente, rolando na lama. O ‘bode’, o delírio do drogado, atingiu-o em plena rua (...) zona portuária de Manaus. O espetáculo é forte: depois de alternar quedas com o revide a agressores imaginários, ele fica pelo chão, arqueando o corpo ao receber golpes de adversários que só ele vê e gritando pela ajuda do pai.]

“Até há uns cinco anos, recolhíamos nas ruas o menor que fora rejeitado pela família ou que tomara a decisão de abandoná-la para escapar de maus tratos. Hoje recolhemos proles inteiras”. [Cyntia Maria Patrocínio Figueiredo – diretora-técnica da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM – de São Paulo]

[A primeira entrada de uma criança, só ou acompanhada de irmãos, numa instituição costuma apagar as poucas referências trazidas da vida em família. (...) Pouca garantia têm de que poderão ganhar ali o passaporte para uma vida adulta normal.]

[Dessa forma, é razoável supor que as ruas estão fornecendo o caldo de cultura ideal para que a tarja ‘menor abandonado’ seja substituída pela de ‘delinquente irrecuperável’.]

[A filosofia do trabalho (da Unicef) soava um tanto ousada, pois à equipe principal cabe apenas orientar as comunidades interessadas em fundar núcleos de atendimento, os quais devem ser formados por voluntários que se disponham a trabalhar com os menores interferindo o mínimo possível na vida que levam.]

“Aquele projeto [da Unicef] é um engana-bobo. Quando estive lá, no início de 1983, falaram para montarmos uma oficina. Mas dinheiro não tem, maquinaria também não”. [Elisa de Medeiros Piroze – líder comunitária da Rocinha – RJ]

[Outra falha que ele (ex-diretor da FEBEM) vê é o fato de a Unicef seguir a orientação da Organização Internacional do Trabalho, de preparar o menor para o mercado informal de empregos, de modo a fugir da competição do formal, acirrada pela crise econômica. Isso, a seu ver, é atacar o problema sem enfrentar as causas estruturais.]

“O internamento está falido, pois a ociosidade que facilita e o paternalismo das instituições tornam infrutíferas as tentativas de reintegrar o menor na sociedade. Os internos perdem até a identidade, pois nem são chamados pelo nome, mas por um número”. [Ângela Valadares Dutra de Souza Campos – psicóloga de São Paulo]

“Se uma criança preserva os valores inatos de interação, apego, afeto, aprendizado e vida, ela pode ser recuperada para a vida social”. [Haim Grunspun – psiquiatra infantil e advogado]

[O princípio da não-intervenção dos educadores no cotidiano dos menores os obriga a fazer vista grossa para fatos como esse (cheirar cola).]

[Achar formas de multiplicar dinheiro e encontrar brechas na economia formal parece ser uma característica do menor de rua de todo o país. Em Manaus, onde a cocaína faz parada obrigatória no seu caminho rumo aos ricos narizes do Sul, (...) o negócio tem tanto de rentável quanto de perigoso: o 'melado', como se chama a maconha untada com cocaína, na Amazônia, é evitado pela maioria dos menores, que consideram a viagem muito arriscada e com escala provável na penitenciária.]

[O Paraná, um estado com características muito diferentes do Amazonas, mas vivendo também o problema do menor abandonado, vem instalando em várias cidades do interior unidades de trabalho, que ocupam e dão formação profissional aos menores, sem ligação com a Unicef.]

**ISTOÉ Nº 461 – 23 outubro 1985 – Agrotóxicos: Mais Veneno na Mesa [Margem]. Pg. 30-31 – Mais Veneno na Mesa do Brasileiro [Sociedade]** Morosidade dos ministérios deixa comida contaminada por veneno e hormônio chegar ao consumidor.

[No Rio Grande do Sul, toda essa possível comida se transformou num pesadelo indigesto para as autoridades governamentais.]

[Longe de ser um acidente, a catástrofe armada no Sul na semana passada tem todos os sinais de uma negligência criminoso. (...) Todas as galinhas estavam contaminadas com níveis de dieldrin (um dos componentes do Aldrin) 2 mil vezes maiores que o permitido pela lei.]

[Todas as pistas da contaminação apontam numa única direção: a multinacional de sementes Pioneer Agricultura Ltda., com sede nos Estados Unidos. Até agora, não se sabe porque a Pioneer resolveu se livrar de um lote de 450 toneladas de grãos de milho – que, para uso como semente, são tratadas com poderosos inseticidas (como o Aldrin) que impedem sua destruição por insetos.]

“Achei estranho que a ração fosse entregue a granel, na carroceria de caminhões, e não em sacos como é o costume”. [Bruno Krentz – padre administrador do Aviário Santo Inácio]

[A apuração das responsabilidades segue uma velocidade lerda em comparação com a ação fulminante do veneno. As duas empresas estão sendo acionadas por 'delitos contra a saúde pública' e provavelmente vão ser apenas multadas.]

[Se a ação dos defensivos agrícolas é fulminante, outros venenos, de ação mais lenta e de difícil detecção, podem também estar chegando às mesas brasileiras. (...) Trata-se do uso de hormônios proibidos por lei para a engorda de gado de corte.]

“A lei proibindo o hormônio visa o mercado de exportação para a Itália, pois os italianos são muito machistas e não toleram comer um hormônio feminilizante como o apreendido. Esse hormônio não faz mal a ninguém. Só não usamos porque é proibido por lei”. [Alberto Chap Chap – vice-presidente do Sindicato Nacional dos Pecuaristas de Gado de Corte]

“A fiscalização aqui é tão séria que o próprio governo brasileiro a executa”. [Ademerval Garcia – superintendente comercial do Frigorífico Kaiowa]

[O Dietil Estilbestrol (estrogênio proibido no Brasil desde 1961), que aumenta até 30% o peso de um boi, só pode ser detectado por testes de cromatografia gasosa em laboratórios especializados do Ministério da Agricultura. (...) Mas a chance de flagrar um produtor vendendo o boi engordado com hormônio cancerígeno é desprezível.]

[O tráfico do hormônio existe, como comprovou num golpe de sorte a Polícia Federal ao apreender dez caixas do produto em fevereiro passado.]

**ISTOÉ Nº 475 – 29 janeiro 1986 – Augusto Ruschi: O Sábio e o Sapo [Capa]. Pg. 54-60 – Armadilha da Natureza [Ricardo Osman e Flaminio Fantini]** Dizendo-se envenenado por um sapo, o naturalista Augusto Ruschi recorre aos pajés para se curar.

**Quadro:** Cores mortais da selva.

[O incansável pesquisador, que cultivou o rigor do método científico ao longo de mais de meio século, encontrou-se, no Rio de Janeiro, com o cacique Raoni, da tribo Txucarramãe, que lhe oferecera seus préstimos de curandeiro para combater os efeitos nocivos do que seria a origem do mal: o veneno dos sapos que ele coletara, há dez anos, no Amapá, onde fora pesquisar espécies raras de beija-flor.]

[Sendo verdade, o Brasil se veria diante do caso de um incansável defensor de delicadezas da natureza, como beija-flores e orquídeas, na iminência de sucumbir a uma traiçoeira armadilha da própria natureza, à qual dedicou praticamente toda a vida.]

[Emocionado, Sant'Anna apelava ao presidente que mandasse vasculhar os Estados Unidos e mobilizasse a embaixada brasileira na União Soviética em busca de um antídoto salvador.]

"O Brasil não está em condições de perder um homem da estatura de Ruschi só porque uns sapos safados o tomaram por inimigo". [Affonso Romano de Sant'Anna – poeta]

"Temos que fazer o possível para ajudá-lo. Não meça esforços". [José Sarney – presidente do Brasil]

[No Palácio do Planalto, o próprio cacique puxou o assunto: contou ao presidente que sonhara com Ruschi debatendo-se em uma lagoa cheia de sapos. Em seguida, dispôs-se a ajudá-lo com seu tratamento de raízes medicinais.]

"Os brancos podem tirar importantes ensinamentos dos índios, especialmente das plantas medicinais. A nossa medicina alopata é muito recente em relação à cultura milenar dos nossos índios". [Augusto Ruschi – naturalista]

[Como bagagem, Raoni levava tufos de uma planta conhecida em sua tribo como *atorokon*, a ser empregada no tratamento ritual a que se submeteria o pesquisador. O cacique disse conhecer de perto o envenenamento por sapos.]

"Ele já está com cara de sapo; já virou sapo. Tem que tirar o sapo de dentro, senão ele morre logo". [Raoni – cacique txucarramãe do Xingu]

[Tamanha garra em defesa da ecologia tem raízes fincadas na infância. Ruschi herdou a paixão pela natureza do pai, um agrimensor que se estabeleceu em Santa Teresa, a 80 quilômetros de Vitória, no final do século passado. Desde garoto, mergulhava na mata, fascinado por vegetais e animais.]

[Em uma carreira científica sólida e fecunda, Ruschi identificou e descreveu cinco espécies de beija-flores e onze subespécies, e catalogou quase meia centena de novas orquídeas, sua segunda fonte de interesse na pesquisa da natureza.]

"Todo gênio tem suas esquisitices. Reconheço que ele é muito fechado, mas isso não empana o brilho intenso da sua vida". [José Pasolini – dentista presidente da Câmara dos Vereadores de Santa Teresa-ES]

[Naquela quarta-feira, quando foi encontrar-se com o cacique Raoni e com o pajé Sapaim, no Museu Histórico Nacional, ele deixou entrever quanto o incomodam as excursões urbanas. Apesar de combalido, teve um surto de irritação quando se viu emparedado por câmaras fotográficas e de televisão e *spots* de luz.]

[Depois de uma noite mal-dormida por causa de dores provocadas por gases estomacais, o abatido naturalista recebeu o cacique Raoni e o pajé Sapaim, munidos de um arsenal de plantas trazidas especialmente da Amazônia num avião da Funai.]

"A fumaça dos cigarros tem a força de retirar o veneno dos sapos. Aprendi isso com o espírito Mamãe, que vive nas florestas". [Sapaim – pajé txucarramãe do Xingu]

[Pouco antes de desencadear a sessão vespertina dessa quinta-feira, o pragmático Sapaim informou a todos os presentes que era costume o pajé ganhar algo em troca de suas curas. Caso contrário, a doença poderia voltar no futuro.]

[Em todos os seus anos de batalha ecológica, Ruschi ainda não experimentara tamanha notoriedade. (...) Para isso, contribuíram uma coincidência e um bem-montado esquema de *marketing* promocional.]

[Os resultados dessa impressionante pajelança, porém, são tão nebulosos quanto o diagnóstico dos males que afligem o persistente investigador da vida dos beija-flores. O próprio Ruschi diz que, nos últimos tempos, padeceu seguidas vezes de malária e esquistossomose. (...) Suspeita de uma cirrose hepática de origem virótica, que teria reduzido drasticamente o poder de ação do seu fígado.]

“É preciso uma biópsia para saber o que ocorre com seu fígado. Ruschi gosta de se automedicar e fazer dietas absurdas, o que é uma faceta temerária de seu autodidatismo. Isso pode causar problemas hepáticos se a dieta for pobre em proteínas e vitaminas. [...] Ele toma qualquer tipo de remédio. Basta ser anunciado na televisão”. [Wallace Magalhães – médico de Santa Teresa]

“Como cientista, só acredito em coisas objetivas. Temos que verificar se, no meio de todo aquele ritual, há algum tratamento. [...] São questões que só se podem responder com o material na mão”. [Haity Moustatche – pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz]

“A atitude do cientista Ruschi, ao recorrer aos préstimos dos pajés, pode parecer estranha, mas não é. A medicina indígena é uma das formas de medicina no Brasil e tem fortes raízes culturais. Os médicos atuais ocupam o mesmo papel dos pajés e os pacientes têm o direito de apelar para as culturas primitivas. Ruschi merece, portanto, todo nosso respeito social”. [Jayme Landmann – nefrologista e clínico-geral]

[Em meio a seus devaneios poéticos, Ruschi programava seu adeus aos beija-flores.]

“Quero ser enterrado nas matas da reserva biológica de Santa Lúcia. Tenho esperança de que os beija-flores me conduzam ao reino de Deus”. [Augusto Ruschi – naturalista]

**VEJA Nº 925 – 28 maio 1986 – Cocaína: A Droga no Mundo dos Executivos [Margem]. Pg. 54-61 – A Sedução Perigosa [Especial]** A cocaína sai das rodas sociais para se transformar também numa ferramenta de trabalho do executivo dos anos 80.

**Quadros:** As duas faces do brilho; Como a cocaína atua no cérebro; As fases do tratamento.

[Os adeptos dessa seita têm em comum a idade (de 25 a 40 anos, em média), o poder aquisitivo (salário acima de 15000 cruzados) e um comportamento auto-suficiente, elegantemente agressivo.]

[Executa a pajelança sem se levantar.]

“O café e o açúcar são drogas do trabalho. A cocaína é a da hora extra. Meu trabalho exige muita agilidade, paciência e energia. Às vezes passo um dia inteiro armando um cenário, mas só começo a gravar à noite ou de madrugada. Quando chega o momento mais decisivo, que é o da gravação, a exaustão está justamente no ponto mais crítico. Uma produção pode fracassar nesse ponto crítico se não tiver cocaína para reforçar o ânimo das pessoas-chave da equipe. Tenho certeza absoluta de que a droga melhora meu desempenho. Ela empurra o cansaço para a frente, além de aumentar a astúcia e a rapidez de raciocínio. [...] A coca é um aliado perigoso, mas que pode ser precioso quando usado com sabedoria”. [usuária - publicitária da Bahia]

“Uma pessoa pode comer muito açúcar durante toda a sua vida e não ter problema algum. Outra come só um pouco e tem diabetes. O mesmo acontece com a cocaína. A diferença entre o viciado e o consumidor está na qualidade do vínculo da pessoa com a droga”. [Maria de Lourdes Zemel – psicóloga da Fundação Instituto de Pesquisas sobre Farmacodependentes de SP]

[De qualquer forma, mesmo na sua versão menos terminal, a cocaína é sempre um passaporte falso: seus donos professam fé em uma identidade que não é a deles, e da qual criam uma sombria dependência psicológica.]

“Eu sempre dou uma cheirada antes de uma reunião da diretoria, porque tenho certeza de que assim não vou gaguejar nem dizer besteira. Consigo citar dados e discorrer sobre os números com a mesma desenvoltura de diretores mais velhos e experientes. Fico

mais atencioso, trato melhor subordinados e clientes, sei dar ordens sem alterar a voz”. [usuário - chefe de seção de concessionária de automóveis em Brasília]

“Uma vez passei da conta e me levantei seis vezes em meio a uma reunião para ir ao banheiro, quando na realidade eu estava hiperansioso e não conseguia mais ficar sentado”. [usuário - profissional de comunicação de Recife]

[Resolveu provar a si mesmo que podia parar a hora que quisesse (...) orgulha-se, iludido]

[Enquanto a maconha, como droga essencialmente coletiva, arrebanhou jovens de todo o mundo para o devaneio, a rebeldia e a busca de impressões interiores, a cocaína, de tendência individualizadora, reflete com rigor a racionalização, a competitividade e os valores hierárquicos da década de 80.]

“Ela funciona como uma grande lambida no ego. Sabidamente, quem detém uma fatia de poder em seu ambiente de trabalho torna-se socialmente valorizado. Para um usuário de coca, essa diferenciação dos comuns dos mortais torna-se uma sensação instantânea. Por isso, quem usa cocaína no trabalho tende a crer que a instituição é o resumo de seu mundo e perde as utopias pessoais”. [Édson Engels – terapeuta de São Paulo]

“Você tem um objetivo para alcançar. Você quer sempre se superar. Além de tudo, o homem é muito vaidoso e é capaz de qualquer coisa para se sair bem, atingir seu máximo, ser o melhor”. [usuário - oficial do Exército em Brasília]

“São raríssimos os cocainômanos puros, normalmente a coca vem associada ao alcoolismo. O indivíduo tem a sensação de estar sempre ganhando alguma coisa com a cocaína e isso o leva a fazer um uso patológico da droga. É como no jogo: enquanto um pôquer jogado pelo prazer de jogar não causa problema algum, a situação se torna nociva quando se joga pelo resultado financeiro. [...] Eles [executivos] são obrigados a tomar decisões que muitas vezes caberiam a seus superiores e ainda fazem trabalhos exaustivos que poderiam ser feitos por pessoas subalternas”. [Domingos La Laina Jr. – psiquiatra e terapeuta de São Paulo]

[Além de recorrer à droga como busca de prazer, ele a usa sobretudo como alívio do desprazer.]

[No final das contas, o círculo se fecha com o usuário incapacitado para exercer o trabalho no qual tanto queria brilhar.]

[Na trajetória ladeira abaixo, existe um momento crucial em que o usuário pode saltar do trem sem maiores arranhões.]

“Eu percebi que precisava de ajuda quando demiti um velho funcionário, escolhido por mim mesmo para um cargo de confiança, porque suas atribuições me impediam de desviar dinheiro da empresa para comprar cocaína. Botei ele para fora de minha sala dando tiros no teto, com uma das três armas que sempre trazia comigo. Eu estava enlouquecido. [...] Como eu cheirava coca com o sujeito, ele me atendia no escritório sem que eu marcasse hora. Há uma certa cumplicidade nesse tipo de coisa e só quem está envolvido percebe”. [usuário - diretor de fábrica de São Paulo]

[Paralelamente, ele desenvolveu um estado de ‘ideação alucinante paranóide’, comum aos toxicômanos e sinônimo de alucinações e mania de perseguição.]

[A 21 de outubro de 1976 era sancionada a Lei de Entorpecentes nº 6368, ainda em vigor, que divide os dependentes de drogas em quatro categorias: usuários eventuais, dependentes, dependentes-trafficantes e trafficantes.]

“De um simples país de trânsito, o Brasil está passando a maior produtor mundial de cocaína”. [Oswald Moraes de Andrade – psiquiatra representante da AMB no Confen]

“A maior parte da cocaína é consumida pela classe média alta, e são pessoas que tem condições de fazer uso da droga sem ver a cara da polícia. Elas se resguardam mais e são consumidoras em festas ou escritórios aos quais não temos acesso”. [José Augusto Bellini – delegado da Delegacia de Repressão e Entorpecentes da Polícia Federal de SP]

[Naturalmente, a própria polícia tem sua ficha corrida de pecados.]

“Mais da metade da delegacia do Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC) de São Paulo, nos anos 70, funcionava à base de entorpecentes”. [agente aposentado de Brasília]

[Para o Diretor de Repressão e Entorpecentes da PF não há a menor possibilidade de se dar um número sobre os prejuízos que o uso de drogas causa à economia brasileira nem sobre a quantidade de viciados que o Brasil abriga.]

[Viciados em drogas são responsáveis por dois terços dos acidentes de trabalho do país (EUA) e seu índice de absenteísmo é dez vezes superior ao da força de trabalho ‘careta’.]

[A resposta das empresas americanas tem sido agressiva.]

“Existem agências de publicidade que não apenas sabem quanto se consome de cocaína em suas dependências como acham o seu uso positivo”. [John Burns – diretor da clínica Vila Serena no RJ]

“A droga é usada essencialmente como aproximador social e tem o mesmo papel do uísque como base de convívio entre agência e cliente”. [M.L.M. – usuário publicitário]

[Boa parte desses hábitos e costumes, porém, é importada da matriz. Quando estive a trabalho na sede da firma nos Estados Unidos, M. ficou estarecido quando o próprio presidente americano, numa reunião de final de tarde, serviu cocaína em vez do tradicional uísque.]

“Se colocássemos a evolução do desenvolvimento de um alcoólatra em um gráfico, notaríamos que ele leva cerca de quinze anos para atingir o topo da doença. Já no toxicômano esse período é alcançado num prazo médio de oito anos. [...] Se computarmos os custos de sua demissão, da admissão de um novo funcionário e seu treinamento, descobriremos que saem tão caro quanto recuperar o empregado com problemas de dependência química”. [Maria Isabel Egido Volu – coordenadora do Serviço Social da Johnson & Johnson]

[Para as próprias empresas, as barreiras a transpor antes de adotarem publicamente um programa de atendimento a funcionários toxicômanos não são pequenas. (...) ver seu nome associado a uma palavra que costuma freqüentar a seção policial dos jornais – tóxicos.]

“A pessoa se torna cada vez mais arredia, voltada para os seus próprios delírios. Um viciado em cocaína dificilmente consegue conviver profissionalmente com seus problemas”. [Valdir Frias – psiquiatra de São Paulo]

“Aplicamos questionários, fizemos testes de personalidade e entrevistas e constatamos que 46% usavam drogas. A maioria era formada por alcoólatras, mas havia pelo menos uns 10% de viciados em cocaína, maconha e outros tóxicos”. [Aldenia Teles Milfont – psicóloga da Câmara Federal de Brasília]

[O usuário frequentemente atravessa todas as etapas da razão antes de perceber que está psicologicamente preso à droga. (...) No começo, achou que produziria mais e melhor drogado. Mas chegaram o stress, a insônia, as alucinações, e a euforia acabou.]

[Ainda não foi inventada nenhuma droga capaz de dar inteligência e talento a quem não os tem.]

**VEJA Nº 937 – 20 agosto 1986 – A Reação Contra as Drogas [Capa]. Pg. 92-98 – O Império Sob Ataque [Especial]** A sociedade e os governos começam a se arregimentar para um ataque mortal contra um inimigo cada vez mais incontrolável: a droga.

**Quadro:** Os buracos que enfraquecem a legislação.

[Foi na década de 70 que o mundo se deu conta, com horror, que teria de conviver com um novo tipo de inimigo, não convencional e extraordinariamente poderoso: o terrorismo internacional. (...) Na década de 80, o mundo começa a se dar conta de um inimigo talvez ainda mais poderoso e destruidor – a droga, manipulada em todos os cantos do planeta pelo submundo do crime.]



“A indústria da droga é a que mais cresce no mundo. Sua receita anual ultrapassa o meio trilhão de dólares – três vezes mais do que toda a moeda americana legal em circulação no mundo. É preciso erradicar as plantações. A presença da droga precede sua demanda”. [James Mills – pesquisador dos EUA]

[É nos Estados Unidos, onde 500.000 pessoas rumam atualmente para a morte injetando heroína em suas veias, 5 milhões desagregam suas personalidades cheirando cocaína e 20 milhões se distraem fumando maconha, que está sendo travada a batalha mais decisiva. A sua faceta mais ruidosa e visível tem o presidente Ronald Reagan apertando o gatilho. Para Reagan. A droga passou a ser o “inimigo nº 1” da sociedade americana.]

[Segundo o próprio Ministério do Interior do Peru, restam ainda pelo menos 150.000 verdejantes hectares de folhas de coca no país, ou seja, o bastante para abastecer todo o insaciável mercado americano.]

[Por mais que se aperfeiçoem os equipamentos, contudo, a sangria da sociedade através da droga não se estancará enquanto o tripé produção-tráfico-consumo não for atacado simultaneamente.]

“Lamentavelmente, a nossa legislação parece atender essencialmente aos interesses dos corruptos e criminosos, e não aos interesses do indivíduo. Trabalhamos, na prática, com as ferramentas de quarenta anos atrás, quando a polícia precisava trombar com o crime para começar a agir. Se esperarmos para investigar, o criminoso escapole. O Brasil é o campeão de figuras jurídicas para proteger o infrator. Não foi aqui que se criaram jurisprudências como a ‘legítima defesa de honra’ e o ‘furto de uso?’”. [Sérgio Sakon – diretor-adjunto da Divisão de Entorpecentes da Polícia Federal de Brasília]

[Ainda assim, a imprensa nacional deu amplo espaço para a versão de que Denise (traficante), no fundo, é apenas uma pobre moça que caíra nas garras de um inescrupuloso traficante, justamente quando precisava de dinheiro para ajudar a família.]

[Quando o ex-beatle Paul McCartney foi flagrado com 187 gramas de maconha, ao desembarcar no aeroporto internacional de Tóquio, em janeiro de 1980, as autoridades não hesitaram um segundo em abortar o que deveria ser uma turnê apoteótica, capaz de fazer brilhar a imagem do Japão.]

[No Brasil, parte da sociedade ainda se debate com dúvidas francamente elementares. (...) Existe uma linha de raciocínio segundo a qual o combate ao uso de drogas seria desproporcionalmente pesado se comparado à naturalidade com que se consome álcool ou se fumam cigarros.]

“Eu vendo bebidas alcoólicas que não são menos nocivas que um baseado ou uma carreira de pó”. [José dos Anjos Rodrigues da Silva – dono do bar Ácido Plástico de São Paulo]

“Não entendo essa sociedade. O cigarro e o álcool causam grandes malefícios à saúde das pessoas e pouco se diz contra eles. Um motorista alcoolizado pode provocar graves acidentes de trânsito, por exemplo. Mas ninguém se importa muito com isso. Há interesses econômicos na jogada”. [Casagrande – jogador do Esporte Clube Corinthians Paulista]

[Enquanto os fabricantes de cigarros e de bebidas alcoólicas estão integrados na economia legal da sociedade, pagam impostos, podem ser responsabilizados por danos ou obrigados a se submeter a novas regras, a droga depende do crime para viver.]

[Movida a dólares ilícitos, a indústria do narcotráfico se alia inexoravelmente ao tráfico de armas, à prostituição, ao aliciamento de menores, aos crimes de sangue, a quadrilhas de furto de automóveis ou de assaltos a bancos.]

[Cheirar cocaína e, portanto, participar, como elo final, do sindicato do crime]

“Eu cheirava praticamente todo dia, em grande quantidade, e ainda tomava duas doses de uísque antes de entrar no palco ou no estúdio para gravar”. [Fafá de Belém – cantora]

[Quatro anos atrás, quando o cantor Jair Rodrigues se dispôs a denunciar o abuso de drogas no meio artístico, pouco após a dramática morte por cocaína de Elis Regina, a classe como um todo, com raríssimas exceções, condenou o cantor como a um pária.]

[Naturalmente, de lá para cá, muita coisa mudou, no rastro do crescente culto ao corpo e à saúde.]

“Há três coisas que não pretendo fazer na vida: é saltar de pára-quedas, ter relações homossexuais e provar drogas. Se eu quiser ‘voar’, é só pegar um jatinho”. [Chiquinho Scarpa – socialite de São Paulo]

“A droga está comendo o mundo, levando pessoas sem estrutura embora. Não leva a nada. A droga destrói a família. Sexo é um barato, rock também”. [Kadu Moliterno e André de Biase – atores da TV Globo]

“Acho que cada um tem o direito de fazer de sua vida o que quiser, mas esse direito não pode comprometer o direito das outras pessoas. Se existe um código de regras aceito pela sociedade, ele deve ser respeitado. Infringir esse código é uma imaturidade, um desafio desnecessário com o qual não concordo. Além disso, o consumo de drogas em público pode agredir uma série de outras pessoas. Aqui no Madame Satã revistamos normalmente todos os homens e as bolsas das mulheres. Quem já chega dando a maior bandeira nem entra”. [Wilson José – dono da casa noturna Madame Satã de São Paulo]

[Haveria um excesso de advogados de tendência liberal e de médicos psiquiatras que tenderiam a achar sempre que todos os drogados são doentes e por isso não devem ser reprimidos.]

“Fui preso várias vezes e finalmente absolvido, mas se eu tivesse sido condenado, eu hoje seria um bandido”. [Klinger Resende – usuário programador e ex-traficante de Brasília]

“Esse projeto é um ovo de Colombo. Vamos usar o dinheiro de tráfico no combate ao tráfico”. [Técio Lins e Silva – criminalista e presidente do Conselho Federal de Entorpecentes - Confen]

“Apenas a informação correta poderá dar combate real ao problema. A mesma coisa aconteceu com a AIDS. No início, mesmo quando o Brasil já apresentava índices alarmantes da doença, pouco se falava sobre o assunto. Quando a imprensa e os órgãos público começaram a dar mais atenção ao problema, o que se viu foi o fechamento de saunas por falta de clientes e uma sensível redução do nível de promiscuidade”. [Ana Maria Barbosa – psicóloga paulista]

“O consumo de cigarros está em franco declínio nos EUA e no Canadá, não porque se tenha proibido a sua propaganda ou produção, mas porque houve uma conscientização da sociedade a respeito dos problemas que derivam do hábito de fumar”. [Jandira Masur – psicóloga pesquisadora da Escola Paulista de Medicina – EPM]

“O fenômeno mais fantástico a que assistimos nestes últimos vinte anos é o encontro do crime com a política num nível de cinismo jamais igualado. A droga, hoje em dia, serve como dinheiro dos serviços secretos para comprar, corromper pessoas, suscitar movimentos de rebelião. Todos esses grupos se encontram e no fim não se sabe quem faz o quê, quem tem o poder sobre quem”. [Claude Olivenstein – psiquiatra e diretor do Hospital Marmottan de Paris]

**ISTOÉ Nº 515 – 05 novembro 1986 – Vinhos Brasileiros: Delícia de Safra [Capa]. Pg. 35-44 – Mais Prazer no Cálice [Especial: Humberto Werneck]** Puxada pelos vinhos brancos, uma safra excepcional está chegando às lojas.

**Quadros:** Quem produz mais vinhos finos; Jovens de muita personalidade.

[Filho e neto de vinhateiros de cepa italiana, o industrial gaúcho Oscar Guglielmone está vivendo, aos 60 anos, emoções que fariam estremecer seus ancestrais. Esta semana, na pequena e prestigiosa Adega Medieval (Viamão-RS), de sua propriedade, ele verá um vinho novo, orgulhosamente batizado Guglielmone-Guglielmone, escorrer pela primeira vez dos tonéis de madeira para as 16 mil garrafas nas quais viajará até as mãos de ávidos

consumidores. (...) Acendem-se rojões pela excepcional safra de 1986, saudada em unísono como uma das mais generosas de todos os tempos.]

“Esta é uma safra que dificilmente se repetirá”. [Oscar Guglielmone – industrial de Viamão-RS]

“Não se via nada igual desde 1968. [...] Este ano, para sorte nossa, houve uma estiagem inesperada na época da colheita [no RS], que se dá nos meses de janeiro a março. [...] Considerando-se a uva que entra e o vinho que sai, temos é que tirar o chapéu para os nossos enólogos”. [José Osvaldo Albano de Amarante – enólogo de São Paulo]

[Os primeiros espécimes dessa novíssima geração já pousaram nas lojas. Por enquanto, desembarcaram apenas os brancos, porque devem ser bebidos jovens. (...) Degustando garrafa por garrafa ao longo dos meses, os paladares mais afiados possam acompanhar seu sereno desenvolvimento.]

[O mesmo sol que matou boa quantidade de uvas garantiu a excepcionalidade das sobreviventes. (...) A qualidade do vinho depende muito do clima, mas não apenas dele. (...) Os solos brasileiros nem de longe se parecem com as magníficas terras alcalinas de onde brotam os insuperáveis néctares franceses: ácidos demais, eles precisam ser corrigidos através de compostos químicos.]

[As melhores uvas, das quais se extraem os chamados vinhos finos – as ‘européias’ ou ‘viníferas’, originárias do Mediterrâneo – estão longe de ser maioria nos vinhedos brasileiros. Aqui imperam as ‘americanas’, que são boas para sucos, mas pouco próprias para a produção de vinho.]

[O Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (CNPUV) já instalou nove postos experimentais na região serrana, para registrar os diversos microclimas ali existentes e acompanhar o desenvolvimento das variedades plantadas.]

[No campo da tecnologia, os dez últimos anos foram sacudidos por uma revolução – desencadeada pelas multinacionais que se instalaram no Rio Grande.]

[Nem todos, porém, renderam-se às cintilações da modernidade. (...) Se estabelece uma benfeitoria ‘troca’ entre elementos da madeira e do vinho. (...) O tempo parece ter parado na cantina – como são chamadas as vinícolas rudimentares – de Guglielmone. Subterrânea, com apenas um lado aflorando à superfície, a adega é uma réplica das velhas cantinas de imigrantes italianos.]

[As aranhas desempenham um papel importante no processo de feitura da bebida. Durante os dois anos que passa em repouso, para adquirir seu bouquet, o vinho tinto sofre o permanente assédio dos cupins, que costumam atacar as rolhas.]

“Isso não é adulteração, é um método consagrado por respeitáveis vinícolas européias. Fazer vinho é uma mistura de ciência e arte”. [Juan Luiz Carrau – enólogo-chefe da Château Lacave de Caxias do Sul-RS]

“Trata-se de um *riesling* 100%, o que é muito raro, pois geralmente os vinhos desse tipo vêm em mistura”. [Oscar Guglielmone – industrial de Viamão-RS]

“Em Livramento [RS] temos os pés no frio e a cabeça num forno, uma benção para as videiras”. [Giuseppe Nahaisi – gerente-geral da Almadén]

[A principal atividade econômica de Livramento é a pecuária, mas aos poucos o vinho abre espaços – e já há quem pense em juntar um cacho de uvas à cabeça do boi que adorna o escudo da cidade.]

“Temos o nosso laboratório e um gerente de controle de qualidade que acompanha todo o processo de elaboração do vinho, desde a seleção da uva até a colocação em garrafa”. [Dante Calatayud – vice-presidente de pesquisa da Heublein]

[As vendas poderiam ser melhores se o brasileiro não alimentasse tanto preconceito diante do vinho. (...) Uma excessiva preocupação com as combinações entre a bebida e a comida. (...) Em matéria de educação enológica o brasileiro ainda tem um bocado de chão a palmilhar.]

“É preciso não ter medo de ousar em matéria de vinho. O bom vinho é aquele que a gente gosta”. [Alfeo Ferrari – enólogo da Cooperativa Aurora]

"A temperatura correta é 18 graus. [...] O tinto é mais leve que o branco, inclusive no aspecto digestivo. [...] Há três, quatro anos, de cada cinco garrafas que eu vendi, três eram de importados. Hoje, quatro são nacionais. [...] O branco dá para tomar, mas não é nenhuma maravilha. Os tintos são os melhores". [José Hugo Celidônio – gastrônomo e *chef* de São Paulo e Rio]

"Entre os tintos temos coisas bem razoáveis, como o Velho do Museu. Mas o branco é um horror – ácido, agressivo, rascante, não dá pra beber". [Zózimo Barrozo do Amaral – colunista do Jornal do Brasil]

"Dou toda a força ao nacional e só lamento que não se faça aqui o vinho do Porto, minha bebida predileta". [Lúcia Sweet – *socialite* do Rio]

"Está acabando o preconceito em relação ao vinho brasileiro, à medida que ele vai melhorando. Até os estrangeiros estão gostando". [Edwin Prieth – chefe do restaurante do Hotel Ca'd'Oro de São Paulo]

"Os vinhos são como quadros, e arte não se compara". [Edson Lancastere – engenheiro-eletrônico diretor da Associação Brasileira de Sommeliers]

"Dou sempre preferência ao produto local. Especialmente quando estou em Paris, Roma ou Lisboa". [Darcy Penteado – pintor de São Paulo]

**ISTOÉ Nº 538 – 15 abril 1987 – Adolescentes na Rota da Cocaína [Capa]. Pg. 30-34 – A Idade Perdida na Rota do Pó [Especial: Izilda Alves]** O trágico retrato de uma geração atingida pelo tráfico internacional de drogas.

[O consumo de drogas avança no país enquanto a ação de grandes traficantes, flagrados em transações milionárias e esquemas sofisticados de produção e consumo, monopolizam a opinião pública. (...) Esse círculo é formado por um número cada vez maior de adolescentes, que em todo o Brasil, passam por todos os tipos de provações, seduzidos a princípio pela facilidade com que as drogas despertam sensações ocultas – espécie de lixo espiritual jogado por uma sociedade cada vez mais pragmática, insensível e competitiva.]

[Os pontos críticos dessa avalanche humana situam-se nas capitais brasileiras, onde coisas antigas como laços comunitários e identidade social esgarçam-se sob os mais variados tipos de pressão.]

[Se até esse momento do início da repressão as drogas eram cultivadas e processadas exclusivamente na Colômbia, Bolívia ou Paraguai e exportadas para o exterior, com o tempo o Brasil tornou-se corredor obrigatório não só para o envio das drogas, como acabou virando base fixa dos traficantes.]

"A maior parcela de usuários de drogas pertence à classe média, enquanto os adolescentes e jovens da baixa classe média são levados para o tóxico para se tornarem passadores, recebendo a droga como comissão. [...] As quadrilhas descobriram que a melhor forma de chegar ao consumidor é através do menor, pois este, além de estar protegido pela lei, sente mais a pressão psicológica para não revelar os nomes dos traficantes. E, quando isso chega a acontecer, eles até tentam o suicídio". [Maria Erotides Kneip Macedo – juíza de menores de Várzea Grande-MT]

"Meu irmão e um amigo dele fumavam maconha embaixo de uma mangueira, perto de casa. Um dia, pedi para fumar e eles deixaram. Meu irmão, mais tarde, quando eu tinha 12 anos, me ofereceu cocaína. Até os 14, era direto. Só parei aos 15, porque estava emagrecendo". [D.A. – estudante de Campo Grande]

[Foi a partir do início da década de 80 que os adolescentes passaram a ser seduzidos pela droga. (...) A faixa etária dos consumidores baixou para a faixa dos 15 a 18 anos – o que não acontecia nos anos 70, quando eram os universitários e adultos que se dedicavam à droga.]

[Para Gasparini, é na desestruturação familiar que a leitura das causas do problema torna-se mais evidente. (...) Os pais estão cada vez mais ausentes no desenvolvimento dos filhos. Perderam a autoridade, um conceito que ela não liga ao autoritarismo – que é

apenas o uso da força física sem critérios nem padrões educativos – mas à segurança de uma paternidade responsável.]

“O que percebemos é que a grande maioria dos adolescentes envolvidos com drogas cobra mesmo é a atenção familiar, compreensão, diálogo e oportunidade para se revelar como indivíduo. A família precisa se preocupar com a pessoa, não com a droga”. [Helena Gasparini – consultora do Programa Pró-Vida da Secretaria da Educação Física e Desportos do MEC]

[A instabilidade do relacionamento familiar acaba alargando a capacidade de recepção às drogas. Pois, se existe um círculo vicioso de energia, o mundo torna-se insuportavelmente igual. Partir com essa barreira da percepção considerada ‘normal’, cotidiana, é um anseio legítimo. Só que a passagem para um outro estado de percepção – onde as coisas acontecem – não se faz impunemente.]

“Comecei aos 14 anos experimentando maconha durante o recreio do colégio, convidado por um colega que morava perto de casa. Três anos depois, entrei na cocaína, oferecida pela primeira vez numa festa por um gerente de banco onde eu trabalhava. Cheirei nessa ocasião coca a noite inteira, fiquei doidão, trincado de cerrar os dentes. Aos 18, comecei a injetar sozinho a cocaína na veia. Na hora dá um *tuim* legal, tipo grito. Se a gente está com alguém *cabreiro*, acaba passando o medo para nós. O gosto da cocaína vem direto para a boca, há um zumbido no ouvido, a respiração fica acelerada. Depois dá uma depressão, parece que nenhum lugar é bom. Dá frio, dá calor”. [M.R. – usuário de cocaína]

[Em geral são jovens que se envolvem no círculo fechado do consumo porque há outro maior, criado pela rigidez do mundo adulto e também pela falta de outros canais que permitam ao corpo e à sua percepção uma saída para o impasse. Como seria o de outras opções de lazer e algumas mínimas ilhas culturais. (...) Em Campo Grande, não há cinemas de qualidade, são poucas as livrarias, escassamente freqüentadas. O grande divertimento são os bares, discotecas e boates]

[É em lugares muito freqüentados que acontecem os encontros que aproximam jovens e adolescentes das drogas – ressaltando-se que não é nos bares ou boates que estão as ‘causas’ do vício.]

“A gente tem medo. Como a oferta é grande, eu oriento o meu filho para não aceitar nada de ninguém”. [Renato Martins – representante comercial de Campo Grande]

[Mas nem sempre o cuidado com os filhos na rua funciona como proteção contra o uso. (...) Às vezes, podem contar até com algumas cumplicidades, mesmo involuntárias, dentro de casa. (...) Mora com a mãe, de quem recebe dinheiro para se divertir – mas a mesada acaba entrando no ciclo da coca e do fumo.]

“Meu pai é do tipo careta e já tivemos altas brigas. Minha mãe vive me dando esporro, mas ela sabe que eu não vou escutar”. [R.B. – estudante filho de fazendeiro e usuário de drogas de Campo Grande]

“Foi de besteira. Eu tinha 14 anos e estava conversando com uma amiga para ver se conseguia fazer ela parar de fumar maconha. Então, só para saber como era, eu experimentei para poder me comunicar com ela”. [F.D.M. – estudante filha de militar e usuária de drogas]

[Mas é preciso advertir que a velha teoria de que a maconha leva às outras drogas não é propriamente uma lei científica, como muitos querem demonstrar. Não há ‘culpa’, assim como os bares não são responsáveis pelo incentivo ao consumo. O mal está enraizado diante do nariz de todo mundo. Cuiabá, por exemplo, é um convite ao consumo.]

“Aqui é um corredor do tráfico. Na capital e no município vizinho de Várzea Grande 50% dos adolescentes e jovens já estão dependentes. São vítimas da máfia internacional”. [Sarita Baracat – delegada do MEC]

[As opções legais de lazer e cultura estão em pleno regime de escassez, enquanto o tráfico ilegal da droga está presente em toda parte. Essa é a armadilha mais cruel do processo: desiludidos com o círculo monótono do poder, da indústria cultural e da vida

adulta, os adolescentes acabam se entregando totalmente a uma opção forjada por quadrilhas que, no fim, acaba-se descobrindo, fazem parte do mesmo universo.]

“Ele [menor G.M.] era passador de maconha e haxixe de algumas das grandes quadrilhas que atuam em Mato Grosso e considerado um dos mais velhos, porque essas quadrilhas sempre trabalham com menores de 16”. [Maria Erotides – juíza de menores de Várzea Grande-MT]

“Eu fui contratado por um boliviano. Vinha trazendo cocaína de ônibus para Campo Grande, onde trocava por dois carros, um para mim, outro para ele. Das 26 pessoas que estavam naquele ônibus, os agentes só se detiveram em mim. Eles sabiam até que minha valise era verde”. [Mazarope – protético presidiário de Corumbá-MT]

[A Polícia Federal tem agido nas portas das escolas, levando estudantes para averiguação. Raramente, contudo, tem a ousadia de interromper reuniões festivas de jovens de famílias ricas, onde sempre aparece algum tipo de droga.]

“Já me ofereceram maconha numa festa e num bar. Mas eu recusei”. [Jeanini Palhano – estudante filha de pecuarista de Campo Grande]

“Comecei com 16 anos, fumando maconha para conhecer. Com 18 comecei a cheirar. E cheirei pó meses seguidos, perdi as contas. Até que meu nariz começou a sangrar. Então, passei a me distrair com bagulhinhos [maconha]. Meu pai me chama de vagabundo, viciado. Minha mãe não quer nem saber”. [M.S. – estudante filho de engenheiro]

[A repressão policial pode combater uma das pontas desse milionário negócio. (...) Na outra ponta, do consumo, há mais a fazer do que prender pessoas viciadas. (...) Por tudo isso, a responsabilidade por estes jovens anônimos é mais ampla e extrapola as funções da polícia.]

**VEJA Nº 976 – 20 maio 1987 – Fumantes: Uma Vida Cada Vez Mais Difícil [Margem]. Pg. 84-88 – Uma Tribo Cercada [Comportamento]** Cresce a segregação aos fumantes no mundo, e nos EUA os tabagistas já são tratados como indesejáveis sociais.

**Quadros:** A concentração da fumaça; Conheça as suas manias antes de tentar parar; O quadro nos dois países [EUA e Brasil].

“Seguiu-se uma série de palavrões, obscenidades e ofensas que me deixaram em choque. Isso não pode estar acontecendo comigo, pensei. Nasci, fui criada e moro nos Estados Unidos da América. Pago meus impostos, voto e faço doações para obras assistenciais. O que fiz de errado? Fumei um cigarro nas ruas de San Francisco”. [Jeanette Karp – estenógrafa dos EUA]

[Reflete de forma latente o sentimento de animosidade que cresce como uma bola de neve contra a tribo minoritária dos fumantes]

“O fumante de 1995 provavelmente será segregado da sociedade, será forçado a praticar seu hábito na rua ou sozinho. Até o ano 2000, os Estados Unidos serão uma sociedade inteiramente livre do cigarro. Não vamos proibir ninguém de fumar, sabemos que essas proibições não funcionam, como não funcionaram com a bebida, no começo do século. [...] O fumante é uma má companhia”. [C. Everett Koop – *surgeon general*, autoridade de saúde dos EUA]

[Ele sabe que estão em andamento mecanismos sociais muito mais sutis e eficientes capazes de desenhar o país de seus sonhos.]

[Ao redor do mundo, a vaga anti-tabagista ainda não assumiu as dimensões de um apartheid ecológico, como nos EUA, mas segue avançando.]

“Cada cigarro fumado abrevia entre 5 e 10 minutos a vida”. [José Feldman – pneumologista de MG]

[A ofensiva final contra o fumo só ganhou corpo, no entanto, com a ajuda da ciência e do surgimento do conceito do “fumante involuntário”.]

[Nesse ritmo de constatações, o pai, que já não poderia fumar no local de trabalho, no restaurante, no carro com outras pessoas, teria também nos fins de semana com os filhos poderosas razões para se abster em casa.]

“Os fumantes de cigarro são mais propensos a fumar maconha, tomar bebidas alcoólicas, fazer uso de cocaína”. [pesquisa do National Institute on Drug Abuse]

“A medicina não cessa de descobrir maneiras novas pelas quais o cigarro faz mal. O monóxido de carbono tem uma afinidade 250 vezes maior do que o oxigênio com a hemoglobina, a substância do sangue que além de lhe dar a coloração avermelhada transporta o oxigênio pelo organismo. Como o monóxido de carbono toma o lugar do oxigênio no bonde da hemoglobina, os tecidos do corpo passam a sofrer de uma asfixia que é tanto pior quanto maior for a quantidade de fumaça inalada. Sem falar nos efeitos vasoconstritores da nicotina e cancerígenos de outras substâncias do fumo”. [Thomas Szegö – pneumologista de SP]

“Hoje seria inadmissível aceitar a fabricação e a venda de um produto que contém comprovadamente quarenta substâncias cancerígenas”. [funcionário do Ministério da Saúde da Alemanha]

[Uma grande controvérsia legal sobre um direito fundamental do homem, as liberdades individuais]

[Os Estados Unidos fornecem atualmente o mais elétrico laboratório de enfrentamentos, exacerbações de ânimos e duelos legais travados entre não fumantes e fumantes.]

“Não existem argumentos razoáveis que dêem qualquer direito às pessoas de fumar em lugares públicos. Exigir, por exemplo, que as linhas aéreas reservem espaço para fumantes é o mesmo que oferecer também seções no avião onde as pessoas possam queimar incenso, cuspir e usar linguagem suja”. [John Banzhaf – advogado fundador do grupo Action on Smoking and Health – ASH]

“Se comprar e fumar cigarros não é crime, porque seria uma violação anunciá-los?”. [Arthur Spitzer – representante dos fabricantes de cigarros dos EUA]

[Historicamente tributarista, o Estado brasileiro tem justamente nos cigarros sua maior fonte de receita fiscal vinda de produtos. (...) Em segundo lugar ficam as bebidas e, em terceiro, os automóveis.]

[Como todas as campanhas civilistas americanas, a do fumo tem a marca da exacerbação. (...) Sempre que se lançam numa campanha, os americanos, por um tempero muito próprio de sua sociedade, conseguem esquecer as virtudes da moderação.]

“Não queremos sucumbir diante de nenhum fanatismo na cruzada contra o fumo”. [Rudolf Neidert – diretor de departamento no Ministério da Saúde da Alemanha]

[O Brasil parece mais caminhar para um quadro do estilo alemão do que seguir o modelo americano.]

“Nós, os fumantes, nos comprometemos, apesar da vitória [no plebiscito da redação], a deixar os cinzeiros sempre limpos, além de tentar não fumar perto das pessoas que realmente detestem cigarros”. [Milton Coelho da Graça – jornalista do diário ‘O Globo’]

“Não sei se quero continuar vivendo se não puder fumar meus charutos. Se fumar cigarro comum já pode dar multa de 1000 dólares em Nova York, imagine a penalização para os amantes de charutos”. [Bill Scheft – tabagista]

[Não há um brasileiro fumante que chegue aos Estados Unidos sem sentir que mergulhou num mundo diferente.]

“Uma mulher de uma mesa ao lado sentiu-se incomodada e fez valer sua opinião mesmo não havendo restrições explícitas ao fumo no restaurante”. [Helena Gondim – tabagista]

“Tirei um cigarro na Bloomingdale’s em Nova York, e a loja faltou cair abaixo”. [Kiki Caravaglia – tabagista]

“Deixei de colocar cigarros na mesa. Só não tiro os cinzeiros porque acho isso uma atitude muito autoritária”. [Josephina Jordan – socialite ex-tabagista]

[Uma faceta da questão que parece ter similar em todo o mundo é o confinamento do fumante, de geração em geração, a um grupo de pessoas mais pobres e com menor grau de instrução.]

“Eles (os filhos) jogam meus maços de cigarro no lixo e fazem cartazes contra o fumo”. [Françoise Bloch – relações-públicas do Rio]

[O avanço mais significativo que está alcançando americanos e europeus vem da desvalorização social do cigarro. (...) Ser não fumante nos Estados Unidos já é um ponto positivo em alguém que busca um emprego.]

“Temos feito progressos. Quando começamos a falar numa sociedade livre dos cigarros, metade dos americanos fumava. Agora, apenas 29,9% mantêm o hábito e, destes, 87% afirmam que desejam parar”. [C. Everett Koop – *surgeon general* dos EUA]

[Se a coloração discriminatória prevalecer nessa cruzada, pode-se chegar ao tempo em que fumar era crime e vergonha pública.]

**VEJA Nº 1006 – 16 dezembro 1987 – Minas Gerais: Agressão aos Roqueiros [Margem]. Pg. 20-23 – A Voz da Intolerância [Brasil]** O espancamento de dois roqueiros da banda do Lobão, em São João Del-Rei, aponta para uma velha doença do país.

[Durante duas horas foram massacrados por um grupo de oito desocupados da cidade. (...) No auge da selvageria, os agressores pularam sobre sua barriga, acertaram ponta-pés em suas costas e, chegando a considerá-lo morto, o jogaram no Rio das Mortes, que contorna a cidade.]

“Podemos passar um bom tempo discutindo a motivação das pessoas, mas um fato como esse é inaceitável”. [Paulo Brossard – ministro da Justiça]

“Diziam, aos gritos, que estavam numa missão punitiva – queriam atacar homossexuais, viciados em drogas, que trazem AIDS para sua cidade”. [José Luiz Oliveira e Roberto Lee – membros da banda do Lobão]

[O ataque de São João Del-Rei é a demonstração, em carne viva, de que se movimentam no país de forma subterrânea certas forças de reação espasmódica que os brasileiros acostumaram-se a observar em ação, de modo sistemático, em organizações como a Ku Klux Klan americana.]

“Está ocorrendo uma reação da oligarquia da direita”. [João Luiz Woerdenbag Filho – Lobão – compositor]

[As opiniões sobre a máquina da intolerância são tão diversas como as preferências numa lista de discos na parada de sucessos – a diferença é que as bandas de roqueiros não costumam punir com pauladas a platéia que não comunga com sua música.]

“O crime é o anticristo. Mas temos de admitir que a maioria dessas pessoas é bem intencionada e procura reagir contra uma situação de imoralidade”. [João de Deus – deputado evangélico pelo PDT-RS]

“Para mim, a melhor solução é matar (os travestis). Não pode machucar não. Tem de eliminar”. [Dionísio Cecolini – dono de posto de gasolina de São Paulo]

“Essa confusão marca um fato pequeno demais para alguém tomar conhecimento e se preocupar. Naquele grupo, não há flor que se cheire”. [Cid Valério – prefeito de São João Del-Rei-MG]

“A violência é condenável, mas o fato é que vivemos uma época muito permissiva”. [Cunha Bueno – deputado pelo PDS-SP]

[Na época em que se comportava como um hidrófobo defensor da repressão política, o escritor Nelson Rodrigues costumava classificar os Beatles como símbolo da decomposição moral da época.]

[Os destinos de Paul McCartney e Roy Cohn mostram, apenas, que é muito fácil tomar partido diante de questões morais – mas, quase sempre, esse é um exercício inútil.]

“Hoje a idéia de cumprir a lei virou uma coisa censurável. Nesse ambiente em que as pessoas fazem questão de afrontar as normas legais, uma das conseqüências possíveis



são as reações de explosão e muita violência, que assumem as formas mais variadas”. [Paulo Brossard – ministro da Justiça]

[Preso como consumidor de maconha e cocaína, chegando a dar entrevistas em que fazia propaganda do consumo das drogas e debochava da Justiça, Lobão acabou liberado – com base no preconceito que tira pessoas ricas e famosas da cadeia, enquanto a ela atrai viciados que moram na periferia da sociedade e da geografia urbana.]

“As famílias estão em situação humilhante. O que se vê hoje é o avanço de grupos destituídos de qualquer princípio ético, como gays e consumidores de drogas”. [Dom Estevam Bittencourt – diretor da Faculdade de Filosofia João Paulo II do Rio]

[Artilheiro nessa guerra de preconceitos, dom Estevam move-se com sua munição particular de pessoa que exerce a misoginia por voto próprio.]

“O problema é que o país anda muito desequilibrado, as pessoas estão frustradas e insatisfeitas, e isso só faz aumentar o clima geral de agressividade”. [Joãozinho Trinta – carnavalesco da Escola de Samba Beija-Flor do Rio]

[Sempre que se tenta comparar os costumes em vigor no país com aqueles que habitam terras estrangeiras, o resultado é um contabilidade em que a aritmética não fecha, nem na geografia, nem no comportamento.]

“Não sou capaz de definir o que é obscenidade. Mas eu sei reconhecê-la, quando a vejo”. [Potter Stewart – juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos]

“Temos a invasão da pornografia em toda parte, especialmente na televisão. É um escândalo”. [Sandra Cavalcanti – deputada pelo PFL-RJ]

[Na semana passada, apenas no horário nobre, o telespectador dos comerciais rodados na Rede Globo foi convidado a ir 28 vezes por dia para a cama – em companhia de geladeiras, perfumes ou jeans.]

[O furor dos publicitários brasileiros é o filme *9 ½ Semanas de Amor*, que já rendeu uma propaganda como a da vodka Bakunin, em que o erotismo até pode ter sua razão de ser, pois uma garrafa de bebida sempre fez parte dos arsenais de sedução.]

“O brasileiro gosta do progresso, das novas tecnologias, mas está descobrindo que, às vezes, pode levar uma bomba para dentro de casa. Por um descuido, um aparelho de videocassete pode ser usado para mostrar obras pornográficas para crianças de menos de 10 anos”. [Antônio Flávio Pierucci – sociólogo professor da USP]

“A cada dia que passa a sociedade se torna mais receptiva a uma mensagem conservadora. Nas próximas campanhas eleitorais, haverá um bom espaço para as pregações moralizadoras, tanto do ponto de vista individual como do da administração pública”. [Jorge Bornhausen – senador pelo PFL-SC]

[Faz parte do ABC de boa parte dos políticos brasileiros transferir para o campo dos costumes as dificuldades que estão enfrentando no dia-a-dia de sua administração.]

[O presidente Emílio Médici proibiu as gravuras eróticas de Picasso.]

“A degradação dos costumes é um mau exemplo que vem das próprias autoridades. Estamos sem governo, ninguém confia mais em ninguém. A corrupção moral é tremenda, os escândalos se avolumam e as próprias autoridades são coniventes com o tráfico de drogas”. [Dom Estevam Bittencourt – diretor da Faculdade de Filosofia João Paulo II do Rio]

[Conforme esse raciocínio, a violência de Popeye e seu grupo sobre os dois músicos da banda de Lobão nada mais foi do que um problema de oportunidade.]

“Os governantes criaram um país onde a lei só vale para os trouxas. Eles são os primeiros a querer levar vantagem em tudo”. [Cacá Diegues – cineasta]

“Do jeito que as coisas estão, creio que ainda teremos muitos crimes hediondos nessa reação contra a imoralidade instalada no país”. [João de Deus – deputado pelo PDT-RS]

[Armado de um pedaço de pau, o São Jorge de São João Del-Rei (o agressor) é, na verdade, um dragão movido a remédio.]

**ISTOÉ Nº 585 – 09 março 1988 – A Geração dos Super-Remédios [Capa]** Farmacologia do futuro chega ao Brasil. **Pg. 56-64 – Doses de Ataque [Especial: Flávio de Carvalho]** Ministério da Saúde rompe recesso de dois anos e libera a primeira amostra de remédios do futuro.

**Quadros:** Futuro na prateleira; Patentes em conflito.

“Não dá para esquecer o dia 28 de outubro de 1987. Senti tontura e enjôo e, numa fração de segundo, ainda com o taco [de golfe] na mão, desmaiei. [...] Me sentia ótimo, queria levantar e ir embora imediatamente. Não acreditei quando me garantiram que eu tinha sofrido um enfarte”. [Luís Arthur Caselli Guimarães – advogado de São Paulo]

[O aficionado do golfe foi protagonista de uma aventura futurista ainda inacessível à maioria dos mortais. (...) Acabou espetado por uma injeção com uma droga experimental que não estava ainda aprovada oficialmente nem mesmo nos Estados Unidos.]

[Faz parte de um ainda inestimado arsenal de remédios do futuro, projetados, construídos e produzidos segundo uma farmacologia que não tem paralelos com a existente hoje. (...) Projetado em laboratório, átomo por átomo, esse arsenal fará os medicamentos atuais, quase todos colhidos ao acaso na natureza, parecerem alquimia obsoleta. (...) A família emergente de remédios será gerada por fábricas vivas com bactérias escravizadas para produzir substâncias desenvolvidas por projetos de engenharia genética.]

[Tão estimulante quanto essa reabertura dos portos é a notícia de que o Ministério da Ciência e Tecnologia também está liberando verbas para que laboratórios brasileiros entrem decididamente na corrida, em condições de competitividade com similares estrangeiros. (...) Mas enquanto a ciência não lançar raízes mais profundas no território nacional – esterilizado anos a fio pelo descaso das autoridades com o ensino e a pesquisa – as novidades vão continuar mesmo chegando do exterior.]

[Atenta aos padecimentos mais comuns, volta suas baterias contra males prosaicos como a gripe ou a calvície.]

“Toda manhã tomamos vitamina E, lecitina, guaraná em pó, aspirinas americanas e pastilhas quando a garganta começa a irritar. Dormimos sempre com o ar-condicionado na mesma temperatura”. [Eliakin Araújo apresentador da TV Globo]

[Para chegar ao composto, os cientistas seguiram por uma trilha da história da medicina, guiados pela idéia revolucionária de que as células de todo organismo vivo têm em sua superfície um local privilegiado, chamado de receptor, que revelou ser a única via de acesso ao seu interior.]

[Filão maior ainda está reservado para os laboratórios que investem fundo na vaidade humana, buscando a complicada cura para problemas como as rugas ou a calvície.]

“Evidentemente que me interessei pela novidade. Gosto do meu tipo, mas a calvície me torna envelhecido e me limita profissionalmente. Um pouco de cabelo a mais melhoraria minha vida”. [Raul Cortez – ator]

[É a primeira droga contra rugas que vai ser submetida à apreciação da saúde pública americana como remédio. Todas as opções contra rugas atualmente o mercado são inócuas e classificadas apenas como cosméticos.]

[O mesmo acontece com uma nova safra de produtos que vão atuar numa das últimas trincheiras do desconhecimento do corpo, o cérebro, até recentemente considerado um órgão inexpugnável às investidas da medicina do mundo material.]

“Historicamente as drogas usadas na psiquiatria foram desenvolvidas em ensaios biológicos de acerto e erro. Agora estamos fazendo pontaria nos mecanismos do cérebro”. [Joseph DeVeugh – do laboratório Ciba Geigy]

[Essa estratégia farmacológica pode render nas próximas décadas centenas de novos medicamentos para as mais variadas mudanças de humor no ser humano, pois já se conhecem hoje quase 75 tipos diferentes de neurotransmissores cuja manipulação é possível, desde que sejam decifrados os segredos dos receptores onde eles vão se atar.]

[Como se fossem obedientes rebanhos, bilhões de bactérias modificadas produzem hoje nas suas entranhas substâncias como hormônios que estimulam a produção de anticorpo em seres humanos.]

“A vantagem desse remédio [TPA] é que ele funciona como um míssil. Ele ataca somente o coágulo, sem interferir no resto do sangue do paciente”. [Renato Duprat – diretor clínico do Unicolor]

[Nessa avançada medicina, aperfeiçoamentos desse tipo passarão longe dos laboratórios convencionais com retortas, tubos de ensaio ou mesmo qualquer substância química. Brotarão das telas de computadores.]

“Essa fantástica droga vai diminuir em 30 a 40% a quantidade de enfartes causados por excesso de colesterol”. [Marcelo Bertolami – cardiologista do Instituto Dante Pazzanese de São Paulo]

“É um exemplo do que será a nova medicina. Em termos práticos, comparo a importância desse remédio à descoberta da penicilina ou da bomba atômica”. [Eder Quintão – professor de endocrinologia da USP]

[Legenda de foto: Quintão: bomba atômica contra colesterol.]

[Não é uma imagem exagerada. Drogas da nova medicina podem ser literalmente milagrosas, como comprova a eficácia do hormônio de crescimento humano, que derruba o preceito bíblico de que um ser humano não pode por sua vontade acrescentar um *côvado* a sua altura.]

“A engenharia genética vai ser capaz de produzir qualquer substância de que o organismo necessite. [...] Os custos agora vão ser mais baixos”. [Bernardo Libermam – endocrinologista-chefe do Hospital Brigadeiro de São Paulo]

[Outras formas de aplicar medicamentos surgiram também nos últimos anos, prometendo inclusive abolir as desagradáveis injeções. Trata-se de métodos de aplicação conhecidos como lipossomas e intradérmicos.]

“Toda essa nova medicina tem apenas uma contra-indicação grave. É o preço quase proibitivo”. [Marcelo Bertolami – cardiologista do Instituto Dante Pazzanese]

[Esse tem sido também o principal motivo de crítica nos Estados Unidos. (...) Numa indústria em que as cifras são contabilizadas aos milhões de dólares, não é por acaso que há acesas polêmicas em torno da propriedade das patentes das descobertas.]

“Meu pai [descobridor da bradicinina] sempre achou que o conhecimento gerado nas universidades pertencia ao domínio público”. [Maurício Rocha e Silva Filho]

[O que importa mesmo para os doentes é ter acesso o mais rápido possível aos frutos dessa revolução tecnológica.]

[Os americanos alegam que, caso o Brasil comprasse as patentes – sem tentar pirateá-las, num processo sempre demorado – os remédios lançados nos Estados Unidos poderiam estar disponíveis nas prateleiras brasileiras em prazo muito curto.]

“Analisar a questão do ponto de vista das vidas perdidas é uma visão imediatista. É preciso entender que a dependência do país frente aos laboratórios internacionais é acachapante”. [João Manoel Baltar – diretor de área da Financiadora de Estudos e Projetos]

**VEJA Nº 21 [XX] – 25 maio 1988 – Por Que o Cigarro Vicia [Capa]** Como a nicotina provoca uma dependência igual à das drogas – As pesquisas para quebrar os mecanismos do vício. **Pg. 70-77 – A Química do Vício [Saúde]** Estudo americano revela que a nicotina tem um poder de gerar dependência tão grande quanto o de drogas como a heroína e a cocaína.

**Quadros:** Dependência e morte; Uma trágica relação; Como a droga cria dependência; Terapias que ajudam a largar o vício; Os dois mundos do vício.

“Depois de tanto sofrimento, senti que nunca mais poderia fumar um só cigarro em toda a minha vida. Foi a única maneira que encontrei para livrar-me de uma dependência de doze anos”. [Luiz Fernando Giovanini – agente de segurança de São Paulo]

[O método de deixar de fumar através da violência, desenvolvido no Brasil pelo Freedom Institute de São Paulo, mostra com toda crueza as altíssimas doses de emoção que as tentativas de abandonar o cigarro podem desencadear.]

[Surgiu a mais completa explicação para as atitudes radicais em que se metem os fumantes desbragados que decidem deixar o vício.]

“Os problemas dramáticos de abstinência dos fumantes foram erradamente desprezados por muitos anos. Eles sofrem tanto para se livrar do cigarro quanto o drogado em cocaína ou heroína”. [C. Everett Koop – *surgeon general* dos Estados Unidos]

[Depois de anunciar que o fumo é um perigo para quem traga a fumaça e lançar sobre os fumantes a acusação de serem companhias perigosas, os pesquisadores, agora, colocam sobre eles o carimbo de viciados.]

“Conheço pessoas que fumam dois maços por dia e que absolutamente não são pessoas ruins, desprezíveis. Dessa vez Koop passou dos limites, ao comparar um fumante a um viciado em heroína que chega até a roubar e matar para satisfazer seu vício. Quantos heroínômanos já abandonaram o vício sem ajuda?”. [Gary Miller – dirigente do Tobacco Institute de Washington - EUA]

“A comparação da nicotina com a cocaína e a heroína é perigosa. O nível de dependência provocado pela nicotina é muito diferente do provocado por drogas pesadas. Houve um exagero do ministro Koop, e isso vai fazer sua pesquisa cair no descrédito”. [Ciríaco Siqueira – diretor de pesquisa, desenvolvimento e informática da Companhia Souza Cruz]

[Há ampla concordância no fato de que a nicotina tem poder viciante de mesma natureza que a heroína e a cocaína – o que a torna, é claro, uma substância potencialmente mais forte que a cafeína.]

“Pode parecer absolutamente absurdo para o leigo a afirmação de que a nicotina causa dependência, mas dentro dos critérios médicos e farmacológicos do que seja uma substância viciante ela se encaixa plenamente”. [John Holbrook – cardiologista da Universidade de Utah – EUA]

[A nicotina age sobre o sistema nervoso central e gera um efeito conhecido como tolerância (...) a nicotina também gera crises de abstinência.]

“O único exagero do relatório foi o de não esclarecer que a nicotina, ao contrário das drogas pesadas, não interfere na condução das atividades normais do indivíduo. Mas, do ponto de vista de sua atuação no cérebro e da ligação química poderosa que ela estabelece com as células nervosas, a nicotina é realmente idêntica às demais drogas pesadas que geram dependência”. [Ovide Pomerleau – diretor do Departamento de Medicina do Comportamento da Universidade de Michigan – EUA]

“O cigarro deveria sofrer a mesma condenação legal que recai sobre as outras drogas. Temos que tentar tudo para evitar que os jovens comecem a fumar”. [Waldir Teixeira Prado – pneumologista da UFMG]

“O relatório provou que as crises de abstinência do cigarro são fortes o bastante e calcadas num problema químico do interior das células cerebrais. Deixar de fumar não é uma questão apenas de força de vontade, mas de uma mudança de estado físico que exige acompanhamento médico específico. A grande estratégia é dar condições reais de o fumante enfrentar as primeiras três semanas sem o cigarro”. [Neal Benowitz – farmacêutico clínico da Universidade de San Francisco – EUA]

[A pessoa que falha e sucumbe ao vício está apenas cumprindo uma decisão poderosa, tomada por uma parte do cérebro que ela não pode controlar e que tornou-se ávida por nicotina.]

“A droga [clonidine] torna os sintomas da abstinência mais suportáveis, mas não faz automaticamente os pacientes pararem de fumar. O fumante tem que estar decidido a parar”. [Alexander Glassman – psiquiatra da Universidade de Columbia – EUA]

“A vantagem dessa terapia [com drogas substitutas] é dar chance ao fumante de resolver um problema de cada vez. Enquanto a pessoa recebe nicotina por outros meios,

ela tem tempo e disposição para se concentrar na eliminação das razões que a levaram ao hábito de fumar. A substituição química da nicotina simplesmente dobra as chances de alguém que deseja ser bem-sucedido na decisão de parar de fumar. A imensa vantagem de se livrar da fumaça já justifica essa abordagem. Além disso, há grandes chances de que se aprenda rapidamente a diminuir as doses de nicotina até eliminá-la por completo". [Neil Grunberg – professor de Farmacologia e Psicologia da Universidade de Maryland – EUA]

[Convencidos da eficácia dessa terapia, os laboratórios americanos estão testando formas ainda mais diretas de inoculação da nicotina sem fumaça.]

[Laboratórios europeus trabalham também num spray nasal de nicotina que poderia acompanhar o usuário no bolso da mesma forma prática que um maço de cigarros.]

[Efetivamente, a nicotina é a única das 100 substâncias presentes na fumaça dos cigarros que causa dependência – além de ser uma das menos tóxicas.]

"Fiquei três dias trancada dentro de casa, odiando tudo a minha volta. Sabia que se saísse e encontrasse alguém fumando fraquejaria". [Louise Cardoso – atriz]

[Os cientistas descobriram que o cérebro dos fumantes desenvolve um mecanismo que funciona como um termostato(...) uma espécie de detector do nível de nicotina no liquor cerebral.]

"A maioria dos fumantes requer dez cigarros por dia para se manter numa chamada 'zona confortável'. Quando o nível baixa o fumante sente desconforto, fadiga, indisposição e irritação". [Neal Benowitz – farmacêutico clínico da Universidade de San Francisco – EUA]

[Está provado cientificamente que fumantes privados da nicotina aumentam o apetite em geral e, em particular, o apetite por doces ricos em carboidratos.]

"Há fortes indícios de que os açúcares têm poder tranqüilizante". [Neil Grunberg – professor da Universidade de Maryland – EUA]

[Cada pessoa busca um substitutivo quando se trata de viver sem nicotina.]

"Eu tomava chá o dia inteiro como saída para substituir o cigarro, mas não adiantou. Fiquei irritada, minha personalidade mudou, a vida perdeu a graça". [Maria Helena Maciel – assessora de planejamento da Faculdade Positivo de Curitiba]

[Algumas pessoas são mais suscetíveis aos efeitos da nicotina.]

"Proibimos nossos funcionários de fumar no ambiente de trabalho. Toda minha família tem aversão ao fumo. Nossos clientes acham engraçado, mas não chegam a reclamar. Alguns ficam tão intimidados com a nossa campanha que até esquecem de fumar". [Roberto Dunin – diretor da Sempar Imóveis do Rio]

"Quando fumava, me sentia um animal defumado, com a pele precocemente envelhecida. Mas ao mesmo tempo a vida parecia não ter graça sem uma tragada. Fumar está ficando obsoleto, fora de moda". [Paulo Távora – veterinário de Pernambuco]

[A propaganda de cigarros foi proibida na televisão (nos EUA) – e mesmo os anúncios em revistas e jornais só podem ser dirigidos a quem já fuma e convidá-lo a trocar de marca – jamais ela pode pretender arrebanhar novos adeptos.]

[A única lei federal que trata do tabagismo no Brasil limitou-se a instituir o dia 29 de agosto como o dedicado à luta contra o fumo.]

"Os médicos disseram que não havia escolha, ou parava de fumar ou morria. Preferi matar o cigarro. [...] Minha cirurgia foi até transmitida pelo rádio. [...] É um companheiro maravilhoso nas horas de solidão. Mas é também um traidor sem igual. Quando você menos espera, o cigarro lhe mete um punhal nas costas". [Osório Villas Boas – ex-presidente do Esporte Clube Bahia de Salvador]

"Sou dependente sim. Não gosto de dizer isso porque admito uma fraqueza, mas sou dependente do cigarro. Não estou certo se é uma dependência mecânica de ter um cigarro entre os dedos, vê-lo queimando. Mas sei que há dependências piores, como a do álcool, que felizmente, não tenho". [Adolfo Boos Júnior – escritor de Santa Catarina]

"A bebida pode destruir um homem mais rapidamente. Mas alguém decidido a abandonar o hábito de beber consegue livrar-se dele melhor e menos traumáticamente que um fumante do cigarro". [C. Everett Koop – *surgeon general* dos EUA]

[O fumo tornou-se, ao lado do colesterol e de alguns cancerígenos, a substância mais estudada de todos os tempos. (...) Nem sempre foi assim e os primeiros cigarros industrializados vendidos no Brasil eram até receitados para combater algumas doenças.]

[O fator preponderante é o exemplo paterno. Mais da metade dos entrevistados que fumavam disse ter pais que também fumavam.]

[Outra tendência nos países desenvolvidos é a concentração de fumantes entre as classes de menor poder aquisitivo.]

[Caminha-se para uma situação em que os componentes comportamentais, como a desvalorização social do fumante e a informação científica vão pesar mais na curva de vendas de cigarros do que a simples flutuação do poder aquisitivo.]

**VEJA Nº 33 [XX] – 17 agosto 1988 – Remédios: A Receita do Atraso [Margem]. Pg. 74-81 – A Indústria de Remédios Vai Para a UTI [Economia e Negócios]** Os

laboratórios reclamam dos preços, tiram produtos do mercado e congelam investimentos.

**Quadros:** Os campeões das farmácias; Remédio em construção; As aventuras da farmácia a jato; A dose do mais forte; A fórmula da divisão; Cresce o bloco das patentes.

[Cresce o número de consumidores brasileiros que não encontram o que precisam nos balcões das farmácias e, às vezes, nos próprios hospitais.]

"Telefonei para o laboratório em São Paulo e me disseram que nem pensam em lançar o Prozac no Brasil". [sobrinho de Carlos Alberto Monteiro – representante farmacêutico de Belém - PA]

"A indústria farmacêutica no Brasil vive de picos e vales. Atualmente, estamos numa fase crítica, no fundo de um vale extenso, e se a crise persistir, a tendência é retirarmos remédios do mercado". [Mário Ferreira Santos – vice-presidente-executivo da Johnson & Johnson]

[A saúde das pessoas sofre com a retirada de remédios das prateleiras e com a ausência no mercado de poderosos e modernos medicamentos disponíveis em outros países.]

[A estratégia de limitar a produção é sentida mais agudamente nos mercados menores, como os do Norte e Nordeste do país.]

"Quando resolvem reduzir a produção, as fábricas preferem reservar uma quantidade maior para os estados do sul, deixando outras regiões em último plano". [Carlos de Souza Andrade – presidente do Sindicato das Farmácias da Bahia]

"Se continuar como está, vamos deixar de vender para o Norte e o Nordeste, pois o frete está inviabilizando a comercialização para essas regiões. Os preços do transporte não param de subir, mas o CIP não autoriza o repasse desse custo para os medicamentos. Desse jeito, alguns estados, da Bahia para cima, correm o risco de ficar sem remédios em breve. [...] O CIP tem à frente um técnico despreparado para a função e que esconde essa incompetência atrás de arbitrariedade". [João Luiz Ferreira Soares – presidente da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica - Abifarma]

"Para as regiões mais distantes, quem arca com o prejuízo do frete somos nós. E o preço da venda, aqui e lá, é o mesmo". [Hansruedi Wipf – presidente da Roche]

"Paramos porque nossa lucratividade estava ruindo nesses dois medicamentos. A grita da classe médica foi geral, porque eram remédios de qualidade inegável, mas mesmo assim cortamos". [Mário Ferreira Santos – vice-presidente-executivo da Johnson & Johnson]

"Qual a viabilidade de se manter um medicamento num mercado onde o remédio como o Dequadin – uma pastilha anti-séptica que usa matéria-prima importada – custa quase a mesma coisa que uma garrafa de água mineral?". [Jorge Raimundo – presidente da Glaxo]

[Na semana passada, os balanços negativos de vários laboratórios estimulavam estudos para outros cortes nas linhas de produção.]

“Nunca atravessamos uma situação tão difícil como a atual. Os governos brasileiros acabaram com os laboratórios nacionais. Agora, estão querendo afugentar também as empresas estrangeiras”. [Adalmiro Baptista – presidente da Aché]

[Atualmente, funcionam no Brasil cerca de 400 laboratórios farmacêuticos, dos quais 340 são nacionais, mas o grosso do faturamento total do setor é das multinacionais.]

[Nada menos que 26 laboratórios estrangeiros saíram do país, empresas com fôlego financeiro suficiente para agüentar qualquer crise.]

“O grande problema é que a palavra lucro é considerada obscena pelas autoridades. Por tudo isso, o Brasil não está hoje nas prioridades do capital mundial, e uma consequência imediata da baixa remuneração para os remédios é o adiamento de novos investimentos”. [Paolo Bellotti – vice-presidente da Rhodia]

“Uma companhia como a nossa vive do lançamento de novos produtos no mercado. Mas atualmente a possibilidade de se crescer e investir no Brasil está reduzida a zero”. [Fernando Costa – presidente da Merck Sharp & Dohme]

[As distorções do critério de fixação de preços são tais, segundo a indústria, que em certos casos, a importação direta de matéria-prima fica mais barata do que a aquisição do produto brasileiro.]

“Todos os grandes avanços no combate às doenças, nas últimas décadas, foram alcançados sem a participação do governo e só com investimentos do setor privado. Trata-se de um argumento mais do que convincente para se fortalecer a indústria farmacêutica”. [Paolo Bellotti – vice-presidente da Rhodia]

[O que os laboratórios pleiteiam também é a proteção de patentes, objeto das represálias comerciais anunciadas recentemente pelos Estados Unidos, e o fim da burocracia que atrasa – e às vezes inviabiliza – o lançamento de novos produtos no país.]

“A maior parte do meu tempo é gasta aparando as arestas criadas pelos controles do governo. Quando finalmente conseguimos a aprovação, verificamos que outros cinco laboratórios haviam copiado nossa fórmula e conseguido registro na Dimed”. [Fernando Costa – presidente da Merck Sharp & Dohme]

[O governo mantém um controle rígido sobre o comércio de remédios de consumo geral, mas descuida inteiramente das moléstias endêmicas.]

“Existem 11,5 milhões de brasileiros com doenças endêmicas. O Brasil não tem nem como copiar patentes, porque nos Estados Unidos e na Europa não há o problema dessas doenças”. [Darcy Roberto Andrade Lima – diretor do Instituto de Farmacologia Clínica]

[Procura-se, apenas, mais uma oportunidade para jogar a culpa em alguém. Durante três semanas, a CPI chamará a depor os representantes de 21 multinacionais do setor, para investigar ‘irregularidades e abusos’ da indústria, repetindo o mesmo ritual cumprido em 1979 por outra CPI.]

“O próprio mercado é capaz de ditar suas regras, colocando os preços em patamares coerentes. Os critérios de definição de preços e a política para a indústria farmacêutica não podem ficar mudando de acordo com o turno no Ministério da Fazenda”. [Júlio Vitale – presidente do Merrell Lepetit]

**ISTOÉ/SENHOR Nº 990 – 07 setembro 1988 – O Boom dos Dietéticos [Margem]. Pg. 74-77 – Os Dietéticos Esbanjam Saúde [Negócios e Investimentos: Isabel Campos]** A indústria de alimentos e bebidas para obesos e diabéticos está em ótima forma: fatura US\$ 50 milhões por ano e não pára de crescer.

**Quadros:** A doçura esbelta; O peso do cardápio; Acusação sem prova.

[Trata-se da indústria brasileira de produtos dietéticos que, para alegria de 20 milhões de obesos, 10 milhões de diabéticos e um número incalculável de pessoas

interessadas em manter a forma física ou emagrecer, planeja lançar nos próximos meses, uma bateria de produtos.]

[Essa mudança foi importante porque o produto dietético perdeu o status de remédio para ganhar uma posição muito mais interessante frente ao público e ao fabricante: agora, ele é alimento. (...) Foi a responsável por levar diversos produtos até então só comercializados em farmácias e com tarja vermelha, para os supermercados.]

“Na Dinal [Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Alimentos], os registros andam muito mais rápido do que na Dimed [Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos], pois a divisão já tem um conhecimento grande de geléias, gelatinas e outros produtos que fazemos”. [Irapuan Maurício de Oliveira – diretor de Relações Institucionais da Abbott Laboratórios do Brasil]

“Podemos colocar o nosso adoçante em um número muito maior de locais de venda”. [Pietro Pedrinola – diretor da Slim Produtos Dietéticos de São Paulo]

“É uma vergonha nacional toda essa briga e a não liberação dos refrigerantes dietéticos no Brasil, uma vez que são permitidos em quase todo o mundo”. [Adriano Richa – filho do senador José Richa e presidente da Associação Paranaense do Diabético Juvenil]

[A presidente da Associação Nacional de Assistência ao Diabético, em São Paulo, é contra todo tipo de refrigerante, por serem produtos artificiais. Mas reconhece a importância do refrigerante dietético, principalmente para as crianças diabéticas.]

[Há alimentos bons para diabéticos que não servem para obesos e vice-versa, e a maioria não pode ser ingerida indiscriminadamente.]

[A agitação do mercado de refrigerantes e produtos dietéticos também anima a indústria que está por trás desse segmento: a de matérias-primas para os adoçantes.]

“O aspartame é um dos produtos mais importantes para a Monsanto no mundo e acreditamos que também poderá ter um papel de destaque dentro das nossas atividades no país”. [James Nisbet – presidente da Monsanto do Brasil]

[Durante muitos anos, os adoçantes foram tema de discussões sobre os efeitos que podem causar sobre o organismo humano. Em meio a muita controvérsia, o ciclamato e a sacarina (os dois tipos mais polêmicos) foram acusados de ocasionar câncer de bexiga em animais de laboratórios. Os estudos que comprovavam esses efeitos acabaram sendo desconsiderados por autoridades científicas.]

“Não existem provas científicas de que os adoçantes, desde que utilizados em doses limitadas, façam mal à saúde do homem. [...] O ideal é que as pessoas utilizem alimentos naturais. Um refrigerante dietético pode ter menos calorias do que o adoçado com sacarose, mas o ideal é não ingeri-los nem de uma forma nem de outra, pois são artificiais”. [Bernardo Léo Wajchenberg – professor de endocrinologia da USP e endocrinologista-chefe do Hospital de Clínicas]

**ISTOÉ/SENHOR Nº 994 – 05 outubro 1988 – Doping: O Homem Químico [Capa]. Pg. 38-50 – Olimpíada Química [Sociedade: Carlos José Marques e Tão Gomes Pinto]**  
O mito Ben Johnson se dissolve na sua própria urina e mostra a ponta de um iceberg: o doping.

**Quadros:** O doping de cada um; Ben perdeu US\$ 15 milhões; Loucademia de musculação; Bom físico com saúde.

[A Olimpíada de Seul poderá ser estigmatizada por uma terrível marca, a de ter revelado ao mundo o maior atleta químico da história do esporte. O atleta químico é um velhíssimo personagem olímpico. Na Grécia antiga tomava estranhos chás antes das provas. Um Ben Johnson do século III a.C. descobriu o suco de papoula. Foi considerado o relâmpago humano da época.]

[Os anabólicos estimulam a absorção de certas substâncias pelas células das fibras musculares. Acompanhados de exercícios, esses medicamentos produzem bíceps e coxas poderosos em poucas semanas.]



[Não seria o único caso em Seul. Nem o primeiro. Antes dele foi detectado doping em seis outros candidatos a medalhas. (...) Seul foi um alucinante coquetel.]

[Em termos estatísticos, Seul está longe de ser assustadora. As estatísticas, em geral são tranquilizadoras e sugerem que o uso de medicamentos ainda é exceção. Mas não é exato. (...) Os próprios atletas vêem esses números com total ceticismo.]

[O discreto e elegante Joaquim Cruz botou fumaça no ventilador. Disse que nos últimos anos tem assistido desempenhos fora de série de vários colegas seus, resultados que sugerem claramente o doping. Muitos atletas aumentaram sua massa muscular graças aos anabólicos. (...) O ambiente olímpico convive com indiferença a esse tipo de comentário.]

[As substâncias químicas hoje fazem parte do apetrecho dos atletas, como as sapatilhas dos corredores. (...) A indústria farmacêutica que abastece os grandes recordistas tem andado sempre na frente desses centros (de controle olímpico).]

[Os especialistas em medicina esportiva admitem que os expedientes usados nos últimos tempos atravessam quaisquer limites éticos. (...) Aceita-se como natural a existência do fenômeno doping e também é cada vez menos contestado o fato de que sua prática deixa seqüelas terríveis.]

[O locutor brasileiro Osmar de Oliveira, de Seul, disse que o fabuloso Big Ben estaria sujeito a problemas de fígado, descontrole psíquico, eventualmente câncer e, surpresa geral, drástica atrofia do seu pênis e dos seus testículos, podendo inclusive tornar-se estéril.]

[Em muitos casos a musculatura do atleta torna-se dependente da droga. Ela só funciona quando sustentada com pequenas doses em caráter quase permanente. Esse deve ter sido o caso de Johnson.]

[A trajetória desses anabolizantes é rigorosamente trágica. (...) Não há provas, mas são justificadas as suspeitas de que se trata de uma comunidade de usuários de esteróides anabolizantes.]

[Em Caracas, nos Jogos Panamericanos de 1983, (...) a delegação dos Estados Unidos providenciou o retorno antecipado de vários dos seus membros para evitar o vexame da constatação do doping.]

[Diante desse quadro chega a ser constrangedora a colocação de Ben Johnson como um enviado do mal infiltrado nas celestiais paragens olímpicas como tem feito uma parte da imprensa. (...) Ele não merece estar ali. Não merece ser visto. Ele é mau. Bom é o que corre a sua esquerda, Carl Lewis, um rapaz de hábitos e modos condizentes com os padrões da nossa civilização.]

[No Brasil, o problema naturalmente se agrava. (...) Sem um espectrofotômetro, o Brasil é inviável para qualquer competição de nível mundial. Natural, portanto, que não existam casos notáveis de doping entre os militantes do chamado esporte amador no Brasil. Simplesmente porque eles podem se drogar à vontade. O único controle é o exercido pelo bom senso.]

[Haverá sempre uma sombra, escurecendo o nosso entusiasmo. Ficará no ar a questão se é justo, se é correto, se é rigorosamente humano, entupir aquelas meninas de remédios para que sua puberdade seja atrasada e elas mantenham assim sua condição atlética.]

[A maioria dos atletas dos países subdesenvolvidos usam hormônios sintéticos sem controle. Os nossos *macistes* das academias de culturismo devoram pílulas hormonais compradas na farmácia da esquina.]

“Estava destruindo meu corpo, comecei a sentir dores no fígado e parei. [...] Eu mesmo já vi gente entrar em coma pelo uso excessivo de anabolizantes. Se no meu tempo tomava-se hormônios em cápsulas, com certa moderação, para conseguir apenas um reforço, hoje os atletas internacionais chegam a injetar até 100 miligramas, diariamente, dias antes das competições. São verdadeiras cobaias”. [ex-campeão de levantamento de peso]

"Tomei Winstrol – hoje não existe mais no mercado – e me dei mal, tive problemas de fígado". [Nélson Rodrigues – Mister Rio de Janeiro 1979]

[A dieta dos atletas que praticam culturismo varia de acordo com a cabeça de cada um.]

"A dieta de quem pratica o body-building deve ser composta de 60% de carboidratos, 25% de proteínas e 15% de gorduras. Anabolizantes hormonais nunca dão câncer no fígado". [Jéferson de Lima – treinador de academia de São Paulo]

"Tomo só cálcio e aminoácidos, coisas que têm no próprio organismo humano e não fazem mal". [Carlos Eduardo Veiga Gonçalves – aluno de academia de São Paulo]

[As informações sobre medicamentos que ajudam a desenvolver a musculatura, ele e os colegas colhem nas revistas Músculos e Força e Vigor, que devoram, colecionam e em cujas 'dicas' crêem piamente. (...) Acredita que a medicina desportiva não conseguiu provar nada sobre os efeitos colaterais destas drogas.]

**ISTOÉ/SENHOR Nº 1024 – 03 maio 1989 – Os Venenos da Comida [Margem]. Pg. 36-39 – O Que Você Está Comendo [Sociedade: Sandra Balbi]** Um cardápio apetitoso pode esconder doses altas de inseticidas e bactérias. O controle dos alimentos no País ainda é muito precário.

**Quadros:** Os venenos de cada dia; Comida doente; Como deter o agrotóxico.

[O Dicofol é um pesticida da família dos organoclorados que desde 1985 estão proibidos no Brasil por determinação do Ministério da Agricultura, por serem altamente tóxicos, nocivos ao meio ambiente e à saúde. Seu princípio ativo é cancerígeno.]

[O que assusta é que o único controle sistemático de contaminação de alimentos existente no país é o do Instituto Biológico e ele se resume à análise semanal de oito amostras de frutas e verduras da época. (...) No resto do país, ninguém sabe qual é a quantidade de veneno que vai à mesa dos brasileiros diariamente.]

[O cardápio matinal do brasileiro pode ser enriquecido por resíduos de BHC e DDT, também proibidos, mas que têm sido encontrados no leite e seus derivados. Suspeita-se que antigas culturas de café, transformadas em pastos, ainda detêm no solo resíduos destes agrotóxicos.]

[As carnes parecem ser nossa maior fonte de venenos. Além dos pesticidas elas podem ser contaminadas por hormônios anabolizantes e por antibióticos. Apesar de ter seu uso proibido em todo o mundo por ser comprovadamente cancerígeno, o hormônio sintético feminino *diétilstilbestrol*, ou DES, pode ser comprado facilmente em farmácias veterinárias no Brasil.]

"Em 1987, uma remessa do frigorífico Kaiowa para a Alemanha, que saiu do Brasil com atestado de própria para consumo humano, foi devolvida, pois exames feitos pelos importadores acusaram a presença de DES". [Marilena Lazzarini – presidente do Conselho Diretor do Instituto de Defesa do Consumidor – Idec – de São Paulo]

[Por pressão da Comunidade Econômica Européia o governo brasileiro está aumentando o controle sobre a carne exportada e firmou convênio para cooperação científica com a Espanha e Portugal.]

"O cloranfenicol não é mais usado no Brasil. A pecuária brasileira atingiu o padrão exigido pela CEE". [Silvino Carlos Horn – secretário da Defesa Sanitária Animal]

[Também os produtos importados não têm qualquer controle de qualidade. No caso das uvas chilenas – que segundo constatou-se nos Estados Unidos estavam contaminadas por cianureto – o Ministério da Agricultura autorizou sua entrada sem qualquer exame.]

[A comida do brasileiro tem sofrido os efeitos da modernidade que mata o bicho da fruta e a praga envenena o cidadão, e também padece pelo lado do atraso: a falta de cuidado na manipulação dos alimentos. Da simples dor de barriga ao botulismo, a contaminação por bactérias tem causado sérios dissabores.]

“Os agrotóxicos têm sido usados sem nenhum controle na venda e na aplicação ao longo de muitos anos, pois convenceu-se o agricultor de que para produzir é preciso jogar veneno nas culturas. [...] Como a nova Constituição faculta aos Estados legislar sobre a questão, a Secretaria da Agricultura vai aplicar a Lei Estadual dos Agrotóxicos na sua forma original e implantar o controle destes venenos através da conscientização do agricultor e da aplicação do receituário”. [Walter Lazzarini – secretário da Agricultura de São Paulo]

**VEJA Nº 38 [XXII] – 27 setembro 1989 – Michel Frank: A Morte a Tiros em Zurique [Margem]. Pg. 58-60 – A Tragédia Final [Crime]** O assassinato de Michel Frank encerra uma vida de desastres e sepulta o caso Cláudia Lessin.

“Ele estava caído no meio de uma poça de sangue. Estava desfigurado pelos tiros”. [Kurt Kunz – síndico de prédio em Zurique - Suíça]

[No Brasil, era a tragédia final na vida de Michel Frank, que em 1977 se envolveu no assassinato da estudante Cláudia Lessin Rodrigues, no Rio de Janeiro, um caso que serviu como o primeiro alerta nacional a informar que as drogas pesadas haviam alcançado os jovens de classe média.]

“Eu atirei em Michel Frank, foi em legítima defesa. [...] Então, puxei o revólver e apertei o gatilho”. [músico traficante de Zurique - Suíça]

[Drogado, na versão do músico, Michel Frank tentou agredi-lo e chegou a arrastá-lo até a garagem. (...) Na cobertura de Michel há ainda outros sinais de violência – móveis quebrados e fora do lugar e manchas de sangue no chão.]

[Consumada a tragédia em Zurique, chegava ao final a complexa biografia de Michel Frank, um rapaz rico e bem-educado que se transformou num marginal e naufragou num pesadelo sem fim.]

“Ele foi o aluno mais inteligente que eu já tive. Tinha um raciocínio muito rápido, respondia qualquer pergunta que lhe era feita e entendia todas as piadas que eu fazia durante a aula”. [Teresa Pinto – professora de Português da Escola Americana do Rio de Janeiro]

[Às vezes, Michel Frank fazia uma queixa muito comum aos adolescentes. Reclamava do pouco contato com o pai, Egon Frank, (...) e também da falta de cuidados da mãe, Kitty Abeles, que, separada do marido, vive na Austrália.]

[Entre a maconha aos 13 anos de idade e a cocaína que consumia de forma obsessiva, ocorreu com Michel Frank aquela passagem dramática – a do viciado que, para levantar dinheiro para adquirir a droga que consome, acaba transformando-se em traficante.]

[É certo que em 1977, quando Cláudia foi assassinada, ele já não era um simples consumidor de cocaína – também a vendia.]

“Ele dizia sempre que seu maior desejo era voltar para o Brasil”. [Carlos Lehmann – dono do restaurante Via Brasil em Zurique - Suíça]

[Outra especialidade de Michel Frank em Zurique era receber brasileiros para festas numa casa de seu pai, nos arredores da cidade.]

“Era uma coisa de orgia e drogas. A casa era uma grande boca-livre, e o Michel Frank oferecia bebida, comida e cocaína”. [engenheiro do Brasil]

“Michel tornou-se um problema para mim quando se envolveu com drogas. Eu sou empresário, pai de família e não poderia receber em minha casa uma pessoa que tinha a folha corrida de Michel”. [Georges Frank – comerciante irmão de Michel em Zurique]

[O pai, Egon Frank, também se afastou do filho e não o via há pelo menos dois anos.]

“Eu continuo a mandar dinheiro porque, apesar de tudo, Michel é meu filho. Eu sei que se ele tivesse ficado no Brasil já estaria morto”. [Egon Frank – representante da Mondaine no Brasil e pai de Michel]

[Em Zurique, além dos lugares da moda, Michel Frank freqüentava também os bares tradicionais de homossexuais e viciados em drogas.]

“Como todo mundo em Zurique, Michel consumia drogas mesmo”. [Utta Brunner – modelo em Zurique]

[Os dois chegaram a sair juntos várias vezes, mas Utta notou que Michel tinha um temperamento irritadiço, capaz de mudar seu estado de ânimo de uma hora para a outra. (...)] Poderia ser gentil num momento e agressivo ou indiferente no outro.]

“Deus me ouviu. Ele tirou a vida da minha filha, mas alguém tirou a dele”. [Maria – mãe de Cláudia Lessin Rodrigues]

“Com a morte de Michel, surgiu uma justiça”. [Hilton Rodrigues – pai de Cláudia]

[A morte de Michel encerra ainda um dos maiores casos de fracasso policial na vida brasileira.]

“Fui afastado do caso porque o pai de Michel, Egon, pressionou a polícia. Provei nos autos que Michel Frank e George Khour a mataram”. [Jamil Warwar – inspetor das investigações do caso Cláudia]

[Encerrada com uma saraivada de tiros, a biografia de Michel Frank é o retrato de um ser humano transformado em ruína.]

**VEJA Nº 05 [XXIII] - 07 fevereiro 1990 – Adriana de Oliveira: A Morte da Modelo [Margem]. Pg. 66-69 – Um Sábado Trágico [Sociedade]** Aos 20 anos, a modelo Adriana de Oliveira morre num fim de semana agitado com amigos em um sítio no interior de Minas Gerais.

**Quadro:** Morte por mal entendido.

[Todo esse sucesso foi interrompido de maneira brusca num passeio de final de semana. (...) O episódio ficou cercado pelo clima de uma alegre farra que acabou mal.]

“Adriana ria muito e estava sempre de alto-astral”. [Cindy Sauerbronn – modelo e amiga de Adriana]

[Há duas semanas, ela poderia ser considerada um tipo de garota para o qual nada parece dar errado.]

“Adriana me acompanhava em tudo o que eu quisesse fazer. [...] Nós queríamos aproveitar cada minuto”. [Ciro Roberto de Azevedo Marques – estudante de Direito e namorado de Adriana]

[A história da farra frustrada no Sítio Vale a Vista começou com uma série de improvisos na noite anterior.]

[Mesmo com as doses de uísque e de cerveja que bebeu durante a festa, o grupo embarcou no carro de Adriana.]

[No curral, Adriana tentou ordenhar uma vaca desajeitadamente, mas não tomou o leite por acreditar que continha micróbios. (...) Voltaram para a casa, onde recomeçaram a beber vinho branco e cerveja.]

[Quando a fome apertou, os jovens decidiram embarcar para uma cidade próxima, Pouso Alegre, para almoçarem – mas não chegaram a partir.]

[Durante todo esse tempo, os três não tiveram a idéia de carregar Adriana para dentro de casa, ou mesmo de levá-la imediatamente para o hospital mais próximo.]

“Eles cheiravam a álcool e estavam com os olhos vermelhos. Pareciam apavorados”. [Carlos Augusto Camargo da Silva – delegado em Pouso Alegre – MG]

[O namorado de Adriana e o casal amigo passam a contar então uma história nebulosa, que pode até mesmo terminar com a verificação da cumplicidade deles na morte da modelo.]

[A polícia, os médicos e até mesmo os parentes já levantaram algumas hipóteses para justificar as causas da convulsão. (...) A anfetamina, utilizada em remédios para a contenção de apetite, e a cocaína.]

“Não achei nem aspirina nas coisas de Adriana. (...) Tínhamos medo das más influências que existem no mundo da moda”. [Ivan Sérgio de Oliveira – irmão de Adriana]

[A possibilidade que resta para desvendar a charada da morte de Adriana é justamente a que mais aborrece sua família – o uso de cocaína.]

“Adriana era uma colega muito comportada e meiga”. [Dimitria Cardoso – modelo]  
“Se ela tiver morrido por causa da cocaína, será uma grande surpresa para mim”.  
[Ciro Roberto – namorado de Adriana]

[Uma das mais evidentes constatações dos pesquisadores que se dedicam aos efeitos dos tóxicos é a de que o uso contínuo da cocaína, mesmo em quantidades moderadas, pode levar à falta de apetite e a um maior risco de convulsões.]

[Existem pessoas não resistentes a uma aceleração muito forte nos seus batimentos cardíacos, que poderia ser provocada por uma corrida num parque ou mesmo pelo uso de cocaína.]

“Nada se pode afirmar, com certeza, antes do laudo do IML estar concluído”. [José Ricardo Martins Bernardes – médico legista de Pouso Alegre - MG]

**VEJA Nº 06 [XXIII] – 14 fevereiro 1990 – Jovens em Perigo [Capa]** A morte da modelo Adriana de Oliveira expõe uma nova face da tragédia das drogas. **Pg. 64-70 – Pó, Fumo e Bola [Sociedade]** Exames comprovam que a modelo paulista Adriana de Oliveira morreu por overdose de cocaína, misturada com álcool, maconha e tranquilizante.

**Quadros:** Adolescência interrompida; Os números da violência.

[Lamentava-se a morte da modelo, mas era possível encarar a tragédia como uma dessas fatalidades que o destino pode aplicar na vida de qualquer um.]

[Adriana de Oliveira foi morta num tipo de acidente que vem se tornando assustadoramente banal na rotina da juventude das grandes cidades brasileiras.]

[Aos 20 anos, dona de uma carreira promissora e milionária, Adriana de Oliveira acabou destruída por um coquetel de quatro palavras malditas: pó, cana, fumo e bola.]

[Durante dez dias o país foi envolvido por uma farsa, cuidadosamente construída pelos três amigos que a acompanhavam no fim de semana em Inconfidentes – numa sucessão de mentiras produzidas com a finalidade de safar-se da acusação de envolvimento com drogas.]

[É razoável supor, contudo, que se tenham acovardado diante dos inevitáveis embaraços legais que teriam de enfrentar quando se descobrisse que ela fora vítima de uma ruínosa mistura de drogas.]

“Se descobrirem cocaína nos exames, todos nós ficaremos surpresos”. [Ciro Roberto de Azevedo Marques – estudante de Direito e namorado de Adriana]

[A farsa criada em torno da morte de Adriana foi uma dessas lorotas inventadas para esconder as circunstâncias exatas da tragédia. (...) Até mesmo a família de Adriana integrou-se a essa operação de embelezamento da tragédia.]

“O que houve no sítio foi uma festa diabólica”. [Carlos Augusto Camargo da Silva – delegado em Pouso Alegre – MG]

[O coquetel de drogas encontrado no organismo de Adriana é uma mistura explosiva que funciona no cérebro de forma tal que uma substância aumenta o poder da outra até um nível insuportável.]

“As convulsões ligadas à ingestão de drogas são causadas pelo excesso de substâncias estranhas no cérebro”. [Esper Cavalheiro – professor de Neurologia Experimental da Escola Paulista de Medicina – SP]

[A cocaína, na proporção em que foi encontrada no corpo de Adriana, provoca perturbações no mecanismo que comanda os movimentos involuntários do corpo – como os batimentos cardíacos.]

“Essa é uma das causas mais freqüentes de morte por doses excessivas de cocaína”. [Francisco Torggler – médico assistente do Pronto Socorro Médico do Hospital das Clínicas de São Paulo]

[A única explicação que encontram é ela ter ingerido a droga junto com a bebida alcoólica, ou então, num hábito que está se tornando comum entre os usuários, tê-la massageado entre as gengivas e engolido o excesso com saliva.]

“A demora em levar a modelo para o hospital foi fatal”. [José Ricardo Martins Bernardes – médico legista em Pouso Alegre – MG]

[Os procedimentos de socorro em casos como esse são de conhecimento de qualquer estagiário de medicina.]

[Adriana dava a impressão de ser uma dessas pessoas abençoadas, para quem nada dá errado na vida. (...) Adriana teve uma educação típica de menina prendada de Santo André, onde nasceu.]

“Nós éramos amigas muito íntimas e tenho certeza de que na época ela não usava drogas, porque se fizesse isso me contaria”. [Yane Benaglio Moura – ex-colega de Adriana em São Bernardo do Campo – SP]

[Ligada a uma das maiores agências de modelos do país, a Class, e a maior agência de modelos do mundo, a Ford, há poucos meses Adriana chegara ao apogeu profissional.]

[Os amigos e familiares começaram a notar pequenas mudanças no comportamento de Adriana seis meses atrás, depois que ela começou seu namoro com Ciro, um conhecido dos tempos de escola.]

[Ele (Ciro) foi visto num desses lugares da paisagem urbana do país em que a inércia das autoridades e a desenvoltura das marginalidades deram origem à formação daquele ambiente que os vizinhos conhecem e qualquer criança sabe o que significa – o chamado ponto dos maconheiros, onde traficantes, usuários, curiosos e desinformados se reúnem para fazer comércio de drogas.]

[De lá para cá, os dois foram vistos no prédio entrando acompanhados de amigos em noitadas barulhentas. ]

“Ela ia ser multada em janeiro. Ela era um tormento para a vizinhança”. [José César Bringel – síndico de prédio de São Paulo]

“Nós calculávamos que Adriana poderia ter problemas com drogas, mas achávamos que isso poderia ocorrer por causa da moda, e nunca por razões afetivas”. [Ivan Sérgio de Oliveira – irmão de Adriana]

[Uma das novidades do conhecido drama da juventude com as drogas reside no tamanho do problema, que se torna cada vez maior. (...) A droga é conhecida por uma parcela surpreendentemente grande dos jovens no Brasil.]

“Na adolescência é que a pessoa entra em lua-de-mel com a droga. Nessa fase, a droga não parece crime e é encarada como elemento recreativo”. [Priscila Costa – psicóloga da Universidade de Brasília]

“O adolescente brasileiro não é iniciado nas drogas pela maconha e coca, como se pensa, mas por lança-perfumes, anfetaminas e outras substâncias”. [Ronaldo Marzagão – presidente do Conselho Federal de Entorpecentes]

[Tem se tornado cada vez mais frequentes nas grandes cidades as intoxicações por drogas. (...) Também modificaram-se as condições ambientais para o comércio e consumo de drogas em várias regiões do país.]

“O problema que enfrentamos é que a burocracia de Brasília é muito forte, e, se prendermos alguém que tem boas ligações, nossa carreira acaba comprometida. Não se pode esquecer que antes de policiais somos funcionários públicos, e colocar alguém importante na cadeia pode atrasar nossa vida por muitos anos”. [delegado em Brasília]

[Observa-se também que a procura pelas drogas aparece em alguns ramos profissionais que se sofisticaram nos últimos tempos, enriqueceram ou passaram a sofrer uma maior tensão no trabalho – como os executivos de grandes empresas.]

“Há dez anos nenhum de meus pacientes era viciado em cocaína. Antigamente, eles vinham se tratar aqui de dependência de drogas como a maconha ou substâncias químicas como o Pervitin, e hoje mais da metade deles são cocainômanos”. [Sabino Ferreira Farias – diretor da clínica Maxwell em Atibaia – SP]

[Em 1977, a jovem Cláudia Lessin Rodrigues, então com 21 anos, foi assassinada durante uma festa no Rio de Janeiro onde se consumia cocaína em larga escala.]

[Aquele moça tão bonita que todo rapaz solteiro gostaria de ter como namorada e tão bem-sucedida que qualquer dona de casa se orgulharia de ter como filha tornou-se o rosto de uma tragédia que deixa o que pensar.]

**VEJA Nº 13 [XXIV] – 27 março 1991 – Drogas: O Traficante Está na Sala de Aula [Capa]. Pg. 42-48 – Na Carteira ao Lado [Especial]** Os traficantes que vendem drogas nas escolas são estudantes matriculados, que têm boas roupas, comparecem às aulas e até tiram boas notas.

**Quadros:** Sintomas mais freqüentes entre os jovens; Os números do drama.

“Não existe a escola onde a droga não entre”. [delegado Alberto Corazza de São Paulo]

[As drogas começaram a circular pelas escolas do país por volta da década de 60, mas a situação de hoje é dramática. Nunca foi tão fácil comprar drogas nos colégios, nunca foi tão ampla a rede de traficantes entre os estudantes e nunca foi tão difícil controlar esse tipo de comércio.]

“A droga não chega às escolas pela mão de pessoas estranhas, mas através dos próprios alunos. Ninguém vai aceitar droga de quem não conhece”. [Abílio Pereira – delegado da Delegacia de Tóxicos do RS]

[Os pequenos traficantes de droga das escolas são jovens que, pela aparência, nada têm a ver com um negócio patrocinado, em escala internacional, pelos barões do Cartel de Medellín e que, pela posição social, ninguém diria que integram o último elo de uma cadeia que, no Brasil, possui estrelas com antecedentes criminais que incluem diversos homicídios.]

“São indivíduos que dificilmente um pai poderia identificar. Dá mais status ser a pessoa que tem a droga do que aquela que não sabe de nada e precisa pedir quando fica com vontade”. [José Elias Murad – deputado do PMDB-MG]

“Eu estava habituado a encontrar maconha com garotos de 17 anos. Agora temos problemas com meninos de 12 anos e até 10”. [Abílio Pereira – delegado da Delegacia de Tóxicos do RS]

[A carioca Cláudia Lessin Rodrigues, a primeira vítima célebre de cocaína na classe média brasileira, morreu assassinada em 1977 ao longo de uma festa no apartamento de amigos.]

[Outra novidade é que as drogas nunca foram tão baratas. (...) A esse preço, fuma-se, cheira-se, compra-se e vende-se sem maiores constrangimentos.]

“As escolas têm feito muito esforço para enfrentar o problema, mas até agora o resultado é nulo. Sei de um colégio onde a própria lanchonete vende um pirulito que tem uma pastilha de LSD na ponta”. [Rubens de Campos Filho – psicoterapeuta de São Paulo]

[Conhecidos como “aviões”, no Rio de Janeiro, “presenças”, em São Paulo, e “vapozeiros”, em Porto Alegre, os pequenos traficantes não entraram para o negócio com esperança de enriquecer. São, em sua maioria, viciados que querem fazer economia de dinheiro à custa do bolso do colega do lado, retirando sua parte em espécie, de graça. (...) Como se fosse uma corrente da felicidade.]

[No Rio de Janeiro, há uma linha direta entre as favelas e os colégios.]

“Nosso esquema é igual ao dos bicheiros. Cada um fica na sua área e cuida direito da freguesia”. [José Carlos – traficante de Brasília]

“O problema existe em todos os colégios. Nosso papel é fazer a prevenção e tentar ajudar os alunos que caem nessa”. [Genoveva Guidolin – orientadora educacional do Colégio Rosário de Porto Alegre]

“Ali, uma colega cheirava cocaína e todos os dias me trazia um pouco de maconha. Muitas vezes assisti a aulas completamente bêbada e drogada, mas ninguém percebia”. [Ana - usuária aluna do Colégio Dante Alighieri de São Paulo]

[Um outro aspecto do drama é o comportamento das autoridades policiais. Tão freqüentes como as aparições de quilos e quilos de cocaína frente às câmeras de TV são os

casos que demonstram uma situação de convivência e mesmo de parceria entre uma fatia corrompida do aparato policial e o tráfico de drogas.]

“Mandei circular, prendi suspeitos, segui alunos até a boca-de-fumo. Ficou claro que, se quiséssemos, seria possível prender trinta vapozeiros de uma vez. O preço disso é que junto com eles, perderíamos qualquer chance de chegar ao grande traficante, que troca de intermediário como qualquer pessoa troca de camisa”. [Abílio Pereira – delegado da Delegacia de Tóxicos do RS]

“Certamente existe muita gente da classe alta ligada ao tráfico, só que para nós fica difícil saber quem é”. [Walterson Botelho – delegado do Conselho de Entorpecentes do Rio de Janeiro]

[A atual onda de expansão das drogas contribui para demolir um dos mitos consagrados da pedagogia familiar brasileira. Nos anos 60, quando boa parte dos pais de hoje fumava seus cigarros de maconha ao som dos discos dos Beatles, dizia-se que as drogas estavam associadas a um ato de rebeldia natural da juventude e que bastaria que os adultos assumissem uma atitude de maior tolerância para que o problema desaparecesse por encanto.]

“Muitos adolescentes viciados se queixam de que os próprios pais consomem drogas. Aí, fica difícil fazer alguma coisa”. [Clara de Oliveira Inen – psicanalista do Rio de Janeiro]

[O que se constata, como regra geral, é que a droga aparece em famílias nas quais pais e filhos conversam pouco – ou conversam mal.]

[No Brasil, onde o primeiro escalão do tráfico cruza-se com os barões do jogo do bicho e as grandes quadrilhas de contrabandistas, os números econômicos são gigantescos.]

“A droga já foi um fenômeno marginal que ocorria em poucos lugares e envolvia poucas pessoas. Hoje, é uma atividade clandestina que está, de uma maneira ou de outra, em todos os lugares”. [Paulo Fernandes Moraes – psiquiatra de São Paulo]

[Fuma-se e cheira-se cada vez mais nas escolas, mas também fuma-se e cheira-se mais ainda nas agências de publicidade, nas redações dos meios de comunicação, nos escritórios de profissionais liberais e nos gabinetes das grandes empresas.]

“A solução da droga virá da sociedade ou não virá. O jovem precisa se convencer de que o grande barato é viver em lucidez”. [Rubens de Campos Filho – psicoterapeuta de São Paulo]

### **Depoimentos:**

“Experimentei maconha pela primeira vez com 11 anos. No Colégio Rosário, em Porto Alegre, andava com uma turma mais velha e passei a fumar com eles. Com 15 anos, no révellion, me deram cocaína e me apresentaram ao fornecedor. Comecei a trabalhar em uma loja, mas o salário não dava para o vício e comecei a vender. Comecei a namorar com uma mulher de 40 anos que me dava a droga. Quando essa mulher se afastou comecei a afundar. Não tinha dinheiro nem pó. Com 17 anos, conheci outro traficante e voltei a vender na escola, não na sala de aula, mas no recreio. Acabei gastando o dinheiro com a própria cocaína. No fim de tudo estava com uma dívida de 400000 cruzeiros e o traficante me pressionando”. [Gabriel – usuário estudante e ex-traficante de Porto Alegre]

“Quando tinha 16 anos um colega de escola me ofereceu maconha. Gostei e passei a fumar com freqüência. Naquela época eu trabalhava na fábrica de meu pai e um funcionário de sua confiança era traficante. Ninguém desconfiava dele e muito menos de mim. Só fumava na fábrica e na escola. Com 19 anos, conheci a cocaína. Cheirei e não queria outra coisa. Por falta de dinheiro, passei a distribuir drogas na escola para ter minha parte. Vendia para os amigos. Quem me dava a cocaína era o mesmo empregado de meu pai. Estava com 22 anos e pedi ajuda a meu pai, fui internado em diversas clínicas e entrei na faculdade. Quando voltei para minha cidade, Laranjal Paulista, começou tudo de novo. Agora estou de novo em tratamento”. [Eduardo Bellotto – usuário estudante de Administração de Empresas de São Paulo]



“Com 17 anos saí do Colégio da Polícia Militar em Minas Gerais e resolvi abrir uma mercearia em Belo Horizonte. Logo descobri que um remédio chamado Desbutal estava fazendo imenso sucesso e que a venda desse remédio seria o caminho mais fácil para me enturmar. Passei a fazer receitas em casa e a vender Desbutal. Era bom ver as pessoas dependendo de mim. Em 1973 o remédio foi proibido no Brasil, passei a ir buscá-lo no Paraguai, onde fui convencido a vender maconha. Em 1975 fui preso no Mato Grosso. Saí da cadeia e montei um bar. Logo os colegas da prisão me procuraram e então passei a vender cocaína. Vendia a droga nas portas de escola e era famoso entre os estudantes. Para minha filha, que agora está com 18 anos, nunca faltava nada e meus pais sempre acharam que o dinheiro vinha do bar e de uma loja de armarinho que montei para minha mulher. Essa vida durou oito anos até que em 1988 fui preso e condenado a cinco anos de cadeia. Estou marcado”. [Lúcio Viana do Nascimento – traficante detento de Belo Horizonte]

“Aos 15 anos, por causa da cocaína, fui expulso do Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro. Naquela época já era ousado. Subia o Morro Dona Marta, pegava a cocaína e fazia a festa na escola. Era só ir ao lugar certo, pagar e revender. Para os colegas, em geral, eu não precisava oferecer. Eles sabiam o que eu fazia e se aproximavam, pedindo a droga com frequência. Quando mudei de escola, continuei na mesma atividade. Vendi droga nos cursinhos Bahiense e Plank. Aos poucos, fui me enturmado mais com o pessoal da droga do que com o da escola, me afastando de antigos amigos. Gostava de dirigir e acabei virando piloto de traficantes. Fiz grandes escapadas para fugir da polícia. Depois de vender drogas nas escolas, onde conseguia ganhar algum dinheiro dos colegas, fui ser fornecedor da turma de Búzios, tinha dinheiro, carro e não faltavam mulheres bonitas. Mas o pó escraviza e para fugir disso cheguei a passar dois anos em San Diego, nos Estados Unidos. Não adiantou”. [Jamílson – usuário ex-traficante do Rio de Janeiro]

“Com 15 anos comecei a fumar maconha e aos 20 estava cheirando cocaína. Como o pó é muito caro e o salário que recebo como modelo não dá para isso, resolvi fazer o tráfico. No começo conseguia a droga com facilidade, mas depois precisei transportar cocaína para poder receber um pouco. Pensei em comprar maior quantidade de droga para poder vender e ter algum lucro. Contei esse plano para um amigo que trabalha no Congresso e logo de cara recebi uma encomenda de 50 gramas. Com isso, ganhei dez vezes mais do que nos desfiles. Agora, todos os meses entre os dias 22 e 26 visto um terno, coloco um pacote de cocaína na mala e tomo um táxi para o Congresso. Vou para um dos banheiros do Anexo 4, onde meu amigo está esperando, passo a droga e recebo um envelope com o dinheiro. Mas não é só dinheiro que importa, afinal depois que comecei com isso até novos desfiles têm surgido. Só fui preso uma vez e depois absolvido. Acho que outro traficante que atua no Congresso me denunciou, por causa disso tenho andado sempre armado. Moro com meus pais, pago aluguel e eles nunca desconfiaram de nada”. [Jorge – traficante de Brasília]

“Por causa da maconha e da cocaína fui expulso do Dante Alighieri e do São Luiz. Até os 10 anos de idade eu era considerado o bobo da classe, desses que apanham de todos os colegas. Foi assim até eu conhecer um pessoal mais velho que fumava maconha, numa festa na casa de um colega do Dante. Fiquei amigo desse pessoal e sabia onde encontrar a droga. Por causa disso fui expulso das escolas. Meu pai, então, me colocou no Colégio Rodrigues Alves, uma escola pública na Avenida Paulista. Logo me enturmei com o pessoal. Conheci todas as bocas da Bela Vista onde se vende maconha e cocaína em bares”.

“Com 14 anos, uns amigos levaram cocaína na classe e pela primeira vez na vida eu cheirei. Era uma aula chata de Matemática, espalhamos o pó na carteira e o professor nem percebeu. A cocaína é muito cara, então combinava com os traficantes de levar o pó para os amigos da escola, arrecadava o dinheiro deles e ganhava a minha parte. Com uns 15 anos mais ou menos, comecei a roubar toca-fitas para comprar mais pó. Vendia os toca-

fitas em um bar e os caras do bar passavam para a revendedora do fabricante, que os repassava para quem tinha aparelho com seguro e tinha sido roubado”.

“Com 16 anos, passei a fazer tráfico mais pesado. Ia buscar cocaína nas favelas do Aeroporto e da Aclimação. Nos barracos a coca é mais barata e melhor, mas para comprar é preciso ser apresentado por alguém para os caras saberem que você é de confiança. Também ia buscar o pó em bares do Glicério, em uma pensão próxima à Beneficência Portuguesa ou com um paralítico que pede esmolas em uma galeria da Avenida Paulista. Vendia para alunos do Colégio Bandeirantes, do São Luiz, do Objetivo e em alguns bares também da Paulista. Tinha clientes burgueses, até em Alphaville, mas ali o quente mesmo era um investigador do Deic, que controlava tudo. Comecei a roubar carros para garantir proteção policial. Eu dava os carros e eles não me incomodavam. Frequentava as festas dos Jardins e numa delas fiquei conhecendo um advogado de uma multinacional. Ele fazia muita encomenda. Dava-me roupas e me emprestava um Landau. Com esse carro eu levava o pó para os amigos dele. Eu recebia os endereços e ia até lá. Quando era prédio os caras me esperavam na portaria. Também usava o carro para distribuir a droga no Colégio São Luiz. Entrava com o carro no colégio, no mesmo lugar onde os pais estacionavam para deixar os filhos, pegava uma aluna, dava uma volta no quarteirão e a deixava no mesmo lugar, com cocaína na bolsa. Agora, parei com isso”. [Luiz – usuário estudante e ex-traficante de São Paulo]

**ISTOÉ/SENHOR Nº 1128 – 08 maio 1991 – O Ídolo Decaído [Capa]** Menem aproveita-se do caso Maradona. **Pg. 56-62 – O Craque Virou Pó [Internacional: José Carlos Bardawil]** Atraído para uma armadilha montada pela polícia argentina, Maradona é preso com estardalhaço, autuado por porte e consumo de cocaína e libertado após pagar fiança de US\$ 20 mil. Acossado por suspeitas sobre envolvimento com o tráfico de drogas, o governo Menem mostrou serviço.

**Quadro:** Os argentinos avaliam seu craque.

[Aqui se esconde Diego Armando Maradona. O ex-Deus dos estádios agora não é mais do que um homem assustado e acuado. (...) O prédio onde Maradona se esconde tem um aspecto soturno, condizente com sua tragédia.]

“Diego, agora, quer ser um outro homem”. [Marcos Franchi – procurador de Diego Maradona]

[Já teria iniciado tratamento psicológico em sua própria casa e poderá segui-lo por uma temporada numa clínica especializada, caso seja necessário. O ‘apoderado’ (procurador Marcos Franchi) está preocupado em refazer a imagem do ídolo caído.]

[O presidente Carlos Saul Menem, antes tido como um dos mais queridos amigos de Maradona, é a principal barreira para a recuperação da imagem pública do jogador.]

[Ayala (El Soldadito), um dos mais diletos amigos de Maradona, costuma viajar frequentemente a Nápoles, onde frequenta pontos de distribuição, e compra cocaína, segundo informes das polícias européias.]

[A grande surpresa foi a visita de Diego, na noite de quinta-feira, 25. Maradona chegou ao prédio, em companhia de Ayala e outro amigo, German Perez. Os três entraram e não mais saíram do apartamento. Foi quando surgiu um problema de implicações políticas.]

[A ordem de invasão do apartamento só foi dada várias horas depois. Isso pode significar que houve consulta a alguma instância superior, ou que se quis dar um tempo para os avisos à imprensa, ou as duas coisas.]

“Mas, Diego, veja como você está. Você é um exemplo para os nossos meninos. Você tem que ser um exemplo...”. [Jorge Chiosone – policial da Argentina]

“Exemplo? Exemplo de quê? O louco, corta essa! Exemplos quem dão são os caras inteligentes, não eu, que sou um burro. [...] Quero ficar de cara descoberta, já estou liquidado, não tem drama”. [Diego Armando Maradona – jogador da Argentina]

[A rigor só não existem dúvidas a essa altura sobre o fato de Maradona ser mesmo um viciado em cocaína. O procurador Franchi tentou uma forma de dourar a pílula, afirmando que o ídolo realmente se drogava há três meses, desde que seus problemas na Itália se aprofundaram.]

[Nunziello Giuliano, um arrependido da Camorra napolitana, revelou que o vício de Maradona vem de longe, com a benção da máfia de Nápoles.]

[Ao que tudo indica, Maradona mergulhou no vício de cabeça nos últimos dois anos, quando Nápoles começou a notar, e a sofrer, uma mudança muito profunda na personalidade do craque, o garotão do arrabalde portenho se tornou o jogador de futebol mais famoso e mais rico do mundo.]

[Dieguito perdeu a paz desde que um jornal especializado em mexericos divulgou há alguns meses a história de um affair amoroso entre Coppola e Cláudia Villafane (sua mulher), que Maradona se apressou em desmentir, com seqüelas, contudo, de dor-de-cotovelo.]

[Dona de uma célebre casa chamada Falcão de Ouro, Carmelina está no topo de uma lista de mulheres fáceis que Maradona freqüentou assiduamente nos últimos anos.]

“Homem fascinante, afetuoso, disponível e sobretudo fiel. Ama as mulheres, as anedotas de duplo sentido e de diversão. Cocaína? Pura invenção”. [Guadalupe Barreira – vedete de network de Nápoles]

[A derrocada na carreira do craque argentino e a sua decadência moral coincidiu com seus atritos com o Napoli. (...) Não favoreceu a recuperação de sua imagem pública e continuou a provocar o Napoli com atitudes de menino mimado. (...) O craque parecia ser um superdotado tanto para enfiar a bola na rede quanto para se meter em encrencas.]

[Daí ao fundo do poço foi apenas um salto. Em fevereiro, sai das páginas esportivas para as policiais: é acusado por um tribunal de Nápoles de envolvimento com tráfico de drogas e a prostituição.]

[A torcida fiel o aplaudiu, mas o presidente Menem já lhe preparava a armadilha que culminaria com a prisão e destituição dos cargos de assessor em assuntos esportivos e embaixador para a promoção da Argentina no Exterior.]

[Naqueles mesmos dias de abril que antecederam o calvário de Maradona, o governo Menem pareceu enterrar-se ainda mais no charco do narcotráfico, quando vieram a público as denúncias da DEA – Drugs Enforcement Administration, um órgão do governo americano que se dedica ao combate do tráfico de entorpecentes em todo o mundo.]

[É fato notório, em Buenos Aires, que ficou mais fácil a obtenção de cocaína na cidade depois da posse do governo Menem. (...) Não há quem se arrisque a acusar diretamente Menem por esse boom, mas os fatos indicam que, neste momento, a Argentina ingressou na rota internacional do tráfico de drogas.]

[Maradona foi o símbolo falso do governo Menem que se queria eficiente e da Argentina que se queria retornando a sua força econômica e política dos tempos passados. (...) Na verdade, o escândalo Maradona é uma visão hipócrita de uma tragédia que envolveu um pobre jogador de futebol – que não estava preparado nem para a glória, nem para a deterioração moral do poder.]

**VEJA Nº 22 [XXIV] - 29 maio 1991 – Meninos de Rua: Os Filhos da Miséria e do Crime [Capa]. Pg. 34-44 – Infância de Raiva, Dor e Sangue [Especial: Mário Simas Filho e Lula Costa Pinto]** Os meninos de rua vivem numa cadeia de violências que começa em casa e termina na geladeira do IML. **Como é a Família [Eliane Azevedo]** A maioria das crianças vem de lares em estado de colapso, com pais destruídos pela falta de emprego fixo e pelo alcoolismo. **Como é a Vida na Rua [Mário Simas Filho]** As crianças roubam o dia inteiro, cheiram cola de sapateiro, brincam de esconde-esconde, namoram e até visitam os pais de vez em quando. **Como Eles Morrem [Lula Costa Pinto]** O IML do Recife recebe quinze corpos de crianças mortas por mês, dos quais 8% são brancos e 80% sofreram algum tipo de tortura.

[Com 155 passagens pela Funabem, A.D. é aquilo que a legislação define como menor infrator. (...) Até completar 18 anos, ele não pode ser responsabilizado criminalmente, mesmo que roube e mate. A.D. é o menor abandonado, o menino de rua, o pivete, o trombadinha de olhar ameaçador que, em número cada vez maior, perambula pelas metrópoles.]

“Não me lembro de ninguém de quem eu goste de verdade. Não acredito em nada, nem na minha sombra. Se for preciso, eu mato. Não vim ao mundo para ser semente”. [A.D. - menor]

[O governo estima que 800.000 meninas e meninos saem à rua, todos os dias, para ajudar no sustento da família. (...) As entidades que tentam ajudar essas crianças acreditam que 80.000 meninos e meninas de rua sejam infratores e até bandidos perigosos.]

[Nesse passado poético também estão as lembranças dos mais velhos sobre um país onde se podia andar na rua sem medo de assalto.]

“A criança que vai para a rua sabe que irá encontrar uma realidade muito violenta. A diferença é que, com toda sua brutalidade, a rua é menos violenta que suas casas. A sociedade tem um comportamento muito estranho. A mesma dona de casa que é capaz de xingar um menino mal vestido, ordenando que se afaste, fica muito satisfeita quando ele aparece na feira para carregar as sacolas até em casa”. [Alda Marco Antônio – engenheira e secretária do Menor de São Paulo]

[A miséria, o desenraizamento de migrantes que são atirados na periferia das cidades e, em consequência, a desestruturação das famílias – todos esses fatores servem para explicar o aparecimento e a proliferação das crianças-bandidas nas ruas.]

[Os garotos só roubam, matam e morrem porque existe uma sociedade adulta que utiliza seus serviços baratos. São traficantes de drogas que os recrutam como entregadores. Revendedores de mercadorias roubadas que adquirem seus relógios a preço de banana.]

[A ação mais efetiva é obra daquelas pessoas que são o sal da terra: os voluntários, as entidades religiosas, alguns educadores e juizes de menores.]

[No terreno do espalhafato inócuo, foi criado o Ministério da Criança. Num Estado conhecido por manter milhares de funcionários inúteis espalhados por dezenas de órgãos, o novo ministério é uma máquina feita sob medida para não funcionar.]

“Não vamos fazer ações espetaculares. Os problemas são muitos e terão de ser enfrentados com cautela. Só podemos esperar soluções no final do governo”. [Alceni Guerra – ministro do ex-Ministério da Criança]

[Os meninos continuam na rua. E lá continuarão. Roubando, matando, amando e morrendo.]

**VEJA Nº 46 [XXV] – 11 novembro 1992 - Drogas: O Fim do Glamour [Margem]. Pg. 78-83 – O Fim da Apologia às Drogas [Comportamento: Fabrício Marques]** A cocaína se populariza e ninguém mais identifica o uso do pó com projeção social.

**Quadros:** O tóxico que mais cresce; Os números da cocaína.

[Já faz algum tempo que a droga, que abriu caminho através do circuito dos ricos e famosos, alcançou também a juventude de classe média e, em algumas capitais, passou a ser usada por jovens delinquentes sob a forma de um derivado bem mais destrutivo, o crack. (...) Ninguém mais identifica a cocaína com projeção social, com criatividade ou comportamento de vanguarda, como acontecia na década passada entre alguns consumidores iludidos.]

“Acho que as drogas são prejudiciais à saúde. Parei radicalmente. Sou uma atriz e tenho que me preocupar com a aparência. Não posso ficar com 80 quilos e com olheiras. Depois dos 30 anos as drogas envelhecem as pessoas”. [Maria Zilda – atriz]

“Tive uma experiência curta mas intensa com a cocaína. Eu fazia uma novela em que interpretava uma prostituta. Convivi com o submundo, fazendo um trabalho de

pesquisa, e as prostitutas me davam cocaína de presente. Comecei a me sentir estressada. Senti o perigo e resolvi parar. Esporadicamente, fumo maconha. Mesmo assim, não me sinto mais atraída”. [Beth Goulart – atriz]

“Decidi parar de usar drogas porque elas estavam afetando minha produção. A polícia e a Justiça estavam sempre atrás de mim. Hoje, sofro patrulhamento dos meus amigos que usam drogas. Eles consideram o fato de eu ter parado quase uma traição. Me oferecem drogas e perguntam se eu não vou querer mesmo”. [João Luiz Woenderbag Filho – Lobão – compositor]

“A droga está mais barata. Tem pontos de venda espalhados por toda a parte”. [Maria Helena Leite Hunziker – professora de Psicologia da USP]

[Quem usava cocaína como droga de status está perdendo a motivação. São raras agora as festas de artistas ou de colunáveis em que a cocaína é o número principal do espetáculo. O consumo continua firme, mas já não se vê com tanta frequência anfitriões distribuindo pó aos convidados com aquele ar de cumplicidade que era a delícia de muita gente anos atrás.]

“É profundamente deslegante usar drogas na casa de outra pessoa. O problema é o mesmo de acender um cigarro no elevador. Tem gente que não gosta e deve ser respeitada”. [Danuza Leão – escritora]

[O LSD, uma espécie de bandeira das hordas hippies, é visto hoje com o mesmo estranhamento que provocaria uma calça boca-de-sino. Nos anos 60, era considerado um passaporte para um estágio especial de sensibilidade, uma exclusividade das tribos iniciadas no ritual.]

[Se todos os guitarristas brasileiros mergulhassem numa piscina de LSD, não sairia de lá um único Jimi Hendrix.]

“Vocês acham a droga um barato, não é? Pois é um lixo. Se o piloto do avião que me trouxe aqui tomasse droga, não haveria concerto essa noite. Se o fabricante da aparelhagem de som se drogasse, não haveria concerto essa noite. A droga paralisa”. [Lou Reed – compositor]

[A maconha continua sendo consumida, mas não é mais encarada como um distintivo da juventude inquieta, rebelde, preocupada com a paz de todos e o relaxamento para a própria carcaça. Maconha, hoje, é apenas maconha, um tóxico, um agente de escapismo, só isso.]

“Cocaína, particularmente, acho uma boa porcaria: essa coisa de as pessoas ficarem cheirando pó no banheiro e depois passarem a noite falando as grandes verdades é um saco. De maconha, que eu nem considero droga, às vezes dou um tapinha, mas não me diz grande coisa. Drogas, francamente... Já usei tudo o que você pode imaginar e não tenho a menor saudade”. [Francisco Buarque de Hollanda – compositor]

[Os médicos advertem para o surgimento de problemas de dependência psicológica, alterações cardíacas e neurológicas. (...) A cantora Elis Regina morreu de overdose de cocaína em 1982.]

[Nos anos 80, a cocaína conquistou muita gente pela fama que tinha de aumentar a capacidade de trabalho. Era um tempo em que a expressão “fazer uma carreira de brilho” podia significar ambas as coisas.]

[O problema das drogas no ambiente de trabalho continua, mas cresce a percepção entre os usuários de que os entorpecentes são incompatíveis com o desempenho profissional.]

“Se me oferecerem cocaína numa festa, não vou me comportar como um monge. Mas acho muito mais instigante, para a minha cabeça, pintar um quadro do que usar cocaína”. [Ivald Granato – artista plástico]

“Nunca arriscaria tomar alguma coisa antes de subir ao palco. Preciso ter o controle exato dos meus músculos, como uma bailarina, e as drogas atrapalham”. [Giulia Gam – atriz]

[Entre os usuários, alguns sustentam uma curiosa convivência despreocupada com as drogas, convictos de que podem consumir, desde que pouco e ocasionalmente. Acreditam que, tendo esse cuidado, ficarão livres de estabelecer um vínculo de dependência.]

“Muita gente que frequenta a noite cheira cocaína. Eu cheirei bastante quando era mais jovem, como todo mundo no Rio de Janeiro. Hoje prefiro um bom uísque, mas não recusaria o pó se me oferecessem”. [Jorginho Guinle – socialite]

“A maconha me relaxa. Mas eu evito usar maconha com frequência. Já fui viciado em cocaína e tive de parar porque a minha resistência foi para o brejo”. [Marcelo Rubens Paiva – escritor e apresentador de TV]

“Já vi muitos pacientes que se diziam usuários esporádicos começarem a abusar em determinado momento e se tornarem viciados”. [Patrícia Streparava – médica de São Paulo]

[O uso esporádico de drogas passa a idéia de que é possível entrar e sair controladamente do universo paralelo que elas produzem. Algumas pessoas conseguem parar quando percebem os efeitos deletérios da droga. Outras, não.]

“A droga deforma a personalidade, acaba virando uma muleta, sem a qual o dependente acha que não pode mais enfrentar o mundo e as suas inseguranças”. [Ruy de Mathis – psicólogo]

[Sigmund Freud, o pai da psicanálise, foi fisgado pela sedução da cocaína. Demorou um pouco para que ele percebesse como estava enganado.]

[Existem pessoas que trocam a cocaína pela maconha, na crença de estar substituindo uma droga pesada por outra leve. (...) O uso contínuo da erva leva a um estado de relaxamento permanente, quase uma letargia.]

[Por toda a parte, o desafio provoca preocupação e um debate cada vez mais intenso, enquanto o tráfico se expande escandalosamente e a criminalidade se desenvolve à sombra desse comércio venenoso e mortal.]

“A repressão alimenta o crime e penaliza os consumidores, obrigados a pagar qualquer preço por um produto de qualidade duvidosa”. [Gary Becker – economista dos EUA e Prêmio Nobel de Economia]

[A idéia de que as pessoas perderiam o interesse pelas drogas se elas fossem legalizadas é altamente duvidosa, além de oferecer o risco de um caixote de pólvora.]

[Tais propostas são polêmicas e passam ao largo das questões éticas e sanitárias que envolvem as drogas.]

“O Estado não pode estimular o uso de drogas, porque elas prejudicam a saúde e atrapalham a percepção das pessoas”. [Charles Rangel – parlamentar de Nova York]

[Embora existam penas de até três anos de prisão para quem for flagrado com pequenas quantidades de entorpecentes, há uma tendência entre os juizes de fazer cumprir a pena em liberdade.]

**ISTOÉ Nº 1215 – 13 janeiro 1993 – Exclusivo: Meninos da Rua e da AIDS [Margem]. Pg. 28-32 – A AIDS de Cada Dia [Comportamento: Valéria França, Antônio Carlos Prado e Juca Rodrigues]** A partir de um arquivo da Febem, ISTOÉ revela o cotidiano e o destino de menores infratores aidéticos.

[O inferno tem três bocas em pleno centro de São Paulo. (...) Os que entram nesses infernos já deixaram do lado de fora da vida toda a esperança: são menores que passam o dia roubando, muitas vezes para dar o dinheiro a adultos miseráveis que os abrigam, cheiram crack e transam livremente. Mas, aqui, o inferno é mais embaixo: quase todos têm Aids. Mais embaixo ainda: eles vieram de outro inferno, a Febem.]

“Nesse casarão, eu e todos esses meninos temos Aids. Há gente que nega que esteja contaminada, mas eu sei que todo mundo está com Aids. Aqui somos todos viciados”. [Rosana]

“Quem tem Aids é ela, eu não. Mas dentro da Febem tem muita gente aidética sem tratamento médico. Só vai mesmo para o hospital quem está bastante mal. [...] Lá tem muito mato e ninguém vê a gente. Teve uma menina que foi *estrapada* [estuprada] por dez caras. Depois disso ela começou a querer transar com todo mundo lá dentro. A gente sabia que ela tinha Aids, por isso eu saía de perto. Antes da minha última saída, eu já tinha passado umas 13 vezes pela Febem”. [Edson Barbosa]

[Ela imagina ter pego Aids pelo uso de drogas injetáveis e soube de sua situação de saúde quando tinha 16 anos e estava na Febem. Rosana começou a tomar baque (cocaína diluída na água e injetada na veia) aos 11 anos de idade.]

“Aprendi a me drogar com meus tios, que se chamavam Cosme e Damião. Eles também eram bandidos. O Cosme foi morto pela polícia e o Damião acabou atropelado. Fui criada na violência e gente como a gente se mata com as próprias mãos”. [Rosana]

“Quando não estão doidos, com crack [cocaína em pedra] na cabeça, eles conversam muito comigo. No fundo, eu acho que a maioria tem bom coração. Só que eu nunca soube que eles têm Aids”. [Sônia da Silva – ex-moradora de rua]

[Desempregada e sem moradia, Sônia vivia nas ruas. (...) No limite do que é possível a um marginal fazer o bem a um miserável, Camburão (ex-interno da Febem) a levou para a garagem do casarão.]

[Trata-se de alguém que criou as suas próprias regras no jogo de violência em que vive. Camburão escolhe a pensão. Expulsa à força os seus moradores. Coloca então no local menores, alguns com Aids e outros não, que conheceu na Febem – e que, como ele, vivem fugindo da instituição.]

[Rosana é a chave de entrada desses meninos no hotel, que funciona como uma espécie de esconderijo. (...) Nesses locais em que vivem, os menores se tornam praticamente prisioneiros do próprio medo. Nas ruas, só andam em grupo. Em casa, permanecem com as janelas fechadas e portas trancadas com correntes e cadeados para dificultar a invasão da polícia ou de pessoas estranhas que queiram roubar crack.]

“Essa [3 horas da tarde] é a hora de começar a se agitar [trabalhar], agitar um esquema. Há dias em que é possível tirarmos mais ou menos Cr\$ 1 milhão, o que dá para comprar os nossos bagulhos [crack]”. [Rosana]

[Se Rosana soube que estava com Aids pela própria Febem, há quem tenha sido submetido ao mesmo teste e não foi informado do resultado. (...) Ronaldo só soube que é aidético quando, a partir do arquivo, ISTOÉ foi procurá-lo com o resultado do exame nas mãos.]

“Se eu tenho Aids, a minha família também tem? Isso não é impossível, já experimentei de tudo, principalmente drogas injetáveis. [...] Eu era menino e precisava de dinheiro. Se me dissessem que no inferno davam trocados para lavar carro, iria para lá na hora. [...] Meu pai morreu quando eu ainda era criança e todos lá em casa precisavam se virar para ajudar a minha mãe. [...] Eu me perdi várias vezes pela cidade e não tinha dinheiro para voltar para casa. A minha defesa e sorte foi aprender a ser esperto como os garotos mais velhos. [...] Na primeira vez, entra-se na Febem por ser cheirador de cola. Na segunda vez, porque virou furtador. Na terceira, assaltante. E, na quarta, assassino. Todas estas fases são necessárias para se alcançar o respeito dos outros internos. Se você for laranja [otário] dentro da Febem, no mínimo será estuprado todos os dias. [...] Sem ela [Febem] os ladrões estariam soltos nas ruas. Os garotos da Febem não são santos. Se eles não fossem rígidos nós tomaríamos conta do lugar. [...] Isto aqui não foi nada. Cortei minha testa no pára-brisa do carro durante uma fuga de um assalto a banco. Como dirijo muito bem, sempre fui o motorista. Não há viatura da Rota que consiga me alcançar no volante. Trata-se do orgulho de ser visto como herói. [...] Prefiro acreditar que o exame possa estar errado do que aceitar que toda a minha família, até os meus filhos, está condenada à morte. Até hoje me achei um vitorioso por não estar preso ou morto”. [Ronaldo Santos]

“Quando estava na Febem, fui levado ao Emílio Ribas [hospital de doenças infecciosas de São Paulo] para fazer o teste de Aids. Então eu aproveitei e fugi. Mas só soube do resultado quando, alguns meses depois, voltei para a Febem porque fui preso em flagrante num assalto. Avisaram a minha avó, mas eu não recebi nenhum tratamento médico. [...] Já desgracei a vida de muita gente. Não dá para contar o número de mulheres que eu transei. Morei muito tempo na zona de prostituição de Santos, mas namoradas só tive duas. Na hora eu esquecia. Só usei [preservativo] com uma das minhas namoradas. Mas ela era muito burra. Tinha dia que queria que eu usasse, no outro não queria mais. [...] Além de aspirina, os médicos da cadeia conseguiram um pouco de AZT para mim. Esse remédio é como uma droga. AZT cria dependência e eu não quero morrer por ser viciado em AZT. [...] Eu sempre quis me dar bem na vida sem muito esforço. Mas meu paraíso durou pouco. Conheci um grupo de chilenos que alimentaram meu sonho de conhecer Atlantic City, nos Estados Unidos. Foi quando comecei a me drogar, consumindo de quatro a cinco gramas de cocaína na veia por dia. Tive de vender tudo o que tinha, até a televisão e o carpete. Cheguei a virar mendigo. Ter sido mendigo é o único fato do qual me envergonho na vida”. [Alexandre Vianna – presidiário de Taubaté-SP]

[O arquivo da Febem revela casos como o de Rosana e seus amigos que vivem com Aids no centro de São Paulo, de pessoas como Ronaldo Santos que não foram avisadas pela instituição do resultado positivo dos exames e acabaram casando e tendo filhos, de ex-internos que não foram tratados e hoje estão morrendo de Aids dentro de cadeias públicas, a exemplo de Alexandre Vianna. A grande maioria dos garotos que frequentam esse arquivo, no entanto, estão mortos.]

“Em 1988, quando ele [Alexandre] se encontrava numa das unidades da Febem, a do Tatuapé, uma assistente social informou ao nosso pai que ele estava com Aids. [...] Os inspetores não levaram o meu irmão para ser tratado no hospital, que tinha uma vaga a sua espera. Recorremos então a uma assistente social da entidade e ela explicava que estava havendo desencontro de informação, porque já havia pedido a liberação. [...] Meu irmão me falava na época que, mesmo reclamando de fortíssimas dores, nenhum funcionário da Febem dava qualquer remédio para ele. Remédio só em último caso. Nem os outros meninos aidéticos, que não eram poucos e apresentavam sintomas graves, eram liberados para ir para casa e ficar com a família”. [irmã de Alexandre Cândido – falecido na Febem]

**ISTOÉ Nº 1221 – 24 fevereiro 1993 – Remédios Fajutos [Capa]** Má-fé, incompetência e ignorância põem em risco a saúde do brasileiro. **Pg. 46-51 – Overdose de Descaso [Especial: Malu Oliveira]** Ao iniciar a caça aos remédios ineficazes, o governo expõe o quadro crítico de uma indústria que não respeita a saúde da população.

**Quadros:** Raio X do comércio da doença; O conto do elixir; A hora da contraprova; Dose múltipla.

[Responsável pelo bem-estar da população, o Ministério da Saúde avisa aos consumidores incautos que uma parte dos medicamentos que ele mesmo autorizou a indústria a produzir, os médicos a receitar e as farmácias a vender, não serve para nada.]

“O que fazem com a população é um absurdo. Ninguém sabe em quem confiar”. [Antony Wong – chefe do Departamento de Toxicologia do Hospital das Clínicas da USP]

[Não há controle nem fiscalização sobre as drogas fabricadas e vendidas no país.]

[Segundo a Organização mundial de Saúde, bastam 450 substâncias (princípios ativos) para se tratar 90% das doenças existentes. (...) Desinformada e sem acesso ao serviço médico, boa parte da população se automedica, acreditando em propagandas enganosas ou em conselhos de balconistas de farmácia.]

“O que se fazia até hoje era um registro cartorial, sem nenhum controle técnico”. [Roberto Chabo – secretário nacional de Vigilância Sanitária]



[Embora louvável (...), a ação do Ministério acabou criando muito mal-estar e insegurança. O anúncio atabalhoado e espetacular colocou sob suspeita toda a indústria farmacêutica e os médicos que se servem de suas fórmulas.]

“O governo tem não só o direito, mas também o dever de fiscalizar os produtos. Mas isso precisa ser feito de forma séria, através de uma análise técnica, e não como jogada de marketing”. [José Eduardo Bandeira de Melo – vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica – Abifarma]

[O Centro de Vigilância Sanitária da Secretaria de Saúde de São Paulo vistoriou no ano passado cinco fábricas de antibióticos. Em duas delas, os remédios despejados nas farmácias não tinham a quantidade de princípio ativo prometida na bula.]

“Isso é muito grave, pois estamos lidando com remédios para infecções, doenças que podem matar”. [Marisa Lima – farmacêutica da Secretaria da Saúde de São Paulo]

[Para o Conselho Regional de Farmácia de São Paulo (...) o que existe de mais grave na indústria farmacêutica brasileira é a fabricação de remédios com princípios ativos associados.]

“Nos países desenvolvidos já é prática corrente usar o princípio ativo puro na fórmula, o que aumenta a eficiência e evita os efeitos colaterais que muitas associações provocam”. [Eliane Gandolfi – presidente do Conselho Regional de Farmácia de São Paulo]

“Tudo depende do mercado. O que interessa para o consumidor de um país nem sempre interessa a outro”. [Ronaldo Leão Abud – cardiologista diretor científico do Laboratório Baldacci]

[O problema é que não se está tratando de preferências de consumo. Mas da saúde da população. No Brasil parece que está tudo de ponta-cabeça quando se fala em medicamentos. A não ser os remédios classificados com tarja vermelha e preta – vendidos exclusivamente sob receita médica – todos os outros podem ser anunciados livremente em jornais, revistas, rádio e televisão.]

“As propagandas são vergonhosas, pois abusam de aspectos subjetivos para vender remédios como se fossem produtos inócuos. A falta de ética também está presente nas farmácias, onde os laboratórios oferecem prêmios ao balconista que vender mais determinada marca”. [Elisaldo Carlini – médico presidente da Sociedade Brasileira de Vigilância de Medicamentos – Sobravime]

“Eles [Laboratório White Hall] ofereciam desde coleção de canetas e relógios até calculadoras e televisores. Eu ganhei um relógio”. [Antônio Alves Souza – balconista de São Paulo]

“Há muita controvérsia sobre o efeito desses produtos. Então, porque os médicos não foram ouvidos antes de tomar uma decisão destas?”. [Mauro Cardoso Filho – presidente da Associação Médica Brasileira]

[Se o presidente da entidade que reúne cerca de 200 mil médicos em todo o Brasil não sabe, imagine o consumidor de remédios.]

[Na verdade, nem todos os medicamentos proibidos temporariamente padecem do mal da ineficiência. Alguns saíram de circulação apenas porque o nome induz à crença de que podem alterar num passe de mágica uma condição de que só a cirurgia seria capaz.]

“O erro do governo foi colocar no mesmo saco um monte de porcarias com remédios bons que não são aceitos por uma corrente da medicina. O governo é que tem de dizer quais são seus problemas e não nós”. [Paschoal Millito Neto – diretor de desenvolvimento corporativo do Laboratório Ache]

“Há falhas na listagem, mas ela é o começo de uma ação que se fazia necessária há muito tempo. [...] A falta de rigor fez com que surgissem dezenas de laboratórios sem condições técnicas e seriedade, sem falar nos clandestinos, que nem passam pelo crivo, mesmo que falho, do governo”. [Elisaldo Carlini – presidente da Sobravime]

[A versão do fabricante e do farmacêutico era tida como suficiente para a garantia do produto. Ao contrário das regras vigentes nos países de Primeiro Mundo, aqui não se faziam testes de laboratório, não se convocavam comissões médicas para ver sua

necessidade no país, nem se conferiam os estudos científicos comprovando o resultado do novo elixir.]

[Como o país não protege as patentes de quem descobriu determinada substância no exterior, a grande maioria dos laboratórios nacionais simplesmente copia a fórmula desenvolvida nos Estados Unidos ou na Europa e se remete aos estudos científicos já apresentados pelos concorrentes para atestar sua eficácia.]

[Segundo a Sobravime, há uma pequena 'indústria' de registros. (...) Sem fiscalização, o campo sempre esteve aberto para os inescrupulosos.]

"Admitimos que nos períodos de congelamento ou controle muitas indústrias faziam pequenas modificações no produto sem nenhuma justificativa farmacêutica ou médica, mas apenas para aumentar o preço". [José Eduardo Bandeira de Melo – vice-presidente da Abifarma]

[É no mínimo chocante que um dirigente de uma entidade de classe assuma publicamente uma transgressão tão séria como essa.]

"Não podemos negar que há maus profissionais, desinformados, mas a maioria nunca receitou estes remédios que estão sob suspeita. São produtos vendidos nas farmácias, empurrados pelos balconistas ou anunciados na televisão e no rádio". [Mauro Cardoso Filho – presidente da Associação Médica Brasileira]

[Mas não são apenas os balconistas e a propaganda nos meios de comunicação os responsáveis pela compra de remédios sem receita. A transmissão cultural, de pai para filho, e os conselhos dos amigos também induzem à auto-medicação.]

"Quem um dia não sonhou em ser médico? Como não consegui chegar lá, me realizo ajudando as pessoas que vêm aqui sem orientação. Ninguém é perfeito, nem os médicos". [Carmo Antônio Ferreira – funcionário de drogaria de São Paulo]

"Minha família sempre consumiu Epopler para tratar problemas digestivos. Não vamos ao médico por causa de má digestão. Temos um estoque em casa. Se não desse certo já teríamos percebido". [Elide Pugliese Miranda – dona de casa de São Paulo]

[Para os fabricantes, as divergências científicas devem ser discutidas na academia. Num mercado livre, alegam, têm de ficar os medicamentos que atendem a todas as correntes. Parecem não levar em conta que a livre concorrência, muito saudável, não pode ultrapassar os limites éticos, beneficiando-se das deficiências da Vigilância Sanitária.]

"O governo prejudicou a credibilidade da indústria farmacêutica como um todo. É preciso seriedade para fiscalizar". [Ralf Dieter Petrich – diretor da área farmacêutica da Bayer]

[Além da lista de remédios suspeitos, o secretário pretende submeter a uma comissão de especialistas e a testes rigorosos todos os produtos existentes no mercado e os que solicitarem registro a partir de agora. (...) Um decreto vai obrigar que os remédios tragam impressa na embalagem, ao lado do nome de fantasia, a substância ou princípio ativo.]

"Farmácia não é empório. E remédio é um produto social diferenciado que deve ser regulado pelo poder público. A auto-regulação não existe em nenhum lugar do mundo". [Roberto Chabo – secretário nacional de Vigilância Sanitária]

**VEJA Nº 11 [XXVI] – 17 março 1993 - Sexo, Drogas e Brigas na Dinda [Capa]** Os novos ataques de Pedro a Fernando Collor. **Pg. 16-21 – Última Pá de Lama [Brasil]** Pedro Collor revela que o ex-presidente consumia cocaína no governo e aponta dois casos de adultério de Rosane.

"Rosane disse que iria revelar à imprensa que ela colocava supositórios com cocaína em Fernando. [...] Na época de estudante, Paulo Octávio e Fernando estavam sempre juntos. Quando chegava de madrugada, costumava encontrá-los trancados no quarto do Fernando, fazendo o que, não sei. [...] Fernando fez vasectomia antes de se casar com Rosane e sabia que não podia ser pai. Ele ficou furioso e exigiu que lhe contassem a história da gravidez. Foi quando ficou sabendo do caso de Rosane com Luiz

Mário. [...] Fernando adora bater em mulher. Quando era casado com Lilibeth, ele lhe deu tantas p... no ouvido que o médico foi vê-la porque ficou surda. [...] Taís, a mulher de Cláudio Humberto, teve um romance com Fernando. Ela era funcionária na TV Gazeta e vivia suspirando pelos corredores”. [Pedro Collor – irmão do ex-presidente Fernando Collor de Mello]

[Atingiu-se o fundo do pântano. (...) A entrevista de Pedro Collor ao *Jornal do Brasil* descreve um mundo lamentável, que provoca asco. De 1989 a 1992 a população brasileira foi submetida a uma impostura chamada Fernando Collor de Mello.]

[A rigor nem há novidades substanciais na entrevista de Pedro Collor ao *JB*. Seus principais temas – drogas, homossexualismo e caráter fraco – foram abordados pela revista dominical do jornal inglês *The Sunday Times* em janeiro de 1991.]

[De há muito há falatório associando Fernando Collor a drogas. Em Brasília, onde passou a juventude, Collor ganhou o apelido de “Fernandinho do Pó”. Em alagoas, quando era governador do Estado, políticos que freqüentavam seu gabinete tinham a convicção de que Collor era um usuário constante da droga.]

[No ano passado, em sua entrevista a VEJA, Pedro Collor disse que o irmão consumira cocaína e LSD na adolescência, e que inclusive o iniciara no consumo de drogas.]

“Rosane disse a amigos que iria revelar à imprensa, entre outras coisas, que ela colocava supositórios com cocaína em Fernando. Ela falava que queria ver se ele tinha aquilo roxo para levar adiante a intenção do divórcio”. [Pedro Collor – irmão do ex-presidente]

“Já vi vários casos de pessoas que tomaram cocaína com supositórios. Algumas tinham medo de AIDS, e por isso abandonaram as seringas. Outras queriam esconder alguns sintomas do uso de cocaína, como a vasodilatação, que em determinadas pessoas faz verter sangue pelo nariz”. [Fernando Varela de Carvalho – farmacologista da Santa Casa de São Paulo]

[Quando elaborou a lista de padrinhos de seu primeiro casamento, Collor não se esqueceu do advogado carioca Allan Mihai Fauru, que, mais tarde, foi indiciado como traficante de Maceió e condenado a seis meses de prisão.]

**VEJA Nº 26 [XXVI] – 30 junho 1993 - Vitaminas: O Poder das Superdoses [Capa]. Pg. 72-79 – A Química da Vida [Saúde]** Os cientistas descobrem que superdoses de algumas vitaminas podem ajudar a evitar o enfarte, certos tipos de câncer e retardar o envelhecimento.

**Quadros:** Vitaminas em doses e superdoses; Uma terapia que dá gosto; O sono difícil de Itamar.

[Algumas descobertas recentes mostram que essas substâncias podem retardar o aparecimento dos sinais da velhice, afastar alguns tipos de câncer e diminuir pela metade as chances de um ataque cardíaco.]

[Para se beneficiar dos efeitos de cura, as pessoas precisam ingerir algumas vitaminas em dosagens tão elevadas que é preciso recorrer às cápsulas, à venda no mercado. A indústria farmacêutica está rindo à toa.]

“Os resultados são fortes demais para serem ignorados”. [Meir Stampfer – pesquisador da Escola de Medicina de Harvard – USA]

[Se o que se busca é apenas a vitamina em questão, fica mais barato comprar a cápsula em vez de passar na feira.]

“A nova geração de pesquisas sobre vitaminas pode estar encontrando um jeito muito mais econômico de tratar e prevenir as doenças crônicas”. [Charles Butteworth – médico da Universidade do Alabama – USA]

[Esse novo poder atribuído às vitaminas está surpreendendo os médicos. A maior surpresa é que eles próprios estão se servindo das pílulas, convencidos de que elas podem ajudá-los a viver melhor e por mais tempo.]

[Os médicos brasileiros também aderiram. Esse é o indicador mais confiável de que o papel das vitaminas na manutenção da saúde e exorcização das doenças mudou para melhor.]

“Existem evidências concretas de que as vitaminas A, C e E desaceleram o envelhecimento. É por isso que eu as estou tomando”. [Elisaldo Carlini – professor de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina de São Paulo]

[Uma das maiores autoridades brasileiras em drogas e medicamentos, Carlini é uma voz insuspeita. Ele dirige o Cebrid, um centro de pesquisas que há anos é uma trincheira de combate a laboratórios fraudulentos e à mania brasileira de auto-medicação.]

“Agora que a ciência resolveu levar a sério as vitaminas, muitas novidades boas surgirão para quem as toma regularmente”. [Linus Pauling – cientista duas vezes Prêmio Nobel de Química – USA]

[O que os cientistas enxergaram no metabolismo celular regado por esse coquetel foi algo formidável. Essas vitaminas (C, E e betacaroteno - antioxidantes) mostraram-se capazes de conter a ação dos chamados radicais livres, substâncias que, à semelhança de seus homônimos na política, destroem o tecido celular, deixando o organismo mais vulnerável a todo tipo de agressão.]

[Para muitos médicos as evidências atuais já bastam para que os adultos sadios aumentem seu consumo de vitaminas. Mesmo que algumas dúvidas ainda persistam, o melhor a fazer é correr até a farmácia da esquina.]

[A promoção das vitaminas da condição de alimento para a de remédio está permitindo aos médicos abordar certas doenças com mais sucesso do que podiam há alguns anos.]

“Essa pesquisa é uma revolução no tratamento da diabete juvenil. Doses grandes de nicotinamida administradas na idade certa podem preservar até metade das células que, de outra forma, seriam destruídas pela doença”. [Geraldo Medeiros – endocrinologista de São Paulo]

[A ciência vive hoje a segunda onda das vitaminas, marcada pela descoberta de que seus efeitos vão muito além da nutrição. (...) Como seria de esperar, os laboratórios já perceberam o mercado explosivo que se está abrindo para eles com a terapia das megadoses.]

“As vitaminas são um campo ainda inexplorado para as indústrias, que sempre investiram em como curar e não em como prevenir”. [Luís Roberto Bonecker – gerente de marketing do Laboratório Roche]

[Na corrida para ganhar o mercado, muitas vezes o atropelo funciona em prejuízo do consumidor. São tantas as marcas e as formulações de suplementos vitamínicos que é imprescindível consultar um médico antes de começar a engolir as cápsulas.]

“Os homens que tomam doses suplementares de ferro correm riscos maiores de sofrer ataques cardíacos”. [Geraldo Medeiros – endocrinologista de São Paulo]

[É por coisas assim que vale a pena obter o conselho de um profissional antes de fazer a lista das vitaminas e sair para a ronda das prateleiras.]

[Não existe ainda a cápsula da beleza, da inteligência ou da vida eterna. Tampouco há a cápsula que substituiu todos os nutrientes de uma bela refeição – nem os prazeres.]

[O que se descobriu a respeito das superdoses de vitaminas aponta para ganhos extraordinariamente significativos que afastam o espectro de doenças fatais como o enfarte e o câncer. Mas não se trata, ainda, de uma droga mágica.]

“É um erro entupir-se de cápsulas de vitamina e achar que só isso dá saúde”. [Cláudio Scherr – cardiologista]

[O mercado brasileiro de vitaminas já começa a mudar ao sabor da revolução que está em andamento nas farmácias, principalmente dos Estados Unidos.]

[Receitando vitaminas isoladamente, os médicos conseguem fazer uma cesta básica mais de acordo com as necessidades de cada paciente.]

[Embora não seja prioridade número 1 para as crianças, já se está tornando um hábito complementar a alimentação delas com cápsulas mastigáveis vitaminadas.]

“Fico satisfeita quando as crianças tomam as vitaminas. As crianças adoram porque elas têm formato imitando bichinhos”. [Regina Gonçalves – pedagoga de São Paulo]

[A revolução das superdoses chegou graças às pesquisas que começaram a ser feitas no começo da década de 80. Elas prometem desovar grandes novidades nos próximos anos. (...) A terapia das vitaminas está já ao alcance de quase todo mundo.]

“Tomo diariamente uma cápsula do complexo vitamínico suíço Pharmaton, que me fornece 1 grama de vitamina C, a mesma quantidade de A e E, além de vitamina D, cálcio e zinco. A complementação é necessária porque os alimentos estão com muitas toxinas devido à poluição e perdem suas propriedades”. [Ivo Pitanguy – cirurgião-plástico]

“Faz dois anos que eu comecei a tomar todos os dias 400 unidades de vitamina E, meio grama de vitamina C e um comprimido de vitamina A. Sempre tive boa saúde, mas fui convencido pelas evidências de que essas vitaminas inibem a ação dos radicais livres no organismo”. [Elisaldo Carlini – professor de Psicobiologia da EPM-SP]

“Dependendo do dia e da carga de trabalho, tomo de 1 a 4 gramas de vitamina C sintética. Prefiro as marcas americanas, mas quando estou no Brasil me contento com 4 gramas por dia de Redoxon, do laboratório Roche. Também costumo tomar a vitamina C Cewin”. [Carlos Scherr – cardiologista]

“Todos os dias tomo as seguintes vitaminas: C (1 grama), E (400 unidades) e betacaroteno. As cápsulas são da marca americana Health, que compro sempre que vou ao exterior. Eu não tomo nada que contenha ferro ou iodo, nem complexos vitamínicos”. [Geraldo Medeiros Neto – endocrinologista]

**VEJA Nº 18 [XXVII] – 04 maio 1994 - Crack: As Pedras do Pó [Margem]. Pg. 54-63 – As Perversas Pedras do Pó [Especial: Elio Gaspari e Egberto Nogueira]** Em São Paulo o crack alucina quem o fuma, quem o vê e quem o combate pensando em guerra às drogas.

**Quadro:** O delegado dos sonhos do drogado.

“Vendo papelão. Vivo na rua. Um sujeito queimou meu barraco e eu matei ele. Paguei no Carandiru. Estava lá no dia da matança. A tropa de choque veio pelos dois cantos do corredor. Mataram tudo. Pararam perto da minha cela. Meu filho Bruno está na Febem. Tem 13 anos, vende amendoim na rua. Prenderam numa batida, faz vinte dias”. [Baralhão – traficante de crack]

[Baralhão pega um isqueiro, aquece a pedra e aspira fundo. Em menos de quinze segundos a cocaína chega ao seu cérebro e provoca uma forte constrição dos vasos. Tuiiiiiinnn. É a Luz, o Relâmpago, o Estalo. Seus olhos vidram, desliga-se. Coisa de um segundo. Baralhão move-se, nervoso. (...) Absorvida a dose, falta dopamina nos circuitos e, onde houve luz e movimento, há silêncio e escuridão. É a nóia.]

“Fui para o Carandiru porque assaltei uma casa. Fumo há quatro anos. Quando preciso, roubo gente na rua, dou o bote”. [Bruno – traficante de crack]

“Não cato papel, nem o Bruno vende amendoim. A gente vende pedra. Quem quer sabe que aqui tem. Também não moro na rua. Tenho um barraco. Pedra não tem loucura. Só treme o coração. É ruim. Leva para o buraco. Fico sem comer, mas não fico sem pedra”. [Baralhão – traficante de crack]

“Fumo desde 1990. Estou na rua há quatro anos, vegetando. Minha desgraça são essas malditas e maravilhosas pedrinhas. Elas me dão paz. Vejo o preto mais preto, o branco mais branco. Tudo fica mais claro, eu entendo melhor. É ruim ter que conversar com esse pessoalzinho. Eles medem a vida pelo tamanho da pedra. Meu problema é que, quanto mais eu vou, mais eu quero. Já fumei cinco dias seguidos. Dormi em pé. Caí de sono. Minha nóia é a próxima”. [Leila – usuária de crack]

[Nóia vem de paranóia. Nela sucedem-se alguns minutos de alucinações (calçadas cravejadas de pedras, policiais entrando pela janela do 10º andar, baratas andando

debaixo da pele) e a depressão provocada pela falta de dopamina nos circuitos químicos do cérebro.]

[Ela (pedra do crack) saiu no *The New York Times* e acendeu-se a pedrinha da percepção social. Chegara ao mercado uma nova droga, muito mais poderosa que a cocaína.]

“Com quarenta anos de cancha, no início eu não acreditava no que eles descreviam”. [Elisaldo Carlini – professor de Psicobiologia da EPM-SP]

[Tamanho mudança na quantidade de cocaína levada ao cérebro determina uma alteração na qualidade do efeito. O advogado não fica mais inteligente, nem o artista, mais seguro. Da pipada resulta apenas a vontade de fumar outra pedra.]

“O crack desaponta a noção de prazer que se espera de uma droga. Ele é um estado de pura necessidade de ficar drogado, só tem a ver com a necessidade de fumá-lo”. [Avital Ronnel – professora e escritora dos EUA]

“Este ano, se tive dois flagrantes, tive muito. O que vem até nós é pouco, mas temos só três investigadores”. [Rinaldo de Santis – delegado de São Mateus de São Paulo]

“Quando as coisas vão bem, entrego de 600 a 700 pedras. De quinta a domingo tem movimento para isso”. [Wesley – traficante de crack]

[Há crack em São Paulo e o perfil do viciado é o de um pobre com menos de 30 anos, passado de drogas, vivendo em bairro degradado, em família desestruturada. (...) No Centro e nos conjuntos habitacionais de São Mateus e Cidade Tiradentes, não há mais pó, só pedras.]

“Aqui no pedaço só se compra farinha para fazer pedra”. [José Carlos – traficante da Bela Vista de São Paulo]

“Isso disparou há um ano, mas agora empestou. De dez pessoas que eu conheço, sete estão fumando pedra. Até gente do movimento, gente que vendia farinha. Eu não vendo porque suja o ponto”. [Paraibinha – traficante do Centro de São Paulo]

“Antes do fim do ano o crack será a droga mais consumida nesta cidade. Isso resultará sobretudo da migração de quem cheira cocaína”. [Alberto Corazza – delegado-chefe da divisão de prevenção e educação – Dipe – do Denarc – São Paulo]

“No início, quando nós atendemos um garoto de 14 anos que acabou morrendo, a gente achou que aquilo era uma tragédia. Hoje virou rotina. [...] Tenho saudade desse tempo [1989]. Era cocaína, álcool e maconha”. [Sônia Maria Borges Depieri – escritora e assistente social da polícia]

[Melhor entender esses novos tempos sem o recurso a alucinações sociais. (...) Patrulhas de policiais e PMs (Operação Limpeza) rondam a zona com a imponência de quem protege o cofre do Banco Central e a inutilidade de quem procura discos voadores.]

“Ação ostensiva para pegar traficante é coisa para a imprensa”. [Afonso Henrique Hardt de Siqueira – chefe de equipe do Denarc – São Paulo]

[As investidas sobre a zona pertencem a um imaginário segundo o qual uma cidade tem “pontos negros”.]

[As alucinações sociais alternam visões redentoras e apocalípticas. (...) Por outro lado vem um condomínio de policiais e jornalistas anunciando que a droga invade e assola as cidades, avançando sobre a classe média.]

“Aqui não entra crack porque a malandragem não deixa. Primeiro porque, se você comercia um produto, não vai botar outro, menos lucrativo, no mercado. Depois, porque aquilo é uma coisa alucinada. Não sei como deixam. O craqueiro é um irresponsável. É uma pessoa que você não pode mandar fazer uma entrega, receber um dinheiro. Ele não responde pelos seus atos. A pedra é como a heroína, deixa o sujeito pancada. Porque o sujeito vai trazer para dentro da boca uma coisa que desarticula os soldados? No morro do Rio, cachimbo é para fumar maconha e seringa é para tomar injeção. Fora disso, é coisa de otário. Antes do Carnaval um fornecedor deixou uma picape no estacionamento do Barra Shopping com 100 quilos de cocaína e quatro de pasta. Ela serve para fazer pedras baratas. Eu disse que não ficava, ele respondeu que era baratinho, mas teve de levar de

volta para São Paulo. Aqui não entra. Se o sujeito compra cocaína para fazer pedra no asfalto, não é problema nosso. Até tem quem faça. Lá nas boates de Copacabana de vez em quando aparece. Mas aqui em cima não fuma. Isso tem que ter um jeito. Tem que barrar”. [Fábio – traficante da Zona Sul do Rio de Janeiro]

[O crack da classe média é uma alucinação. Para o serviço de repressão policial o fenômeno é irrelevante.]

“Imagine o mercado de calçados. Ele pode ter-se expandido, mas deve ter sido pouca coisa. Em compensação, nos últimos dez anos o tênis tomou conta. O crack substituiu a cocaína nas classes mais pobres como o tênis substituiu o sapato”. [Afonso Henrique Hardt de Siqueira – chefe de equipe do Denarc – São Paulo]

“O sujeito começa a fumar mantendo os valores e os hábitos da classe média, mas a droga toma conta da vida dele. Em pouco tempo ele vira marginal. Rouba em casa para comprar a droga”. [Alberto Corazza – delegado-chefe do Dipec – Denarc – São Paulo]

“Tem sujeito que tem emprego e trabalho certo. Começa a fumar no fim de semana, depois de cuidar de todas as respostas. Depois começa a fumar de noite. Em quatro ou cinco meses descabela e larga a resposta. Vi pouca gente largar a pedra”. [Wesley – traficante de crack]

“Eu fumava maconha desde os 18 anos. Fiquei desempregado em maio do ano passado e em agosto um amigo mostrou uma pedra. Fumei e disse: ‘É isso que eu quero’. Dias depois fui buscar maconha e comprei três. Com três eu passava o dia sem pensar em emprego. Em setembro estava com 4 quilos mais magro. Em outubro vendi o relógio e pipei três dias seguidos. Dias depois tive uma crise respiratória. Em novembro vendi a televisão, o rádio e algumas roupas. Passava o dia trancado e só comia frutas, leite, mel e aveia. Eu era respeitado na boca. Tinha crédito. Na nóia, achei que morreria na rua e a família descobriria tudo. Guardava as pedras atrás de uma tomada. Um dia tinha gente em casa, saí com tudo em cima, subi numa árvore e fumei da 3 às 9 da noite. No fim do mês tinha perdido 12 quilos, dormia de olhos abertos e sentia dificuldades para mover os pés. Em dezembro fiquei sem dinheiro, as pernas perderam a sensibilidade abaixo das canelas. Era parar ou morrer. Fumei mais duas vezes, joguei tudo fora e fui ao Hospital das Clínicas. Estava com o sistema nervoso devastado. Consegui emprego há um mês, vou para a cama às 10, levanto às 6 e faço quatro horas de ginástica. Se o sujeito não tem formação, não sai. E, se tem e não o ajudam, também fica. Por favor, anote para sair na sua revista: ‘Obrigado, Ed, eu te amo’. [Rogério – ex-usuário de crack]

[Enquanto a “farinha” varia na pureza, as pedras variam no tamanho, mas de maneira geral as duas modalidades de droga custam o mesmo. Nisso está o grande paradoxo do crack paulista: é uma droga que cai como uma luva nas ansiedades de um miserável desempregado e custa tanto quanto o vício de um milionário na cocaína.]

“Quem acredita que por ser de pobre o problema do crack não é seu deve pensar em hordas de miseráveis alucinados pelas pedras barbarizando pela cidade”. [Afonso Henrique Hardt da Siqueira – chefe de equipe do Denarc – São Paulo]

“Com a pedra eu ganho e fico esperto de tudo. Fico ligeiro. No desacerto, não marco. Fico malvado. Sou malvado”. [Wesley – traficante de crack]

[No Brasil não existem pesquisas relacionando criminalidade e drogas. Não existem sequer equipamentos capazes de dizer se uma pedra apreendida pela polícia é cocaína ou crack. O produto dessa falta de conhecimento é uma balbúrdia alucinatória.]

[Números, quem tem é o professor Elisaldo Carlini. É um pesquisador obsessivo. Cata narrativas como os craqueiros catam pedras. (...) É um antialucinógeno.]

“Antes de mais nada, precisamos tirar a aura de dramaticidade em torno desse assunto. Durante muitos anos tratou-se com exagero o fenômeno da cocaína na juventude. Adotou-se uma pedagogia do terror em vez de estudar e prevenir. [...] O crack é muito perigoso e tem de ser tratado a sério. Ele já gerou muita violência, mas isso não justifica a cegueira da sociedade. Eu acho que ele chegará a outras cidades, mas continuo não acreditando na pedagogia do terror. [...] O exagero leva a sociedade a agir histericamente

na direção errada. Praga, chaga, guerra são coisas que nada têm a ver com drogas. São uma nóia social. Quando se começa a falar em 'guerra contra as drogas', o que vai embutido no slogan é a sugestão de rompimento da legalidade, do desrespeito aos direitos humanos. Firma-se a opinião infelizmente disseminada de que a solução para o problema está na repressão, quando na verdade as atividades repressivas devem ser a retaguarda de um esforço preventivo, esclarecedor". [Elisaldo Carlini – professor de Psicobiologia da EPM – São Paulo]

[Se faltam verbas federais para a repressão, para a prevenção falta até mesmo interesse. (...) Nas duas cidades (Rio e São Paulo) é comum que as melhores escolas privadas batam a porta na cara de policiais e voluntários que lhes oferecem palestras. Sete colégios de São Paulo, três de Curitiba e dois de Brasília nem sequer deixaram entrar os pesquisadores do professor Carlini.]

[A última das alucinações leva as pessoas a acreditar que não precisam fazer nada, porque alguém vai cuidar. (...) A assistência aos drogados de Cidade Tiradentes, como a história do "ponto negro", é alucinação. Numa há um mundo melhor atrás do muro da boca. Na outra, o mundo acaba depois do último shopping center.]

**VEJA Nº 23 [XXVII] – 08 junho 1994 - A Cerveja Invade a Copa [Capa]** A Brahma usa a seleção numa campanha agressiva que testa os limites da publicidade. **Pg. 94-104 – A Cerveja Põe Seu Dedo na Copa [Consumo]** A Brahma aproveita a seleção para lançar a campanha mais abrangente e ambiciosa já vista no país. **Pressão de baixo** – A Brahma e a Antarctica perdem pontos, mas as cervejarias menores fazem a festa.

**Quadros:** Disputa gole a gole; Dicas de quem conhece; O tamanho do copo; Onde se bebe mais cerveja.

[Há um dedo a mais nesta Copa. (...) O dedo em questão é o símbolo da cerveja Brahma, a "nº 1". (...) O dedo resume uma das mais agressivas, ou talvez a mais agressiva, campanhas publicitárias que o Brasil já conheceu, a mais ambiciosa em seus objetivos, mais abrangente nos espaços que ocupa e mais polêmica.]

"O que fazemos com a Brahma é um projeto de comunicação total". [Eduardo Fischer – publicitário presidente da agência Fischer, Justus Comunicações]

[Dinheiro e energia passaram a ser empenhados em doses desconhecidas até então, no setor, em busca do coração e do paladar do consumidor.]

[O importante, porque inovador, é a estratégia da Brahma na Copa do Mundo, que compreende, em seus dois pontos mais discutíveis, a técnica da emboscada contra os concorrentes e a da cooptação da torcida brasileira.]

"O que a Brahma está fazendo é pirataria. Ela está se aproveitando de um evento para o qual não contribuiu nem com patrocínio nem com participação, criando problemas para o veículo que está transmitindo a Copa e desrespeitando o patrocinador oficial". [Otávio Florisbal – superintendente comercial da Rede Globo de Televisão]

"A Brahma está aparecendo na Copa sem ter gasto – da forma tradicional – para isso. Do ponto de vista ético, a estratégia é discutível. Coloca em questão o patrocínio, atrapalha os negócios das emissoras e invade a casa do consumidor sem pedir licença. O precedente é perigoso. É uma esperteza, e o Brasil está cansado de espertalhões". [José Carlos Piedade – diretor de criação da agência DPZ]

[No Recife, no jogo entre Brasil e Argentina, Bebeto comemorou um gol levantando o dedo para o ar. Foi a suprema heresia.]

[Sobrou-lhe a emboscada, ou o *ambush marketing*, como o chamam os americanos.]

"Pirata, eu? Sou um dos maiores anunciantes brasileiros. Estou apenas tentando humildemente fazer o meu trabalho. [...] Não sei o que está demais nesta história, se a minha competência ou a incompetência dos outros. Você acha que se eu tivesse conseguido uma cota de patrocínio não faria a mesma algazarra que estou fazendo?". [Eduardo Fischer – publicitário presidente da agência Fischer, Justus Comunicações]



[Fischer tem uma estratégia muito clara para seu cliente, que explica como um general explicaria a estratégia para ocupar o campo de batalha. (...) Ele afirma que a cerveja é um produto que como nenhum outro, exceto o carro, desperta uma relação de afeto no consumidor. Este a chama de “minha loura”. Lambe sua espuma como o gato lambe os filhotes. A cerveja também é gregária. “Ninguém bebe cerveja em casa, sozinho, ouvindo música clássica e chorando”. Mais que gregária, ela é festiva. “Toma-se cerveja para comemorar. Comemorar um aumento de salário, um emprego, uma conquista amorosa, um encontro entre amigos”. Está associada à alegria, ao esporte, ao churrasco. Nas pesquisas que mandou realizar logo ao ser incumbido da propaganda da Brahma, em 1990, uma das perguntas que se faziam aos consumidores era: “Como você pede cerveja?”.]

[Não se pode negar que Fischer traçou uma linha estratégica coerente e fez a concorrência vir atrás. (...) O problema é que a Brahma não se limita aos comerciais. Sua estratégia, para usar uma palavra cara a Fischer, é “total”. (...) A Brahma, generosamente, resolveu patrocinar uma campanha de otimismo “para estimular o povo a acreditar na seleção brasileira”.]

[O mais grave é que, pela porta que elas ofereciam, a Brahma se insinuava para apropriar-se da torcida e de seu ânimo, o que, de certa forma, é apropriar-se do país.]

“Você não pode pegar para si o que é o Brasil. Há coisas que são sagradas: o país, o povo”. [Nizan Guanaes – publicitário da agência DM9]

“Tudo tem de ser ensaiado, não tem? Uma escola de samba ensaia. Um time de futebol ensaia. Pois bem: meu hino também precisava ser ensaiado. (...) O hino não é da Brahma, é do povo brasileiro”. [Eduardo Fischer – Fischer, Justus Comunicações]

[A letra do hino é reveladora da essência da campanha da Brahma. Ele começa dizendo “mais um, mais um, mais um” e depois prossegue: “Vai Brasil, dá um show, mete a bola na rede e mata minha sede de gol”. Mais adiante afirma que “a Copa é a pátria de chuteira no pé e cerveja na mão” e no final proclama: “Você é o número 1, torcendo para nossa seleção fazer de novo do Brasil o número 1”.]

[O povo brasileiro talvez agradeça, mas deveria ficar intrigado com a deliberada confusão entre os territórios da Brahma e da pátria.]

[No conjunto, o pacote é arrasador, sob o ponto de vista publicitário, tanto quanto é perturbador em sua ideologia. (...) O problema é que a campanha da Brahma tem a ver também com o cidadão. Ela força os limites da propaganda e invade territórios que são de outros domínios. (...) Há a questão da intromissão de uma marca em hinos, bandeiras e no entusiasmo do povo – como se desejasse deliberadamente confundir o “B” de Brahma com o “B” de Brasil. Fica-se perguntando: isso pode? E até onde?]

“A cerveja embebeda menos que o uísque e o conhaque. Além disso, alimenta”. [Tom Jobim – compositor]

“Não consigo diferenciar uma Brahma de uma Antártica. Bebo as duas”. [Isadora Ribeiro – atriz]

“Cerveja boa é a que está no meu copo”. [Herbert de Souza – Betinho – sociólogo]

“O que engorda é o abuso, não a cerveja”. [Antônio Mauro Martins – endocrinologista]

**ISTOÉ Nº 1319 – 11 janeiro 1995 – Drogas: Crime ou Não? [Margem]. Pg. 76-80 – A Droga Está Solta [Em Debate: Malu Oliveira]** Ministro da Justiça causa polêmica ao defender a descriminação da maconha.

**Quadros:** Barato total; O(A) Sr.(a) é contra ou a favor da legalização do uso de maconha no Brasil?; Viagem alucinante; A musa do verão.

[O estudante de Direito Rogério Rocco até acendeu um baseado para comemorar. (...) Ganhou um importante aliado em sua luta na defesa dos brasileiros que buscam na maconha um alívio para o stress cotidiano.]

“É um absurdo que se tratem traficante e consumidor como se ambos fossem igualmente criminosos. O consumidor deve ser auxiliado, e não perseguido. Proponho uma discussão transparente e nada será imposto. Não vamos botar esse assunto embaixo do tapete”. [Nélson Jobim – ministro da Justiça]

[Prevedendo uma tempestade que pode lhe custar o cargo, Jobim tratou rapidamente de avisar que não vai fazer da liberação do uso a plataforma de sua gestão.]

“O ideal é desqualificar como crime o porte e uso de drogas e depois estabelecer o controle do Estado sobre a produção e o comércio. Só assim vai-se conseguir acabar com a violência do tráfico”. [Rogério Rocco – estudante coordenador do Movimento pela Legalização das Drogas do Rio de Janeiro]

[As idéias de Jobim e Rocco não se enquadram na categoria do consenso nacional. Muito pelo contrário. (...) Entre os médicos, há desde aqueles que consideram a maconha uma droga inofensiva até os que a vêem como um perigo para a sociedade. A população marcha menos unida ainda.]

“As drogas fazem mal, por isso não devemos favorecer nenhuma delas”. [Dom Boaventura Kloppenburg – bispo de Novo Hamburgo-RS]

“A sociedade caminha para a legalização das drogas porque elas atendem a um apetite do ser humano por novas experiências e à busca de um sentido para a vida”. [José Carlos Galduróz – psiquiatra do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Cebrid – de São Paulo]

[A primeira questão que surge quando se fala na descriminação do uso de drogas é a legal.]

“É contraditório descriminar o uso e punir o comércio”. [Guido Andrade – presidente da Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo]

[A segunda questão de ordem legal diz respeito ao direito de o cidadão decidir o seu próprio destino.]

“O Estado não deve interferir no porte privado de drogas. Nos casos extremos, condeno a pessoa à pena mínima e, como a lei permite, substituo a prisão por multa”. [Luiz Flávio Gomes – juiz da 26ª Vara Criminal de São Paulo]

[Tirar a pecha de criminoso do jovem que eventualmente recorre à *Cannabis sativa* (nome científico da maconha) acabaria beneficiando, em última instância, bandidos como Miltinho, que há pelo menos 20 anos mantém a população do morro do Dendê, na Ilha do Governador, no Rio, sob o domínio do medo.]

“A descriminação do usuário vai aumentar o consumo e será o primeiro passo para a legalização ou a liberação total”. [Elias Murad – deputado pelo PSDB-MG]

“Menos de 10% das pessoas que fumam maconha desenvolvem dependência”. [Dartiu Xavier da Silveira – psiquiatra da Escola Paulista de Medicina de São Paulo]

“Não sou viciada, fumo apenas para relaxar ou me divertir”. [Selma – publicitária de São Paulo]

“Briguei muito com minha mãe, mas um dia experimentei e achei ótimo. Hoje fumamos todos juntos aqui em casa”. [Elaine – estudante filha de Selma]

[O hábito de fechar um baseado em família é cada vez mais comum entre os adolescentes. Muitos deles são filhos dos ex-hippies que popularizaram as drogas e exercitaram o sexo livre. Mas a maioria das garotas e garotos ainda faz de seu hábito um segredo guardado a sete chaves da curiosidade dos pais.]

“Minha mãe já foi doidona também, mas ela não sabe que fumo eventualmente”. [Flávio Tavares – estudante do Rio de Janeiro]

[Em alguns casos, o que seria um hábito inocente acaba se tornando, porém, um problema de dimensões preocupantes.]

“Meu problema foi a cocaína e o álcool, mas reconheço hoje que qualquer droga nos impede de ver o lado bom da vida. [...] Na verdade, ao flagrar o viciado, a polícia vai logo pedindo dinheiro para liberar. Isso já aconteceu muitas vezes comigo. Paguei e não fui sequer fichada”. [Juliana – estudante do Rio de Janeiro]

[A polêmica promete atravessar o ano num ritmo um pouco mais forte do que o tom monocórdio dos juristas ou o 'papo-cabeça' daqueles que já aprenderam a enrolar um baseado. Fumantes e não-fumantes vão 'dançar' em 95 ao ritmo do rap.]

"A discriminação vai evitar que a gente continue a ser perseguido pela polícia. (...) Ninguém mais vai subir o morro, pode plantar em casa". [Marcelo e Bernardo – músicos da banda Planet Hemp]

"Muita gente inocente morre e se endivida por causa de droga. Ela não ajuda ninguém a ir para frente". [Camburão – músico da banda Pavilhão 9]

"Droga não é o maior barato. É barra pesada". [Lobão – músico]

[A polêmica sobre o limite entre o uso da droga por prazer e a dependência que pode levar a problemas no convívio social e até a morte ainda não foi resolvida, nem mesmo no âmbito da ciência. Para alguns especialistas, a maconha é inofensiva se comparada à cocaína, à heroína e ao álcool.]

"Está provado que a maconha não tem o potencial de desinibição do álcool e da coca para a prática de crimes". [André Malbergier – psiquiatra do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Alcoolismo e Farmacodependentes – Grea – do Hospital de Clínicas de São Paulo]

[Um estudo feito pelo psiquiatra Elisaldo Carlini, professor da Escola Paulista de Medicina e atual secretário nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, mostra que o risco de incapacitação para o convívio social provocado pela maconha é muito baixo. A possibilidade de uma overdose levar o viciado à morte é praticamente nula.]

"A maioria dos nossos pacientes não vem aqui só por causa da maconha, mas ela é a porta de entrada para drogas mais pesadas". [Pablo Roig – psiquiatra diretor da clínica Green Wood de São Paulo]

"Ninguém diz que roubou por estar bêbado ou por ter fumado dez maços de cigarro. Mas tenho relatos de pessoas que praticaram atos criminosos depois de fumar um baseado". [Eneida Matarazzo – professora da Faculdade de medicina da USP]

[O Congresso Nacional promete ferver a partir de 1º de fevereiro, com a chegada do incendiário Fernando Gabeira (PV-RJ), ardoroso adepto da liberação dos tóxicos – esta, aliás, uma das plataformas que usou para se eleger.]

"Eu represento pessoas que fumam maconha e não querem ser incomodadas, mas também acho que é preciso ir além da legalização. A política de drogas inclui necessariamente um programa de educação e de recuperação daqueles que são dependentes". [Fernando Gabeira – deputado pelo PV-RJ]

## **VEJA Nº 05 [XXVIII] – 01 fevereiro 1995 – As Drogas Devem Ser Legalizadas? [Capa]**

A repressão fracassou. Buscam-se novas formas de combater o problema e este debate está chegando ao Brasil. **Pg. 80-88 – A Estratégia Número 2 Contra a Droga [Idéias]** Crescimento do consumo e do tráfico reacende discussão sobre legalização de entorpecentes.

**Quadros:** Pró-legalização/Contra a legalização; A devastação que as drogas causam no cérebro; Uma história perigosa de enganos e confusões; O vício por dentro; A escala da tolerância.

[Depois de muitos sacrifícios em dinheiro e em vidas, a política de reprimir as drogas pela força policial e judiciária só tem fracassos a contabilizar.]

[Dignitários de direita, como os economistas laureados com o Prêmio Nobel Milton Friedman e Gary Becker, da ultra-ortodoxa escola de Chicago, defendem pontos de vista muito próximos aos de órfãos do movimento "paz e amor", dos anos 60, e de retirantes da esquerda, como o deputado verde e ex-militante terrorista Fernando Gabeira.]

"A idéia não é tão radical quanto parece. Liberar os entorpecentes seria sensato e humano". [Gary Becker – economista dos EUA]

[Quando se recua no tempo, verifica-se que as opiniões sobre a droga mudaram drasticamente à medida que seus efeitos foram sendo mais conhecidos.]

[Artistas e ativistas em luta pela autodeterminação do indivíduo faziam parte desse grupo. Seu argumento: o Estado não deve meter-se num terreno que seria apenas do cidadão. Drogar-se seria um direito da pessoa, mesmo que pudesse fazer mal. (...) Mas era só. Para a grande maioria das pessoas, legalizar as drogas seria, para começar, imoral. Depois, havia ainda o risco de incentivar a explosão do consumo e a deterioração dos costumes.]

“Criminalizar as drogas lança o usuário nos subterrâneos da sociedade. Torna-se mais difícil identificá-lo e colocar à disposição dele os benefícios da saúde pública que poderiam trazê-lo de volta ao convívio”. [Luc Montagnier – cientista da França]

[A droga em si mesma, não é moral nem imoral. É simplesmente um composto químico. Transforma-se em ameaça para a sociedade quando impõe a ela o convívio com um submundo de marginais e com as agruras da incapacitação física e mental de legiões de jovens, pois são eles as principais vítimas.]

“Todo mundo fica chocado quando uma mãe relata chorosa como a droga arruinou a vida de seu filho, mas ninguém tem essa reação quando alguém conta que perdeu um parente por alcoolismo ou tabagismo”. [Eddy Engelsman – ex-diretor da Unidade para as Drogas, o Tabaco e o Álcool da Holanda]

“A legalização não acabaria com o sofrimento físico e mental das pessoas que abusam da droga, como não poupa hoje os alcoólatras. Acaba, isso sim, com o sofrimento extra que as sanções legais impõem ao usuário e sua família”. [Brian Micklethwait – economista e militante da Aliança Libertária da Inglaterra]

[Do ponto de vista médico, ninguém duvida dos malefícios dos entorpecentes. Criam jovens inertes, vegetalizados. Incapacitam pessoas para o trabalho e o convívio social. Matam por overdose.]

“O risco de quem consome drogas não é só o enfarte. O coração nunca mais volta a ser o mesmo”. [José Antônio Ramires – cardiologista do HC de São Paulo]

[Os prejuízos vão muito além. Com o desenvolvimento da Aids, apareceu outro aspecto tenebroso do uso da droga. Na seringa, compartilhada numa roda de dependentes, pode estar o vírus HIV. Perigo dobrado.]

[O que atrapalha a discussão sobre a melhor estratégia para o campo dos entorpecentes é uma certa confusão sobre os objetivos que se buscam em cada caso. (...) É interessante conhecer as teses dos defensores da legalização, que por enquanto são apenas isso: teses.]

[Nessa discussão, há um aspecto econômico assombroso. O mercado de drogas é provavelmente o negócio mais rentável do mundo, com um movimento de 500 bilhões de dólares por ano. (...) Sentados em seus cofres cheios de dólares, os traficantes compram facilidades da polícia e da Justiça, corrompem políticos, chegam a criar um Estado dentro do Estado, um território em que estão imunes às leis e fazem suas próprias regras, como acontece na Colômbia, o grande fornecedor do mercado mundial.]

[O Exército precisou subir os morros cariocas para tentar combater o tumor.]

“O Rio está tomado por ilhas de caos, onde a autoridade e a Justiça estão nas mãos dos delinquentes. Só mesmo as Forças Armadas para restabelecer a ordem”. [Antônio Carlos Amorim – presidente do Tribunal de Justiça do Estado]

[Com a descriminalização das drogas, se tiraria das hordas de bandidos o osso pelo qual guerreiam. Só isso já seria muito, alegam os defensores da legalização.]

[Há cinquenta anos, toda a cocaína apreendida em um ano nos Estados Unidos (1 quilo) cabia no porta-luvas de um carro. Em 1970, foram apreendidos 250 quilos de cocaína, quantidade que se poderia guardar no porta-malas de um carro. Em 1990, foram apreendidas 120 toneladas – o bastante para encher 120 peruas Kombi. O que desanima é que as quantidades apreendidas respondem por apenas 10% da droga que efetivamente chega aos narizes dos usuários.]

[As estatísticas dos que se drogam habitualmente com o pó é de 1 em 1000. Os grandes vilões estão expostos nas prateleiras do mercado legal – álcool, tabaco, acetona,

remédio para emagrecer, xarope contra a tosse e colírio. (...) Cocaína, no Brasil, é coisa de adulto. Curiosamente, a preocupação do país com o risco das drogas para os adolescentes aponta para o alvo errado.]

[Os defensores da liberalização não pretendem resolver todos esses problemas de saúde com sua campanha. Propõem acabar, em primeiro lugar, com a criminalidade, o que já seria muito em sua opinião. Saúde e questões sociais seriam enfrentadas em novos desenvolvimentos da ação governamental.]

[Crime é um risco calculado. Em assalto ou seqüestro, o risco de vida do bandido é alto e a recompensa nem sempre muito alta. No tráfico, o risco é pequeno. A recompensa, sempre milionária.]

[São inúmeros os argumentos dos defensores da legalização – e são atraentes também. Fáceis de aceitar no terreno das idéias esbarram em dúvidas quando se trata de passar das teses à prática. É muito complicado imaginar de que forma uma mudança desse porte, que envolve novas regras no plano dos costumes, no comportamento da polícia e mesmo na cultura de uma sociedade, poderia deixar o mundo das abstrações.]

“Você está dirigindo seu carro numa avenida e dará de cara com um *outdoor* que não lhe pedirá ‘coma gelatina!’. Pedirá ‘experimente cocaína!’”. [Ronald Reagan – ex-presidente dos EUA]

[A maioria dos defensores da descriminalização admite a necessidade de se regulamentar o comércio e o uso das drogas depois que isso deixar de ser crime.]

“Das drogas, a única para a qual defendo a descriminalização é a maconha. As pessoas devem aprender a não achar que a maconha é uma coisa diabólica”. [Elisaldo Carlini – secretário nacional da Vigilância Sanitária]

[A permitir-se unicamente o consumo e venda de maconha, mantém-se a relação entre os consumidores das demais drogas e o crime. Volta-se à estaca zero do problema. A liberar tudo, corre-se o risco de gerar um gigantesco contingente de viciados compulsivos.]

[Por um lado, a legalização suprimiria a sedução pelo proibido, que em grande medida é o que embala a primeira tragada num cigarro de maconha, ou o primeiro *sniff* numa carreira de coca. Mas é certo também que funcionaria como uma espécie de aval ao consumo.]

[Teme-se que a descriminalização estimule o consumo. Argumenta-se que o cigarro, por mais mal que faça, não destrói a personalidade do usuário nem o incapacita para o trabalho ou para a vida social como fazem as drogas pesadas.]

“A exposição é um perigo mesmo para uma comunidade educada e responsável como é a dos médicos. Considerando que 10% das pessoas que experimentam cocaína apenas uma vez se acabam tornando viciadas, o contingente de usuários costumazes de drogas pesadas no país quase triplicaria”. [Herbert Kleber – diretor do Escritório Nacional da Política de Controle das Drogas dos EUA]

“O número de consumidores poderia até aumentar em 50% e não posso negar que alguns viciados em potencial se transformariam em viciados de fato. São eles o único grupo de perdedores com a legalização”. [Ethan Nadelmann – pesquisador do Woodrow Wilson Center da Universidade de Princeton dos EUA]

[É a lei que está em xeque. Ou ela não está sendo cumprida ou não está expressando como deveria a reprovação da sociedade diante de comportamentos ou atitudes e cobrando reparações justas dos infratores. (...) É pena demais para crime de menos.]

[Se a lei é o que mantém coesa uma sociedade, é sinal de que alguma coisa está errada, da legislação à política de combate às drogas.]

**ISTOÉ Nº 1326 – 01 março 1995 – Executivos Drogados [Capa]** Os coquetéis de cocaína, álcool e remédios entre os homens de negócios. **Pg. 36-41 – Viagem Classe Executiva [Especial: Álvaro Almeida, Gisele Vitória e Luciana Peluso]** Coquetéis de drogas,

remédios e álcool viram combustível de empresários e profissionais para fechar negócios milionários.

**Quadro:** Ferramentas de trabalho.

“Estava drogado quando fechei o maior negócio da minha vida. Vendi um terreno de US\$ 3 milhões para uma grande companhia. No dia de bater o martelo, me reuni com os compradores numa sala da minha empresa. Precisava me manter seguro e dono da situação. Foi uma negociação longa. A pretexto de dar telefonemas, várias vezes interrompia as discussões e me trancava numa outra sala para cheirar cocaína. Tenho certeza de que ninguém percebia o real motivo das minhas saídas. Voltava em ebulição. Sentia que impressionava. Quando a sensação de plenitude passava, sentia-me acuado e hesitante. Foi num desses momentos que quase levei a pior. Os compradores tentaram baixar a comissão da minha empresa, fiquei inseguro, com medo de me impor, e saí novamente da sala para recarregar a bateria. Voltei encorajado e resolvi que não cederia. Fechei então o contrato com a convicção de que tinha abafado. A cocaína me ajudou muito no mundo dos negócios”. [L.C. – economista dono de uma incorporadora de São Paulo]

[Grandes empresários e altos executivos de conhecidas corporações têm lançado mão da droga como uma sedutora e arriscada ferramenta de trabalho. Às vezes, tão indispensável quanto um laptop ou um telefone celular, coquetéis de álcool, cocaína e explosivas combinações de calmantes, anfetaminas e maconha invadem o mundo dos negócios e vêm se transformando em ágeis combustíveis para conservar o ritmo alucinante de trabalho.]

“O alcoolismo puro está em extinção. O que se vê hoje é o uso de um grande coquetel químico. [...] Cria-se um circuito químico no corpo do dependente que começa a pedir doses cada vez maiores e alternadas de estimulantes e relaxantes”. [Sérgio Paula Ramos – psiquiatra chefe do setor de dependência química do hospital Mãe de Deus de Porto Alegre]

[É aí que o desempenho profissional desaba e aparece o comprometimento físico e mental.]

“Me envolvi com traficantes. Era uma espécie de consultor deles. Orientava as lavagens de dinheiro, esquentava e esfriava a grana do tráfico. Me tornei paranóico, agressivo. Bebia para ir trabalhar e cheirava o dia inteiro. Não conseguia parar. Um dia um sócio me encontrou caído embaixo de uma mesa cheia de coca. Em 89, tentei o suicídio. Certa vez saí de casa, transtornado, segurando uma faca e arrastando minha filha de nove anos. Tive uma parada cardíaca. Passei 49 dias internado e, para não morrer, parei com tudo”. [L.C. – economista de São Paulo]

“Uma pessoa com predisposição à dependência, exposta a um esquema de pressão, fica mais vulnerável ao uso de drogas. É o caso de quem trabalha na Bolsa”. [Maria Heloísa Bernardo – psicóloga diretora da clínica Bezerra de Menezes de São Paulo]

“São profissionais brilhantes que tiveram ascensão rápida e, ao contrário do que se imagina, têm uma vida enfadonha. É como se o prazer de ganhar dinheiro não fosse mais suficiente”. [Arthur Guerra de Andrade – PhD em dependência química pela Universidade John Hopkins nos EUA]

“Um dia um cliente me telefonou pedindo para eu comprar um determinado lote de ações. Logo que eu desliguei o telefone já tinha esquecido o que era para fazer. Tive que ligar de novo na maior cara-de-pau. Os clientes, é claro, começaram a notar que eu estava diferente. O negócio foi indo para o brejo. Ganhar dinheiro me ajudou a entrar no pó. Pode parecer piegas, mas achei que a grana ia trazer felicidade e não trouxe. Aos 30 anos, bebia meia garrafa de uísque e cheirava até quatro gramas por dia. Com a cocaína, se você pega pesado, é muito difícil não se dar mal”. [B.E. – investidor e operador da Bolsa de Valores de São Paulo]

[Tranquilizantes e moderadores de apetite também fazem parte do cardápio de muitos executivos, criando o que se convencionou chamar nos meios médicos de dependência cruzada.]

[É a turma do HP. São empresários que tomam com álcool o popular remédio Hipofagin, que dá uma esfuziante sensação de ganho de energia. O Hipofagin derivou para a gíria HP em alusão a 'horse-power' (cavalos de potência), unidade que mede a força dos motores e também abreviatura de Hewlett-Packard, a calculadora profissional utilizada no meio financeiro. O objetivo é aumentar os 'HPs' do corpo.]

"Há executivos que começam a usar drogas só para ser aceitos no time dos mais poderosos. O raciocínio parece primário, mas é típico num momento de insegurança". [Lídia Aratangy – psicóloga e escritora de São Paulo]

"Dividia o mundo entre os loucos e os caretas. Não conseguia conviver com pessoas que não usavam drogas como eu. Até a relação com meus sócios era difícil. Eu os achava pouco ousados, eles não me deixavam fazer loucuras nos negócios. Resolvi abrir uma outra empresa em sociedade com um amigo que era tão louco como eu. Agente virava as noites no escritório cheirando cocaína, fumando maconha e tomando uísque com ansiolíticos. Só que aí a empresa faliu. Comecei a dar cheques sem fundos, fazia orçamentos malucos, dava crédito para quem não podia pagar, o dinheiro foi sumindo. Emagreci 20 quilos, vivia descontrolado. Passava dias sem voltar para casa. Sem dinheiro, tive até de mendigar drogas". [J.H.R. – dono de indústria de São Paulo]

"Os executivos de hoje são os *hippies* dos anos 70. Já viveram em contato com as drogas e, portanto, consumi-las hoje é muito mais fácil". [Sérgio Paula Ramos – psiquiatra de Porto Alegre]

[Para os que não foram iniciados na juventude, o velho e bom *happy-hour* costuma ser uma porta de entrada. Médicos atestam que vários executivos acabam viciados nesse inofensivo relax de fim de tarde.]

"A pessoa desaprende a relaxar e nenhum meio de se desligar das preocupações é mais eficaz do que tomar o popular *lexotanzinho*". [Saulo Castel – psiquiatra de São Paulo]

[É um círculo vicioso. (...) Executiva de uma empresa de comércio exterior, no Rio de Janeiro, só dormia à base de Lexotan ou Lorax. Era o único meio de cortar os efeitos eletrizantes da cocaína e do álcool.]

"A combinação da coca com o álcool era perfeita. Cheirava, sentia subir aquele *speed*, aquela força louca, aquela inteligência, aquele gigantismo... é um zoom impressionante. Comprava dez gramas de cada vez e só parava quando acabava. Também sempre gostei de comprimidos. Fico vidrada naquelas cápsulas coloridas. Consumia porque queria o prazer, o espocar dos fogos, a bomba atômica. Minha vida foi marcada por escândalos. Tirava a roupa no meio da rua, gritava, quebrava a casa. Fui dar um tempo em Maceió. Lá, abri um restaurante badaladíssimo e a vida ficou mais louca. Conheci traficantes que forneciam drogas para importantes políticos de lá. Me sentia poderosíssima. Voltei para São Paulo, me separei e parei de trabalhar. Levava uma vida excelente, pois meu marido me patrocinava. Tinha uma turma da pesada. Chegava na casa dos caras e via de tudo: coca, metralhadora, munição. Virei mulher de bandido e gostava disso. Acabei no atoleiro quando comecei a inchar e a ver bichos andando pelo meu corpo. Fui internada e depois disso abri uma empresa de leilões de cavalo. Por causa do pique de trabalho, virei uma noite tomando 60 comprimidos de anfetamina e Diazepam junto com cerveja. Tive de fechar a empresa. Cheguei a me ver morta". [D.B. – executiva do Rio de Janeiro]

[A abordagem, antes feita só pelos familiares, hoje parte com mais frequência das empresas. (...) Outras corporações começam a encarar um problema que até há pouco tempo era tabu.]

[Levantamentos das próprias empresas mostram que o álcool, fumo e drogas são responsáveis pela terceira maior causa de faltas ao serviço e por 40% dos acidentes de trabalho. (...) Soma-se a isso a estatística da Organização Mundial de Saúde (OMS) de que 10% da população mundial tem algum tipo de dependência química.]

[Em clínicas no Rio e em São Paulo, como Vila Serena, Bezerra de Menezes e Recanto Maria Teresa, passa-se por desintoxicação e terapias de apoio. Narcóticos e Alcoólicos Anônimos ajudam na manutenção da abstinência.]

“Já tivemos casos graves tanto entre operários quanto na alta chefia”. [Virgílio Sampaio Martins – diretor de Assuntos Públicos da Johnson & Johnson]

“Enquanto o problema não afeta diretamente o desempenho profissional, é muito difícil oferecer ajuda ao executivo, até porque ele não vai admitir o uso de drogas”. [Eduardo Ribeiro – diretor de Recursos Humanos da Avon]

“Chegava no trabalho às 7h e às 7h30 já tinha vontade de beber. Perdia a concentração ao negociar com fornecedores. Bebia um litro de uísque por dia. Comecei a perder o controle e minha vida se arruinou. Pedi para ser internado e fiquei 30 dias na clínica Vila Serena, em São Paulo. Há oito meses, tento reconquistar o que perdi, mas é fácil deslizar porque o álcool é uma droga liberada”. [R.G. – executivo da Caterpillar de São Paulo]

[Cotado como um profissional brilhante e promissor, ele já era dependente de cocaína, maconha e álcool desde os 20 anos. Nunca tinha dado bandeira até o dia em que acabou internado na emergência de uma clínica.]

“Minha fissura era tanta que me drogava mesmo sem vontade. Só não injetei cocaína na veia porque tenho pavor de agulha. Era visto como um excelente cliente em várias bocas-de-fumo do Rio. Já cheguei a cheirar 30 gramas num único dia. A última vez que subi o morro da Mangueira para dar um teco, demorei três dias para descer. Saí de lá carregado por uns amigos direto para o hospital”. [M.L.S. – engenheiro da Refinaria Duque de Caxias – Reduc - da Petrobrás do Rio de Janeiro]

“Vale a pena acreditar na recuperação, pois investimos em certos funcionários ao longo de anos”. [Joaquim Ferreira de Melo – médico da Petrobrás do Rio de Janeiro]

[Todo empregado (da distribuidora Shell), do presidente ao faxineiro, tem de se submeter a testes que medem a concentração de drogas no organismo quando é contratado. Não bastasse isso, sorteios para novas baterias de testes são regulares.]

“No mínimo 10% dos funcionários pertencem ao grupo de risco. A resistência ao exame e a reincidência de um resultado positivo são casos de demissão”. [Marcos Tuckerman – gerente de saúde da Petrobrás do Rio de Janeiro]

[Nenhuma empresa quer ser responsável pelos funcionários que não se permitem tratar e que, por isso mesmo, podem vir a causar enormes transtornos.]

“Fui gerente de vendas das empresas de meu pai dos 18 aos 23 anos. Nessa época, cheirava dez gramas por dia, bebia muito e relaxava com maconha. Precisava estar de pé às 7hs e, para isso, cheirava uma carreira. Não ligava para o que iriam pensar os funcionários. Como filho do patrão, isso não teria maiores conseqüências. Comecei a faltar muito. Saía de reuniões para me drogar. Uma vez, esqueci de encaminhar um enorme pedido de compra. Fui afastado do trabalho dos 23 aos 25 anos. Começaram as internações. Cheguei até a ser preso. Me senti acabado. Ainda não é o momento de assumir os negócios da família, mas será um caminho natural. Ser empresário neste país não é fácil, mas quem acha que o caminho das drogas facilita se dá mal”. [M.A. – herdeiro de uma indústria de artefatos de couro de São Paulo]

**ISTOÉ Nº 1347 – 26 julho 1995 – Crack: A Droga Chega à Classe Média [Margem]. Pg. 104-109 – Crack [Especial: Mário Simas Filho e Gleides Pamplona]** A superdroga vira epidemia, conquista a classe média e já contabiliza 150 mil viciados em São Paulo.

**Quadros:** Relógio do vício; A droga no cérebro; Os efeitos do crack; Polêmica médica; Gente fina é outra coisa.

[Hoje, esse coquetel explosivo, produzido a partir da pasta-base da cocaína, não é mais uma droga que atinge apenas os meninos de rua e adolescentes de baixo poder aquisitivo. O crack rompeu as barreiras sociais, circula entre os jovens de classe média, empresários, e já disputa espaço com a cocaína em bares e portas das escolas particulares dos bairros nobres, principalmente de São Paulo.]

“Usei o crack pela primeira vez em uma festa no bairro paulistano de Higienópolis. Quem me ofereceu a pedra foi um colega da Escola Panamericana de Arte. Eu faturava



mais de R\$ 7 mil por mês. Mesmo assim, virei ladrão para poder comprar pedras”. [Marcelo – estudante ex-proprietário de agência de logotipos de São Paulo]

“De março para cá, está cada vez mais difícil encontrar outro tipo de droga. Os traficantes estão trabalhando só com o crack”. [Marcos – executivo e usuário de São Paulo]

[A velocidade com que o crack se alastra é alarmante. (...) Os números tabulados pela polícia comprovam isso.]

“Trata-se da droga com maior poder viciante já vista. Em 20 anos, não vi nada que proliferasse com tanta rapidez”. [Rubens Campos Filho – psiquiatra do Centro de Estudos e Pesquisas Karl Kleist de São Paulo]

“Precisamos tratar o crack como uma epidemia”. [Alberto Corazza – delegado do Denarc de São Paulo]

“Na maioria dos casos há uma dependência rápida, intensa, preocupante e cega”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo]

“Fumei a primeira pedra de crack em março. Foi uma sensação maravilhosa. Um orgasmo no céu. A viagem durou apenas alguns minutos e dois dias depois fumei outra pedra. Foi o suficiente para não conseguir ficar sem o crack por mais 24 horas. Dez dias depois da primeira fumada estava consumindo cerca de 20 pedras por noite. Não conseguia sequer permanecer nas reuniões com meu pai e os demais diretores da empresa. Saía da sala para fumar no banheiro e quando voltava não tinha nenhum discernimento”. [Marcos – executivo de São Paulo]

[O crack atua diretamente no cérebro, com uma rapidez e intensidade não encontradas em nenhuma outra droga. Além disso, em poucas semanas, o usuário perde qualquer vínculo social. As pessoas se isolam e o diálogo passa a existir apenas com a própria droga.]

“Não sei onde estive, apenas me lembro que no primeiro dia troquei o Fiat Tipo de minha mãe por 40 pedras de crack. Quando se está envolvido com o crack, ele vira a única razão de viver. É diferente de outras drogas. Às vezes eu usava cocaína para me sentir forte e fazer alguma coisa. O crack, a gente usa e nada acontece. Você se desliga do mundo”. [Marcelo – estudante de São Paulo]

[Os relatos feitos a ISTOÉ pelos usuários de crack são terríveis. Marcelo admite ter perdido qualquer referencial com a sociedade.]

“Depois de seis ou sete pipadas, as pessoas passam a usar a droga apenas para evitar o desprazer da fissura – a compulsão – e não para encontrar alguma satisfação”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra de São Paulo]

[O crescimento do consumo de crack entre os jovens abastados é recente e avassalador. Começou no início deste ano e preocupa.]

[No Denarc, a divisão de prevenção e educação também já confere o aumento do uso de crack entre profissionais liberais e jovens de alto poder aquisitivo.]

“A polícia é o último lugar a ser procurado por um dependente de drogas que tenha dinheiro. Mesmo assim, já verificamos que o crack entrou na alta sociedade”. [Alberto Corazza – delegado do Denarc de São Paulo]

“Após a breve viagem, os dependentes apresentam quadros de alucinação e paranóia, além de depressão e confusão mental”. [Mário Biscaia – psiquiatra da Casa de Saúde Doutor Eiras do Rio de Janeiro]

[As manifestações mais comuns da paranóia entre os usuários de crack são a sensação de perseguição e a busca por algo que não se sabe o que é.]

“Era um bom ator. Dizia que estava procurando um chinelo ou outra coisa qualquer e eles acreditavam. Enganava não só a minha família como a mim mesmo”. [Zoroastro – representante comercial de São Paulo]

“Achava que todos queriam me matar. Cheguei a pipar dentro de bueiros, imaginando helicópteros da polícia sobrevoando o bairro para me capturar”. [Marcos – executivo de São Paulo]

“Uma noite cheguei a surrar meu avô com um pedaço de pau porque ele bateu à porta do banheiro do quintal onde eu estava em paranóia”. [Marcelo – estudante de São Paulo]

[O delegado Corazza tem razão ao afirmar que o crack virou uma epidemia. Mas não se trata de uma preferência nacional. Por enquanto, é uma praga paulistana.]

[A droga mais forte que tem chegado ao Planalto Central é a merla. Trata-se de uma pasta-base de cocaína que é fumada junto com um cigarro comum. Embora menos potente, ela tem efeitos parecidos aos do crack.]

“No Rio, não se vende o crack pronto. Então, eu subia os morros e comprava cocaína para produzir as pedras. Os traficantes me chamavam de Pancadão. Cheguei a destruir cinco carros da minha mãe. Descia do morro muito doído e batia em tudo o que via. Hoje não tenho mais amigos e não sou capaz de trabalhar”. [Bernardo – músico do Rio de Janeiro]

“Por enquanto a droga não circula muito. Mas nos últimos meses ouvi diversos colegas afirmarem que estão fabricando pedras. Temos uma incidência mínima de crack, só que ela vem aumentando desde fevereiro”. [Mário Biscaia – psiquiatra do Rio de Janeiro]

[Em São Paulo, o crack não virou uma epidemia da noite para o dia. Nenhuma droga se multiplica por acaso.]

“O problema é que enquanto o crack estava restrito à periferia, ninguém se importava. O preço de uma pedra de crack é baixo, mas ela se torna uma droga muito cara. Porque o viciado passa a exigir dezenas de pedras por dia”. [Alberto Corazza – delegado de SP]

“As pessoas têm sido mortas em razão das dívidas acumuladas por causa do crack. Hoje, há efetivamente traficantes especializados em crack. Os primeiros usuários se transformaram em aviões e levam a droga para os bairros mais nobres, onde o consumo cresce de forma impressionante”. [Fernando Vilhena – diretor do Denarc de São Paulo]

“Enquanto usava cocaína, minha empresa tinha lucro e sobrava dinheiro até para promover grandes festas. Com o crack, tudo foi diferente. Precisei roubar coisas de casa e até objetos de estimação de meus pais para poder pagar as pedras”. [Marcos – executivo de São Paulo]

[Ele (Marcos) afirma ter várias amigas, universitárias, que se prostituem em troca do crack.]

“Transportar a pasta-base de cocaína é mais fácil do que transportar o pó, porque a polícia já conhece bem as artimanhas dos traficantes de cocaína”. [Alberto Corazza – delegado de SP]

[O Denarc aposta no controle da venda de bicarbonato de sódio como maneira mais eficaz para o combate ao crack.]

“Nos bares de Pinheiros e da Vila Madalena, em São Paulo, pode-se comprar crack com facilidade. E tem mais, a pedra é de melhor qualidade, pois vem sendo feita com pasta pura e em forno de microondas, em forminhas especiais. Assim, todas as pedras têm o mesmo tamanho e o preço pode ficar mais justo”. [Marcelo – estudante]

[O curioso é que da mesma forma que o traficante é o principal responsável pelo aumento do consumo de crack em São Paulo, é também o responsável pela inibição do ingresso da droga no Rio de Janeiro.]

“O sujeito sob efeito do crack fica incontrolável e não respeita nenhum limite social”. [Rubens Campos Filho – psiquiatra do Rio de Janeiro]

**ISTOÉ Nº 1355 – 20 setembro 1995 – Remédios Que Matam [Capa]** Eles provocam dependência e levam à loucura. O brasileiro é o maior consumidor mundial dessas drogas. **Pg. 36-41 – Drogas Legais [Especial: Mário Simas Filho e Gleides Pamplona]** O brasileiro é o maior consumidor mundial de remédios para emagrecer, que viciam facilmente e podem até levar à morte. **Quadros:** Alta tensão; Lista negra.

[Os anorexígenos são produzidos com anfetaminas e têm alto poder viciante. Eles atuam no sistema nervoso central, provocam euforia, aumentam a energia e causam crises de abstinência. Podem causar taquicardia, elevação da pressão arterial e levam muitos usuários à esquizofrenia.]

“Na verdade, esses remédios pouco resolvem. A obesidade é causada, na maioria das vezes, simplesmente pelo fato de as pessoas comerem demais”. [Kees Jongcheere – representante da Organização Mundial de Saúde – OMS – no Brasil]

[A legislação brasileira determina que os remédios produzidos com anfetaminas tenham sua comercialização controlada. (...) O problema é que esse sistema não tem controlado absolutamente nada.]

“Compro na beira da estrada, sem receita. Depois que tomo, sinto só emoção, alegria, vontade de acelerar e de transar. Às vezes dá tremedeira e seca a boca. Quando acaba o efeito, a gente começa a lembrar das contas a pagar e toma outra dose para chegar mais rápido e pegar outra carga. Se acontecer atraso na entrega, perco 10% do valor do frete”. [Paulo Maluco – caminhoneiro de Lages-SC]

“Para começar a tomar os primeiros remédios, precisei comprar uma receita médica. Depois, apenas levava a caixa vazia e o farmacêutico me vendia algumas caixas sem o menor problema, mas com preços acima da tabela”. [Fernanda Fernandes – advogada do Rio de Janeiro]

“Nunca encontrei dificuldades para comprar Inibex nas farmácias de Brasília. Há seis anos minha irmã foi parar no hospital depois de tomar dois comprimidos de Inibex. Sentia os efeitos colaterais, como taquicardia, mas estava perdendo peso com muita rapidez. Isso me agradava. [...] Engordei tudo de novo e ainda por cima entrei em estado de depressão. Foi muito difícil abandonar as anfetaminas”. [Líbia Alves de Oliveira – dona de casa de Brasília]

“Há pacientes que chegam a ficar mais de dois meses internados para poder sair da depressão”. [Rubens de Campos Filho – psiquiatra do Instituto Karl Kleist de São Paulo]

[O Ministério da Saúde tem conhecimento de que as clínicas psiquiátricas estão entupidas de dependentes de anfetaminas. Sabe-se também que os remédios para emagrecer ocupam lugar privilegiado na escala das drogas mais utilizadas pelos estudantes. Perdem para a maconha, mas são bem mais usados do que a cocaína.]

[As operações desencadeadas pelo governo têm se revelado um coquetel de fracassos. Em agosto de 1994, o ministério proibiu a produção e a venda de medicamentos à base de anfetaminas combinadas a tranqüilizantes.]

“Os *obesólogos* de plantão passaram a administrar dois comprimidos ao paciente. Um com anfetamina e outro com tranqüilizante. Há também aqueles que passaram a encaminhar os pacientes às farmácias de manipulação”. [José Rubem de Alcântara Bonfim – presidente da Sociedade Brasileira de Vigilância de Medicamentos – Sobravime]

“Infelizmente, nenhuma dessas medidas surtiu efeito. O consumo de remédios não diminuiu”. [Elisaldo Carlini – secretário da Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde]

“Em nosso país, há leis que pegam e outras que não pegam. [...] Em nosso país é comum a vizinha sempre receitar uma fórmula mágica para a amiga gordinha. Muitos médicos são quase obrigados por pacientes que cultuam o corpo acima de tudo”. [Pedro Henrique Silveira – presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo]

[De acordo com a Sociedade de Vigilância de Medicamentos, o principal motivo que faz do Brasil o maior consumidor de drogas anorexígenas do mundo é o péssimo costume que o brasileiro tem de se automedicar.]

[O hábito de tomar e indicar remédios com quem diz bom-dia tem um resultado perverso quando aliado à publicidade enganosa sobre certos produtos químicos.]

“Diariamente, por intermédio dos meios de comunicação, a população passa a conhecer vários remédios que prometem curar qualquer problema. Essas propagandas vendem ilusões”. [José Rubem de Alcântara Bonfim – presidente da Sobravime]

“Os laboratórios instalados no Brasil são muito bem fiscalizados e não fazem nenhum tipo de propaganda enganosa. Só podemos mostrar na tevê os remédios não controlados. A propaganda dos comprimidos que contenham anfetaminas é feita apenas entre os médicos, através da distribuição de amostras grátis e explicação sobre todos os prováveis efeitos colaterais do produto”. [Gianni Samaja – presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas de São Paulo]

[Na verdade, quando a OMS fala em propaganda enganosa, está se referindo muito mais aos chamados ‘remédios naturais’ do que aos produtos industrializados. Nesse caso, a entidade mundial está coberta de razão.]

“É uma velha conhecida [farmácia de manipulação Mãe Natureza], sempre envenenando os brasileiros. A novidade é que agora estavam fazendo o mesmo intencionalmente”. [Elisaldo Carlini – secretário da Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde]

[Os números catalogados pela ONU revelam que no Brasil o consumo de remédios para emagrecer deu um salto gigantesco a partir de 1988. (...) Vendendo a idéia de que o paciente está adquirindo um remédio feito exclusivamente para ele, as farmácias de manipulação cresceram 60 vezes mais do que os laboratórios entre 1988 e 1994. (...) Esses estabelecimentos são a porta de entrada de muitas pessoas no caminho da dependência de anfetaminas.]

“Comecei a tomar o maldito Hipofagin em 75, quando tinha 22 anos. Sentia uma dor violenta na nuca e a boca ficava tão seca que eu tinha que mascar chiclete o tempo todo. Alternava momentos de euforia e depressão. Hoje só tomo remédios manipulados nas melhores farmácias do Rio. E apenas quando tenho uma festa para ir ou quando estou muito ansiosa. Assim perdi 34 quilos em menos de um ano. Estou com 79 quilos e quero perder mais um pouco, para que o peso fique equilibrado à minha altura de 1,75m. Nas escolas em que dou aula, os alunos vêm me cumprimentar pela força de vontade. Já subo escadas sem sacrifício”. [Lígia Maria Ventura Moura – professora do Rio de Janeiro]

“Meia hora depois de tomar o primeiro comprimido [Dualid], senti uma forte euforia. Depois, veio uma sensação de moleza e uma vontade de não fazer nada, nem de falar com as pessoas. Era depressão mesmo. Tomei o remédio durante cinco meses e perdi os dez quilos. Resolvi parar. Comecei a sentir fortíssimas dores de cabeça e achei muito estranho aquilo tudo. Nunca mais coloquei na boca um moderador de apetite, pois tenho certeza de que todos eles acabam com a saúde”. [Samira Muller – funcionária pública de Brasília]

[O consumo de anfetaminas tem os mesmos efeitos e conseqüências do que o uso de cocaína. Os pacientes que procuram inibidores de apetite se dividem em três grupos: os que querem emagrecer, os que buscam apenas maior disposição e os que pretendem fugir da depressão. (...) Está provado que o uso de anfetaminas provoca dependência rapidamente.]

“Não há nenhuma garantia científica de que esses medicamentos funcionem no tratamento da obesidade”. [Carmen Selva-Elizalde – chefe da Unidade de Controle de Drogas – Junta Internacional de Fiscalização de Estupefacientes – da ONU]

“Essas drogas com anfetaminas são como uma faca. Servem para cortar pão, mas também podem matar uma pessoa. O que precisamos é de critérios para receitá-las”. [Alberto Serfaty – nutrólogo do Rio de Janeiro]

“Até que é bom os remédios causarem dependência, pois as pessoas tomam a vida toda e não engordam mais. O importante é que o médico conheça o histórico do paciente antes de sair receitando sem critérios”. [Renato Di Dio – presidente da Associação Brasileira para Estudo da Obesidade]

[É evidente que os remédios consumidos de forma aleatória, sejam ou não anfetamínicos, tendem a trazer problemas sérios. (...) O problema é encontrar uma fórmula capaz de evitar que esses medicamentos virem apenas fonte de lucro, ou então, sirvam para saciar a ansiedade de pacientes neuróticos.]

[Elisaldo Carlini, da Vigilância Sanitária, testa uma nova receita para barrar o consumo de anfetaminas. (...) Esse projeto, segundo Carlini, levou o governo chileno a descobrir verdadeiras quadrilhas compostas por médicos e farmacêuticos que ganhavam fortunas com a venda de anfetaminas.]

“Luto contra a gordura desde os 15 anos. Passei a vida inteira fazendo de tudo para emagrecer. Fiz loucuras, como tomar remédios à base de anfetaminas para inibir o apetite. Emagrecia e depois engordava tudo o que tinha perdido e mais alguma coisa. Hoje não faria isso por nada desse mundo. Tenho consciência do mal que me fez. A gente fica sem ânimo para viver, com o rosto abatido, fraca. Eu tomava o remédio para ter disposição e depois tomava outro para me acalmar. Agora faço tratamento à base de reeducação alimentar”. [Marlene Moreira Portela – executiva do Rio de Janeiro]

“Costumo tomar de 30 a 40 rebites para suportar uma viagem de três dias. Cochilo das 4 às 6 horas da manhã e do meio-dia às 2 da tarde. Não dá para dormir mais, senão não consigo pagar as prestações do caminhão. Não sei quanto tempo dura o efeito do rebite. Por causa disso, nunca deixo faltar o remédio em minhas coisas. O melhor das viagens são os rebites. Se eles forem retirados de circulação, vou parar de trabalhar”. [Júlio César Ricardo – caminhoneiro de Blumenau-SC]

“Não existe coisa melhor que o rebite. Acho que até para dirigir o remédio é eficiente, pois fico mais atento ao trânsito. Se não cumprimos o horário, as empresas fazem uma pressão maluca e o pagamento é menor”. [José Machado da Cunha – caminhoneiro de Porto Alegre]

**ISTOÉ Nº 1375 – 07 fevereiro 1996 – Maconha [Capa]** 41% dos brasileiros acham que o uso da droga não é crime – Nos Estados Unidos a erva é cultivada por computador. **Pg. 36-41 – A Erva Não é Mais Maldita [Maconha: Carla Gullo e Gisele Vitória]** Pesquisa ISTOÉ/Brasmarket mostra que o apoio à discriminação cresceu e que a sociedade convive com os usuários. **Cannabis do Futuro [Osmar Freitas Jr.]** Americanos desenvolvem um novo tipo de planta. Mais eficiente e que pode ser cultivada em casa.

**Quadros:** Adesão ao fumo; O fim da arbitrariedade; Mil e uma utilidades.

[Os olhos são vermelhos, ameaçadores. A fala desconexa delata a presença de um mal que insiste em rondar as famílias de bem. A maconha, trampolim para todas as drogas, é mais difícil de se combater do que o próprio diabo. Dita em sussurros, a palavra maconheiro é sinônimo de decadência e degradação. O suposto viciado é um marginal. Não importa se usa maconha, cocaína ou heroína. Tudo vira farinha do mesmo saco.]

[Hoje, não há dúvida, o mito caiu por terra. Apesar de proibido, o baseado saiu da clandestinidade e parece não causar mais tanto temor na sociedade.]

[A moda do apito no posto 9, em Ipanema (Rio), é apenas um sinal da mudança de comportamento. (...) Mesmo que a repressão policial tente conter a manifestação inusitada, a ousadia carioca mostra que a visão menos preconceituosa da maconha é irreversível. Nem mesmo as prisões de alguns dos autores da farra (...) serviram para intimidar a determinação deste grupo de Ipanema. A classe média, que sempre estigmatizou o usuário de maconha, agora apita em sentido contrário.]

“Dei uma tragada e achei horrível”. [Fernando Henrique Cardoso – presidente do Brasil]

“Provei na faculdade, mas sem inalar”. [Bill Clinton – presidente dos EUA]

“Nunca experimentei maconha como também nunca traí minha mulher”. [Gustavo Krause – ministro do Meio Ambiente]

“Fumei quando adolescente e até achei engraçado. Hoje não combina mais comigo”. [Isabel – jogadora de vôlei de praia]

“A prisão é um trauma que deixa cicatrizes para sempre. Além do mais, o usuário não representa perigo para a sociedade. Ele precisa de ajuda”. [Ursicino Queiroz – deputado pelo PFL-BA]

“Essa linha tênue que separa o indiciamento por tráfico ou porte de maconha para consumo próprio se presta a injustiças. Muitas vezes, a pessoa é claramente usuária, mas é enquadrada por tráfico devido a rixas pessoais com a polícia ou mesmo preconceito racial ou de classe social. (...) Não há dúvida de que portar um grama de maconha é para uso próprio e que guardar um quilo da droga é tráfico. Mas quem é pego com 100 gramas, por exemplo, pode ser tanto um consumidor voraz como um traficante”. [Luiz Flávio Gomes – juiz da 26ª Vara Criminal de São Paulo]

“Se houver uma disputa, acabo fumando um para saber o que é”. [Marcello Alencar – governador do Rio de Janeiro]

[A reboque da nova ótica da sociedade, contudo, tramita no Congresso um projeto para adaptar a lei aos hábitos mais recentes. Essa tolerância, portanto, se deve a um processo geral de democratização dos costumes.]

“Democracia não é só política. É acima de tudo a liberdade de cada cidadão exercer suas preferências em todos os campos. Em excesso, qualquer coisa pode fazer mal. Fumei na minha juventude o suficiente para saber que a maconha não é aterrorizante”. [Gilberto Velho – antropólogo do Rio de Janeiro]

[As famílias foram percebendo que os temíveis maconheiros eram os próprios filhos. E muitos pais de hoje que fumaram maconha nos anos 60 e 70 afastaram o fantasma de que um mero baseado é um vício sem volta.]

“A vida desmentiu que o destino de quem fuma maconha é a sarjeta. Muitos adeptos de antes são hoje pessoas dignas e profissionais bem-sucedidos”. [Lidia Aratangy – psicóloga de São Paulo]

“Disse a ela [mãe] que tinha informações erradas sobre a droga e perguntei se queria experimentar. Um dia, dei um baseado para ela usar com quem e quando quisesse”. [L.S. – agente de viagens]

[Embora o tabu tenha caído, há fantasmas que ainda assombram. Um deles é o de a maconha ser a porta de entrada para as demais drogas.]

“Temos que calibrar a paranóia. O seu uso está disseminado na sociedade sem prejuízo do cotidiano. [...] Se 90% dos viciados em drogas pesadas já fumaram um baseado, 90% dos que usam maconha não se transformaram em viciados em cocaína”. [Auro Lescher – psiquiatra da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp]

[O psicólogo Ivan Rojas partilha do argumento do senso comum de que o adepto da *Cannabis sativa* com o tempo não se satisfaz só com o efeito da erva e acaba procurando prazeres mais intensos.]

“Temo que a sociedade se torne não só liberal, mas permissiva demais”. [Ivan Rojas – psicólogo de São Paulo]

[A maconha em princípio não vicia e tampouco provoca dependência física. Mas ela não é de todo inofensiva.]

“A pessoa se expõe a substâncias tóxicas e se arrisca a ter problemas respiratórios, cardiovasculares e, a longo prazo, até câncer”. [Sérgio Graff – pediatra e toxicologista da Sociedade Brasileira de Toxicologia]

[A maconha tem um lado bom, entretanto, estudado por cientistas desde a década de 60. O princípio ativo da droga, o tetrahidrocanabinol (THC), foi sintetizado em laboratório há quatro anos, nos Estados Unidos, e naquele país passou da lista de substância tóxicas proibidas para a de medicamentos.]

“O medicamento [Marinol] tem indicações específicas e efeitos colaterais significativos”. [Elisaldo Carlini – secretário de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde]

[Como atua no sistema nervoso central, a droga pode provocar falhas de memória e intensificar a depressão. No entanto, é mais comum uma sensação de bem-estar, seguida de acessos de risos e euforia.]

[Até o início do século, a maconha era usada livremente em vários países, inclusive no Brasil, como um medicamento útil para diversos problemas como asma e cólicas]

menstruais. Mas a erva fugiu das mãos dos médicos e, aos olhos das autoridades, as pessoas começaram a usá-la de forma abusiva.]

[A maconha foi símbolo da contestação dos costumes e da repressão que marcou o final dos anos 60 e início dos 70. Os *hippies* principalmente não hesitavam em acender um baseado em público para mostrar sua indignação à guerra do Vietnã e ao moralismo vigente.]

[A Drug Enforcement Agency (DEA), agência governamental de combate às drogas, calcula que a maconha movimentava US\$ 32 bilhões por ano. É suficiente para transformar a erva no principal produto agrícola americano. (...) Este fato faz cair por terra o sonho de alguns brasileiros de legalizar a *Cannabis* para incentivar a economia no Nordeste. (...) A maconha *made in Brazil* é de péssima qualidade para os exigentes padrões atuais dos amantes do barato.]

[As explosões de consumo, produção e qualidade da maconha americana são frutos de dois pilares dos anos 90: a cibernética e a engenharia genética. É verdade que a nova *marijuana* também é filha bastarda da política governamental americana de combate às drogas. Os plantadores contemporâneos de *Cannabis* não são mais humildes camponeses de países ensolarados, tampouco *hippies* de comunidades papo-cabeça. Os fazendeiros de agora dependem menos do solo fértil e do sol e estão cada vez mais voltados para a tecnologia. São geneticistas, botânicos, analistas de computadores que montaram suas 'fazendas' em pequenos apartamentos urbanos.]

[Estes mutantes são resultado de misturas de espécies desenvolvidas dentro de estufas para burlar a repressão policial exercida nos cultivos ao ar livre.]

"Numa área de dois metros quadrados se pode concentrar 100 pés de maconha. [...] O governo americano gasta US\$ 1.6 bilhão no combate às drogas, mas estamos perdendo esta guerra". [Robert Neel – agente do Drugs Enforcement Agency – DEA – dos EUA]

[A informática passou a ser responsável não apenas pelo controle do meio ambiente das estufas, mas também serve de sistema de segurança para seus proprietários.]

[Tanto o material de montagem da estufa quanto os programas de controle informatizados podem ser comprados por reembolso postal. Uma das principais vitrines para todos estes equipamentos é a revista americana *High Times*.]

"Temos cerca de oito leitores por exemplar e nossa tiragem é de 200 mil exemplares. [...] O festival [*Cannabis Cup* em Amsterdã na Holanda] só é possível porque o governo holandês considera a maconha um problema do Ministério da Saúde. A polícia só cuida das outras drogas mais pesadas". [Peter Gorman – editor executivo da revista *High Times* dos EUA]

**VEJA Nº 22 [XXIX] – 29 maio 1996 – Cigarro [Capa]** A indústria mistura amônia no tabaco para aumentar a dependência dos fumantes. **Pg. 88-99 – O Segredo do Cigarro Turbinado [Saúde: Virginie Leite]** Relatório exclusivo acusa a indústria de envenenar o fumo para reforçar a dependência. **A Fumaça da Riqueza [João Fábio Caminoto e Karina Pastore]** Da planta de fumo ao cigarro na padaria, o tabagismo no Brasil é um negócio de 7 bilhões de reais. **O Direito à Intoxicação [Laura Capriglione]** O puritanismo reciclado é o responsável pela conversão do cigarro em grande satã contemporâneo.

**Quadros:** Como é o cigarro brasileiro; Na trilha do tabaco; Os efeitos do cigarro; Porque as pessoas fumam; Difícil de largar; Composição do preço do cigarro; Quem faz a indústria do cigarro; Um negócio de peso; Cliente morto, cliente posto; Ondas que vêm e vão.

[O cigarro brasileiro está turbinado. (...) Mais nicotina = maior dependência do cigarro = mais prejuízos à saúde. A equação-denúncia é a principal conclusão do primeiro grande relatório sobre o que os 35 milhões de fumantes do país põem pulmão adentro ao dar uma tragada.]

“A indústria sempre negou o uso da amônia, mas agora quero ver o que vai dizer. Com esse relatório, agora podemos afirmar que o cigarro está mesmo sofrendo manipulação química. A amônia libera mais nicotina para o fumante. É o mesmo princípio da acetona utilizada na cocaína”. [Marcos Moraes – oncologista diretor do Instituto Nacional do Câncer]

[A amônia é um tipo de aditivo químico usado e abusado pela indústria. Microscópicos cristais que a olho nu tomam a aparência de uma farinha branca, sem cheiro, reagem com o açúcar, realçando o aroma e o sabor dos alimentos. (...) No cigarro, porém, seus efeitos químicos são quase criminosos.]

[Conscientemente, a indústria do tabaco adicionou esse elemento nocivo à saúde nos cigarros para tornar ainda mais difícil que o fumante abandone o seu vício. (...) O relatório realizado no Canadá (Inca/Labstat) mostrou que a quantidade de amônia encontrada nas cinco marcas brasileiras é bem mais alta do que a esperada para o tipo de tabaco usado.]

“Não utilizamos a amônia na produção dos cigarros brasileiros. A folha do tabaco produz naturalmente a amônia. Depois de todo o processamento do fumo, deve sobrar alguma coisa no cigarro”. [Gilberto Galan – diretor de assuntos corporativos da Philip Morris]

“A amônia é usada na fabricação de cerveja, pão, chocolate e refrigerantes. Por que insistir em acusar o seu uso pela indústria de cigarros?”. [Leopoldo Caruso – gerente do departamento de pesquisa e desenvolvimento da Souza Cruz]

[No início de 1994, a insuspeita Food and Drug Administration (FDA) agência americana que controla alimentos e remédios com mão de ferro, levantou junto às seis maiores companhias de cigarros dos Estados Unidos uma lista de 599 ingredientes adicionados ao fumo e concluiu que vários deles aumentavam a quantidade de nicotina absorvida pelo fumante. O mais frequentemente mencionado era a amônia.]

[A nicotina é a grande responsável pela sensação de impacto eufórico que se segue a uma tragada. Bastam oito segundos para o fumante sentir seus efeitos estimulantes. (...) Age sobre o sistema nervoso central insinuando-se no processo de transmissão de informações entre os neurônios.]

“Fumei desde os 12 anos. Durante setenta, comprei três maços de cigarro por dia na padaria. Sou do tempo em que isso era puro glamour. Usei piteiras longas, como os astros do cinema. Fumava cigarros mentolados, de preferência da marca italiana Bionda Cativa. Era demais. Até o nome do cigarro era sedutor. Em português, quer dizer ‘Loira Ruim’. Há seis anos, tive um enfisema pulmonar e, por isso, larguei. Foi uma pena. Nunca sofri nenhuma consequência do meu vício. Não tive problema nem com a voz, o que é comum acontecer. Aliás, até hoje ela se parece com a de um garoto”. [Mário Lago – ator e compositor]

“O cigarro é meu grande companheiro. A maior parte do tempo, fico sozinha. Moro em São Paulo com o meu marido e minha filha, mas trabalho no Rio de Janeiro. Acender o cigarro foi a única fórmula que encontrei para aplacar a ansiedade de horas de espera na ponte aérea. O cigarro me tranqüiliza e diminui o stress de um dia exaustivo. Com ele, divido os meus pensamentos mais íntimos. Já tentei parar de fumar quatro vezes. Na última, retomei os cigarros depois da morte do meu irmão. Parar é fácil. O difícil é passar pelos imprevistos da vida sem fumar”. [Carolina Ferraz – atriz]

[Os fumantes aprendem a extrair do cigarro o efeito desejado. Se estão tensos e ansiosos, fumam para relaxar. Quando estão com sono, buscam na nicotina a excitação e a atenção que precisam para desenvolver suas tarefas.]

[A nicotina não inviabiliza a convivência com os amigos e parentes, não interfere no trabalho, tem todos os benefícios de uma droga socialmente aceita e fácil de ser adquirida.]

[Terrível é o fato de essa dependência matar. (...) O cigarro é o único produto existente no mundo que faz com que o cliente morra consumindo-o exatamente de acordo com as regras definidas pelo fabricante.]



“O cigarro é tão mortal que já foi citado como fator de risco de 24 doenças diferentes”. [José Rosemberg – pneumologista da Faculdade de Medicina da PUC de Sorocaba]

“Só um fumante entende o grande prazer que o fumo proporciona. O cigarro depois da refeição é tão saboroso quanto degustar um licor. Na minha profissão, ele é prático. É corrente no mundo da moda que o fumo diminui o apetite. Há modelos que fumam para emagrecer. Outras que não deixam de fumar para não engordar. Eu não preciso preocupar-me com a boa forma. Sou magra de natureza. Mas muitas vezes sou obrigada a ficar horas sem comer. Uma sessão de fotos pode levar muito tempo, e a refeição demorar para acontecer. Nesses casos, o cigarro engana o estômago. Eu fumo um maço e meio por dia”. [Betty Prado – modelo]

[São casos e números tão eloquentes que não dão margem a dúvidas: fumar faz mesmo muito mal. (...) O alcatrão, aquela gosma preta que fica depositada nos filtros do cigarro, é um coquetel de substâncias tóxicas e cancerígenas.]

[Imaginar que a indústria do cigarro vá se disciplinar por conta própria é o mesmo que esperar o engajamento da indústria bélica numa campanha pelo desarmamento em função da bondade de seus executivos.]

[É enganoso achar que as pessoas estão parando de fumar no Hemisfério Norte porque ali existem campanhas e leis anti-tabagistas mais antigas e severas. É mais sensato supor o contrário, que as leis anti-tabagistas foram implantadas há mais tempo porque a vontade de parar de fumar é mais profunda e mais antiga. (...) No Hemisfério Sul, ao contrário, o consumo de cigarro não pára de aumentar mesmo em países como o Brasil, onde as autoridades chegam a competir entre si para ver quem elabora a legislação mais radical e pesada contra o fumante.]

“Durante doze anos, fumei desbragadamente. Era uma viciada. Nunca me importei com os riscos que o cigarro poderia trazer à minha saúde. Tinha um cigarro aceso entre os dedos até nas situações mais improváveis. Fumava em quanto dançava nos ensaios do musical *Não Fuja da Raia* ou debaixo do chuveiro, tomando banho. Não tomava um táxi se o motorista fizesse restrição ao cigarro. Há quatro anos, os sinais do cigarro eram evidentes no meu corpo. Não tinha mais fôlego para dançar as duas horas de espetáculo. Nunca mais fumei. Sou capricorniana, quando decido alguma coisa eu faço”. [Cláudia Raia – atriz, cantora e bailarina]

[Parar de fumar faz bem, mas é um sacrifício tão grande, tão doloroso, que a maioria das pessoas fracassa.]

[O consolo é que pela primeira vez se encontra, no país, um ambiente social favorável a quem deseja parar de fumar. (...) Hoje, para quem deseja abandonar o cigarro, o mundo está girando a favor.]

“Faz dois meses, desde que, pela enésima vez, decidi parar de fumar, que vivo momentos de infinita tortura. A minha agonia começa quando vou para a frente do computador e escrevo as primeiras linhas. Basta uma hesitação no texto para a minha mão, num ato mecânico, procurar o cigarro, que antes ficava posto do lado esquerdo do terminal. Sem encontrá-lo. O texto que fluiria bem depois de uma tragada não sai da cabeça. Parece que fiquei burro. Desse jeito, na minha biografia estará escrito: “João Ubaldo Ribeiro, aos 55 anos, deixou tudo para se dedicar a largar o cigarro”. [João Ubaldo Ribeiro – escritor]

**ISTOÉ Nº 1395 – 26 junho 1996 – Guerrilheiros da Maconha [Capa]** ISTOÉ visita as fazendas da erva, onde trabalham 25 mil pessoas – ONU revela que o tráfico movimentou US\$ 300 bilhões a cada ano – Como a planta produziu guerras entre França, Inglaterra e Rússia. **Pg. 38-45 – A Capital da Maconha [Especial: Mário Simas Filho e Max Pinto]** ISTOÉ mostra por que a região que abastece o mercado brasileiro não quer a legalização de droga. **A Economia da Droga [Eliane Trindade e Patrícia Andrade]**

Relatório da ONU, obtido por ISTOÉ, revela que o tráfico internacional movimenta US\$ 300 bilhões por ano.

**Quadros:** Alta rentabilidade; No rastro da erva clandestina; O mapa da produção; 1812: A Guerra do Cânhamo; Derivados da *Cannabis*; A circulação da cocaína no mundo.

[No coração do chamado Polígono das Secas – a mais árida e pobre região do Brasil – floresce atualmente uma ilha de prosperidade. (...) Está rolando dinheiro grosso – e ilegal.]

[A maconha é o barato do pedaço, a erva que faz fervilhar este território. (...) As plantações clandestinas da região abastecem o mercado nacional e, nos últimos dois anos, também parte do internacional.]

[Para as pessoas envolvidas com a droga, a maior parte do lucro está justamente na sua ilegalidade. Trata-se de um exército de cerca de 25 mil trabalhadores clandestinos, espécies de ‘guerrilheiros da maconha’.]

“O governo não financia a produção de alimentos nem garante preço mínimo para a colheita. Os proprietários rurais não têm como fugir da maconha. [...] Depois do real, parei tudo. Não vale a pena produzir, pois o rendimento mal paga os R\$ 1 mil mensais de energia elétrica para manter três bombas de irrigação em funcionamento”. [João Freire – prefeito de Cabrobó-PE]

“Somos contra a maconha, mas não podemos negar que ela tem ajudado a resolver problemas sociais na região. [...] Esse pessoal acaba indo trabalhar no maconhais, senão terá que roubar para cuidar da família”. [João Neném – presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cabrobó-PE]

“Mais nenhum filho meu vai morrer por falta de remédio. Se precisar, vou voltar a plantar maconha”. [Francisco Fideli – roceiro]

[Repressão para valer só acontece uma vez por ano, quando a Polícia Federal desembarca no sertão levando helicópteros e barcos.]

“Sabemos que aqui existe muita maconha, mas é difícil encontrar as roças. [...] Essas operações [Polícia Federal] são tão anunciadas que não dá para prender ninguém. [...] O problema é provar que o proprietário sabia o que estavam plantando em suas terras”. [Aécio Francisco Coelho – delegado de Cabrobó-PE]

[No meio do mato, os produtores mantêm pequenas vilas onde os ‘guerrilheiros da maconha’ podem se esconder. Os camponeses são levados de barco para as roças antes de o dia clarear. Só quando anoitece é que o barqueiro volta para apanhá-los.]

“Próxima do rio [São Francisco], a maconha pode dar até quatro safras por ano, o que nenhuma outra plantação rende. [...] Quando se pretende obter uma erva de qualidade superior, usa-se algum fertilizante. Isso só é feito quando existe encomenda”. [Paulo – trabalhador rural]

[A informação confirma o conteúdo de um relatório reservado da Polícia Federal, que aponta a presença do tráfico organizado do Rio de Janeiro nos cultivos clandestinos do Nordeste.]

“É lógico que alguém financia essas plantações”. [João Freire – prefeito de Cabrobó-PE]

[A cultura ilegal da maconha é considerada pela polícia como a maior responsável pelo aumento da violência na região.]

“Essa cidade era tranquila, agora quase todo mês aparece alguém morto no meio do mato”. [João Neném – presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cabrobó-PE]

[Os assassinatos ocorrem normalmente depois que a polícia faz alguma operação que destrua milhares de pés da erva em ponto de colheita.]

[Normalmente embalada em pacotes de dois a cinco quilos, a erva é prensada e acondicionada no meio das cargas de caminhões que se destinam aos centros consumidores.]

“É preciso tratar essa questão sem preconceito. Sei que a maconha não vai resolver todos os problemas do Nordeste, mas pode ser uma boa alternativa econômica”. [Fernando Gabeira – deputado pelo PV-RJ]

“Se o governo abrir uma linha de crédito especial para o plantio de cebola, ninguém vai querer plantar maconha”. [João Freire – prefeito de Cabrobó-PE]

[O intrincado caminho das rotas do narcotráfico e a análise desse sofisticado mercado clandestino foram desvendados por um relatório da ONU, concluído em 1995 e divulgado na última semana no Brasil.]

“O narcotráfico hoje é uma indústria muito bem organizada, sintonizada com as tendências do mercado e extremamente globalizada. [...] Investir em políticas anti-drogas é imprescindível para os governos não apenas por uma questão ética, moral ou de saúde pública, mas por razões financeiras”. [Giovanni Quaglia – diretor do Programa das Nações Unidas para o Controle de Drogas Ilícitas – UNCDP – no Brasil]

[A maconha é uma exceção no circuito do narcotráfico. Diferentemente da cocaína e da heroína que percorrem grandes rotas do produto ao consumidor, o comércio da maconha é abastecido basicamente por produções locais. (...) O Brasil é um clássico exemplo de país produtor e consumidor, onde o tráfico é interno.]

[O relatório da ONU não se limita às cifras do negócio e da repressão, mas alerta também os países para o alto custo social e econômico do tráfico de entorpecentes.]

“O governo brasileiro implantou um programa de combate às drogas que tem essa visão moderna de harmonizar as áreas de prevenção, repressão e tratamento dos dependentes”. [Milton Seligman – secretário-executivo do Ministério da Justiça]

“É consenso internacional que as responsabilidades no combate são repartidas entre todos os países, sejam eles produtores, de trânsito ou consumidores”. [Marco Antônio Cavaleiro – chefe da Divisão de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal]

[As três atividades da indústria da cocaína têm uma geografia própria que oscila de acordo com a ação repressiva dos Estados Unidos. (...) O Brasil, que sempre deu passagem aos traficantes internacionais, entra nesse novo cenário como um dos principais mercados emergentes. Com a estabilização da economia brasileira, a moeda de troca no tráfico local deixou de ser o dólar e passou a ser pó.]

[A onda das drogas sintéticas ainda não se expressa de forma contundente nas cifras do narcotráfico. A expansão do uso dessas drogas (ecstasy, LSD e anfetaminas) é uma das principais preocupações das autoridades internacionais envolvidas no combate aos entorpecentes.]

“O número de usuários ainda é pequeno, o que nos preocupa é que o Brasil pode virar um importador de drogas sintéticas e a polícia tem de estar preparada para agir nessa nova investida do tráfico internacional”. [Milton Seligman – secretário-executivo do Ministério da Justiça]

**ISTOÉ Nº 1416 – 20 novembro 1996 – Como Livrar Seus Filhos das Drogas [Capa]. Pg. 44-50 – Difícil Regresso [Drogas: Edna Dantas e Juca Rodrigues]** O drama dos pais que descobrem os filhos viciados e o duro caminho para tentar salvá-los.

**Quadros:** O avanço do crack; As dicas para evitar o problema; As drogas e os seus sintomas; Onde procurar ajuda.

[Sexta-feira, (...) sai de casa de banho tomado, alimentado e bem vestido. Dois dias depois, ele volta sujo, esfomeado e maltrapilho, vestindo apenas uma bermuda surrada e um chinelo velho.]

“Tenho certeza de que meu filho vai conseguir sair desta”. [Gilberto Amado – comerciante de São Paulo]

“A droga é mais forte do que eu. Agora é ela que me usa”. [Gilberto Amado Júnior – usuário de crack]

[A trajetória de Gilberto Amado Júnior é cada vez mais comum entre os jovens brasileiros.]

[Segundo estimativa da ONU, a indústria mundial de drogas ilícitas movimentava anualmente cerca de US\$ 500 bilhões. (...) Com um poder de fogo tão expressivo, evitar que um filho entre na rota das drogas ou tentar tirá-lo do vício é um desafio que se coloca permanentemente aos pais.]

[O cigarro de maconha, o pó da cocaína e as pedras de crack estão nas favelas, mas também nas escolas, nas festinhas de classe média, nos condomínios de luxo e nos bares badalados.]

[Para tentar frear a explosão do consumo de entorpecentes no Brasil, a Associação Parceria Contra as Drogas, formada também por 20 agências de propaganda e por veículos de comunicação, lançará uma campanha nacional de prevenção direcionada aos jovens.]

“O atrativo é o sabor da aventura. No caso das drogas o problema é que muitos ultrapassam os limites da segurança sem conhecer exatamente os riscos”. [Paulo Heise – presidente da Associação Parceria Contra as Drogas]

[A empreitada ainda é pequena diante do gigantismo do problema, mas é um passo para mobilizar a sociedade contra um mal que não escolhe idade, raça, sexo, nem classe social para atingir.]

“Os pais continuam ignorando o diálogo, a conversa. Esta ainda é a melhor saída”. [Sônia Maria Borges Pieri – psicóloga do Denarc de São Paulo]

[Para comprovar a tese de que a falta de diálogo é uma das portas de entrada para o mundo das drogas exemplos não faltam. (...) O equilíbrio familiar degringolou de vez, quando Léo, um menino bonito, de olhos verdes e cabelo alourado, descambou para o crack.]

“Para mim foi um susto, um choque. Na minha casa nem tabaco existia, ninguém fumava. Nunca houve uma conversa sobre drogas”. [Ivan da Cruz – desenhista industrial, pai de Leonardo, usuário de crack]

“Um dia, segui o Leonardo para ver onde ele ia. Fui parar em uma favela a 500 metros daqui de casa. Era um domingo, logo após o almoço. Quando eu vi que ele ia entrar naquele lugar, chamei-o. Sentamos na guia e eu vi que Léo vestia umas três ou quatro camisetas por baixo da roupa e mais um camisão. Era para trocar pela droga. Pedi, implorei para ele não entrar, para ele voltar comigo para casa. Não adiantou. Ele não deu ouvidos. Me deixou falando sozinho. Tentei segui-lo, mas aquilo parecia um labirinto. Me perdi e tive que pedir para um rapaz me tirar de lá. Nunca mais vou esquecer aquele dia”. [Ibi – mãe de Leonardo, usuário de crack]

“Meditei um pouco e pensei: tenho esposa e uma filha que também precisam de mim. Nunca mais pus os pés naquela favela”. [Ivan – pai de Leonardo]

“Quando eu fumei a primeira pedra não senti nada. Na terceira vez comecei a falar mais que a boca. A coisa te deixa ansioso para aquilo que você quer fazer. O jovem sempre tem essa coisa de enfrentar barreira, de ver seu máximo. Eu vi meu mínimo. Na rua eu vejo isso em todo lugar, todo dia, toda hora. Tem dia que eu sonho que estou fumando. Acordo sentindo até o gosto. Quando isso acontece não tem quem me segure”. [Leonardo – usuário de crack]

“O exemplo não é a melhor forma de ensinar alguma coisa a alguém. É a única forma”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra coordenador do Grupo de Estudos de Álcool e Drogas – Grea – do Hospital das Clínicas de São Paulo]

[Pelo menos 23% da população brasileira, aqueles que bebem em excesso, já está no grupo do mau exemplo.]

“Se o exemplo for falso, o jovem saca rápido. Não adianta ficar só no discurso. No começo bebia em casa. Um copinho de cerveja, um golinho com meu pai. [...] Eu me achava fraco porque quando tomava duas garrafas de vodka ficava mal. [...] Se um cara que eu gosto muito pedir para que eu escolhesse entre a droga e ele, eu não teria a menor dúvida. Escolheria a droga”. [Ana Carolina – alcoolista de Santos-SP]

“Os pais têm que tentar mostrar para os filhos, de forma verdadeira, o alto preço pelo uso de drogas. As drogas, de uma maneira geral, interferem muito com a

sexualidade”. [Luiz Alberto Chaves de Oliveira – médico da clínica Recanto Maria Tereza de São Paulo]

“Depois de um tempo de uso, passei a perder totalmente a vontade de transar. Se transava não sentia prazer nenhum”. [Flávia – estudante usuária de crack de São Paulo]

[Na onda das drogas, R.C.P.F., 16 anos, ainda não teve muitas chances com o sexo. O menino que aos 14 anos matou um homem após um assalto em uma padaria, experimentou um coquetel de matar. O rol de drogas começou aos 12 com cola de sapateiro, tiner, benzina, éter, chás de cogumelo e lírio, LSD, passou por maconha e cocaína e chegou ao crack.]

[Na luta para livrar os filhos da dependência, os pais usam todas as armas de que dispõem.]

“Você só acredita que seu filho, aquele menino que você criou com amor, carinho e muita conversa, é um dependente tóxico quando vê ou quando ouve o relato de pais com problemas de convivência semelhantes ao seu. Foi assim comigo”. [Yoris Raffanini Júnior – pai de Roberto, usuário de cocaína]

“Uma família harmoniosa é sempre um bom caminho”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra da Escola Paulista de Medicina]

“Este caminho começa na gestação. A criança tem que se sentir, ainda na barriga da mãe, amada e desejada”. [Alberto Corazza – diretor da Divisão de Prevenção e Educação do Denarc]

[Infelizmente, nem sempre o fato de a criança se sentir amada impede que uma tragédia maior aconteça.]

“Eu não sabia o que fazer, onde tratá-la. A gente conversava muito. Ela chorava, dizia que eu era a melhor mãe do mundo, mas só me falou de seu envolvimento com drogas depois que todo mundo já sabia. Quem matou minha filha foi a droga”. [Márcia Regina Corrêa Marques – mãe de Camila, usuária de crack assassinada]

**VEJA Nº 48 [XXIX] – 27 novembro 1996 – Gordura Tem Remédio [Capa]** As novas drogas que combatem a obesidade. **Pg. 70-76 – Gordura Tem Remédio [Medicina: Eurípedes Alcântara]** Depois da era das bruxarias, um medicamento assume o posto de maior aliado do gordo na hora da dieta.

**Quadros:** O peso de perder peso; A pílula que engana o apetite; A conta é outra; O risco das drogas; A chave genética.

“Em vinte anos de experiência médica, tratando milhares de obesos, nunca vi coisa igual: alguns dos meus pacientes perderam 22 quilos em três meses apenas com remédios, sem dieta ou exercícios. Esta é a década do ataque final à obesidade crônica”. [Benjamin Krentzman – endocrinologista dos EUA]

[Elas (Redux e Isomeride) são uma esperança real para os gordos derrotados pelas dietas mais exóticas e malhação de pára-queda.]

[O que se julgava apenas um distúrbio do comportamento, passou a ser visto como uma disfunção biológica. Ou seja, o emagrecimento agora deve ser orientado e acompanhado por profissionais da medicina, e não pelos conselhos de atrizes de televisão e seus gurus psicoquímicos.]

“Chegou a hora de tirarmos a questão da obesidade das mãos das publicações populares com suas dietas milagrosas, dos curandeiros e seus chás exóticos, e devolvê-la aos consultórios médicos. Pela primeira vez, temos drogas eficazes para tratar os casos mais graves, e é preciso agir. Só dietas e exercícios não conseguem fazer um gordo emagrecer e manter-se magro”. [C. Everett Koop – médico ex-ministro da Saúde dos EUA]

“Por um mecanismo ancestral de sobrevivência, um ou vários genes mandam o corpo armazenar gordura mesmo quando não há escassez de comida. A desativação desse gene já foi tentada com sucesso em cobaias e a primeira experiência humana é esperada para daqui a alguns anos”. [Geraldo Medeiros – endocrinologista de São Paulo]

[É uma libertação: os gordos não são mais vistos como depósitos humanos onde a gordura se acumula por preguiça ou gula. Gordura não é pecado. É doença, e como tal deve ser tratada.]

[Descobriu-se não apenas quais são as substâncias químicas responsáveis pela ligação entre a cabeça e a barriga, mas também como quebrar essa cadeia. (...) Auxiliado por um composto químico sintético, o organismo de um gordo passa a se comportar como o de uma pessoa magra.]

“Quando o paciente obeso se dá por satisfeito, e recusa a batata, o pão com manteiga ou um pedaço de bolo, é sinal de que o remédio está agindo”. [Xavier Pi-Sunyer – diretor do Centro de Pesquisa da Obesidade do Hospital St. Luke’s Roosevelt de Nova York]

[Remédio é remédio. (...) Funciona, mas não pode ser tomado – em hipótese alguma – sem supervisão médica enquanto durar o tratamento.]

“Não existe mágica na terapia com remédios, seja o Redux ou outro qualquer. O que existe são resultados positivos, obtidos num prazo curto quando comparado a outras abordagens”. [Geraldo Medeiros – endocrinologista de São Paulo]

“Apenas mudamos os personagens no jogo da enganação: antes o gordo enganava a si próprio correndo à geladeira de madrugada para satisfazer o chamado do cérebro por serotonina, e agora estamos enganando o estômago, informando-o quimicamente de que não precisamos mais de comida”. [Benjamin Krentzman – médico]

[A popularização dessas promessas químicas pela auto-medicação seria um desastre, alertam os médicos.]

“O pior mal que alguém pode se fazer é tomar essas drogas sem acompanhamento médico”. [Alfredo Halpern – endocrinologista de São Paulo]

[Existe uma enorme zona de sombra a respeito do Redux e suas drogas coirmãs, aquelas que mexem com o equilíbrio da serotonina no cérebro.]

“Os efeitos colaterais aumentavam a cada dia. Tive cólica intestinal e diarreia, e o estômago fazia um barulho estranho”. [Cristina Bertini – ex-modelo]

“Pelo que se sabe dos efeitos letais da droga, ela pode matar até quarenta pacientes em cada milhão. Ora, em pessoas de índice de massa corporal na casa dos 30, a diabetes, os derrames e ataques cardíacos provocados pelo excesso de peso matam mais – 280 em cada milhão de pessoas. Pode-se afirmar, portanto, que o Redux salva 240 vidas por milhão”. [Landis Lum – professor da escola de medicina da Universidade do Havaí]

[Ótimo. Mas no caso do Redux, mesmo os efeitos colaterais brandos são bastante incômodos: diarreia, boca seca, sonolência e sonhos agitadíssimos.]

“É insuportável ficar com a boca seca o tempo todo. Alguns sonhos eram tão vivos que eu acordava rindo”. [José Bonifácio de Oliveira Sobrinho – vice-presidente da Rede Globo]

[Ao menor sinal de inchaços nas extremidades dos dedos, desmaios, falta de ar, dores no peito, o paciente deve parar de tomar imediatamente o remédio e procurar ajuda médica.]

“Para evitar um desastre desses, o médico precisa examinar com muito cuidado seus pacientes. Quem tem problemas de psicose maníaco-depressiva, insuficiência renal ou hepática não pode tomar dexfenfluramina”. [Geraldo Medeiros – médico]

“Não vejo porque não usar Redux em doses mínimas nos casos estéticos”. [Benjamin Krentzman – médico]

[A tendência dos remédios para emagrecer é se tornarem, com o tempo, menos arriscados. (...) A dexfenfluramina só deve ser utilizada para dar um impulso psicológico inicial ao paciente que decide tratar sua obesidade.]

[Os seres humanos estariam se tornando a cada geração indivíduos metabolicamente mais eficientes, capazes de realizar mais trabalho físico com uma quantidade menor de calorias.]

"A humanidade está se aprimorando geneticamente numa direção um tanto estranha. Estamos nos tornando grandes estocadores de gordura. A obesidade está dobrando a cada cinco anos no mundo. Nós temos uma epidemia pela frente, uma maré gigante de problemas para a saúde pública dos países ocidentais". [Philip James – médico especialista da Escócia]

"Ainda estamos distantes de uma vitória completa contra a obesidade. Por uns bons anos ainda será quase impossível transformar uma pessoa gorda num indivíduo definitivamente magro. Mas o ataque coordenado à gordura com drogas, exercício e dieta de baixas calorias é a terapia mais potente de que dispomos". [Xavier Pi-Sunyer – diretor do Centro de Pesquisa da Obesidade de Nova York]

**ISTOÉ Nº 1427 – 05 fevereiro 1997 – O Que Dizer ao Seu Filho Quando Ele Começa a Conviver Com os Perigos da Adolescência [Margem]. Pg. 62-67 – O Que Dizer ao Seu Filho Quando... [Comportamento: Chantal Brissac]** A adolescência coloca os pais diante de situações cruciais, que precisam ser enfrentadas com calma e sabedoria. A seguir, dez questões e algumas idéias para manter a paz da família.

[Os jovens estão bebendo cada vez mais e mais cedo. (...) Em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, ou em cidadezinhas do interior, os bares estão sempre lotados por uma população cada vez mais jovem, invariavelmente com seus copos de cerveja nas mãos.]

"É bom saber em que contexto se está bebendo. Se é apenas socialmente, com os amigos, ou se há uma intoxicação constante". [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra da Escola Paulista de medicina de São Paulo]

[Chegar de pileque uma, duas vezes consecutivas merece desaprovação.]

"Quando há interesse, é importante ensinar o que é a bebida. O que ela proporciona e também seus efeitos e riscos". [Josefina Facciolli – psicopedagoga de São Paulo]

"Comecei a permitir depois que percebi que ele também sabia se impor limites. Com os meus dois filhos menores pretendo fazer o mesmo. Sentar para conversar sobre os efeitos nocivos da bebida e até tomar umas e outras com eles". [Sandra Fontoura de Souza – secretária do BNDES]

[Boa parte dos pais de adolescentes de hoje passou pelos anos 70 com um baseado no bolso. A época era outra, é verdade, e a maconha tinha um significado especial para a geração que sucedia os entusiastas do amor livre e da contracultura, algo um tanto marginal, com um apelo de contestação (ISTOÉ redigiu 'constatação'). Agora, esses pais vêem seus filhos fumando maconha, e a confusão se instala.]

"Eles [os pais] tendem a achar que devem aceitar o fato naturalmente porque já fizeram isso no passado. Mas a maconha é uma droga como qualquer outra. Não deve haver tolerância ou omissão. Os pais podem falar de suas experiências passadas, mas é importante mostrar sua desaprovação com o fato e o interesse em ajudar o jovem, deixando claro que irão ficar de olho no filho. Eles não podem ser omissos e tolerantes nem agressivos. Devem mostrar a influência que têm sobre os filhos e resgatar a sintonia entre eles. Os tratamentos só são bem sucedidos quando a família está integrada ao adolescente". [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra da Escola Paulista de Medicina de São Paulo]

[O grupo Cara Limpa ajudou a recuperação do rapaz. Hoje, pai e filho descobriram que cada um deveria ceder um pouco para ter a confiança e entender os valores diferentes de suas gerações.]

**ISTOÉ Nº 1441 – 14 maio 1997 – Vícios da Mulher [Capa]** Álcool, moderadores de apetite, pílulas para dormir, antidepressivos: ela está cada vez mais dependente das drogas legais. **Pg. 82-88 – Química Feminina [Especial: Celina Côrtes e Eliane Trindade]** Mais vulneráveis ao vício, as mulheres lotam clínicas para tratar da dependência ao álcool, drogas e comprimidos.

**Quadros:** O sexo frágil; O insustentável peso da fama; Escalada perigosa; O prazer e o vício.

[As cinco situações têm como pano de fundo o uso de substâncias químicas no cotidiano das mulheres de diferentes idades e classes sociais. (...) As cenas retratam apenas um fenômeno: as chamadas drogas legais – o álcool e os comprimidos, tanto tranquilizantes (ansiolíticos e antidepressivos) quanto inibidores de apetite (anfetaminas) – entraram perigosamente no universo feminino.]

“As mulheres descobriram que podiam usar o álcool para lidar com diversas situações do dia-a-dia. Elas sofrem também pressão social para ser calminhas e magrinhas e acabam lançando mão indiscriminadamente de ansiolíticos e anfetaminas”. [Maria Lúcia Formigoni – biomédica do Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina da São Paulo]

[Seja por razões físicas, emocionais ou sociais, o fato é que o número de mulheres dependentes químicas cresceu enormemente no intervalo de uma geração. (...) É no balcão das farmácias que as mulheres vão parar em busca de uma receita milagrosa para pôr fim à ansiedade, à depressão e à obesidade.]

“Já cheguei a tomar quatro comprimidos por dia de Lexotan 6 miligramas. [...] As tentativas de parar de tomar os medicamentos são terríveis. Tenho reações descontroladas durante os períodos de abstinência. Minhas mãos tremem, tenho medo de dirigir e já quebrei vários copos. [...] Sempre tive consciência do perigo, mas não pensava que os calmantes pudessem afetar o meu cérebro”. [Luzia de Almeida Alves – vendedora de autopeças de São Paulo]

[A dose cavalgar era repetida diante de qualquer problema doméstico ou emocional.]

[Os dependentes químicos descobrem suas vulnerabilidades física e emocional em um longo e doloroso processo. (...) Casou-se e em seguida foi morar no exterior, onde continuou na piração. Engravidou e não parou com o vício. (...) Ela foi se degradando cada vez mais. Pedia esmola para comprar droga. Perdeu a guarda dos filhos.]

“Inventava mil histórias para conseguir remédios. Até viajava de uma cidade para outra. [...] Os médicos não têm consciência do que receitam para os pacientes. [...] Caía pelas ruas. Misturava 80 comprimidos com álcool e maconha para me afastar da realidade. [...] Saí do sanatório inchada de tanto tomar remédio. Foi aí que comecei a viver”. [L. – dona de casa do Rio de Janeiro]

“A natureza não favorece a mulher para o uso de drogas”. [Maria Tereza de Aquino – diretora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas – Nepad – da Universidade do Estado do Rio de Janeiro]

[Longe de ser preconceituosa, a afirmação é totalmente respaldada por fatores genéticos. O organismo feminino absorve 30% a mais de álcool que o masculino.]

“Embora as conseqüências físicas sejam as mesmas para os dois sexos, a dependência se instala mais rapidamente na mulher. Com isso, a progressão da doença também é mais veloz e devastadora no organismo feminino”. [Patrícia Hochgraf – psiquiatra coordenadora do Programa de Atenção à Mulher Dependente Química do HC de São Paulo]

[Os especialistas alertam: o álcool leva 25 anos para destruir o organismo masculino e apenas cinco para afetar perigosamente as mulheres, com o aparecimento precoce de doenças como cirrose hepática, pancreatite, alterações cerebrais e do sistema nervoso.]

[A vulnerabilidade feminina às substâncias químicas é maior também do ponto de vista emocional.]

“A dependência é quase sempre uma tentativa de medicar uma depressão. Pela auto-medicação, as mulheres conseguem modificar imediatamente o estado de humor. Só que o alívio temporário não resolve. Ao apelar para remédios, drogas e álcool, elas só estão



conseguindo arrumar um novo problema para suas vidas”. [Mônica Zilberman – psiquiatra da Universidade de São Paulo]

[É cientificamente comprovado que elas também sofrem mais de depressão e ansiedade que os homens.]

“Somos mais sensíveis e portanto mais sujeitas à dependência química. Estou aproveitando as horas extras da minha vida. Sobrevivi à dependência química, um inferno de stress, depressão e euforia”. [Constança Teixeira de Freitas – dona do Centro de Recuperação Solar do Rio]

“Acordava depois do meio-dia e virava até as 11 horas do dia seguinte. Cheirava direto até meia-noite, quando começava a tomar calmantes, associados com bebida. Lá pelas duas da madrugada começava a passar mal e vomitava. Tomava um banho gelado para recomeçar tudo de novo. Custei muito a ver o quanto aquela loucura tinha mudado minha vida. Optei por melhorar e avanço um pouquinho a cada dia”. [Carolina Pedrosa – terapeuta do Centro de Recuperação Solar do Rio]

“Aos dez anos comecei a beber. Um parente me deixou provar cerveja e depois disso só queria saber do barato de ficar bêbada. Aos 12 anos já tinha provado maconha e cocaína. Nos últimos tempos, matava aula para beber e cheirar. Gastava toda a minha mesada nisso. Agora estou limpa há dois meses e tento sair dessa”. [R.C. – estudante de São Paulo]

[Estudos revelam que as mulheres bebem mais cedo, por volta dos 12 anos, em média. No entanto, o *début* precoce no álcool é quase sempre escondido.]

“A primeira bebedeira de um adolescente homem é até bem vista pela família. Com uma menina, a coisa tem um significado mais pejorativo. [...] Antes o ambiente de tratamento era muito masculinizado, e as mulheres se sentiam pouco à vontade para falar de seus problemas”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra coordenador da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas – Uniad – da Escola Paulista de Medicina]

“Quando estão entre si, as mulheres não têm medo de falar de suas dificuldades e sentimentos. Normalmente, grupos femininos abandonam mais rapidamente o papo sobre as substâncias para falar de si mesmas”. [Sílvia Brasiliano – psiquiatra do HC de São Paulo]

“Meu primeiro gole foi aos 13 anos, em festas juninas, tomando licores caseiros. Casei aos 15 anos e bebia pinga junto com meu primeiro marido. Sem perceber, as doses foram aumentando. De um copo, saltei para um litro, até perder o controle. Na fábrica [cervejaria] bebia o dia inteiro. Misturava uísque com vodka e, claro, a cerveja produzida lá mesmo. [...] Fiquei viciada em Rivotril e alternava o remédio com bebida”. [Ivanilda Santana – operária de São Paulo]

[Um perfil que começa a despontar nesses grupos é de mulheres de meia-idade que têm seu alcoolismo ou dependência de medicamentos descrita como ‘Síndrome do Ninho Vazio’. São donas de casa que perderam seu papel social no momento em que os filhos foram morar fora de casa.]

“Elas estão deprimidas, em geral, na menopausa e bebem sozinhas e escondido”. [Patrícia Hochgraf – psiquiatra do HC de São Paulo]

“A troca de experiências em grupo é mágica. Descobrimos que precisamos dar mais atenção e importância a nós mesmas. Já fui alcoólatra de calçada. Comecei misturando vodka com refrigerante e depois passei a beber de tudo. [...] A minha situação só se agravou. Passei a misturar remédio e álcool”. [M.C.S. – dona de casa de São Paulo]

“Engordei muito tomando cerveja e para emagrecer estou usando fórmulas receitadas pelo meu médico. [...] Chegava ao trabalho de ressaca quase todo dia e no final do expediente já tinha dado várias tragadas de vodka que levava dentro da bolsa, escondida em garrafinhas de Yakult”. [R.A. – ex-secretária de São Paulo]

[As mulheres, em geral, resistem mais em aderir ao tratamento, mas depois de vencerem o próprio preconceito são mais fiéis do que os homens ao duro caminho de volta.]

“O principal critério para a alta de um tratamento não é apenas a abstinência, o mais importante é reformular o modo de vida, as relações familiares e afetivas e voltar a exercer uma atividade prazerosa e produtiva”. [Sílvia Brasiliano – psiquiatra do HC de São Paulo]

[Somente agora a ciência começa a ensaiar respostas para essas velhas questões. Nos Estados Unidos, estão progredindo os estudos para demonstrar as razões biológicas para a dependência, a partir da análise dos chamados ‘caminhos do prazer’ no cérebro.]

“Uma das teorias que mais avançaram é a que relaciona a dependência de álcool e drogas com a deficiência de dopamina, um neurotransmissor cerebral”. [Elisaldo Carlini – professor do Departamento de Psicofarmacologia da Universidade Federal de São Paulo]

[A dopamina tem relação com o processo de dependência química e já é apontada como a molécula do vício. (...) A heroína e o álcool promovem a liberação da dopamina. As anfetaminas também e em maior quantidade. Já a cocaína e crack bloqueiam a reabsorção da dopamina.]

“Com essa tecnologia é possível não somente ver a forma, mas o funcionamento do cérebro, em uma região que responde pelo comportamento emocional e afetivo do ser humano”. [Maria Lúcia Formigoni – biomédica da Escola Paulista de Medicina de São Paulo]

**VEJA Nº 21 [XXX] – 28 maio 1997 – Da Cervejinha ao Alcoolismo [Capa]** Um mergulho no mundo da dependência. **Pg. 62-77 – A Crua Realidade do Alcoolismo [Especial: Dorrit Harazim]** A tênue passagem entre beber socialmente e ir perdendo o controle da vida.

**Quadros:** A tabela de Vaillant; Um mundo à parte; “Só por hoje”; “Entre quatro paredes”; Os cinco anos de Lucas; Solidão oculta; Como funciona o AA.

[Mesmo sem se conhecer, reconheciam-se no essencial: à exceção de alguns conferencistas, todos eram alcoólatras. E sobreviventes. Festejavam os cinquenta anos de fundação dos Alcoólicos Anônimos (AA) no Brasil.]

[Depois vieram os depoimentos ao vivo, narrando a travessia sempre desesperada de cada orador para a sobriedade.]

“No AA dependemos um do outro, e é isso que ninguém entende. Se o seu caso é beber, o problema é seu. Se o seu caso é parar de beber, o problema é nosso”. [Ronaldo – alcoolista em abstinência]

[Todos sentiram na garganta o real significado daqueles 43 anos: 15695 intermináveis dias em que Jonas não cedeu ao primeiro gole da recaída – aquele que já foi descrito como “a mais sedutora procissão de tochas descendo pela sua garganta”.]

“Vem aquele desespero. Eu estava no banheiro, de porta aberta, de frente para a pia e sem coragem de olhar para o espelho. Escovo os dentes ou não? Se eu escovar, vomito bilis. Se eu não escovar, vai ser o terceiro dia sem escovar os dentes. Minha ex-mulher tinha vindo ver se eu ainda estava vivo. Veio por trás de mim, colocou a mão no meu ombro e perguntou: ‘Onde está aquele homem bonito que conheci anos atrás?’. Comecei a chorar; ‘Ainda é tempo’, disse-me ela. Pedi o endereço do AA”. [Paulo – alcoolista em abstinência]

“Não creio que exista algum trabalho científico de importância, em algum lugar do mundo, que mostra que o alcoólatra pode voltar a beber com moderação. Não importa a quantidade ou a frequência com que a pessoa beba, ela não consegue diminuir o seu patamar ou mantê-lo diminuído por longo tempo”. [Marcos Micelli – psiquiatra do Hospital Psiquiátrico do Pinel no Rio]

[Micelli, como cerca de 85% dos médicos americanos, considera o alcoolismo uma doença, no sentido de ser um distúrbio involuntário. É o conceito amplamente aceito pela psiquiatria, pelas clínicas de tratamento e pelos Alcoólicos Anônimos.]

“Se escolhermos chamar maus hábitos de doença, não haverá mais limite para definir o que é doença”. [Thomas Szasz – psiquiatra dos EUA]

“De fato, o alcoolismo reflete um desvio de comportamento que costuma ser mais bem entendido por psicólogos do que por médicos. Mas, ao contrário do roedor de unhas e do jogador compulsivo, a maioria dos alcoólatras requer cuidados médicos”. [George E. Vaillant – pesquisador de Harvard]

“Foi a pior fase da minha vida. Ao tentar parar de beber, tive alucinações terríveis com ratos e cobras geladas subindo pelas minhas pernas. Eu ficava encolhido no quarto, ouvindo vozes que me diziam para me jogar pela janela. Eu vi barata do tamanho de rato, rato do tamanho de gato, e o pânico era insuportável. Saí do delírio em dois dias. Seguiu-se a fase do suor frio e quente, das tremedeiras, coceiras inexplicáveis, furiosas. Vinte dias depois, estava começando a me sentir fisicamente melhor. Mas a cabeça piorou. Recomecei a beber”. [Marcos – alcoolista em abstinência]

“Alcoolismo é uma doença primária, crônica, com fatores genéticos, psicossociais e ambientais influenciando em seu desenvolvimento e manifestações. A doença é freqüentemente progressiva e fatal. Tem por características contínuas ou periódicas a perda de controle sobre a ingestão da bebida, o uso do álcool apesar de conseqüências adversas e distorções de raciocínio. A negação do problema se torna parte integrante da doença e o maior obstáculo para a recuperação do doente”. [Conselho Nacional do Alcoolismo dos Estados Unidos & Associação Americana de Medicina de Dependências Químicas]

“Alcoólatra é a pessoa que bebe, tem problemas crescentes pelo fato de beber, quer parar de beber, mas continua bebendo”. [Donald W. Goodwin – psiquiatra da Universidade do Kansas]

[Parece simples, quase frustrante na sua banalidade. Mas nada, nos 6.000 anos de convivência da humanidade com a bebida alcoólica, é óbvio e simples.]

“Alcoolismo depende de observação a longo prazo”. [George E. Vaillant – pesquisador de Harvard]

[Pôde comprovar quanto o consumo normal de bebida se funde, imperceptivelmente, ao consumo patológico.]

“Chega-se a um ponto em que a bebida vira remédio. Eu usava bebida para dormir e para acordar. Meu organismo pedia. Para conseguir fazer a barba sem cortar a orelha, eu me levantava às 5h30 da manhã, tateava para fora do meu condomínio, na Barra, ia até uma das barracas abertas àquela hora e bebia três cervejas geladas. Lentamente, sentia diminuir o tremor das mãos. Me sentia em condições de voltar para casa, fazer a barba e ir trabalhar. Estava pronto para a segunda agonia do dia: como agüentar o trajeto de microônibus até o centro sem poder beber”. [Ronaldo – alcoolista em abstinência]

[Sabe-se hoje que, no início do processo, não há diferença entre um bebedor social e um futuro alcoólatra. O alcoolismo não é hereditário. As pessoas bebem por questões psicoemocionais e criam dependência por questões fisiológicas. O que existe é um fator genético de predisposição ao consumo excessivo de álcool.]

[Do ponto de vista do diagnóstico de alcoolismo, o que conta não é a quantidade de álcool ingerida, e sim o conjunto de sintomas que disso resulta.]

[Não é de hoje que a humanidade bebe – só no Antigo Testamento há mais de cinquenta referências ao uso inadequado da bebida.]

[Quando se analisam vinhetas, ou seja, comerciais curtos de no máximo cinco segundos de duração, bebidas alcoólicas lideram o ranking, à frente de outras categorias fortíssimas como serviços bancários e aparelhos domésticos.]

“Hoje, a sociedade não faz outra coisa senão convidá-lo a beber. E, quando você faz parte dos 10% que se tornarão alcoólatras, ela simplesmente o rejeita”. [empresário alcoolista em abstinência]

“Também cheguei a tentar o suicídio. Só que era fajuto. Peguei um punhal cego de abrir correspondência, escrevi uma carta sentimental de despedida, mas demorei tanto que acabei dormindo. Minha filha não se comoveu. No fundo, o alcoólatra quer ver o próprio enterro, com todo mundo chorando e com pena dele. Quer imaginar os amigos

comentando, em volta do caixão, que, apesar de alcoólatra, ele era um grande sujeito”. [Paulo – alcoolista em abstinência]

[Historicamente, a bebida sempre foi usada com três objetivos básicos: alívio de angústias, contato com o sobrenatural e busca do prazer. Nisso se inclui, é claro, a mola mestra de quem se inicia na bebida – o seu efeito desinibidor, ferramenta para melhor socialização.]

“Talvez tenhamos uma potencialidade à adição. Segundo alguns trabalhos de antropologia que analisaram vestígios de plantas em múmias, o fato de o ser humano ter parado em algum sítio e se tornado sedentário ocorreu por ele ter entrado em contato com substâncias que modificam o estado mental”. [Marcos Micelli – psiquiatra do Hospital Psiquiátrico do Pinel no Rio]

[O álcool tem sido o método de intoxicação mais popular na cultura judaico-cristã.]

“Cristianismo e álcool são os nossos dois maiores narcóticos”. [Friedrich Nietzsche]

[Os bêbados consagrados pela literatura, cinema e artes em geral sempre pareceram invejáveis demais para serem considerados doentes.]

“Nenhum ser humano, nenhum poema ou música, nenhum livro ou pintura pode substituir o álcool no seu poder de dar ao homem a ilusão de criar”. [Marguerite Duras – romancista e roteirista]

“A natureza deu-nos a embriaguez natural do sono, mas oito horas de sono não bastam. É preciso estar bêbado de todas as mentiras vitais”. [Paulo Mendes de Campos – escritor]

“O melhor da vida está na intoxicação”. [George Gordon Byron – escritor e poeta]

“A vida é uma opressão mecânica, e a bebida, o único alívio”. [Ernest Hemingway – escritor]

“Eu tinha de estar sóbrio para ser convincente no papel do bêbado”. [Richard Burton – ator]

[Na vida real, o que sobra para o alcoólatra é o deprimente papel de bobó da corte. (...) Helena já passou pelo amargor de ver seu marido, empresário, numa festa a rigor, engatinhando no meio do salão, de smoking, tentando morder o cachorro da casa.]

“O bebedor normal, social ou moderado, é aquele que bebe menos do que o necessário para ter problemas médicos, sociais ou psicológicos. No Brasil, 82% da população adulta se enquadra nessa faixa. Desses, uma média de 30% vai desenvolver algum tipo de problema – gastrite, úlcera, problemas sociais, legais, ocupacionais, brigas, separação, violência. Mais da metade dos acidentes de trânsito, por exemplo, está ligada ao consumo de álcool. Nas delegacias da mulher, 87% das agressões também. Na área profissional, o álcool é responsável por um absenteísmo galopante – nas segundas-feiras e após dias de pagamento ou feriados, quem bebe falta dez vezes mais do que os demais funcionários. A produtividade é 20% menor e o índice de erro, bem maior. São os chamados ‘bebedores-problema’, que abusam do álcool em vários momentos. Desses, é consenso mundial que 10% se tornarão dependentes”. [Luiz Renato Carazzai – psiquiatra do Paraná]

[Mesmo com hálito alcoólico, dirá que não bebeu nada. Mesmo que totalmente embriagado, dirá que só tomou uma cervejinha. Começa a construir desculpas racionais.]

“Cheguei a ponto de comprar a companhia de pessoas da rua, de qualquer classe social, para sentar comigo nos bares. Você começa a se sentir sozinho, marginalizado da sua sociedade, e procura qualquer companheiro de copo”. [Ronaldo – alcoolista em abstinência]

“Cientificamente o porre ocasional não pode ser considerado alcoolismo, embora o bebedor que se embriague com alguma frequência seja forte candidato a ter problemas com bebida alcoólica. No fundo, qualquer padrão de uso que não pode ser diminuído é sinal vermelho, inclusive o porrista de seis em seis meses”. [Marcos Micelli – psiquiatra do Hospital Psiquiátrico do Pinel no Rio]

[No Brasil, faz-se o mesmo pré-julgamento em relação à cerveja – não é ela que faz mal, e sim a cachaça, cuja concentração de álcool é dez vezes maior. Melhor não se enganar.]

[A detecção melhorou porque a sociedade passou a reconhecer com mais segurança que alcoolismo é o problema-causa, e não a consequência de outros problemas.]

[Segundo um estudo americano, psicólogos, psiquiatras e familiares de alcoólatras costumam trabalhar com pelo menos dois anos para garantir a plena reinserção social do doente. Quanto aos alcoólicos anônimos, são os mais radicais: consideram que uma vez alcoólatra, sempre alcoólatra.]

“Se eu der menos, não supre a necessidade do alcoólatra. O tratamento recomendado é parar de beber, tapar a garrafa, ponto”. [Luiz Renato Carazzai – psiquiatra do Paraná]

[A recaída ocorre, emocionalmente, muito antes de ela acontecer de fato. O alcoólatra começa a se mostrar mais irritado, mais agressivo. Tudo o incomoda. Parece estar faltando algo na vida dele. Ele vai criando armadilhas para si próprio, e vai-se encurralando.]

“Nossa doença é cruel e traiçoeira. Você não dá um passo sem ser convidado a beber. Toda esquina tem um botequim aberto. Na televisão, os anúncios mais sedutores são os de bebida. Nos restaurantes, a primeira pergunta do garçom é o que você vai beber”. [alcoolista em abstinência]

[Com o álcool, a adesão é mais imediata (do que o cigarro). No momento em que o jovem coloca álcool em seu organismo, ele se sente mais tranquilo, mais solto, mais enturmado. E, quanto maior o potencial de prazer da droga, maior o risco de dependência. (...) Uma coisa vai puxando a outra: a experimentação com drogas, entre jovens que bebem pesado, passa a ser regra, não exceção.]

“Sou eletricitista e só fiz o primário, mas aprendi no AA o que não aprendi na escola. Dessa faculdade eu não quero buscar o diploma”. [Valério – alcoolista em abstinência]

[Para a ciência, não foi fácil admitir a taxa de sucesso de uma organização que se intitula “irmandade”, tem forte conteúdo de espiritualidade, não faz pesquisa nem tem estatísticas, não aceita doações nem tem patrimônio de espécie alguma – vive de contribuições próprias.]

“Nos reuníamos na Rua Direita, no centro de São Paulo, e a polícia achava que éramos comunistas porque nos tratávamos de ‘camarada’. Queriam saber o que fazíamos nas reuniões [do AA]”. [Melinho – alcoolista em abstinência]

[No AA, a palavra do alcoólatra conta, e isso vale ouro para ele. Fora dali, está habituado a ser olhado com suspeição, dúvida e decepção pela família, pelos amigos e pelos médicos.]

“Não medimos quanto o outro bebe – cada um sabe do seu beber”. [Ronaldo – alcoolista em abstinência]

[Cada reunião tem horário rigoroso para começar e terminar. (...) Entra quem quer e, se não quiser abrir a boca, só ouve. Pode ir embora no meio. Ninguém vai perguntar nada.]

“Estou confusa. Tem uma consciência que me diz para ir em frente, e outra que não me deixa ir em frente”. [Patrícia – alcoolista em abstinência]

[A ferocidade com que o AA defende o anonimato de quem o procura está na raiz de seu sucesso. O próprio co-fundador da entidade, Bill Wilson, a quem o escritor Aldous Huxley chamou de “maior arquiteto social de nossos tempos”, só teve o anonimato quebrado após morrer, em 1971.]

[A homogeneidade, seja social, cultural ou financeira, acaba emaciando a riqueza da proposta de auto-ajuda entre pessoas que jamais se encontrariam fora do AA.]

“Você depende daquele que está ingressando, senão esquece como você era ontem. E quem chega depende de você. Essa troca é vital”. [Fabão – alcoolista em abstinência]

“Sei o que fiz hoje, sei o que fiz ontem e acho que sei o que vou fazer amanhã”.  
[João – alcoolista em abstinência]

“Hoje tenho amigos. Não me chamam mais de safada”. [Aline – alcoolista em abstinência]

“Hoje tenho dois filhos que me amam. É o meu maior orgulho”. [Édson – alcoolista em abstinência]

“Levei oito meses de fé, estava indo bem. Minha mulher perdeu dois dias de trabalho para cuidar de mim, e o sogro agüentando. Pedi para vir, mas a gente até perde a fisionomia de falar”. [Manoel Bidu – alcoolista recaído]

“Continuamos te esperando. A tua cadeira está sempre aí”. [alcoolista coordenador de sessão do AA]

**ISTOÉ Nº 1455 – 20 agosto 1997 – A História do Maior Processo Contra a Indústria Tabagista no Brasil [Capa]** A família deste homem pode ganhar R\$ 1,5 milhão porque seu filho fumou demais. **Pg. 128-133 – Fumar Pode Ser Prejudicial à Indústria do Cigarro [Especial: Celina Côrtes e Francisco Alves Filho]** Família de homem que morreu devido ao vício pede R\$ 1,5 milhão de indenização a fabricante.

**Quadros:** Corpo minado; Inimigo número 1; Cerco contra o fumo; Mais advertências; Bye Joe, bye cowboy.

[Seria apenas mais um dos 80 mil casos de mortes que anualmente se atribuem ao cigarro, não fosse por uma diferença: o médico (...) registrou no atestado de óbito que uma das causas da morte foi o tabagismo.]

“Eu tentava fazer com que parasse, mas ele não me dava ouvidos”. [Neide – esposa de Néelson Cabral Alves, tabagista falecido, do Rio]

“Ele passou por um período difícil em que usou o cigarro como uma espécie de muleta. Dizia que tinha muitos problemas e por isso não conseguia largar o vício”. [Néelson Pinto – pai de Néelson Alves]

[Por causa da pressão alta, os médicos recomendavam que deixasse de fumar. Alves, no entanto, repetia que era incapaz de parar e fumou até o fim.]

“O dinheiro não é tão importante, mas sim a abertura do precedente”. [Jorge Beja – advogado do Rio]

[Para iniciar o processo, Beja baseou-se principalmente na menção ao tabagismo feita pelo médico que atestou a morte de Alves. Essa é a diferença que tira a discussão do campo das suposições para tornar a acusação uma constatação científica.]

“Foi um ato de rotina, com uma informação puramente técnica. Não tenho nada contra ou a favor de quem fuma, nem nada a ver com essa ação. [...] Nesse caso, o cigarro foi um fator contribuinte da morte. Todo mundo sabe que quem fuma tem maior possibilidade de contrair doenças”. [Pedro Ernesto Costa – médico clínico do Posto de Atendimento Médico de Del Castilho do Rio de Janeiro]

[Oficialmente, a Souza Cruz se nega a comentar o caso. (...) As doenças decorrentes do fumo não passam de acidentes.]

“Se alguém comprar uma faca de cozinha e se cortar, não pode processar o fabricante”. [Luís Roberto Barroso – advogado da Companhia Souza Cruz]

[Os advogados da Souza Cruz gastaram boa parte do tempo perguntando às testemunhas de acusação se elas já teriam ouvido falar que o cigarro pode fazer mal à saúde. Todas responderam que sim. A idéia é transferir para o fumante a responsabilidade sobre o ato de fumar.]

“A propaganda vincula o prazer de fumar ao sucesso. Se isso não aniquila o livre arbítrio, reduz consideravelmente”. [Jorge Beja - advogado]

“O que dizemos é: já que você fuma, escolha o meu. [...] A maioria [na pesquisa do Ibope] não culpou a propaganda, mas sim a influência dos amigos fumantes”. [Luís Roberto Barroso - advogado]

[Flausina se identificava com as sensuais tragadas de Rita Hayworth no cinema, em *Gilda*.]

“Eram os reclames [da marca Minister] mais bonitos da época. Sempre com mulheres lindas, cheias de pérolas, em casas e automóveis fantásticos... me lembro até hoje! [...] O médico me deu cinco anos de vida. Ainda me restam dois”. [Flausina Corrêa dos Santos – dona de casa]

[Os fumantes brasileiros começam a se dar conta de que podem cobrar nos tribunais os danos causados à saúde, como já acontece há algum tempo em outros países.]

“A publicidade de cigarro é abusiva, porque incita o público a consumir algo que faz mal, e é enganosa, porque não dá a dimensão do problema do fumo, relacionando o cigarro com esporte e o bem-estar”. [Adnan El Kadri – advogado da Associação de Defesa da Saúde do Fumante – Adesf – de São Paulo]

[A maior vitória alcançada nessa briga foi a inversão do ônus da prova, determinada pela 19ª Vara Cível de São Paulo: a Souza Cruz e a Philip Morris terão de provar que o cigarro não faz mal à saúde.]

[Nesse interminável bate-boca, o ponto principal é a dúvida quanto à liberdade que o consumidor tem para decidir sobre o que fazer com seu pulmão. Não é difícil encontrar fumantes que compartilhem do ponto de vista das empresas de cigarro.]

“Acho que cada um é dono do seu nariz e pode decidir se quer fumar ou não. Não me sinto induzido [pela propaganda], mas acho que isso pode acontecer com outras pessoas”. [Ricardo Pompílio – joalheiro de São Paulo]

“Fumo porque sou burro. Penso em parar, mas de fato nunca tentei”. [Paulo Autran – ator]

“Não gosto do que o cigarro causa na saúde, na estética, no hálito, no cheiro da roupa, o dente escuro, a ansiedade. Tenho vontade de parar, mas não no momento. [...] Minha filha sempre fala: ‘O Ministério da Saúde adverte: não fume na presença de crianças’. Morro de vergonha. Espero que ela nunca fume”. [Marlene Wolfensberg – pintora]

[Mas a maioria dos fumantes se confessa incapaz de largar o cigarro. (...) Gomes soube que sofria de artrite e vasculite – entupimento das artérias e vasos sanguíneos. (...) Só deixou de fumar seis dias antes de amputar a segunda perna.]

“Consumia de três a cinco maços por dia. Tentei largar várias vezes, mas não conseguia. Para mim, as campanhas contra o cigarro vieram tarde demais, era muito difícil largar o vício”. [José Carlos Gomes – jornalista do Rio de Janeiro]

[Mas no debate sobre o cigarro há muito mais em jogo do que apenas a liberdade de escolha. (...) O Brasil é o maior exportador de tabaco do mundo. (...) Apesar de todo esse peso econômico, o Ministério da Saúde planeja restringir ainda mais o espaço do cigarro, tornando mais agressivos os anúncios anti-fumo.]

“O fumo é responsável por 90% dos casos de câncer no pulmão e 30% dos outros tipos da doença. Além disso, 50% das doenças cardiovasculares no Brasil são causadas pelo cigarro”. [Marcos Moraes – presidente do Instituto Nacional do Câncer – Inca]

[Essas estatísticas dão uma idéia da fortuna que as empresas de cigarro têm a perder caso a Justiça acolha a reivindicação da família Alves, avalizando a relação direta entre o cigarro e as doenças dos fumantes. (...) O juiz já sabe que, qualquer que seja a decisão, ela vai render muitos xingamentos.]

“Nessa questão existem de antemão milhões de pessoas contra e a favor da minha sentença”. [José Samuel Marques – juiz de Minas Gerais]

**ISTOÉ Nº 1460 – 24 setembro 1997 – A Luta de Vera Fischer [Capa]** A mulher mais famosa do País tenta recuperar a guarda do filho, largar o inferno das drogas e resgatar o prestígio profissional. **Pg. 116-124 – A Guerra da Estrela [Celina Côrtes e Francisco Alves Filho]** Atormentada pela cocaína, Vera Fischer perde a saúde e a guarda do filho de 4 anos. Mas o mito resiste.

**Quadros:** “Quero que Gabriel fique com a mãe”; “Vamos embora, mamãe está nervosa”; Entre o céu e o inferno; Aqueles que sucumbiram, os que se salvaram e quem ainda está tentando se recuperar do vício; Em busca dos dias perdidos.

“Entrei aqui com meus próprios pés para descobrir novos caminhos, novas pessoas e uma vida equilibrada. Uma nova maneira de viver. O passado é passado e não interessa mais. Já disse e repito: não tive overdose. Se fosse verdade, estaria nos laudos [da Clínica Bambina]. Não quero falar mais nada relacionado ao passado. Daqui para a frente é só por hoje. Estou aprendendo a viver um dia de cada vez”. [Vera Fischer – atriz]

“Minha primeira experiência foi com maconha. Quem não usasse era careta. Quem transa com moderação, tudo bem. Já drogas bravas, nunca usei nem vou usar. Não sou louca”. [Vera em junho de 1981]

“O Perry queria quebrar meus preconceitos contra drogas, homossexualismo e contra o próprio sexo”. [Vera em junho de 1981]

“Não vou entrar em parafuso porque apareceram algumas rugas ou uns quilos a mais”. [Vera em junho de 1989]

“Nunca vou me deixar abater. Isto está mais do que provado na minha vida”. [Vera em agosto de 1993]

“Nunca tive nada. Todo mundo cheira, fuma. Todo mundo faz qualquer negócio. Acho que não há limites. E de preferência é melhor não tê-los”. [Vera em julho de 1996]

“Sou uma pessoa difícil. Até para lidar comigo mesma. Já sofri muito com isso e ainda sofro”. [Vera em dezembro de 1996]

[Em vez das noitadas movidas a cocaína e outros estimulantes, ela se levanta às 7 horas da manhã, arruma sua própria cama e cumpre uma agenda recheada de compromissos que inclui terapias de grupo, palestras, sessões de meditação e até uma gincana.]

“A Vera quis conhecer o inferno. Espero que ela agora esteja com a alma saciada. A gente sabe que a cocaína é gostosa. Mas é uma coisa muito perigosa”. [Perry Salles – ex-marido de Vera Fischer]

“Uma faringite não justificaria uma internação em CTI. Mas posso dizer que ela não teve uma overdose, nem parada cardíaca ou respiratória”. [Adolpho Carvalho – diretor da Clínica Bambina]

[A decisão da juíza Vera Maria Soares da Silva, que concedeu a guarda provisória de Gabriel a Felipe, se baseou na última temporada de escândalos de Vera. (...) Normalidade, no caso de Vera, significa noites varridas a álcool e cocaína. E dias marcados por crises e brigas. Principalmente com os empregados.]

“Eu não quero tirar o Gabriel da Vera. O meu pedido de guarda é provisório. Fico com ele até que ela esteja bem. Ele adora ela. Mas a Vera não está bem e eu estou apenas protegendo meu filho. Talvez ela esteja me odiando, mas acho que depois vai me agradecer. Com a perda da guarda, ela tomou um susto, acordou e percebeu que precisa de tratamento. Tomei esta decisão há três semanas, quando o Gabriel voltou da escola com o motorista e não conseguiu entrar em casa. A Vera estava trancada no quarto, mal, e não abriu a porta para ele. Ele ficou quatro horas fora de casa esperando ela melhorar. Depois disso, houve a internação por suposta faringite. Ora, ninguém é internado num CTI às pressas, de madrugada, por causa de dor de garganta. Não estou querendo crucificá-la. Sei o que ela está passando porque vivi isso. Drogar-se é muito desgastante, só se pensa em si mesmo. Não por egoísmo, mas é assim que a gente se sente. A droga embota, consome seu dinheiro, seu tempo, sua capacidade de trabalhar. [...] A Vera é uma boa mãe quando está legal, tenho certeza disso. Mas agora precisa de ajuda. Sei que é possível superar esses problemas e ela sabe como o Gabriel precisa dela. Basta apenas que ela queira ficar com ele e que esteja bem para isso”. [Felipe Camargo – ator e ex-marido de Vera Fischer]



[Felipe Camargo sabe bem do que Vera é capaz quando está fora de si. (...) O motivo do ferimento teria sido uma facada desferida pela atriz. Em 1994, mais uma cena de pancadaria. Dessa vez, por ciúmes da atriz Isadora Ribeiro.]

[Todas essas turbulências têm prejudicado a sua carreira. Ela tem estado muito mais em evidência pela sua vida pessoal do que pela atuação da grande atriz que é.]

“Todo mundo deve se lembrar que ele [Felipe Camargo] bebia e se drogava, mas nem por isso o proibi de ver nosso filho. [...] Sei que vou ter meu filho de volta. O que é do homem o bicho não come”. [Vera em setembro de 1997]

[O caminho de volta não é nada fácil. A psiquiatria ensina que a metabolização das substâncias consumidas por um dependente químico é sempre problemática para o organismo e, invariavelmente, a falta da droga provoca um grande mal-estar. (...) Não existem medicamentos específicos para equilibrar a privação de cocaína. O mais comum é o uso de remédios antidepressivos e ansiolíticos, para que a pessoa consiga conciliar o sono e sintá-se melhor.]

“Vi fotos nos jornais em que Vera Fischer está tomando álcool. Dessa maneira não se pode curar ninguém”. [Eduardo Kalina – psiquiatra da Clínica Villa Guadalupe da Argentina]

“Gente, eu não vou deixar de beber o meu vinho tinto e a minha caipirinha. Nunca, jamais”. [Vera Fischer]

[Parece que mudou de idéia. (...) O tratamento de Vera está sendo totalmente custeado pela Rede Globo, através do plano de saúde Vida Network, acessível a todos os funcionários da emissora.]

[Quando Vera visitou a clínica para conhecê-la não parecia estar movida por nenhum tipo de pressão.]

“Vera vai fazer essa experiência [sair para estudar uma peça], mas a prioridade é seu tratamento. [...] A motivação foi real. Se fosse só pelo filho, ela passaria uns tempos se cuidando um pouco e o teria de volta”. [Constança Teixeira de Freitas – diretora da Clínica Solar do Rio]

[É o melhor momento para saber se a atriz não está empenhada apenas em dar uma satisfação à Justiça, jogando por terra a chance de efetivamente ficar curada da dependência química.]

[A idéia básica é fazer com que nada do que se passa lá dentro possa ser associado de alguma maneira à palavra castigo. O conforto é total e a agenda intensa, para não dar tempo às pessoas de pensar no que não devem. No caso, drogas, bebidas alcoólicas e tranqüilizantes.]

**ISTOÉ Nº 1481 – 18 fevereiro 1998 – Alcoolismo [Capa]** A clínica que já tratou oito mil pacientes – O remédio que corta o prazer da bebida – Como pessoas famosas refizeram suas vidas. **Pg. 68-73 – Como Sair da Prisão [Bruno Weis e Carla Gullo]** A nova droga, Revia, que reduz o prazer da bebida, e técnicas eficientes ajudam os alcoólatras que conseguem pedir socorro.

**Quadros:** O álcool no corpo; O poder solidário; Droga do bem; As razões da dependência; Liz e os anônimos; Valores familiares.

“Não tenho vergonha de falar. Não sei se sou alcoólatra. Nunca me considerei dependente. Agora, começo a aceitar a hipótese. É muito comum que o alcoólatra resista a ser designado como tal. Se eu não conseguir parar de beber, vai ficar na cara que eu sou alcoolista, e aí vou procurar os Alcoólicos Anônimos, embora eu não seja um alcoólico anônimo, e sim um alcoólatra conhecido, até famoso. Mas eu não tenho certeza. Hoje mesmo estive com meu psiquiatra e ele também não tem certeza. Vou me decidir nos próximos dez ou 15 dias. Eu não tenho vergonha de falar isso em público porque não sou hipócrita e detesto hipocrisia, e acho uma frescura, um preconceito, porque está provado que o alcoolismo é uma doença. [...] A depressão faz somatizar uma série de problemas. Morrer, parece que não vou, mas vivo hoje cercado de oito médicos, e isso é muito chato.

Os sintomas do alcoolismo se misturam com os da depressão. Estava arrasado, sem conseguir encarar o computador para escrever. Então, descia no boteco e tomava duas doses duplas de uísque. Durante algum tempo, eu ficava animado e produtivo. Só que o álcool não é remédio, é uma droga destrutiva, e pensar em usá-la como remédio é maluquice. Por isso, estou dizendo a você: se continuar nessa, vou procurar o AA. Não vou me permitir afundar mais. Estou me tratando”. [João Ubaldo Ribeiro – escritor]

[Quando um escritor brilhante, querido e membro da Academia Brasileira de Letras fala na possibilidade de ser alcoólatra, liberta para pedir socorro pessoas que não têm a mesma aprovação social e sofrem escondidas. O alcoolismo estigmatiza e corrói a auto-estima quando é visto como uma fraqueza de caráter e não como a doença que é.]

“Não sofri para parar. Mais difícil foi mudar o hábito”. [Gianfrancesco Guarnieri – ator]

“Se me oferecerem uma taça de champagne, eu agradeço, mas digo que só bebo diet coke. Estou há quase um ano limpa. Me sinto mais feliz e espiritualizada. Eu estava ansiosa e com a auto-estima lá embaixo. Os terapeutas da Clínica Solar, que também são pessoas em tratamento, estimulam muito quem chega”. [Narciza Tamborindeguy – advogada]

[O médico e a psicóloga motivam o dependente químico – denominação aprovada pela OMS também para alcoólatras – a parar com seu vício. (...) Depois da conversa, chega a hora de a vacina entrar em cena. Trata-se de uma mistura que inclui um desintoxicante como cobalamina cronoativa e um benzodiazepínico (calmante).]

“O tratamento que aplico está baseado em estudos modernos. Inclui medicamentos e uma terapia à qual chamo de motivacional. A injeção ajuda a tirar os sintomas, como a tremedeira. Isso dá mais segurança ao paciente. E em geral peço retornos em seis meses. [...] Não há terapia que se consolide sem que o paciente queira parar de beber”. [José Toufik Rahd – médico de São José do Rio Preto-SP]

[Quem passou pelas três fases do tratamento garante ser difícil voltar a beber, embora a recaída faça parte de todo tratamento anti-alcoolismo.]

“Meu físico estava dançando. Minha relação *emotion* também. Ai eu resolvi parar. Fiz o tratamento, mas para funcionar depende muito da cabeça da pessoa”. [Gigante Brasil – baterista]

[Outros tratamentos vêm colecionando sucessos na luta contra o alcoolismo, uma doença que pode ter origem genética, social e individual, que atinge pelo menos 16 milhões de brasileiros. (...) Ao bloquear a ativação dos receptores opióides, o Revia (laboratório Cristália) reduz consideravelmente o prazer de beber, mesmo em caso de recaída.]

“Na presença de estímulos como o álcool, esse sistema libera maior quantidade dessas substâncias, dando maior sensação de prazer ao beber”. [Jorge Barros Afiune – assessor médico do laboratório Cristália]

“É mais uma arma no arsenal contra o problema. Não existe uma única fórmula que cure o alcoolismo. A luta contra a doença deve incluir uma série de medidas, inclusive auto-ajuda. [...] Tratar é fundamental, mas seria importante tomar medidas mais sérias”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra coordenador da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas – Uniad – da Universidade Federal de São Paulo]

“Quando se atua diretamente sobre a causa, fica muito mais fácil tratar o alcoolismo. [...] Não se sabe exatamente por que o dependente, mesmo abstinido depois de anos, não pode voltar a beber nem socialmente. Mas o alcoolismo não está ligado somente à causa genética. Ninguém nasce dependente. O aspecto social é também muito importante para se desenvolver o problema”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do Grupo de Estudos de Álcool e Drogas do HC de São Paulo]

[O tratamento desenvolvido ali (Cdquim) baseia-se no tripé desintoxicação, conscientização e ressocialização. Na prática, isso envolve procedimentos tão variados quanto técnicas de relaxamento, terapia familiar e medicação.]

“Ajudamos nossos pacientes a construir uma perspectiva de vida para depois do tratamento”. [Ricardo Feix – psiquiatra do Centro do Dependente Químico – Cdquim – de Porto Alegre]

“Fazemos reuniões três vezes por semana e também damos apoio familiar, o que é de extrema importância para a recuperação a longo prazo”. [Valéria Rocha Brasil – psicóloga do Recanto Maria Tereza de São Paulo]

[Alguns especialistas, entretanto, questionam a internação, alegando que, ao tirar o paciente do meio em que a dependência surgiu, não é possível prever como ele vai lidar nos primeiros contatos com as tentações e dificuldades diárias.]

“Nada como um dependente químico para ajudar e entender quem está passando pelo problema. É fundamental que o paciente não pare de se tratar quando deixa a Solar. Do contrário, as chances de recaída são muito grandes”. [Constança de Freitas – diretora da Clínica Solar do Rio]

[No Brasil, a bebida alcoólica é muito barata e de fácil acesso. (...) A consciência desses riscos, entretanto, começa a se difundir no Brasil. Duas novas campanhas publicitárias chamam a atenção para o problema. (...) Afinal, todos os esforços apontam para uma única saída, a liberdade.]

[Basta assistir a uma reunião (AA) para perceber a força de um tratamento que aposta somente na reestruturação espiritual de cada alcoólatra para a superação do vício.]

“Aqui [AA] o alcoólatra aprende a enfrentar a realidade sóbrio e, com ajuda dos companheiros, a crescer emocionalmente. Só por dizer nas reuniões ‘sou alcoólatra’, me faz lembrar que não posso beber nem um gole e isso melhora minha qualidade de vida”. [Regina P. – arquiteta]

**ISTOÉ Nº 1482 – 25 fevereiro 1998 – A Organização Mundial da Saúde Adverte: Maconha é Menos Prejudicial do Que Álcool e Tabaco [Capa]. Pg. 68-74 – Dos Males, o Menor [Carla Gullo e Peter Moon]** Relatório censurado pela OMS afirma que a maconha é menos prejudicial do que o tabaco e o álcool.

**Quadros:** Verdades/Mentiras; Mais polêmico do que o álcool e o tabaco o consumo da maconha divide opiniões; Ratinho britânico; Efeito cabeça; Arqueologia da repressão; Maconha lidera apreensões em São Paulo e é a segunda entre os adolescentes no Brasil; Baseado na moda.

[Um documento deveria fazer um raio X completo da planta *Cannabis sativa*, o cânhamo, estabelecendo até o último detalhe tudo o que a ciência conhece sobre sua composição química e seu principal princípio ativo, o THC (tetrahydrocannabinol), responsável pela sensação de prazer dos consumidores.]

[Um dos relatórios, escrito pelos médicos canadenses Robin Room e Susan Bondy, do Instituto de Pesquisa do Vício, de Toronto, estabeleceu comparações entre o consumo de maconha com o do álcool, do tabaco e da heroína. (...) O trabalho informava que fumar maconha causa muito menos mal à saúde do que o cigarro ou o álcool. Temia-se que esse argumento servisse de munição às organizações que defendem a discriminação da droga.]

“A alegação da *New Scientist* não tem base nenhuma. Não estamos segurando informação. Não houve pressão dos americanos. O texto não levava a nada, era tendencioso e ia embolar o meio de campo. [...] Baseado em que se pode comparar o fumo de um cigarro de maconha com o consumo de um drinque? Não existe evidência nenhuma para isso. Afirmar que o viciado em heroína pode morrer de overdose, mas que a maconha nunca matou ninguém é dizer o óbvio. Gostaria de saber o que é uma overdose de maconha?”. [Maristela Monteiro – médica do Programa de Abuso de Substâncias da OMS]

“Ninguém me comunicou nada quando resolveram tirar a nossa contribuição. [...] Não há contradições nem ausência de base científica em nosso trabalho como alega Maristela Monteiro. Tanto que em julho o Instituto de Pesquisa do Vício e a OMS vão publicar o mesmo trabalho concluindo que a *cannabis* provoca danos muito menores do

que o cigarro ou a bebida". [Robin Room – médico do Instituto de Pesquisa do Vício de Toronto - Canadá]

[A *Cannabis* saiu-se melhor que o álcool e o cigarro em cinco dos sete testes comparativos de danos a longo prazo à saúde. O relatório diz que o consumo pesado de fumo, maconha e bebida pode levar à dependência, mas que somente o álcool causa a chamada síndrome de abstinência. (...) O texto conclui que são fracas as provas de que o uso crônico de maconha produza alterações no raciocínio, na memória e na capacidade de aprendizado.]

"Em 1997, esconderam a conclusão de que não há relação entre o consumo de maconha e o câncer. Se isso não for esclarecido, vai ficar exposta a contradição: como uma substância que é menos nociva que o álcool e o tabaco pode ter um tratamento jurídico mais rigoroso?". [Fernando Gabeira – deputado federal pelo PV-RJ]

"Nesse estudo ninguém está dizendo que a maconha faz bem, mas que faz menos mal que os outros. O que importa é que a bebida e o cigarro têm empresas constituídas, são aceitas porque fazem prevalecer seus interesses, ditam as regras". [Oded Grajew – presidente da Fundação Abrinq para os Direitos das Crianças]

[A primeira constatação de sua pesquisa (pneumologista Donald Tashkin da Universidade da Califórnia em Los Angeles) é de que tanto o cigarro quanto a maconha provocam danos semelhantes nas células do aparelho respiratório. (...) Apesar de provocar danos às células, a maconha não afeta a capacidade respiratória nem provoca enfisema, mesmo entre os mais compulsivos usuários.]

"O cigarro é responsável por problemas como câncer de pulmão, de garganta, de boca, acidentes vasculares e infarto. Os problemas que a maconha causa são poucos. Um deles é indireto. A falta de percepção do tempo e do espaço pode eventualmente causar acidente de carro. [...] A maconha não pode ser mais vista como um demônio. A verdade é que todas as drogas podem fazer mal. Tudo depende de como e quanto se usa". [Fábio Mesquita – sanitarista do Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo]

"Muita gente usa e não fica dependente. Mas alguns pacientes têm até que ser internados para se livrar da droga". [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do HC de São Paulo]

"Comecei a fumar aos 19 anos. Não trabalhava nem estudava e tinha o tempo todo para a droga. Eu tinha tanto THC no corpo que nem barato eu sentia mais. [...] Fiquei três semanas lá. Eu era o único na clínica dependente de maconha. Mas estava precisando". [Marcelo Mendes – estudante de São Paulo]

[Como ele, muitos usuários de *Cannabis* se tornam apáticos, o que para alguns médicos é um dos pontos críticos da droga.]

"Ela tira o tesão pela vida. Quem fuma muito fica sem motivação para nada. É o efeito Scarlett O'Hara de *...E o vento levou*. Fica tudo para amanhã". [Arnaldo Madruga – psiquiatra de Minas Gerais]

"Usada em excesso, a planta causaria câncer de pulmão. Mas não há provas disso. [...] O homem se torna infértil, mas o problema se reverte com a suspensão da droga. [...] A experiência é um fator individual. A primeira droga que se experimenta não tem nada a ver com aquela que eventualmente a pessoa vai usar". [Elisaldo Carlini – psicofarmacologista membro do Painel de Perícia da OMS]

[Apesar de os danos para a saúde não serem tão gritantes, a maconha costuma ser malvista pela sociedade por se acreditar que seria o primeiro degrau na escalada para drogas mais pesadas, como o crack e a cocaína. Muitos especialistas, entretanto, não estão de acordo com essa teoria. (...) Muitas vezes a maconha pode ajudar a fazer o caminho contrário.]

"Começamos a observar pacientes que conseguiam ficar abastêmios de crack e cocaína quando passavam a fumar maconha. Isso diminuía consideravelmente as recaídas, muito comuns no dependente químico. [...] É um novo recurso terapêutico. Não é nenhum sacrilégio se colocar uma droga para sair de outra, mais pesada. Nos países desenvolvidos,

como a França, isso já é comum”. [Dartiu Xavier da Silveira – psiquiatra do Programa de Atendimento a Dependentes da Universidade Federal de São Paulo]

[O uso medicinal da erva é conhecido há milênios. (...) Com a ilegalidade, entretanto, o uso medicinal ficou esquecido, só vindo a ser recuperado em 1960. Hoje, medicamentos à base de THC são usados em alguns países para amenizar náuseas e vômitos de pacientes com câncer submetidos à quimioterapia.]

[Os trabalhos preliminares e a experiência médica têm revelado que é possível obter benefícios farmacológicos de uma droga que, até há bem pouco tempo, era vista exclusivamente como um problema social ou de polícia.]

“Isso acontece porque o consumo de drogas é muito influenciado pela moda. A maconha volta com tudo entre os jovens abastados, depois dos exageros com a cocaína e casos esporádicos de viciados em crack e heroína”. [Guaracy Mingardi – sociólogo da Escola de Sociologia e Política de São Paulo]

“Quem toma um uísque com os amigos não tem moral para proibir um baseado”. [Rita Lee – cantora e compositora]

“O importante é que a população seja informada e discuta o assunto”. [Oded Grajew – empresário]

“O alcoolismo é um problema gravíssimo, mas o Ronaldinho vende cerveja na tevê”. [Marcelo D2 – vocalista do Planet Hemp]

“Deus criou a natureza e a beleza da vida. Então explique, doutor, por que esta erva é proibida?”. [Bezerra da Silva – cantor e compositor]

“Eu cumpro o que diz a lei, e a lei diz que o uso e a apologia à maconha são ilegais”. [Eric de Castro – autor da prisão do Planet Hemp]

“Fumei. Mas não quero que nenhum de meus filhos faça o mesmo”. [Caio Fábio – pastor evangélico]

“Acho pouco científico comparar os efeitos da maconha com os do álcool”. [Elias Murad – deputado federal pelo PSDB-MG]

“É uma substância alucinógena. Portanto, imoral. Afeta a razão”. [José de Mello Neto – padre e surfista]

**VEJA Nº 13 [XXXI] – 01 abril 1998 – A Pílula Milagrosa [Capa]** Foi aprovado o remédio que resolve até 80% da impotência sexual. **Pg. 86-91 – Satisfação Garantida [Especial: Karina Pastore e Valéria França]** Com até 80% de eficácia está chegando ao país a pílula contra a impotência.

**Quadros:** Em busca da potência perdida; Como o órgão funciona; A escalada da impotência conforme a idade.

[Pela primeira vez, um dos mais angustiantes, constrangedores e aterrorizantes problemas masculinos, a impotência, poderá ser tratado de forma tão simples quanto curar a dor de cabeça com uma aspirina. Com a aprovação do medicamento Viagra, o único quesito para uma deliciosa noite de sexo passa a ser o desejo pela mulher amada. Tão bom quanto nos tempos de Adão.]

“O Viagra estará disponível nas farmácias brasileiras ainda no segundo semestre desse ano”. [César Preti – presidente da filial do laboratório Pfizer em São Paulo]

[As ereções poderosas com uma aparência natural providenciadas pelo Viagra nada tem a ver com a permitida pelos dispositivos, remédios e cirurgias empregadas até agora, que cobram um tributo muito alto do usuário. A prostaglandina injetável (...) exige o rito sacrificial de picar o próprio órgão antes do namoro. A bomba a vácuo é tão natural quanto uma bomba hidráulica enchendo a caixa-d’água.]

“Foram quase dez anos de tratamentos fracassados. Vivia trocando de mulher na esperança de que alguma fosse a solução. Depois resolvi não sair mais de casa. Vivia triste e deprimido”. [I.R. – professor universitário]

“A falta de terapias brandas é um dos motivos que afastam os homens dos consultórios médicos”. [Ronaldo Damiano – médico]

[Tratamentos enganosos são o que não falta por aí, indo de chás e cremes supostamente milagrosos, além de simpatias curativas.]

“Essa é uma área em que os homens não economizam. Gastam o que têm”. [Eduardo Bertero – médico de São Paulo]

[Desde o surgimento dos primeiros medicamentos contra a disfunção erétil, a indústria farmacêutica comemora a escalada dos lucros. (...) Os homens, as mulheres e os empresários da indústria farmacêutica riem à toa.]

“O sexo passou a me causar medo. Fugia da minha mulher. Pensava que seria melhor morrer. Após oito anos, coloquei uma prótese. Não vejo problema nisso. Ruim é a impotência, não a prótese. Dá até para usar bermudas”. [Cléso Lopes Nogueira – médico]

[A procura desesperada dos pacientes por tratamentos alternativos tem, em grande parte, origem na dificuldade da medicina para entender e explicar a impotência.]

“A disfunção erétil é um assunto muito novo para os médicos. A fisiologia do pênis e o processo de ereção só foram completamente esclarecidos na década passada”. [Lister de Lima – andrologista de São Paulo]

[Nos anos 60, defendia-se a tese de que a impotência era um problema puramente psicológico. Não é. Hoje, os médicos creditam à pura instabilidade emocional no máximo 20% dos casos – stress, culpa, depressão, baixa auto-estima ou angústia de falhar na próxima relação sexual.]

“A ansiedade causada por uma situação de impotência, mesmo que ocasional, pode-se transformar num problema repetitivo de fundo psicológico”. [Carmita Abdo – psiquiatra do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo]

[O princípio do Viagra foi descoberto por acaso, há cinco anos, quando os cientistas da Pfizer testavam a substância sildenafil para combater a hipertensão. (...) Com um investimento de 400 milhões de dólares, o sildenafil transformou-se no Viagra, que agora chegará ao mercado.]

“O homem está prestes a passar por uma revolução sexual tão importante como foi a pílula anticoncepcional na mudança da história da mulher”. [Eduardo Bertero – médico de São Paulo]

[É uma droga sutil. (...) O Viagra estabelece um pré-requisito: que haja o desejo sexual, sem o que nada feito. É, por isso, uma pílula que depende do mistério que faz um homem desejar uma determinada mulher. Sublime, pode-se dizer, porque exige que amar seja um verbo transitivo. Precisa de alguém que o complete.]

“Passei a me preocupar com meu desempenho sexual porque tinha amantes. As mulheres desconhecidas nos dão certa insegurança. Hoje tenho de usar medicamentos por necessidade. Não falo sobre isso com ninguém. É depreciativo”. [A.C. – médico]

“A droga amplifica a resposta fisiológica normal”. [Valdair Pinto – diretor médico da Pfizer]

“As drogas antigas colocam lenha na fogueira e o novo comprimido impede que a fogueira se apague. [...] Para dois de cada dez homens com mais de 50 anos, o Viagra não deve funcionar”. [Celso Gromatzky – andrologista do Hospital das Clínicas de São Paulo]

[A humanidade sempre correu atrás da fonte da juventude. Para os homens, isso significa manter a vitalidade sexual típica dos 18 anos ao longo de toda a vida. Não dá!]

“O problema surge quando a disfunção erétil não está ligada a nenhum fato específico e persiste por semanas a fio”. [Carmita Abdo – psiquiatra do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo]

[O homem tem desejo, mas não consegue satisfazê-lo. Angústia. Terror. Vergonha. A auto-estima vai para o ralo.]

“Como num passe de mágica, tudo ficou para trás: o medo, a dor e a vergonha”. [Cléso Lopes Nogueira – médico]

[A explicação darwinista é insuficiente para dar conta dessa fome de um pelo outro, uma curiosa fome, que é altamente discriminatória. O homem sente atração pela mulher em geral, mas há algumas mulheres que o sensibilizam muito mais do que outras. A

mesma coisa ocorre com a mulher. É um velho e delicioso mistério que não pode ser entendido apenas pelo ângulo simplificador da biologia. Seria o mesmo que tentar explicar o apetite pela necessidade de preencher o organismo com nutrientes.]

[Não é de amores eternos que se está falando, como sabe todo casal que já tenha passado longos anos juntos. É de paixão e obscuridade de desígnios. Começo, meio e fim, portanto.]

**VEJA Nº 21 [XXXI] – 27 maio 1998 – Eles Precisavam Morrer? [Capa]** Como as drogas estão matando os jovens e o que os pais podem fazer. **Pg. 118-125 – Passageiros da Agonia [Especial: Alexandre Oltramari, José Edward, Rodrigo Cardoso, Roberta Paixão e Juliana de Mari]** No auge da vida, jovens perdem a luta contra as drogas. Parentes rompem o silêncio e relatam seus dramas.

**Quadro:** Os primeiros sinais... e o caminho da cura.

[Dramas como o de Nina são muito mais comuns do que as pessoas em geral gostam de acreditar. Só no ano passado, 20.000 pessoas morreram no Brasil vítimas da dependência química, entre casos de overdose, suicídios e assassinatos.]

[Meninos e meninas dependentes não lutam contra um inimigo visível ou facilmente identificável. Lutam consigo mesmos, contra a pulsão irresistível de seguir numa rota de autodestruição.]

[Os meninos são mais sujeitos ao envolvimento com drogas ilícitas do que as meninas, na proporção de quatro para uma. Histórico familiar contendo depressão, tentativas de suicídio ou uso abusivo de álcool e drogas também contribui. Ambiente familiar desfavorável e falta de perspectivas profissionais completam o quadro do que os especialistas chamam de “fatores predisponentes”. É pura estatística.]

[Substâncias alucinógenas e estupefacientes fazem parte da história da humanidade. (...) Trata-se de um imenso arsenal químico, oferecido todos os dias, legal ou ilegalmente, para preencher o vazio da vida ou como lenitivo para a dor e o sofrimento.]

“A tendência do ser humano é buscar alternativas que o ajudem a escapar de sensações dolorosas e desagradáveis. E, para algumas pessoas, a droga é uma saída para isso”. [Elisaldo Carlini – titular de psicofarmacologia na Universidade Federal de São Paulo e diretor do Cebrid]

[É arriscado, muitas vezes inevitável, requer atenção da família, mas o uso eventual não conduz necessariamente à dependência. (...) É natural que os pais sintam medo. A ameaça das drogas é a quarta maior preocupação do brasileiro.]

“Esses jovens acabam se envolvendo com a polícia, os traficantes e os tiroteios”. [Maria Tereza de Aquino – psiquiatra do Rio]

“Ela sumia de casa, ficava vagando pelas ruas fumando crack e depois reaparecia parecendo uma mendiga”. [Marli – mãe de Cristiane Gaidies, ex-usuária de crack]

[O que preocupa os especialistas é que a aflição das famílias em relação ao problema das drogas é desproporcionalmente maior do que o grau de informação sobre o assunto.]

[Segundo a Organização Mundial de Saúde, a dependência pode ser definida como a perda de controle sobre tudo aquilo que envolve o consumo da droga: a quantidade, a qualidade e a frequência. Um dependente químico, portanto, não é um fraco de caráter, um sem-vergonha ou ovelha negra da família. É um doente. Precisa ser tratado. E rapidamente.]

[O médico Ronaldo Laranjeira da Universidade Federal de São Paulo diz que um dos primeiros procedimentos dos pais deve ser parar de acobertar o filho. (...) Abrir espaços de diálogo é uma ótima alternativa. Devem-se impor limites. Os pais são responsáveis pela educação dos filhos, e enquanto eles moram na mesma casa, têm de obedecer a certas regras. (...) Pais e irmãos devem agir em conjunto, ajudando e encorajando o parente em dificuldade. (...) Devem-se marcar consultas com psiquiatras mesmo contra a vontade do dependente.]

“Meu pai não admitia e não admite que uma pessoa não consiga se auto-controlar. Quando ele soube que meu irmão Marcos estava envolvido com drogas – ele era um ex-*hippie* – reagiu com ódio. Nossa família ficou um trapo. Eu não suportava a forma violenta com a qual papai tratava Marcos. Nunca mais os encontros em família viram um sorriso”. [Márcia Dallal – contadora do Rio]

[De 1968 a 1975, período mais violento da repressão política, havia uma associação constante entre o uso de drogas e a rebelião libertária dos jovens. (...) Nos anos 80 veio o susto. Substâncias que antes se ligavam à idéia de “paz e amor” agora vinham vinculadas às palavras violência, tráfico, morte.]

“O uso da droga, infelizmente, é hoje quase como um rito de passagem para o adolescente. Uma fase parecida com a iniciação sexual. [...] Tratamentos e internações têm sucesso em apenas 30% dos casos. Nos demais, o paciente torna-se um dependente crônico. Ou pior, morre prematuramente, como André, de overdose, acidentes, suicídio ou por envolvimento com traficantes”. [Arthur Guerra de Andrade – professor titular da Universidade de São Paulo]

[A família tem de prestar muita atenção nessa ‘iniciação’, porque a recuperação de um dependente é muito difícil. (...) Contam-se às pencas histórias de derrotas no decorrer do tratamento.]

“Quatro vezes internado em clínicas especializadas, cada internação era uma esperança. Ele parecia que queria voltar a viver, submetia-se a todas as normas, ganhava peso, ficava lindo. Eu ressuscitava junto”. [Tereza de Jesus Ferreira Maciel – mãe de André, ex-usuário de cocaína]

[O tratamento de um dependente não exige da família só uma boa dose de paciência e compreensão: requer também uma polpuda conta bancária.]

[Para a grande maioria dos pais de dependentes químicos, portanto, restam os grupos de ajuda mútua, os serviços gratuitos oferecidos por unidades psiquiátricas de algumas faculdades de medicina e os centros de saúde de hospitais públicos, sempre lotados. Os mais pobres ficam a descoberto porque, na guerra contra as drogas, o Brasil ainda luta com estilingues.]

[As trinta famílias que aceitaram falar a VEJA sobre o inferno das drogas vivido por seus filhos enfrentaram a vergonha e o preconceito porque acham necessário derrubar o muro de silêncio que cerca o assunto.]

#### **Depoimentos:**

“Perdi meu filho, meu filhinho, de quem, naquela fase horrível, eu tinha me tornado um grande amigo. Ele era um garotão lindo. Com 16 anos, tinha quase 2 metros de altura. Era generoso e educado. Chamava todo mundo de senhor. Não era um aluno extraordinário, mas também nunca havia perdido um ano. Quando minha mulher disse que ele andava chegando tarde, com os olhos vermelhos, achei que fosse coisa da idade. Só descobrimos o problema quando recebemos um telefonema dizendo que o Maurício fora preso. Durante uma alucinação, achou que estava sendo perseguido e arrombou o apartamento do vizinho. Era crack. Fiquei arrasado. Ele prometeu que pararia, e de fato passava alguns dias tranqüilo. Mas depois voltava. Decidimos interná-lo. Ele ficou seis meses e saiu outro. Até passou a rezar. Um dia, Maurício me ligou, pedindo que fosse buscá-lo no Viaduto do Chá. Tremi na hora. Quando cheguei, ele estava sentado na beira do viaduto, com os olhos estatelados. Tinha começado tudo de novo. ‘Vacilei, pai!’, ele me disse. A morte dele nos foi contada pela polícia. O Maurício estava correndo como louco pela rua. Um policial que já o conhecia conseguiu agarrá-lo e colocá-lo na viatura. Lá, ele começou a ter convulsões. Levado ao hospital, não resistiu a várias paradas cardíacas. Meu filho era fraco, desprotegido, e eu o vi travar uma luta miserável durante um ano para largar a droga. Mil vezes eu queria ter estado no lugar dele”. [Égas Branco – professor de tênis, pai de Maurício Teixeira Branco, ex-usuário de crack]

“Meu filho foi enterrado como indigente. Só encontrei o corpo quatro meses depois no cemitério de Santa Cruz. Uma pessoa telefonou e disse que tinha um Marcelo Bhering



lá. O corpo tinha uma bala no crânio. Na minha investigação, soube que, junto com uma menina, ele tinha ido de táxi buscar cocaína na Ladeira dos Tabajaras. No último réveillon que passou vivo, eu estava na casa da minha filha. Ele me ligou à meia-noite e ficou falando que não prestava. Telefonou doze vezes. Ele tinha cheirado e estava muito triste. Falava dos filhos e da mulher. Estava muito consciente do que poderia ter feito e não fez, e muito infeliz com a condição de drogado. Dizia que não desejava aquilo para ninguém. O brilho dele sempre foi voltado para o lado esportivo. Dava aula de jiu-jitsu desde os 16 anos e tinha um bom corpo. Quando eu e meu marido nos separamos, acho que isso mexeu muito com a cabeça dele. Tinha 20 anos e não conseguiu superar o desmantelamento da família. O pai sempre foi um mito para ele, e de repente desmanchou tudo. Marcelo não se conformava, chorava muito. Logo depois ele foi morar na Austrália para competir e acho que começou a droga pesada. Em 1994, acabamos internando-o numa clínica, mas ele detestava e saiu. Começou a dar aula de novo, proibia os alunos de usar drogas, mas sentia-se completamente impotente para lidar com a própria dependência. Quando ele morreu, eu e meus outros filhos conversamos e chegamos à conclusão de que ele não estava feliz aqui". [Helena Bhering – mãe de Marcelo Bhering, ex-usuário de cocaína]

"Várias vezes encontrei o meu filho conversando com o espelho, pedindo a ajuda de Deus. Ele queria sair do martírio das drogas, mas não conseguia. No dia 24 de julho, após várias tentativas perdidas de livrar-se da dependência, o Duda achou em nosso sítio um revólver calibre 38, mantido por medo de assalto. Ele deu um tiro na cabeça. Ainda ficou cinco dias na UTI. Eu olhava para o meu filho no hospital e não queria acreditar que ele fosse morrer. Ele começou aos 16 anos, fumando maconha, depois descobriu o chá de cogumelo. Os potes com a bebida ficavam na geladeira, junto com as jarras de suco da família. Ele me dizia que era suco, e como sempre acreditei nos meus filhos, não me preocupei. Uma namorada do meu filho mais velho desconfiou e, pressionado, Duda acabou abrindo o jogo. Procurei psiquiatras, psicólogos, centros espíritas e até a umbanda, mas nada adiantou. Comecei a compreender que estava perdendo meu filho. Me convenci que era necessário interná-lo em uma clínica para tratamento de dependentes químicos em São Paulo, porque na Bahia não havia locais apropriados, mas ele se recusou a ir se eu não pudesse ficar com ele. Eu não podia ficar muito tempo longe dos meus outros filhos e do meu trabalho e decidimos buscar ajuda por aqui mesmo. Se na época houvesse lugares parecidos por aqui, meu filho talvez tivesse tido uma chance. Agora freqüento um centro espírita e recebi duas mensagens psicografadas dele. Duda reconheceu que ele próprio fez o seu caminho". [Almaísa Motta – paisagista, mãe de José Eduardo Motta, ex-usuário de maconha]

"Tenho 51 anos e nos últimos cinco envalheci mais de vinte tentando fazer do meu filho uma pessoa decente, viva, feliz. Não consegui vencer. O André morreu em um acidente de moto no dia 3 de outubro de 1997, aos 20 anos. Oficialmente, foi vítima do acidente, mas ele morreu por causa das drogas. Descobri o problema quando ele tinha 16 anos e passou um cheque falsificando minha assinatura. Ele revelou que tinha começado com a maconha. Depois veio a cocaína. Tenho duas filhas, e nos tornamos três mães para ele. Em quatro vezes o internamos. Ele cumpria toda a programação, parecia ir bem, dava uma grande esperança de se livrar da dependência. Mas a cada recaída ficava pior. Um dia, ele foi me visitar no trabalho. Tinha saído há pouco tempo de uma clínica. Teve um momento em que ele se sentou, olhou para mim e deu um sorriso estranho. Era o efeito da droga. Eu disse: 'Filho, você está com a mão na maçaneta da porta do inferno'. Era mais uma recaída. Cada internação era uma esperança, mas o custo era muito alto. Eu vivia com a conta no vermelho, fazia chocolate para fora, costurava, trabalhava em dois empregos, mas sempre deixei claro para ele que, enquanto tivesse esperança, eu estaria junto, lutando com ele. Um milagre podia acontecer. Fiz tudo o que foi possível para salvar o meu filho, enfrentei situações terríveis. Agora que ele morreu, sinto um alívio e um vazio enorme. Quando me aposentar, quero construir um lugar para recuperar meninas

drogadas”. [Tereza de Jesus Ferreira Maciel – mãe de André Maciel Paulino, ex-usuário de cocaína]

“Ana Catharina, minha irmã mais nova, se suicidou em setembro de 1992, aos 15 anos. Seu primeiro contato com drogas foi no começo de 1991. Logo depois de acabar um namoro, ela procurou alívio através de tragadas num cigarro de maconha, presente de um conhecido de Olinda. Só descobrimos seu envolvimento por acaso. Ela estava faltando às aulas na escola, sempre tinha os olhos vermelhos e o andar cambaleante. Quando a pressionei, ela revelou tudo, inclusive o uso esporádico de cocaína. Deu um tempo na droga, mas duas semanas depois chegou em casa do mesmo jeito. Eu e meu irmão decidimos contar ao meu pai, que exigiu dela uma lista dos seus colegas usuários e dos fornecedores. Catharina não queria, mas acabou entregando todos. Chegou a sugerir que gostaria de morar com meu pai em nosso sítio no interior, e tudo parecia resolvido. Fomos embora e Catharina ficou sozinha, com a chave da gaveta onde meu pai guardava um revólver. Meia hora depois escreveu uma carta e ligou para casa se despedindo da empregada, que chegou a ouvir o disparo. Deu um tiro na cabeça. Na carta, acusou meu irmão e a mim por sua morte e pediu apenas para que cuidássemos de seus cachorros, que adorava. Foi um trauma muito grande que demorou a ser superado. Logo depois meus pais se separaram, fui morar sozinha e só agora minha mãe consegue falar dela sem chorar. Quando acontece uma tragédia dessas, ou a família se une ou se afasta. Com a minha aconteceu a segunda hipótese”. [Ana Cláudia Nogueira – irmã de Ana Catharina, ex-usuária de cocaína]

“A perda de um filho é uma dor que não acaba nunca, que fica com a gente as 24 horas do dia. Na noite da morte do Marcelo, eu estava em São Paulo, e quando cheguei a Marília, a polícia me informou que a causa mortis tinha sido um ataque cardíaco. Comecei a desconfiar que as coisas não estavam muito claras. Falei com amigos dele e com os empregados da casa e consegui descobrir o que realmente aconteceu na minha casa na noite do dia 18 de janeiro de 1991. Um grupo de amigos do Marcelo, todos de famílias influentes da cidade, consumiu duas garrafas de uísque Logan e cocaína. Na verdade, o meu filho morreu de overdose. É muito comum, nos casos de morte provocada por drogas, os familiares dizerem que a vítima estava consumindo pela primeira vez. Isso é realmente muito bom para quem quer se enganar e não enfrentar a realidade, mas não era o meu caso. É muito mais fácil para a polícia dizer que foi um infarto do que admitir que a droga está presente em todos os lugares na região onde vivo. Imediatamente convoquei a imprensa e divulguei o que tinha acontecido, na tentativa de alertar a sociedade e lutar para que não surjam outros Marcelos. Logo depois a polícia reabriu quatro casos idênticos que tinham sido arquivados. As investigações, como sempre, não deram em nada. Ninguém quer falar das drogas e vamos nos enganando até que, infelizmente, acontece com a nossa família”. [Márcio Mesquita Serva – reitor da Universidade de Marília, pai de Marcelo Mesquita Serva, ex-usuário de cocaína]

**ISTOÉ Nº 1495 – 27 maio 1998 – A Pílula da Potência: Viagra [Capa]** Viagra chega ao país na próxima semana – Contrabandistas e camelôs vendem 30 comprimidos por R\$ 650 – Medicamento conquista de senadores e atores pornôs. **Pg. 126-133 – O Melhor Amigo do Homem [Bruno Weis, Ivan Padilla e Marta Góes]** O Viagra, a pílula da potência, derruba os medos que o sexo desperta e sinaliza o que pode ser uma nova revolução sexual.

**Quadros:** O Viagra nas bolsas; O doutor da virilidade; O poder da pílula; Bom para a mulher?; Além do Viagra.

[O Viagra, chamado de pílula da potência, diamante azul ou, até, “cálice sagrado da medicina”, já está sendo consumido por brasileiros dos mais diversos perfis.]

[No Congresso Nacional, onde até há pouco a moda era o tranqüilizante Lexotan, alguns deputados roubaram a cena dos oradores na tribuna exibindo aos colegas as famosas pastilhas azuis.]

“Não houve quorum para votação e alguns líderes estavam atribuindo as ausências ao efeito Viagra”. [Heráclito Fortes – vice-presidente da Câmara e deputado pelo PFL-PI]

“Meu Deus, o que era aquilo? Nas primeiras horas fiquei contente. Mas no segundo dia de ereção continuei procurei o médico”. [Vicente S. – fisioterapeuta do Rio]

[O mais chique, por enquanto, é não ter necessidade do medicamento.]

“Pretendo usar assim que precisar. Daqui a uns dez anos”. [Millôr Fernandes – escritor e humorista]

[O laboratório Pfizer tratou de divulgar nos principais jornais do país um comunicado à classe médica, enfatizando que o uso do Viagra requer ‘adequado diagnóstico e avaliação médica apropriada’.]

“O laboratório Pfizer estima em dez milhões o número de homens com alguma deficiência sexual no Brasil. [...] A ereção não é tão intensa quanto ele gostaria nem dura o tempo que ele gostaria”. [Carmita Abdo – psiquiatra do Instituto de Psiquiatria do HC de São Paulo]

[O Viagra não é um afrodisíaco; não proporciona desejo sexual a quem não tem. Só consegue garantir a ereção a quem já está sexualmente estimulado, mas sofre de uma disfunção erétil, causada por problema físico ou emocional. (...) O Viagra elimina o medo de falhar.]

“É uma droga revolucionária até como placebo, já que só de saber que existe o remédio aumentam as chances de não se precisar dele”. [Marta Suplicy – psicanalista e deputada pelo PT-SP]

“Quando estava cansado, tinha a sensação de que não ia conseguir e era o que acontecia. Usei duas vezes com pleno sucesso, mas só de saber que tinha o remédio comigo já me senti mais confiante”. [Fernando Gomes - administrador]

[A obrigação do desempenho é um tormento que tem resistido às mudanças mais radicais do comportamento neste século, da psicanálise à pílula anticoncepcional.]

“Os homens continuam pensando da mesma forma como faziam quando estavam nas cavernas”. [Glória Steinem – escritora e feminista dos EUA]

“Com o feminismo, as mulheres passaram a exigir mais e intimidaram os parceiros”. [Regina Navarro Lins – sexóloga do Rio]

[É verdade que as mulheres exigiram muito mais carinho e envolvimento. Também é verdade que a ausência de ereções intensas e numerosas era perdoada, em troca de intermináveis conversas sobre a relação.]

“Para as mulheres, a pílula da felicidade seria aquela que fizesse os homens telefonarem no dia seguinte”. [Fernando Gabeira – deputado federal pelo PV-RJ]

[O Viagra tem sido encarado também como uma resposta masculina a anos de dominação. (...) Mas é sabido que o valor que os homens atribuem à ereção tem a ver com a relação que mantêm consigo mesmos e não só com as mulheres.]

“Os homens necessitam desesperadamente desta droga. Os homens perderam para as feministas a guerra dos sexos trazida pela revolução sexual. É preciso devolver a lança ao homem”. [Camille Paglia – escritora]

“A virilidade é o cartão de visitas do homem. E a ereção é uma condição fundamental da virilidade”. [Magdalena Ramos – psicanalista do Núcleo do Casal e Família da PUC-SP]

“No Brasil, cerca de 30% da população masculina sofre de ejaculação precoce e ninguém está satisfeito com o tamanho do pênis”. [Alfredo Romero – cirurgião vascular e membro da Sociedade Brasileira de Andrologia]

[Dificuldades de atingir o orgasmo não são exclusividade masculina. (...) O prazer feminino é uma conquista recente. Até que as primeiras idéias feministas começassem a circular, neste século, o sexo só era legítimo para a maternidade. Com honrosas exceções, prazer era um direito do parceiro.]

“Não que eu não desse conta do recado, só estava meio devagar. Sou muito fogoso e não me contento só com 15, 20 minutinhos. [...] As transas demoraram muito, com direito a segunda e até terceira rodada”. [José Ferreira – cabeleireiro]

[Entre as mulheres, o lançamento do Viagra sustenta expectativas conflitantes. Núbia (de Oliveira) acredita que nenhuma pílula pode substituir uma mulher gostosa, que realize todas as fantasias do homem.]

“Se meu parceiro me dissesse que teve uma ereção graças à pílula, eu ia destampar a rir”. [Núbia de Oliveira – modelo]

“Se eu tivesse um companheiro há algum tempo que tivesse problemas de impotência, ia mais é querer que ele tomasse remédio. Mas se fosse um começo de relação, ia ficar insegura, sem saber como seria seu desempenho sem remédio”. [Cristiana Oliveira – atriz]

“Não basta ser gostosa para atrair um homem e ter uma transa legal, ainda mais na minha idade. O que conta, principalmente, é sentir afeto. Tem remédio para dor de dente, dor de cabeça. Porque não pode ter para o sexo?”. [Ana Carolina Oliviero – arquivista]

[Para os psicanalistas, o equívoco em todo esse entusiasmo é encorajar a idéia de que uma pílula é capaz de dar conta de toda a complexidade do sexo e reduzi-lo à ereção. (...) A relação sexual traz à tona o inconsciente, o repertório e a história de cada parceiro, e é uma situação muito mais complexa do que as reações físicas que determinam a ereção.]

“Sexo depende 90% do inconsciente. Não existe química que possa salvar a pátria”. [Maria Rita Khel – psicanalista]

“Certos homens têm medo até de se aproximar de uma mulher, de falar com ela e de tocá-la, com receio de ser rejeitado”. [Magdalena Ramos – psicanalista da PUC-SP]

“O desejo é um fenômeno psíquico. Não existe remédio que dê ereção”. [Ari Rehfeld – psicoterapeuta da PUC-SP]

[Existe um temor de que se crie um mito em torno do Viagra, o que pode gerar um mau uso do medicamento.]

[Se a ereção se tornasse menos obrigatória e, portanto, menos arriscada, os homens estariam liberados de um fantasma.]

“Minhas consultas aumentaram cerca de 20%. Minha clientela masculina dobrou. [...] Este livro [*The virility solution*] é uma extensão de minha última obra: *Jovem finalmente*. Em minhas pesquisas encontrei vários medicamentos prestes a serem lançados, voltados para as disfunções sexuais. Como minha proposta não era apenas fazer as pessoas viverem mais, mas também que tivessem uma qualidade de vida melhor, examinei essas novas drogas. Não há dúvida de que o Viagra melhora a qualidade de vida. Fiquei muito impressionado. [...] Os mecanismos de envelhecimento não têm tanta ligação com impotência. O que ocorre é que com o Viagra, as pessoas vivem melhor. [...] Nós estamos recebendo novas drogas que tratam do mesmo problema com abordagens diferentes. São drogas diferentes, mas todas têm em comum o fato de ser administradas oralmente e resolver problemas de impotência. A saída no futuro será a mistura dessas drogas. Com certeza o número de relações sexuais aumentará. Estamos ainda sob o risco da Aids, mas o que dizer àqueles milhões de pessoas que precisam do Viagra para manter uma relação normal? A solução é educá-los”. [Steven Lamm – endocrinologista da Escola de Medicina de Nova York-EUA]

**ÉPOCANº 02 – 01 junho 1998 – Viagra [Margem]** Como usar a pílula do prazer sem risco para a saúde. **Pg. 34-38 – Viagra Entre Nós [Ciência e Tecnologia]** O comprimido azul que é sucesso nos Estados Unidos chega ao mercado brasileiro em meio à controvérsia provocada por supostas mortes de pacientes com problemas cardíacos.

**Quadros:** Ficha técnica; A mágica da pílula; As opções anteriores; A idade da impotência; Sucesso comprovado; Efeitos colaterais; Proibido na Europa; Vetado para alguns.

[Desde seu lançamento nos Estados Unidos, em março, o que se vê é uma alucinada procura pela pílula azul em forma de losango. (...) Empresas americanas chegaram a distribuir o remédio como brinde a clientes e há quem sugira reuniões sociais movidas a Viagra.]

“Há um mês, atendia seis pacientes por dia com disfunção erétil. Agora, são doze”. [Eduardo Bertero – urologista de São Paulo]

[Um mercado e tanto. Talvez por isso o país (Brasil) seja o segundo do mundo a autorizar a venda da droga.]

“Os boatos sobre mortes não alteram os planos porque os dados de segurança foram muito bem estabelecidos nos testes”. [Valdair Pinto – diretor-médico do laboratório Pfizer]

“Acreditamos que a droga seja segura e eficiente em suas indicações”. [Nota oficial da Food and Drugs Administration – FDA – EUA]

[Mas fatalidades podem ocorrer pelo uso errado do medicamento.]

“A combinação com esses remédios [drogas à base de nitrato e Viagra] é explosiva. Causa queda de pressão e pode levar o paciente à morte”. [Rafael Luna – presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia]

“O sujeito que estava há anos sem relações e começa a fazer sexo toda hora pode ter problemas. [...] Nos meus 20 anos de trabalho com terapia sexual, nunca vi nada igual. Voltou-se a falar de sexo com otimismo. [...] É provável que vejamos um aumento das relações extra-conjugais”. [Moacir Costa – psiquiatra]

[Os médicos temem o uso indiscriminado do remédio. (...) O barulho causado pelo Viagra tem deixado especialistas em alerta.]

“Ele não é um afrodisíaco. Não se pode criar uma expectativa irreal que o torne desacreditado”. [Sérgio Vitiello – médico da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana]

[As mulheres ainda estão divididas. Nem todas comemoram o desempenho dos companheiros.]

“Já estava acostumada a só fazer sexo de vez em quando. Se meu marido quiser a toda hora, vai ter de arrumar outra”. [Susan Prudhon – EUA]

“Agora que ele está bem, tenho medo de ser traída”. [Ângela]

“Ao retomar a vida sexual, eles vão superar a depressão e recuperar a auto-estima”. [Moacir Costa – psiquiatra]

“Na primeira vez, aluguei um vídeo pornô para ver como funcionava, e o efeito veio em meia hora. Esse remédio é milagroso. Há quatro anos, era raro ter uma ereção, a não ser com injeções. Com o Viagra, a ereção vai e volta. Com o remédio, me senti com 30 anos. Não ligo para as notícias das mortes”. [Gabriel – aposentado]

“Antes, fugia das mulheres. Com o Viagra, tive ereções por três horas e de manhã acordei a todo vapor. O remédio teve o efeito de um foguete”. [Eduardo – comerciante]

“De nossos 9 mil pacientes, 70% têm distúrbios emocionais”. [Sidney Glina – diretor do Instituto H. Ellis de São Paulo]

[De olho no mercado mundial de 140 milhões de homens, a indústria farmacêutica abriu, com o Viagra, a temporada da busca do prazer.]

**ÉPOCANº 04 – 15 junho 1998 – Droga nas Escolas [Capa]** Como os educadores estão reagindo – A resposta da família e a busca da prevenção – Os primeiros sinais do envolvimento com tóxicos. **Pg. 36-41 – Perigo no Recreio [Sociedade]** Escolas assumem que os tóxicos rondam seus domínios e partem para a briga.

**Quadros:** Entre livros e cadernos; A idade crítica; Um roteiro para os pais; Predominância masculina; Mitos e verdades; Prevenção e confronto.

[Desde o início do ano letivo, entre bate-papos descontraídos e aulas convencionais, professores e orientadores mostram a ó mil alunos os perigos do uso da maconha e da cocaína.]

“A escola não pode fingir que não está acontecendo nada”. [Maria Célia Assumpção – coordenadora pedagógica do Colégio Dante Alighieri de São Paulo]

“Precisamos abordar o tema de forma direta, porque a sociedade cobra essa posição da escola”. [Orivaldo Pincinato – diretor do Colégio Marista de Brasília]

[A explicação para esse novo comportamento é muito simples. Não há nada que provoque mais pânico em pais de adolescentes que imaginar a possibilidade de seu filho tornar-se viciado.]

[Não há dados sobre as particulares, mas é consenso que os entorpecentes já chegaram às salas de aula mais equipadas, limpas e caras – dentro das mochilas de grife de seus próprios alunos.]

“O que determina se o adolescente vai ou não usar drogas é a cultura dos amigos. Quanto mais cedo ele entrar no circuito errado, maior será o risco”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra e professor da Universidade Federal de São Paulo]

[Espalhados como uma teia invisível em todos os escalões sociais, os tóxicos tornam-se uma companhia quase inevitável. Seduzem os jovens exatamente porque eles vivem a fase da angústia, da auto-afirmação e das descobertas. É como uma combinação perfeita.]

“Para garantir minha cocaína, passei a bancar o avião [pequeno traficante]. Batizei um monte de gente. Meu rendimento na escola caiu um pouco, mas sempre passei de ano”. [A.M.S. – estudante de Recife]

[É claro que a droga exerce efeitos diferentes sobre as pessoas. (...) O consumo eventual existe. O problema é que, até hoje, não é possível prever quem vai se tornar o viciado costumaz ou o ‘usuário de festa’.]

“O certo é que um número cada vez maior de pessoas entra no mundo das drogas mais cedo”. [Arthur Guerra de Andrade – coordenador-geral do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas do Hospital de Clínicas de São Paulo]

“Sabe como é, maconheiro conhece maconheiro. Muitas vezes, quando a aula termina, vou fumar com os meus amigos. É preciso ter estrutura para levar essa vida”. [L.V.A. – estudante de Recife]

[Laranjeira enfatizou que os pais devem falar sobre os efeitos das drogas com os filhos e buscar uma parceria com a escola. Está provado que a falta de informação é o centro nervoso da angústia em família. Os pais não sabem identificar o problema, demoram a descobrir sua gravidade e titubeiam nas decisões.]

[Na ponta do nariz de pais e professores existe uma sombra desfocada que esconde uma grave ameaça: a explosão do consumo de bebidas entre os adolescentes.]

“O consumo de drogas entre os jovens tem como porta de entrada os inalantes, como a acetona, e as drogas legalizadas, como o álcool e o tabaco. E isso encontra-se nos lares”. [José Carlos Galduróz – psiquiatra da Unifesp]

[Há uma tendência dos pais de se sentirem culpados quando se encontram diante de um problema tão grave.]

“A droga traz prazer. Se fosse desagradável, não tinha tanta gente consumindo. É preciso dizer que esse prazer tem conseqüências e quais são. Discursos mentirosos só despertam a curiosidade”. [Luiz Alberto Py – psicanalista]

[Embora seja terrível admitir, na maioria dos casos a droga passa de mão em mão entre os próprios alunos. Eles traficam, ainda que informalmente.]

“Na sala de aula, a gente enrolava os baseados e, no corredor, esticava as carreiras de cocaína. [...] Só parei quando entrei no buraco”. [B.M.P. – estudante de São Paulo]

[No Rio de Janeiro, onde jovens de classe média já se acostumaram a subir o morro em busca de maconha e cocaína, as escolas particulares ainda estão longe de um bom programa de prevenção.]

“No último ano do colegial, ele ficou rebelde e não queria estudar”. [Norma Schulz de Lima – mãe de aluno usuário do Rio]

[De olho num mercado 'promissor', Lévio Scattolini, dono de uma escola particular em São Paulo, montou uma editora há dois anos para publicar um programa de prevenção às drogas. Já vendeu esse livros para 330 escolas da rede privada.]

"É como oferecer Coca-Cola. Todo mundo quer". [Lévio Scattolini – dono de escola de São Paulo]

[Não se sabe qual a eficácia de tanta atenção. E não um modelo de prevenção que tenha a garantia do sucesso.]

[Drogas são uma incógnita para a sociedade, os especialistas, o governo e a polícia. Mas é tranquilizador saber que, ao menos os adolescentes estão, em geral, gostando dessas iniciativas. (...) Essa aceitação é a boa-nova.]

"A matéria até rende mais quando os professores falam sobre o uso de drogas num bate-papo". [Pedro Campos de Oliveira – estudante de São Paulo]

**ÉPOCANº 09 – 20 julho 1998 – Remédios Falsos [Margem]** A fragilidade da fiscalização – Nossos repórteres flagram a prática da 'empurroterapia' em farmácias do país. **Pg. 34-38 – Jogo Perigoso [Consumo]** Falta de fiscalização e atitude leviana de muitas farmácias tornam o brasileiro vulnerável à automedicação.

**Quadros:** Os números da indústria; Campeões de venda; Lista de dúvidas na Internet; O sobe-e-desce dos preços.

[A saúde financeira da indústria farmacêutica do Brasil segue firme e forte, apesar do escândalo da falsificação de medicamentos. (...) O bombardeio no intervalo das novelas, nos painéis de ônibus e nas rádios populares favorece o consumo excessivo e descontrolado de remédios. A 'empurroterapia', a recomendação de medicamentos por balconistas desabilitados, é a parcela evidente de um círculo de omissão que envolve a avidez do comércio, a imprudência da população e a omissão do poder público.]

"Você prefere comprimido ou líquido?" [...] "Isso é coisa boba, umas pastilhas resolvem". [balconistas]

"Isso aqui virou a casa-da-mãe-joana porque não há tradição de vigilância no Brasil. [...] O Brasil tem excesso de farmácias, distribuidoras inadequadas e todo tipo de lixo terapêutico". [Elisaldo Carlini – ex-secretário nacional de Vigilância Sanitária]

[A 'empurroterapia' equilibra-se sobre um tripé formado por excesso de publicidade, falta de fiscalização e proliferação das farmácias. (...) O Brasil é considerado um dos principais mercados para a expansão dos laboratórios, devido à melhoria do poder aquisitivo da população e à atração sem freios pelas novidades das prateleiras.]

[Sem poder de polícia, os conselhos regionais de farmácia não podem fechar estabelecimentos nem prender responsáveis.]

"Cansamos de fazer denúncias à Vigilância Sanitária sem que nenhuma atitude fosse tomada. [...] Somos ultrajados quando nos confundem com balconistas". [Jaldo de Souza Santos – presidente do Conselho Federal de Farmácia]

[A entidade abomina a transformação das farmácias em supermercados e sonha com um projeto de lei que enterre esse movimento.]

"Essa lei é do tempo em que havia muita manipulação e a presença do farmacêutico era fundamental. Hoje, aviar uma receita é só entregar o remédio". [Vitor Hugo Strozzi – vice-presidente-executivo da Abrafarma]

[As promoções são o motor do consumo desordenado. Incentiva-se a compra porque as farmácias estão em todo lugar e oferecem promoções o tempo todo.]

"Consome-se muito porque é fácil comprar, mas se as farmácias que vendem sem receita fossem multadas, a situação seria outra". [Jorge Bermudez – coordenador do Núcleo de Assistência Farmacêutica da Escola Nacional de Saúde Pública do Rio de Janeiro]

"Nesse campo o brasileiro é irresponsável e não percebe que tomar medicamento é um ato técnico como pilotar um avião". [Fernando Lefèvre – professor de Saúde Pública da USP]

[A OMS prepara uma lista de medicamentos essenciais ao bem-estar da população e recomenda que cada país também faça a sua.]

[Em meio a uma indústria que se expande sem controle e uma população suscetível, casas à moda antiga, com farmacêuticos conscienciosos, despontam como exceções.]

[As autoridades sabem que alguns laboratórios oferecem prêmios aos balconistas para estimular a promoção.]

“É a bonificação, ou B.O. [abreviação de ‘bom para otário’]. Não existe medicamento sem potencial tóxico, e só o médico pode saber se os benefícios superam os malefícios”. [Elisaldo Carlini – ex-secretário de Vigilância Sanitária]

**VEJA Nº 36 [XXXI] – 09 setembro 1998 – Idade do Perigo: Como a Violência, as Drogas e a AIDS Ameaçam os Jovens e o Que os Pais Podem Fazer [Margem]. Pg. 88-97 – Geração Perigo [Sociedade: Glenda Mezarobba e Rodrigo Cardoso]**  
AIDS. Crack. Violência. Os jovens nunca correram tantos riscos.

**Quadros:** O raio X do risco; Com a palavra, os meninos; Com a palavra, as meninas.

[Os pais sempre se julgaram cheios de razão para estranhar os rumos seguidos pelas novas gerações – e se preocupar com o destino de seus filhos.]

[Nunca uma geração esteve tão exposta a tantos fatores hostis, do desemprego ao banditismo. Num ambiente assim, a proteção paterna deixa de ser uma discussão filosófica. Ela é uma imposição da realidade.]

[No auge da força e da beleza física, o futuro nos olhos e o ímpeto da esperança, a juventude é aquela fase única em que tudo parece possível. (...) Sexo, drogas e rock'n'roll ainda são as questões cruciais.]

“Experimentar vorazmente o mundo adulto é da natureza dos adolescentes, porque eles não são mais crianças. O risco é que também não são adultos, não sabem ainda como lidar com essas novidades todas”. [José Raimundo Lippi – psiquiatra professor da Faculdade de Medicina da UFMG]

[As drogas deixaram de ser um problema particular e estão no centro de uma catástrofe social.]

“A taxa de mortalidade por causas violentas entre os jovens nunca foi tão alta quanto agora”. [Elza Berquó – demógrafa presidente da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento]

[A “onda jovem” não é um fenômeno demográfico qualquer. (...) É um marco na história da humanidade que jovens japoneses, dos Estados Unidos ou do interior de Sergipe formem uma geração quase homogênea.]

[A natureza da adolescência é a mesma, o mundo é que se tornou potencialmente mais perigoso.]

“Qual é hoje o menino de 9, 10 anos que não toma seu charuto na frente do próprio pai? É um jovem que aos 14 anos já namora a torto e a direito e pode dar quinaus a uma freira a respeito de intrigas amorosas”. [Lopes Gama – padre cronista do Brasil Regência em 1842]

[Os charutos que alimentavam a ranhete do padre Lopes Gama não matavam. Nada que se possa comparar à devastação física provocada pelas drogas atuais, como a cocaína e o crack.]

“Os jovens são muito curiosos para testar a capacidade de aceleração. Os motoristas dessa faixa têm o dobro de índices de colisão que um motorista de 35 anos”. [Paulo Umeki – diretor técnico da Sul América Seguros]

“O João era um menino alegre, expansivo, adorava conversar. Ele gostava de carros e dirigia bem. Ainda não acredito que perdi meu filho”. [Ana Jobim – esposa de Antônio Carlos Jobim e mãe de João Francisco Jobim]



[Para cada estatística catastrófica há um punhado de estudiosos tentando explicação. Mas entender o que vai pela cabeça dos jovens nunca foi fácil. O próprio conceito de adolescência é recente.]

“A adolescência é definida em termos culturais. É um produto da reflexão humana. A adolescência que o Ocidente inventou se caracteriza por sua longa duração, sua indeterminação, sua carga de conflitos e a grosseira falta de sincronia entre a maturidade sexual e a maturidade social”. [Diego Salazar Rojas – professor da Escola de Saúde Pública da Universidade do Chile]

[Bate-se numa única tecla: sexo, sexo e sexo – camisinha, Aids, gravidez. Mas isso pouco funciona.]

“Eu pensei que nunca ia ter de contar. Minha barriga demorou a aparecer. Às vezes a gente não tinha [preservativos] e não se preocupava. Foi descuido. Sabia o que tinha de fazer porque sempre conversei sobre sexo com a minha mãe. Uma coisa que eu sempre penso é: ainda bem que eu ‘peguei’ foi a Nathália e não uma Aids”. [Daniele Gomes – modelo de São Paulo]

“A conversa deve vir desde os 4 anos de idade, quando a criança passa a perceber as diferenças de corpo e a manifestar curiosidade. É bom saber que os frutos plantados durante doze, treze anos vão ser colhidos na adolescência”. [Tânia Zagury – professora da Faculdade de Educação da UFRJ]

[Diálogo é importante, mas não pode ser forçado. Também não é um antídoto garantido, apenas diminui os riscos. O ideal é sinalizar claramente para os filhos, sempre, que o canal de comunicação está aberto para qualquer assunto, seja qual for sua gravidade.]

[Agora, não basta a pílula anticoncepcional. Tem de ter preservativo. É muita complicação para quem mal sabe administrar a própria libido. (...) Para muitos nesta geração, prazer com responsabilidade soa como ladainha e, conseqüentemente, não é coisa para se dar atenção.]

“Quando cheguei em casa, rezei para não ficar feia. Nem me passou pela cabeça rezar para não morrer. Não tinha para onde fugir. É absurdo, é inacreditável, mas eu tenho Aids. Não acho que alguém que teve acesso à informação de que precisa usar camisinha é vítima da Aids. Eu fui infectada aos 14 anos. Mas era espertinha e sabia muito bem que tinha de me prevenir. Não estava andando na rua e fui violentada. Foi um descuido. Não achei que era vítima quando engravidei e acho que não sou agora, com Aids. Os jovens precisam aprender que eles têm sorte de ter informação. Não podem jogar isso no lixo”. [Núbia Moreira Santana – professora de Goiânia]

“O problema é que o horizonte de futuro deles é muito próximo. Calculam-se os riscos só até a próxima semana”. [Rosely Sayão – psicóloga]

“Não me arrependo do aborto e faria de novo. Já sabia usar [preservativo]. Até andava com uma caixa na bolsa para uma emergência. Foi burrice. Achei que só uma vez não tinha problema. Eu me estrepei. [...] Foi horroroso [tomou Cytotec]. Parecia uma bomba dentro do meu corpo. Como se fosse parto mesmo. E o que dói é que eu podia ter evitado tudo isso”. [Ariane Amorim – estudante de Brasília]

[Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison marcaram uma geração com suas mortes trágicas, na década de 70. A causa, então, foi a mesma: overdose. (...) Quando a jovem Cláudia Lessin Rodrigues morreu, em 1977, numa balada de cocaína e álcool, o Brasil se comoveu.]

“De uma hora para outra estava enrolando dez baseados por dia. Misturava com uísque a aumentar a adrenalina”. [R.L.C. - jovem de São Paulo]

“A droga está muito próxima de todos. Acho que os pais nem imaginam como ela está perto dos seus filhos”. [A.R.O. - jovem da Bahia]

“O jovem tem de estudar muito para entrar na faculdade, ser melhor do que o vizinho e namorar logo para provar sua opção sexual. É uma geração engravatada, de mini-executivos norteados pela competição. A reclamação que mais ouço é a de jovens que

querem um tempo para conversar com amigos e se divertir. Ou seja, para muitos, a adolescência é um período frenético, mas frustrante. Como médico, acho correto um pai tentar evitar que o filho experimente a droga. Mas, como na prática isso é quase impossível, é importante deixar ao lado do adolescente alguém que ele ouça, para que o uso esporádico não se transforme em dependência". [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra titular da Universidade de São Paulo]

"Os adolescentes deste final de século têm poucas formas de satisfação porque o mundo ficou muito exigente com eles e ao mesmo tempo lhes oferece poucas compensações. É aí que as drogas entram". [Rosely Sayão – psicóloga]

[Morrer é dramático em qualquer idade. Mas morrer jovem é mais dramático do que aos 60 anos, porque se quebra o ritmo natural da vida, a sucessão de gerações. (...) Não há país onde a vida se perca tão precocemente quanto no Brasil.]

"A grande facilidade com que se consegue comprar uma arma de fogo é uma das causas do aumento da violência entre os jovens". [Luiz Flávio Gomes – juiz criminal e escritor]

[A matança entre iguais é cada vez mais comum. Em boa parte dos casos, os homicídios de jovens são provocados por pessoas que frequentam o seu meio e estão na mesma faixa etária.]

**ISTOÉ Nº 1512 – 23 setembro 1998 – “Por Favor, Eu Quero me Tratar” [Capa]** A trajetória do “polegar” Rafael, de ídolo popular e namorado de mulheres famosas ao vício do crack, à sarjeta dos viadutos e à prisão por roubar um real. **Pg. 130-136 – Do Sucesso ao Fundo do Poço [Fred Melo Paiva, Luís Chagas e Rita Moraes]** Rafael, que foi ídolo e tornou-se assaltante, repete a tragédia dos jovens que provam a fama e a droga antes de criar defesas.

**Quadros:** Pai se culpa por ausência; Mãe luta por privacidade; Quem fica pelo caminho; Um corpo que cai.

"Chorei muito hoje. Não estou agüentando mais. Estou deprimido e sinto falta da droga. Peço encarecidamente à promotoria que me dê uma oportunidade de me tratar e, se possível, que eu possa sair daqui logo". [Rafael Ilha Alves Pereira – ex-líder do grupo Polegar]

"Depois de passar dez anos cuidando dele, a gente cansou e abandonou. Tudo que acontece com Rafael não me causa mais surpresa. Quando Rafael começou a cheirar, achei que o problema era a falta do pai verdadeiro. Mas ele disse: 'Meu pai é você, não quero conhecer outro'. Ele sempre me respeitou mas acho que, depois que me separei de sua mãe, a Silvia, faltou uma autoridade de pai no seu dia-a-dia. Falo isso com dor no coração, mas se ele cometeu um delito tem que pagar. Fico triste e aliviado com sua prisão. Vamos ver se agora ele aprende alguma coisa. [...] Rafael está no fundo do poço e ainda acha que a vida é uma festa. Ele tem que perceber que a festa acabou e não é mais o astro do Polegar". [Luiz Felipe Ilha Alves Pereira – auditor fiscal do Tesouro Nacional e pai adotivo de Rafael]

"Meu filho está correndo risco porque sofre de crise de abstinência da droga. Preciso de ajuda, de gente que possa custear um tratamento. Mas com respeito". [Silvia de Melo Vieira – mãe de Rafael]

[Sua vida foi uma montanha-russa de tentativas e recaídas, mas é a primeira vez que ele foi parar na cadeia. (...) Rafael chegou ao fundo do poço.]

"Anda de um lado para o outro, como se estivesse na maior paranóia". [investigador do 95º Distrito Policial do Heliópolis de São Paulo]

[Sem tomar drogas pelo menos desde a segunda-feira, sente os efeitos da abstinência, capaz de provocar dor e convulsões. Os outros presos têm aliviado sua aflição, fornecendo alimento de suas próprias marmitas, tratando-o como um ídolo querido.]

“Não é porque o Rafael é artista que tem privilégios, liberdade provisória. Se ele for solto, devem libertar todos os assaltantes. O Rafael é um safado”. [Carlos Massa – apresentador do Programa do Ratinho do SBT]

[Embora ainda em liberdade, Rafael já circulava por um mundo quase tão sombrio quanto a cadeia.]

“Ele vinha fumar o cachimbo dele e depois ia embora. Ninguém sabe onde ele dormia”. [M. – ex-balconista morador de rua]

“Se falasse, o pessoal não ia acreditar. Ele estava sempre sujo, como a gente aqui”. [Cláudio – ex-interno da Febem]

[Há apenas sete anos, ele era um adolescente que saboreava a fama circulando em automóveis zero quilômetro, em companhia da namorada, a atriz Cristiana Oliveira. (...) Alternava o colo de Cristiana, que chamava de ‘Crica’, com o da mãe, Sílvia, uma loira vistosa, então com 35 anos.]

[Quando Sílvia conheceu o pai adotivo de Rafael, já estava grávida. Tinha apenas 18 anos e o marido assumiu completamente seu filho.]

“Ele era muito desinibido, engraçado. Começou a fazer comercial de tevê das canetas Bic. Era muito extrovertido. [...] Quando Rafael se droga, ele fica horrível, tem convulsões e fica agressivo. Entra em outra realidade e começa a mentir. [...] Ele sabia manipular muito bem os médicos e até se envolveu sexualmente com uma psicóloga”. [Luiz Felipe – pai adotivo de Rafael]

[Ficou no grupo (Polegar) pouco mais de um ano. Chegava sempre atrasado e, embora não demonstrasse estar envolvido com drogas, era displicente com o grupo. Foi suspenso algumas vezes e, finalmente, desligado.]

[Ultrapassaram a barreira dos 20 anos mais inteiros e não foram expostos às pressões deformantes que a fama na infância e na adolescência costuma trazer.]

[Segundo o pai de Rafael, a dependência começou pela cocaína, que circulava fácil pela televisão. (...) Como em tantas histórias de viciados, ele começou a levar de casa tudo o que pudesse ser trocado por droga. (...) Cristiana Oliveira o imprensou: as drogas ou a namorada. Ele preferiu as drogas.]

“Seu maior problema é a perda da auto-estima. Ele busca a auto-destruição. Pessoas assim podem ter tudo na vida – fama, dinheiro, família – mas sempre buscarão motivos de infelicidade”. [Édson Ferrarini – coronel e psicólogo de Centro de Recuperação de São Paulo]

[Transtornado pela droga, Rafael se envolveu em situações perigosas e assustadoras. (...) Muitas pessoas socorreram Rafael em situações críticas.]

[Os amigos dizem que o golpe fatal foi encontrar as portas das gravadoras fechadas para um disco independente que gravou.]

“O susto veio para o bem. O caminho natural é ele sair daí para uma clínica e de lá, para a vitória”. [Yolanda de Melo Vieira – avó de Rafael]

## **ÉPOCANº 21 – 12 outubro 1998 – Mulher e Viagra: Mais Prazer e Medo da Infidelidade**

**[Margem] Pg. 44-47 – Prazeres Sob Suspeita [Sociedade]** Pesquisa exclusiva revela que as brasileiras acreditam nos poderes do Viagra, mas temem que ele escancare as portas da infidelidade masculina.

**Quadros:** Pesquisa Época/Mori Brasil; O Viagra e elas; Os efeitos nas mulheres; Um intruso no casamento.

[Entre os homens, a recepção foi efusiva. O Viagra chegou ao Brasil em junho com a promessa de animar a festa dos que sofrem com a impotência – ou disfunção erétil, na linguagem politicamente correta.]

[Ainda assim, é grande o número de mulheres que recebeu o ‘milagre’ com reservas. As brasileiras estão cheias de dúvidas.]

[Por trás da baixa euforia, aprovam a retomada de uma vida sexual ativa, mas temem as conseqüências – principalmente fora de casa.]

“O Viagra pode estimular o adultério”. [Eduardo Bertero – urologista de São Paulo]  
“Ele pode levar os homens à infidelidade, especialmente os mais velhos”. [Nélson Vitiello – ginecologista da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana]

“O Viagra não muda o caráter. A infidelidade está na mente, não no pênis”. [Celso Gromatzky – urologista]

[O fato é que o fantasma da traição generalizou-se. Entre as mulheres, 84% acham que os usuários do sildenafil, a substância responsável pela ereção infalível, vão se interessar por mulheres mais jovens.]

[Fora do anonimato estatístico, as mulheres sentem dificuldades em falar no assunto e, quando o fazem, pedem para não ser identificadas.]

“Ela controla tudo: pega recados no meu celular, telefona para o escritório, sabe de toda a minha vida”. [José Guilherme Kesselring – corretor de seguros de São Paulo]

“Antes achava que ele não fazia sexo comigo porque tinha outra. O medo agora aumentou. Morro de ciúme. Tenho medo de que ele saia com outras, mas agora sei que Zé vai conseguir acompanhar meu pique na cama”. [Fernanda Bastos Kesselring – estudante de São Paulo]

“As inseguras acham que a disfunção é a garantia de que ele não terá relações fora de casa. Outras nem gostam de sexo com penetração. E há as que perderam o interesse e preferem cuidar da casa ou dos filhos. Quando eles reagem, elas se afligem: afinal, como dizer que preferem deixar as coisas como estão?” [Nélson Vitiello – ginecologista da SBESH]

“Há oito anos não tínhamos relações. Admito que me desinteressei do sexo. Agora ele quer voltar à ativa, mas eu não estou a fim. Tenho vontade de jogar os comprimidos no lixo”. [M.S.D. – dona de casa de MG]

[Outra dúvida cruel instalou-se: como saber se ele está excitado por causa dela ou por causa do remédio?]

“Sem atração, não há remédio que dê jeito”. [Elcimar Coutinho – endocrinologista da BA]

“Quase nos separamos, mas quando ele decidiu tratar-se, provou gostar de mim”. [S.A.G. do RJ]

[Ainda há constrangimento nos consultórios, vergonha nas farmácias, medo da morte associada à droga e, finalmente, o preço das pílulas. Os entusiastas que se acatelem. Podem ser alvo de outra crítica feminina: o rombo no orçamento doméstico.]

**ÉPOCANº 26 – 16 novembro 1998 – Alimentos Contaminados [Margem]** O veneno servido à mesa tem antídoto. **Pg. 38-43 – Comida em Pratos Limpos [Sociedade]** Os alimentos de nosso cotidiano estão contaminados com agrotóxicos, mas o brasileiro começa a se interessar pela agricultura sem produtos químicos.

**Quadros:** Veneno à mesa; A força dos orgânicos; A contaminação do leite; Os inseticidas no Brasil; Os riscos para a saúde; Alguns cuidados à mesa; Os danos para o agricultor; Os males do campo.

[Os produtos que aparecem na bandeja aí ao lado (foto) estão contaminados com resíduos de agrotóxicos em quantidades acima do permitido por lei. Não se trata, é claro, de caso de vida ou morte – dificilmente alguém morrerá envenenado porque ingeriu um morango vermelho, bonito, brilhante, mas repleto de químicos. Ninguém terminará num hospital porque devorou um tomate rechonchudo e sua bela casca vermelha a esconder o remédio amargo.]

[Há, entre eles, o fungicida clorotalonil, que em doses elevadas pode produzir diarreia, e o endossulfan, não recomendado para morangos, e que gera alterações hepáticas.]

“Ao saber da presença desses resíduos, eu não daria leite a uma criança”. [Igor Vassilief – diretor do Centro de Toxicologia da Unesp]

[Difícilmente um leite contaminado será fatal – mas pode representar, sim, um problema de saúde crônica. Nos Estados Unidos, os pediatras começam a investigar a má absorção do leite pelas crianças com a presença de sinais de pesticidas.]

“É praticamente impossível um pesticida piretróide deixar resíduos. Além do mais, já que se trata de uma constatação grave, por que não divulgar as marcas dos leites? Não tenho notícia de que alguém tenha morrido por tomar leite – mas garanto que muita gente morreu por não tomá-lo”. [Jorge Rubez – diretor da Associação dos Produtores de Leite]

[A agricultura ancorada nos pesticidas atravessa um mau pedaço, como a do fumo nos Estados Unidos – levar um cigarro à boca, há algum tempo era indício de charme. Hoje, é sinal de comportamento politicamente incorreto. (...) Com os agrotóxicos, apostou-se na tecnologia para reverter a imagem pejorativa de uma família de produtos de laboratório que pode fazer mal à saúde e ao meio ambiente.]

“Todo esforço dos fabricantes dos produtos fitossanitários é feito para o surgimento de químicos mais eficientes e menos tóxicos. O que se procura são agrotóxicos de rápida degradação no meio ambiente”. [Cristiano Walter Simon - presidente da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)]

[Há 50 anos, o surgimento dos primeiros pesticidas, hoje banidos, foi celebrado pelas organizações humanitárias como uma solução para a fome no mundo – numa época em que as preocupações ecológicas eram devaneios.]

[Uma outra porta tecnológica foi aberta pelos fabricantes com os transgênicos – neles, altera-se a carga genética de forma que os produtos agrícolas se tornem resistentes não apenas às pragas mas também aos efeitos nocivos de um tipo específico de agrotóxico. Os críticos da indústria química consideram os transgênicos uma ameaça de perpetuação dos agrotóxicos – não um avanço.]

[Cresce em todo o mundo o interesse pela agricultura orgânica. Ela não utiliza pesticidas ou adubo químico. A agricultura orgânica está para a tradicional como a homeopatia está para a alopatia.]

[Grandes grupos como o Pão de Açúcar e o Carrefour não entraram no terreno orgânico porque ganham dinheiro com isso, ao contrário – na prática, eles o fazem porque há uma pressão da sociedade por produtos agrícolas sem resíduos.]

“Todos buscam uma vida sadia – e já não há dúvidas de que os produtos sem agrotóxicos são mais saudáveis”. [Gert Fischer – agrônomo de Joinville-SC]

“Em qualquer supermercado, o que funciona é a forma como as frutas e os legumes são expostos. É a Broadway, com luzes e propaganda. Nós mesmos fomos obrigados a embalar os orgânicos com plástico, o que é paradoxal”. [Joop Stoltenberg – coordenador do Sítio A Boa Terra de São Paulo]

[O consumidor brasileiro demonstra estar disposto a pagar caro pelos produtos orgânicos.]

“É um dinheiro a mais que gastamos, mas vale a pena”. [Bellangela Marcon de São Paulo]

[Alunos de uma escola cooperativada ou profissionais liberais com acesso à informação, não importa – a produção orgânica ainda faz parte de um nicho, mas tudo indica que seu espaço crescerá.]

“Nos interessa ganhar mais dinheiro, evidente que sim – mas é incalculável o conforto que nos dá ao saber que estamos colocando no mercado um morango limpo”. [Adilson Roncaglia – agricultor de Valinhos-SP]

[Assim viceja, hoje, o mundo dos produtos agrícolas orgânicos – são uma ilha muito charmosa e saudável na vastidão dos campos coalhados de agrotóxicos.]

**ÉPOCANº 29 – 07 dezembro 1998 – Vera Gata [Capa]** Sem beber e longe das drogas, Vera Fischer se prepara para voltar à TV em grande estilo. **Pg. 92-96 – A Escolha de Vera [Cultura]** Sem beber e longe das drogas, atriz reencontra o passado em Blumenau e se prepara para voltar com tudo à televisão.

**Quadros:** Um museu para a Verinha; A Verinha de Blumenau é outra; A receita da deusa.

[Há um ano, no final de 1997, ela era internada numa clínica para dependentes químicos e perdia a guarda do filho, Gabriel. Foram as últimas cenas tristes de um outro teatro, dos horrores, uma peça que o destino pregou na maior estrela do Brasil. Mas alguém acendeu as luzes: Vera parece finalmente ter fechado a cortina desse passado.]

“Estive com Chico Xavier e ele me disse que eu terminaria o ano bem e com uma família. É o que está acontecendo. Encontrei minha mãe, amigos de infância... Encontrar o passado me fez refletir muito. Estou feliz. [...] Antes da peça, tive medo de ser vaiada. Estou fazendo as pazes com minha terra e, assim, comigo mesma. Fiz questão de passar aqui para lavar de vez a minha alma”. [Vera Fischer – atriz]

“Vera Fischer é como corrida de Fórmula 1. Todo mundo faz questão de acompanhar só para ver a batida”. [Milton Gonçalves – ator]

[Depois de alguns carinhos (em fã de 14 anos), a prova final: “Vera, você usa mesmo drogas?” Percebendo a importância de dar um exemplo, Vera foi obrigada a responder: “Claro que não”.]

[Verdades e mentiras construíram o mito Vera Fischer, protagonista de uma carreira tão conturbada que a fez ser chamada de Marilyn Monroe brasileira.]

“Como todas as moças daqui, Vera foi educada para casar e ter filhos, não estava preparada para o sucesso”. [Maria Luísa Vianna – apresentadora de TV de Blumenau-SC]

“Com minha mãe doente, fiquei sozinha. Não tenho mais ninguém. Minha família está no Rio”. [Vera Fischer – atriz]

“Vera mergulhou no inferno, inconscientemente quis experimentar sensações para, no futuro, usar em seus personagens. Mas vai superar a droga porque sabe que ainda tem muito a fazer como atriz”. [Perry Salles – ex-marido de Vera]

“Agora é uma viagem sem volta. Vera está calma, só bebe cerveja Kronenbier [sem álcool]”. [Beth Erthal – atriz]

“Ela foi superprofissional, não se atrasou para as gravações, foi ótima”. [Fábio Barreto – diretor do programa *Você Decide* da TV Globo]

“Nunca vi a Vera tão bem. Queremos ao menos revogar as medidas que a proíbem de estar com Gabriel sem uma monitora e de dormir com o filho em casa”. [Antônio Dunshee de Abranches – advogado de Vera]

“Torço para que ela se recupere. Só assim Vera vai reconquistar o filho, que sente falta da mãe. Estou disposto a revogar tudo, desde que ela prove com o tempo e atitudes que se recuperou”. [Felipe Camargo – ex-marido de Vera]

“Há males que vêm para o bem. O convívio com o pai fez Gabriel mais homenzinho. Hoje ele fala de futebol e diz palavrão”. [Vera Fischer – atriz]

[As sessões semanais com a psicanalista Maria Clara Pellegrino são um sucesso. A relação com Floriano vai muito bem. Com Rafaela, misto de amor e competição – como é comum entre mães e filhas – tudo em paz.]

[Comentários sutis, notas venenosas, boatos infundados... Nada disso vai sumir para sempre da vida de Vera, faz parte do show. Mas o futuro que se desenha é animador. (...) Vai continuar a protagonizar notícias tristes? Ou será que vai assumir de vez a felicidade e o prazer de ser uma das maiores atrizes e a maior estrela brasileira? A resposta não está ao alcance dos fãs. É ela quem decide.]

**ÉPOCANº 35 – 18 janeiro 1999 – Xenical [Margem]** O sucesso da droga que promete emagrecimento sem (muito) esforço. **Pg. 58-62 – O Inimigo da Gordura [Ciência e Tecnologia - Saúde]** Chega às farmácias o Xenical, remédio que promete tornar o sacrifício de emagrecer mais leve, mas sem evitar a dieta e os exercícios.

**Quadros:** O que acontece com a comida; Saiba quem é gordo; Eficácia testada; Pesos pesados; Ficha técnica.

[A mais nova promessa da indústria farmacêutica para quem vive de dieta e não consegue emagrecer está à disposição dos brasileiros desde o início da semana e tem sido

procurada com a mesma ansiedade com que os mais gordinhos costumam avançar sobre a feijoada ou a picanha proibidas.]

[O Xenical, primeiro remédio que combate a obesidade sem afetar o sistema nervoso central. (...) O preço pode inibir o entusiasmo de muita gente.]

[Muita gente, levada pela curiosidade e pelo sonho de emagrecer sem sacrifício, acha que pode se dirigir à farmácia e comprar meia dúzia de caixas com a mesma tranquilidade de quem vai atrás de um analgésico.]

[Como o Viagra, não deve ser encarada como uma pílula da felicidade que age sozinha, mas como auxiliar de um tratamento que requer empenho e paciência.]

[Quem acredita que conseguirá emagrecer só tomando Xenical, sem deixar de lado o lombinho, a carne de porco e o bombom de chocolate, pode desistir dessa fantasia.]

[Para não sofrer constrangimento, os consumidores de Xenical precisam limitar a quantidade de gordura ingerida de forma a evitar o desagradável sintoma da incontinência intestinal e, sem ter essa intenção, acabam comendo coisas mais saudáveis.]

“Quando comecei a tomar o remédio, o pessoal do escritório fazia brincadeiras dizendo que seria preciso abrir portas de emergência para facilitar a corrida ao banheiro”. [Maria Augusta Magalhães – engenheira do Rio de Janeiro]

“A simples redução de 5% do peso tem influência positiva nos níveis de hipertensão, colesterol e diabetes”. [Maria Teresa Zanella – endocrinologista da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp]

“O remédio exige mudança de comportamento, e se alguém consegue isso, não precisa dele”. [Fábio Ancona Lopes – médico da Unifesp]

[Ele reconhece, no entanto, que essa atitude é muito rara numa sociedade em que o gordo encontra tentações em cada esquina.]

“O Xenical é um medicamento auxiliar e mais eficiente quando utilizado na manutenção do regime. O Xenical não elimina a gordura do corpo, só a que é ingerida depois que o remédio foi absorvido”. [Antônio Chacra – endocrinologista da Unifesp]

[Mas há contra-indicações. (...) Os estudos também constataram pequenas reduções na captação de vitaminas. Faz sentido. (...) Por outro lado, o Xenical representa uma alternativa para quem não pode tomar remédios que atuam no sistema nervoso central.]

[A economista paranaense Sandra Montes de vez em quando exagera à mesa com um tiquinho de culpa a menos por usar Xenical.]

[O fato é que a ciência ainda não conseguiu criar um remédio que tenha efeito sobre os obesos compulsivos, conforme atesta o psiquiatra Táki Cordas, chefe do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas de São Paulo. Esse grupo de pacientes tem comportamento semelhante ao dos viciados em drogas. São capazes de arrombar a porta da cozinha atrás de um pedaço de torta ou de uma fatia de bolo.]

“Tenho tendência familiar à obesidade e, se não controlar muito bem o que como, engordo demais”. [Sandra Montes – economista do PR]

“Em vez de desarranjar o intestino, o remédio melhorou minha habitual prisão de ventre. Deixei de tomar laxantes”. [Margarida Figueira – dona de casa do Rio]

“Aprendi a me controlar à mesa. As pessoas precisam ajudar o remédio, que não faz tudo sozinho”. [Carlos Kreme – administrador esportivo de São Paulo]

“Sou chocólatra e às vezes mergulho num sorvete de chocolate. Mesmo assim estou perdendo peso”. [Maria Augusta Magalhães – engenheira do Rio]

**ÉPOCANº 38 – 08 fevereiro 1999 – Dor de Cabeça: Adeus, Enxaqueca [Capa]** Novos remédios melhoram a vida de 30 milhões de brasileiros que sofrem desse tormento. **Pg. 56-60 - Tormento a Caminho do Fim [Ciência e Tecnologia – Saúde]** Novos medicamentos ajudam a tornar mais suportável a vida das muitas pessoas que sofrem de enxaqueca.

**Quadros:** Alguns números sobre a doença; Atenção para os sintomas; Custos indiretos; Abuso de analgésicos; O mal em detalhes; O que deflagra a dor; Alguns hábitos que podem ajudar; Maneiras de ajudar o doente.

[Os relatos são dramáticos. (...) São histórias de terror como essas que levam as vítimas de enxaqueca a uma legião de clínicos, neurologistas, acupunturistas, homeopatas e, às vezes, até a pais-de-santo, numa peregrinação tão inútil quanto desesperada atrás de algo para mitigar a dor.]

[Para essas pessoas, que já perderam centenas de horas de trabalho e de escola, ganharam a fama de irritadiças e mal-humoradas e muitas vezes não foram levadas a sério quando reclamaram do cheiro de cigarro ou da luz forte, há boas notícias.]

[Os laboratórios farmacêuticos aproveitam as novidades para inventar novos remédios capazes de atacar até mesmo as enxaquecas mais renitentes.]

[A Sociedade Internacional de Cefaléia considera mais de cem tipos de dores de cabeça, desde as tensionais, normalmente associadas ao estresse, até as que são resultantes de ressaca, aneurisma e tumores.]

[Muitos grandes bebedores, quando param de tomar café, têm suas artérias dilatadas e ganham de presente uma tremenda dor de cabeça. (...) Há pessoas que não suportam chocolate, outras que não podem nem ver temperos, sucos cítricos, queijos, nozes, lentilha e um sem-número de ingredientes dos alimentos.]

[Há quem fique doente porque dormiu demais, porque não dormiu, porque o clima mudou, porque está cansado, por causa das mudanças hormonais – até o orgasmo pode ser um gatilho da dor. A doença também não tem idade para atacar.]

[Enquanto se acreditava que a enxaqueca era provocada apenas pela dilatação dos vasos do cérebro, o tratamento consistia em inverter o processo pela ação dos analgésicos e de substâncias ergóticas, derivadas de um fungo, que atuavam sobre as conseqüências das crises.]

[Hoje se sabe que o fluxo sanguíneo apenas reflete a alteração da atividade das células nervosas cerebrais durante a crise. (...) A enxaqueca e outros tipos crônicos de dor são o resultado da deficiência de serotonina. (...) Nas pessoas com deficiência de serotonina, o estímulo de uma luz forte, inofensivo em condições normais, é sentido como um tiro. (...) Os remédios à base de triptanos simulam a ação da serotonina. (...) Vão à causa do problema, e não aos sintomas.]

“Os triptanos funcionam como um seguro de automóvel. Não devem ser usados todos os dias, mas são um conforto para ter ao alcance da mão”. [Maurice Vincent – neurologista da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ]

[Quem lida com enxaqueca e dor de cabeça em geral teme, acima de tudo, o consumo exagerado de remédios. É natural, considerando-se que nem todo doente recebe orientação adequada.]

“Cheguei a tomar 11 comprimidos por dia. Fiz de tudo: acupuntura, homeopatia, tomografia, ressonância, nada adiantou”. [Teresa Maria Pacheco Silva Tarchiani – coordenadora pedagógica de São Paulo]

“Uma boa parte do tratamento passa ao largo dos remédios. É preciso mudar de hábitos e evitar o estresse emocional”. [Alexandre Feldman – neurologista de São Paulo]

**VEJA Nº 08 [XXXII] – 24 fevereiro 1999 – Vício: Sexo, Drogas, Comida, Cigarro e Bebida [Capa]** A luta de milhões de brasileiros para se livrar da dependência. **Pg. 96-103 – A Luta Contra o Vício [Especial: Juliana de Mari, Daniel Hessel Teich, Pablo Nogueira, Daniella Camargos e Márcio Pimentel]** Como funcionam os grupos anônimos que ajudam pessoas a se livrar da dependência.

**Quadros:** A química do vício; O sucesso do divã coletivo.

[Como no caso dos dependentes de álcool, cigarro ou drogas, o sexo para esse grupo já foi um prazer corriqueiro. Com o tempo, contudo, tornou-se uma obsessão, a



ponto de criar dificuldades no emprego, no relacionamento com a família e com outras pessoas.]

“Cheguei a fazer sexo com três mulheres por dia, a qualquer hora, em qualquer lugar”. [Rodolfo – publicitário]

“Tive muitos amantes. Cheguei a um ponto em que nem perguntava mais o nome deles. [...] Estou bem no trabalho, recuperei minha vida familiar e tenho amigos que me ajudam muito. Mas ainda não me sinto preparada para um envolvimento afetivo”. [Berenice – artista gráfica]

[Ali se reúnem pessoas de diferentes idades e classes sociais em busca de apoio mútuo para superar vícios ou comportamentos compulsivos que as levaram a uma vida destrutiva e socialmente malvista.]

[Graças a seu sucesso na recuperação de muitos alcoólatras, o AA passou a servir como modelo para o combate a outros tipos de dependência, das drogas ao fumo e ao jogo.]

“A gente não promete nada a ninguém. Mas a maior parte das pessoas que vem aqui permanece no tratamento”. [Pedro – porta-voz dos Narcóticos Anônimos]

[A terapia dos grupos anônimos consiste em doze passos que o dependente deve seguir em busca da recuperação. O primeiro é admitir o vício e a necessidade de ajuda.]

“Os freqüentadores não gostam muito de Carnaval, porque a festa os aproxima da bebida”. [Franco – alcoolista em abstinência]

“Comecei a beber depois que me casei, aos 21 anos, e logo já estava bebendo desde manhã. Até freqüentar o grupo de apoio, nunca tinha ouvido falar que alcoolismo era doença”. [Paulo – tapeceiro alcoolista em abstinência]

[Do ponto de vista da saúde pública, a luta contra o vício assume proporções epidêmicas. Os psiquiatras estimam que entre dez e quinze pessoas em cada grupo de 100 adultos desenvolvem algum tipo de dependência em relação a substâncias como álcool ou drogas.]

[Pesquisa realizada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp, estima que no Brasil o número de licenças médicas no trabalho devido ao alcoolismo seja o triplo do causado por outras doenças.]

[Até algum tempo atrás, o vício era considerado um desvio de personalidade, próprio das pessoas fracas de caráter e com dificuldade para se relacionar socialmente. Aos poucos, os cientistas estão chegando à conclusão de que a raiz do problema é muito mais biológica do que social.]

[Tudo isso está relacionado com a química do cérebro. É a produção de uma substância natural chamada dopamina que rege todas as formas de compulsão. (...) Pessoas cujas células cerebrais têm alguma dificuldade em produzir ou liberar dopamina são as mais predispostas ao vício. (...) Esse mesmo mecanismo químico seria capaz de induzir uma pessoa ao vício nas mesas de jogo ou à dependência da cocaína.]

“Essas pessoas comem muito para preencher algum vazio, que muitas vezes é um outro vício que abandonaram”. [Antônio Vieira Gabriel – endocrinologista da Associação Brasileira de Estudos da Obesidade]

“O contato com outros comedores compulsivos que souberam contornar o problema faz com que aquele que está entrando no grupo melhore e seja incentivado. Das pessoas que frequentam nossas reuniões, 80% aprendem a comer moderadamente”. [Fernanda – assistente administrativa coordenadora da Junta de Serviços Gerais de Comedores Compulsivos do Brasil]

“Essas entidades dão uma rede de apoio para pessoas que, sozinhas, não teriam estrutura para vencer suas dificuldades”. [Hermano Tavares – psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo]

“Antes, acordava no meio da noite só para ir ao bingo. Não conseguia me controlar. Agora, estou há uma semana sem jogar”. [Patrícia – secretária e jogadora patológica]

[Os viciados em jogatina falam mais abertamente sobre seu problema do que os participantes de outros grupos de ajuda. (...) Mas, na maioria dos casos, estão muito preocupados com dívidas. O problema é alarmante.]

“Pensei que tivesse aprendido a lição e que poderia jogar moderadamente. Voltei ao videopôquer e, um ano e meio depois, já estava novamente devendo 600.000 reais. Hoje, se eu vender todos os meus bens, só consigo pagar um terço do que estou devendo”. [André – empresário e jogador patológico]

[Nos Estados Unidos, onde há estatísticas mais precisas sobre o vício, os próprios cassinos promovem campanhas e serviços assistenciais contra o jogo compulsivo.]

“As casas de bingo usam uma receita infalível para criar dependência. A fórmula combina um jogo de azar, em que novas rodadas se sucedem rapidamente, com um ambiente fechado, onde a luz do sol nunca entra. O ritmo das apostas não deixa tempo para que o jogador calcule o quanto já perdeu. O lugar fechado impede que ele se dê conta de quantas horas já passou ali dentro. [...] Essas alterações abruptas no metabolismo são fatais para criar dependência”. [Hermano Tavares – psiquiatra do Hospital de Clínicas de São Paulo]

[Os estudos mostram que cada tipo de droga age de maneira diferente no cérebro. (...) Em todos os casos, o resultado final é sensação artificial de prazer e bem-estar, ainda que momentânea.]

“Não existe viciado mais fiel que o tabagista. Tentei de tudo para largar o cigarro. Acupuntura, simpatias, nada deu certo. A sensação de prazer proporcionada pelo cigarro é incomparável. Ouvindo histórias de outros fumantes, percebi que era um dependente químico e precisava do apoio do grupo para mudar minha vida”. [João – músico e tabagista]

[A receita de auto-ajuda anônima se mostrou tão útil na recuperação de dependentes químicos que fez surgir grupos para cuidar de uma vasta gama de problemas humanos. Muitos deles se ocupam de problemas emocionais, que antes só eram tratados por psicólogos e psiquiatras.]

“Os outros eram obrigados a suportar meus erros, mas eu jamais aceitava a falha de alguém. Doença emocional não tem alta médica”. [Paco – economista]

“Demorei um ano para aderir ao grupo porque associava o termo neurótico a coisa de maluco. Para mim foi mais interessante falar com pessoas que passam por dificuldades iguais às minhas do que recorrer a um tratamento especializado”. [Florência – professora]

“Eu estava muito confuso. Não entendia meus próprios sentimentos nem conseguia falar com as pessoas. Eu me identifiquei muito com as histórias que ouvi nas reuniões e já progredi bastante. Até consigo paquerar sem ficar nervoso”. [Roberto – escritor]

“O grupo de auto-ajuda ensina doentes mentais crônicos e incuráveis a conviver com as crises. Mas não substituímos os médicos. Eles continuam a ter papel fundamental no tratamento”. [Luiz de Barros – Mestre em educação]

## **VEJA Nº 13 [XXXII] – 31 março 1999 – Depressão: A Luta Contra a Doença da Alma**

**[Capa]** Ela ataca mais mulheres do que homens, o número de casos se multiplica, mas o mal já pode ser vencido com a ajuda de remédios. **Pg. 94-101 – A Doença da Alma [Especial: Maurício Cardoso e Sérgio Ruiz Luz]** A depressão é o mal que mais ataca as mulheres e cresce entre os homens, mas já pode ser tratada com sucesso pela medicina.

**Quadros:** Os números da tristeza; Você está deprimido?; Personalidades depressivas; Alívio imediato; Outros distúrbios da mente; O que eles disseram.

[Alguns de seus sintomas: melancolia, desânimo, incapacidade de se concentrar, desinteresse pela vida, sentimento de culpa, sensação de inutilidade.]

“Para se ter uma idéia do que é uma depressão severa, tente entender o desconforto de várias noites sem dormir misturado à dor causada pela perda de um

parente querido. Depois imagine a sensação de que esse torpor nunca mais vai acabar. Isso é uma crise depressiva”. [Peter Whybrow – psiquiatra da Universidade da Califórnia]

[Depressão severa é uma doença, um desarranjo na química cerebral que precisa e – felizmente – pode ser tratado com remédio e psicoterapia.]

[No caso específico da depressão, descobriu-se que os neurônios das mulheres são banhados com quantidades menores de uma substância-chave no controle do humor e das sensações de bem-estar. Essa substância, a serotonina, é mais abundante no cérebro masculino do que no feminino. (...) A diferença deve ser procurada também nos hormônios femininos.]

“Os momentos de risco maior ocorrem nos dez dias que precedem o período menstrual, depois do parto e, especialmente, entre os 22 e os 45 anos de vida. Por ser confundida com um traço de fraqueza de caráter pela sociedade, a depressão tende a ser negada pelos homens. Mas não pelas mulheres”. [Lucy Puryear – diretora da clínica feminina do Baylor College de Houston]

[São dois Brasis de vítimas de todas as idades, classes sociais e raças, mergulhadas numa melancolia atroz que altera seus hábitos de vida, afastando-as do convívio social e do trabalho. Antes que se imagine um planeta mergulhado numa nuvem negra de habitantes depressivos e sem esperança, é bom saber que o tratamento eficaz da depressão nunca esteve tão próximo e acessível.]

[O problema que antes passava por psicose, crise de astenia, cansaço crônico, tristeza sem causa ou simplesmente fraqueza de caráter hoje pode ser isolado corretamente como depressão clínica.]

“A depressão deixou de ser um flagelo cercado de preconceitos para ser uma doença controlável”. [Antônio Egídio Nardi – psiquiatra da UFRJ]

“Fazia um ano que meu pai tinha morrido por causa de um derrame cerebral. Ele era rígido, mas eu me dava bem com ele. Um ano depois, comecei a cair. Ficava triste, deprimido, meu rendimento na escola baixou. Durante a depressão, perdi a vontade de sair de casa, ficava três, quatro dias trancado no meu quarto, completamente no escuro, dormindo ou assistindo à televisão. Perdi a fome e emagreci 12 quilos. Nem trocava mais de roupa. Fiquei agressivo e quando ia à escola arranjava briga por qualquer besteira. Minha namorada sumiu e também perdi os amigos. Achei que era hora de procurar um médico. Fui a um psicólogo, mas ele só perguntava se eu usava drogas. Comecei a melhorar depois que larguei a escola. Estou indo a um psiquiatra, o único que não pediu que minha mãe fosse lá primeiro. Aos poucos, comecei a fazer pequenas tarefas que me davam prazer, como a pintura, e consegui voltar a sair de casa. Hoje levo uma vida igual à de qualquer outro adolescente”. [André Pedroso – estudante do RS]

[Localizada na parte mais nobre do corpo, o cérebro, ela se esconde em meio aos 100 bilhões de células neuronais. Confunde-se com os pensamentos mais abstratos e com as emoções mais profundas – metaforicamente falando, tem raízes na própria alma. É uma doença híbrida. Embora possa ser reduzida a um problema bioquímico e atacada com sucesso pelos remédios, será sempre um mistério.]

“Devem ter se passado dez anos de depressão até começar a sentir reações físicas. Vomitava tudo o que comia. Consultei o médico, fiz todo o tipo de exame, e não se constatou nada de anormal com o estômago, o intestino, nada. Perdi 6 quilos em seis meses. As pessoas sussurravam: ‘Ele está HIV positivo’, ‘está com câncer na medula’. Isso me fazia sentir ainda pior. Não havia dia ensolarado nem trabalho interessante. Eu não sentia o menor prazer. Achava que ia morrer. Depois de dez meses de tortura e de pesquisas para resolver meus problemas de estômago, meu médico me encaminhou ao psiquiatra. Seu diagnóstico: eu estava profundamente deprimido. Quinze dias depois de medicado, parei de vomitar. Minha cabeça também mudou. O remédio me trouxe a vida de volta, e eu resolvi vivê-la”. [Duda Molinos – maquiador de moda]

[Segundo a Associação Nacional de Depressivos e Maníaco-Depressivos, dos Estados Unidos, os pacientes costumam sofrer em média oito anos e passar por cinco médicos antes de chegar ao diagnóstico correto e ao tratamento que lhes dará alívio.]

“Os médicos formados em psiquiatria sempre fizeram residência em neurologia. Pela mesma razão, os formados em neurologia e em clínica geral agora também devem passar pela psiquiatria”. [Wagner Gattaz – chefe do departamento de psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP]

“Nunca pensei que precisaria de um psiquiatra na minha vida. Se você precisa mesmo de funilaria, não adianta ir ao cabeleireiro. Procurei o psiquiatra e em quinze dias comecei a sentir os efeitos positivos do tratamento com remédios”. [Rose Saldiva – publicitária]

[Os especialistas, hoje, estão habilitados a detectar o quadro depressivo com segurança. Os manuais de psiquiatria apontam nove sintomas básicos da doença.]

“Desandei a cometer erros básicos no escritório onde trabalhava como secretária da diretoria. Esquecia datas, preparava documentos errados e fichava a papelada fora de ordem. Não conseguia me concentrar em nada. Em casa, minha vida se tornou um pandemônio. De repente comecei a sofrer de insônia e não tinha disposição nem para escovar os dentes. Fui me isolando do mundo. Também comecei a sentir muita dor de cabeça. Só procurei o médico dois meses depois, quando sofri paralisia do lado direito do corpo. Surgiu a suspeita de que eu pudesse ter um coágulo no cérebro. Fiquei desesperada porque meu primeiro filho, Yuri, tinha apenas 7 meses”. [Rosemeire Pessoa – dona de casa de MG]

“Nessa fase, uma das minhas loucuras preferidas era torrar dinheiro comprando presentes para as amigas. Meu marido cancelou nossa conta conjunta, bloqueou meus cartões de crédito e foi embora de casa. Só voltamos a viver juntos quando eu comecei a levar a sério o tratamento psiquiátrico”. [Marili Bardes – economista de SP]

[Os psiquiatras associam a depressão à falta de certas substâncias encontradas no cérebro, os chamados neurotransmissores. (...) Chegou-se a essa conclusão por acaso. (...) Nasceu daí (remédio para diabetes) a primeira droga antidepressiva moderna. Ela deu origem a um dos mais rentáveis ramos da indústria farmacêutica.]

[Outro ponto de vista, oposto ao dos médicos, sustentava no passado que toda e qualquer doença mental devia ser tratada pela psicanálise e/ou psicoterapia. Hoje ninguém pensa mais assim. Os médicos admitem que em muitos casos só remédio não adianta. Por outro lado, os psicanalistas já não são radicalmente contra a farmácia. A receita moderna para o controle da doença combina remédios e sessões de análise.]

“Muitos pacientes precisam de remédios para que saiam de estado depressivo mais profundo e possam se ajudar pela psicanálise”. [Renato Mezan – psicanalista e professor da USP]

[A hereditariedade é, de longe, o fator mais determinante. (...) Mas a genética não explica tudo. A instabilidade hormonal durante a vida, mais acentuada nas mulheres do que nos homens, tem seu papel.]

“Quando Gabriel nasceu, não quis vê-lo, virei a cara. Senti a pior sensação de toda a minha vida na primeira vez que ele mamou no meu peito. Fiquei com raiva de mim por não conseguir amamentá-lo. Só de ouvir o choro dele à noite tinha vontade de me matar. Cheguei a pensar em sufocá-lo, mas não tive coragem. Já consigo brincar com ele, mas ainda me sinto diferente das mães que falam com orgulho dos filhos. Não que eu desgoste do Gabriel. Mas estou vazia de sentimentos. Parece que estou perdida dentro de um enorme buraco negro”. [Sicília Castello Branco Ledoux – estudante da BA]

[A doença ataca em todas as idades, mas a maior incidência ocorre entre os 25 e os 40 anos. Dois outros grupos de especial risco são os adolescentes e os idosos.]

“Quando os filhos começaram a trabalhar e conquistaram independência financeira, passei a me sentir inútil, deslocada. Às vezes, passava o dia inteiro na cama, chorando e

pensando em nada e em tudo ao mesmo tempo”. [Carly Teresinha Ferreira Maia – dona de casa de PE]

[De acordo com as pesquisas mais recentes, a relação entre criação e depressão não passa de um mito. Alguns dos principais sintomas da doença – desânimo, apatia, falta de iniciativa – na verdade matam em vez de estimular a criação.]

“Os grandes artistas, mesmo os depressivos clássicos, nunca trabalhavam quando estavam atacados de depressão grave. Se não fosse depressivo, Hemingway certamente teria escrito com a mesma qualidade e produzido mais obras, já que não teria cometido suicídio”. [Wagner Gattaz – chefe do departamento de psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP]

“Tenho a impressão de que vou ficar louca. Ouço vozes e não posso concentrar-me no trabalho. Eu lutei, mas não posso continuar. Devo a vocês toda a felicidade da vida. Vocês foram perfeitos. Não posso continuar a estragar suas vidas”. [Virgínia Woolf – escritora inglesa]

“Sou o mais miserável dos homens. Se o que sinto fosse distribuído por igual entre os seres humanos, não haveria face alegre na Terra. Não sei se algum dia vou me sentir melhor, mas continuar assim é impossível. Se nada mudar, prefiro morrer”. [Abraham Lincoln – ex-presidente dos EUA]

“Ser ou não ser, eis a questão. Que é mais nobre para o espírito: sofrer os dardos e setas de um ultrajante destino ou tomar armas contra um mar de calamidades e pôr-lhes fim, resistindo? Morrer... dormir, nada mais. E com o sono terminamos o pesar do coração e os mil naturais conflitos que constituem a herança da carne. Que fim poderia ser mais devotadamente desejado? Morrer, dormir, dormir...”. [William Shakespeare – dramaturgo em *Hamlet*]

“Eu não queria morrer porque me odiava. Queria morrer porque eu me amava o bastante para querer acabar com meu sofrimento. Escutei meu irmão cantando no banheiro e pensei que se me matasse eu o faria parar de cantar”. [Martha Manning – escritora americana]

“Eu vejo uma porta vermelha e a quero pintada de preto. Tomara, então, que eu desfaleça e não tenha de enfrentar os fatos. Não é fácil reagir quando seu mundo todo está negro”. [Mick Jagger – vocal dos *Rolling Stones* em *Paint in Black*]

**ISTOÉ Nº 1539 – 31 março 1999 – Chega de Dor [Capa]** Novos medicamentos, terapias alternativas, cirurgias e equipamentos sofisticados são as armas para acabar com o sofrimento do corpo. **Pg. 90-96 - O Alívio da Dor [Kátia Stringueto]** Aparelhos sofisticados, medicamentos, acupuntura e até hipnose compõem um novo e poderoso arsenal para acabar com o sofrimento do corpo.

**Quadros:** Cabeça boa; O temível percurso; Pontos fracos, Terapias eficientes; A solução cirúrgica; O medo da morfina.

[Porque é preciso fazer uma lei para que os futuros médicos conheçam um pouco mais sobre um dos maiores sofrimentos do homem? A resposta é cruel. É preciso fazer uma lei porque a medicina costumava ignorar o fato de o paciente sentir dor. (...) Felizmente, há sinais de que médicos e cientistas começam a mudar seu olhar sobre a dor.]

[O ponto de partida para o alívio é um diagnóstico preciso – o que nem sempre é fácil. (...) Diagnóstico fechado, é partir para o tratamento. A maioria dos especialistas começa pelos medicamentos antiinflamatórios e relaxantes musculares. A novidade das farmácias é o Celebra, da Searle/Pfizer. (...) Trata-se de antiinflamatórios de última geração que não agredem o estômago.]

“O teletermógrafo capta variações de raios infravermelhos emitidos pelo corpo e aponta as regiões com problemas onde a dor está sendo gerada. É indicado para casos mais difíceis, quando os pacientes recebem o rótulo de hipocondríacos ou doentes psicológicos”. [Antônio Carlos de Camargo Andrade Filho – médico do Hospital Amaral Carvalho de Jaú-SP]

“Nesses casos [diabetes e neuralgia do trigêmeo], o nervo pode ser comparado a um fio desencapado. O anticonvulsivante age como se estivesse recobrando o fio”. [Neli de Meneses Ferreira Stabel – anestesista e acupunturista]

“Aos poucos as complicações da doença [diabetes] foram me trazendo muita dor pelas pernas. Pensei que teria de usar cadeira de rodas. Agora consigo subir escada, andar. É maravilhoso”. [Arcádio Perez Bernal – engenheiro aposentado]

[Hoje já se sabe, porém, que o combate à dor não pode ser feito com apenas uma arma. Apesar de eficazes, os remédios, sozinhos, não são suficientes para melhorar a qualidade de vida dos doentes. Por isso, a ciência começa a trabalhar na formação e no aprimoramento de um verdadeiro arsenal contra a dor.]

“A dor era uma bola de neve. Começava com algumas pontadas e ia se intensificando até o insuportável. Fiquei três anos sem poder encostar no lado esquerdo do rosto. Meus netos não podiam me beijar”. [Maria Aparecida Cardoso – dona de casa]

[A luta contra a dor é tão complexa que a medicina tradicional adotou métodos alternativos para compor o front. E valeu a pena. A acupuntura tem surgido como uma das melhores opções para abrandar o sofrimento do corpo. (...) Com mecanismo de ação igual ao da acupuntura, o shiatsu – técnica japonesa de massagem – vem trazendo bons resultados.]

“A dor é sintoma de energia bloqueada. As agulhas servem para desfazer o bloqueio e reativar a circulação energética. Quando o fluxo de energia melhora, o sangue também circula, levando embora as toxinas que deixavam a região dolorida. Ao mesmo tempo, as agulhas também geram estímulos nervosos que provocam uma descarga de substâncias analgésicas”. [Wu Tou Kwang – cirurgião vascular e acupunturista de São Paulo]

“Em vez de agulhas, usamos os dedos para pressionar e massagear os pontos de energia bloqueada”. [Luiza Sato – especialista em Shiatsu de São Paulo]

[Nesse cerco que começa a se formar, a medicina está incluindo o tratamento não só da dor física, mas a da alma, uma das conseqüências mais cruéis em quem convive anos com uma dor que castiga e limita. Portanto, um dos efeitos colaterais da dor é a depressão.]

“Essa função [liberação de serotonina no cérebro] deveria ser do próprio organismo, mas nos doentes crônicos o sistema de controle da dor está muito desgastado, e é preciso ativá-lo artificialmente”. [Manoel Jacobsen Teixeira – neurocirurgião do HC de São Paulo]

“Fiz três cirurgias desnecessárias na coluna. Na primeira, para corrigir uma hérnia de disco, o ortopedista se limitava a dizer que tecnicamente a operação tinha sido perfeita, não se importando com o fato de eu continuar com a dor”. [Alda Perdigão – cantora]

[No tratamento da alma fragilizada pela dor, a terapia também está ganhando força. Os grupos especializados no combate ao problema quase sempre contam com psicólogos destacados para acompanhar os pacientes e ajudá-los a reverter o quadro de isolamento e pessimismo que a dor criou.]

“Ir ao cinema ou dançar ajuda a descontrair. O paciente pára de dar atenção ao seu problema, relaxa a musculatura e, sem perceber, a intensidade do sintoma diminui”. [Gildo Angelotti – psicólogo do HC de São Paulo]

“A dor me tirou tudo na vida. Fui demitida, meu marido e minhas filhas me abandonaram. Chegou um ponto que não sabia o que doía mais, o corpo ou a alma. Sobrevivi com a ajuda de médicos e amigos”. [Mária Saleti Panoni – dona de casa]

[O relaxamento no alívio da dor é tão fundamental para o paciente como difícil. Depois de tanto tempo contraindo a musculatura para se defender do sofrimento, ele nem se lembra mais do que é estar relaxado.]

“Entro em estado de relaxamento profundo [pela hipnose] e consigo dormir. Antes, passava a noite fazendo banhos de assento e chorando de dor”. [Marisa Rodrigues – jornalista]

[Um dos medicamentos mais poderosos para tratar dores crônicas severas como as decorrentes do câncer ainda é a morfina. Portanto, pacientes que sofrem de problemas como esse deveriam ter o remédio à sua disposição. Deveriam. Os médicos têm medo de que o analgésico encubra os sintomas da doença, ou então, que o doente se torne dependente da droga e por isso tenha alucinações e náuseas.]

“As pessoas agem com um moralismo absurdo em relação a essa droga [morfina]. Parece que sentir dor é castigo divino e contra o qual ninguém deve se rebelar”. [Kathleen Foley – médica do Memorial Sloan-Kettering Cancer Center de Nova York-EUA]

**ÉPOCANº 46 – 05 abril 1999 – Cigarro: A Hora de Parar [Capa]** As doenças ligadas ao fumo – Novos remédios contra o vício – Teste para avaliar a dependência – Os métodos para deixar de fumar. **Pg. 54-59 – Cerco ao Cigarro [Ciência e Tecnologia – Saúde]** Novas medidas do governo prometem colocar a indústria do tabaco contra a parede e complicar a vida de quem fuma.

**Quadros:** A força dos fabricantes; Perfil tabagista; A ação de um usurpador; Os males do vício; Melhoria de vida; Caminhos da cura; Condenação.

[Fumantes, preparem-se. O Ministério da Saúde está para lançar um pacote de ações que vai dificultar a vida de quem não consegue viver sem a fumaça de cigarro.]

[O fumo mata anualmente 3,5 milhões de pessoas, mais do que a Aids, a cocaína, a heroína, o álcool, o suicídio e os acidentes de trânsito somados.]

[A ironia é que pesquisas feitas nos Estados Unidos mostraram que a maioria dos fumantes sabe disso, mas julga que nada acontecerá com eles.]

“Com a criação da Agência de Vigilância Sanitária e a colocação do cigarro entre os itens a ser fiscalizados, temos o instrumento legal para normatizar esse mercado. É preciso substituir mensagens sutis e genéricas, como ‘Fumar provoca diversos males à saúde’, por frases duras e diretas, como ‘Hoje você me acende, amanhã eu te apago’ ou ‘Fumar aumenta em 22 vezes a chance de contrair câncer’”. [José Serra – ministro da Saúde]

[Ele afirma que o ataque direto é a melhor estratégia nessa guerra. (...) Em outro front, o governo estuda uma forma de abrir um processo nos Estados Unidos contra a indústria multinacional do tabaco.]

“O Brasil tem boa chance de vencer. Como as sedes das empresas de cigarro ficam nos Estados Unidos e os planos de marketing são feitos lá, o Brasil pode alegar que a responsabilidade pela venda no país é dessas empresas”. [Richard Daynard – diretor da Tobacco Products Liability Project]

[A Associação de Defesa da Saúde dos Fumantes entrou em julho de 1995 com uma ação civil coletiva contra os fabricantes alegando que a propaganda de cigarro é enganosa e abusiva porque omite que o cigarro causa dependência.]

“Estamos otimistas. O juiz do processo inverteu o ônus da prova. As empresas terão de mostrar que tudo o que argüimos não é verdade”. [Luiz Carlos Mônaco – advogado e diretor da Associação de Defesa da Saúde dos Fumantes]

[Nos últimos anos, os cientistas somaram 25 doenças comprovadamente causadas pelo cigarro e outras 15 em que ele é forte suspeito de ser o responsável.]

[As pesquisas sobre os efeitos do cigarro surpreendem. Todos os dias surgem informes sobre os malefícios ao organismo, alguns não completamente comprovados. A julgar por esses dados, o cigarro faz mal dos dentes à pele, do coração ao cérebro.]

[Recém-chegadas as estatísticas das vítimas, as mulheres parecem ser mais vulneráveis à dependência do cigarro. Não se sabe por que motivo elas sofrem mais para largar o vício. O mesmo acontece com as pessoas mais jovens.]

“Agora não penso em largar, mas quando quiser, consigo”. [Tatiana Lameirinhas – estudante]

[Não é tão fácil como ela imagina. A nicotina, o agente responsável pela dependência, não perdoa. Os mecanismos do vício ainda são desconhecidos, mas os médicos já têm algumas pistas.]

[A primeira sensação é de bem-estar, mas como todo fumante sabe, é passageira. Se não renovar o estoque de nicotina no cérebro, o fumante começará a passar mal e sentir-se ansioso. Provavelmente terá depressão, irritabilidade, insônia e dificuldade de concentração.]

“O fumo vicia da mesma forma que o álcool e a cocaína. Embora a síndrome de abstinência do cigarro seja mais branda do que a de outras drogas, o hábito é tão arraigado que fica mais difícil abandoná-lo”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp]

“O vício é mesmo muito forte. Só dá para parar com tratamento”. [Nair Belo – atriz]

“Costumava fumar um maço por dia. Até perceber que era absurdo tratar pacientes de câncer causado pelo cigarro e continuar fumando”. [Dráuzio Varella – oncologista de São Paulo]

[Uma boa notícia é o lançamento, previsto até julho, do Zyban, uma droga que contra-ataca a nicotina no cérebro e cuja liberação está sendo estudada pelo Ministério da Saúde.]

“Após um ano de tratamento, quase a metade dos fumantes abandona o vício”. [Cláudio Péricles – assessor médico da Glaxo Wellcome do Brasil]

“Comecei a fumar aos 12 anos. Em 1988, coloquei um ponto cirúrgico na orelha e parei num estalo”. [Mailson da Nóbrega – economista e ex-ministro da Fazenda]

“Hoje percebo quanto as pessoas que fumam cheiram mal”. [Grace Penteadó – gerente de marketing de hotel]

“O essencial é que a pessoa esteja motivada. Logo após o tratamento, entre 40% e 60% delas consegue êxito. Um ano depois, esse número cai para 24%. As pessoas voltam a fumar em situação de estresse, mas uma recaída deve ser encarada como um tropeço numa longa caminhada”. [Maria Tereza Lourenço – psiquiatra do Grupo de Apoio ao Tabagista do Hospital do Câncer de São Paulo]

“O médico me manda parar de fumar todos os dias, ainda mais agora que estou com taquicardia. Mas falta força de vontade. Me aborreço com os anti-tabagistas radicais. Os piores são os ex-fumantes. No fundo, o problema deles é que estão loucos para fumar e para evitar a tentação querem que você apague o seu”. [Nair Belo – atriz]

“Foi um susto [referindo-se ao infarto de 1986] que me fez parar de fumar. Era um fumante compulsivo: de quatro a cinco cartelas por dia. Parei de uma só vez, mas até hoje confesso que tenho saudades do cigarro. É um vício danado. De vez em quando, pego um apagado e fico rolando na boca. Mas nunca mais acendi um”. [Mário Covas – governador de São Paulo]

“Comecei a fumar aos 12 anos por curiosidade. Estava na casa de praia de uma amiga, pegamos um cigarro sem que ninguém visse, experimentei e gostei. A maioria dos meus amigos fuma escondido. Meus pais sabem, mas não gostam. O cigarro me deixa mais tranquila”. [Priscila Mendes – estudante]

“Há 20 anos parei de fumar e foi a melhor coisa que fiz. Antes, não corria nem dois quilômetros; agora corro uma maratona por semana. Parei de fumar repentinamente. Porque? Tive medo de morrer de câncer ou infarto. Além disso, a nicotina, na minha experiência clínica, é a droga que mais gera dependência”. [Dráuzio Varella – oncologista de São Paulo]

“Fumei dos 15 aos 23 anos e parei por causa de um namorado. Quando terminamos, voltei a fumar. Minha resistência física ficou um horror e decidi largar. Tentei a acupuntura e, psicológico ou não, o método funcionou. Tive de mudar alguns hábitos associados ao cigarro. A melhor sensação é saber que nada me domina”. [Grace Penteadó – gerente de marketing de hotel]

“Nunca me passou pela cabeça largar o cigarro. Ele já está incorporado à minha pessoa. Talvez eu seja o único fumante ativo e passivo ao mesmo tempo. Costumo acender um cigarro, deixá-lo no cinzeiro, e em seguida acender outro. Nos Estados Unidos fui



advertido porque estava fumando na rua. Bom é na Argentina, onde fumar é quase uma religiosidade". [Paulo Sant'Ana – jornalista de Porto Alegre]

"Quando era garoto, na Paraíba, às vezes não tinha como comprar cigarro e pegava os restos, que a gente chamava de piola. Tentei largar umas dez vezes, mas não consegui. Com a acupuntura parei num estalo. Tive uma recaída, mas parei de novo. Acho que sou definitivamente um ex-fumante". [Mailson da Nóbrega – economista e ex-ministro da Fazenda]

**ISTOÉ Nº 1544 – 05 maio 1999 – Perigo: Escola [Capa]** Sem esperanças, envolvidos com drogas e brigas de gangues, estudantes vivem uma explosão de violência. **Pg. 102-107 – Perigo! Escola [Bruno Weis e Ivan Padilla]** Desencantados e sem perspectivas, crianças e jovens unem-se em gangues armadas e promovem uma onda inédita de violência escolar.

**Quadros:** Tempo de guerra; "Já ouviram falar em valores?"; Estados de sítio; Um quadro negro; Guerra, mentiras e videogame.

"Era uma menina sem inimigos, gostava de estudar. Estamos horrorizados e queremos justiça, mas justiça terrestre. Quantas meninas terão de morrer aos 14 anos até o governo fazer alguma coisa?". [Luiz Carlos Martins – operário e irmão de Jandira Martins, assassinada, de Mogi das Cruzes-SP]

[A revolta de Luiz Carlos revela o tom assustador de uma guerra que está sendo travada nas escolas públicas do país. (...) Pesquisas de diversas instituições apontam parte da resposta: a própria violência da sociedade e a falta de perspectivas de futuro para a maioria dos jovens brasileiros. Como agravantes, a formação de gangues e o tráfico de drogas. O resultado é explosivo.]

"Hoje, para morrer, basta olhar". [Leonardo Lima – estudante de São Paulo]

"Sem conseguir sobressair, os jovens se juntam em grupos e partem para a violência". [Roberto Leme – pedagogo e presidente do Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial – Udemo – do Estado de São Paulo]

"Sessenta por cento afirmaram já ter sofrido pelo menos uma violência. A principal causa da crise da juventude é o descompasso entre o desejo de consumo e a falta de meios para satisfazê-lo. Frustrados, eles buscam alternativas. Uma delas é a vida marginal. [...] Jovens marginais também frequentam escolas. Numa entrevista, um garoto de 17 anos afirmou que 'para ser bandido bom, tem que estudar, se não é pé-de-chinelo'. O aumento da escolarização no Brasil incluiu uma população que estava fora da escola. Mais do que nunca, os professores têm que compreender seu papel formador. Precisam aprender a lidar com jovens violentos". [Júlio Jacobo – sociólogo da Unesco]

"O negócio está cruel, ainda bem que eu tenho uns amigos para me garantir. Se alguém mexe comigo, eu chamo eles e aí o tempo fecha, porque eles vêm armados". [Jaqueline Gomes – estudante de São Paulo]

"A confusão acontece quando vem galera de fora ou quando se encontram turmas inimigas. A gente, por exemplo, é skatista. E skatista não curte clubber [jovens que ouvem música tecno] nem lagartixa [os freqüentadores de bailes românticos]". [Débora Dourado – estudante de São Paulo]

[A intolerância, adicionada aos hormônios em ebulição dos adolescentes, pode levar a crimes como o que ocorreu há um mês em frente à escola.]

"Ele morreu por engano. Mas os tiroteios estavam acontecendo direto. Ninguém tem mais coragem de ficar em frente à escola depois da aula". [Cintia Silva – colega de Luiz Gustavo de Oliveira, assassinado, de São Paulo]

[Diretores e professores também são vítimas da epidemia. (...) Queixaram-se sobretudo do vandalismo.]

"Todos aqui já tiveram os pneus do carro furados ou os vidros quebrados ao menos uma vez". [Valter Colombini – presidente do Conselho de Educação de Ribeirão Preto-SP]

“Eu não fiquei revoltada, só muito triste. Sempre tive um relacionamento ótimo com os alunos. Mas é claro que é impossível ser amiga de todos”. [Maria de Fátima Pascarelli – professora de matemática, que perdeu a mão, do Cefet do Rio]

[As drogas são um capítulo à parte. (...) No Rio de Janeiro, a proximidade de algumas escolas com favelas cria outras situações delicadas.]

“Os professores temem por suas vidas e se calam. Mas o pior é ver os estudantes desaparecerem, na maioria das vezes mortos pelo tráfico”. [Dayse Calazans – ex-coordenadora do Sindicato dos Profissionais de Educação do Rio]

“Fumam crack dentro da escola, nos banheiros e na quadra e depois ainda assistem aula”. [R.F.D. – estudante de São Paulo]

“Quando os morros entravam em guerra, os alunos se agitavam, com medo das balas perdidas e preocupados com seus familiares em casa”. [Augusto Conceição – professor do Rio]

“É a lei do silêncio porque é zona sul, é embaçado”. [Paulo de Souza – estudante de São Paulo]

“É preciso que cada um, em vez de olhar sua árvore, olhe para a floresta. Só trabalhando juntos é que podemos combater um problema dessa magnitude. Ao trazer a população, podemos incentivar os pais a atuar e afastar os traficantes”. [Rose Neubauer – secretária da Educação do Estado de São Paulo]

“Precisamos ensinar nossos filhos que divergências se resolvem com palavras e não com armas”. [Bill Clinton – presidente dos Estados Unidos]

[Os Estados Unidos têm dado exemplos perigosos a seus adolescentes. Mas há outros bodes expiatórios para os surtos de violência escolar. Eles vão dos videogames à cultura da competição, que divide o mundo em vencedores e perdedores.]

**ÉPOCANº 57 – 21 junho 1999 – O Perigo Ronda a Mesa [Capa]** Alimentos contaminados – Brasileiros se expõem à ameaça que atinge os europeus. **Pg. 110-115 – Prato Indigesto [Alimentação]** Escândalo da dioxina e da Coca-Cola no Primeiro Mundo chama a atenção para a falta de fiscalização que ameaça a saúde dos brasileiros.

**Quadros:** Os inimigos na sua mesa...; ... E as armas de defesa; Morte pela boca; Ganho por tabela; O alto preço do progresso.

[Há mais perigos rondando um prato de comida do que pode imaginar quem se senta à mesa. (...) O medo com comida estragada não é privilégio do Primeiro Mundo. O problema no Brasil é que a presença de dioxina em alimentos não seria detectada.]

“Se ocorresse esse tipo de contaminação em nosso país, não teríamos como descobrir”. [Anthony Wong – diretor do centro de assistência toxicológica do Hospital de Clínicas de São Paulo]

[Laboratórios sofisticados não são, nem na Europa, garantia de transparência ao lidar com casos de intoxicação alimentar.]

“Não há indícios de que o problema ocorra no Brasil. Mesmo que o frango da mesa do brasileiro não seja o mesmo vendido para o exterior, é impossível criar uma ave com dioxina e outra sem contaminação. [...] Nem sempre o diagnóstico médico associa a doença ao alimento contaminado”. [Gonzalo Vecina Neto – diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa]

[Os produtos consumidos no mercado interno não passam por uma fiscalização mais rígida, sem contar os provenientes de abatedouros clandestinos, que chegam ao mercado sem nenhum cuidado.]

“Nossa vigilância sanitária é altamente burocratizada, uma espécie de cartório, onde as empresas só têm a fila como empecilho para colocar produtos nas prateleiras”. [Eduardo Jorge – médico e deputado pelo PT-SP]

[Algumas intoxicações alimentares provocam apenas mal-estar, mas outras podem matar, como as decorrentes de contaminação por salmonela, bactéria comum em alimentos crus e mal-cozidos.]

[E há muito a ser vigiado. A alimentação moderna vem misturada de ingredientes estranhos, criados para aumentar o volume e conservar por mais tempo a comida de uma população mundial que, neste ano, soma 6 bilhões de habitantes, mais de 46% deles vivendo em grandes aglomerados urbanos.]

[Os alimentos geneticamente modificados, concebidos justamente para multiplicar a produção, são hoje objeto de um intenso debate em todo o mundo.]

“A contaminação da comida pode acontecer em vários momentos: na matéria-prima, na produção, no armazenamento ou na comercialização. [...] Os maiores riscos são com a contaminação química. Se não adotarmos práticas agrícolas corretas, correremos um grande perigo”. [Odair Senebon – diretor de alimentos no Instituto Adolfo Lutz de São Paulo]

[Os aditivos ampliam as possibilidades de industrialização dos alimentos, mas também levantam dúvidas sobre seu impacto na saúde das pessoas. Eles são um mal necessário, sem o qual os alimentos industrializados perderiam no sabor, no aroma e até em seu valor nutritivo.]

[Ano a ano cresce o número de alérgicos a conservantes e corantes, principalmente entre crianças, consumidoras de balas, gelatinas, sorvetes e refrescos. Um dos vilões é a tartrazina, corante proibido ou de uso restrito em muitos países, mas largamente empregado no Brasil.]

“O problema é que o consumidor médio não tem como decifrar os rótulos”. [Sezefredo Paz – consultor de alimentos do Instituto de Defesa do Consumidor – Idec]

[Os especialistas garantem que o controle exercido pelas empresas de alimentos e os órgãos fiscalizadores cresceu bastante nas últimas décadas, mas o consumidor diante de um prato de comida tem dúvidas – e medo.]

“O que se espera de uma grande marca é ética e transparência”. [George Lewis – consultor de gerência de marcas da Bélgica]

[No Brasil, empresas e consumidores também não mantêm uma relação de confiança.]

“Não estou preocupada com a indenização. Meu objetivo é fazer com que as empresas sejam mais responsáveis”. [Maria Celina D’Araújo – professora de Ciências Políticas da Universidade Federal Fluminense do Rio]

**ÉPOCA Nº 59 – 05 julho 1999 – O Imperador da Cerveja [Capa]** Jorge Paulo Lemann, articulador da fusão da Brahma com a Antarctica. **Pg. 108-114 – O Superbebê das Loiras [Economia e Negócios]** A Brahma e a Antarctica deixam de lado um século de rivalidades e se preparam para brigar no exterior.

**Quadros:** AmBev; Dez mais no mundo; Poder de fogo; Água no chope; A sede do brasileiro; Produtos das marcas; Fermentação no Brasil; Cerveja no mundo; Grandes negócios.

[O casamento de duas marcas separadas por 100 anos de rivalidade gerou um filho muito mais musculoso que os pais. Na quinta-feira, a Brahma e a Antarctica, protagonistas da maior fusão entre empresas comerciais da história do Brasil, anunciaram o nascimento da AmBev.]

[Brahma ou Antarctica? A pergunta, feita pela primeira vez no final do século passado, ecoou milhões de vezes nos bares do Brasil, precedendo outras escolhas destinadas a animar e dividir parceiros de mesa.]

“A disputa também estará muito viva na rede de 800 distribuidores das duas companhias. Ambas as estruturas continuarão de pé, competindo fortemente para colocar seus produtos nos pontos de venda. [...] Se a gente não se internacionalizar, alguém internacionaliza a gente”. [Marcel Hermann Telles – presidente do Conselho de Administração da Brahma]

“O importante é que, nas empresas, vai desaparecer rapidamente o clima de disputa existente no mercado”. [Victorio Carlos De Marchi – diretor geral da Antarctica]

[A nova empresa nasce com apetite para enfrentar os grandes competidores internacionais de frente, e por isso mesmo adotou três nomes. No Brasil, será a Companhia de Bebidas das Américas; na América Latina, Compañía de Bebidas de las Américas; e nos Estados Unidos, onde terá ações cotadas na Bolsa de Valores de Nova York, como a Brahma já tem, se apresentará como American Beverage Company.]

“Vamos para a briga. Queremos aproveitar todas as oportunidades”. [Marcel Hermann Telles – presidente do Conselho de Administração da Brahma]

“O mercado de cervejas não deve ter grande crescimento, ao contrário do das demais bebidas”. [Magim Rodriguez – diretor de marketing da Brahma]

[As duas empresas vão ganhar mais musculatura, reduzindo custos e fechando unidades mais antigas e de menor produtividade.]

[O poder de fogo da nova companhia assusta, mas não deve ficar sem resposta, especialmente da Coca-Cola, que domina 40% do mercado nacional de refrigerantes.]

[A concorrência vai observar atentamente o processo da AmBev no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), que deverá se pronunciar sobre a validade da fusão num prazo de 120 dias.]

“Vamos analisar se essa alta concentração trará ganhos para o consumidor e para o mercado. [...] Vamos tomar o cuidado de evitar que a fusão resulte em barreiras ao ingresso de outras empresas no mercado e que cause danos ao consumidor”. [Ruy Coutinho – secretário de Direito Econômico do Ministério da Justiça]

[A posição relativa da Brahma expressa o seu desenvolvimento no mercado nos últimos anos. (...) Ela se modernizou, tornou-se uma empresa das mais eficientes do país, adotou práticas avançadas de gestão e se preparou para o mundo globalizado. (...) Na guerra que Brahma e Antarctica travaram nos últimos anos, a Brahma levou a melhor.]

“Gosto de novos empreendimentos e espero encontrar alguns que mais uma vez abrirão espaços interessantes para jovens promissores. [...] A Brahma é para cem anos”. [Jorge Paulo Lemann – empresário do Rio]

**ÉPOCA Nº 65 – 16 agosto 1999 - A Vida Vence a Velhice [Capa]** Remédios e terapias fortalecem idosos – Brasileiros estão vivendo mais e melhor. **Pg. 40-45 – Nós Que Éramos Tão Velhos [Sociedade – Comportamento]** Mais saudáveis e dispostos, os idosos do ano 2000 derrubam mitos e provam que os limites da vida se expandiram.

**Quadros:** As três pirâmides; Velhice erótica; Maturidade sem retoques.

[Guilhermina definiu com o tempo. Elza mantém-se bonita. “A vaidade me conserva”, admite, com a certeza de quem aparenta 20 anos menos, sem ter feito plástica.]

[O contraste das imagens sintetiza a mais importante transição demográfica do Brasil neste século, provocada por três fatores: a acelerada queda das taxas de natalidade, o aumento da expectativa de vida e o inexorável envelhecimento da população.]

[São pessoas que fazem planos de longo prazo, projetando experiências para muito além dos primeiros cabelos brancos.]

“O tempo é um ponto de vista: velho é quem tem um dia a mais que eu”. [Mário Quintana – poeta de Porto Alegre]

[Como pontos de vista mudam, Quintana flagrou a fluidez do tempo. Tudo muda, inclusive a velhice.]

[Da medicina à propaganda, o conceito de “terceira idade” revigorou-se e rejuvenesceu, na esteira de uma geração que só aceita o rótulo de idoso nas cercanias dos 80.]

[A era do envelhecimento, segundo a Organização das Nações Unidas, começou em 1975 e deverá se estender por mais cinco décadas. Os idosos de hoje sobreviveram, por exemplo, à gripe espanhola de 1918, a outras epidemias agudamente letais, a duas guerras mundiais e a alguns conflitos localizados. Contaram com relevantes avanços

científicos, como a descoberta do antibiótico. A escalada chegará ao ápice com o envelhecimento dos “baby boomers”, os nascidos no pós-guerra.]

[O Brasil, que desde o descobrimento se auto-proclama um país jovem, começa a contabilizar vincos e rugas. (...) As estatísticas projetam um país no qual sistemas de previdência e saúde terão de ser reavaliados, numa reciclagem forçada por fundas mudanças de comportamento.]

[Credita-se a fatores genéticos, à alimentação saudável e tratamentos preventivos a chance de envelhecer em estado razoável, sem achaques nem doenças.]

“Ainda são poucos os que têm esse privilégio”. [Luiz Roberto Ramos – geriatra do Centro de Estudos do Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp]

“Sou famosa pelas bolas curtas, faço a rapaziada correr. [...] Isso [hipertensão] é para quem não faz esporte. Descarrego tudo nas quadras”. [Amélia Cury – taxista e tenista de São Paulo]

“Não acredito em idade. Sou firme como o Pão de Açúcar e olha que já sou bisavô”. [Pedro Chediak – aposentado do Rio]

[As idosas brasileiras vivem, em média, sete anos mais que os homens. Mas são solitárias.]

[Em todo o mundo, a barreira dos 100 anos foi superada por 135 mil terráqueos – 9.500 destes moram no Brasil.]

“Tomo uma taça de vinho tinto no almoço e outra no jantar”. [José da Silva Martins – escritor]

“A velhice é um diálogo permanente entre a vida e a morte”. [Affonso Romano de Sant’Anna – poeta]

[Com o encolhimento das famílias, os idosos do futuro terão menos filhos e netos para ampará-los. A tendência é notada no Primeiro Mundo. Lá, a solidariedade social substitui o apoio familiar: os mais velhos estão se organizando em associações ou em ONGs e disputam espaço político.]

“Também no Brasil estão ativos. Buscam formas de envolvimento, desenvolvem potenciais e investem contra a própria exclusão. [...] Um salto que na Europa levou 200 anos aqui se deu em três décadas”. [Elza Berquó – demógrafa presidente da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento]

[Sempre atenta, a propaganda reconhece na população de cabelos brancos um atraente nicho de consumo. (...) No filme, manequins da terceira idade são vistos tomando banho na banheira, namorando ao pôr-do-sol, surfando e fazendo manobras de skate.]

“A velhice comporta sonhos, projetos e realizações”. [Movimento Internacional em Prol do Envelhecimento]

“Eles não são mais tão dependentes. [...] Substitui-se a agilidade do jovem pelas facilidades do velho”. [Ana Amélia Camarano – pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea]

[Com o aumento do desemprego, netos, filhos e avós competem pelos mesmos postos de trabalho.]

“Em casa me sentia fora do mundo. [...] Adoro o contato com os clientes”. [Romeu Sabatini – empacotador e ex-comerciante de São Paulo]

**ÉPOCANº 68 – 06 setembro 1999 – O Efeito Viagra [Capa]** Casais se divertem com o aditivo do prazer – A impotência sexual deixa de assustar – O Brasil é o segundo consumidor do mundo. **Pg. 44-49 – A Turma do Viagra [Sociedade – Comportamento]** Um ano depois de lançada, a pilula que mudou o modo de encarar a impotência sexual é consumida por multidões de brasileiros.

**Quadros:** A auto-estima em alta; Verdades e mentiras do losango azul; Revolução feminina; O prazer na idade madura; As drogas mais consumidas.

[Para consumir o sexo com a parceira, passou a ingerir a dose de confiança embutida no pequeno losango azul.]

[Tomar a pílula uma hora antes do ato sexual é um ritual que vai se incorporando à rotina de multidões crescentes de casais desde abril de 1998, quando o Viagra desembarcou nas farmácias dos Estados Unidos. Lançado no Brasil em junho, transformou-se rapidamente numa espécie de intruso nos relacionamentos – para o bem e para o mal.]

“Nunca um remédio provocou mudanças tão grandes com essa rapidez”. [Carmita Abdo – psiquiatra coordenadora do Projeto Sexualidade da USP]

[O tema ainda é tabu. (...) O Viagra, no entanto, conseguiu levar a discussão sobre a impotência para a sala de visita e para a mesa de bar. Falar do pênis, e de sua fisiologia, deixou de ser motivo de chacota.]

“Meu rosto ficou vermelho e todos no trabalho queriam saber a razão. [...] Transamos três vezes naquela noite”. [M.C.C. – engenheiro do Rio]

[É impossível recensar a multidão de brasileiros que se abastecem com cartelas vendidas sem receita por médicos que as recebem diretamente do laboratório. Também não há como mensurar os consumidores de pílulas trazidas por amigos e parentes dos EUA, onde é possível comprá-las sem maiores exigências nas drogarias.]

“Ele tem uma ação muito específica. Dá resposta a um problema físico, mas não aos de ordem afetiva”. [Magdalena Ramos – psicanalista do Núcleo de Casal e Família da PUC de São Paulo]

“O Viagra é um paliativo para o desinteresse em relações prolongadas e esgotadas”. [Joaquim de Almeida – andrologista da Universidade Federal de São Paulo]

[Os especialistas são explícitos: se não houver desejo sexual, o Viagra não produzirá efeitos satisfatórios. (...) A suspeita de que o Viagra seria o combustível para a proliferação descontrolada de casos de infidelidade materializou-se apenas parcialmente.]

“Casamentos marcados pelo ressentimento e pela hostilidade poderão acabar se o homem se sentir encorajado para novas conquistas. A pílula não substitui a capacidade de amar e de formar vínculos. Não cura a impotência da alma”. [Moacir Costa – psicoterapeuta]

“Só de levá-lo no bolso alguns homens funcionam. [...] Hoje só é impotente quem quer”. [Celso Gromatzky – urologista do Hospital de Clínicas de São Paulo]

[Em suas mil e uma novas utilidades, a pílula azul serve também para aplacar a ansiedade de quem sofre de ejaculação precoce. Os garotões apelam para o remédio, melhoram a performance e, claro, levam a fama.]

[Nas intermináveis *raves*, em Londres, o comprimido é mais um ingrediente dos coquetéis químicos que embalam festas. Associado ao Ecstasy, vira uma bomba.]

“É o remédio mais espetacular já inventado. Como não me acontecia há vinte anos, depois do orgasmo permaneceu intacta minha função erétil. Esse remédio devolve a segurança ao homem e provoca felicidade nas mulheres”. [Paulo Sant’Ana – jornalista de Porto Alegre]

[A euforia masculina nem sempre é partilhada com as parceiras. Uma das boas piadas em torno do medicamento é a que trata do primeiro caso de overdose de Viagra: um homem tomou doze pílulas, e a mulher morreu.]

“Eles [maridos impotentes] fazem o tipo bonzinho e tentam realizar tudo o que a mulher quer para compensar a falta de ereção”. [Luiza Pires – psicóloga coordenadora do ambulatório masculino SOSex do Instituto Kaplan de São Paulo]

[Especialistas acreditam que, para mulheres sexualmente saudáveis, o Viagra foi um prêmio. Elas reconquistaram um parceiro efetivo.]

“Muitos pacientes estão usando o Viagra para conhecer os limites emocionais e para entender melhor o próprio desejo. [...] O Viagra é um ótimo aditivo, quando o motor e o motorista são bons”. [Oswaldo Rodrigues Júnior – psicólogo do Instituto Paulista de Sexologia de São Paulo]

[O medicamento também pode induzir a novos temores. Um deles é o medo à dependência. Outro é valorizar exageradamente a ereção, em detrimento da sedução e do afeto.]

“Uso para me garantir. [...] Nenhum deles [medicamentos] substitui uma boa mulher”. [Carlos – engenheiro]

“Não estou contra o sexo, mas contra as atitudes masculinas diante do sexo”. [Gaby Hauptmann – jornalista da Alemanha]

[Ela poderá recorrer ao divã. Ele poderá encontrar a solução do problema na farmácia da esquina.]

**ISTOÉ Nº 1562 – 08 setembro 1999 – Drogas: Uma Questão de Saúde [Capa]** Esquenta o debate entre a repressão e a prevenção. O problema e a sua solução podem passar do campo da polícia para o do tratamento médico. **Pg.120-125 – Sopro de Mudança [Bruno Weis e Clarisse Meireles]** As autoridades começam a tratar o problema das drogas mais como questão de saúde do que como caso de polícia.

**Quadros:** O método de Descartes; O consumo cresce; Recair não é o fim.

[Há sinais de fumaça no ar. Um incêndio está queimando antigas formas de olhar um velho problema: o uso de drogas.]

[Já é possível um discurso sobre droga que não seja o da condenação sumária. Manifestar uma opinião tolerante ou revelar envolvimento já não contém o risco imediato de maldição.]

“No Brasil, os usuários de maconha deveriam ter tratamento educacional, e não ser mandados para a prisão”. [José Carlos Dias – advogado e ministro da Justiça]

[O Brasil ainda não é a Holanda, mas uma nova atitude está empurrando o tema para fora do território paralisante da moral e da repressão.]

“A questão das drogas é muito mais um problema de saúde do que de polícia. É como na Aids: a prevenção e a educação são cruciais para se enfrentar o problema. Nos EUA a política repressora adotada há quase duas décadas não acabou com o problema das drogas”. [José Serra – ministro da Saúde]

[Nos Estados Unidos, a postura de tolerância zero – que aumentou dez vezes o número de presos por droga entre 1980 e 1996 – conseguiu baixar o consumo, mas o combate provocou tantas injustiças que se tornou um trauma social e está sendo posto em xeque.]

“Um filho de fazendeiro flagrado com 700 gramas de maconha é considerado usuário ao alegar que é para uso pessoal. Se um moleque é pego com duas trouxinhas na favela, já entra como traficante”. [Hélio Luz – deputado estadual pelo PT-RJ]

[O fracasso dessa política e a conseqüente expansão do consumo expõem a população, sobretudo os jovens, ao risco de dependência.]

“Drogas como cocaína e crack não apenas lesam seriamente a saúde do usuário como podem alterar seus valores. [...] Tem mãe que liga desesperada por ter achado um baseado na calça do filho e tem mãe que demora anos para perceber a dependência de um menino que está pedindo socorro. Nem sempre um baseado é caso de consulta médica”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do HC de São Paulo]

“Algumas drogas são mais maléficas do que as outras. O crack tem um potencial muito grande de levar a pessoa para o crime. Pode ser mais chique apreender traficante de cocaína, mas é mais eficiente prender traficante de crack. Assim, obrigo o traficante a trabalhar com uma droga menos nociva”. [Marco Vinício Petrelluzzi – secretário de Segurança Pública de São Paulo]

“Já roubei dinheiro do meu pai para comprar cocaína. Se não tivesse dinheiro, teria me prostituído”. [L. – usuário de Londrina-PR]

[Pessoas como L., que têm acesso a uma ajuda profissional, são tratadas hoje com uma combinação de psicoterapia e medicação.]

“É preciso entender os motivos de cada um e mudar sua percepção de que o mundo é uma droga”. [John Burns – diretor da Clínica Vila Serena]

[O maior desafio da recuperação está em devolver o dependente ao convívio social. Por isso, John Burns acredita que os tratamentos que não isolam o dependente são mais eficientes.]

“Temos um plano para tratar os dependentes em suas casas. Os profissionais de saúde não sabem lidar com a dependência, mas vamos acabar com isso”. [Walter Fanganiello Maierovitch – secretário nacional Anti-drogas]

[O aumento da informação circulante tem reduzido o pânico diante da maconha, uma substância que, embora ilícita, não ameaça a vida.]

“A única possibilidade de você morrer de overdose de maconha é cair um pacote de 20 quilos na sua cabeça”. [Fernando Gabeira – deputado federal pelo PV-RJ]

[Felizmente, em algumas famílias, drogas é assunto na mesa de jantar.]

“Sempre conversei com meu filho e, se eu o pegasse fumando um baseado, pediria para ele se informar”. [Dau Bastos – escritor]

[Muitos pais e professores pedem mais policiamento, mas amadureceu entre os educadores a defesa da relação de confiança entre o adulto e o adolescente, como a melhor proteção.]

“Entre ser flagrado e evitar a escola, o jovem escolheria o mais fácil. Ele se afastaria e aí teria perdido um canal de ajuda”. [Mirza Mecado – pedagoga do Rio]

“Ninguém é obrigado a produzir provas contra si mesmo [testes de urina]. Queremos um plano que não provoque rejeição e para isso vamos ouvir a sociedade”. [Walter Fanganiello Maierovitch – secretário nacional Anti-drogas]

“É uma decisão libertária [pena de trabalhos comunitários], pois os condenados a menos de quatro anos muitas vezes são usuários e não traficantes”. [Alexandre Dumas – advogado do Rio]

[Outro avanço na mentalidade brasileira é a noção de que o perigo não mora apenas nas substâncias proibidas. No Brasil, o álcool é responsável por mais de 90% das internações hospitalares por dependência, além de aparecer em 70% dos laudos cadavéricos das mortes violentas. Hoje se vê melhor que o consumo de drogas é um dos sintomas de uma doença social mais profunda.]

“O consumo da sociedade atual tem uma função psicótica. Shopping e cartão de crédito também são drogas”. [Lobão – compositor]

“As drogas permitem uma suspensão temporária da existência. É como se houvesse um meio de apagar as luzes por um breve momento. É como se as drogas fossem um medicamento da existência, pois sabemos que a existência é, em geral, difícil e conflituosa”. [Charles Melman – psicanalista da França]

[Diante da angústia, muitos indivíduos se drogam. Diante da droga, muitas sociedades preferem elegê-la como bode expiatório a pôr o dedo em seus verdadeiros problemas. Isso está mudando.]

**VEJA Nº 47 [XXXII] – 24 novembro 1999 – Drogas: Ex-Viciados Mostram Como Deixar a Cocaína [Margem]. Pg. 116-122 – A Volta Por Cima [Drogas: Roberta Paixão]**  
Novos métodos de tratamento ajudam um número crescente de viciados a vencer o horror das drogas.

**Quadros:** Maioria é homem; Coquetel sombrio; A roleta-russa da dependência.

[Há três anos Felipe Camargo (ator) não encosta em um copo de álcool, não cheira cocaína, nem toma remédios para dormir. É um ex-viciado. Hoje, faz parte de um crescente contingente de ex-dependentes químicos que se livraram do tormento das drogas.]

“Ele [filho Gabriel] chegava para me ver e eu preferia ir dormir. Tudo o que estava à minha volta era um caos. [...] Depois de três meses ‘limpo’ tive nova recaída de cocaína. Fiquei três dias na rua. Um horror. Mais uma vez falei para mim que não queria aquilo. Agora, consigo ficar longe da droga sem me sentir marginal num grupo. Até hoje vou às reuniões dos Narcóticos Anônimos para entender meus problemas. Vivo um dia de cada



vez. [...] Não vou dizer que não tenho vontade, mas hoje eu sei que não posso cheirar a primeira carreira de cocaína”. [Felipe Camargo – ator]

[Ele conseguiu o que parece impossível a um dependente químico: livrar-se do horror das drogas e retomar a vida normal. Não é um caso isolado. (...) De 100 viciados que se tratam, 35 conseguem reestruturar a vida, num processo recheado de dores físicas, sofrimentos e preconceitos.]

“Os dependentes químicos eram um caso de polícia e não de saúde”. [Adriano Mossinam – psicólogo da Coordenadoria de Saúde Mental do Ministério da Saúde]

[Desde o final dos anos 80, houve uma espécie de revolução no tratamento dos viciados. (...) Só são internados quando não dispõem de nenhum ponto de apoio, como a família, a casa, o trabalho. As internações duram no máximo três meses.]

[Como não sabem, ou esqueceram, como é o dia-a-dia de uma pessoa normal, passam por um processo de reeducação intensiva. O objetivo, por mais surpreendente que possa parecer, é este: reaprender a viver como todas as outras pessoas. Não é fácil.]

“Até hoje minha mãe me pergunta se voltei a cheirar quando chego em casa mais agitada. [...] Não tinha mais amigos nem projetos de vida. Tive de descobrir o que queria fazer”. [Carolina – estudante de psicologia]

“É claro que o dependente terá um caminho para trilhar sozinho e só sairá da dependência se realmente quiser. Com a família apoiando, no entanto, o processo é muito facilitado”. [Maria Tereza de Aquino – psiquiatra do Rio]

[O efeito do tratamento é enfraquecido quando o dependente depara com as expressões de reprovação no rosto dos pais, dos cônjuges ou dos filhos ao chegar em casa.]

“Estraguei tudo na minha vida por causa das drogas e a recuperação foi lenta e dolorosa. Achava que tinha o controle da situação, bebia um gole, cheirava e voltava tudo. Com tantas recaídas, aprendi que tinha amigos. Ao resgatar algum carinho, ganhei força”. [Ricardo Hermann – ex-empresário]

“Dos 20 aos 30 anos eu só cuidava dos meus filhos. Depois convivi com garotos da rua com quem cheirava. Em 1994, fui ao fundo do poço com o crack. Na última vez que usei, quase tive duas overdoses. Cheguei a ficar quinze dias fora de casa, perdida. A essa altura, meu relacionamento com as crianças não existia mais. Só percebi quanto havia perdido quando comecei a me recuperar. [...] Minha família foi fundamental para minha recuperação. Eles me levaram para o tratamento sob pressão e me deram a maior força. Fiquei nove meses em tratamento e percebi que não era culpada pela doença. Já tive vontade de voltar, mas me agarrei às coisas boas que conquistei sem as drogas”. [Leila Marcelino – dona de casa de SP]

“Já não estava mais raciocinando. Havia emagrecido 20 quilos. Meus braços estavam roxos e tinham mais de 35 picadas. Aos 32 anos fui parar num hospital por overdose. Fiquei sessenta dias internada. Sofria crises de abstinência horríveis. Dava cabeçadas na parede. Aos poucos, retomei minha vida”. [Lúcia Ferreira – dona de casa de SP]

“Permanentemente, a droga é um referencial na minha vida. Quem disser que perdeu isso está mentindo. É maravilhoso estar inteiro”. [Júlio Laudemir – tradutor do RJ]

[Durante quase vinte anos, Laudemir entupiu-se de quantidades estúpidas de cocaína, maconha e álcool. Parou com tudo pouco antes de sua filha nascer.]

[Os centros de recuperação públicos, como o Nepad, ligado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e o Proad, pertencente à Escola Paulista de Medicina, são referências nacionais, mas oferecem um tratamento espartano se comparado ao das clínicas particulares. (...) Na ponta oposta à do sistema público, há fazendas e clínicas com serviço de hotel cinco-estrelas. (...) São preços proibitivos para a maior parte da classe média brasileira.]

[Sexta-feira é o dia da semana apelidado pelos viciados de *sexta-cheira* e considerado perigoso para recaídas. Lá, eles celebram a abstinência.]

“Durante a dependência, os viciados se isolam e só pensam na droga. O tratamento resgata os interesses e valores”. [Jaderson Cahu Filho – psiquiatra do RJ]

[Resolveu se tratar quando, durante uma licença médica de dez dias, chafurdou-se no pó e foi parar no hospital num princípio de overdose.]

“Aos 28 anos comecei a cheirar para ir às festas e, depois, não ficava um dia sem a droga. Depois, virei um problema para minha família, meus amigos e para o meu chefe. Quase perdi minha família e meu emprego. Percebi que acabaria virando um bandido. Fui internado, mas só pensava na droga. Aos poucos, vi que havia muita gente igual a mim e consegui resgatar a auto-estima. Durante muito tempo eu sonhava com a cocaína. Hoje, raramente isso acontece, mas preciso freqüentar um grupo de ajuda”. [Roberto Teixeira – funcionário público de SP]

[Encarada como uma fraqueza ou um desvio de comportamento até a década passada, a dependência química atualmente é vista como uma doença. A partir dessa ótica, os avanços da medicina passaram a contribuir também para o desenvolvimento dos tratamentos.]

“Antes de começar o tratamento, fazemos uma radiografia da cocaína no cérebro da pessoa”. [Evaldo Melo de Oliveira – psicólogo da Associação Brasileira de Estudos sobre Álcool e outras Drogas]

“Os usuários de cocaína desenvolvem a depressão e é preciso cuidar dela também. Senão, a depressão traz de volta a cocaína, como em um círculo vicioso”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra da Escola Paulista de Medicina de São Paulo]

[Em sua maioria, os centros brasileiros de recuperação seguem os modelos de tratamento americanos, que partem do princípio da abstinência total. Nos novos tratamentos, há uma tolerância maior em relação à recaída.]

“A recaída faz parte do processo de recuperação”. [Carlos Parada – psiquiatra do Centro Marmottan na França]

“O problema é que, mais uma vez, tentei levar a vida sozinha. Afastei-me do grupo e o inferno voltou”. [Lya Llerena Guinle – dona de casa do RJ]

[A dependência, para os médicos, não está relacionada à periodicidade com que o viciado se droga. Mas, sim, ao quanto ela faz parte da vida da pessoa.]

“No auge de minha euforia quis saltar do alto de um prédio. Quando o efeito da droga passou, a sensação foi terrível. [...] Mas penso em tudo de bom que está acontecendo na minha vida agora e vejo que não vale a pena”. [Simone Köhler – secretária de Porto Alegre]

[Sabe que o horror pode voltar. Para quem nunca passou pelo fundo do poço das drogas pode parecer que o ex-viciado leva uma vida ainda penosa demais. Afinal, o fantasma do vício nunca deixa de ser uma sombra pavorosa. Mas a sensação do ex-dependente é exatamente oposta. Ele tem a consciência forte de que está num mundo melhor que o anterior.]

“Namorava um rapaz que se picava. Usei e gostei. Me picava nos braços, nas pernas, nos seios, no pescoço e na virilha. Só parei durante a gravidez. Um dia, percebi que iria morrer e que deixaria minha filha sozinha. Pedi a Deus que me ajudasse. Prometi que, se vivesse, largaria as drogas. Passei um ano sonhando com elas. Acordava angustiada e chorava. Resisti e, agora, estou livre do tormento há onze anos”. [Fernanda Pires – dona de casa de PE]

**ÉPOCA Nº 89 – 31 janeiro 2000 – Remédios: Fabricantes no Banco dos Réus [Margem]. Pp. 92-97 – Fábricas no Banco dos Réus [CPI – Remédios].** Governo e Legislativo suspeitam de que a indústria de medicamentos conspirou, especulou e manipulou custos de produção para justificar aumentos abusivos nos preços ao consumidor.

**Quadros:** Os campeões de aumentos; A condenação de um cartel mundial; Sob suspeita; Mercados controlados; Freio nos abusos.

“O secretário Cláudio Considera me telefonou. Estranhei o fato de ele usar o mesmo palavreado do representante do Sindicato da Indústria Farmacêutica. Ele desenvolveu uma argumentação tão igual, até parecia que os dois tinham frequentado o mesmo curso”. [Pedro Dini – aposentado da FEB de Sorocaba-SP]

[A primeira-dama (Ruth Cardoso) e o ex-combatente da FEB vivem em cidades diferentes, têm renda familiar dispare, mas compartilham de um senso comum aos cidadãos. (...) A esmagadora maioria dos brasileiros (84%) acha que os preços dos remédios estão aumentando muito.]

“Essa perda de controle da sociedade sobre os preços dos medicamentos levou a um aumento de sete vezes no preço médio dos remédios. Estamos diante de aumentos abusivos de preços e não se pode mais confiar esse controle a uma caixa-preta dentro do Ministério da Fazenda”. [Marilena Lazzarini – presidente do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor – Idec – de São Paulo]

[Mais do que as próprias empresas, a Fazenda tem se desdobrado em esforços para tentar justificar o comportamento das indústrias.]

“Não digo que os remédios não estejam caros, mas os reajustes estão dentro da realidade do país. Os laboratórios negociaram com o governo reajustes escalonados para compensar o impacto que a variação cambial teve em seus custos, e estão cumprindo o acordo”. [Cláudio Considera – secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda]

“Os preços aumentaram, em média, nos últimos dez anos [1989-1999] cerca de 54% acima da inflação média, segundo dados coletados pela Fipe, de São Paulo, e não é preciso recorrer a nenhum filósofo do Direito Econômico para ter o direito de qualificar essa performance de abusiva”. [José Serra – ministro da Saúde]

[Nos últimos sessenta dias, governo e Legislativo colecionaram evidências de conspiração entre executivos de indústrias farmacêuticas para inflacionar preços de produtos e manipular segmentos do bilionário mercado de medicamentos.]

[As suspeitas da Receita transitaram pelos ministérios da Saúde e do Desenvolvimento e chegaram à CPI na semana passada.]

“Às vezes fico aflito, sabendo que há um ilícito e querendo punir as empresas, mas o processo não chega ao Cade. [...] Acredito que há aumentos abusivos e queremos punir as empresas, mas os processos demoraram até dois anos para chegar aqui”. [Gesner de Oliveira – presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica – Cade]

[Existe uma legislação repressiva, e em tese os mecanismos de proteção dos direitos do consumidor funcionam.]

[Depois de uma década de absoluta liberdade de mercado – sem controle de preços ou alfandegários – a indústria de medicamentos instalada no Brasil conseguiu uma proeza. Os preços dos remédios subiram tanto que, cada vez mais, há menos pobres frequentando os balcões das farmácias.]

“O remédio mais eficiente é o mais caro, mas como pobre não tem dinheiro, não pode mesmo ter acesso a remédios mais avançados”. [José Bandeira de Mello – presidente da Abifarma]

[A reação dos órgãos de defesa do consumidor já redundou na mobilização do Legislativo, com uma CPI, e abriu um debate sobre o controle setorial dentro do governo.]

**VEJA Nº 08 [XXXIII] – 23 fevereiro 2000 – Drogas: O Drama dos Médicos Viciados em Morfina [Margem]. Pg. 76-80 – Vício de Branco [Especial: Cristina Poles e Sandra Boccia]** O drama dos médicos que cedem ao apelo das drogas e se tornam dependentes de morfina.

**Quadros:** A droga de morfeu; Acesso fácil; O problema do álcool.

“Talvez não devesse ter sido médico, porque me envolvia demais com as dores dos pacientes. A droga me trazia alívio num passe de mágica. O sentimento de impotência simplesmente sumia. [...] Saí do quarto e apliquei uma ampola inteira de morfina na veia.

Foi como um orgasmo. A sensação de bem-estar nascia no umbigo e se espalhava para o resto do corpo. A dor da alma se dissipava. Em duas semanas estava viciado. Foi o começo do inferno. Eu me aplicava umas doze vezes por dia. Se demorasse mais de uma hora para tomar uma nova dose, surgiam os sintomas da abstinência – ansiedade, suores, frio na barriga, diarreia. Hoje estou livre da dependência, mas ainda sonho com as sensações maravilhosas da droga. Todos os dias acordo com medo de não resistir e voltar a usar”. [R.J. – clínico-geral de SP]

[Um derivado do ópio, a substância (morfina) é de uso restrito ao ambiente hospitalar, como anestésico e analgésico no tratamento de doentes acometidos de grande dor física. É, pode-se dizer, a versão legal da heroína, a mais devastadora das drogas.]

[Histórias como a do doutor R.J. são comuns nos corredores dos hospitais. O vício da morfina entre os homens de branco é um fenômeno mundial de tal dimensão que já é considerado uma espécie de doença ocupacional. (...) O consumo de morfina e substâncias similares entre os médicos só perde para o álcool.]

“O mais preocupante é que esses médicos estão na ativa, atendendo em UTIs, aplicando anestésias ou participando de cirurgias”. [Maria Tereza de Aquino – psiquiatra diretora do Núcleo de Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro]

[O que leva tantos médicos a usar morfina é o stress típico da profissão e a facilidade de acesso ao medicamento.]

“Eu era um drogado de luxo. Abria o armário onde ficava o estoque de opiáceos e me servia. [...] Todos os meus colegas sabiam do meu vício e não fizeram nada para me ajudar”. [José Antônio Ribeiro Silva – psiquiatra ex-anestesista de SP]

[Para estar sempre alerta, ele recorria a um poderoso combustível: um coquetel à base de morfina e dolantina.]

“Vivia ansioso para ficar a sós com a droga. Meu organismo pedia mais e mais. Hoje reassumi o controle de minha vida. A sensação de estar limpo é maravilhosa”. [Samuel Paulo Thomas – cirurgião da BA]

[A coragem de Thomas em expor o próprio vício é exemplar, mas uma raridade. Se para qualquer pessoa é difícil assumir a dependência química, que dirá para os médicos, acostumados à idéia de que os doentes são sempre os outros. (...) Na prática diária da medicina, médico não denuncia médico. É assim no mundo inteiro. (...) No Brasil, de modo geral, os médicos fazem vista grossa.]

“As denúncias não chegam aos conselhos [de medicina] por causa do corporativismo. Muitas vezes os amigos não fazem nada com medo de tirar o ganha-pão do dependente”. [John Dunn – médico da Universidade de Londres]

“É um absurdo, sobretudo quando há vidas em jogo. O comportamento ético seria encaminhar o dependente para tratamento”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra da Universidade Federal de São Paulo]

[Com a conivência do colega, o doutor L.B. viveu oito anos embalado por coquetéis de opiáceos. No auge do vício, oferecia-se para trabalhar nas ambulâncias.]

[Quando é arriscado demais surrupiar a substância das farmácias dos hospitais, alguns trocam o opiáceo receitado para aliviar a dor do paciente por água destilada. Outros usam apenas parte da dose prescrita e ficam com o resto.]

“Os alunos desdenham: ‘Eu não vou ficar assim professor’, dizem os estudantes”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina da USP]

“Comecei a beber ainda na escola e levei o vício pela carreira afora. Só me recuperei quando cheguei ao fundo do poço”. [João Chequer Bou-Habib – nefrologista e professor da Universidade da Califórnia em São Francisco]

**Terapia Contra a Dúvida [Sociedade]** A segunda opinião dissemina-se nos consultórios do país e confirma ser a melhor garantia contra falsos diagnósticos e erros médicos.

**Quadros:** O calvário de Tancredo; “É preciso seguir a intuição”; Uma prática saudável; Para evitar problemas.

“Procurar outra opinião é a conduta correta. Ela protege o doente e qualifica a medicina. Quando o médico sabe que o paciente ouve outras opiniões, procura atualizar-se”. [Antônio Ribeiro – mastologista de Brasília]

[Prática corriqueira nos Estados Unidos, a consulta a um segundo médico começa a fazer sentido para os brasileiros. Diagnóstico não é sentença irrecorrível. Médicos podem enganar-se e divergir entre si. O doente tem o direito de elucidar dúvidas. E é livre para decidir sobre caminhos terapêuticos.]

“A relação médico-paciente mudou muito com a extinção daquele clínico de família consultado para qualquer gripe ou dor de cabeça”. [Ibraim Pinto – cardiologista do Hospital do Coração de São Paulo]

“A cumplicidade se perdeu com o crescimento das consultas por planos de saúde e convênios. É difícil o atendimento individualizado”. [Raul Cutait – diretor de Oncologia do Hospital Sírio Libanês de São Paulo]

[Se a cumplicidade se foi, a profissionalização e a especialização na área médica vão induzindo os pacientes a abdicar da relação de dependência com o ‘doutor’. Estimular a busca da opinião de outro especialista passa a ser uma conduta médica elogiável.]

[A mudança de comportamento da clientela é impulsionada pelo sofrimento, pela esperança de salvar-se ou diminuir a dor de alguém que se ama.]

[A ética médica recomenda que, diante de impasses, os profissionais consultados busquem o consenso. Cria-se a parceria dos jalecos.]

“Este é o sentido da segunda opinião. [...] Sabia que nenhum profissional poderia mudar o seguinte fato: a morte dela [mãe] seria inevitável. Mas, se não fosse médica, correria atrás de informação”. [Angelita Gama – diretora da clínica de gastroenterologia do Hospital das Clínicas de São Paulo]

[Enquanto alguns médicos resistem, outros fazem da providência uma rotina. Há os que investem em tecnologia e equipamentos de última geração para obter a segunda opinião em tempo real.]

“Estávamos dispostos a viajar para qualquer lugar e salvar nosso pai. A teleconferência nos livrou das dúvidas”. [Nilo Costini Júnior – filho do engenheiro Nilo Costini de São Paulo]

[Em casos graves, a longa busca da palavra final pode ser comprometedor. (...) Em algumas especialidades, o desperdício de tempo é evitado recorrendo-se a um manual de consenso médico. Trata-se de um guia básico de cirurgias e tratamentos.]

[Com iniciativas assim, profissionais tentam reconquistar a confiança dos pacientes e evitar que, entre andanças por clínicas, a doença avance pelo organismo.]

[Médicos brasileiros ganhariam muito se reservassem parte de suas atribuladas agendas para debater históricos clínicos com colegas.]

“Escutar outros profissionais não deprecia o médico com quem se tem maior contato”. [Angelita Gama – gastroenterologista do HC de São Paulo]

“O paciente deve dizer se já ouviu outros médicos. Podemos atuar juntos”. [Sérgio Simon – oncologista de São Paulo]

“A clínica integrada é mais econômica e evita a ida de especialista em especialista”. [João Victor Salvajoli – coordenador das Clínicas Integradas de Oncologia do Hospital Albert Einstein de São Paulo]

**ÉPOCANº 103 – 08 maio 2000 – A Luta Pela Vida [Capa]** Rafael Ilha, ex-Polegar, revela o drama de quem mergulha no inferno das drogas e tenta escapar da dependência. **Pg. 120-126 – A Trilha da Ressurreição [Saúde – Drama]** A história de Rafael Ilha, o ex-Polegar que luta para se livrar das drogas, revela os subterrâneos da dependência química.

**Quadros:** Pink Floyd e Coca-Cola; Medo na abstinência; O vírus sem cura; Dúvida ou compromisso; É importante saber.

[Desde 1998, sobrevive na carcaça de um drogado compulsivo. Assustou famílias. Afastou admiradores. Perdeu contratos. Engoliu isqueiros. Roubou, foi preso, fugiu de clínicas. Internado, amarga a situação de réu em liberdade condicional. A vida em frangalhos foi escancarada para que o país contemplasse o Polegar que virou pivete. Rafael é um doente.]

[Rafael é um em milhões de jovens, num país que somente agora providencia o primeiro levantamento epidemiológico sobre dependência química, tarefa confiada à Secretaria Nacional Anti-Drogas.]

[Soube que é portador do vírus da hepatite C, doença incurável. Condenado a viver no fio da navalha, não parece muito preocupado com as estatísticas nacionais. Quer apenas acordar – um dia depois do outro.]

“Faço isso porque sou vaidoso. Se vão falar de mim, assumo: sou vaidoso e quero resolver esse caso. [...] Meu cliente está ótimo há quatro meses. Não sei por quanto tempo ficará assim. Espero que seja para sempre. Jamais encarei caso tão difícil”. [Sabino de Farias Neto – psiquiatra da Comunidade Terapêutica Maxwell de Bragança Paulista-SP]

[Há um ano, Sabino aceitou incluir Rafael no rol de pacientes. No decorrer do tratamento, providenciou-lhe uma nova banda e uma gravadora, a GGM, especializada em música sertaneja.]

“Cansei de viver no prejuízo. As pessoas não sabem o que vivi. [...] Havia muito eu sabia o que era cheirar benzina. Depois uma namorada me levou para a maconha e a coca. Quando dei por mim, estava nas drogas injetáveis e no crack”. [Rafael – cantor ex-Polegar]

[Filho único de Sylvia de Mello Vieira, uma psicóloga que jamais exerceu a profissão, foi concebido durante o namoro fugaz da mãe com um ‘amigo baiano’. Como de praxe nos anos 70, explodiu para a vida nos embalos do movimento hippie.]

[Soube no programa de auditório (SBT) que o pai biológico, sem profissão definida nem endereço fixo, vive nas praias de Itacaré, litoral baiano, e é suspeito de traficar drogas.]

“Rafael precisa se dar conta de que o show terminou”. [Luís Felipe – fiscal da Receita Federal e pai de criação de Rafael]

[Admite que a mãe fumava maconha, em casa, na companhia do ex-marido e de outros namorados. Ressente-se particularmente de um deles: um guitarrista conhecido, cujo nome faz questão de ocultar.]

“Não quero falar de drogas. Por favor, deixem-me em paz. Rafael deve assumir seus atos”. [Sylvia – mãe de Rafael]

“Como posso esquecer que meu neto, aos 7 anos, pegava ônibus sozinho para me ver e se queixar que a barra em casa estava pesada demais?”. [Yolanda – avó de Rafael]

[Estudos sobre drogas no Brasil ainda engatinham. Sabe-se que, em cada dez casos de uso de maconha, um termina em dependência. Com a cocaína, são cinco em dez. Quando se fala em crack, são nove, numa escalada fulminante: cinco oportunidades de consumo podem representar um caminho sem volta. A desestruturação da família é um convite ao vício.]

“Quando a droga me pegou, andava com uma agenda no bolso com telefones de clínicas. [...] Ordenaram que eu recolhesse fezes de vaca com as mãos, só para testar minha humildade. [...] Ela [psiquiatra] me levou para casa e ofereceu droga e bebida em troca de sexo. Fomos para a cama várias vezes. [...] A cadeia me traz boas recordações. [...] No meio artístico, as pessoas vivem de interesses. Fui chamado a contar minha vida em programas de TV e, por trás das câmeras, um produtor fazia sinal de positivo porque a audiência havia dobrado. Faturaram comigo”. [Rafael]

[Tentou trabalhos como locutor para comprar droga. Foi amparado por namoradas anônimas, como Alessandra, uma garota de programa. Não foram poucas as vezes em que ela o recolheu da sarjeta para abrigá-lo em seu apartamento.]

[Ao ser admitido na clínica Maxwell, Rafael estava completamente desacreditado. Um dia surtou. (...) Com um golpe. Rafael quebrou uma vidraça e pôs-se a mastigar cacos de vidro. (...) Diante dos funcionários da clínica e na ausência do médico, engoliu uma pilha, três isqueiros e, por fim, a caneta com a qual ameaçava perfurar a barriga.]

[Sabino ainda busca a resposta. Especialistas sabem que recaídas são rotineiras e pacientes em situação-limite podem criar falsas emergências para despertar atenção. (...) Não há tratamento eficaz sem motivação pessoal. (...) Está pronto para o novo *début*, na proa da banda Los Lokos. Médicos temem os efeitos de um sucesso estrondoso.]

“O que ele precisa, agora, e se livrar dessa vida”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas – Grea – do Instituto de Psiquiatria da USP]

“Ele é um ídolo. Tem carisma e precisa reencontrar o seu meio”. [Sabino de Farias Neto – psiquiatra da Comunidade Terapêutica Maxwell de Bragança Paulista-SP]

### **Depoimentos:**

“Sou de Arapiraca, cidade de 200 mil habitantes no interior de Alagoas. Meu pai foi prefeito, e meu irmão deputado estadual. Somos donos das Indústrias Reunidas Curinga, de beneficiamentos de milho, café e tabaco. Aos 9 anos, meu pai me mandou estudar em um internato em Sergipe. Foi uma ruptura brusca para mim. Aos 20, ele me disse que eu deveria ir para um centro de estudos avançados em administração. Fui e adorei. Estudava, trabalhava como garçom em Lauzanne, gozava a vida. Quando meu pai cortou a mesada e ordenou que eu voltasse, obedeci arrasado. Chegando a Arapiraca, engravidei uma menina e fui forçado a ficar com ela – e a antiga namorada, hoje minha mulher, casou-se com outro. Eu me entreguei às drogas: maconha, cogumelos, bolinha, coca, tudo misturado ao álcool. Um de meus irmãos conseguiu me internar numa clínica em São Paulo. Reagi mal. Achei que iam me dar choques, que viveria sedado, me fariam uma lavagem cerebral. Disse ao psicólogo que iria embora. Ele respondeu: ‘Você sempre conseguem o que querem, nem que seja para jogar tudo fora’. Aquilo calou fundo. Resolvi ficar ao menos para terminar a desintoxicação. Comecei a conversar comigo, me tranquei para o mundo. Não atendia nem aos telefonemas da família. Saí três vezes da clínica para visitar minha terra: nas duas primeiras fui com um monitor. Na terceira fui só. No avião, a aeromoça me disse: ‘Aceita um uísque?’. Respondi: ‘Some daqui, moça’. Aos poucos ganhei músculos, as olheiras sumiram, a vontade de viver cresceu. Continuo curtindo Pink Floyd, com um copo de refrigerante na mão. Nasci de novo”. [Alberto José dos Santos – empresário de Arapiraca-AL]

“Não foi de uma hora para a outra que larguei as drogas. Isso é um processo longo. Há quatro anos estou limpo e nem por isso posso interromper meu tratamento. Sou uma pessoa em recuperação. Com certeza, permanecerei assim a vida inteira. Tive prejuízos de toda ordem com minha dependência: prejuízo sentimental, financeiro, físico, psicológico, social, espiritual. Qualquer tipo de vício é algo delicado. A abstinência, então, é complicadíssima. Tive insônias, crises de ansiedade, medos variados e um vazio imenso. Havia momentos em que a única coisa que me ocorria fazer era suplicar a Deus que tirasse de dentro de mim aquela vontade terrível, incontrolável. Comecei a fazer terapia e, depois de algum tempo, procurei a organização dos Narcóticos Anônimos. Gostei, passei a frequentá-la diariamente. Hoje consigo me manter assistindo às reuniões do NA uma vez por semana. Ao longo do tratamento, me agarrei a algumas compensações. Por exemplo: comia muito, namorava demais. Nos Narcóticos aprendi que, por um ano, devo evitar me relacionar intimamente com alguém. Faz sentido. Entendo que a pessoa que convive com um viciado sofre muito, carrega nos ombros um peso injusto. Posso comemorar alguma coisa: fui me tratar antes de cair de cabeça no grupo que consome Ecstasy. Soube que é uma barra pesadíssima”. [Felipe Camargo – ator do Rio]

“Aos 17 anos, eu era bancário no Recife. Experimentei maconha e, em pouco tempo, estava nas drogas injetáveis. Aplicava analgésicos ‘destilados’ na veia, 14 pilulas de uma só vez. Preparava a droga no ambiente de trabalho para consumi-la depois do

expediente, em rodas de até dez pessoas. As seringas passavam de mão em mão. Depois, descobri os energéticos glicosados. Atletas consomem uma ampola por dia, eu aplicava oito. As picadas eram um martírio que compensava. Um dia fui salvo da morte por amigos, quando tentava me atirar de um penhasco, no alto da Sé, em Olinda. Lá embaixo, em vez do asfalto, eu via uma lagoa cristalina. Estava ficando completamente paranóico. Para não pirar de vez, resolvi casar e abri uma distribuidora de material de limpeza. Comecei a esvaziar uma garrafa de uísque no escritório no final da tarde. Dizia que era happy hour. Amigos do Sul me mandavam LSD. Foram dez anos sem ter como olhar minha mulher e meus filhos. Quis me matar ao saber que havia contraído o vírus da hepatite C pelo uso de seringas coletivas. Escapei do HIV por pouco. No Carnaval de 1995, prometi a mim mesmo que seria o último copo de uísque. Fui para uma clínica. Hoje não me envergonho de contar essa história para os pacientes do Instituto Recife da Atenção Integral às Dependências. É a minha vida”. [Marcílio Cavalcanti Lima – administrador de Recife]

“Estou em tratamento depois de passar 45 dias internado em uma clínica de recuperação de dependentes, em Brasília. Acho que vou resistir. Comecei a me drogar aos 12 anos, com álcool, maconha e cocaína. Arrumei um traficante que me passava a droga sem cobrar dinheiro. Fazia para ele serviços elétricos, hidráulicos e de marcenaria. Fui piorando. Certa vez, roubei R\$ 600 de minha avó. Eu me tranquei num quarto por uma semana para consumir dezenas de litros de bebida e 50 gramas de coca. Em alguns momentos, cheguei a beber álcool puro para cortar a fissura do pó. Foram sete dias sem comer nada, a não ser as unhas. Alucinei. Na clínica, me deram remédios para aplacar as crises de abstinência. Confesso que cheguei lá sem ter muita convicção de que queria de fato me tratar. Quem entra num centro desses precisa estar disposto a parar com tudo. As portas da clínica estão abertas. Se você quiser, foge, volta para o mundo. Resolvi ficar 45 dias. Hoje meu tratamento tornou-se mais brando. Posso passar meio dia em casa, ao lado de minha mulher e meus três filhos, e meio dia na clínica, às voltas com médicos e psiquiatras. Vou conseguir deixar tudo isso. Não poderia continuar a me picar como quem quer dar cabo da própria vida”. [Cristiano Machado – desempregado de Brasília]

**ISTOÉ Nº 1601 – 07 junho 2000 – Filhos do Crack [Capa]** O aumento do uso da droga multiplica a tragédia: filhos de dependentes são abandonados à própria sorte, moram em orfanatos e correm o risco de carregar sequelas físicas e emocionais por toda a vida. **Pg. 114-120 – Herança Trágica [Carla Gullo e Cilene Pereira]** O crack é uma das drogas mais devastadoras e vale tudo para obtê-la.

**Quadros:** O ciclo de ferro; A droga dos internautas.

[O relato da negociação (de bebês) é apenas uma parte da história dessas crianças e de outros milhares iguais a elas. São os filhos do crack. Seus pais são dependentes de uma das drogas mais devastadoras que existem.]

[Essa é a versão mais poderosa da cocaína. Seus efeitos são multiplicados e o usuário fica dependente em menos de 30 dias. É mais do que estimulante. Tira a fome, o cansaço, a sede. Não existe mal-estar. (...) O normal é passar o dia fumando e não há dinheiro que baste. O jeito é roubar – não importa quem. A família, se estruturada, desmonta.]

[Sem os cuidados básicos, os filhos do crack ficam entregues à própria sorte. Muitos perambulam pelas ruas, vão para instituições ou ficam sob a tutela de alguém da família.]

“O feto também corre o risco de ter o fígado muito sobrecarregado e sofrer uma insuficiência hepática”. [Pérsio de Deus – médico do Denarc de São Paulo]

[A experiência clínica de muitos especialistas mostra ainda que grande parte desses bebês nasce com problemas respiratórios e síndrome de abstinência.]

“A cocaína atravessa a placenta e circula livremente no feto. Quando o bebê nasce, acaba o suprimento da droga e ele sente falta”. [Cláudio Schwartsman – pediatra do Hospital Albert Einstein de São Paulo]



[Os sintomas são choro intenso, irritabilidade, tremores e dificuldade para mamar. Os pequenos pacientes sofrem e precisam ser tratados como os adultos, com tranqüilizantes.]

“É muito difícil associar problemas físicos somente com a droga. Em geral, a mãe dependente fuma, bebe, come pouco e não faz pré-natal. Por isso, os eventuais problemas do recém-nascido ocorrem por múltiplas causas”. [Marisa Schorr Salgado – neonatologista da Santa Casa de São Paulo]

“Esses casos [filhos de dependentes] ficam sob juízo da Vara da Infância. A criança volta para a mãe se o juiz achar que ela tem condições de cuidar”. [Paulo Pachi – chefe da Unidade Neonatal da Santa Casa de São Paulo]

[Ainda não se sabe quantos são os filhos do crack. Sabe-se apenas que seu consumo cresce de maneira assustadora. (...) Hoje, está incrustado em todas as classes sociais – embora isso não seja dito. (...) As mulheres formam boa parte do grupo de usuários.]

“Em geral, elas começam a fumar com 17 anos. A maioria é iniciada na droga pelos companheiros”. [Patrícia Hochgraf – coordenadora do Programa de Atenção à Mulher Dependente – Promud – do Instituto de Psiquiatria da USP]

[Relatos de crianças maiores e das próprias mães confirmam a constatação da médica. Adriana, dez anos, conta que o pai fumava ‘pedra’ e maconha. A mãe começou a usar influenciada por ele, assim como os quatro irmãos. Pouco tempo depois, foi presa em flagrante num pequeno roubo.]

“Meu pai queria que eu aprendesse a fumar, mas não consegui. Meu sonho agora é que minha mãe volte e a gente fique junto, com saúde”. [Adriana – filha de pais usuários]

“Há alguns anos, as crianças que vinham para cá eram filhas de prostitutas ou alcoólatras. Hoje também chegam muitas por causa do crack”. [Sílvia Costa Teixeira – assistente social da Casa da Criança Cristo Rei de Araraquara-SP]

[Nesse abandono, tão dolorosas como as sequelas físicas são as conseqüências emocionais. (...) Sem a mãe ou qualquer referência. Essa situação muitas vezes se reflete no comportamento da criança ou em sintomas como a depressão infantil.]

“Me disseram que as crianças choram e estão cheias de piolho. Pena que a minha escolha pela recuperação tenha chegado um pouco tarde. [...] Foi por minha causa que ela [filha] não veio ao mundo. Mas a sua morte me sacudiu”. [Cristina – usuária separada judicialmente dos filhos]

[Cristina carrega a culpa pela morte da filha logo depois do parto. Ela usou crack durante os nove meses de gravidez.]

[Dor e perda talvez sejam as palavras que mais bem exprimem o sentimento dessas mães.]

“No fundo, não desejava que ela nascesse, mas não tive coragem de abortar. Ela nasceu com 1,7 kg, foi para a incubadora e imaginei que ela poderia pegar uma infecção. Inconscientemente eu a matava. [...] Sei que foi adotada. Peço a Deus que a abençoe e aos pais dela também. Não tenho nada dela, nem uma foto”. [Solange – usuária separada da filha através da Febem]

[Os filhos do crack fazem parte de uma realidade que não pode mais ser encoberta. Engana-se quem pensa que eles são gerados só por casais desestruturados e de classe baixa. (...) O aumento do uso do crack é um problema social.]

“Vamos a creches e escolas, por exemplo, dar informações sobre os perigos da droga. É um trabalho de formiguinha, mas importante”. [Alexandre Prado Avilez – investigador do Denarc de São Paulo]

[Julgar o dependente e abandoná-lo à sua própria sorte – principalmente quando isso envolve crianças – não resolve. Até porque, quando elas são amadas e bem-tratadas, a sua sorte muda.]

[Se o problema for encarado com vontade e sem preconceito, tem solução. Os filhos do crack são gerados pela desestruturação da sociedade. São, portanto, filhos de todos nós.]

#### **ÉPOCANº 108 – 12 junho 2000 – Cruzada Contra o Cigarro Avança no Brasil [Capa]**

A ofensiva do Ministério da Saúde – Censura ameaça a publicidade – O cerco aos 30 milhões de fumantes. **Pg. 116-121 – Guerra Contra o Vilão Nacional [Especial – Saúde]** O governo defende um projeto de lei que proíbe anúncios de cigarro nos meios de comunicação. A estratégia é afastar os jovens do vício, num país onde um em cada quatro médicos não vive sem as baforadas de todos os dias.

**Quadros:** O vício de quem zela pela saúde alheia; Caminhos contra o vício; O que dizem os fumantes.

[Advertir que o fumo faz mal tornou-se uma amenidade. Ao menos para o Ministério da Saúde. Numa ofensiva sem precedentes contra a indústria do tabaco no Brasil, o governo enviou ao Congresso um projeto que proíbe a propaganda de cigarro em todos os meios de comunicação e em lugares públicos.]

[Os dados (de pesquisa) indicam que os anúncios de cigarro são bem recebidos pelo público jovem. Os adolescentes sentem-se estimulados pelo clima de aventura e excitação trazidos em imagens belíssimas.]

“Os jovens começam a fumar por curiosidade, depois não se desvencilham da dependência”. [José Serra – ministro da Saúde]

[O ataque oficial usa as armas do inimigo. O Ministério da Saúde assina uma campanha publicitária agressiva, feita para destruir o glamour tabagista. (...) Um dos anúncios compara as indústrias de tabaco aos traficantes de drogas. A ofensiva provocou reações. No Congresso, teve boa aceitação.]

“A iniciativa ajuda a demolir a falsa imagem que o cigarro tem entre os adolescentes”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra e professor da Escola Paulista de Medicina]

“Se não fizermos propaganda, venderemos menos, indústrias vão fechar e muita gente ficará sem emprego. Não contesto a disciplina à propaganda, mas acho absurda a proibição”. [Afrânio de Melo Franco Nabuco – presidente da Associação Brasileira da Indústria do Fumo – Abifumo]

[A indústria enfrenta turbulências no Brasil. (...) Os exportadores culpam as campanhas contra o tabaco nos Estados Unidos e na Europa pela queda nas vendas. (...) O governo foi acusado de ser intolerante e autoritário.]

“Se o cigarro é nocivo, o governo deveria proibir a fabricação. Impedir os anúncios é um atentado à liberdade de expressão”. [Flávio Corrêa – presidente da Associação Brasileira de Agências de Publicidade – Abap]

“Quem fuma não passeia necessariamente com duas loiras num helicóptero. Mas uma campanha de interesse público, como a do governo, não precisaria ser tão panfletária”. [Washington Olivetto – publicitário dono da agência W/Brasil de São Paulo]

[O projeto Serra tenta impedir que futuras gerações sintam-se atraídas pelo cigarro. Nos EUA, a estratégia deu certo.]

“Pelo amor dos céus, ministro, nem pense em proibir o fumo. Isso criaria um conluio entre polícia, traficantes, legisladores, juízes, prefeitos e todos os demais homens honrados. Virtude também dá câncer no duodeno”. [Millôr Fernandes – escritor]

[Campanhas oficiais, ainda hoje, fazem do cigarro um vilão nacional. O tom do discurso baixa a auto-estima dos 30 milhões de fumantes do país. Muitos tentam livrar-se da dependência. Poucos conseguem.]

[A nicotina (...) provoca sensação de bem-estar e aumenta a capacidade de concentração. Embora não tenha efeito alucinógeno, causa dependência química e psicológica. (Socióloga paulista) Controla a dependência química com um anti-depressivo. A dependência psicológica ela combate com mudanças de rotina.]

“Logo que soube da gravidez, me esforcei muito para parar. Mas é difícil”. [Rita Camata – deputada federal pelo PMDB-ES]

[O cerco ao cigarro vai se fechando. Países de todos os continentes adotaram leis restritivas.]

[A nova campanha publicitária do Ministério da Saúde é assumidamente inspirada no modelo americano. Uma das peças faz menção ao ator Wayne McLaren, por décadas o caubói da propaganda dos cigarros Marlboro. Wayne morreu de câncer no pulmão em 1992. Tornou-se símbolo da cruzada anti-tabagista. Os EUA são o berço da ofensiva mundial.]

[O cinema americano, que eternizou a aura do cigarro no filme *Gilda*, de 1946, com Rita Hayworth liberando inesquecíveis espirais de fumaça, hoje se rende à fumaça.]

[No Brasil, corre há cinco anos a primeira ação coletiva movida contra a Philip Morris e a Souza Cruz. Um grupo de fumantes e ex-fumantes pede indenização proporcional aos anos de vício. O processo é movido pela Associação de Defesa da Saúde do Fumante.]

“A publicidade associa o vício a status, heroísmos, sensualidade, e isso é prejudicial”. [Hérson Capri – ator]

“Comecei a fumar na década de 60, quando tinha 15 anos. Infelizmente, sou de um tempo em que o cigarro era exaltado pelo cinema e jamais consegui parar. [...] Não há nada mais desagradável que ser doutrinado por ex-fumantes”. [Sami Arap – urologista do Hospital Sírio-Libanês de São Paulo]

“Sou fumante assumida. Não cogito largar o cigarro e não admito patrulha. Parei quando estava grávida para não prejudicar o meu filho. Depois voltei, sem culpa”. [Cláudia Liz – modelo]

“Não sou viciado, fumo apenas socialmente, mas defendo as campanhas anti-tabagistas. Elas fazem pensar sobre os malefícios do cigarro”. [Caio Blat – ator]

“Fumo porque sou burro. Sei que faz mal à saúde, mas não consigo parar. É um vício há 54 anos. Mas meu pulmão está inteiro. No palco, tenho fôlego de garoto”. [Paulo Autran – ator]

**VEJA Nº 30 [XXXIII] – 26 julho 2000 – Maconha Quase Liberada [Capa]** A questão não é mais saber se um jovem vai experimentar a erva. A pergunta é quando ele fará isso. **Pg. 114-121 – Cada Vez Mais Jovens [Especial: Mônica Gailewitch]** Em dez anos, o consumo de maconha cresceu quatro vezes entre os adolescentes de 16 a 18 anos. E a tolerância aumentou. Polícia, Justiça e escola têm punido menos o usuário.

**Quadros:** Números da tolerância; O que acontece depois; Efeitos da maconha no organismo; A maconha no mundo; ‘Guardava até as pontas’.

[A maconha é a droga ilícita mais tolerada pelos brasileiros. Embora o consumo tenha aumentado regularmente nos últimos anos, a polícia prende menos usuários, a Justiça condena pouco e a escola aceita mais.]

[No ranking do consumo das drogas, ela vem quilômetros à frente de crack, cocaína, heroína ou ecstasy.]

[O problema desse avanço da maconha é a banalização do vício. A tolerância com o álcool e o cigarro produziu o fenômeno do ‘cigarrinho’ e da ‘cervejinha’. Hoje, já há quem use a expressão ‘baseadinho’ para tratar de uma droga que, como o cigarro e o álcool, tem efeitos colaterais ruins.]

[Segundo os especialistas, a maconha produziria uma perda da capacidade cognitiva. (...) Muitos usuários relatam uma perda da capacidade de memorização e também de aprendizado. (...) A segunda característica é a perda da motivação.]

“Quando você fuma, não segue uma seqüência lógica. A atenção fica flutuante. Depois de um tempo, essa postura acaba prevalecendo”. [F.P. – estudante de SP]

[Os consumidores usam a erva porque sentem que ela lhes proporciona sensações compensadoras. (...) Tudo fica mais colorido. (...) Diz que passa a reparar em coisas que não perceberia se estivesse sóbrio.]

“Vou continuar usando enquanto me fizer bem”. [R.L. – publicitário de SP]

“Quando estou tocando, pareço sentir a música. Para mim funciona como um drinque depois do expediente”. [D.J. – médico de Brasília]

[A maconha tem ainda sobre as concorrentes a vantagem de já ser considerada uma droga relativamente leve, diante da devastação física e psicológica provocada pelas mais pesadas. Por fim, ela é mais barata.]

[Apesar da diferença de rotas entre a maconha e cocaína, a rede de traficantes é a mesma. A Polícia Federal diz que o tráfico da erva foi uma etapa anterior à da cocaína.]

[Encontrar a droga está longe de ser um problema para alguém que decida usar maconha. (...) Alguma pessoa ligada a um pequeno traficante consegue uma quantidade maior e repassa aos outros do grupo. (...) Ao contrário da cocaína, a maconha é uma droga mais democrática no sentido distributivo.]

[A mudança em relação à década de 70 é espantosa. Naquele tempo, havia um preconceito explícito contra quem fazia uso de maconha. (...) Entre os universitários e intelectuais de esquerda, consumir a erva tinha um significado difuso que poderia traduzir-se em oposição a várias coisas praticadas pelas outras pessoas. (...) Não há figura que sintetize o maconheiro de hoje em dia.]

“Os consumidores de hoje não se enquadram em nenhum estereótipo. São pessoas das quais ninguém desconfiaria”. [Fernando Gabeira – deputado federal do Rio]

[A maconha resistiu ao avanço de várias outras drogas. (...) Os males mais frequentes da *Cannabis* são comparáveis aos do cigarro e do álcool. Com a vantagem de não deixar a pessoa mais agressiva ou propensa a algum tipo de ato violento, como no caso do álcool.]

“A maconha é um poderoso relaxante mental e muscular. A cocaína é como uma bateria extra. A pessoa ganha uma energia nova que não tinha. Passa a pensar rápido e se acha brilhante”. [Lobão – músico e compositor]

[Muitos dos que se viciam em maconha passam depois para drogas mais pesadas. Os especialistas afirmam que essa passagem é bastante comum. A erva seria uma porta de entrada para outras drogas.]

[O motivo é simples. As mesmas razões que induzem ao baseado podem arrastar a pessoa para o pó. Entre os vários motivos que levam o jovem a fumar maconha, há alguns mais frequentes: desequilíbrio familiar, necessidade de auto-afirmação perante um grupo de amigos e também a curiosidade.]

“Antes, o encontro com a droga acontecia na faculdade. Hoje, a primeira experiência se dá no colégio”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra e professor da Unifesp]

[Aos olhos inexperientes de alguns jovens, o fumante de maconha revela certa autoconfiança, determinado tipo de coragem, porque faz algo que é proibido.]

“Acho que acabei me tornando uma mãe ausente por causa do trabalho. Mas estou apostando tudo no tratamento. Já sinto minha filha mais próxima de mim”. [Lourdes Romero – mãe de Kamila, usuária de maconha]

[Entre os pais, os mais tolerantes são justamente aqueles que já fumaram.]

[Entre as razões que facilitam a adesão à droga, cita-se com frequência o ambiente familiar desajustado. (...) Crianças agressivas, que têm relacionamento distante com os pais, estão mais predispostas a usar a maconha na adolescência. Os especialistas também citam como fator capaz de favorecer a inclinação pela droga o autoritarismo excessivo de alguns pais ou seu inverso, a incapacidade de impor autoridade aos filhos.]

“O trabalho de recuperação tem até 40% de chance de sucesso”. [Elisaldo Carlini – professor de psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo]

[No Brasil, consumir drogas é crime. (...) A droga continua sendo uma prioridade para a polícia. O que mudou foi o foco. É outro o conceito que a polícia tem do usuário. Hoje, ele é visto como uma pessoa que precisa de ajuda e não como criminoso.]

“A polícia é um reflexo da sociedade. Se a maconha é tolerada largamente, o policial fica influenciado por isso”. [José Vicente da Silva Filho – especialista em segurança pública do Instituto Fernand Braudel]

[Nas instituições policiais, a explicação para a tolerância com o usuário de maconha está num termo jurídico: adequação social.]

[Os pais são convidados a participar de palestras de orientação sobre drogas, e os adolescentes encaminhados para fazer um curso anti-drogas e, se for o caso, um tratamento médico. É uma mudança significativa para quem sempre tratou essa questão a bordoadas.]

“Temos observado que orientar ajuda mais do que repreender de forma enérgica”. [Aglaúcio Novais Filho – delegado da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente do Rio de Janeiro]

[A visão da maconha dentro das escolas também mudou. (...) Alguns disseram que a maconha é um problema cotidiano nas escolas e, se todos os alunos fossem expulsos, as salas ficariam reduzidas quase à metade.]

“Houve um aumento considerável no número de casos e nós preferimos adotar uma política de prevenção e orientação”. [Alfredo Antônio Fernandes – coordenador-geral do Colégio Objetivo Júnior]

[Uma prova de que a maconha atingiu um patamar que nunca havia alcançado: a aceitação.]

**VEJA Nº 44 [XXXIII] – 01 novembro 2000 – Receita Para Morrer Mais Cedo [Capa]** Os maus hábitos da vida moderna já são a maior causa de mortes no Brasil. **Pg. 104-111 – As Doenças da Modernidade [Saúde: Anna Paula Buchalla e Karina Pastore]** O estilo de vida atual causa mais mortes no Brasil do que as infecções associadas à pobreza. Cuidado para não se tornar uma vítima.

**Quadros:** O estilo faz o homem; Epidemia global; O coração das mulheres; Câncer de mama; Câncer de próstata.

[A semelhança com os Estados Unidos está longe de ser uma coincidência. O processo de industrialização e urbanização verificado nos últimos quarenta anos fez com que a modernidade também exibisse por cá a sua face sombria. Porque se alimentam mais de comida industrializada, dispõem de inúmeros confortos no cotidiano e trabalham num ritmo alucinante, os brasileiros estão mais gordos, inativos e estressados do que nunca.]

[Nas grandes cidades, principalmente, a grande maioria das pessoas morre de complicações cardíacas, de câncer (pulmão, mama, próstata e estômago são os mais comuns) e de diabetes tipo 2. Essas enfermidades são a pior tradução do estilo de vida atual.]

[Os ganhos na área da saúde proporcionados pela modernidade são incomensuravelmente maiores do que os danos causados por ela. Numa rápida pincelada, a história da medicina registra três saltos num curto espaço de tempo: a revolução sanitária, a imunológica e a dos antibióticos.]

[Apesar de ainda haver um expressivo contingente de vírus e bactérias a ser derrotado, a verdade é que o grande adversário dos médicos não habita mais o universo microscópico. Ele está personificado no paciente que teima em não mudar a sua forma de viver.]

[A despeito das campanhas anti-tabagistas, ele (cigarro) continua a ser o principal paliativo para a ansiedade. Bom para aliviar a tensão, péssimo para todo o resto.]

[As doenças da modernidade estão deixando de acometer somente os que têm mais de 40 anos.]

[Um bom estilo de vida, enfatize-se, significa alimentação equilibrada, exercícios físicos regulares, nada de cigarro e tensão controlada. A receita é manjada, mas ela deve começar a ser seguida desde a infância, e não apenas quando o organismo adulto dá sinais de que não vai bem.]

[Movimentar-se é uma arma e tanto no combate às doenças da modernidade, mas estamos nos mexendo cada vez menos. Nas maiores cidades brasileiras, como São Paulo, sete de dez pessoas são tão ativas quanto um bicho-preguiça. Culpa dos eletrodomésticos com controle remoto, dos telefones sem fio, dos acessórios que induzem ao sedentarismo.]

[Fatores externos, ligados a mudanças de comportamento, também estão na origem de boa parte dos diagnósticos de câncer de mama, a neoplasia mais comum e letal entre as mulheres.]

[Solteira e sem filhos, trabalhava catorze horas por dia, só comia sanduíches e não relaxava um minuto. Resumindo: era uma bomba de estrógeno e de stress.]

[A carne vermelha, acreditam os médicos, ativa indiretamente a produção de testosterona, o hormônio que acelera o aparecimento de câncer de próstata em pacientes com predisposição à doença. (...) Antes de abandonar-se ao pecado da carne, prezado leitor, tenha em mente que o câncer de próstata teve a sua taxa de óbito dobrada de vinte anos para cá.]

[Até pouco tempo atrás, o coração das mulheres só era frágil no terreno da literatura. (...) As mulheres não só enfrentam as mesmas pressões profissionais e sociais do sexo masculino como andam fumando como chaminés.]

[É mais difícil para a mulher abandonar o vício. (...) Uma possível explicação para o fato é que, entre as mulheres, o cigarro está intimamente associado à idéia de independência, autonomia e *sex appeal*. É o que diz um relatório da Organização Mundial de Saúde.]

“Pensei em tudo, menos que aquela dor, suor e tontura poderiam ser sinal de um problema cardíaco. Eu achava que infarto era coisa de homem. [...] Eu tinha de provar que era eficiente. Era obcecada pela perfeição. Me cobrava demais”. [Guiomar Cunha – professora do PR]

[A necessidade de afirmar-se num mundo ainda dominado pelos homens faz com que muitas profissionais se estressem mais que seus colegas.]

**ISTOÉ Nº 1634 – 24 janeiro 2001 – O Loiro Irresistível [Capa]** O Brasil mergulha em 8 bilhões de litros de chope por ano – Os melhores lugares para beber – Sozinho, ele não aumenta a barriga – No Rio as mulheres bebem mais do que os homens – Nas classes média e alta, a bebida bate a cerveja. **Pg. 72-79 – Desce Mais Um!!! [Camilo Vannuchi, Chico Silva e Francisco Alves Filho]** A origem, a fabricação, os efeitos sobre a saúde, onde e como saborear a bebida mais desejada do verão.

**Quadros:** O caminho da felicidade; Alto lá!; O Pingüim não é mais aquele; Grau alcoólico; Composição; Em forma; Cerveja, a paixão do povão; Chope, atração da classe média; Verdades e mentiras; Os dez mandamentos do chope; Preferência por capital; Eu bebo, sim; No gogó, o melhor copo para aquele chopinho.

[Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Cerveja, cerca de oito bilhões de litros de chope e cerveja fazem a festa dos brasileiros a cada ano. (...) Dois terços desse volume desaparecem goela abaixo entre novembro e março, os meses mais quentes e convidativos.]

[Refrescante e dourado, o chope é um loiro exigente, com tantos caprichos quanto seu mais fiel consumidor.]

“Para ele [o chopeiro], a qualidade de vida e a boa aparência são aspectos fundamentais. O bebedor de chope é mais preocupado com a carreira e menos conformista do que o consumidor de cerveja. O chope exige um paladar mais apurado e é mais caro. A maioria dos consumidores o considera mais leve”. [Suzana Garcia – gerente comercial do Target Group Index, departamento do Ibope]

[Grosso modo, a cerveja não passa de um chope pasteurizado. O teor alcoólico, o índice calórico e os ingredientes das duas bebidas são os mesmos. Num país continental como o Brasil, a cerveja, se não fosse pasteurizada, dificilmente resistiria ao transporte e à espera do ávido consumidor nas gôndolas dos supermercados.]

[Graças a sua jovialidade, tem-se a impressão de que o chope é mais leve também. Essa é apenas mais uma das lendas da bebida. Mas o que torna o chope tão especial é também o seu maior inimigo. O prazo de validade do loiro é curto.]

[A mais antiga cervejaria do mundo – com cinco mil anos de idade – foi descoberta por um arqueólogo americano a 750 quilômetros do Cairo, capital do Egito. É difícil imaginar um faraó com uma caneca de chope na mão, mas, por incrível que pareça, a bebida era essencial para a nutrição do povo egípcio.]

[O chope com a composição e o sabor semelhantes aos atuais, produzido com malte, água, lúpulo e levedo, se desenvolveu na Idade Média, mais precisamente nas cozinhas dos velhos mosteiros.]

[A bebida desembarcou no território tupiniquim em 1808, trazida pela corte portuguesa. Foi um sucesso desde o primeiro momento. (...) A primeira cerveja engarrafada foi produzida em 1920 pela Brahma, fundada em 1888.]

[Nos anos 20, surgiram os templos até hoje endeusados por boêmios, intelectuais e simples – porém, nobres – bebedores. (...) Tintim!]

“Ganhei o único campeonato oficial de chope realizado no Rio, há uns 15 anos. Os 150 concorrentes tinham que parar em vinte bares da zona sul. Levei três horas e tomei 57 chopes duplos. Ganhei um troféu folheado a ouro e o vendi por US\$ 600 a um amigo, o Roni, do Bar Empório, em Ipanema, porque precisava de dinheiro para viajar. Hoje bebo um chope de vez em quando. Estou muito sedentário e tenho que emagrecer”. [Fausto Wolf – escritor e dramaturgo]

“Tomo meu chopinho sim, ninguém é de ferro. Trabalho com o corpo e preciso me sentir bem. No calor é imbatível. Mas não posso exagerar, porque senão terei que exagerar nas abdominais. Chope é sinônimo de boa conversa. Gosto de beber um garoto com colarinho, dá uma relaxada fantástica”. [Déborah Colker – dançarina]

“A matriz é o chope, o resto são filiais. Ele é imbatível no verão. Difícil é encontrar um bom e bem tirado. Minha média diária é de 20 garotos. Em março estou lançando o livro *Confesso que bebi* [Record], dedicado a todos os ilustres bebedores que ajudaram o mundo a ficar menos chato. O livro termina com Jesus Cristo, que transformou água em vinho”. [Jaguar – humorista]

**ÉPOCANº 141 – 29 janeiro 2001 – A Vitória dos Genéricos [Capa]** O preço e a eficácia dos medicamentos sem marca melhoram a vida do consumidor. **Pg. 84-89 – Receita Que Alivia o Bolso [Saúde – Remédios]** Os genéricos atraem o consumidor e fazem despencar o preço dos remédios de grife.

**Quadros:** Os campeões de venda; A marca do governo; Cuidados na compra.

[Eles chegaram às prateleiras das farmácias há um ano e desencadearam uma formidável mudança de comportamento. Os genéricos, remédios com conteúdo idêntico aos de marcas tradicionais, porém mais baratos, incorporaram-se aos hábitos dos brasileiros numa velocidade jamais vista em qualquer outro país do mundo.]

[Os genéricos avançam por uma razão simples e definitiva: aliviaram o bolso dos consumidores sem comprometer a qualidade do tratamento. (...) Os genéricos são cópias fiéis das marcas tradicionais, como comprovam testes exigidos por lei. (...) Alguns substituem remédios receitados há anos, cujas patentes expiraram.]

[Em países como Estados Unidos e Alemanha, onde existem há mais de uma década, os genéricos respondem por 40% das vendas.]

“Em nenhum outro país se avançou tanto num período tão curto. O Brasil vai servir de exemplo para outros países da América Latina. [...] Ninguém dizia abertamente que era contra o projeto, mas muitos deputados, sob o pretexto de aperfeiçoá-lo, tornavam

interminável a discussão da lei”. [Eduardo Jorge – médico e secretário municipal de Saúde de São Paulo]

[O projeto de Eduardo Jorge chegou à Câmara em 1991. Demorou oito anos para ser votado. Enfrentou a oposição das multinacionais farmacêuticas, temerosas de perder mercado para os novos concorrentes. (...) A aprovação da lei só foi possível porque o governo e a oposição uniram forças. (...) O projeto saiu do papel graças ao engajamento de laboratórios brasileiros.]

[A previsão de crescimento do setor apóia-se em fatos concretos. Serra anunciou a liberação de linhas de financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a criação de novas indústrias farmacêuticas.]

[Um fator que contribuiu para o sucesso foi o apoio maciço das farmácias. (...) Começam a surgir lojas especializadas nos remédios sem marca.]

[A aceitação do consumidor já provoca reações dos gigantes da indústria farmacêutica. Grandes laboratórios começam a reduzir preços de produtos consagrados para enfrentar a concorrência.]

“Os descontos em alguns remédios chegam a 30%, e não são as farmácias, com lucro líquido de 2%, que estão bancando isso”. [Sérgio Mena Barreto – presidente-executivo da Associação Brasileira das Redes de Farmácias e Drogarias]

[Os genéricos ainda têm inimigos a vencer. Um deles é o marketing dos gigantes da indústria farmacêutica. É guerra antiga. (...) Os genéricos acirraram a batalha. Na ofensiva, as empresas lançam a campo exércitos de propagandistas.]

[A estratégia dos propagandistas é mostrar que seus laboratórios têm remédios modernos, com menos efeitos colaterais e mais eficácia. Para reunir argumentos, empresas promovem testes clínicos no Brasil. São estudos realizados em hospitais universitários que atestam os efeitos dos medicamentos.]

“É nosso trunfo para conquistar a confiança do médico”. [João Luís Castro – diretor de marketing da Bristol-Myers Squibb]

[Sobre os genéricos pesa o desafio de conquistar a confiança da classe médica. Há fortes resistências. Muitos especialistas reconhecem a importância das drogas sem grife, mas temem a confusão com os chamados ‘similares’, uma terceira categoria de medicamentos, cuja qualidade às vezes é contestada.]

“O remédio prescrito muitas vezes é trocado pelo balconista das farmácias por um similar, sem garantia de qualidade”. [Mário Maranhão – presidente da Federação Mundial de Cardiologia]

“Prefiro indicar um medicamento produzido por uma empresa confiável”. [Maurício Calais – ortopedista de Belo Horizonte]

[O governo começa a apertar o cerco aos similares. Vai obrigá-los a usar um nome de fantasia para não gerar confusão. Se os fabricantes quiserem registrar esses remédios como autênticos genéricos, terão que se submeter aos testes exigidos pelo governo.]

[Remédios de última geração sempre custarão mais caro, porque são protegidos por uma lei de patentes. (...) Indústrias farmacêuticas investem US\$ 60 bilhões por ano em pesquisa. Com o reconhecimento e o registro das patentes, ganham exclusividade de fabricação por 20 anos, o que lhes garante o retorno do investimento.]

**ÉPOCANº 157 – 21 maio 2001 – Ecstasy: Droga da Moda Avança na Noite [Margem]. Pg. 52-58 – Prazer Perigoso [Sociedade – Comportamento]** O ecstasy deixa de ser uma droga de descolados para se popularizar entre jovens brasileiros da classe média.  
**Quadros:** ‘A paranóia era ser feliz’; O futuro é das sintéticas; Os efeitos da droga; Embalos de Primeiro Mundo.

“É muito fácil comprar. Tomo sempre com meus amigos. A gente troca a cervejinha de domingo por uma pilula e passa a tarde no parque (Ibirapuera) jogando conversa fora”. [Felipe – empresário de São Paulo]



[Seu caso ilustra a escalada de uma droga até recentemente restrita a tribos antenadas com as novidades do mundo dos alucinógenos. Conhecido como 'pílula do amor', ou simplesmente 'E', o ecstasy saiu do gueto clubber – freqüentado por gente de cabelos coloridos, trajes brilhantes, corpos tatuados e piercings – para se popularizar entre jovens brasileiros de classe média.]

[O Informe Mundial sobre Drogas, divulgado em janeiro pela Organização das Nações Unidas (ONU), fornece dados impressionantes sobre a disseminação das drogas sintéticas na última década.]

[Um estudo anual feito pela Partnership for a Drug-Free América, uma organização não-governamental americana, mostrou que o consumo de maconha caiu pelo terceiro ano consecutivo entre os adolescentes. Em contrapartida, o ecstasy ganhou terreno.]

[No Brasil, há sinais de que a droga está chegando a muito mais gente do que indicam as poucas apreensões feitas pela polícia. (...) Em geral, a droga entra no país contrabandeada do exterior.]

[Diferentemente de outras drogas, como cocaína e maconha, o ecstasy é comercializado não pelo típico traficante de favela, mas por moças e rapazes de boa estampa, também usuários.]

"Não há quadrilhas ou boca-de-fumo. Os passadores são pessoas comuns, o que torna nosso trabalho muito mais difícil". [Ubiracyr Pires da Silva – diretor da Divisão de Investigadores sobre Entorpecentes de São Paulo]

"Enquanto dançamos, sorrimos e suamos, o máximo que os policiais fazem é abrir um ou dois botões da camisa. Seguram uma garrafa de água, mas não bebem nem a metade. Têm um sorriso forçado, não falam nosso vocabulário, fingem que se divertem, mas destoam do lugar". [J.L. – designer do PR]

[Falsa excitação configura a antítese do comportamento das pessoas sob efeito do ecstasy. Elas apresentam mudanças físicas notáveis: mãos e boca secas, pupilas dilatadas, hiper-sensibilidade tátil e aumento da temperatura corporal.]

"Não há nada melhor que dançar sobre efeito do ecstasy". [L.V. – estilista de São Paulo]

[Com a dilatação da pupila, as luzes ganham brilho especial e os olhos ficam mais sensíveis – daí o uso de óculos de lentes coloridas. (...) Qualquer toque no corpo tem o efeito multiplicado. Muitos se encostam e se abraçam o tempo todo.]

"Você fica animado, as preocupações somem e a vida ganha perspectiva muito melhor". [R.G. – advogado do Rio]

[Derivado da anfetamina, o MDMA (metilenodioximetanfetamina) tem propriedades de alucinógeno. Não chega a produzir as alucinações do LSD (ácido lisérgico), nem a excitação de estimulantes como a cocaína. Em compensação, soma os efeitos dos dois compostos de forma moderada. Essa é justamente a razão que faz do ecstasy uma droga social.]

[Por ser discreto, adquiriu a imagem de droga 'benigna', o que amplia o seu poder de sedução entre a juventude. Pura ilusão. Ecstasy pode matar. (...) O calor excessivo destrói proteínas do sangue e pode desencadear convulsões ou mesmo parada cardíaca.]

[Pesquisa divulgada em abril pela Universidade de Toronto, no Canadá, constatou que o consumo prolongado pode resultar na perda de memória. (...) O princípio ativo da droga é altamente tóxico e prejudicial ao sistema neurológico. (...) Passado o efeito da droga, a depressão crônica alcança muito pacientes, abatidos pela queda acentuada na quantidade de serotonina.]

"Muitos chegam ao pronto-socorro com alterações cardíacas, e alguns jovens foram vítimas de perda irreversível de massa muscular nos braços e nas pernas". [Anthony Wong – toxicologista do HC de São Paulo]

[A composição do ecstasy, preparado principalmente em laboratórios europeus, está cada vez mais misteriosa. Da mesma forma que laboratórios clandestinos misturam pó de mármore ou talco à cocaína, o ecstasy pode ser 'batizado'.]

[Sempre mais tolerantes no setor, as autoridades holandesas permitem que as casas noturnas mantenham de plantão uma equipe de químicos para testar, *in loco*, a composição das pílulas que seus clientes consomem.]

“A maioria prefere saber a origem, mas se não sabe, toma do mesmo jeito”. [Stella Pereira de Almeida – psicóloga e pesquisadora da Universidade de São Paulo]

[O entusiasmo dos usuários com as sensações provocadas induziu a Organização Mundial de Saúde a divulgar uma recomendação: não se deve estabelecer diferença entre dependência física e psicológica.]

“É um vício diverso do causado por cocaína. O organismo não fica dependente da química da droga, mas do prazer que proporciona”. [D.F. – estudante de São Paulo]

“O E foi a experiência mais marcante de minha vida. Quando lembro o que senti, tenho vontade de tomar outro comprimido imediatamente”. [G.S. – arquiteto de SC]

“Desconheço viciados em ecstasy, e não vejo problema no uso experimental”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas – Grea - do Instituto de Psiquiatria da USP]

[Na Califórnia, cientistas examinam o uso do ecstasy para tratar a depressão e a dor crônica de pacientes terminais de câncer. A pesquisa deve suscitar ainda mais controvérsia em torno de uma droga que, para o bem ou para o mal, já está inserida na cultura do século XXI.]

#### **Depoimento:**

“Era sábado à noite. A roupa seguia o estilo ‘mulherão sedutora’. As costas de fora combinavam com a festa a luz de velas, numa casa com quintal. Eu e minhas amigas entramos. Ninguém desconfia de mulher bem vestida e sorridente. Decidimos tomar o primeiro E. Meia hora depois, já estávamos dançando loucamente ao som de Jorge Bem Jor no meio da pista vazia. Devagar as pessoas foram se animando com a música, com nossa alegria, com nossas performances. Esbarrar meu corpo no corpo alheio era a maior diversão. Queria tentar fazer os outros, bêbados ou sóbrios, entender que era possível conhecer alguém sem saber o nome, sorrir para desconhecidos, dançar com o nariz colado no nariz do outro sem vontade de beijá-lo. Estava na viagem de dizer, sem palavras, que viver é fascinante. Queria ser simpática, admirava a beleza da vida. Alguns não entendiam. Desses eu me aproximava e lhes oferecia um gole de água. Tentava uma comunicação convencional. A única paranóia naquele momento era ser feliz. Ver todo mundo sorrir. Quatro horas mais tarde, o efeito foi passando. Curtimos momentos de sobriedade. Rimos dos próprios foras. De manhã cedo, tomamos outro E e fomos direto para uma praça. Ligamos o som do carro, dançamos na calçada. Casais passeavam com seus cachorros sorrindo para nós. Nossa alegria contagiava. Como o ecstasy é uma droga associada ao clima descontraído das raves, ninguém desconfiou da gente, ali no meio da cidade, dos cachorros, das crianças. Absolutamente felizes, numa ensolarada manhã de domingo”. [E.L. – arquiteta de São Paulo]

**VEJA Nº 21 [XXXIV] – 30 maio 2001 – Prazer: A Vez da Mulher [Capa]** A ciência desvenda os problemas sexuais femininos. E já resolve muitos. **Pg. 102-109 – Muito Prazer [Especial: Thaís Oyama]** Com terapias e drogas que aumentam o desejo e estimulam o orgasmo, a ciência avança no campo até recentemente inexplorado da satisfação sexual das mulheres.

**Quadros:** Falta de vontade; Passo-a-passo de um orgasmo; Orgasmo em pílulas; Terra incógnita.

[A nova revolução sexual está sendo gestada nos laboratórios. O estudo da sexualidade da mulher, até recentemente restrito aos profissionais do divã, começa a avançar impulsionado pela medicina. A cada dia, pesquisadores descobrem novas causas orgânicas para os problemas femininos mais comuns quando o assunto é prazer: falta de desejo, ausência de orgasmo, dificuldade em chegar à excitação e dor durante o sexo convencional.]

[O que a medicina pode fazer por elas? No campo das promessas, muito, muitíssimo: os grandes laboratórios farmacêuticos estão obcecados pela busca da 'pílula do orgasmo', e aí reside a expectativa da tal revolução química do prazer.]

[As mulheres assistiram a essa reviravolta com uma ponta de inveja e um bocado de esperança. Natural que se perguntem porque, afinal, ninguém ainda inventou um Viagra para elas.]

[O sonho da imensa maioria do contingente insatisfeito é outro. Mulheres querem algo que: 1) ajude-as a ter mais desejo e 2) facilite a chegada ao orgasmo. Para atendê-las, a ciência tem de ser capaz de resolver mais do que o problema quase mecânico da lubrificação: precisa desvendar os meandros do complexo processo da sexualidade da mulher, a começar pela orquestra hormonal que rege o prazer feminino, muito mais intrincada e flutuante que a masculina.]

[Quase meio século depois da revolução de costumes que liberou a porteira do prazer sexual para a mulher, as 'vozes' da repressão instaladas no fundo da psique feminina ainda emperram o caminho da satisfação. (...) O que mudou, segundo o diagnóstico traçado nos consultórios dos especialistas, foi a disposição feminina de procurar soluções. (...) Encontrar a resposta para essas queixas é o sonho da indústria farmacêutica.]

[A psicanálise foi o primeiro ramo da ciência a aventurar-se no tema. (...) A célebre teoria de Sigmund Freud sobre a inveja feminina do pênis só perde em estupidez para outra tese formulada pelo pai da psicanálise: a de que as mulheres que não atingiam o prazer pela penetração seriam emocionalmente imaturas. Freud chamou-as de 'frígidas'.]

[Desde cedo, eles têm uma relação muito mais explícita com seus genitais, já que podem vê-los, tocá-los e senti-los. Mulheres, em compensação, estão destinadas a conviver com uma sexualidade mais oculta sob uma conformação que esconde e dissimula.]

"Elas só vão saber que têm vagina lá pelos 8 anos, e que têm clitóris por volta dos 13. E, mesmo assim, se forem muito curiosas. [...] Meninas aprendem que sexo dá doença, gravidez e má fama. Não podem aproveitar mesmo". [Aparecida Favoreto – diretora do Instituto Paulista de Sexualidade]

[O bombardeio de informações de teor erótico, em vez de ajudar, pode até atrapalhar, especialmente os jovens com pouca ou nenhuma experiência sexual. As repetidas cenas de sexo mostradas no cinema e na TV parecem o sonho do ejaculador precoce: quase nada de preliminares e tudo termina em trinta segundos, com os dois chegando juntinhos ao, digamos, paroxismo do prazer.]

[Os terapeutas sexuais, em geral, recebem de bom grado as contribuições da indústria farmacêutica, mas sempre retornam ao que consideram o cerne da questão: o peso da repressão que ainda paira sobre as mulheres.]

"Ao contrário do homem, a manifestação da libido feminina é algo reprimido desde a infância". [Ramon Luiz Braga Dias Moreira – psicólogo da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais]

"Cem por cento delas tinham registros de uma educação familiar opressiva, que vinculava sexo a pecado, dor, sofrimento ou perda do autocontrole". [Jaqueline Brendler – ginecologista da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais]

[Mesmo no ambiente mais liberal, é raríssimo, quase inexistente, que as meninas sejam estimuladas à experimentação sexual. Ao contrário, são alertadas para os riscos da gravidez indesejada, os perigos das doenças sexualmente transmissíveis e os problemas que a troca constante de parceiros pode causar.]

[A imaginação delirante dos especialistas em biologia evolutiva dificilmente vai ajudar uma única mulher insatisfeita a ter um orgasmo. Isso é tarefa que a própria interessada tem de assumir, embarcando num caminho de auto-conhecimento em todos os sentidos, e de responsabilidade por seu próprio prazer. Se um hormônio aqui, um cremezinho ali, ajudar – excelente.]

**Depoimentos:**

“Sempre tive todos os problemas sexuais dos quais a medicina fala hoje: não sentia desejo, não conseguia chegar ao orgasmo, não me excitava e tinha dores terríveis durante a penetração. Perdi muitos namorados. Toda vez que a relação ia ficando mais íntima, eu me afastava com medo de chegar a hora de transar e eles perceberem que eu era fria. Comecei a ler sobre o assunto e há três meses procurei um ginecologista. Clinicamente, não havia nada de errado comigo. Ele me recomendou terapia e me receitou Parlodel, que aumentaria meu desejo. De fato, aumentou, e bastante. Hoje, já consigo ter prazer sozinha, fico com vontade de ver uns filmes e tal. Não sei como vou funcionar quando estiver com outra pessoa, porque não tenho uma relação séria no momento. Mas estou com vontade de ter. Se tiver prazer com ela, ótimo. Se não tiver, pelo menos vou ter tentado. Fingir é que não vou mais”. [B. – gerente de loja]

“Minha vida sexual era normal até há quatro anos, quando tive de retirar os ovários. Depois da cirurgia, meu interesse por sexo caiu a zero. O pior é que o médico que me operou nem sequer mencionou a possibilidade de que isso acontecesse. O primeiro tratamento que fiz era à base de testosterona injetada. Foi uma coisa muito forte, fiquei louca mesmo. Acontecia de eu estar no trabalho às 10 da manhã e ter de ir correndo para casa. De lá, telefonava para o meu marido: ‘Você tem de vir para cá agora, porque eu não estou agüentando mais’. Graças a Deus, essa fase passou. Agora uso uma pomada vaginal também à base de testosterona, só que com uma dosagem bem mais fraca. Mantém o meu desejo, mas sem aquele exagero. Na verdade, meu marido gostou muito do remédio anterior, mas eu não quis continuar. Deus me livre, aquela não era eu”. [C. – diretora de RH]

**ISTOÉ Nº 1655 – 20 junho 2001 – Cuidado!! [Capa]** O mercado de vitaminas já movimentava US\$ 150 milhões por ano no Brasil, mas há dúvidas sobre os poderes dessas substâncias. O consumo excessivo provoca problemas, como pedras nos rins, e uma pesquisa contesta a inocência da vitamina C. **Pg. 84-92 – Em Busca do Equilíbrio [Darlene Menconi, Lena Castellón, Mônica Tarantino e Valéria Propato]** Eficácia das vitaminas divide médicos e gera polêmicas, mas o consumo aumenta entre os brasileiros.

**Quadros:** Salada química; Cremes enriquecidos; Vitamina de cada dia; Receita simples.

[Febre, espirro e dores no corpo? O senso comum prega que se for gripe ou resfriado, só há um tratamento eficiente: vitamina C e cama. (...) Há tempos ela é considerada uma espécie de panacéia para todos os males. Na semana passada, a publicação de um estudo numa das principais revistas científicas do mundo, a americana *Science*, abalou essa crença. A vitamina C é um doce golpeador.]

[Médicos contrários à prescrição dos suplementos vitamínicos criticam a falta de estudos conclusivos sobre as maravilhas das cápsulas. Alguns dizem claramente, outros apenas insinuam, que o consumo exagerado de vitaminas é mais uma questão de interesse econômico do que de saúde pública.]

“O importante é ressaltar que a vitamina C não causa câncer, mas em testes feitos em laboratório ela provocou alterações químicas que podem levar a lesões genéticas nas células. Isso sugere que o uso de um único antioxidante, como a vitamina C, não basta para tratar e prevenir tumores. O segredo está na administração de uma alimentação balanceada. [...] Acredito que os danos genéticos provados no estudo laboratorial serão os mesmos em cobaias”. [Ian Blair – pesquisador da Universidade da Pensilvânia - EUA]

[É esse o caminho apontado por dez entre dez médicos: a associação entre dieta equilibrada, atividade física regular e manutenção de hábitos saudáveis, como evitar o cigarro e bebidas alcoólicas.]

[Por trás do mito da vitamina C está o químico americano Linus Pauling, duas vezes Prêmio Nobel. Empolgadíssimo com os supostos poderes da substância, ele propalava efeitos milagrosos.]

[A principal crítica que se faz ao estudo americano publicado pela revista *Science* é o fato de ser uma experiência *in vitro*, restrita aos limites do tubo de ensaio.]

“Mesmo que a vitamina C induza o aparecimento de substâncias tóxicas, não se pode assumir que ela provocará defeito genético no organismo de todos os seres humanos, porque o próprio corpo pode se encarregar de fazer os reparos”. [Leandro Giavarotti – bioquímico do Centro de Estudos de Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo]

“Até hoje, ninguém conseguiu sequer provar que a vitamina C é boa para o resfriado. Então é melhor nem tomar. Suplementos não são a mesma coisa que alimentos naturais”. [Antônio Carlos Buzaid – médico do Hospital Sírio-Libanês de São Paulo]

[Confrontos desse tipo, na maioria das vezes, passam ao largo dos consumidores. (...) Tal entusiasmo ilustra como os brasileiros estão cada vez mais encantados com as promessas dos suplementos. Sinal disso é o crescimento do mercado.]

“Se você quer acreditar numa coisa, ela pode acontecer. Desde que comecei a tomar vitamina C, sinto mais disposição. Pode até ser efeito psicológico”. [Cinthia Bueno – promotora de eventos de São Paulo]

“O setor está se expandindo nas classes A e B. As pessoas usam os produtos para complementar sua alimentação”. [Olga Mellone – diretora-médica do laboratório Whitehall]

“Para mim é indispensável. Se desse problema, já tinha morrido. Vou continuar tomando”. [Fernando Rodrigues – decorador de São Paulo]

[O comportamento de Rodrigues irrita médicos. (...) Só deve tomar pílulas quem tiver dificuldade para absorver vitaminas. Basta comer bem.]

“Quem come verduras, frutas frescas, proteína e pouca gordura não precisa tomar nada”. [Agnaldo Aneli – oncologista do Hospital do Câncer de São Paulo]

“Receito a complementação para quem sofre de câncer e não consegue se alimentar bem, e os pacientes costumam relatar bem-estar”. [Nise Yamaguchi – diretora científica da Sociedade Brasileira de Cancerologia e do Instituto Avanços em Medicina]

[Mas atenção: não é porque a grande maioria das vitaminas não exige receita médica que se deva encará-las sem consultar antes um especialista. A dica vale para todos, independentemente de se estar doente ou saudável.]

[O arsenal de 11 pílulas diárias serve para manter a saúde em dia e retardar o envelhecimento. (...) Uma dúvida recorrente entre os fãs de vitaminas é qual o limite seguro para consumo.]

“A proposta é essencialmente preventiva, podemos melhorar o estado geral através da alimentação e das vitaminas, que têm que ser dosadas, senão podem trazer problemas”. [Hélion Pova – médico e terapeuta ortomolecular do Rio]

[O ideal é que as dosagens sejam equilibradas para que as vitaminas possam, em conjunto, interagir na batalha bioquímica que o organismo trava a cada segundo para aumentar suas defesas imunológicas.]

“Comecei a me sentir psicologicamente doente por tomar tanto remédio e não ver resultado”. [Joaquim Fernandes Borges – empresário de São Paulo]

[A indústria de vitaminas não se limita aos suplementos. (...) O apelo mercadológico é grande. Na opinião de alguns nutricionistas, os alimentos vitaminados só são benéficos se o consumidor souber o que está comendo. E nem sempre isso ocorre. O resultado pode ser o excesso de vitaminas, que traz conseqüências danosas.]

“É a dosagem que diferencia o remédio do veneno. [...] Se a superdosagem continua por tempo prolongado, pode virar intoxicação crônica. Isso é raro, mas quando acontece provoca nervosismo, agitação, ansiedade, anorexia e pode até levar ao aumento da pressão interna do crânio”. [Sérgio Graff – toxicologista de São Paulo]

“Essa mudança [superdosagem de vitamina C] pode precipitar a formação de cristais de ácido úrico, levando ao surgimento de cálculos renais em pessoas com tendência ao problema”. [Fernando Almeida – nefrologista e professor da PUC-SP]

[Outro exemplo dos danos provocados pela superdosagem é a ocorrência de distúrbios musculares e a alteração nas reservas de cálcio em crianças que receberam vitamina D em demasia.]

“Algumas mães erram ao achar que quanto mais vitamina, melhor”. [Leonardo Posternak – pediatra de São Paulo]

“O resto entra no infinito campo das especulações e depende de novas pesquisas para comprovação. Não se pode arriscar”. [Linneu Silveira – endocrinologista do Hospital Sírio-Libanês de São Paulo]

[Os médicos pregam que a população se esforce ao máximo para manter uma dieta balanceada. O difícil é seguir essa recomendação. (...) Mas há situações que exigem a suplementação, como a gravidez e a deficiência de vitaminas.]

“Nem sempre consigo, por isso tomo polivitamínicos em dias alternados. Quando tenho certeza de que comi como manda o figurino, não tomo”. [Maria Luiza Ctenas – nutricionista]

“Manchas na pele, dificuldade de adaptação para visão noturna e sangramento nas gengivas ou dificuldade de cicatrização são indícios de que há carência. Nesse caso, ainda se pode corrigir o problema reorientando a dieta em vez de dar suplementos”. [Mirtes Stancanelli – nutricionista da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp]

“Como não há nenhum estudo científico sério que mostre que elas fazem bem, é ridículo ver alguém tomando 20 comprimidos de uma coisa que não tem benefício. Parece religião. É como se estivessem engolindo hóstias. [...] Trabalho há 12 anos com presidiários e nunca vi um caso de deficiência de vitaminas. Quando um preso me procura para pedir uma receita de suplementos, respondo que não estou lá para enganar ladrão. [...] O homem quer ter saúde, mas não quer fazer sacrifícios. Seu sonho é tomar uma pílula mágica que resolva tudo. E isso é difícil de combater”. [Dráuzio Varella – cancerologista de São Paulo]

[A maior bronca do médico é ver que as camadas mais populares estão embarcando nessa onda. (...) Pede sempre aos pacientes que deixem as vitaminas de lado, mas poucas vezes é atendido.]

**ISTOÉ Nº 1656 – 27 junho 2001 – A Nova Pílula do Amor [Capa]** A impotência atormenta 47% dos brasileiros. Pesquisa revela que 70% dos homens fariam de suas dificuldades sexuais se os médicos tocassem no assunto. Já o consumo do Viagra explode – o Brasil é o segundo mercado em vendas no mundo. Para concorrer com ele, chega em outubro o Uprima. **Pg. 78-85 – Arsenal do Prazer [Celina Côrtes e Mônica Tarantino]** Na batalha para vencer a impotência, problema que aflige 47% dos homens no Brasil, surge mais um aliado: o Uprima, a pílula vermelha que chega em outubro e promete disputar a preferência com o bem-sucedido Viagra.

**Quadros:** Evolução dos tratamentos; Química para o amor; Mecanismo complexo; Os números da impotência no Brasil; A porção mulher.

[A maioria sente vontade de desaparecer do mundo. Começa a evitar momentos de intimidade com a mulher, foge das rodas de chope com os amigos, baixa a produtividade no trabalho e vai ficando com o pavio cada vez mais curto. Muitas vezes, a situação se prolonga até o sofredor tomar coragem e procurar ajuda médica.]

[A boa notícia é que os recursos para combater o mal estão aumentando, o que deve provocar uma nova corrida aos consultórios. (...) O Uprima, do laboratório Abbott, é mais uma arma dentro do rico mercado de drogas facilitadoras da ereção.]

[E novos produtos estão para aportar no território brasileiro, incrementando o arsenal masculino, como o Cialis, do laboratório Eli Lilly.]

“Hoje só fica impotente quem quer”. [Luiz Otávio Torres – urologista do Rio]

[O surgimento desses medicamentos vem provocando uma grande revolução sexual. Trouxe mais dinheiro para a pesquisa do complexo mecanismo da ereção e abriu novos horizontes para o conhecimento dos mistérios da sexualidade humana.]

“A questão está se humanizando. Quando se fala de disfunções sexuais, há cada vez menos risadinhas maldosas. As pessoas agora discutem mais abertamente seus

problemas". [Sidney Glina – urologista e presidente da Sociedade Internacional de Pesquisa da Impotência]

[O urologista Torres tem notado um aumento no número de queixas de impotência em seu consultório.]

"Aproximadamente 70% dos entrevistados se sentiriam mais confortáveis para falar de suas dificuldades sexuais se o médico tivesse perguntado alguma coisa a respeito. A maioria hesita em tocar no assunto. [...] De maneira geral, as pessoas com mais instrução têm maior quantidade de informações para perceber que cuidar da saúde evita o desenvolvimento de doenças que levam à disfunção erétil". [Carmita Abdo – psiquiatra do Projeto de Sexualidade do HC de São Paulo]

[Algumas enfermidades, como diabete e hipertensão, ocupam os primeiros lugares da lista de fatores de risco para a capacidade erétil. (...) A depressão, a baixa estima, o stress, o tabagismo, o alcoolismo e a falta de atividade física também jogam no time que derruba a performance sexual. (...) O constrangimento dos homens com esse problema é forte a ponto de afetar seu desempenho no convívio social e no trabalho.]

"O que era bom, ficou fantástico. O homem que inventou isso deveria ganhar uma estátua". [Jorge Guinle – ex-playboy do Rio]

[A alegria promovida pelo medicamento contamina também os capazes de funcionar sem aditivos.]

"É uma turbinação de quatro a cinco horas, uma coisa de louco". [Luiz Octavio Paes – poeta do Rio]

"Nunca usei, mas tomaria Viagra numa boa, mesmo sem precisar". [Jô Soares – humorista]

"A venda [do Regitina] é pequena em comparação ao Viagra. O medicamento é indicado para quem tem crises de ansiedade, o que afeta o desempenho sexual. Ele é contra-indicado para quem tem pressão baixa e já toma drogas para resolver esse problema. [...] No futuro, os especialistas poderão indicar um coquetel contra a impotência. A idéia é poder tratar um problema orgânico e uma causa emocional ao mesmo tempo. Mas para isso ainda precisamos estudar mais". [Branderley Cláudio – diretor-médico do laboratório Novartis]

[O Uprima atua de forma bem diferente do Viagra, embora os efeitos – que é o que interessa – sejam os mesmos. (...) Outra perspectiva dos médicos é combinar dois ou mais tipos de medicamentos em benefício da rigidez peniana.]

[É claro que essas e outras indicações devem ser feitas por um médico. Afinal, é o profissional da saúde que saberá identificar possíveis problemas para o paciente em razão dos efeitos colaterais das drogas.]

"Meu desempenho foi quase igual com os dois remédios [Uprima e Viagra]. Também senti com ambos uma leve indisposição hepática e queda de pressão". [Rubens – gerente de vendas de São Paulo]

[Hoje é consenso entre os urologistas que as primeiras opções são o tratamento oral (comprimidos) e a terapia sexual ou psicanálise. (...) É importante ressaltar que cerca de 70% dos homens apresentam dificuldades sexuais por causas emocionais e psicológicas.]

"Se uma pessoa está estressada ou deprimida, se teve perdas financeiras ou uma decepção, a ereção pode ser afetada. O homem é inseguro. Se a ereção não acontece, ele diz que estava com vontade de transar, mas o pênis não quis. Como se fossem duas entidades separadas. [...] Quando falha a primeira vez, o homem se preocupa. Ele tenta outra relação. Se falhar de novo, começará a se sentir ansioso, com receio de não conseguir transar. Ai, fica mais difícil porque a adrenalina [hormônio] faz o pênis ficar flácido. A adrenalina é um veneno para a ereção". [Sidney Glina – urologista]

[Quem consegue aceitar que a impotência pode ter causas psicológicas tem grandes chances de reencontrar mais rápido o rumo do prazer. Caso contrário, pode dar partida num círculo vicioso.]

“Os remédios ajudam muito a combater as causas orgânicas, mas não substituem o tratamento psicológico. [...] Mas nunca é um problema isolado”. [Admar Horn – psicanalista do Rio]

[Horn associa a impotência à ‘angústia de castração’, ou sentimento de perda. A impotência sexual é a ponta do iceberg de uma impotência generalizada de viver.]

“O que acontece no consultório é praticamente uma reeducação para encarar o sexo de uma maneira diferente, com mais erotismo e menos pressão. Na verdade, as pessoas sabem muito pouco sobre sexo. Quantos prestam atenção ao cheiro, ao toque, às cores do corpo da companheira? Há vários caminhos para ampliar as possibilidades de prazer e recuperar a satisfação sexual”. [Sidnei Di Sessa – psicólogo do Instituto H. Ellis de São Paulo]

[Ele (Sessa) revela que 90% dos homens que desenvolvem disfunções sexuais são extremamente genitalizados. Ou seja, só se preocupam com a ereção e a penetração. (...) A proposta é despertar o erotismo latente.]

“A sexualidade é uma importante forma de contato, presente nas relações entre as pessoas o tempo todo. Vivemos seduzindo e sendo seduzidos. Isso possibilita vivenciar emoções, desejos, frustrações. É através dela que a personalidade se estrutura”. [Carmita Abdo – psiquiatra do Projeto de Sexualidade do HC de São Paulo]

[Quem está com dificuldades sexuais tende a se isolar e evitar mais do que trocas de olhares. Hoje em dia essa não é mais a melhor solução. Está provado que encarar o problema é o rumo certo para voltar a ter mais prazer na vida.]

#### **ISTOÉ Nº 1671 – 10 outubro 2001 – Sem Receita: Os Perigos da Automedicação [Capa]**

No Brasil, metade dos remédios controlados é vendida irregularmente – Só em São Paulo, o hábito de tomar medicamentos por conta própria causa dez casos graves por dia – Conheça os efeitos desastrosos de misturar drogas aparentemente inocentes e os riscos de exagerar nos analgésicos. **Pg. 80-85 – Atração Perigosa [Especial: Lia Bock e Mônica Tarantino]** O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco.

**Quadros:** Prejuízo duplo; Mistura explosiva; Conheça melhor os analgésicos; Doente de doenças.

[Levante a mão quem jamais tomou um remedinho ‘receitado’ por um amigo ou foi até a farmácia comprar um medicamento e saiu de lá levando dois ou mais na sacola. Manter um estoque em casa também é comum.]

[Usar remédios sem prescrição médica é um hábito muito freqüente entre nós. O comportamento é confirmado por algumas estatísticas. (...) Pouca gente tem acesso a remédios. Quem tem, usa-os de forma descontrolada.]

[Cerca de 50% dos medicamentos controlados são vendidos sem exigência de prescrição médica. Os produtos com tarja vermelha são o principal alvo dessa venda fácil. (...) Um dos desdobramentos dessa situação é que muita gente usa substâncias potentes sem necessidade.]

“Sei que não é para mulher e que poderia não funcionar ou fazer algum mal, mas tomei mesmo assim. Fala-se tanto dos poderes da pílula que ficou difícil dizer não”. [A.C.L. – arquiteta de São Paulo]

[Para os especialistas, a automedicação é resultado de um contexto em que vários atores contracenam. Ela passa pelo sistema público de saúde, que não dá conta de demanda, pela prática da empurroterapia (venda comissionada de medicamentos) nas farmácias, por uma vocação do brasileiro para a pajelança (todo mundo gosta de receitar soluções) e pela necessidade de fiscalização mais eficaz.]

“No Brasil, a automedicação deve ser tratada como uma questão de saúde pública”. [Fernando Lefèvre – professor da Faculdade de Saúde Pública da USP]



[Uma das conseqüências mais graves do problema é a interação medicamentosa. (...) Outra conseqüência assustadora é o desaparecimento dos sintomas antes que a origem do mal seja esclarecida.]

“Todos os dias, recebemos pelo menos um paciente com hemorragia digestiva por causa de automedicação ou dose excessiva. É um problema sério”. [Carlos Buchalla – supervisor do pronto-socorro do Hospital São Paulo]

“Quando senti que meu rosto e olhos inchavam, corri para o hospital. A dor nas costas continuou e se somou à dor da injeção para cortar o efeito da droga”. [Felipe Milanez – estudante de São Paulo]

“A doença fica maquiada, e adia-se o diagnóstico, dando tempo para que prolifere ou piore”. [Édson Andrade – presidente do Conselho Federal de Medicina]

[E há ainda a grave ameaça da dependência química. A possibilidade atinge principalmente os usuários de substâncias com ação no sistema nervoso central, ou seja, no cérebro. Entre elas estão benzodiazepínicos (diminuem a atividade cerebral), derivados de opióides (usados contra a dor) e anfetaminas (em geral, tomadas para emagrecer).]

“Há nove anos um amigo me emprestou um medicamento para melhorar minha rinite. Não o larguei mais”. [André Mifano – chef de cozinha]

[Como as drogas para controlar o apetite, os medicamentos para dormir também se destacam. (...) Cerca de 22% da população toma comprimidos para facilitar o sono.]

“Mais da metade [62%] não passou por consulta médica”. [Luciano Ribeiro Pinto – neurologista da Unifesp]

[Ficar dependente não significa simplesmente consumir a droga em quantidades absurdas. (...) O perigo é controlado quando há acompanhamento médico.]

“Precisar do remédio uma vez por semana já pode configurar dependência. O problema é que muita gente inicia um tratamento com supervisão médica, mas depois o assume por conta própria”. [Danilo Baltieri – psiquiatra do HC de São Paulo]

[Passar pelo médico nem sempre implica consumo seguro. Há quem modifique as indicações. Isso não deixa de ser automedicação. (...) Há médicos que têm grande participação na automedicação. Alguns dão prescrições para vizinhos, amigos e conhecidos sem examiná-los. Um levantamento da Unifesp mostrou que é grande o número de receitas indevidas de drogas psicoativas (anfetaminas e benzodiazepínicos).]

“Na hora de dar remédio, não se deve dizer à criança que xarope é refresco ou docinho”. [Maria Hélipe Bortoletto – coordenadora do Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas – Sinitox – da Fundação Oswaldo Cruz do Rio]

“Poderíamos dizer ao brasileiro para não se automedicar se houvesse um sistema de saúde pública competente”. [Eduardo Troster – pediatra do HC de São Paulo]

[Há mais uma ponta a considerar quando se trata de automedicação: as farmácias. (...) A ausência de farmacêuticos durante o expediente e a falta de formação dos balconistas é mais um incentivo à venda de remédios sem receita. (...) Essa ausência favorece a empurroterapia, comum no Brasil. O número excessivo de medicamentos à venda põe mais lenha na fogueira.]

“O volume de remédios é indecente”. [Cláudio Schartzman – médico do Hospital Albert Einstein de São Paulo]

[Os problemas não terminam aí. A mais nova personagem da automedicação é a Internet. Pela rede, é possível conhecer novos remédios e tratamentos.]

“Devem-se evitar as consultas eletrônicas. [...] Essa discussão [automedicação] sempre aparece como denúncia de pesquisa universitária. Mas é necessário procurar várias formas de enfrentamento”. [Regina Parizzi - presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo]

[A automedicação é uma praga e, contra ela, é necessário ter uma abordagem ampla e organizada. Propostas não faltam. (...) A Associação Brasileira das Indústrias de Produtos para a Saúde (Abips) sugere a divulgação da automedicação responsável. (...) Para o presidente do Conselho Federal de Medicina não existe automedicação responsável.]

“Muitas doenças têm sintomas parecidos e podem enganar o doente”. [Édson Andrade – presidente do Conselho Federal de Medicina]

[Controlar a automedicação no Brasil é um desafio. (...) Mas há luz no fim do túnel.]

“A hipocondria, classificada em diversos tipos, é uma doença. Ela pode se manifestar de várias formas. O paciente pode ter fobia de um mal específico, geralmente males incuráveis e graves. Pode ter pânico de contrair qualquer tipo de enfermidade em que uma dor de cabeça comum, por exemplo, pode se tornar algo que ameaça a saúde. Há até uma hipocondria delirante, quando a pessoa pensa que está doente, e mesmo os exames não são suficientes para ela acreditar que está bem”. [Márcio Bernik – psiquiatra do HC de São Paulo]

**ISTOÉ Nº 1675 – 07 novembro 2001 – Cerco ao Fumante [Capa]** Está cada vez mais difícil manter o vício. Em 2002, os maços de cigarros trarão estampados imagens e alertas aterradores. Será a maior ofensiva contra os mais de 30 milhões de viciados brasileiros. Para quem quer se livrar da dependência, a medicina oferece desde terapia e antidepressivos até chicletes e adesivos de nicotina. **Pg. 84-91 – Fogo Contra Fogo [Francisco Alves Filho e Juliane Zaché]** Em 2002, o fumante irá se defrontar com a ação mais agressiva do governo contra o cigarro, vício compartilhado por mais de 30 milhões de brasileiros.

**Quadros:** Os prejuízos do tabagismo no corpo; Da ficção à realidade; Benefícios ao parar de fumar; Armas contra o vício; O perigo do vício à bordo; Fumantes nada passivos.

“Fui influenciado por eles [colegas] e pelos anúncios. O cigarro me ajuda a relaxar. Me considero um viciado em nicotina”. [Sérgio de Almeida – estudante do Rio]

[De um lado, a imagem passada pelos fabricantes associa o fumo ao sucesso e à juventude. De outro, são apresentados dados alarmantes.]

“A maioria dos dependentes começa a fumar antes dos 19 anos”. [Jacob Klingerman – presidente do Instituto nacional do Câncer – Inca – do Rio]

[O Instituto Nacional do Câncer (Inca) coordena a maior ofensiva do Ministério da Saúde contra o cigarro na história do país. Além de conscientizar os jovens, o governo quer incentivar fumantes a largar o vício. (...) Os maços trarão estampadas fotos chocantes de estragos causados pelo cigarro. Os números justificam o rigor. (...) As expressões ‘light’ e ‘baixos teores’, consideradas enganosas, sumirão dos maços.]

“Há discriminação. O pai de um amigo o proibiu de sair com nosso grupo. Alguns acham que quem fuma cigarros acaba usando drogas. Não tem nada a ver”. [Sérgio de Almeida – estudante do Rio]

“O objetivo do programa é combater o hábito e não discriminar o fumante”. [Jacob Klingerman – presidente do Inca]

“Até quando beija, o fumante ouve reclamação”. [Clóvis de Paula – médico]

“A indústria do tabaco gira anualmente cerca de R\$ 6,6 bilhões. Mas, com os impostos e encargos, o lucro cai para R\$ 1,9 bilhão. [...] Lá [EUA] as medidas restritivas tratam apenas do consumo, aqui amarram a produção industrial e a publicidade”. [Maria Cláudia Souza – diretora da Associação Brasileira da Indústria do Fumo]

[Ela (Maria Cláudia) acha que no Brasil há um excesso de regulamentação, maior do que acontece nos Estados Unidos, onde a luta contra o tabaco é ferrenha. (...) Em compensação, os prejuízos causados pelos tribunais americanos às indústrias estão longe de ter similar no Brasil.]

[Mas o ataque ao fumo se intensifica também na medicina. A ciência aprimorou seu arsenal na luta contra o vício graças ao aprofundamento das pesquisas sobre os efeitos do tabaco.]

“Hoje é mais fácil parar de fumar”. [Montezuma Ferreira – psiquiatra do Ambulatório de Tabagismo do HC de São Paulo]

[Descobriu-se que o cérebro possui receptores de nicotina, espécies de fechaduras localizadas nas células nas quais o composto se encaixa, como se fosse a chave. (...) Com o tempo, o corpo se acostuma com a nicotina e precisa cada vez mais dela para sentir as mesmas coisas. Está consolidada a dependência.]

[O cigarro também é prejudicial para quem convive com a fumaça, o fumante passivo. (...) A partir desses conhecimentos, a ciência se armou para vencer a batalha. Hoje, há várias alternativas contra o cigarro. (...) Há saídas que não usam a reposição de nicotina. Trata-se do uso de antidepressivos. Ainda não se sabe como ele funciona contra a dependência. Acredita-se que a droga aumente o efeito de substâncias como a serotonina e a dopamina.]

[São aquelas que fumam mais de dois maços por dia; trinta minutos após acordar; têm depressão; bebem muito; e convivem com outros fumantes. Também parece existir uma propensão genética a fumar, o que dificultaria ainda mais o abandono do hábito. Porém, a relação entre a genética e o fumo ainda não está esclarecida.]

“Fiquei impressionada com o estado dele e a dificuldade de respirar. Deixei de fumar. [...] Comprei um maço [um ano depois]”. [Fernanda de Souza – comerciante]

“Fumar deixa o cafezinho mais gostoso. Mas toda vez que acendo um cigarro penso no mal que ele faz para a saúde”. [Cláudia da Silva – comerciante]

[É por isso que em casos como esses, nos quais o cigarro é usado automaticamente, é fundamental aliar ao tratamento farmacológico a terapia cognitiva comportamental. A técnica ensina o paciente a se livrar dos hábitos que o levam a fumar.]

“O cérebro da pessoa está modulado a ter esse comportamento”. [Jaqueline Issa – psicóloga do Instituto do Coração de São Paulo]

[É como se o cigarro fosse uma muleta psicológica.]

“Não é a nicotina que me faz falta, mas não ter nada para colocar na mão”. [Luiz Figueiredo – motoboy de São Paulo]

[A porcentagem (25%) é considerada uma vitória, já que se trata de uma briga contra dependência química, um dos problemas mais difíceis de ser combatido. (...) O objetivo é evitar o surgimento de sentimentos como ansiedade, que muitas vezes disparam a vontade de fumar.]

[A luta para amenizar os efeitos do cigarro está tão forte que empresas estão investindo em programas de auxílio a funcionários dependentes.]

“Tentei parar sozinha. Só consegui porque tive ajuda”. [Rosmari Gomes – analista de RH do Grupo Pão de Açúcar de São Paulo]

“Poderia apenas fingir [estar fumando]. Preferi fazer tudo de verdade. Comecei porque quis. Posso parar quando quiser. [...] Estão forçando a barra. As pessoas devem poder fazer o que quiserem com o corpo. [...] Deviam aumentar o preço do cigarro”. [Mel Lisboa – atriz]

“Queremos locais reservados em aeroportos e restaurantes e vôos exclusivos para fumantes. O fumante é tratado como caso de polícia. A preocupação deveria ser com os males do tabagismo”. [Manoel Lessa – porta-voz da Associação Libertas de São Paulo]

“Tenho raiva de ser discriminado. Não quero impor minha fumaça a ninguém, mas poder fumar em espaços dignos e arejados”. [Ithamar Stocchero – médico de São Paulo]

**ÉPOCANº 183 – 19 novembro 2001 – Eu Fumo Maconha [Capa]** Um número cada vez maior de brasileiros ignora a lei e usa a droga. **Pg. 90-97 – Eu Fumo [Comportamento]** Empresários, médicos, advogados, profissionais e artistas assumem o uso de maconha. **Quadros:** A maconha é a personagem principal; Droga na gaveta; Mundo afora; Lições do abismo.

[A erva maldita está se transformando em erva de charme. Como ocorre com tudo o que se tem por hábito catalogar no campo dos costumes, trata-se de uma daquelas mudanças que têm explicação difícil e acontecem de modo gradual, até que saltam diante dos olhos com a força da luz do sol.]

[Na televisão, é zapear pelos canais para encontrar referências ou debates sobre o tema em foros tão distintos quanto o programa da loura Adriane Galisteu, documentários de TV a cabo, canais segmentados como MTV ou quadros do *Fantástico*.]

[No campo institucional o assunto também provoca polvorosa. Sob iniciativa de duas estrelas do PT, chegam ao Brasil políticas liberalizantes adotadas em países como a Inglaterra e o Canadá de retirar o uso da maconha da esfera das liberdades individuais e tratá-lo como questão de saúde e segurança pública.]

“Não há dano maior ao usuário eventual de droga do que ser colocado em uma cela brasileira”. [Fábio Mesquita – coordenador do programa de DST/Aids da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo]

[A mudança não significa uma postura mais liberal. Mas o debate sobre o assunto chegou aos corredores do Supremo Tribunal Federal. Por ali, já há quem veja uma mudança no tratamento dispensado pelos magistrados aos usuários.]

“É uma tendência que se difunde cada vez mais diante da iniquidade de tratar o problema do uso de drogas leves com medidas repressivas”. [Sepúlveda Pertence – ministro da Justiça]

[Conversas do gênero nos sisudos corredores do STF são importantes porque podem, aos poucos, invadir as delegacias. (...) Cabe aos delegados decidir se enquadram alguém como traficante ou usuário.]

[Dependem do histórico da pessoa presa, da circunstância em que ela foi pega – e até mesmo dos humores gerais. Ou seja: os usuários acabam reféns das decisões dos delegados, que nem sempre primam pelo bom senso e muitas vezes são notórios pelos baixos instintos.]

[A coleção de iniciativas recentes – à luz da lei e da administração pública – é ancorada em uma evidência que se pode até definir como epidemiológica: nunca se fumou tanta maconha.]

[A novidade é que, aos poucos, se percebe também que os usuários estão dispostos a falar sobre suas preferências. Se há alguma notícia boa em relação às drogas, essa é uma delas.]

[Eles assumiram fumar, não se esconderam atrás de iniciais e toparam posar para fotos. Essa atitude registra um avanço em relação a meses atrás, quando reportagens do gênero traziam personagens não-identificados, envoltos em luzes escuras.]

[Todos eles são pessoas produtivas, bem-sucedidas, que escaparam do precipício onde sempre é possível cair pelo uso da maconha. (...) Em seu relato, todos dizem apreciar maconha como quem toma uma cerveja. (...) Contam pequenas histórias que dão a impressão de que frequentam um ambiente em que a erva é tão natural quanto o uísque. E, no geral, dão conotações políticas a seus depoimentos porque acham que o tema deve sair da clandestinidade.]

[Os usuários querem o direito de fumar sem ser importunados pela polícia e defendem que eventuais experiências de seus filhos com a droga sejam vistas como uma daquelas tentações inevitáveis da juventude – e não como um desvio irreversível de personalidade.]

[No degrau do debate político, os usuários argumentam pela liberação de um direito individual como forma de resolver tragédias coletivas, tais como o crescimento do tráfico.]

“Uma acusação que incomoda é a de que somos os financiadores do tráfico internacional de drogas. Se não fosse a legislação, cada adepto poderia ter em casa seu pé da erva e não incomodaria mais ninguém”. [Jan Theophilo – jornalista do Rio]

[Apesar da moldura cor-de-rosa pintada ao redor do uso da maconha, não se pode dizer que há um movimento forte pela legalização. Nem no Brasil, nem no mundo. O que está em curso é uma espécie de liberação controlada.]

[O principal entrave para os que defendem a *Cannabis* é o fato de que pouco se sabe sobre ela. Há mais de 400 substâncias na folha da erva – e os estudos sobre seus efeitos colaterais e benefícios ainda são inconclusivos.]

[A continuar assim, o número de fumantes – e a frequência com que fumam – deve mesmo aumentar a olhos vistos. A explosão dos níveis de THC (de 1% a 20%), dizem os médicos, aumenta a dependência. O que demonstra que os produtores e traficantes da droga não brincam em serviço.]

[Alguns especialistas alertam para o fato de que ela pode fazer mal, sim. Como o álcool, produz alteração da coordenação motora e compromete o funcionamento da mente. Uma das conseqüências mais graves, sobretudo para os adolescentes, é a síndrome amotivacional.]

[Alguns médicos alegam que o tratamento que vem sendo dado à maconha em meio às campanhas liberalizantes pode reeditar erros cometidos décadas atrás com o tabaco.]

“É irresponsabilidade correr o risco de cometer com a *Cannabis* o mesmo erro feito com o tabaco”. [Ronaldo Laranjeira – psiquiatra coordenador da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo – Uniad]

[Para os pais da molecada que se inicia cada vez mais cedo, portanto, é bom colocar o assunto em seu lugar devido. Maconha, como uísque, é droga cujos efeitos se conhecem no mesmo dia. Mas às vezes eles podem aparecer anos depois – e de forma devastadora.]

#### **Depoimentos:**

“Há quatro anos, fumo baseado misturado com tabaco normal. Comando o Mercado Mundo MIX em 14 cidades – um negócio que dá 3.500 empregos indiretos por mês – coordeno uma revista, faço projetos de marketing. É uma rotina estafante, e preciso de algo que me relaxe. Não bebo. A maconha me dá tranquilidade. Fumo na frente da minha mãe, que já entende que não é algo do outro mundo”. [Beto Lago – empresário de São Paulo]

“Experimentei aos 11 anos, com um primo. Quando meus pais souberam, levei um sermão. Achei bom, é importante ter alguém para deixar a gente ciente de que há perigo. E o grande perigo é o exagero. Fumei apenas uma vez com meu pai, na casa de um amigo dele. Foi estranho. Imagine todo mundo fumando numa casa, é desordem, é desrespeito. Não acho que a maconha deva ser totalmente legalizada, mas descriminalizada. Maconha é apenas algo para se sentir bem”. [Pedro Aguiar Angeli – cartunista e músico]

“Fumo desde os 12 anos e acho que os meninos de hoje que fumam devem abrir para os pais, mesmo que a reação seja contrária. É mais fácil lidar com a verdade. Com meu pai foi assim. Ele ainda acha que é coisa do diabo, mas quando descobriu soube que eu tinha cacife para entrar e sair. Com meus filhos é tranquilo. Converso com eles, conto histórias de amigos que se deram mal. Eu nunca quis parar, só quis me educar para usar de maneira limpa e prazerosa. Maconha é apenas para relaxar”. [Angeli – cartunista]

“O baseado é meu chá das 5, para o cair da tarde. Fumo desde os 18 anos, nunca parei de trabalhar e jamais escondi isso de meus filhos – um de 23 anos e outro de 17. Ambos não gostam de fumar. Eles nunca me viram chacoalhando um copo de bebida com gelo, caída no sofá. Acordo todos os dias às 6:30, caminho e sou uma mulher realizada como mãe e na profissão. É preciso acabar com essa idéia de que todo mundo que fuma é sujo, bandido e leniente”. [Patrícia Gomes – dona da grife Armazen Brasil]

“Aos 15 anos fumei meu primeiro cigarro de maconha nas escadarias da Igreja do Alto da Sé, em Olinda. Cheguei em casa e disse para minha mãe. Ela nunca reprimiu, por isso jamais me senti um viciado, um bandido. Já fumei mais. Agora uso a maconha para coroar momentos de felicidade. Mas também gosto de fumar com meu sogro, enquanto conversamos sobre a vida. Minha mulher não fuma. Espero que para meu filho a maconha não seja uma droga proibida”. [Otto Maximiliano – músico]

“Comecei a fumar no final da década de 50. Naquele tempo, era coisa de marginal. Mais tarde entrou na moda. Nunca parei de fumar. Fumo todos os dias, em geral em meu ateliê, antes de pintar. Tenho cinco filhos que sabem que fumo. Mas eu não os incentivo, assim como espero que não fumem cigarro e não bebam em excesso. Jamais tive problemas de saúde por isso, mas sei que maconha pode viciar. Só acredito que cabe a cada um decidir se quer usar”. [Jairo Jordão Arcoverde – artista plástico e sogro de Otto]

“Infelizmente, muitos vão entender errado e achar que passei a ser um modelo negativo, porque resolvi dizer que gosto do efeito da maconha. Fumo muito pouco, em festas e casa de amigos. Não incentivo ninguém a fumar. Mas devemos falar disso porque é um problema seriíssimo. Há pessoas que pensam que fumar maconha é desajuste, crime. Considero muito mais danoso dizer que alguém que fuma é criminoso do que qualquer efeito da droga. É esse tipo de tratamento que cria a marginalidade, o gueto. Sou a favor da descriminalização da maconha. Mas com restrições. Deve ser proibida para menores ou em áreas públicas, por exemplo. Considero a erva uma droga, como o cigarro e a bebida. Mas separo a maconha das outras porque ela causa menos dependência e é menos nociva. Não é uma erva de consumo voraz. Quando bate, a pessoa nem consegue continuar fumando, fica preguiçosa, relaxada. Várias vezes, depois de fumar, pensei: ‘Puxa, é tão bom e causa tanto medo e desgraça’. Um é expulso de casa, outro apanha da polícia ou perde o emprego. E os pais sofrem barbaramente se descobrem que o filho fuma. Lógico que a maconha tem efeitos negativos para a saúde, mas isso não pode fazer de seu uso um crime. O fato de ela ser criminalizada cria uma cerca em volta de um problema. Embora seja raro, se alguém se tornar dependente, como é que vai procurar ajuda, se é um criminoso? Enfim, não consigo concordar que consumir maconha seja um mal para a sociedade”. [Sônia Francine – apresentadora do programa *RG* da TV Cultura]

“Comecei a fumar aos 17 anos, depois de assistir a um show de Raul Seixas, em São Paulo. Defendo a legalização não apenas pelo usuário, mas pelos que não usam droga nenhuma e são afetados pela violência do tráfico. Nunca fui dependente, já fiquei quase um ano sem fumar, simplesmente por estar envolvido em trabalhos que me exigiam muita concentração. Nunca fumo antes do trabalho. Mas é ótimo dar uns tapinhas depois de um dia estressante, porque relaxa”. [Rogério Rocco – advogado]

“Fumo maconha desde os 15 anos. Hoje, só à noite, com amigos. O fato de ser neurologista e saber dos efeitos dela no cérebro me leva a filosofar antes de um baseado. Sou a favor do uso medicinal para aliviar a dor dos pacientes. Sou pragmático: se os médicos têm um mínimo de compaixão, devem receitá-la”. [Dominique Lurton – neurologista]

**ÉPOCANº 184 – 26 novembro 2001 – Hipocrisia [Margem]** Autor de poesias que falam de maconha, o presidente da TV Cultura demite Soninha depois de ela ter admitido consumir a droga. **Pg. 40-44 – Marijuana Sem Perdão [Brasil – Debate]** Autor de poema que fala sobre maconha em 1976, Jorgito demite Soninha, que assumiu consumir a droga em 2001.

**Quadros:** Droga leve; “Se eu tivesse esse poder...”.

[O afastamento da apresentadora Soninha – dispensada da TV Cultura por ter dito à *Época* que fuma maconha – transformou-se em escândalo nacional na semana passada e surpreendeu por sua origem.]

[Chamado pelos amigos de Jorgito (Jorge de Cunha Lima), pode-se dizer que tem uma biografia atrelada à defesa das liberdades individuais. (...) À frente da emissora cuja missão define como ‘complementar à formação do homem brasileiro para a cidadania’ determinou o cancelamento do contrato de Soninha com a emissora.]

[Em um país em que até o presidente da República já admitiu ter fumado maconha, Soninha foi varrida do programa de debates destinado ao público jovem que comandava havia mais de um ano, o *RG*, sem direito de defesa, sem debates internos.]

“Bom cristão que é, o senhor seria capaz de jurar, com a mão direita sobre as Sagradas Escrituras, que nunca fumou um baseado? E se de repente alguém encontrar em sua obra poética algo que possa soar como elegia ao tetrahydrocannabinol [a popular *Cannabis sativa*], o que é que o senhor faz? Recontrata a Soninha e sai de fininho?”. [Fernando Morais – jornalista de São Paulo]

“Eles nem cogitaram colocar outra pessoa para apresentar o programa. Resolveram acabar com ele. Quiseram apagar meu nome da emissora”. [Sônia Francine – ex-apresentadora do Programa *RG* da TV Cultura]

[Antes de decidir pela reação ao depoimento de Soninha, Cunha Lima ouviu diretores e advogados da emissora. (...) Na saída do evento, soube que diretores de escolas que participariam do programa de Soninha naquele dia estavam cancelando as participações.]

[Walter Siqueira, diretor de programação, disse que a emissora estaria irremediavelmente comprometida diante do público, dos anunciantes e da concorrência se mantivesse em seus quadros uma usuária eventual de maconha.]

“Respeitamos o pensamento e as opiniões pessoais de qualquer funcionário e colaborador, mas não podemos consentir, por parte daqueles que têm função de representação no vídeo, a publicidade de práticas ilegais, pois isso contraria a razão de ser da emissora pública”. [Jorge de Cunha Lima – diretor-presidente da TV Cultura]

“Foi uma decisão drástica. A TV Cultura deveria aproveitar o episódio para manter um debate sério sobre o uso de drogas”. [Eduardo Suplicy – senador pelo PT-SP]

[No fim, ficou a idéia de que a Cultura é capaz de punir uma apresentadora que tem a coragem de falar a verdade – o que não é muito instrutivo para as jovens platéias que pretende atingir e educar.]

[Soninha se recusou a embarcar na lei do silêncio. Combativa, espontânea e bem articulada, enfiou-se em uma maratona de entrevistas. (...) Atraiu protestos contra sua demissão vindos das pessoas mais diferentes.]

[O deputado carioca Fernando Gabeira, defensor de políticas liberalizantes, apresentou queixa à Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. Alegou que o Brasil assinou uma convenção da ONU em 1998 em que se compromete a não punir o usuário com expulsão do trabalho ou da escola.]

“Punir Soninha é romper uma política internacional”. [Fernando Gabeira – deputado federal pelo PV-RJ]

“A demissão tem base legal. Mas as empresas podem escolher entre a tolerância zero e a política tolerante, que aposta na evolução da discussão”. [Luiz Flávio Gomes – advogado]

[Em meio às controvérsias salutaras, emergiram também reações espantosas de intransigência. (...) O Departamento de Narcóticos paulista anunciou que cogita enquadrar os que participaram da reportagem nas mesmas penas reservadas a traficantes.]

“É uma idéia que choca”. [Márcio Thomaz Bastos – criminalista]

[Fora das considerações jurídicas, também se viu nas ruas como o assunto divide opiniões. Exposto no terreno da Escola Logos, em São Paulo, o outdoor da revista foi coberto. (...) Trata-se, no entanto, de um caso em que uma liberdade se choca com outra, o direito de expressão.]

**ÉPOCANº 190 – 07 janeiro 2002 – Exclusivo [Margem]** A versão de Lan Lan, testemunha-chave das últimas horas de Cássia Eller. **Pg. 102-105 – Morte no Auge [Cultura]** Os dramáticos últimos dias da cantora e sua batalha para se livrar das drogas.

**Quadro:** Uma voz inesquecível.

[Cássia Eller morreu no auge. (...) A crítica especializada a entronizara como a intérprete mais criativa do rock nacional. O sucesso chegara, enfim, premiando o talento excepcional da cantora com jeito de moleque, de origem pobre, que começou a ganhar dinheiro trabalhando como servente de pedreiro.]

[Os médicos que cuidaram do caso acreditam que a mistura de álcool com tranquilizantes ou a de álcool com cocaína são as hipóteses mais prováveis.]

[A testemunha-chave da história é a percussionista Elaine Silva Moreira (Lan Lan), baiana de 33 anos, integrante da banda de Cássia Eller e ex-namorada da cantora. (...) Ela conta que para entender como Cássia vinha se sentindo, é preciso recuar um pouco, até o Natal.]

“Ela foi para Brasília, passar com a família. Lá, teve um acesso de raiva. Contou que chutou móveis e acabou se machucando por causa disso”. [Lan Lan – percussionista]

[Eugênia se aborrecera com o fato de Cássia estar saindo com outras mulheres, entre as quais a própria Lan Lan. A discussão misturada com cerveja tinha detonado mais uma crise.]

“Ela estava como sempre, anti-estrela, conversando com todo mundo, de bom humor”. [Ronaldo Bakker – dono dos Estúdios Bakker do Rio]

[Tudo corria bem até Cássia começar a beber. Os músicos ficaram apreensivos enquanto ela consumiu três latas de cerveja.]

[Cássia continuou bebendo em casa. Telefonou para Brasília, voltou a discutir com Eugênia e teve outra explosão de agressividade. Chutou móveis, arranhou-se nas pernas, bateu a cabeça nas paredes e chorou muito.]

“Liguei às duas da manhã, ela disse que estava melhor e ia dormir. [...] Na manhã do sábado ela me ligou, avisando que estava passando mal”. [Lan Lan – percussionista]

[Cássia chegou à clínica desorientada, chorando e reclamando de fortes dores. De início, relutou em ser internada.]

“Ela queria tomar um tranquilizante para dormir, mas o enfermeiro que nos atendeu negou. Explicou que ela estava alcoolizada e que teria de esperar o efeito do álcool passar para dar o remédio. Ela tomou então apenas um Plasil [medicamento para enjôo]”. [Lan Lan – percussionista]

[Os profissionais decidiram fazer uma tomografia computadorizada e um ecocardiograma. Não deu tempo. Quando estavam começando a prepará-la para os exames, ela teve a terceira e fatal parada cardíaca.]

[Seis especialistas foram unânimes na avaliação de que os profissionais da clínica agiram corretamente. Os médicos explicam que algumas pessoas sofrem do chamado efeito rebote ao misturar álcool com tranquilizantes. Em vez de ficarem calmas, tornam-se agressivas.]

“O álcool potencializa o efeito dos remédios e cria uma verdadeira bomba para o coração”. [Ari Timerman – cardiologista do Instituto Dante Pazzanese de São Paulo]

“Cássia deve ter ingerido uma mistura que pode incluir remédios, álcool e cocaína. Não necessariamente as três, mas ao menos duas dessas substâncias”. [Rafael Luna – médico do Rio]

“O problema é que ela gostava de cerveja. E, para quem já usou muita cocaína, beber é fatal. Dá uma vontade incontrolável de cheirar. Como ficava muito excitada, agressiva, mas não queria cheirar, ela procurava acalmar-se tomando tranquilizantes”. [amigo de Cássia]

“Resisti por muito tempo, mas quando comecei a cantar foi uma perdição total. Cantava em dois bares, ganhava umas drogas de presente ...”. [Cássia Eller em entrevista para *Marie Claire*]

[Na mesma entrevista, contou que vinha tentando se livrar das drogas fazia uns dois anos. (...) Cássia queria ficar saudável principalmente por causa do filho, Francisco, hoje com oito anos, fruto de um rápido relacionamento com o músico Otávio Fialho.]

“Voltei a tomar cerveja. Ai comecei a pegar pesado. Depois, parei de novo. Volto, paro. Mas tem quase um mês que parei e desta vez vou ficar muito tempo. Agora é só cigarro e café”. [Cássia Eller – cantora]



[Com a transparência na mesma medida da rebeldia, Cássia falava abertamente do vício e da homossexualidade. Sua união com Eugênia era estável, segura, porém nem sempre tranquila.]

“Ele [Chicão] sofreria muito. Mas gostaria de ser o tutor e acompanhá-lo de perto”. [Altair Eller – sargento reformado e pai de Cássia]

“A vontade dela [Cássia] era que Chico ficasse comigo. [...] Ele [avô] nunca teve muito contato com o neto. Desconfio que pode querer a guarda por uma questão financeira”. [Maria Eugênia Vieira Martins – companheira de Cássia]

“Não há o que discutir. O que deve prevalecer é o interesse do garoto. E ele nasceu junto com as duas, foi criado por elas, não pode ser retirado de seu hábitat natural”. [Paulo Lins e Silva – advogado especialista em Direito de Família]

[Caso a necrópsia pedida pela polícia constate overdose de cocaína, a seguradora é desobrigada de qualquer pagamento. Se ficar provado o consumo de remédios sem prescrição médica, a empresa pode entrar na Justiça pedindo a suspensão da apólice.]

[Sepultada no dia 30, Cássia Eller foi homenageada em todo o país.]

[Gostando-se ou não dela, a música que Cássia cantava, para além do rock, das baladas românticas, da droga, do álcool e do transbordamento descontrolado, era a expressão cristalina de uma vida nada monótona.]

**VEJA Nº 01 [XXXV] – 09 janeiro 2002 – Cássia Eller (1962-2001) Drogas: Mais Uma Vítima [Capa]** A polícia suspeita que um coquetel de droga, álcool e remédios matou a cantora, que havia dois anos lutava para se livrar da dependência de cocaína. **Pg. 74-81 – Droga e Agonia no Auge da Vida [Drogas: Marcelo Carneiro, Ronaldo França e João Gabriel de Lima]** Em doze anos de carreira, Cássia Eller tinha, enfim, alcançado fama e dinheiro. Também achava que estava livre do vício. Morreu sob suspeita de overdose de cocaína, álcool e medicamentos.

**Quadros:** Os efeitos das drogas; Um mercado poderoso; Ela estava no auge.

“Eu não achava que precisava cheirar para cantar, mas ia de onda, tinha bastante e sempre mandava uma. Era o frisson da galera, todo mundo ia. [...] Fumei meu primeiro baseado aos 20 anos, cocaína foi com 25. Resisti por muito tempo, mas quando comecei a cantar foi uma perdição total. Cantava em dois bares, ganhava umas drogas de presente. [...] Eu embalava dois, três dias sem parar. Aí deu um clique, fiquei pirada com a história. Meu problema hoje é que bebo, entorno uma cana. Eu gosto de birita. [...] Adoro ser mulher. É que brinco com o comportamento das pessoas, gosto do machismo. Adoro imitar bofe! Passa uma mulher e eu falo ‘Gostosa’, ou então coço o saco. Não sou de pegar menina assim, mas às vezes falo só para sacanear: ‘E aí, gata?’. [...] Sou espada. [...] Essa coisa de birita com cocaína é muito ruim. Faz mal, deixa a pessoa agressiva. Depois de me tratar, passei a resolver problemas que antes eu não conseguia. Sempre fui a criançona da família. Mesmo com meu filho, quando ele se machucava eu ficava que nem barata tonta, chorando com ele no colo. Aí vinha Eugênia, pegava a gente e levava para a clínica. [...] Eu cheirava muita cocaína. Parei total, graças a Deus. Fiquei um tempo sem beber também, e isso fez bem. Não foi nem exatamente por causa do Chicão que parei, meu corpo não estava mais agüentando. Durante a gravidez parei porque, milagrosamente, enjoiei de cigarro, café, maconha, de tudo. Cocaína, então, lógico. Não ia fazer uma coisa dessas. Aí o Chicão nasceu, amamenteei e depois cai de novo na farra. [...] A lucidez ajuda, mas tem hora que é um saco”. [Cássia Rejane Eller – cantora]

[Cássia Eller, de 39 anos, a melhor cantora pop do Brasil, morreu em sofrimento. Em suas últimas horas de vida, sentiu dores, desespero e medo e teve intensas crises de choro. (...) O laudo não é conclusivo sobre a ação de alguma droga ilegal nos últimos momentos da vida de Cássia Eller. Só o exame toxicológico das vísceras vai dar a palavra final. Mas funcionários do IML garantem que as análises preliminares apontam para um quadro sugestivo do uso de drogas.]

[Entre os que acompanhavam de perto sua luta para se livrar da dependência de drogas, havia a preocupação com uma recaída.]

[O atendimento que recebeu seguiu o padrão utilizado nos casos de intoxicação por drogas em doses acima do suportável pelo organismo, a chamada overdose. Os médicos ministraram atropina, lidocaína e bicarbonato de sódio.]

[A reconstituição dos passos dos médicos e a descrição do comportamento de Cássia – voz pastosa e aparente confusão mental – reforçam a suspeita de que ela foi vítima de uma overdose de cocaína misturada a álcool e medicamentos.]

[São fortes os indícios de que ela vinha se injetando drogas. O braço esquerdo apresentava sinais de enrijecimento devido a um processo de cicatrização de picadas antigas e trazia marcas de picadas novas. A dose letal pegou a cantora justamente quando ela vivia o melhor momento da carreira.]

[Cássia Eller nunca escondeu que era usuária de drogas. Sua preferida era a cocaína, que consumiu durante mais de dez anos. (...) Disse na mesma entrevista que se considerava curada da dependência da droga e que seu vício, agora, era o álcool, declarou ignorando que um dependente químico não pode beber. (...) Achava que havia muita hipocrisia no meio musical em relação ao assunto drogas.]

[Desde sempre associada com drogas, a cultura pop teve alguns de seus maiores talentos ceifados pela estupidez química. Mas os melhores músicos, seus amigos e os herdeiros artísticos da cultura pop mundial não se entregaram à hipocrisia de mascarar o vício com a vitimização da condição do artista, como se vê comumente no Brasil. (...) É o fato de ele ser um sujeito que sente de maneira mais intensa que a maioria as dores de seu tempo.]

[Com o romantismo, os artistas passaram a se sentir, na definição tardia do poeta Carlos Drummond de Andrade, como se os seus ombros suportassem o mundo. (...) Essa imagem romântica do artista como super-herói atravessou o século XX, e acabou servindo como uma luva para uma indústria que queria vender a adolescentes ávidos por contestação e auto-afirmação ícones indestrutíveis, poderosos, rebeldes, a indústria da música pop.]

[Hoje em dia a revolução sexual é um fato consumado. O rock também toca cada vez menos em temas políticos. Resta a droga como ícone da rebeldia.]

“Existe uma glamourização do uso da droga. Mas, quando ocorre uma morte, faz-se de conta que houve apenas um acidente. É preciso atentar para o mal que isso causa”. [Werner Zimmermann – psiquiatra]

[Acreditava que o consumo da droga antes dos shows a deixava mais relaxada. Não há evidências de que as drogas tornem alguém mais criativo ou inteligente. Ao contrário, sabe-se que elas podem destruir a racionalidade de uma pessoa, abreviando com a morte ou a loucura a carreira de vários talentos.]

“Artistas glamourizam a droga assim como o cinema glamourizou o cigarro. Por isso é tão difícil prevenir seu uso. Quem recorre à droga está à procura de algo novo, desconhecido, de uma consciência diferente. E a droga dá a impressão de que é uma ponte para atingir esse objetivo”. [Dartiu Xavier da Silveira – psiquiatra da Universidade Federal de São Paulo]

“Há uma tentativa populista e demagógica de liberar o uso de substâncias que podem causar danos irreversíveis”. [Maria Tereza de Aquino – psiquiatra do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Atenção ao Uso de Drogas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro]

[Cássia Eller não andava, ao menos visivelmente, deprimida. Mas os amigos percebiam que o sucesso repentino a deixava assustada.]

“Eu tinha me conformado em ser meio maldita. Por isso, até hoje me assusto quando vou a um lugar aberto e tem 30.000 pessoas me vendo. Não era assim até o ano passado. [...] Pensar em dinheiro me deixa pirada. [...] Eu gostaria de casar com a Eugênia, ter um contrato legalizado mesmo. Queria poder garantir os direitos dela e do

Chico. No caso de separação ou de morte, a Eugênia não tem nenhum documento que prove que estamos casadas há catorze anos. É claro que, se me acontecer alguma coisa, meus bens têm de ir para ela e meu filho. E a guarda de meu filho tem de ser dela, é ela a mãe. Olhe a confusão". [Cássia Rejane Eller – cantora]

"Sei que, do ponto de vista jurídico, eu tenho direito, mas seria uma crueldade separar o menino de Eugênia. Conversei com meus quatro filhos, e todos também concordaram com isso". [Altair Eller – pai de Cássia]

"Meu pai morreu e, agora, minha mãe. Não quero que você fique doente, não quero perder minha outra mãe". [Chicão – filho de Cássia]

"Se a decisão for jurídica, formal, ficará com os avós. Mas, se prevalecer a função social que o direito deve ter, ficará com Eugênia". [Luiz Gervaer – advogado em direito de família]

[Cássia havia realizado seu desejo de dar uma casa a sua mãe e planejava para breve a compra de um imóvel para seu pai. No entanto, como filha de família classe média baixa, sentia-se culpada com o sucesso financeiro.]

**ISTOÉ Nº 1686 - 23 janeiro 2002 – Álcool e Drogas na Adolescência [Capa]** O drama do príncipe Harry, da Inglaterra, acirra o debate sobre o envolvimento de jovens com bebida e maconha – No Brasil, o consumo começa cada vez mais cedo – Como lidar com o problema. **Pg. 62-67 – Um Perigo Real [Marina Caruso]** Assim como o príncipe Harry, jovens brasileiros começam cedo a usar drogas e álcool.

**Quadros:** As razões do uso; Decifre as pistas; E agora?; Maconha na lancheira.

[Há tempos a família real britânica não surpreendia o mundo com um dos seus escândalos. (...) Nas férias de verão, o notável mancebo (Henry Charles Albert David) resolveu descontraí-lo e, recluso na casa de campo real, promoveu dezenas de festinhas para os amigos. Bebeu cerveja, vodka e tequila e, como se não bastasse, fumou maconha.]

[Charles agiu da forma que lhe parecia mais coerente. Conversou com o filho, culpou as companhias e encaminhou o garoto para uma visita forçada ao Centro de Reabilitação Featherstone Lodge. O objetivo do herdeiro do trono inglês era dar um susto no filho.]

"Ele [Charles] abordou o assunto de maneira responsável e muito compreensiva em relação ao jovem [Henry]". [Tony Blair – primeiro ministro da Grã-Bretanha]

[Para os principais especialistas brasileiros no assunto, tentar coibir os primeiros indícios de consumo de maconha assustando o jovem com a imagem da clínica para viciados é uma atitude condenável. (...) Pai zeloso não é aquele que amedronta os filhos, mas o que conversa com eles e, conhecendo-os bem, opta pela melhor forma de repreender e educar.]

"O susto inibe a ação de imediato, mas a longo prazo não funciona. O diálogo não nascerá de uma hora para outra só por causa da presença das drogas". [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do HC de São Paulo]

[Saber que toda conversa é importante pouco alivia o drama dos pais, que, ávidos por compreender o que se passa com seus filhos, são capazes de transformar um simples baseado em um *Bicho de sete cabeças*.]

"Aos 17 anos, meu pai me pegou fumando um baseado e, aconselhado por um amigo policial, me levou para a clínica do Bom Retiro, da Federação Espírita do Paraná. Fiquei três anos e meio internado, fui submetido a 21 sessões de eletrochoque e até hoje tenho seqüelas físicas e psicológicas. [...] O quadro está melhorando, mas ainda tem muita gente dentro de manicômios sem a menor necessidade. A internação só é aconselhável quando o dependente coloca em risco sua vida ou a de outras pessoas". [Austregésilo Carrano – escritor]

[Depois de sair da clínica, o escritor percebeu que seu drama não era fruto da maldade de seus pais, mas da ignorância da sociedade em relação às drogas.]

[Entender se o adolescente é viciado ou faz uso esporádico de alguma droga pode ser a chave para o tratamento. Faltar às aulas, dormir e comer demais podem ser indícios de que o uso esporádico esteja se tornando freqüente.]

“Os mais velhos já tinham dado sinais de que fumavam de vez em quando, mas isso não os atrapalhava. Com o Felipe foi diferente. Chegou a tirar zero numa prova porque não ia às aulas”. [Maísa – terapeuta]

“Desde que a mamãe percebeu que as coisas não iam bem, o clima em casa ficou tenso. Procurar ajuda foi o primeiro sinal de melhora”. [Vitor – estudante]

[Na maioria das vezes os pais se desesperam quando percebem que seus filhos são usuários freqüentes de drogas. (...) Esse desespero nasce justamente da falta de diálogo.]

“A sociedade tem reações malucas quando se fala em maconha, mas se esquece de que o consumo de álcool é o que mais cresce entre os jovens”. [Sandra Scivoletto – psiquiatra do Ambulatório de Adolescentes e Drogas do HC de São Paulo]

“Sempre andei com uma galera mais velha. Todo dia fumo pelo menos um baseado e bebo uma cerveja. Eles [pais] ficam tristes quando sabem que fumei ou bebi. O que é uma hipocrisia porque também fizeram isso quando jovens”. [Alexandre Fonseca – estudante do Rio]

[Sandra acredita que o álcool, lícito e de fácil acesso, acaba sendo a primeira porta para outras drogas, e não a maconha, como se costuma dizer.]

[Para os especialistas brasileiros, a turma de amigos é, muitas vezes, o principal fator de risco. (...) É por essas e outras que muitos pais trocam seus filhos de escola assim que descobrem que fumaram o primeiro baseado. O que nem sempre é a melhor saída.]

“Minha mãe ficou transtornada e não conversou comigo, apenas me trocou de escola. Perdi o ano e o interesse pelos estudos. [...] Muitos pais cometem o mesmo erro, não dão a devida atenção aos filhos porque acham que é apenas uma fase”. [Ana – estudante]

“Repare se seu filho está se desligando das atividades que antes lhe davam prazer e se, cada vez mais, se torna arredio e intolerante com as tarefas familiares”. [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra do HC de São Paulo]

[O importante é que não haja nenhuma atitude autoritária ou policialesca para cima do dependente, pois isso mina o processo de tratamento.]

“Acompanhamentos psicológicos e psiquiátricos são muitas vezes necessários, mas, se o paciente não quiser melhorar e se mostrar avesso ao trato com o profissional, não surtirá efeito. A vontade de se tratar tem que partir dele”. [Nacile Daud Jr. – psiquiatra do Centro de Atenção Psicossocial de Fortaleza]

“Não passo mais o dia inteiro chapado. Tenho outras prioridades. [...] Jamais o levaria [filho] para uma clínica de recuperação, sem conversar direito com ele. Repressão não leva a nada. Já o carinho e a compreensão garantem uma vida mais saudável”. [Mário Brandão – vendedor]

“O diálogo e a família são os melhores instrumentos de prevenção às drogas. É preciso manter uma conversa constante com os filhos e alertá-los para os danos que o vício pode causar. Prova disso é que tenho nove filhos, sendo cinco com mais de 15 anos e nunca soube que qualquer um deles tenha se envolvido com drogas ou álcool”. [Anthony Garotinho – governador do Rio]

“A repressão pura e simples não funciona. Ao contrário, só costuma aumentar o consumo. Na minha casa, sempre foi de praxe falarmos sobre o uso de drogas e suas conseqüências. Não discuto a vida das minhas filhas em público e a forma como as educo. Mas adianto que elas sempre souberam da minha postura em relação à maconha”. [Fernando Gabeira – deputado federal pelo PT-RJ]

“Minha filha Yasmim nunca fumou maconha, mas tenho certeza de que quando isso acontecer virá conversar comigo. Com o diálogo, a gente evita atitudes hipócritas como as da família real britânica. A Inglaterra tem um alto índice de alcoolismo e ninguém fala

nada. O pecado do jovem Harry não foi fumar maconha, mas sim ser príncipe herdeiro”.  
[Luiza Brunet – modelo e empresária]

**ÉPOCA Nº 200 – 18 março 2002 – Como os Tintos Ganharam a Guerra dos Vinhos [Margem]. Pg. 50-51 – Vitória Vermelha [Sociedade]** Uma revolução tecnológica leva consumidores a abandonar o vinho branco em favor do tinto.

**Quadro:** Gelado, por favor.

[No mundo do vinho, a luta pela preferência dos consumidores é disputada há décadas por tintos e brancos. A competição lembra uma partida de War, em que cada adversário tenta ocupar uma área maior que a do outro. Os brancos levaram vantagem durante muito tempo, mas os tintos viraram o jogo.]

[A explicação para a mudança está nas duas pontas do comércio. Em todo o mundo o consumidor procura bebidas de qualidade. No Brasil, por exemplo, o consumo de vinhos com garantia de procedência cresceu 500% em dez anos.]

[O outro lado da moeda é o da indústria. (...) O avanço da enologia, nos últimos anos, permitiu a produção de boa bebida em mais de uma dezena de países.]

[Os tipos de uva plantados na França foram adaptados com sucesso a outras terras. (...) Em outros casos, constatou-se que as uvas plantadas em climas distintos geravam vinhos de características diferentes.]

[O avanço vermelho começou nos mais tradicionais bastiões da vinicultura, as regiões de Bordeaux e Borgonha, na França. A Califórnia, antiga fortaleza branca foi tomada em seguida. (...) Os métodos de vinicultura desenvolvidos nesses pólos foram exportados para outros lugares, principalmente por multinacionais francesas e americanas.]

[Sem tecnologia, essa mudança não teria acontecido. A maior parte dos vinhos brancos são bebidas simples, preparadas para serem consumidas rapidamente, com sabor apenas um pouco melhor que o de um suco de uva. Já os vinhos tintos são produtos mais complexos. A casca das uvas escuras possui substâncias que geram perfumes e sabores únicos.]

[Hoje, técnicas garantem vinhos bons mesmo em terrenos, climas e safras que antigamente seriam inviáveis.]

“Não existe nada que não se possa corrigir”. [André Porcheret – produtor da Borgonha – França]

[Truques químicos podem resolver diversos problemas. (...) Tanta tecnologia gera justas reclamações dos puristas, que lembram que ela ‘rouba a alma’ do vinho.]

[Mas é graças a essas inovações que a qualidade da garrafa comprada pelo consumidor médio, em todo mundo, melhorou.]

“Nunca se bebeu tanto e tão bom vinho quanto se bebe hoje”. [Jorge Lucki – consultor]

**ÉPOCA Nº 207 – 06 maio 2002 – A TV Contra as Drogas [Capa]** *O Clone* anima jovens dependentes a procurar tratamento – Artistas denunciam os males da cocaína – Depoimentos de Cissa Guimarães, Felipe Camargo, Ruy Castro, Thunderbird, Paulo César Pereio e Osmar Prado. **Pg. 98-103 – Guerra Sem Trégua [Televisão]** Sem sutilezas nem glamourização, *O Clone* torna-se um marco histórico na luta contra as drogas. **Pg. 104-105 – O Efeito Clone** - A sinceridade com que a novela das 8 aborda o problema das drogas fez crescer a procura pelas clínicas de tratamento.

[Pouco antes de morrer, em 1996, o escritor americano Timothy Leary, profeta da contracultura nos anos 60, publicou um texto em que insistia na defesa de uma relação íntima entre experimentação alucinógena e criação artística.]

“Não prego que todos devam usar drogas. Apenas os xamãs modernos, os artistas e os intelectuais, as pessoas criativas em geral é que normalmente se beneficiam”. [Timothy Leary – psicólogo dos Estados Unidos]

[Calejada por ressacas, depressões e mesmo a perda de colegas queridos, boa parte dos artistas que três décadas atrás embarcavam sem passaporte para alucinantes viagens cerebrais hoje preferem usar holofotes e microfones, típicos da profissão, para condenar as drogas.]

[Num país onde o consumo de maconha é tão grande que deixa seu aroma característico em locais de concentração de jovens, inspira bandas de rock e anima um debate favorável a mudanças na legislação, *O Clone* não usa mensagens sutis.]

[O elenco (de *O Clone*) reúne artistas que já tiveram problemas com alucinógenos. Do próprio Osmar Prado – que admite ter experimentado maconha e procurado terapia para deixar o álcool – a Cissa Guimarães e Vera Fischer – que viveu um drama público em sua luta contra a dependência, da qual saiu vitoriosa. Todos vestindo a mesma camisa, e diante de milhões de telespectadores.]

[De tempos em tempos, os diálogos entre personagens de ficção são cortados por imagens de drogados de verdade procurando deixar o fundo do poço da dependência. São momentos fortes, de olhos, mãos e bocas que definem personalidades estraçalhadas.]

“Gosto de abrir espaço para pessoas que não têm voz”. [Glória Perez – novelista autora de *O Clone*]

[Três décadas depois, *O Clone* é sinal de um novo tempo. No Brasil de hoje, fala-se de droga com preocupação – mas de forma aberta e amadurecida. (...) Vigoravam entre a juventude variações da utopia de auto-conhecimento e libertação espiritual sintetizada por Aldous Huxley em *As Portas da Percepção*, que inspirou a geração beatnik.]

[Trinta anos atrás a droga tinha seu charme e seu uso chiquíssimo. (...) No Rio de Janeiro, quem sabia das coisas freqüentava o ponto da praia onde o consumo de maconha era aparentemente tolerado.]

“Freqüentei o Pier de Ipanema e, com 14 anos, fumava maconha e tomava lisérgicos para ver o pôr-do-sol. Usava cocaína nos ensaios das peças porque achava que me deixava mais inteligente. Mas no dia seguinte ninguém se lembrava de nada”. [Cissa Guimarães – atriz de *O Clone*]

[Durante certo tempo, vigorou até uma classificação, que trazia embutida uma preferência ideológica. Haveria drogas libertárias, capazes de ampliar o auto-conhecimento – categoria em que se classificavam a maconha e o LSD, por exemplo. Também haveria drogas ligadas ao desempenho, à competição e ao mundo profissional, como a cocaína.]

[Essa diferença, hoje, perdeu relevância, ensina *O Clone*. As drogas são julgadas por aquilo que são. O que se discute é o prazer que podem proporcionar subtraído pelo risco à saúde que representam. O quesito básico não é um novo estado mental de liberdade, mas a dependência que escraviza.]

“Todos esperam que um artista se vista diferente, fale diferente, tenha um comportamento sexual diferente e se drogue. A novela *O Clone* pode ser o indício de uma mudança de consciência da classe artística brasileira”. [Ruy Castro – escritor]

“Só no início a droga dá sensação de potencializar a criação. Depois se torna uma chatice e embota a criatividade. A lucidez deixa você muito mais criativo. [...] As pessoas que mergulham fundo na experiência percebem que a droga não abre os horizontes. [...] Sofri muito, senti muita dor. Via uma luz no túnel, mas essa luz nunca chegava, parecia que eu voltava atrás. É muito difícil abandonar o vício. [...] Estou há cinco anos, sete meses e dezesseis dias sem beber uma gota de álcool ou cheirar cocaína”. [Felipe Camargo – ator]

“Sem as drogas, as dificuldades da vida continuam. Mas é muito mais fácil lidar com os nossos problemas quando estamos sóbrios. [...] As drogas prejudicaram meu trabalho na Globo. Gravava louco. Se estivesse careta, seria diferente”. [Thunderbird – DJ e ex-apresentador do programa *TV Zona* da Rede Globo]

“Era só sair de casa que jogavam drogas na minha mão. No início da carreira, dava uns tapinhas para não passar por careta. As drogas não me divertiam. Tinha só compulsão para usá-las. [...] Acho que [meu casamento com Cissa Guimarães] demorou muito [12

anos] justamente por causa delas [drogas]. A droga enfraquece tanto que você não consegue se escorar sozinho. [...] Consigo me administrar bem. Posso dar um tapa num baseado de vez em quando, mas não mexo mais com cocaína. [...] Esse tipo de campanha [*O Clone*] não funciona. Elas estabelecem uma atração ainda maior pela droga. É a volúpia da transgressão. Foi assim que me viciiei em cigarro. Porque meu pai proibia". [Paulo César Pereio – ator]

"A cocaína faz você perder seus sentimentos e, depois, o respeito pela outra pessoa. Quando percebi isso me afastei de Pereio". [Cissa Guimarães – atriz]

"Lobato [personagem] fala francamente que a droga é boa, ou não viciaria tantas pessoas. Mas dá o alerta sobre os perigos da dependência. O grande trunfo é não usar meias palavras, falar de droga olhando no olho da tragédia. É assim que o tema deve ser tratado pela sociedade". [Osmar Prado – ator]

"Respeito muito Ziraldo, mas a campanha que ele fez, dizendo que droga é uma merda, não funciona. Quem depende da droga sabe que ela não é ruim". [Robinson Damasceno – publicitário de Belo Horizonte]

"Usei a palavra merda para desglamourizar a droga. Hoje o que você vê é o contrário: a glamourização. Existe até mesmo uma estética drogada na propaganda, com modelos de olhos fundos, jogadas num canto. [...] Aparecem [*O Clone*] ex-drogados falando que se livraram, e o adolescente, em casa, pode pensar que 'se aquele cara conseguiu sair, eu também saio' ". [Ziraldo – cartunista e escritor]

[O discurso sobre as drogas na novela não tem a insegurança e a curiosidade dos 20 anos. (...) É uma conversa de quarentões e cinqüentões – o que tem vantagens e desvantagens. (...) O debate é saber se, longe da novela, os jovens acreditam nesses argumentos.]

"Essas substâncias não são problemáticas para todos. Há uma parcela, 15%, que ao tomar contato pode adoecer e ficar dependente. Mas como saber se você está no grupo de risco? Na dúvida, o ideal é se afastar". [Teresa de Góis Monteiro Negreiros – psicóloga e professora da PUC-RJ]

"A novela diz que todo mundo que usa droga vira dependente. No caso da maconha, por exemplo, menos de 10% das pessoas que experimentam ficam dependentes. Se o álcool fosse mostrado equivocadamente como o é a maconha, alguém apareceria numa festa tomando um drinque e na cena seguinte já seria um alcoólatra". [Dartiu Xavier da Silveira – psiquiatra e diretor do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes de Drogas – Proad – da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp]

"Nestes anos de campanha, descobrimos que o caminho do amedrontamento não é bom. Não adianta falar com os jovens sobre morte. Eles convivem com muita gente que usa droga e sabem que a morte não acontece sempre". [Raul Pinto – publicitário e diretor da Associação Parceria Contra as Drogas]

"Do ponto de vista médico, a abordagem está perfeita. Não é fácil fazer campanha anti-drogas. Para quem usa, a meta é evitar que se tornem dependentes. Para quem ainda não usa, ou usa pouco, a mensagem deve ser convincente, mas não terrorista". [Arthur Guerra de Andrade – psiquiatra e diretor do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas – Grea - do Instituto de Psiquiatria da USP]

[Os efeitos da campanha desenhada pela autora Glória Perez na novela *O Clone* começam a ser observados em consultórios e clínicas especializadas em tratamento contra o vício. São famílias e dependentes incentivados pelos duros exemplos exibidos na televisão.]

"Antes as pessoas faziam a mesma coisa que fazem com o álcool, diziam que era sem-vergonhice. Não se tinha consciência de que a dependência é uma doença e tem cura. [...] Campanhas como essa custam muito menos que armar a polícia e são muito mais eficazes". [Frederico Vasconcelos – psiquiatra e diretor da Aldeia Clínica de Niterói-RJ]

"A novela promoveu um debate sobre o tema, até então considerado tabu. As perguntas começam a surgir em casa e as pessoas ficam mais dispostas a falar". [Maria

Thereza de Aquino – diretora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas – Nepad – do Rio]

“Era difícil romper essa barreira [solicitação de palestras], principalmente nos colégios particulares, que encaravam o programa como marketing negativo”. [coordenadora do Centro Eulámpio Cordeiro de Recuperação Humana de Recife]

“As pessoas querem saber mais sobre a dependência. É fundamental mostrar que existem níveis de dependência diferentes e que para cada pessoa cabe um tratamento. Nem sempre a internação é recomendada. Muitos médicos acham importante ressaltar – o que não ocorre na novela – que nem todo usuário se torna um dependente químico”. [Cláudio Jerônimo da Silva – psiquiatra e coordenador do Programa do Hospital Albert Einstein de Tratamento de Dependentes de Álcool e Drogas]

[Glória Perez esgrime um argumento convincente em defesa de seu trabalho. Faz questão de dizer que está escrevendo uma novela, não um documentário.]

“Meu objetivo é mostrar que a dependência química é uma doença e apontar os caminhos de saída”. [Glória Perez – novelista]

[Campanhas como a de *O Clone* fazem parte de uma categoria conhecida como “merchandising social”.]

“Essas ações, diferentemente do que se pensa, sempre resultaram em ótimos índices de audiência”. [Mauro Alencar – doutorando em teledramaturgia pela USP]

“Nos anos 60 acreditava-se, ingenuamente, que a droga aumentava a criatividade. Tenho certeza de que os artistas que a usaram teriam sido mais criativos se não o tivessem feito”. [Ruy Castro – escritor]

“O consumo de droga diminuiu na classe artística. Foi natural. Os artistas perceberam que ela não amplia a criação”. [Felipe Camargo – ator]

“A TV pensa mais em Ibope que em fazer campanhas. Quando surge uma chance dessas, nós, atores, temos de entrar de cabeça”. [Osmar Prado – ator]

“Não sou radicalmente contra a droga, mas pelo livre-arbítrio. Sou contra a disseminação do uso. Acho que a novela glamouriza a droga”. [Paulo César Pereiro – ator]

“Fiz a novela por causa da campanha. Estou me sentindo útil. As pessoas me param na rua, mandam e-mails e elogiam o trabalho”. [Cissa Guimarães – atriz]

“Tornar pública minha condição de dependente químico é uma forma de ajudar quem sofre com o problema a ver que há saídas”. [Thunderbird – DJ]

“O vício é um dos graves problemas do momento. Percebo que as famílias vivem sob o medo de que seus filhos se envolvam com drogas. Quase não há informação”. [Glória Perez – dramaturga]

**VEJA Nº 25 [XXXV] – 26 junho 2002 – Super-Remédios [Capa]** Impotência, Diabetes, AIDS, Depressão, Colesterol Alto, Dores: A revolução no tratamento desses males nas era dos Super-Remédios. **Pg. 94-101 – A Era dos Super-Remédios [Especial: Anna Paula Buchalla]** De poderosos analgésicos a drogas contra a impotência, a depressão e o colesterol alto, os medicamentos de última geração estão devolvendo a esperança a milhões de pessoas.

**Quadros:** As estrelas; As novidades; Farmácia de bilhões; Química é dinheiro; Como os remédios são testados; Corrida contra o tempo; Força na pesquisa.

[As farmácias hoje são palco de uma revolução que começou em meados dos anos 90 e não tem data para terminar – a dos super-remédios.]

[Turbinada pelos fantásticos resultados financeiros desses produtos, a indústria farmacêutica emprega bilhões de dólares em pesquisas, com o objetivo de produzir medicamentos ainda mais efetivos que os atuais. (...) Além de médicos, biólogos e químicos, a fabricação de novas drogas inclui engenheiros, físicos e especialistas em computação.]

[O Viagra é uma mina de ouro, representou um tremendo avanço médico e também operou uma mudança radical no terreno do comportamento.]



[O austríaco Sigmund Freud, pai da psicanálise, sonhava com a invenção de um comprimido da felicidade, que aboliria para sempre os tormentos psíquicos. Esse dia ainda parece estar longe, mas avançou-se de forma impressionante no campo dos antidepressivos. (...) Ambos (Prozac e Zoloft) controlam bem a depressão sem diminuir a libido e sem causar aumento de peso, dois dos efeitos adversos mais comuns dos antidepressivos antigos.]

[Os lucros provenientes das vendas de um super-remédio superam em muito o investimento. (...) O círculo é virtuoso. (...) É o setor da economia que mais aplica em estudos e desenvolvimento de novos produtos. (...) Estima-se que, para cobrir os gastos com pesquisas e experiências, uma companhia farmacêutica tenha de lançar, no mínimo, dois super-remédios por ano.]

[De cada 10.000 moléculas pesquisadas, apenas uma se mostra segura e potente o suficiente para ser transformada em medicamento. (...) Um único super-remédio pode garantir vendas anuais na casa do bilhão de dólares.]

[Os laboratórios também estão estudando a indicação de antidepressivos, como o Wellbutrin e o Zoloft, para quem quer perder peso. E todos estão atrás de um remédio que acelere o metabolismo dos gordinhos, fazendo-os queimar mais calorias.]

[Da mesma família do Celebra é o Bextra, da Pfizer/Pharmacia, tido como a maior promessa contra dores crônicas e agudas. Ele tem a potência analgésica equivalente à da morfina, mas não oferece risco de dependência.]

[Como se vive mais hoje em dia, as pessoas estão sujeitas a mais doenças crônicas, que exigem a ingestão contínua de remédios.]

[Com tanto progresso, é inevitável imaginar que está próxima a cura definitiva para flagelos como o câncer e a Aids. Nenhum especialista sério arriscaria um prognóstico desses.]

[Tão importante quanto fabricar um super-remédio é anunciá-lo com estrondo. A estratégia de marketing da indústria farmacêutica é pesada por tradição, e remonta ao primeiro remédio produzido em escala industrial, a centenária aspirina (da Bayer).]

[A concorrência entre os laboratórios é acirradíssima. (...) Na vida real, a coisa funciona da seguinte forma: um laboratório cria uma molécula e, antes mesmo de saber se ela será útil para um novo remédio, requer a sua patente.]

[Uma prática já adotada pelos laboratórios para garantir mais alguns anos de exclusividade é pleitear uma nova patente para um produto que está para entrar em domínio público, sob o argumento de que ele serve para outras finalidades.]

[Na produção de novos remédios, os laboratórios contam principalmente com recursos de computação gráfica. (...) Quando não se combina com nenhum agente patogênico, ela (nova molécula) é guardada num banco de imagens.]

[Foi assim com o Viagra. Cientistas testavam uma molécula que prometia ser capaz de reduzir a pressão arterial. (...) Deu no que deu: um super-hiper-mega-remedião.]

**ÉPOCA Nº 216 – 08 julho 2002 – Maconha [Margem]** O maior estudo sobre dependência. **Pg. 64-65 – Fumaça em Discussão [Drogas]** Estudo constata que, ao contrário do que se costuma pregar, a maconha causa dependência.

**Quadros:** Síndrome de abstinência. De acordo com a ONU, existem 144 milhões de usuários de maconha no mundo.

[A maconha é considerada pela literatura médica uma droga leve – por definição, aquela que não causa danos significativos ao organismo e dificilmente vicia. Mas essa classificação pode estar com os dias contados.]

[Ao interromper o consumo da droga, usuários de longa data passam a exibir sintomas como irritabilidade, ansiedade, dificuldade para dormir, falta de apetite, dor de estômago e depressão.]

“A maconha é tolerada pela sociedade e apresenta um certo charme em determinadas camadas sociais, mas é mais perigosa do que parece. Ela não pode ser mais

considerada uma droga leve". [Carlos Zubaran – psiquiatra e coordenador de estudos da Universidade Columbia de Nova York – EUA]

[A pesquisa está em andamento, e os primeiros resultados, apesar de polêmicos, são significativos. (...) Nesses aposentos individuais e ligados a uma sala comum, são vigiados em tempo integral por câmeras de vídeo. Por dia, em horários estabelecidos, fumam quatro baseados. Os voluntários recebem os cigarros já enrolados.]

[Nos quatro dias seguintes, consomem placebos – ou seja, o cigarro tem a aparência e o aroma do original, mas sem o princípio ativo. E assim alternadamente.]

"Quando estão em abstinência, alguns ficam bastante agitados e chegam a destruir móveis". [Carlos Zubaran – psiquiatra]

[Eles já cravaram: maconha vicia mesmo. Mais de 40 casos de dependência foram registrados. E prosseguem as experiências, agora com o propósito de descobrir um processo capaz de interromper o ciclo de dependência.]

[Atualmente, a entidade (Associação Americana de Psiquiatria) classifica a maconha como droga leve – ou seja, não causa dependência química nem síndrome de abstinência. A rigor, uma mudança de categoria equivaleria a dizer que, em termos médicos, a maconha estaria no mesmo patamar da cocaína e da heroína, e seria também uma substância mais nociva que o álcool e o tabaco, produtos legalizados e vendidos com autorização governamental no mundo inteiro.]

[Essa possível identificação da maconha como droga pesada já encontra resistência no próprio meio médico. Os efeitos neurológicos do uso contínuo da *Cannabis sativa* são conhecidos – dificuldade de aprendizado, retardamento de raciocínio, lapsos de memória.]

"Não se pode afirmar que a dependência causada pela maconha seja química, e não psicológica. A maconha prejudica a qualidade de vida do usuário. Não mata nem leva à invalidez como a cocaína, a heroína e o álcool". [Arnaldo Madruga – psiquiatra da Associação Brasileira Comunitária para a Prevenção do Abuso de Drogas – Abraço]

**ÉPOCA Nº 225 – 09 setembro 2002 – Daime [Margem]** Chá alucinógeno legalizado no Exterior. **Pg. 76-79 – Chá Sem Fronteiras [Religião]** Cultos baseados no consumo de alucinógeno da Amazônia fincam raízes no Exterior.

**Quadros:** O sotaque do Daime; O chá em discussão.

[Na Bahia, Jacqueline Knowles (italiana) conheceu o Santo Daime, uma religião genuinamente brasileira baseada no consumo da *ayahuasca*, um chá de propriedades alucinógenas feito com plantas da Floresta Amazônica.]

[Jacqueline é uma das cerca de 1.000 pessoas que atualmente seguem a religião do Santo Daime no Exterior. (...) São, em sua maioria, jovens urbanos, bem-nascidos e com boa instrução. No Brasil há por volta de 3 mil seguidores espalhados por cidades de todos os estados.]

[Com o tradicional uniforme branco, conhecido como farda, homens de terno e mulheres de vestido varam a noite cantando hinos de tom monocórdico. (...) O sincretismo daimista mistura crenças e símbolos do catolicismo, do candomblé, do espiritismo e do judaísmo.]

[Em intervalos regulares, eles fazem uso da *ayahuasca*, a bebida de cor de terra e gosto amargo. Preparada a partir do cipó-jagube e da folha chacrona, próprios da floresta equatorial a *ayahuasca* induz estados alterados de percepção.]

[De acordo com depoimentos dos adeptos, depois da 'limpeza do organismo' atinge-se um estado chamado de miração. Segundo os daimistas, é quando se entra em contato com o Espírito Santo e tem início um processo de auto-conhecimento e melhor compreensão do mundo.]

"O Santo Daime me ensina a levar uma vida mais saudável e feliz". [Jacqueline Knowles – dançarina de Assis – Itália]

[Como centenas de estrangeiros, a italiana Jacqueline aprendeu os fundamentos da doutrina durante uma visita à vila do Céu do Mapiá (AM), a Jerusalém do Santo Daime]

“A religião despertou interesse devido ao consumo do chá”. [Beatriz Labate – antropóloga de São Paulo]

[No fim dos anos 80 e início dos 90, mochileiros e hippies começaram a ouvir histórias de um povo da Amazônia que tinha por hábito tomar uma bebida alucinógena. Em busca de mais um barato, encontraram uma religião.]

“Traduzimos alguns hinos para o francês para compreender a letra. Dessa maneira aprendemos também o português”. [Jean-Phillippe Fabre – professor de matemática de Marselha - França]

[Como bom embaixador da doutrina, Jean-Phillippe passou uma temporada no Céu do Mapiá, onde participou de atividades como colheita e maceração do cipó, aprendeu a origem dos dogmas e capacitou-se para divulgar os ensinamentos de mestre Irineu.]

[Os encontros de igrejas do Exterior são esporádicos. O mais recente Euromeeting foi realizado em março em Nunspeet, na Holanda. Reuniu cerca de 250 pessoas de países europeus, onde o Santo Daime tem representação.]

“Os encontros de igrejas e as comitivas surgiram para superar esse problema [distância]. No início nós falávamos por gestos, mas depois o português se difundiu”. [Luís Fernando Nobre – secretário do Santo Daime]

[Na maioria dos países, o chá é considerado uma droga ilícita. Apenas o Brasil, a Espanha, a Holanda e, mais recentemente, os Estados Unidos permitem seu consumo.]

“O processo de legalização da igreja deve ficar a cargo dos moradores de cada país. Preferimos não interferir. [...] O Santo Daime oferece respostas que as religiões tradicionais não tem. O uso da *ayahuasca* é um atalho para entrar em contato com o divino”. [Alex Polari – líder da comunidade de Céu do Mapiá-AM]

[Preocupados com a difusão da seita, os governos de alguns países europeus deflagraram uma ofensiva em conjunto a partir de 1999. Dezenas de seguidores da seita foram presos e processados. (...) O saldo da polêmica foi positivo para a seita. A poção sagrada foi liberada para fins religiosos.]

[Uma das precauções adotadas é transportar o chá, fabricado apenas nos centros brasileiros, através de representantes de confiança.]

“Encontramos dificuldades em muitos países, por isso tomamos medidas de prevenção. Não despachamos de avião ou navio para não correr riscos”. [Luís Fernando Ribeiro – daimista]

[Nos EUA, a recente liberação do consumo da bebida foi conseguida nos tribunais pela União do Vegetal (UDV), outro entre cerca dos 20 grupos religiosos que usam a *ayahuasca* em rituais. (...) A decisão, anunciada há três semanas, baseou-se no princípio de liberdade religiosa que assegura o consumo do peiote, um alucinógeno extraído do cacto, pela Igreja nativa Americana.]

[O Santo Daime e a UDV utilizam o mesmo elemento, mas exibem diferenças profundas. O Daime ganhou publicidade com a adesão de artistas globais como Maitê Proença e Lucélia Santos, no fim da década de 80. (...) A UDV tem um postura mais discreta. A presença de celebridades nos cultos, como o músico Sting, não é noticiada. (...) Com valores mais conservadores, como a defesa da família, demonstra preocupação com o aspecto legal do consumo do chá.]

“Não queremos propagar a religião, mas recebemos quem nos procura. Somos discretos, mas não secretos”. [Édson Lodi - presidente da União do Vegetal]

[Um departamento de estudos técnicos e científicos da entidade realiza em parceria com universidades americanas pesquisas freqüentes sobre os efeitos da ayahuasca no organismo. No Brasil, o uso ritual da bebida é autorizado desde 1987. Recentemente, a Secretaria Nacional Anti-Drogas voltou a estudar o caso e deverá se pronunciar até o fim do ano.]

**ÉPOCA Nº 241 – 30 dezembro 2002 – Porque os Jovens Bebem Tanto [Capa] 42% dos jovens de classe média bebem regularmente – A iniciação começa mais cedo: aos 10 anos**

de idade – Crescem os casos de alcoolismo precoce. **Pg. 50-54 – Movidos a Álcool [Especial]** A droga da moda é legalizada e a idade média da primeira dose já caiu para 10 anos.

**Quadro:** Graduação alcoólica.

[Daniel e Renato não são jovens típicos, esclareça-se. Mas seu comportamento é cada vez mais popular entre os jovens. Beber pesadamente, mesmo que não todo dia, é um hábito que ganha adeptos a partir de idades cada vez mais precoces.]

[O psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), está concluindo um estudo com adolescentes paulistas entre 15 e 18 anos de classe média alta, grupo que frequenta bons colégios e tem uma mesada significativa para passear e consumir.]

[O surpreendente nesses estudos não é o fato de que universitários gostem de tomar um chope. É que isso cada vez mais vale para garotos de 12 anos, ainda em fase de crescimento.]

“A bebida não é vista como um perigo. Tanto que muitos jovens têm as primeiras experiências dentro de casa”. [Fabiana Delbon – psicóloga do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes – Proad – da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp]

[Na fila da boate Bedroom, em São Conrado, Zona Sul do Rio, as garrafas de cachaça nas mãos dos rapazes chamam a atenção. É uma corrida. Em menos de 20 minutos, eles querem beber o máximo possível para não ter de gastar a mesada lá dentro.]

“O negócio é entrar turbinado. É como o espinafre do Popeye”. [Leonardo Tavares – estudante de educação física]

“Fico mais leve, mais tranquilo, chego nas princesas mais fácil”. [Felipe Sampaio – estudante de direito]

[Em todo o mundo, uma em cada oito pessoas que bebem regularmente vira alcoólatra. Mas não é apenas essa roleta-russa do vício que mais preocupa os médicos. O principal temor é pela grande maioria que não vai se tornar dependente, mas poderá ter problemas de saúde por se acostumar desde cedo a ‘encher a lata’.]

[Excessos de fim de semana, mesmo que não levem à dependência, causam danos progressivos ao organismo. E aumentam o risco de acidentes de trânsito e violência.]

[Bebedeiras homéricas costumavam ser associadas à combinação de juventude e testosterona. Até hoje os rapazes viram copos como se o gesto fosse uma demonstração de virilidade. Mas agora, as meninas também enxugam.]

“Foi-se o tempo em que moça que bebia era mal vista. Hoje elas competem com os rapazes”. [Dartiu Xavier da Silveira – psiquiatra do Proad - Unifesp]

“A gente vai conversando, para ninguém pegar no sono na estrada. [...] Bebendo me sinto menos tímida e mais sociável. Álcool descontra e tira o vínculo da rotina”. [Bruna Prati – estudante de São Paulo]

[Nos últimos anos, diante do avanço de entorpecentes como maconha, cocaína e ecstasy, muitos pais passaram a ver as bebedeiras dos filhos como um mal menor. Dizem que todo mundo fazia isso na juventude, e que é melhor que consumir drogas. O raciocínio tem seu fundo de verdade. Mas não pode encobrir alguns equívocos.]

[Diversos estudos indicam que o álcool também serve de porta de entrada para outras drogas. Isso acontece porque, entre os jovens, mudou o jeito de se relacionar com a bebida. Os adolescentes de hoje atacam a garrafa seguindo o mesmo padrão de quem consome drogas ilícitas: a idéia é ingerir o máximo possível, no menor período de tempo, para curtir os efeitos pesados da bebida em poucos minutos. (...) Bebe-se para perder o controle, alterar a consciência, num exercício de risco – num esforço que pode transformar o álcool numa droga pesada.]

[A geração que vive a adolescência hoje aprendeu a ficar estressada mais cedo. Sua carga horária, da escola aos cursos de línguas e à ginástica, é maior que nas décadas passadas. A pressão pelo desempenho escolar aumentou, a perspectiva do mercado de trabalho é de muita competição.]

[Tensos, os jovens aprenderam a relaxar segundo o único modelo à vista – dos adultos, que além de beber admitem, até por honestidade, que usaram drogas na juventude, o que funciona como uma espécie de autorização branca.]

“Os pais estão mais ausentes, e tentam compensar dando liberdade e dinheiro”.  
[Fabiana Delbon – psicóloga do Proad – Unifesp]

“Um menor pode comprar bebida alcoólica em praticamente qualquer bar do país, e ninguém faz nada sobre isso”. [Ricardo Peres – endocrinologista do Hospital Albert Einstein de São Paulo]

[O alcoolismo precoce é um drama quase universal – e isso é uma pena. (...) Como tantas boas coisas da vida, o problema não está na substância em si – mas no exagero e no descontrole.]

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)